

WLADIMIR OLIVIER

As Aventuras  
do  
Padre Deodoro  
em  
Campos Etéreos

GRUPO DA RENOVAÇÃO

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem? Eles não o fazem, sem dúvida, da mesma forma que nós.

“Eles estudam seu passado e procuram os meios de se elevarem. Eles veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem; ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles, e isso lhes fornece ideias que não possuíam.”

(KARDEC, Allan — *O Livro dos Espíritos.*)

## ÍNDICE

Orientação inicial .....	
1. O despertar no etéreo .....	
2. Instantes de solidão .....	
3. O mosteiro .....	
4. Errantes .....	
5. Cativos .....	
6. Em campanha .....	
7. Peregrinação terrestre .....	
8. Na colônia .....	
9. Desagravos .....	
10. Primeiros tempos na <i>Escolinha</i> .....	
Obras de referência .....	

## ORIENTAÇÃO INICIAL

Teremos a pachorra de vir ditar um livro inteiro? É o que veremos ao cabo de algumas semanas de penoso trabalho, não no que tange a estes deliciosos momentos junto ao médium, que nos ouve com respeito e intenta reproduzir-nos as frases e pensamentos com máximo descortino. Agradecemos-lhe de antemão, fazendo nossas as palavras de encômio que temos ouvido dos parceiros que passaram por esta mesa mediúnica. Realmente, a facilidade com que transmitimos a mensagem não passa de pálido reflexo da dureza dos trabalhos, durante a formação dos conceitos e das estruturas a serem concebidas com milimétrico cuidado.

Satisfaremos o interesse sadio do leitor, se lhe dissermos que o nosso nome, apenas para identificação, será o de *Grupo da Renovação*? Pois aí está o nosso protetor didático, o Professor Joaquim, a proclamar que deveremos fazer jus à promessa que se contém na nomenclatura e nos sugere que talvez fosse melhor que nos batizássemos de *Turma das Repetições Enfadonhas*. Brincadeira à parte, sabemos que a responsabilidade de inovar dificilmente condirá com os nossos esforços e capacidade. Em todo caso, no final, se for melhor desdizer o que agora se apresenta como uma esperança de trabalho proveitoso, não hesitaremos em nos apelidar de *Grupo dos Roteiros Frustrados*, ou algo semelhante, pois muito nos estamos empenhando moralmente para o bom sucesso das arremetidas redacionais.

Mas esta primeira manifestação não deve ir muito longe, que as novidades deverão começar a aparecer no primeiro episódio da narrativa rocambolesca. Eis que estamos a justificar o título que prematuramente estamos fornecendo, qual seja, ***As Aventuras do Padre Deodoro em Campos Etéreos***. Então, como se verá pelo desenvolvimento, não iremos fustigar os membros operosos da religião católica, senão que temos em mira apenas assinalar, porque testemunhamos, as reações de profunda admiração e desnorteante frustração de personagem recentemente egressa do plano material.

Como iremos caracterizá-lo como boa pessoa, simplória na concepção da verdade existencial do além-túmulo, será preciso, desde logo, que afiancemos que é uma figura ímpar, jamais configurando o paradigma do sacerdócio, muito menos no sentido caricaturesco que se poderia imaginar pelo título e pelas informações preliminares. Mas não vamos adiantar-nos muito, porque devemos resguardar as surpresas para o exato momento em que o leitor se deixar envolver pelo prazer da absorção dos pensamentos e das emoções que a linguagem escrita, quando arquitetada pelos padrões literários mais adequados para atrair o interesse dos encarnados, sói carrear para a obra.

Mais um parágrafo a respeito do nível linguístico e encerramos. É de todo verossímil que tenhamos a possibilidade de inteirar-nos das expressões idiomáticas eleitas pelos indivíduos, de acordo com o seu clima social. É o de que trata a Sociolinguística, conforme nos informa o médium e do qual iremos aproveitar-nos o mais que pudermos, para não incidirmos nas falhas grosseiras da descompostura psicológica pelos arroubos das falas em evidente descompasso com a coerência que se deve ter em vista, para impregnar qualquer obra de ficção daquelas verdades que a tornam atraentes, por não fugirem demasiado da paisagem cultural dos leitores que temos a pretensão de alcançar. E quando o nosso

serviçal, sem nenhum ranço de conotação pejorativa, não souber, no instante mesmo em que estivermos ditando, qual o vocábulo ou torneio frásico mais apropriado na boca das personagens, damos-lhe a liberdade de passar adiante, para, no dia seguinte, retocarmos juntos os trechos mal redigidos, segundo o roteiro definido. Em todo caso, jamais irá o amigo encarnado responsabilizar-se pelo entreccho, senão que dará algum colorido ao contorno, segundo as prescrições das tonalidades que a nós nos cabe integralmente.

Se falamos um pouco demais, se nos estendemos além do conveniente, se nos exprimimos de molde a favorecer mais a crítica do que a compreensão e a admiração, que sempre é muito agradável saber que os terrenos estão embasbacados com a finura de nossa inteligência e com o labor de nossa composição, não se percam os examinadores mais rigorosos em encontrar nada que desabone a doutrina espírita, porque temos conosco um mestre importante na *Escolinha de Evangelização*, que nos vale como *alter ego*, aquela consciência sempre desperta a revolver a malícia subjacente em todos os arremessos que se querem literários, porque a vaidade, se não estiver indicando-nos o caminho, haverá de nos alcançar, quando suspendermos a tarefa, ao final da jornada, porque contamos sempre com a boa vontade do leitor, que nos perdoará e que nos estimulará com palavras cheias de sabedoria, aborrecidas talvez por não encontrar no texto aquela sintonia espiritual que desejaria consignada, mas sempre evangelizadas pelos ensinamentos de Jesus e pela segurança filosófica de Kardec.

Intimamente, estamos agradecendo ao Pai esta desenvoltura e pedindo que nos sustente o impulso, porque tememos que estejamos pondo muito alto o nível de nossa aspiração. De outra maneira, entretanto, não faríamos jus ao discernimento de quem nos lê com tanto critério e perspicácia, pois são muitos os especialistas em moral cristã, segundo os cânones fornecidos pelo Espírito de Verdade e mais companheiros de excelsa angelitude, conforme se encontram registrados nos livros da Codificação Espírita.

Graças a Deus!

## O DESPERTAR NO ETÉREO

Deodoro chegou atordoado, como se tivesse recebido uma pancada na cabeça. Mas não sentia dor alguma, senão que não conseguia concatenar as ideias, que o chão estava girando; olhava para tudo mas a realidade se desfocava, como nos últimos tempos em que a visão quase se perdera.

Noventa e sete anos de idade e tinha momentos de arrepio, invejoso dos santos, que, com certeza, privavam da companhia de Jesus, no reino de Deus. Ele se confessara ao próprio bispo, oferecendo a descrição exata de todos os temores que lhe assaltavam a consciência, porque nem sempre se capacitara pelas virtudes para a realização das obras do Pai e da Santa Madre Igreja.

— Tenha fé, meu filho, lhe dissera aquele, porque nunca se ouviu falar de uma santa alma que tenha ido para os infernos. Você caiu em tentação mas se arrependeu e recebeu os sacramentos. Amanhã, vamos lhe trazer a extrema-unção, graças a Deus, porque, assim, você estará resguardado de todos os males e todos os pecados lhe serão perdoados em nome de Deus. Se isto lhe der conforto, saiba que tudo o que você me confessou nada representa perto dos deslizes de minha alma, que me valha esta minha confissão e que Deus me perdoe. Se você tivesse atingido o bispado ou o cardinalato, iria ter muito mais que confessar, tantas são as armadilhas morais que esses encargos...

Não ouviu na hora e não repetiu no momento em que despertava. Lembrou-se de que, no dia seguinte, os santos óleos lhe foram aplicados:

— Senhor, perdoai os pecados deste homem, que pecou pela língua, que pecou pelo pensamento, que pecou pelas mãos, que pecou pelos pés, que pecou pelo coração...

Zonzo, não se recordava exatamente das palavras que repetira tantas vezes, levando o conforto do último momento aos enfermos, quase sempre desacordados, sem saberem que Deus os estava perdoadando e permitindo a sua entrada no Paraíso.

— Será que vai demorar muito para chegarem os anjos e me tirarem desta aflição?

Perguntava e se punha de atalaia para discernir a presença dos seres luminosos. Havia pedido muito que fosse alertado, no caso de ter de passar uns tempos no purgatório. Definitivamente, rejeitava a ideia de cair nas garras dos demônios, mesmo porque de há muito não acreditava na existência das penas eternas, o que pusera muito mais ternura em seus sermões, embora recebesse, toda vez que confessava o pecado, a insistente penitência do sacerdote e amigo, que não admitia esse personalismo, a que chamava rebeldia contra os sagrados ensinamentos de Jesus, que fora quem colocara nas chamas eternas os fariseus e escribas...

Novamente, fraquejava a memória e os dizeres evangélicos não tinham ressonância na consciência.

Estendeu a mão para pegar os óculos que ficaram sobre o criado-mudo, em mecânica atitude, mas passou o braço pelo vazio. Esforçou-se para ver as horas no relógio de cima da cômoda, mas nem conseguiu enxergar o grande móvel. Quis falar à madre que

o atendia na qualidade de enfermeira, mas não soube como articular as palavras. O máximo que alcançou foi imaginar-se, de fato, morto.

— Como se atrasam os representantes de Deus, os mensageiros da paz, os coros graciosos de querubins e serafins, os trompistas do Além...

Parou para refletir sobre a própria condição de alma desgarrada do corpo:

— Se não me engano, tenho de frequentar por algum tempo os pastos em que se restauram as forças, segundo a situação de pecador que me reconheci até o último momento. Vejo com clareza que a humildade elegia a minha alma como categorizada para receber os louros do Senhor. Se eu tinha como certo que iria superar as fraquezas morais pelo volume de serviços prestados à Santa Madre Igreja, também deveria ter atribuído ao Pai a vontade dele ser superior à minha. Se tantas vezes rezei o pai-nosso, querendo que a vontade de Deus vingasse para a humanidade, quer dizer que também eu devo curvar a cerviz. Mas foram noventa e sete anos de vida ativa, mais de setenta anos dedicados ao pastoreio das almas dos pecadores. É verdade que fiquei os últimos cinco anos vivendo às expensas dos capuchinhos...

Mas não ia muito adiante nas reflexões. Espicaçava-lhe a curiosidade o fato de não sentir nenhum órgão dolorido. Podia esticar os braços e as pernas pois nada sentia. Era como se não existissem ou não fizessem falta. Se a vista estivesse melhor, iria tentar levantar-se para olhar-se no espelho. A madre é que lhe alisava os raros cabelos brancos e lhe mostrava a sua imagem, dizendo como estava belo e forte e outras baboseiras que não valia a pena recordar naquele momento supremo.

— E os anjos que não aparecem!...

— Estamos aqui, caro Deodoro. Mas você vai ter de suportar por algum tempo mais o seu desconforto moral, porque não podemos removê-lo nesse estado de fraqueza em que você se encontra.

— Quem fala comigo? Essa voz eu reconheço. É o meu amigo, o Padre Eufrásio?...

— Sou eu mesmo, para seu espanto, bondoso amigo.

— Você... ou devo chamá-lo por *Senhor* ou *Monsenhor*?

— Você está muito bem. Faça de conta que voltamos ao seminário e que estamos estudando Teologia juntos.

— Você sabe que sempre preferi História do Cristianismo e a Vida dos Santos.

— Que seja. Como você verá, teremos de refazer todos os cursos.

— Onde é que estamos? Não me consta que o Purgatório seja lugar para tais cuidados. Ou quer dizer que esse é o castigo por não termos realizado os estudos com a devida propriedade e atenção?

— É de tudo um pouco: desleixo no exame e na aplicação dos conceitos à nossa própria vida. Você não se confessou pecador...

— Que é que você sabe a respeito disso?

— Ora, Deodoro, você não acredita que as coisas fiquem reservadas para aqueles que se postam do outro lado da vida. Aqui nós sabemos de tudo.

— Eu não acredito. O Padre Eufrásio está fazendo papel do Demônio, para me impressionar. Se fosse desse jeito, Jesus nos teria dito e os evangelistas teriam registrado. Eu não me lembro de jamais ter lido algo semelhante. Nem nas bulas papais nem nos textos sagrados dos concílios, esse assunto foi ventilado. Deus, sim, tem o poder, porque

também tem o reino e a glória, de saber tudo o que cada pessoa faz, onde acerta e onde erra, se pratica o bem ou se tem a intenção de prejudicar os outros. Mas o amigo aí está a mangar comigo, a me pôr caraminholas na cabeça. Se você fosse aquele ser angelical, aquele querubim, aquele serafim ou se pertencesse às...

— Como você está me vendo?

— Não preciso ver você para saber que está a serviço das forças infernais. Quer dizer que vai me carregar para as regiões das eternas desventuras? Mas não vai, não, que a partir de agora você não vai conseguir dizer mais nenhuma palavra, que eu vou pedir ao Pai que me abençoe, que me ajude, que me ampare: *Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na...*

la dizer *na Terra* mas suspendeu a prece. Estaria mesmo na Terra ou estava no Céu? E se estivesse prestes a ser atirado no Inferno? Não podia ser, porque não sentia nenhuma dor física. Estava angustiando-se com as palavras que o Padre Eufrásio...

De novo desviou-se do caminho em que ia. As considerações a respeito da identidade do outro se confundiram em sua mente. E se aquele não fosse o padre mas alguém fazendo-se passar por ele? Não seria próprio dos seres renegados do Senhor disfarçar-se para a tentação?

— *O pão nosso de cada dia dai-nos hoje; perdoai os nossos pecados, assim como perdoamos os nossos inimigos; perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos os nossos...*

Passou-lhe pela ideia que deveria perdoar aquele que se fazia passar pelo amigo. Teria mesmo de fazê-lo, se não tinha a menor ideia de quem pudesse ser? A dar razão aos ensinamentos que aprendera desde a juventude, era o próprio Demo ou alguém subalterno, que a sua alma não deveria ser tão importante. Como não era importante? Um sacerdote que praticou o bem e a caridade, que foi misericordioso, que levou tanto conforto às mães que perderam os filhos, aos filhos que perderam os pais, aos irmãos e irmãs, aos avós e aos netos e até aos amantes que vinham confessar o seu amor impuro...

A partir desse instante, imergiu nas recordações, foi atrás das lembranças que lhe evocavam os pais, os avós e até um bisavô que conhecera. E, desde a mais tenra idade, repassou todos os episódios de sua longa vida, sem detença e sem amargura, mas com um sentido crítico que não conhecia. Dava a cada cena um determinado valor, passando batido pelos longos períodos de atividades repetitivas até que surgiam personagens mais significativas, de forma que as imagens se destacavam por momentos, pressionando a memória, a consignar com mais profundidade as observações a respeito de quem lhe determinava os sentimentos e o fazia refletir sobre os sucessos e circunstâncias de cada episódio.

A impressão da crítica ia definindo-se cada vez mais nítida, até que, ao chegar ao final dos dias, tinha na consciência uma série de acontecimentos em relevo e todas as pessoas que tiveram papel destacado no roteiro que havia deixado escrito no livro da existência. Dentre as pessoas mais importantes, figurava justamente o Padre Eufrásio. Esforçou-se Deodoro para fixar a fisionomia daquele que permanecera calado. Queria comparar com os retratos mentais que tão nitidamente se fixaram em sua lembrança, tão diferentes das sombras que mais pareciam figuras de um sonho indistinto que se acostumara a captar dentro do cérebro nos últimos tempos.

— Você está encafifado quanto a ser eu mesmo, o seu amigo e protetor...

— Não me lembro de me ter auxiliado em coisa nenhuma. Fui eu quem lhe dei assistência nos estudos, porque, se não fosse por minha ajuda, você teria até abandonado o seminário. Mas essas águas são passadas. Eu não vou cobrar nada do que fiz por você, mas também não posso aceitar que você inverta o que aconteceu na realidade.

— Deodoro, eu lhe peço perdão pelo que lhe disse. Na verdade, estou muitíssimo agradecido por tudo quanto você fez por mim. É por isso que disse que eu o protegi, mas foi depois que eu morri...

— Quem está morto, está morto. Não tem que fazer mais nada na Terra. Vai cantar os hinos de louvor ao Pai, aprendendo a conviver com Jesus, no Paraíso, tendo a honra de conviver com a mãe dolorosíssima e felicíssima, a Virgem Maria, protetora da humanidade. Ou vai tostar nas chamas dos infernos, sendo espicaçado pelos tridentes de Satanás, de Lúcifer e da legião dos demônios que Jesus retirou do homem possesso e fez penetrar nos porcos que caíram despenhadeiro abaixo.

— Que você ache que eu merecia ir para o Inferno...

— Eu sempre achei que você estava no Céu. Agora é que estou desconfiado...

— Eu não estou reconhecendo o meu amigo. Não era você que condenava a ideia das penas eternas e que dizia lá do púlpito que Deus saberia reconhecer os crimes e os criminosos e que daria uma penalidade mais branda, porque todos os que praticavam algo contra os irmãos inocentes, facilitavam a entrada deles no Paraíso?

— Eu dizia isso mesmo. E ainda digo. Quem mata um inimigo de maneira injusta dá a ele a possibilidade de obter a comiseração do Senhor. Não foi Jesus quem rogou ao Pai do Céu que perdoasse os seus próprios algozes? Então, se quem matou, antes mesmo do Cristianismo existir, e não foi batizado, não mereceu ir para o Limbo, porque não podia saber quais eram as virtudes e as leis de Deus? Nesse caso é que eu dizia que os maiores criminosos...

Deodoro não quis prosseguir. De repente se viu justificando-se perante alguém que lhe havia dado tantas alegrias, companhia sempre risonha, sempre proveitosa, sempre saudável, tanto que mantiveram a doce amizade da juventude, encontrando-se quando podiam, até que o amigo faleceu, aos setenta e dois anos, vítima de um problema cardíaco. Recordava-se de que ele o havia chamado e que fora quem lhe dera a última partícula sagrada e lhe ministrara os óleos santos. Não chegou a ouvir-lhe a confissão, mas que pecados podia ter aquela criatura dedicada ao sacerdócio, sem paixões feminis, ao contrário...

— Deodoro, vejo que você está bem lembrado de quem eu fui. É preciso saber agora quem eu sou.

— Quer dizer que a gente perde a identidade quando morre? Estranha maneira de se chegar ao Paraíso: *“Quem vem lá?” “É o Padre Deodoro.” “Já não é mais; agora é o Tribertino das Neves.” “Pelo menos ainda sou padre?” “Que padre que nada! Você é um sargento do exército.”*

— Deodoro, você está brincando mas, mesmo assim, parece que está adivinhando o que se passa na realidade.

— Quer dizer que eu não sou mais o Padre Deodoro?

— Como é que eu o venho chamando?



— Deodoro, é claro.

— Então, você continua sendo o Padre Deodoro.

— E por que é que você pareceu concordar com o *Terebentino*...

— *Tribertino!*

— Dá na mesma, que o que eu desejei dizer...

— E eu não sei o que você desejou dizer?

— Pois me pareceu que não, que está só de brincadeira comigo.

— Pois, caro Deodoro, vou falar muito a sério, mas penso que você não vai me dar crédito.

— Vamos ver se o que você vai dizer tem lógica e está abençoado por Deus.

— Certamente, Deus, que criou o Universo e tudo o mais que existe nos diferentes planos...

— Você já está dizendo coisas em que não vou acreditar?

— Estou resumindo algumas ideias correntes nesta região verdadeiramente abençoada.

— Mas vamos ao que interessa, porque você prometeu dizer quem é na verdade e agora está indo por outros caminhos.

— Quando eu lhe disse que era seu protetor...

— Sobre isso já conversamos!

— Mas é justamente aí que reside a chave de tudo...

— Meu protetor é meu anjo da guarda, designado por Deus dentre as vastas legiões dos seres que o servem na qualidade de mensageiros. Será que você se esqueceu de que anjo é uma palavra de origem grega...

— ...que quer dizer aquele que leva as notícias, que foi assim que Gabriel foi até Maria, como porta-voz da deliberação de Deus de torná-la mãe de Jesus, conforme está nas Sagradas Escrituras.

— Mãe de Deus, isto sim, que Jesus é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade! Ou vai ser essa a sua contradição?

— Em que parte dos *Evangelhos*, qualquer um deles, está escrito que Jesus é a Segunda...

— Foi Jesus mesmo quem se disse filho de Deus. Ora, para ser filho e se unir ao Pai, também tem de ser uma parte dele, como também é o Espírito Santo, formando a Santíssima Trindade, mistério de grande envergadura dentro dos conhecimentos da Madre Igreja, constituído em dogma de fé pelo...

— Mas foi Jesus mesmo que disse que era filho unigênito de Deus e da Virgem Maria?

— O que você está insinuando?

— Estou dizendo que Jesus jamais mencionou o fato de ser filho de uma mulher virgem, o que, se fosse verdade, faria muito sucesso junto aos fiéis que o seguiam montanha acima, montanha abaixo, até às margens dos lagos e do mar...

— Eu acho que você deveria respeitar muito mais as pessoas divinas e não ficar provocando as minhas reações, para testar se tenho a minha fé intacta. Sinto que você esteja apenas tentando saber se mereço seguir para junto do Senhor, o que devo confirmar, como no Crisma e nas renovações das promessas após o sacramento do perdão

do confessionário, que resulta na Comunhão, pela absorção do divino corpo de Jesus, simbolicamente representado pela hóstia, que se deixa impregnar de sua poderosíssima presença, desde que Deus é onipresente, onisciente e onipotente.

— Que tal refrescar a sua memória, no que diz respeito às palavras de Jesus, quando, perante o cálice das amarguras, se propõe sorvê-lo até às fezes, pela humanidade que logo mais iria crucificá-lo?

— Que tem de notória essa frase, em função do que estamos discutindo?

— Se Jesus fosse realmente a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, portanto, Deus ele mesmo, conforme você está propugnando...

— Não sou eu que digo nada disso. Eu creio nisso, porque essa é a verdade que aprendi e que aceitei de todo o meu coração, pelos ensinamentos teológicos que nos passaram os mestres, conforme as lições que receberam dos santos que foram inspirados diretamente pelo Espírito Santo e que se estabeleceram nos cânones da religião do Cristo, conforme...

Eufrásio desejava que a mente do amigo se abrisse para suas palavras, mas não conseguia infiltrar-lhe nenhum conceito novo, segundo o prisma da realidade de além-túmulo. Achava, porém, que não devia desistir. Resolveu mudar de tática:

— Tudo bem, queridíssimo amigo. Que Jesus nos estenda o seu manto de benevolência e de misericórdia, para nos abençoar. Se você não acredita que estou ao seu lado na qualidade de benfeitor espiritual, de protetor, que tal experimentar as vibrações deletérias dos seres malfazejos, aquelas almas penadas dos sofredores impenitentes, para quem a religião, qualquer uma, nada representou, tanto que agora pairam errantes pelo espaço em que estamos situados. Você aceitaria conversar com um deles, a sua escolha?

— Se não bastasse ter ouvido em confissão inúmeros seres arrependidos e que se encontravam nas cadeias, onde eu ia reconfortá-los a seu próprio chamamento, também contemplei as ações desarvoradas dos que desafiavam o Pai, provocando a minha ira e apenas alcançando o meu perdão. Se esse ser é tão malévolo como você diz, vai receber as mesmas bênçãos que destinei àqueles outros no mundo.

Eufrásio balançou a cabeça em desaprovação. Mas ainda insistiu:

— Você se lembra quando lhe levaram uma juvenzinha, como você disse, possessa? Como foi que você fez para ajudá-la?

— Li as sagradas fórmulas do exorcismo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— E o Demônio fugiu apavorado?

— Penso que sim, porque não mais encontrei a mocinha nem as pessoas da família. Naquele tempo, eu era novo na paróquia... Mas espere um pouco. Como é que você sabe a respeito desses fatos, se tudo se passou bem depois que você faleceu?

— Você não está...

la Eufrásio explicou como é que tivera conhecimento daqueles sucessos, mas Deodoro andava para trás na lembrança daquela época, repassando todos os episódios em minúcias. Até que, de repente, lançou-lhe uma pergunta, à queima-roupa:

— Diga-me, Eufrásio, como se chamava a jovem?

Eufrásio adivinhou aonde queria chegar Deodoro, mas não hesitou em responder:

— Eugênia de Castro Gonçalves, filha natural de Pedro e de D. Maria de Jesus

Rodrigues, que se haviam amasiado porque era ele casado.

— Pois não estou admirado de que você saiba tanto a respeito, porque agora tenho a certeza de que não estou tratando com o meu verdadeiro amigo. *Vade retro, Satanás!* Eu não quero mais você a me tentar. Sei que era você que estava no corpo daquela infeliz, como ainda me lembro muito bem de que os pais dela frequentavam o terreiro de macumba.

Por mais um bom tempo, Deodoro ficaria falando sem parar, enquanto ia repassando as contas de seu rosário, em ave-marias e pais-nossos que despejava assustado. Aos poucos, porém, foi compreendendo que era muito estranho aquele ser infernal, que se ajoelhara ao seu lado e que, munido do próprio rosário, recitava as mesmas orações, terminando por dividirem entre si as partes: *Ave, Maria, cheia de graça...* e o outro: *Santa Maria, mãe de Jesus...*; *Pai nosso, que estais nos Céus...* e o outro: *O pão nosso de cada dia...*

Tendo rodado três vezes cada terço e tendo orado, sem resposta, a oração do Credo, estabelecia-se na cabeça de Deodoro a maior confusão. Pensava ele:

*“Se esse sujeito se presta a tanta falsidade, será porque conhece de sobejo as palavras do Cristo: — Que belo diabo deve ser aquele que quer destruir o próprio império!”*

Afagava o orgulho de poder citar os textos bíblicos com expressões próprias, pois se lhe azedavam os dizeres segundo o estilo dos evangelistas. Lembrava-se dos tempos em que procurava as qualidades literárias do Velho Testamento e fazia-se por repimpar em soluções mais prazerosas e elegantes, porque, concluía, a língua portuguesa tinha sua própria constituição, sua estrutura especial, suas influências de substrato e de superstrato específicos, sua própria literatura, não precisando, portanto, quedarem presos os tradutores na sintaxe arcaica de tantos séculos, segundo as traduções, para o grego e para o latim, do aramaico e do hebraico.

Quanto tempo passou na apreciação desses antigos interesses não saberia precisar, mas, de repente, se viu totalmente alheio à presença daquele que se dizia seu amigo. O medo que sentira há bem pouco tinha passado completamente. Também já era capaz de enxergar a fisionomia do Padre Eufrásio, a qual, se não fosse a dele mesmo, tinha sido excelentemente copiada pelo farsante. Imaginou que o outro estivesse apenas aguardando uma oportunidade para voltar a entabular conversação e desejou restabelecer o contato, porque a memória era muito difícil para os tópicos que não se haviam fixado como prioritários.

*“Será que eu poderia, pensou, fustigar o sujeito aí, pedindo-lhe para revelar-se tal qual é na verdade, já que ainda não me disse, definitivamente quem é?”*

— Claro que pode, Deodoro.

— Santo Deus! Mas, então, você lê os meus pensamentos?

— Na verdade, você estava pensando em mim, aspirando por uma resposta, e esse é o meio que se tem no etéreo de aproximar os seres de mesmo quilate vibratório.

— Eis que finalmente você está colocando os pontos que disse que eu não iria aceitar. Esse negócio de *etéreo*, de *seres* e de *vibração* não tem qualquer repercussão na minha mente. Você está falando chinês. Se estivesse falando grego, quem sabe eu iria compreender alguma coisa, já que aprendi (ou aprendemos) um pouco no seminário maior.

— A sua preocupação linguística é interessante. Já se lembrou do hebraico e do

aramaico, da natureza específica de sua língua pátria...

— Calma lá! Essas coisas, eu estou bem atento, eu não pensei com a intenção de despertar o seu interesse. Aí fica comprovado que você está lendo diretamente no meu cérebro.

— É verdade. Quando o indivíduo está serenamente pensando a respeito de fatos que não lhe dizem diretamente respeito, tópicos culturais ou dados científicos, nada que envolva emoção, fica fácil de penetrar em sua intimidade para quem tem o traquejo da análise espectral das emanções mentais, que é como o povo na Terra designa a aura, a partir dos chacras situados...

— Não vamos confundir as coisas. De acordo com o que você está dizendo, as pessoas aqui têm o condão de perceber o que se passa com as outras, apenas observando o quê? Estou desconfiado que você está de propósito querendo me confundir. Vamos devagar porque todos esses termos eu conheço, que não sou tão ignorante a respeito do sentido das palavras.

— Aqui não se trata apenas do significado dicionarizado, o que você possui nos arquivos da memória, o que sei muito bem, sem precisar ler nenhuma informação que queira passar-me ou que esteja a preocupá-lo.

— Vá devagar que não quero me ver engodado nem enalacrado. Acho que as ideias estão se acumulando sem as devidas explicações, sem exemplos definidos. Acho que é para me pôr mais zozzo do que ainda estou, que não consigo raciocinar com clareza sobre as coisas mais comuns que estão à minha volta. Como é que, agora, você quer me fazer filosofar, por prisma que desconheço?

— Pois era mais ou menos isso que eu ia dizer, ou seja, que não basta prestar atenção no que está ao redor, mas que se deve receber o influxo das vibrações que nos chegam de todo lado. Na Terra, a gente tinha o poder de se situar pela visão, quase sempre limitada por um horizonte próximo ou distante. E também pela audição, que os ruídos a que estávamos acostumados nos punham tranquilos. Não é verdade que gritarias desusadas nos alertavam para ocorrências fora do padrão comum e nos faziam pesquisar a origem e as causas dos distúrbios, para que pudéssemos reequilibrar a nossa condição vital, percebendo-se inconscientemente a segurança do corpo pelo conhecimento intelectual das situações?

— Se você vai fazer referência aos outros sentidos, como o olfato, o tato e o paladar, eu mesmo posso estender-me a respeito de que todos participavam igualmente do domínio que as pessoas...

— ...encarnadas...

— ...vivas...

— ...porque as mortas...

Deodoro parou para avaliar a extensão das sutis provocações. Queria colaborar com exemplos de como o olfato participava da orientação mental para a fixação dos indivíduos em sua paisagem para determinar o *status* pacífico ou irrequieto, como resposta aos estímulos, mas Eufrásio interveio de forma pouco sistemática, como se estivesse se divertindo com as noções que não encontravam apoio no sistema intelectual de que era capaz o recém-desencarnado. Resolveu entrar na brincadeira:

— Você quer que eu utilize o termo *encarnadas* para as almas que estão ocupando

um corpo terreno. Muito bem. Então, devo criticar a sua maneira de se referir aos espíritos, quer dizer, você chamou de seres aos indivíduos que estão ao nosso redor, nesta dimensão. Não se encontra aí uma falha muito grosseira de conceituação, já que os homens são formados de corpo e alma? Sem o corpo, sobra a alma. Os seres deveriam corresponder ao conjunto, ou seja, às pessoas que vivem na Terra. As almas têm somente a estrutura do sopro de vida que Deus depositou no barro. Não foi assim que fez o primeiro homem? Ora, o que é puro espírito não deve ser tido como algo concreto, mas relativo ao Criador de onde promanou, pois Deus é espírito perfeitíssimo, criador do céu e da terra.

— Você está, evidentemente, querendo construir uma tese neste exato momento. Não vou discutir a sua capacidade de imaginar e de expor os pensamentos, segundo o seu ponto de vista fundamentado na ideia de que a discussão deve valer por si mesma. Reconheço que passei por uma fase semelhante, em diversas épocas de minha vida terrena. Lembra-se de nossas discussões, após as aulas de filosofia, quando falávamos de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino? Aqui, este tipo de postura (você aos poucos irá entender) representa apenas divagações sem sentido pragmático, uma vez que tudo, neste campo da realidade sobrenatural (considerando o seu ponto de vista ainda muito preso à densidade da matéria), a gente pode verificar pela experimentação, como, por exemplo, a natureza do invólucro que nos envolve a chama divinatória a que você deu o nome de alma. Eis que a centelha espiritual despontou em sua mente como uma provocação, mas você acertou na mosca. Apenas falhou por não haver considerado a existência desta capa fluídica que nos veste e que, se você tivesse estudado Espiritismo pela cartilha de Allan Kardec, iria chamar de perispírito.

— Até parece que você era versado nas práticas do ocultismo da mesa branca. Eu me lembro muito bem de um sermãozinho que você cascou nos colegas durante a refeição, quando alguém...

— Foi você!

— Posso até ter sido, mas eu não me lembro do santo senão do milagre. Então, como dizia, quando alguém insinuou que se podia conversar com os mortos.

— Ainda bem que mudei de opinião, senão, como é que iria explicar a mim mesmo estarmos conversando os dois, que ambos morremos mas (apontando para a batina) não mudamos o hábito de trocar ideias?!

Deodoro desejou abraçar o amigo, que reconhecia agora pelos inúmeros indícios da convivência íntima.

Nesse momento, a visão como que se esclareceu e ele pôde enxergar ao redor de si com bastante felicidade. O amigo estava igualzinho à época em que o despachou para o cemitério, menos magro e menos pálido, como se houvesse mantido a idade e refeito a saúde. Curara-se, eis tudo.

Eufrásio puxou o antigo colega para junto de seu coração e assim permaneceram durante vasto tempo, enquanto Deodoro ia reanimando as forças. Mas não percebeu que estava sob amparo energético do protetor e, de repente, em lágrimas, soluçando, fez um longo discurso de agradecimento ao Pai por lhe haver enviado mensageiro tão querido.

Eufrásio ficou a ouvir a pregação do prelado, admirado ainda, como em vida, da faculdade de generoso desempenho linguístico, modelo para todos os seminaristas, quando em alocução sobre as virtudes dos santos e sobre as qualidades das pessoas de

bem.

Deodoro iria terminar com uma prece mas os engulhos da nova condição, tão repentinamente quanto iniciou, fizeram-no calar-se.

Eufrásio rejubilava-se:

— Graças a Deus! Vejo que está recuperando-se muito rapidamente. Isto é ótimo. Vamos esquecer as questões iniciais e dedicar-nos ao que devemos fazer, para que você se inteire das premissas existenciais do local onde estamos.

— Eufrásio, eu não vou mexer-me daqui. Sinto-me completamente bem e só espero que o Senhor se lembre de mandar quem me libere desta condição de inferioridade, para me destinar um lugarzinho nos Campos da Eterna Prosperidade.

— Deodoro, veja que eu passei pelo mesmo transe que você, caro amigo. Eu mesmo fui recebido pelo Padre Antônio, meu confessor de tantos anos...

— E onde você está residindo? Haverá algum monastério que recolha as almas dos sacerdotes devotados à causa do Cristo, gente especial que se sacrificou na carne, pelo bem do semelhante?

— Nada de especial. Vivo com uma confraria de religiosos devotados às ideias cristãs, mas o instituto que frequentamos exige de nós certa dedicação junto aos encarnados, para que eles desempenhem os seus roteiros de vida...

— Que roteiros de vida? Eu não creio em nada do que você está falando. A dar-lhe ouvidos, é como se cada um de nós já existisse antes de nascer, o que é impossível.

— Por que seria impossível?

— Ora, como é que iríamos nascer totalmente ignorantes, se já conhecêssemos a existência? Essas são teses que destruí um dia, quando me levaram a tomar contato com uma obra que me disseram ditada pelos espíritos e que eu soube caracterizar como de clara influência demoníaca.

— Você diz que, do jeito que eu falo, as coisas não são compreensíveis. É isso?

— Justamente.

— Então, como você explica que eu venha pregar-lhe outra teoria, sem nada para ganhar com isso, dado o seu ponto de vista?

— Você está tentando amenizar a minha estadia no Purgatório, simplesmente.

— Diga Umbral, que purgatório, na verdade, é a crosta terrestre de onde você está chegando.

— Que mérito haverá em denominar deste ou daquele modo?

— É que a terminologia, como você bem sabe, contém conotações diversas: uma palavra lembra os pensamentos e a filosofia católica; outra busca a realidade de além-túmulo.

— Umbral, pelo que eu posso concluir, é um local escuro, cheio de sombras. O purgatório é onde as pessoas curtem o seu sofrimento moral, porque pecaram, segundo o critério dos pecados veniais. Se tivessem pecado mortalmente, ofendendo a vida sua ou de outrem, não teriam nenhuma oportunidade de viverem na Terra, que você chama de Purgatório. Acho que a sua denominação é um contrassenso.

— Não é, não. Se na Terra há luz e trevas, segundo seja dia ou noite, a alma humana passa por traumas muito fortes, uma vez que estão coagidas a permanecer encarceradas num corpo material, através do qual têm de aprender os preceitos elementares da

convivência harmoniosa com a sociedade, sofrendo seus impulsos instintivos, justamente aqueles que lhe caracterizavam o procedimento anterior ao nascimento, ou seja, a programação a que me referia.

— Pois não vou aceitar pacificamente tudo o que você está dizendo. Com todo o respeito aos seus conhecimentos, vejo que o irmão sofreu a desdita de receber informações destorcidas da realidade. Eufrásio, por quem você é, ponha a cabeça no lugar. Não me venha com aflições tão dramáticas. A entender o que você está dizendo, todo o meu viver acabou sendo uma grande mentira, uma falsidade...

— Mas eu posso garantir-lhe que você não se perdeu por hipocrisia, o que teria acontecido por falar de um modo e agir de outro. Tudo que você fez na vida (ou quase tudo) estava rigorosamente dentro dos padrões estabelecidos pelo roteiro que conscientemente desejou seguir. Talvez (e isto será o mistério a ser decifrado) nem tudo tenha correspondido aos projetos anteriores.

— Você insiste nesse ponto. Não seria lógico que eu devesse recordar-me do que aconteceu comigo antes de viver? Como é que você explica isso? Vamos ver. Tente ser bastante claro.

— Caríssimo Deodoro, agradeço esta oportunidade, porque estou ciente de que você está prestando atenção, certamente com o intuito de me refutar mas pronto para raciocinar nos termos que lhe vou propor. Antes de lhe dar uma resposta cabal...

— Vai começar de novo a ir à matroca por estas águas túrgidas.

— Não apele para as imagens literárias, que você nunca viajou de navio à vela nem sabe o que são as vagas enormes que crescem em alto mar. No máximo, você passeou de vapor pela costa brasileira, em alguma excursão de férias, isso nos tempos da juventude, quando se interessava pela natureza e não se dedicara ainda aos estudos da santidade humana, em nome de Jesus e de Maria.

— Sem nenhuma figura: você quer ir direto ao ponto, por favor? Estou começando a ficar inquieto, de novo, quando já se amainaram as ânsias, pelo temor de estar sob o domínio do demo. Agora que estou enxergando melhor, posso persignar-me, *in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*, fazendo o sinal da cruz para espantar quem venha com a intenção de me perder.

Ao juntar o gesto às palavras, notou que se formaram naquele exato momento as suas mãos e os seus braços. Ficou abestalhado e se perdeu de novo nas reminiscências da infância, quando, bebê, nos braços carinhosos de sua mãe, ia tomando jeito para utilizar-se de seus membros. Estranhamente, perpassou os dias em que não dominava os movimentos dos dedos, sendo apenas capaz de agarrar, fechando a mão. Súbito, interrogou o amigo:

— Que raio de abraço eu lhe dei, se não tinha braço algum?

— Era sobre isso que falávamos.

— Eu me lembro que você me deve uma resposta a respeito de minha existência antes do nascimento. Mas permito que faça uma digressão a respeito dos fenômenos físicos. Devo dizer que muito me admirei de haver procurado os óculos sobre o criado-mudo e de não ter tocado em nada. Agora estou vendo que não me encontro no mesmo quarto, mas estou numa cama e aqui do meu lado existe um criado-mudo. Não existem óculos alguns, mas, antes, eu não consegui tocar em nada. Aliás, como não senti nenhuma

pressão atmosférica, nenhum peso, nenhuma dor, não sofri com a desdita do vazio. Achei que era natural. Mas, vendo que existem móveis e que tenho mãos, será que sou capaz de sentir pelo tato a existência que meus olhos comprovam? Ou estarei iludido através da visão, como a gente pensa estar vendo coisas no deserto que são apenas miragens?

— Pois eu não lhe disse que aqui o que importa são as experiências? O nosso conhecimento parte sempre de uma atitude contingente, empírica. Sendo assim, permita-me sugerir-lhe que estenda o braço e que toque onde quiser, ao seu alcance, e depois me traduza a sensação.

Deodoro quis apalpar o espaldar da cama que se fechava sobre ele, gracioso dossel em que só agora punha reparo. Era um luxo de rendas, no cortinado que estava suspenso, preso por fivelas douradas. Alçou as mãos e pegou as franjas pendentes, acariciando-as longamente.

— Mas este tecido tem a textura igualzinha dos da Terra. Nenhuma diferença no contato da epiderme. Será que a madeira da mesa-de-cabeceira também vai me causar o mesmo frêmito de alegria?

Estendeu a mão e verificou que não alcançava o móvel. Precisou locomover-se no leito. Foi então que se percebeu preso ao colchão, impossibilitado de se deslocar. Mas a sensação de inutilidade durou alguns segundos, até constatar que precisava impulsionar o tronco com as pernas.

— Quer dizer que estou reinventando o meu próprio corpo?

— Não se admire, porque, aos poucos, você verá crescer-lhe a musculação torácica e abdominal, para poder sentir-se como se possuísse um corpo igual ou muito próximo daquele que tinha quando vivo. Você morreu de velhice. Noventa e sete anos de idade. Exauriu todos os recursos biológicos. Se estivesse preparado para enfronhar-se neste plano, através da aceitação de como as coisas realmente são, não teria sofrido a pequena angústia de ver-se completamente inoperante. A bem da verdade, devo dizer que são muito raros os sacerdotes que aqui aportam dominando um corpo perispirítico, porque não se deixaram iludir pelos coros de anjos que deveriam conduzir os recém-chegados diretamente ao Paraíso.

Eufrásio falava pausadamente, dando tempo a que o amigo se inteirasse das novidades que ia descrevendo, sabendo que muito mais interesse demonstrava na formação da figura ou da imagem com que iria se apresentar na sociedade etérea.

— Eufrásio, quer dizer que estou refazendo o meu corpo, segundo o padrão ou o formato daquele que deixei aos vermes? Se eu quiser modificar, eu posso?

— Perfeitamente, mas para isso haverá de dominar uma técnica que só se adquire através do estudo, do exame ou da compreensão de quem a gente é, em função da realidade existencial a que pertencemos. Enquanto você, renitentemente, contesta as minhas informações, irá postergando as facilidades de impregnação fluídico-energéticas que só intensivo treinamento e muito exercício lhe facultarão.

Enquanto conversavam, Deodoro conseguiu erguer o dorso e aproximar-se da mesinha ao lado da cama. Com os dedos trementes, tamborilou sobre a superfície plana, causando o mesmo som que provocaria se encarnado estivesse. Em riso franco misturado a lágrimas de muita alegria, tocou um rataplã militar, conforme fazia quando tomava as refeições sozinho, com o breviário aberto.



Eufrásio respeitou-lhe a descoberta, como se estivesse vendo uma criancinha a executar a sua primeira harmonia.

Passada a fase das emoções à flor da pele, Deodoro voltou a questionar os fatos em que se via envolvido:

— Diga-me lá, meu bom Eufrásio, em vida, bem no finzinho, as pessoas me olhavam de soslaio, como se eu estivesse demorando muito para morrer. Não me respeitavam os trabalhos nem os estudos e não vinham colher conselho algum, como se me constituísse em mera carta fora do baralho. Você saberia dar uma sábia explicação para o fato?

— O que leio em seu espectro energético é o seu interesse em saber se irá ser bem recebido deste outro lado, se irá ter as mesmas mordomias do tempo em que era dono de uma paróquia muito rica, quando nadava em dinheiro e possuía tudo do bom e do melhor, em vida regalada. Estou certo?

Pego meio de surpresa, acostumado a expender raciocínios mais complexos quando instado a proclamar alguma falha sua, Deodoro procurou não ser surpreendido:

— Eu tenho para mim que as coisas devem vir em partes, como é natural que ocorram com as pessoas que se querem bem. Se eu lhe peço pão...

— Sem sermões, por favor. A minha pergunta é simples: estou certo em avaliar a sua questão, não como um tópico do passado, mas como um item do futuro?

— Em outros tempos, você não me provocava as reações desagradáveis. Contornava os assuntos e vinha com outras observações, para não me ferir os brios. Por que mudou?

— Quem não mudou foi você, que continua a buscar uma saída, já que se viu encalacrado, embora em tema de nenhuma importância.

— É verdade. Reconhecer que estava interessado em manter a minha condição de dirigente espiritual junto à comunidade a que você se referiu tem muito com o fato de eu ter vivido noventa e tantos em absoluta atividade física e intelectual.

— Agora, sim, posso responder...

— Não precisa mais. Seja como for, terei de aprender a agir de acordo com as novidades que se apresentarem no momento oportuno. Não é isso mesmo?

— Até parece que você conseguiu ler em minhas emanções fluídicas.

— Não li mas estou embasbacado com a facilidade como você está expondo a minha alma para mim mesmo. Então, é certo que a verdade está acima de tudo nesta região?

— Pode dizer esfera, círculo, plano, que não correrá o risco de ofender aos seus princípios religiosos.

— Pelo que pude entender de suas afirmações, não tenho como argumentar, porque você colocou um ponto final nas especulações, quando disse que aqui se parte da realidade concreta para as deduções filosóficas.

— Não foi bem isso que eu disse. Na verdade, eu me referi ao fato de que a interpretação desta dimensão existencial (eis outra expressão conveniente) não deve ser feita a partir dos conhecimentos hauridos na carne, que é como nós costumamos referir-nos às conclusões fundamentadas nos raciocínios ditos lógicos, a partir da configuração terrena. Se você está recordado de Platão, do mito da caverna, ele expôs, com muita inspiração, que o mundo apenas refletia a existência espiritual, onde a perfeição...

— Nem precisa ir mais longe. Se estou habituado aos vultos e às sombras, devo caminhar agora em direção da luz.

— Muito bem colocado, querido sacerdote.

— Por que você faz questão de me chamar assim, quando, ao mesmo tempo, vai colocando pedras de tropeço em meu caminho, escandalizando-me a cada momento, obrigando-me a reconhecer as falhas de interpretação dos textos sagrados, porque eu não acredito que as inverdades estejam neles presentes, senão que eu é que não fui sagaz o suficiente para entender o que dizem.

— Vamos deixar a exegese bíblica para um momento mais avançado de suas pesquisas do etéreo (outro termo para o local onde estamos). Por enquanto, pretendo levá-lo a entender que deve esquecer o prisma de análise fundamentado nas premissas de céu, de inferno e de purgatório, com as conseqüentes entidades que as religiões aí localizaram. Existem, para confortá-lo, moradas (mais um nome para estas paragens) que os espíritos (fugindo do vocábulo seres), unidos pela proximidade vibratória, quer dizer, semelhantes em adiantamento, frequentam, podendo estar mais próximos do que você chamaria de inferno, se são sofredores, inferiores (eis aí o termo), infelizes, malévolos, vingativos, raivosos, permanecendo com os mesmos impulsos malfazejos que trouxeram de vidas absolutamente agressivas em relação aos dispositivos cristãos. Se os espíritos são mais evoluídos, não merecem sofrer, porque compreendem as virtudes e buscam tudo fazer em função de amenizar as dores alheias, aliviando-se do sentimento de culpa pelo trabalho e pelo estudo, realizando os mandamentos do amor ao Pai e ao próximo, exercendo o direito de perdoar para serem perdoados. Esses existem em moradas amenas, que construíram por esforço próprio, segundo sua capacidade de sacrifício, conforme nos foi apregoado nas aulas de moral. Você está lembrado?

— Você já explicou a razão das nomenclaturas, mas devo insistir em que muito do que você está dizendo está bem próximo das teses da Santa Madre Igreja.

— Sem dúvida nenhuma. Eu não questionarei jamais os pontos sagrados estabelecidos pelos ensinamentos de Jesus. Nem aqui os mestres nos ministram conhecimentos nesse setor que não estejam embasados nas anotações dos evangelistas, embora, como frisei há pouco, haja o que discutir a respeito. Mas são tópicos menos importantes, questões periféricas. O essencial se mantém rigorosamente: não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem.

Neste momento, Deodoro fez um esforço para sentar-se no leito. Com a ajuda de Eufráasio, conseguiu. Aí voltou a preocupar-se consigo mesmo:

— Será que minha aparência está se recuperando, conforme estou notando no seu aparato... como é mesmo o termo?

— Perispirítico ou perispiritual. Posso responder, mostrando-lhe a sua imagem no espelho. Não era isso que você queria?

— Preciso aprender a dizer exatamente o que desejo, senão vou passar por...

— Não se utilize das palavras de caráter negativo. Neste setor da espiritualidade, sói acontecer muito frequentemente que os pensamentos se cristalizam, por força de que os fluidos são trabalhados e os objetos confeccionados pela energia que se concentra nos indivíduos. Quem não domina esse poder quase sempre constrói anomalias de imagem, segundo a malformação de seu intelecto e o vezo de dar vazão aos maus sentimentos.

Anote estes dizeres como a minha primeira lição prática. Eis que estou dizendo-lhe que este fato é importantíssimo e, através dele, muito irá explicar-se em suas reflexões. De qualquer modo, você está resguardado nesta instituição hospitalar, em torno da qual se postam muitos equipamentos de defesa...

— Sei que você está bem intencionado. Mas não acumule conhecimentos. Mostre-me a minha imagem refletida, simplesmente. Agora chegou a minha vez de dizer que você está fugindo do tema.

— Antes, devo advertir para um fato característico, isto é, você poderá estranhar a sua figura, porque o seu reflexo não será exatamente o mesmo que você se acostumou a ver nos espelhos. Agora você vai deparar-se com a sua imagem real, qual se fora o resultado de uma fotografia.

— Deixa ver se entendi: quando olhava para a minha imagem refletida, o lado direito estava à esquerda e vice-versa. Do jeito que vou ficar, cada lado estará do mesmo modo como você está me vendo.

— Exatamente. Outro ponto que precisa considerar é a sua expectativa. Estou percebendo que não gostaria de ver-se do jeito que foi enterrado, ou seja, com o rosto macilento, a pele flácida, os olhos sem brilho. Sua figura, de modo algum, será a de um defunto, mas também não espere aparentar menos do que noventa anos.

— Dou-me por esclarecido.

Eufrásio concentrou-se por instantes e fez aparecer um quadro grande, o que pareceu mágico para o companheiro, mas a surpresa da realização insólita cedeu à vista da pessoa que se punha diante do interno. Era o retrato em cores vivas de alguém que se movimentava dentro de um jardim, com dificuldade, apoiado num braço amigo. Deodoro imaginava-se andando pelas alamedas e via-se pelas costas. Desejava descobrir a fisionomia e a figura se voltava para ele, aproximando-se, de forma a expor apenas o busto. Pôde observar que os cabelos estavam mais cheios, os sulcos da pele menos profundos, os olhos menos cavados e a cor da tez menos esquelética. Não era alguém que pudesse agradá-lo, porque se queria pronto para ingressar nos Campos do Senhor. Mas também não estava tão depauperado, tão esquelético ou escaveirado como nos últimos tempos de vida. De repente, desapareceram a representação visual e a própria tela.

Demorou para Deodoro recuperar-se dos estímulos visuais. Enfim, curiosamente, quis saber:

— Já que devo sempre dizer aquilo que estou pensando, quero que você me diga se terei oportunidade de recuperar meu aspecto mais sadio, digamos, dos oitenta ou dos setenta anos.

— Qualquer destes dias, você irá contemplar-se no vigor dos seus quarenta anos, se for essa a idade limite a que está aspirando.

Deodoro não foi capaz de sofrer algumas lágrimas. Mas não disse nada a respeito das emoções que o desequilibravam. Apenas queria fazer valer o direito de conservar alguma área da consciência que ficasse resguardada da acuidade interpretativa do parceiro. Queria manter algo de sua intimidade, porque estava sentindo-se vasculhado, descoberto e exposto à crítica. Lembrava-se das confissões que dera e das que ouvira e julgava que apenas Deus deveria conhecer os refolhos mais sutis das almas.

Passado algum tempo, notou que o ambiente estava totalmente silencioso. Nem

aquele chiado natural de seu ouvido era capaz de sentir. Da mesma forma que nenhuma sensação desagradável lhe vinha de nenhuma articulação dolorida, assim também o ambiente lhe parecia isolado do mundo exterior. Pensou em ouvir a própria respiração, porque houve um momento em que pareceu ofegante, mas nada percebeu. No entanto, molhara a manga da camisola com as lágrimas. Aí é que lhe ocorreu que algo muito estranho estaria acontecendo:

— Eufrásio, como é que, sem ar nenhum na atmosfera, nós pronunciamos tão audivelmente as palavras, como se o aparelho fonador estivesse habituado a esta natureza? Por outra, como é que a vida aqui se mantém sem oxigênio? E como é que o som se transporta em ondas, para ser captado pelos seus ouvidos, porque estou vendo que orelhas você tem, como também que as minhas estavam refletidas perfeitamente, grandes, como desde há algum tempo vinha acontecendo, como você diz, na carne?

— Em geral, os que desencarnam em sofrimento, porque abusaram do livre-arbítrio na prática de maldades, quando descobrem a ausência do ar, ficam sufocados, como peixes fora da água. Se você está apenas curioso, é um belo sinal de que está se adaptando rapidamente. Na verdade, o mistério se resolve de modo muito simples, ou seja, do entendimento de que é através do pensamento que nos relacionamos.

— Espere aí! E como se explica que todo o meu aparato linguístico está sendo exercitado, palavra a palavra, frase a frase. Eu tenho a exata sensação de que estou falando, tanto que meus lábios, a minha língua, o meu palato, as minhas cordas vocais e os meus pulmões estão em plena atividade. Não distingo nenhuma diferença entre esta maneira de manifestar-me da que possuía na Terra. Digo mais, agora que estou entusiasmando-me com a facilidade desta minha alocução, sinto-me como nos melhores momentos no púlpito, durante os sermões em que pregava a resignação, a fé, a confiança na divina misericórdia, o poder de intervenção da Santíssima Virgem Maria, a benevolência de Jesus para com os seus carrascos, solicitando ao Pai que os perdoasse. Veja que me estendo de propósito, para demonstrar cabalmente que falo em linguagem dita vernácula, que outra língua não empregaria, embora conheça algumas, por haver vivido fora do país durante alguns anos. Sei que estou perplexo e que não seria capaz de descobrir sozinho o que se passa. Afinal de contas, parece que você tem por missão ajudar-me a exaurir as novidades, até me tornar afeito à natureza especial destas paragens metafísicas.

Calou-se, mas Eufrásio não lhe respondeu de pronto. Mantinha-se distante, como se a sua vista esgazeada estivesse prestando atenção em alguma realidade que lhe era interdita. Deodoro começou a desconfiar de que havia ido muito longe:

*Vou pedir-lhe desculpas porque, de qualquer modo, ele está sendo por demais atencioso. Se me dissesse tudo de viva voz, iria confirmar as minhas desconfianças. Então, devo abster-me de provocá-lo. Quem sabe ele esteja tentando, num contato telepático, provar-me que não nos utilizamos dos mesmos recursos dos (como é mesmo que ele chama os mortais?) encarnados. É isso. Se eu conseguisse saber por mim mesmo que as ondas existem atravessando o espaço etéreo que é preenchido por fluidos especiais, cósmicos ou universais, aí saberia que o princípio físico é o mesmo, ou seja, a partir de uma vibração, imprime-se uma ondulação específica que é captada pelo receptor da mensagem por meio de algum dispositivo perispirítico, já que o organismo espiritual deve ter sua condição estruturada segundo leis próprias. Resta que Eufrásio me confirme este roteiro e acreditarei*

*piamente que a comunicação está obtendo conveniente resposta de meu intelecto.*

Eufrásio, como que despertando de um estado de reflexão, disse:

— Não é interessante que você tenha tido oportunidade de receber o influxo de minhas vibrações dentro de frequência compatível dentro da mente, diversa desta que estou aplicando neste instante, muito mais grosseira e tendente à estruturação linguística?! A minha transmissão não foi traduzida cem por cento, porque você não possui os parâmetros do etéreo, para justificar, linguística ou idiomáticamente, os impulsos que se formularam em seu consciente. De todo modo, o essencial você foi capaz de entender, conforme pude observar pelas notícias que exteriorizou, apesar de fazê-lo sem nenhum domínio pessoal.

— Querido Eufrásio, confirme para mim, por favor, se estive certo em imaginar que você está empenhado em me tornar mais fácil a caminhada nesta fase da minha existência.

— Pois não lhe disse que exerci o papel de seu protetor?

— Quer dizer que você se tornou um anjo da guarda?

— Não é bem assim que você deve chamar-me, posto que, pela sua conceituação de sacerdote, não tenha muitos nomes para atribuir-me. Na verdade, como já dissemos, anjos são mensageiros e eu apenas me capacitei a ajudá-lo a tomar as melhores decisões, tarefa muitas vezes penosa quando se trata de pessoas rebeldes, mas assaz facilitada quando se trata de gente habituada às reflexões morais, canônicas e até filosóficas. Melhor que você, só se me dedicasse a alguém que estudasse e praticasse a doutrina dos espíritos, o chamado Espiritismo Kardecista. Devo resguardá-lo da dúvida de que todos os bons e os justos estejam filiados a esse movimento. Não é bem assim. Faço especial referência ao fato de que os princípios ali estão fixados através de rigorosa apreciação de caráter científico, embora se necessite de dar curso à fé ou a pessoa vai pensar que seus conhecimentos sejam tão somente intelectualizados, sem qualquer participação dos influxos dos sentimentos e das emoções. Não é bem assim...

— Calma, bom amigo! Não se esqueça de que estou mal e mal saindo de um estágio de torpor, alienado por muitos anos de concentração carnal. Apesar de estar favorecido pelo discernimento lógico, num crescendo de reações favoráveis à percepção dos seus dizeres, conforme você pode notar pela facilidade com que exponho os meus pensamentos, também não consigo integrar-me inteiramente nessa realidade a que você dá total crédito. Para mim, só o fato de você me transmitir mentalmente um discurso e realizar o prodígio de construir um espelho em que me vi refletido não haverá de ser suficiente para me convencer de que tudo que você me explica está de acordo com os roteiros estabelecidos pelo Pai para esta esfera. Veja que estou assimilando o vocabulário.

Eufrásio pediu desculpas sem usar de palavras, juntando as mãos e abaixando a cabeça.

Deodoro estendeu as suas mãos e cobriu com elas as de seu amigo, tentando notificá-lo que aceitava a manifestação.

Ambos se entendiam. Mas uma nova surpresa e uma nova observação deram a Deodoro motivo de interrogar o benfeitor:

— Como é que tenho a exata sensação de que suas mãos estejam tépidas, como se a sua temperatura estivesse pelos trinta e cinco ou trinta e seis graus, isto é, absolutamente normal e coerente com o mais comum do corpo humano?

— Esse ponto que você levanta está contido em muitas de suas questões anteriores. Vou dar-lhe uma explicação plausível para o seu descortino atual. Como Jesus não disse tudo, eu também vou dar-me o direito de não adentrar os aspectos técnicos do assunto. Em todo caso, você não acha verossímil que impregnemos o corpo fluídico ou perispírito de modo a torná-lo compatível com tantos anos de convivência terrena? Especialmente no seu caso, o hábito se estabeleceu rigorosamente e você, por enquanto, só é capaz de entender-se como se estivesse vestido de carne, ossos e sangue. É a impressão mais segura de que está existindo segundo a sua individualidade. Mais cedo ou mais tarde, ao dominar o material etéreo, irá plasmar outro envoltório para o seu espírito, com sensações pertinentes ao mundo em que estamos. Não é lógica a minha exposição?

— Acredito que seja, segundo a minha possibilidade de responder ou de arguir neste instante, uma vez que você adiou as reais explicações. Mas devo confessar que me tranquiliza saber que estou amparado. Mais ainda: que estou assistido. Quem lhe pede perdão, agora, sou eu, porque fui turrão a ponto de desafiá-lo de início. Reconheço que os preconceitos de que desejei valer-me não se coadunam com a formulação de um ideário próprio desta morada. Veja que, para bem da verdade, não estou dizendo-lhe que aceito as suas informações pacificamente. Mas que pretendo comprovar tudo o que você vem asseverando, assim que me for possível.

— Diga tudo o que está pensando.

— Preciso? Você não está lendo em minha mente?

— Desejaria que as suas assertivas íntimas fossem corroboradas por manifestação da vontade, do contrário irei supor que, mais tarde, você poderá...

— De que você está desconfiado? Por que não me transmite as suas impressões do meu eu mais profundo diretamente ao meu intelecto ou ao meu cérebro, conforme a sua compreensão de como se realiza esta organização espiritual?

— Não suspeito de nada. Leio com clareza qual é a sua intenção. Mas você deve transmiti-la para que se registre nas...

— Não me diga que existem aparelhos de captação e gravação dos pensamentos?!

— Existem apenas para configurar o histórico dos acontecimentos, pois pode ocorrer de precisarmos das atas, vamos assim dizer, para as discussões que se seguirão no decorrer...

— Pois diga você mesmo, que eu confirmarei, se você estiver correto.

— Deodoro, vou aceitar a condição, mas afirmo-lhe que não estou exercendo, de modo algum, nenhum tipo de censura ou de crítica. Estou anotando um fato, simplesmente, sem envolvimento emocional de qualquer espécie. Estamos entendidos?

— Em nome de nossa amizade, peço-lhe que seja assim mesmo, porque, se você é capaz de interpretar os meus sentimentos mais escondidos, aqueles que ocorrem no recôndito de minha inconsciência...

— Não sou capaz de tanto. Acontece que você é uma pessoa muito boa, o que faz que imprima na aura os intentos, acostumado que sempre estive a ser o mais próximo do honesto e do moral. E aí eu leio que você, meu generoso amigo, está cansado desta longa conversação, desejando ver-se livre de meus argumentos e da minha insistência, para vasculhar o plano espiritual por si mesmo, aspirando por achar recursos que confirmem o antigo ideal, caracterizando esta região como purgatória, ainda insatisfeito e...

— Na verdade, Eufrásio, eu gostaria muito de sair para passear naquela alameda em que me vi retratado. Quem sabe ali eu restaure as forças e consiga encontrar uma porta para o mundo exterior, onde poderei vagar segundo o meu próprio discernimento.

— E se a sua decisão estiver sendo precipitada? Não se esqueça de que lhe informei de que aqui os pensamentos se plasmam e as vontades se realizam. Mesmo que opte por ter-me ao alcance de suas vibrações, talvez a sua peregrinação por regiões desconhecidas não lhe favoreça a assimilação mais rápida das noções que nesta instituição iria receber de forma organizada, em disciplina curricular.

— Pois eu lhe agradeço muitíssimo a intenção e, como você disse, para registro, faço minhas as suas palavras e o isento de qualquer culpa, caso venha a me ver em maus lençóis. Em todo caso, peço-lhe que não tome a minha decisão como definitiva, pois pode ocorrer que outras ideias se formem em meu cérebro, segundo intuições que me possam chegar do fundo de minha organização psíquica, para não ofendê-lo falando em alma.

Eufrásio talvez prosseguisse discutindo os diferentes tópicos levantados pelo amigo, mas recolheu-se em prece, para receber a comunicação de seu benfeitor, que o orientava para facultar ao recém-admitido na casa de atendimento espiritual a liberdade de esconjurar os próprios fantasmas.

## INSTANTES DE SOLIDÃO

Deodoro viu-se sozinho. Eufrásio como que desapareceu, sem palavra de despedida, sem boas-noites, sem um estímulo adicional sobre a florescente recuperação que demonstrara.

*Terei sido... (Hesitava quanto ao adjetivo com que qualificaria a sua postura perante o amigo e preceptor.) Ao menos, fui sincero...*

Não punha crédito nas palavras. Pareciam vazias de significado. Era como se os termos servissem apenas para vestir os sentimentos, dando-lhe uma forma definida, quando, na verdade, a complexidade das emoções revelava que se cruzavam os intentos de caracterizar os fatos pelo prisma de sua voluntariedade.

*Estou adquirindo um senso crítico levado às últimas consequências. A perdurar esta manifestação de desagrado íntimo, como se minha alma se acusasse de maldades e malefícios que, absolutamente...*

Novamente tropeçava na tradução dos conceitos e seus pensamentos se confundiam, de modo que acabou embaraçado em lembranças imprecisas, coisas da infância misturadas com a pregação sacerdotal, enquanto outros elementos mentais se infiltravam, como produzidos em desesperos de mau sonho, em pesadelo único, forte, a testemunhar toda a fragilidade de sua covardia.

O sentimento que resultava do conjunto tomou-lhe algum tempo:

*Serei ou terei sido covarde? Por que essa impressão rústica, objetiva, direta, como se fosse uma martelada no dedo, tão concreta me parece? No entanto, não tenho medo de enfrentar o julgamento do Pai, tanto que menosprezei a ideia de estagiar no Purgatório, querendo desde logo adentrar o Paraíso.*

la por aí nessa expectativa lúdica, mas a consciência não lhe permitia que divagasse sozinho, conduzindo a imaginação para onde desejasse. Havia de considerar o sonho de um momento antes, mesmo porque não se reconhecera adormecido. Apenas havia ficado confuso, tanto que não se fixava mais em nenhuma ideia claramente definida.

*Tenho de me adaptar a esta nova situação. Eufrásio, dentro deste ambiente, deve ser poderoso, tanto que só ele é que teve acesso à minha personalidade. Se está mal intencionado, pelo menos não demonstrou. O demônio não destruiria o próprio império. Tenho de me determinar a recordar-me constantemente dos textos sagrados, para que não fuja dos objetivos da salvação, porque Jesus se sacrificou pela humanidade, tanto que lhe segui na esteira, esforçando-me por tornar-me um dos seus representantes humanos, para ajudar as almas a aceitarem...*

Parou diante da repetição do termo sacrifício.

*Como é que eu mesmo estou envolvendo-me na defesa da minha vida, quando nunca antes sequer duvidei de que tivesse traçado o justo caminho, em peregrinação segura para os campos de Deus? Não fui sagrado padre e monsenhor? Não comunguei dos*



*ideais cristãos e não defendi a pureza da instituição religiosa?...*

Não conseguiu prosseguir, recordando-se, em flashes de recordação, que algumas estrepolias morais havia patrocinado, já envergando a batina.

*Se vou ficar a lamentar os meus pecados, não se justifica o fato de haver confessado todos eles e de ter recebido a competente absolvição, tanto que os atos de contrição e as penitências não foram tão rigorosos. Terei deixado mágoas nos corações? Certamente, mas não dei amparo a todas...*

Hesitou em trazer ao consciente os episódios mais negros dos relacionamentos humanos. Sentia vergonha, porque supunha que poderiam ser evidenciados através do seu corpo espiritual. Se Eufrásio lia tão bem em sua aura, era de temer que...

Novamente interrompeu a seqüência das conclusões. Assaltou-lhe a perspectiva de que *Deus teria muito maior (que digo eu?!)* total possibilidade de saber quem fui (quem sou) e quais os resultados de minha passagem pela Terra.

Já não separava as reflexões pragmáticas e frias do calor das recordações pejudadas de emoções. Pensou em orar mas logo obtemperou:

*De que me valem as palavras, se todas vêm com carga de significação muito mais extensa do que desejaria empregar? Se fosse um pintor, não saberia como delinear o horizonte, porque as cores se misturam e há fogo no céu e nuvens no chão. De qualquer modo, devo reconhecer que estou confuso, sem domínio da vontade. Sendo assim, posso, ao menos, solicitar ao Pai que faça prevalecer a vontade dele sobre a minha e sobre a de Eufrásio, para que me reequilibre, em função do amor que tendes, Senhor, por todas as vossas criaturas.*

Fechou os olhos, porque escureceu, e somente os reabriu muito tempo depois, quando entrava forte clarão solar pelas frestas da janela.

*Terei dormido?*

Aguardou que lhe respondessem, mas não obteve nenhum aviso externo. Examinou a mente e percebeu que a crise da noite havia deixado sequelas quase imperceptíveis, como se a luz espantasse as sombras da consciência. Objetivamente, passou a examinar o recinto, detendo-se no dossel sobre o leito.

*Não compreendo a necessidade desse cortinado. Será que há mosquitos? Ou estará enfeitando o ambiente como forma de me trazer tranquilidade e segurança, apontando para o fato de haver quem esteja velando por mim? Deve ser isso mesmo, porque o que se guardaria nessa cômoda? Roupas de cama? E para que, se tudo o que vejo parece elaborado por comparação com o que estou desejando?*

Parou para refletir sobre o que havia disposto em pensamento. Pareceu-lhe incoerente e sem sentido. Sobre o criado-mudo, o breviário e os óculos.

*Será um mudo convite para a leitura? Mas se não estou mais sobre o orbe, se não tenho aqui o status de sacerdote, porque minha consagração não envolvia a vida de além-túmulo, por que iria volver o pensamento aos ensinamentos de Jesus, o qual, conforme sempre soube, pregou aos homens e não aos espíritos?*

De novo colocou em dúvida as ideias que lhe brotavam. Sentiu-se inseguro. Recordou-se do retrato cinético em que se via caminhando apoiado num braço amigo.

*Acho que foi uma clara indicação de que não conseguiria andar sozinho por aí. Será que Eufrásio vai demorar para me ajudar a pensar sobre as minhas questões?*

Foi imaginar que o amigo pudesse comparecer e já se arrependia do atrevimento, porque não lhe parecia justo que ficasse a dever todos os esclarecimentos ao amigo.

*Se ele foi capaz de chegar a entender muita coisa que tem vivido neste ambiente, eu também poderei fazê-lo. Tenho de caminhar um pouco pelo quarto, senão vai acontecer de me sentir aleijado e dependente. Afinal de contas, tenho o meu discernimento e desde que mamãe...*

Foi a primeira recordação afetiva que o comoveu pelo lado das boas lembranças, despertando-lhe ternos sentimentos, os mesmos dos últimos tempos em que passou entrevado no leito do convento. Mas não demorou a refazer a imagem da querida pessoa, porque se deixava envolver pelos acontecimentos antigos relacionados ao profundo desprezo que dedicou àquela mesma figura. Desejou afastar de si o cálice das amarguras e arremessou as pernas para fora da cama. O movimento brusco despertou-o para as sensações do presente.

*Pela facilidade com que me movimenteiei, é bem possível que minhas pernas me sustentem o corpo. Se tiver juízo, vou me lembrar dos tempos em que caminhava lépido pela praia ou pelo passeio público, para impulsionar a minha personalidade na direção da pujança física e não da degradingolada da velhice doentia. Se bem entendi o que disse Eufrásio, aqui o pensamento se plasma e se transforma em ação. Sendo assim, vou considerar-me apto a restaurar o uso das pernas.*

Pensava e ao mesmo tempo ia tocando o solo com os pés. Primeiro, o direito; depois, o esquerdo, apoiado no colchão com ambas as mãos, como um bebê que está aprendendo a descer um degrau. Mas foi adquirindo confiança, até que se surpreendeu de pé, sem muleta.

*Será que terei coragem para ir até a janela? Ou será melhor dar dois passos até a cômoda?*

Decidiu-se pela cômoda. A deslocação dos membros inferiores foi penosa. Não sentiu dor alguma, no entanto, era como se as pernas estivessem adormecidas. A deslocação pareceu-lhe uma aventura. Mas, de repente, se viu ao lado do móvel, sem a impressão de que caminhara.

*Terei mudado os passos ou vim até aqui utilizando-me apenas do poder da mente?*

A última hipótese parecia corroborada pelas explicações do amigo a respeito de como se dava a comunicação entre eles. Como não sofrera nada e como não se viu ameaçado de cair, imaginou-se indo até a janela. Mas não saiu do lugar.

*Tenho é que dar um impulso aparentemente físico, intentando deslocar-me efetivamente.*

Antes de unir a ação ao pensamento, perpassou-lhe pela mente que estava raciocinando em termos da natureza incorpórea do etéreo, para o que empregou o vocabulário preciso. Meditou sobre a facilidade com que aprendera esses primeiros embalos espirituais e chegou a criticar o fato de aplicar várias palavras com o mesmo significado.

*Não seria bem melhor que a cada ação, objeto ou pensamento correspondesse uma única palavra ou expressão?*

Quando duplicou palavra através de expressão, sorriu complacente consigo mesmo:

*Tenho ainda muito que aprender, mas, se continuar extraindo de meu próprio*

*arquivo intelectual...*

Nesse momento, passou-lhe pela cabeça que poderia estar sendo imantado a distância pelo companheiro, conforme a experiência telepática que tinham tido.

*Vou deixar essa prática... esse diálogo... essa conversação, para quando nos encontrarmos de novo. Se ele não apareceu, com certeza irá justificar a ausência com o mais rigoroso modelo lógico, como tudo o mais que procurou passar-me. Se tudo aqui for tão filosófico como a amostragem que recebi, tão cedo não vou me encontrar com o Senhor.*

Balançou a cabeça desaprovando de novo a iniciativa da reflexão, dando demonstrações íntimas de que criava a suspeita de estar sendo injusto. Buscou caracterizar a natureza da injustiça mas, nesse ponto, se viu limitado na desenvoltura com que vinha alcançando entender o que se passava consigo mesmo.

*Acho que está na hora de ir até a janela.*

Disse e tentou dar um passo à frente. De pronto se encontrou exatamente no local em que desejara estar. Aí, foi uma festa. Quis voltar para junto da cama. E logo ali estava. Foi para perto da porta. Voltou para junto do móvel. Aproximou-se do criado-mudo. Apanhou o livro e os óculos. Abriu numa página qualquer mas não enxergou as letras que se embaralhavam. Levou aos olhos as lentes e observou que as frases ganhavam textura em linhas, dentro das páginas.

*Tenho a certeza de que, se me esforçar, vou ler muito cedo sem precisar do auxílio técnico.*

Depositou o livro e os óculos de volta e se dirigiu até a janela. Queria observar o exterior. Mas não conseguiu decifrar o modo de abrir as folhas. Tentou enxergar através das frestas, mas a intensidade da luz impediu que visse qualquer coisa. Voltou meio desconsolado ao leito.

*Será que deverei solicitar ajuda para abrir uma simples janela? Ou estou preso de propósito, para curtir as minhas memórias, sofrendo os horrores de uma consciência pejada de pecados?*

Ocorreu-lhe, contudo, que não deveria abater-se:

*Se estou preso, evidentemente é porque provooco algum tipo de perigo aos seres que se responsabilizaram pela minha estadia neste local. Eufrásio disse que estou internado num hospital. Ora, devo, portanto, estar doente. Só assim se compreende que me veja isolado da sociedade dos espíritos, a crer que seja essa a denominação mais corrente nestas paragens para os que demandam o céu. Tenho, então, de esforçar-me para entender como é que vou conseguir sair deste quarto, uma vez que não é possível imaginar que vá passar toda a eternidade nestas condições. Isto, sim, seria infernal.*

Parou para levantar uma suspeita que lhe roçou o pensamento:

*Por certo, não sofrendo nenhuma pressão externa, quer física, quer moral, os meus algozes são a minha própria consciência e o meu organismo debilitado. Se não me ministrarem remédios compatíveis com a necessidade orgânica, se é que a medicina esteja avançada nesta dimensão (admirava-se de empregar vocabulário assimilado há tão pouco tempo), talvez o tempo transcorra em sentido inverso daquele corpóreo, onde as pessoas envelhecem. Sendo assim, posso esperar rejuvenescer, o que me foi prometido por Eufrásio, em clara alusão que vou moldar o meu corpo espiritual, o meu perispírito, conforme a*

*denominação que me ensinou. Por outro lado, no aspecto moral, as coisas vão desandar, se não me oferecerem nenhuma companhia com quem possa exercitar o meu poder de comunicação. Fazendo clara a alusão que captei do fundo da consciência (ou seria através de manifestação do inconsciente?)...*

Buscou Deodoro caracterizar-se psiquicamente, segundo as raras noções hauridas nas leituras das ciências psicológicas. Mas viu-se desprovido de instrumental linguístico apropriado para as definições. Sempre esteve às voltas com os preceitos religiosos, de modo que a palavra alma era a que mais efetivamente correspondia aos seu conceito de centelha imaterial e divina encapsulada em sua mente ou em seu coração, já que não conseguia fixar a sede em que residiria o seu espírito, justamente a sua própria pessoa, como três eram as pessoas que concebia para a Santíssima Trindade.

*A acreditar em Eufrásio, existe uma dualidade imbricada em mim, porque tenho um corpo perispiritual e um espírito. Encarnado, ou seja, vivo, haveria uma terceira camada carnal, do mesmo modo que as frutas possuem várias seções: casca, polpa e sementes, por exemplo. Mas esse exemplo é muito rudimentar. Quem sabe os vegetais também tenham um corpo espiritual e um espírito?*

Sentiu fortemente a ironia das reflexões. Não gostou de se ver alvo do próprio ridículo, uma vez que não iria alcançar ninguém com tal observação.

*Não faz mal, concluiu, guardo para um momento oportuno.*

Percebeu que a atitude revolia um problema antigo, desde os tempos em que se iniciou nos estudos, quando preparava as respostas às questões que lhe eram propostas pelos concorrentes, nas aulas em que se discutiam as opiniões, para se firmarem as regras, normas e leis. Viu-se astuto e hipócrita.

*Acho que estou sendo muito rigoroso com aspectos menores de minha personalidade. Se fizesse um armazenamento de ideias para ofender os que contra mim sempre litigaram em todos os campos dos relacionamentos humanos, teria desenvolvido muita maldade íntima, a ponto de me crucificar a mim mesmo, no exame perspicaz de minha natureza como ser criado por Deus mas educado nos termos de uma sociedade opressora, como...*

la cair na esparrela de considerar a Igreja Católica como madrasta e não como santa mãe. Estranhou muito que tal crítica lhe brotasse tão espontânea e nítida. Contristou-se por não ter podido controlar os pensamentos e orou em voz alta um Credo, enfatizando o creio na Santa Madre Igreja e o creio na comunhão dos santos, para deixar claro ao padroeiro que estava sob a responsabilidade dele, fazendo, portanto, jus a ser agraciado pelos influxos da divina paz, porque se confessava pecador.

Iria resvalar para uma depressão mais profunda, se não desse com os olhos no breviário.

*Vou ler algumas páginas, decidiu-se.*

Pegou o pequeno volume, abriu-o ao acaso mas não logrou ler nada. Apanhou os óculos, equilibrou-os sobre o nariz e buscou decifrar algum trecho da doutrina de Jesus. Mal e mal, conseguiu ler:

*“Não pensem que eu vim destruir a lei ou os profetas; eu não vim em absoluto para destruí-los, mas para cumpri-los; — pois eu lhes afirmo em verdade que o céu e a terra não passarão jamais, enquanto tudo o que se acha na lei não estiver cumprido integralmente,*

*até mesmo um só jota e um só ponto.” (São Mateus, V: 17 e 18.)*

Vibrou com a afirmação de que Jesus respeitava a lei de Moisés.

*Sendo assim, tudo o que possa estar ocorrendo no cérebro de Eufrásio cai por terra, segundo o que o Cristo trouxe aos humanos.*

Quis refazer a frase, porque Jesus não teria trazido mas levado, já que se situava noutro plano.

*Não importa: o livro que tenho em mãos pertence a esta realidade e me foi trazido pelas pessoas desta dimensão. Não está escrito que o céu também não passará? E tudo vai cumprir-se integralmente, conforme foi predito pelos profetas. Que profetas?*

Aí embatucou. Os profetas, segundo se recordava muito bem, asseveravam que era Deus quem estava fornecendo-lhes as previsões. Quando Jesus falava em dar cumprimento às palavras dos profetas estava, na realidade, respeitando a vontade do Senhor, do seu Pai, dele mesmo, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Nesse ponto da digressão, veio-lhe nítida na memória a figura de seu pai terreno, aquele senhor ponderado e sólido, cuja riqueza se desfez na caridade que praticou, inclusive fornecendo víveres e remédios aos paroquianos pobres de sua diocese. Concentrou-se na fase feliz das recordações e se pôs a rememorar a infância, segundo os principais pontos que se lhe fixaram durante a recente visão de conjunto de sua vida.

*Meu pai era uma figura excêntrica, no mínimo. Dava preferência aos meus irmãos, até que me decidi a ingressar no seminário, para ser padre. Aí, voltou-se para mim com laivos de cachorrinho prestimoso, como se me visse apaniguado pelas virtudes mais sagradas. Enxergava através de mim o próprio Jesus e me santificou. Tudo fez para me ver contente até o dia em que o surpreendi... Por que não contei tudo logo pra mamãe? O malandro me chamou de lado e me disse que confessara ao padre e que fora perdoado por Deus. E eu acreditei...*

Diante da fraqueza na convicção, Deodoro se pôs muito aflito. Quis ler outro trecho, mas não foi capaz. A vista estava embaciada da mesma forma que nos derradeiros tempos do cativo carnal. Deitou-se com esforço, percebendo que os membros inferiores se recolhiam. Quis esfregar os olhos, mas as mãos não obedeceram, porque não teve nenhuma sensação tátil, quer no rosto, quer na ponta dos dedos. Antes de desmaiar, teve a impressão de que sua figura humana havia desaparecido.

Muito tempo depois, segundo pôde perceber pela escuridão do quarto, acordou. Havia tido uma conversa consigo mesmo, daquelas que deixavam marcas profundas na personalidade e havia deliberado que sairia daquele lugar de qualquer maneira.

*Verdadeiramente, o fato de me largarem sem assistência é de menosprezo pela pessoa que sou ou que fui, na ajuda aos desesperados, ao ouvir as confissões dos pecadores, ao levar o conforto da extrema-unção aos moribundos, ao estimular as virtudes e ao deblaterar os crimes e os criminosos. Nem na cadeia os presos ficam relegados a si mesmos, que o isolamento só se destina aos jurados de morte pelos detentos e, ainda assim, são visitados por parentes, amigos e sacerdotes de todos os credos, para se evitar que os pensamentos torpes os levem à loucura. Têm esperança, o que me está sendo negado neste instante de precisão. Por que Eufrásio não vem me ajudar neste transe? Ou o meu anjo da guarda? Repeti todas as minhas orações tantas vezes e de nada adiantaram para a comoção dos seres bons, dos espíritos iluminados, dos protetores espirituais, dos*

*benfeitores da alma...*

Nessa conclamação geral das forças do além iria ficar ainda por um bom tempo, até que, à vista da inutilidade dos rogos, passou a imaginar quanta ofensa seria capaz de atrair alguém para contestá-lo. Mas as palavras não se carregavam de poder destrutivo, não lhe passando sequer pela mente chamar ninguém de injusto, pois logo retemperava a observação com as razões que a consciência lhe passava, fazendo-o sentir que estava em situação precária, inferiorizado perante a existência, inútil e magoado, sem oferecer seu braço para o apoio aos trôpegos, nem seu ombro para as lágrimas dos sofredores, nem suas palavras para o conforto dos alucinados.

*Estou dando vazão a sentimentos que absolutamente não tenho o poder de dominar. Se prosseguir nesta atitude, nada de bom vou poder oferecer ao meu protetor Eufrásio, pois, pelo menos, ele se dignou aparecer para conversar comigo. Pena que tenha sido muito rude com ele, pelas ideias que fiz questão de contestar, não tanto pelos argumentos mas muito mais pelo repúdio que devo ter deixado transparecer e que ele comentou claramente, para me fazer inteirado de que era capaz de saber como eu estava reagindo. Foi honestíssimo para comigo e eu o desafiei, mesmo assim, sem perceber que a minha ignorância era completa segundo a ciência desta realidade, sem notar que tudo o que eu sabia estava inscrito nos roteiros dos conhecimentos que arqueei durante a peregrinação terrena. Se você estiver ouvindo-me, querido amigo, perdoe-me e volte para me ajudar.*

Aguardou com certa ânsia que voltasse o outro, mas permaneceu sozinho.

Lamentavelmente, vou ter de criar de novo a minha personalidade material e determinar-me a uma atitude mais drástica, quando gostaria de me ver instruído...

Recordou-se de que havia caminhado através do quarto quando Eufrásio estava ausente. Buscou esticar as mãos e os pés e facilmente reconstituiu a figura anterior. Com facilidade, aproximou-se da janela, notando que havia um fecho simples, um gancho que desprende, escancarando as folhas. A janela abria-se para um pátio ajardinado, florido, bem cuidado. Ao redor, erguia-se um alto muro. O local estava deserto: nem pessoas, nem animais. Aspirou o aroma e só então notou que havia uma claridade suave, como se o ambiente estivesse recebendo a luz de diferentes pontos, artificialmente. Ia pensar no desperdício da energia, mas conteve-se a tempo, retrucando que a sua perdição estava em implantar na realidade desconhecida os preconceitos terrestres. Atravessou o vão da janela e se viu entre as árvores, que tocou temeroso de surpresas. Mas os troncos eram troncos, as folhas, folhas e as flores, flores, segundo sua experiência.

*Gozado, quando faço uma conjectura, logo me vem à ideia que estou sendo precipitado. Quando examino com os sentidos, constato que poderia muito facilmente ter concluído de acordo com a realidade. Isto é muito esquisito. Se Eufrásio estivesse presente, era um ponto interessante para ser esclarecido. A menos que eu esteja sendo orientado pelas lembranças anteriores à minha vida, porque, se não fui criado para viver na Terra, então devo ter guardado, em algum ponto de minha psique, de meu espírito, de minha alma (claro!), como se comporta a natureza de além-túmulo. Mas isto seria negar tudo o que eu trouxe comigo e que preguei aos paroquianos...*

Precisou sentar-se num banco de pedra que encontrou como que disposto a ampará-lo. O pensamento de que poderia ter passado a vida a ensinar tudo errado às

peças assumiu lugar na mente e no coração de Deodoro, a ponto de assoberbá-lo completamente. Sentiu a frustração da perda da individualidade, como se lhe desfizesse o ser no nada dos materialistas e dos positivistas, o que ele tanto vergastou. Deixou-se estar alienado do que era, do que poderia vir a ser, preso a um momento que não iria passar jamais, sem passado e sem futuro, que tudo lhe estava sendo negado. Era como se houvesse perdido o interesse em existir.

Acostumado a esperar a morte, impossibilitado de movimentar-se no leito desde alguns anos, Deodoro não sabia mais o que era ter pressa. Assim, deixou-se ficar alheado naquele recanto paradisíaco, muito melhor provido de delícias do que de sugestão de tristezas. A natureza do local era acolhedora e se deixava impregnar de suaves fragrâncias. Mas o sacerdote não prestava atenção em nada que não fosse o seu roteiro frustrado de vida, não acreditando que tivesse permanecido tanto tempo imbuído de sacrílegas teorias, sacrílegas sim, porque não era capaz de conceber que a religião que professava não lhe dissesse toda a verdade.

Apoiado com as palmas da mão sobre o banco, sentiu que lhe doíam os braços. Era a primeira sensação de dor. Reagia-lhe ao impacto com imensa satisfação, porque criou a convicção de que poderia, se quisesse, aliviar a tensão provocada pela pressão que exercia, agora de propósito, contra a rigidez do mármore.

*Será que, se der uma forte batida, irei ter a resposta da mágoa física? Até agora estive insensível para a realidade material desta região. Agi como se imerso num campo absolutamente energético, vibrátil, sem contextura, como se bailasse na atmosfera, sem peso. Entretanto, as reações mentais estão fortemente excitadas pelo pavor de me deparar em zona de domínio das forças do mal. Olhando ao redor, mesmo dentro do quarto em que me encerrava, nada encontro que me torne um sofredor. Todas as emoções desagradáveis provêm das frustrações da minha vontade, do meu saber, da minha inteligência. Se a verdade não se encaixa nos princípios que reduzi a simples visão cósmica fundamentada nos cânones católicos, também não posso acusar a Divindade de me haver enganado, tanto que estou em paz neste ambiente tranquilo. Não se trata do Paraíso, evidentemente, porque me sinto infeliz e minhas lembranças são a minha perdição. Contudo, este ambiente reproduz a ilha de felicidade em que Adão foi colocado, logo que Deus o criou. Desejou ele alguém com quem partilhar as benesses superiores e o Pai lhe deu Eva. Está visto que tudo foi extraordinariamente simplificado para o entendimento dos humanos. Agora que estou neste verdadeiro paraíso, a minha vontade é a de prosseguir numa vida de contato com os outros seres, porque sinto falta da convivência, ainda que precária, de pobre e inculta enfermeira, como a madre que me serviu nos últimos anos.*

Dava vazão aos pensamentos com alguma incoerência, mas não punha preocupação nem sentido no fato. Queria fazer o tempo passar, para que alguma ideia luminosa lhe ocorresse, como quando saiu do leito da primeira e da segunda vez. Algo deveria suceder para levá-lo um pouco mais adiante. Reparou que o jardim merecera os cuidados de mãos habilidosas e que o muro e, mais, o prédio revelavam apuro de construção. A curiosidade de comprovar a textura dos materiais levou-o a aproximar-se do paredão, quase totalmente coberto de finas heras, trepadeiras que se agarravam nos interstícios dos grandes blocos e que derramavam pelo espaço as cores vivas de suas flores.

*Se eu estivesse mais contente com a situação moral, se não me visse tão pequenino*

*como nunca na vida, teria motivo para me rejubilar através do exame dos objetos. Se tivesse sido um cientista, se tivesse dedicado mais tempo à biologia ou à geologia, iria saber classificar as espécies das plantas e reconhecer as rochas das construções.*

Volveu ao banco, percebendo que estava sentindo como que uma carga nas costas. Afagou o pescoço e sentiu-o dolorido.

*Se estou começando a receber o impacto do peso sobre a musculatura, por certo será porque existe algo parecido com a força gravitacional. Dos diversos sentidos, só me falta experimentar o sabor dos frutos. Mas não estou com fome nem com sede.*

Foi então que reparou que existia, no fundo do jardim, pequena fonte de águas cristalinas, que lhe sugeriu a ideia de experimentar o poder gustativo. Caminhou sem dificuldade até lá, abaixou-se, pôs as mãos em concha, apanhou um pouco de água e levou à boca. Só então despertou para o fato de ter sentido o gosto salgado das lágrimas que enxugara no dia anterior. Aquela água estava puríssima, sem sabor e sem nenhum odor, com a textura dos líquidos a que se habituara.

*Vou colher uma fruta, embora não saiba de que espécie se trata...*

Lembrou-se da proibição do Jardim do Éden.

*Terá Deus interditado os seres desta casa de colherem o fruto do trabalho dele? Será que este é o verdadeiro pomo do conhecimento colhido por Adão? Se fosse esta a Árvore da Vida, não deveria estar aqui um anjo a guardá-la contra os desejos malévolos dos desobedientes? E não estaria ele empunhando um gládio rutilante, cuja incandescência colocaria em fuga os atrevidos?*

Balançou a cabeça desconsolado. Reconhecia que a sua fé ia muitíssimo além da compreensão comezinha dos fatos, em sua realidade histórica.

*Se este local me oferece tanta tranquilidade e se não me foi nada imposto, nem ao menos no sentido da coerção física, se estou apenas enegrecendo a alma pelos meios insólitos da restauração mental dos acontecimentos desagradáveis da vida, aliás, pelas consequências e comprometimentos em relação aos conceitos religiosos que fui rompendo e cujo restabelecimento forçava por meio dos recursos da confissão, do perdão e da comunhão, repetindo-os maliciosamente, porque não me arrependia verdadeiramente, tanto que pensava em repeti-los tão prazenteiros eram, afirmando intimamente que todos os homens não revestidos de poder eclesiástico tinham plena autonomia para usufruir deles, então devo acreditar que posso provar de cada fruto deste pomar magnífico.*

Só então atinou com o fato de haver penetrado jardim adentro, estando agora envolvido pela densa formação de poderosa e variada vegetação. Elevou os olhos para o alto e percebeu que o céu ganhava tonalidade azulada, como se estivesse amanhecendo o dia. A luz crepuscular punha rebrilhos nas folhas e carregava o verde mais claro de tons que definiam o rendilhado da contextura celular. Ergueu o braço e pegou num fruto que lhe pareceu uma maçã, embora a árvore fosse muito copada, bem diferente das macieiras que tão bem conhecera nas férias europeias. Mas não conseguiu destacar a fruta, por mais que imprimisse vigor no gesto.

*Não vou desistir facilmente. Vou colher o que me parece de meu direito.*

Puxou com tremendo repelão mas o pomo resistiu. Insistiu diversas vezes. Procurou algo com que pudesse bater no galho ou um objeto cortante, mas nada encontrou. Cismou de morder a fruta ali mesmo no galho, mas não logrou sequer marcar a macia capa



protetora da casca aveludada.

*Que estará acontecendo comigo? Que violência é esta? Que direitos tenho eu aqui? Se, ao menos, estivesse faminto, mas encontro-me como que saciado, apesar de não me lembrar de haver comido nada desde que atravessei o Estige trazido por Caronte.*

A recordação mitológica levou Deodoro a desviar-se da preocupação do momento. Várias poesias árcades lhe perpassaram rapidamente pela memória, idílicas, bucólicas, em que a paz da paisagem se integrava à alma das personagens, numa felicidade plena, na comunhão do ser humano com a natureza dominada e convertida em paraíso. Imergiu nos tempos de abastada fartura, de sólida saúde, de total segurança, quando em vilegiatura pelas casas dos bispos e cardeais, imensas mansões que recebiam o pomposo nome de mosteiros, de conventos, de eremitérios, de igrejas...

A contradição da bem-aventurança dos poderosos senhores mandatários das ordens religiosas se opôs ferozmente aos campos de batalha que se retrataram nos filmes naturais da Segunda Grande Guerra e Deodoro sentiu-se, de repente, dentro da escuridão úmida de pestilenta masmorra, em que gritos de desespero e de revolta se misturavam atormentados.

Apavorado com a reviravolta na condição de egresso do mundo físico, pôs-se a correr, procurando voltar pelo caminho que o levava para o inferno.

Depois de muito tropeçar nas pedras e de se chocar contra as paredes, suado e sujo, parou para tomar fôlego, porque foi formando-se em sua mente a ideia de que tudo não passava de mera representação mental, tanto as delícias quanto os horrores. Esse pensamento se fundamentava num aspecto da realidade circunstante: nem num lugar nem no outro se encontrou com alma, espírito, duende, gnomo, anjo, seja qualquer espécie de indivíduo dotado de vontade e poder para obstar a sua passagem ou de responder-lhe às questões. Havia indícios da existência de quem ajardinara, de quem construía, de quem gritava e de quem imprecava contra a Divindade e contra supostos inimigos, porque as pessoas que colocara nas alamedas ou nas cenas absurdas da mortandade entre as criaturas pareciam refletir-se na paisagem. Mas a velocidade com que os quadros lhe perpassavam pelo cérebro propiciava certa segurança de que nada do que acontecia tinha o dom da realidade, mas se constituía numa formação de sonho ou de pesadelo.

Concentrou-se para levar adiante a intenção de se afastar de região tão macabra, crendo que teria condições de rejeitar as sensações psíquicas que lhe oprimiam a capacidade de raciocinar, operando as ideias sistematicamente, como quando criava os roteiros dos sermões ou estabelecia os pontos que trataria com os alunos.

Dessa vez, contudo, não alcançou êxito, por mais que se esforçasse. Ao contrário, a perturbação angustiava-o já, pondo-lhe no coração o medo de que era aquela a paragem em que estacionaria por algum tempo. Quase desesperado, sentiu iluminar-lhe o cérebro uma ideia salvadora:

*Imbecil que sou. Pus toda a minha fé em meu poder pessoal. Devo é obter a misericórdia de Deus, confiando-lhe a minha alma e a minha...*

Não sabia como concluir o pensamento, quando ouviu alguém soprar-lhe ao ouvido:

— Diga: a minha condição existencial, porque só o Pai tem o condão de saciar a minha sede e a minha fome de justiça e de verdade.

Desejou reconhecer a pessoa que lhe dera a preciosa informação mas permaneceu cego dentro da mais absoluta escuridão. Se, antes, os corredores lhe sugeriam aberturas distantes por onde se infiltrava tênue luminosidade, agora era como se estivesse no fundo de um poço.

*Devo ser um tolo, porque, sendo padre, estou esquecendo-me do recurso da prece.*

Tentou rememorar as orações, que lhe saltavam da memória com a facilidade dos grãos de milho aquecidos. A imagem se fixou em seu campo de visão mental e chegou a ver as pipocas branquinhas saltando para fora da panela, com seu odor característico, enchendo-lhe a boca de saliva. Eram as suas preces que ele desrespeitava, pisoteando cada milho estourado, desprezando o efeito para os seus sentidos aguçados, agora sim, pelo prazer que renunciava a degustação do acepipe. Quem estivesse a contemplar as reações de Deodoro saberia definir-lhe o desequilíbrio e a loucura, bastando comparar os diferentes sentimentos, emoções e pensamentos, desde que se viu coberto pela mortalha.

Deodoro permaneceria nesse estágio durante algum tempo, vagando sem destino até encontrar uma abertura para o descampado. Falava sozinho, como se respondesse à misteriosa voz que ouvira tão nítida.

*Não vou dizer que tenho vontade de saber a verdade nem posso considerar-me injustiçado. Se disse muitas mentiras, fui ingênuo e puro, porque me fizeram crer em que assim deveria ter sido. Se cometi injustiças, lamento muito.*

Ouviu vozes por perto mas nem sequer se apresentaram vultos. Apanhou pedras pelo chão e arremessou-as no vazio.

*Ao menos, se atingir um qualquer, terei alguém para quem pedir desculpas, para que me perdoe.*

E ia cada vez mais longe, pensando que não tinha nenhum ponto de referência.

*Aquela voz me pareceu muito familiar. Não era do Eufrásio, certamente. Já sei: é a voz que costumava ouvir às vezes, meio sonolento, como a me chamar a atenção. Quase sempre era um simples Deodoro!, como se uma voz antiga, lá da minha infância, me lembrasse de que deveria prestar atenção a algum tópico importante.*

Mas não punha fé nas próprias palavras.

*Se, algum dia, escrever a história de minhas desventuras...*

Surpreendeu-se com a conjectura.

*Que importância haverá para alguém saber o que se passa comigo nesta escuridão mal-assombrada? Que dramas carrego comigo que possam vir a ser o farol a iluminar a estrada de alguém iludido? Se os mortos viessem, ou melhor, fossem alertar os vivos, seria como na história do rico e do mendigo.*

Esforçou-se por recordar a passagem bíblica. Como por encanto, como se estivesse com o Evangelho de São Lucas na mão, seguiu a leitura que perpassou claramente pela memória, inclusive os elementos de localização: XVI: 19-31.

*“Era uma vez um homem rico que se vestia de púrpura e de linho, e que se tratava magnificamente todos os dias. — Era uma vez também um pobre, chamado Lázaro, estendido à sua porta, todo coberto de úlceras, — que se satisfaria com as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém as oferecia a ele, e os cães vinham lambe-lhe as chagas. — Ora, ocorreu que esse pobre morreu, e foi arrebatado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também, e teve o inferno por sepulcro. — Quando ele se achava nos*

*tormentos, levantou os olhos para cima, e viu de longe Abraão, e Lázaro em seu seio; — e gritando, ele disse estas palavras: Pai Abraão, tenha piedade de mim e envie-me Lázaro, a fim de que ele molhe a ponta de seu dedo na água, para me refrescar a língua, porque estou sofrendo extraordinários tormentos nesta chama. — Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembre-se de que você recebeu seus bens em sua vida e de que Lázaro teve apenas males; eis porque ele agora se consola e você se atormenta. — Ademais, existe para sempre um grande abismo entre nós e você; de sorte que os que desejam passar daqui até você não conseguem, como não se tem como passar para cá do lugar onde você está. — O rico lhe disse: Eu lhe suplico, então, Pai Abraão, que o envie à casa de meu pai, — onde eu tenho cinco irmãos, a fim de que ele lhes ateste estas coisas, no receio de que eles mesmos venham também a este lugar de tormentos. — Abraão lhe retorquiu: Eles têm Moisés e os profetas; que eles os escutem. — Não, Pai Abraão, disse ele; mas se algum dos mortos for encontrá-los, eles se penitenciarão. — Abraão lhe respondeu: Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, eles não se convencerão tampouco, mesmo quando algum dos mortos ressuscitar.”*

Pareceu claríssimo ao sacerdote que havia alguém a ampará-lo, mesmo que sem aparecer. Antes de meditar sobre o texto revivido, orou por Jesus, pela ajuda evangélica que recebia, e agradeceu ao Pai a existência daquele poder revitalizador, tanto que algo tão importante estava acontecendo em sua mente.

*Devo transferir para o coração este discernimento, para sentir mais palpavelmente que tenho algum mérito, de empréstimo, é verdade, mas muito útil para me tranquilizar.*

Pensou a respeito do tema que o conduziu à parábola do mau rico e viu claramente que a sua história, por melhor contada que fosse, não iria surtir nenhum efeito junto, justamente, às almas das pessoas que, como a dele, estivessem necessitadas dos esclarecimentos que se punha apto a ministrar. E repetia quase inconscientemente:

*“Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, eles não se convencerão tampouco, mesmo quando algum dos mortos ressuscitar.” “Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, eles não se convencerão tampouco, mesmo quando algum dos mortos ressuscitar.” “Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, eles não se convencerão tampouco, mesmo quando algum dos mortos ressuscitar...”*

Enquanto se alienava do consciente, formava-se nos recônditos de seu pensamento a suspeita de que pudessem estar com a razão aqueles que afirmavam receber notícias dos familiares e de pessoas falecidas, conforme tinha conhecimento, desde que criticara o livro de Allan Kardec.

*Realmente, acho que se me deparasse com Moisés ou com qualquer profeta, na qualidade de membro integrante da minha religião, não admitiria que a sua personalidade fosse a mesma que tomou tantas páginas sagradas das Escrituras. Jesus, como sempre, tinha razão. Então, que significado poderei inscrever na minha narrativa que possa mover os descrentes do espiritualismo...*

Refletiu a respeito do termo espiritualismo. Sabia que deveria dizer espiritismo, conforme o neologismo de Kardec, porque se lembrava das explicações contidas em **O Livro dos Espíritos**, mas ainda sentia calafrios ao pensar na simples possibilidade de aceitar algo que contrariasse efetivamente os dogmas a que jurara fidelidade.

*Devo estar ficando louco, porque não consigo pensar com clareza sobre os*

*assuntos. Tendo em vista o fato de estar em estado de erraticidade, deveria submeter-me às condições ambientais e suspender qualquer ligação com o passado, principalmente no sentido das parlengas que mantive de púlpito e de cátedra, para que não se cristalizasse nas mentes dos paroquianos e dos alunos, a tentação do demo, para desviá-los do reto proceder relativamente aos mortos. Quantas vezes, sugeri que se encomendassem missas em ação de graças e em intenção das almas que suspeitávamos umas no seio do Senhor, outras nas regiões purgatórias. A crer em que estivesse errado, conforme tenho comprovado, deveria rogar ao Pai que me atendesse aos reclamos de assistência...*

Lembrou-se de Eufrásio e de suas palavras de advertência.

*Evidentemente, o culpado de ter perdido a oportunidade de permanecer naquele quarto tranquilo sou eu mesmo, que resolvi tornar claro que não admitia as razões de um morto, exatamente como na fala de Jesus reproduzida por São Lucas. E eu nem estava mais entre os vivos!...*

Novamente imergiu em cismas, permitindo que muitas ideias cruzassem sem configurar associações lógicas, para exprimir-se em pensamento que pudesse apreciar criticamente. Deixava-se levar pelos impulsos de toda sorte, misturando as verdades incontestadas e as sugestões refutadas, os acontecimentos vivenciados e as narrativas fabulosas, a peste da literatura e a guerra do cinema, a fome de que ouvira falar e a morte dos suicidas cujas famílias corria a consolar, as lágrimas das mães e o sofrimento de Maria...

*Se Maria, a doce mãe de Deus (ou de Jesus, como quer Eufrásio) não pode vir buscar-me, por que a minha mãe se ausenta? Ou mesmo o meu pai? Terei destrutado tanto os dois, quando pus sem mistérios as suas vidas ocultas? Terei rezado sem piedade, apenas por desforço sacerdotal, para o cumprimento de minhas obrigações eclesiais? Será que meus sentimentos em relação a eles se cristalizaram pela falência do primeiro instante, na decepção profunda que me causaram?*

Aquela mesma voz soou, categórica:

— Meu caro, os seus pais estão carregando, de novo, corpos terrenos. Esqueça-se deles, por enquanto.

Desta vez, sabia que não tinha sonhado. Mas não insistiu em que o dono da manifestação aparecesse. Simplesmente, agradeceu-lhe a atenção:

— Muito obrigado, amigo, seja você quem for. Diga-me, então, a quem devo invocar para que me ajude nesta circunstância?

Mas a pergunta não obteve resposta.

Então Deodoro desabafou:

*Como é que estou tentando o contato com gente mais importante, sem revelar tudo o que verdadeiramente penso e sinto? Tenho hesitado em referir-me à impressão de que tenho sido relegado...*

Mas não prosseguiu. Não queria pôr à mostra todas as sensações íntimas de rebeldia, de revolta.

*Se não tivesse vivido noventa e tantos anos, se tivesse morrido aos sessenta e poucos, com certeza teria mais definida a vontade de acoimar as pessoas, conforme o ajuizamento que delas fazia. Agora, acostumado com as restrições dos anciãos, ponho a responsabilidade nos outros, inclusive quanto às advertências, seguro de que cada qual*

*carrega o fardo que ajudou a montar. Se estou sozinho, desejando a companhia de quem esteja livre para me atender, deveria imaginar que essas pessoas não estão carregadas de pesos conscienciais, caso contrário, que recursos possuiriam para me aliviarem a minha carga? E se quem aparecer vier tão carente de auxílio quanto eu, de que me adiantará a sua presença? Se for para chorarmos juntos, prefiro, então, encontrar quem esteja em pior situação, porque, assim, terei alguma utilidade.*

A reflexão levou Deodoro a meditar a respeito do braço de apoio que viu retratado no espelho. Instintivamente, levou o braço à frente, como para sustentar a debilidade triste de algum sofredor maior que ele. Ninguém, todavia, se aproveitou do oferecimento. Ao contrário, ouviu distintamente que xingavam ao longe uma personagem cujo nome pareceu repercutir nos refolhos de sua memória.

*Antenor. Onde será que ouvi esse nome? E, no entanto, não me parece absolutamente estranho.*

Fez um esforço mental mas lhe foi impossível configurar alguém de suas relações. O braço estendido começou a pesar-lhe e desviou-lhe o interesse para as atividades de assistência aos necessitados que exercera durante quase a vida inteira.

— *Não haverá um único paroquiano que se condoa do antigo preceptor espiritual?*  
— insistia ainda, não percebendo que chamava por alguém mais evoluído.

## O MOSTEIRO

Notou Deodoro que penetrava uma claridade tênue por passagem lateral. Caminhou meio trôpego para aquela banda, cansado, e pôde reconhecer uma abertura bastante rústica.

— Irmão, não se esqueça de que Jesus, que era Deus ele mesmo, após a crucificação, desceu aos Infernos, onde permaneceu três dias. Não estranhe que você tenha sido tentado de todos os modos a renegar a sua fé. Você esteve em mãos diabólicas, mas, graças a Deus, agora está recuperado.

Deodoro queria ver o indivíduo que lhe dizia palavras tão generosas, tão reconfortantes:

— Onde está você, irmão?

— Estou do lado de fora, aguardando a sua decisão de subir os degraus para a salvação.

Deodoro hesitava. Não sabia de onde vinham as reminiscências daquelas expressões. Parecia-lhe que a pessoa que assim tratava com ele deveria descer para ajudá-lo a subir.

— Por que você não vem auxiliar-me?

— É preciso saber se o Padre Deodoro realmente deseja vir para o nosso lado, para prosseguir em sua caminhada rumo ao Paraíso. Se preferir ficar onde está, imerso em sombrios pensamentos, tudo bem. Mais tarde, você, caro amigo, irá resolver-se.

Deodoro não se deixou convencer pelas palavras do outro. Mas a perspectiva de ficar rodando em torno de si mesmo não foi a mais animadora. Decidiu, portanto, partilhar da companhia que se ofertava com menos gentileza do que as nuanças melífluas de suas palavras.

De qualquer modo, pensou, acho que devo antes solicitar-lhe que me acompanhe num padre-nosso.

— Escute, aqui, você aí de fora, vamos rezar uma prece para que Jesus nos ajude, porque eu me sinto muito fraco.

— Tudo bem, Deodoro. Eu começo e você termina. Que tal um padre-nosso?

— Era o que eu tinha em mente.

— Antes, devo dizer que você está me entristecendo com suas desconfianças. Vejo que está temeroso de cair numa armadilha do Demo. Mas eu não vou enganar o nobre amigo. Você não está indo para o Céu, mas também não vai passar nenhuma temporada junto aos caldeirões de óleo fervente. Você acha que o Senhor iria ser tão injusto com um de seus mais fervorosos sacerdotes, alguém que dedicou toda a vida para a Igreja Católica? Pois saiba que o meu nome é Padre Crisóstomo e estou à sua espera faz algum tempo, desde que você abandonou a campa em companhia do Padre Eustáquio.

— Padre Eufrásio, irmão.

— Certamente foi esse o nome que ele lhe deu. Mas, na verdade, queria fazer-se passar por quem não era. Você não desconfiou dele?

— Foi o que mais me preocupou.

— É que faz muito pouco tempo que você chegou. Não teve ainda oportunidade de reconhecer o local para onde está destinado.

— Quer dizer que já estive lá?

— Claro que sim. Deus nos permite que, durante o sono, a gente volte para o local do Purgatório, para encontrar-nos com os amigos mais fiéis, para reafirmarmos os votos de obediência, para o sacrifício da vida por amor de Deus e da Santíssima Virgem.

— Padre Crisóstomo, do jeito que você está falando, é como se nos conhecêssemos.

— Quando você conseguir sair desse buraco escuro, onde não posso entrar, verá quem sou eu e sua memória se restabelecerá.

— Não será como ocorreu com o Padre Eufrásio?

— Padre Eustáquio, por favor.

— Como é que vou ter certeza?

— Do que é que você tem certeza, além de trazer à lembrança os fatos de sua recente vida e de que já transpôs os umbrais na morte?

— Tenho certeza de minha fé em Deus, em sua misericórdia, em sua justiça e nas promessas de salvação do Cristo. E tenho certeza de ter feito o melhor possível para honrar a Santa Madre Igreja, em nome de Deus.

— Pois isso é bem mais do que muitos colegas nossos que aportam deste lado condenando a ausência das legiões de anjos e arcanjos, para a transferência imediata da alma para o Paraíso. Antes, é preciso compreender alguns princípios que nos fazem melhorar, para merecermos ascender aos pés do Senhor. Venha, que eu estou esperando Vossa Eminência.

— Se o amigo sabe quem sou, não deve tratar-me por formalidade que não alcancei. Cheguei a...

— ... monsenhor, é claro. Então, aceite que o chame de Vossa Reverência, que é como eu quero que os que não têm intimidade comigo me chamem, apesar de merecer aquele tratamento que Vossa Reverência recusou.

— Eminência, Cardeal Crisóstomo, quanta consideração! Perdoe-me não ter reconhecido a sua dignidade!

— Vamos ver se o meu abraço vai convencê-lo de que estou aqui para ajudá-lo, porque a sua prolecta figura, caríssimo Deodoro, é de todo respeitável, tantas foram as glórias de seu longo ministério.

Esforçou-se Deodoro por subir os poucos degraus que o separavam da saída. A facilidade com que se deslocara anteriormente estava quase desfeita. Movia as pernas sem presteza e o peso do corpo parecia desproporcional. De qualquer modo, logrou o objetivo, vendo-se fora da masmorra, mas com a vista turva e os membros trêmulos.

Sentiu que o agarravam pelos braços e que o depositavam num banco duro, dentro de um veículo que partiu sacolejante. Aos seus ouvidos, a voz que o recebera naquela região:

— Não estranhe o incômodo da situação. Logo você estará bem melhor, porque vai

ser acomodado numa cela parecida com aquela que ocupou no convento. A sua visão está prejudicada, Reverência, porque os olhos não se acostumam com muita facilidade à luz mais poderosa desta parte do Purgatório.

— Aquele padre que você disse chamar-se Eustáquio...

— Não hesite em chamá-lo de Eufrásio, se é assim que Vossa Reverência se sente melhor. Para nós do mosteiro, tanto faz.

— Mosteiro? Aqui no Umbral existe um mosteiro? De que irmandade?

— Vossa Reverência, Padre Deodoro, está desejoso de saber muita coisa desde cedo. Mas não seja curioso. As descobertas devem ser paulatinas. Não é verdade que já está observando-me como se fosse um vulto?

— Estou vendo que Vossa Eminência está ao meu lado, que está exalando um forte odor de sacristia, certo mofo misturado com incenso e fumaça de velas de estearina.

— Vejo que a sua acuidade olfativa está melhor que a visual. No entanto, devo dizer-lhe que está atribuindo esse aroma a mim quando deveria saber que existe uma atmosfera exterior saturada por essa mistura, porque são as emanções de nossa colônia, onde a Religião se mantém intacta, nos preceitos cristãos fixados nas bulas papais e nos editos conciliares vigentes, segundo a palavra do Cristo que registram os *Evangelhos*. Entretanto, a sua atitude é que o mantém afastado da realidade que o está agasalhando. Se Vossa Reverência se dispusesse mais afeito a acatar a verdadeira condição existencial em que subsiste, iria mais rápida e facilmente dominar os sentidos e poderia integrar-se na comunidade que se preparou festivamente para recepcioná-lo, embora não lhe vamos oferecer o Paraíso. Lembre-se, bom padre, de que Jesus desceu aos Infernos, como lhe lembrei oportunamente.

Deodoro, não respondeu, mas deixou-se impressionar pela faculdade de manifestação linguística do outro. Avaliou a entonação e admirou-se da afabilidade com que a voz lhe demonstrava o pensamento positivo de quem lhe desejava proporcionar proveitosa estadia em local que imaginava aprazível, conforme as recordações dos tempos em que viveu às expensas dos nobres dignitários religiosos. Não seria o Paraíso, por certo, mas esperava-o o bem-estar do gozo material que experimentara ao chegar da Terra, uma vez que nenhum sofrimento lhe perturbara os órgãos ou os membros. Faltava que o outro lhe respondesse às provocações mentais, como Eufrásio fizera. Mas o Cardeal Crisóstomo preocupava-se em dar outro rumo à conversação:

— Queridíssimo Deodoro, Vossa Reverência irá encontrar uma cidadela mais ou menos aquartelada, porque somos assediados constantemente por almas de irmãos que nos apedrejam com os termos mais pesados e agudos, culpando-nos por permanecerem estacionados em locais de sofrimento e dor, já que não fizeram por merecer melhorar de condição pelas boas ações em prol dos semelhantes. São pessoas que se iludiram com as falsas propostas que fizeram aos sacerdotes, desejosas de serem perdoadas, sem que se tenham arrependido dos pecados confessados, havendo praticado o sacrilégio da comunhão ainda com o peso das faltas.

— Não caberia aos que moram no monastério esclarecer-lhes os maus pensamentos?

— Vossa Reverência irá conhecer melhor o que se passa, quando deixar o leito. Devo dizer-lhe, caríssimo, que precisará de muita coragem para enfrentar, mesmo que seja



um só, daqueles indivíduos mal-agraçados, que tanto trabalho nos deram em vida e que agora desejam que lhes paguemos eternamente as decepções provocadas por suas próprias fraquezas. Vossa Reverência verá. Por falar nisso, já não está capacitado a distinguir as minhas feições?

Deodoro esforçou-se para delinear visualmente a sombra que se formava em suas retinas. Ia desistir, quando conseguiu enxergar a figura de vermelho que lhe segurava as mãos. Estremeceu involuntariamente mas se manteve íntegro no aspecto fisionômico, sem demonstrar desagrado. Apenas conseguiu exclamar, entre surpreso e fingidamente alegre:

— Eminência, quanto prazer em revê-lo. Só agora estou pondo atenção no nome que não me fazia lembrar de ninguém. Claro que Vossa Eminência é o Cardeal Crisóstomo, com quem tantas vezes me encontrei, em circunstâncias não muito claras para minha condição atual de memória. Contudo, sei que me perdoará e me compreenderá, pois, pelo que pude observar, as pessoas quando morrem perdem bastante de seu traquejo social, de sua perspectiva hierárquica, como se a gente se ungisse no sacerdócio como no matrimônio os casais se ligam apenas até que a morte separe os cônjuges.

Buscava as palavras, para disfarçar os sentimentos. Mas o abraço apertado que recebeu de Crisóstomo não lhe passava outra ideia além de que estava sendo absolutamente bem-vindo.

— Nós nos encontramos muito, prezado companheiro, durante as suas visitas a este sagrado compartimento da existência, enquanto ressonava na carne, deixando o corpo repousar. Víamo-nos nessas oportunidades, alma com alma. Vossa Reverência irá acordar para a verdadeira condição de sua vida, quando puder ler o que escreveu, justamente para o caso de lhe ficar obscurecida a mente, conforme Vossa Reverência mesmo suspeitou nos últimos tempos em que se deixou estar pregado ao leito.

— Quer dizer que vou ficar hospedado em local conhecido?

— É essa mesma a condição do agasalho que proporcionamos aos companheiros de sacerdócio, aqueles que não renegaram os princípios cristãos nem desfizeram os votos de obediência.

— Mas eu confessei que rompi meus votos de castidade e de pobreza, Eminência.

— Não será por essa razão que estamos todos nós nesta região purificatória?

A viagem iria prosseguir silenciosa, pois os dois prelados imergiram em profundas reflexões.

Mas não demorou muito para entrarem em faixa de arrelia geral, tantas eram as imprecações que ouviram a seguir a condução onde se protegiam.

Deodoro não sabia discernir as acusações, que os ouvidos não distinguiam as individualidades, mas o tom geral era de revolta, de dissidência, como se a multidão pleiteasse o direito de pôr as mãos sobre os que passavam. Mas Sua Reverência, como estava gostando de ser alcunhado, não temeu pela sorte da comitiva. Conjeturou que o cardeal não poderia estar só, de forma que não se abalou, afastando os pensamentos ruins através de oração dita no intuito de exorcizar as ameaças.

Foi Crisóstomo quem rompeu o silêncio:

— Vejo que o irmão tomou a melhor atitude, relativamente a debelar o perigo.

— Não sei o que se passa, mas não entendo o vozerio como capaz de pôr paradeiro à nossa caminhada. Se houvesse a iminência do assalto, não teríamos tido tempo sequer de

ouvir nada. Sofreríamos a desdita e ficaríamos sob o poder daqueles a quem Vossa Eminência se referiu como crentes em débito para com a consciência religiosa e para com o Senhor, porque acusam a todos de cometerem injustiças. Não é assim que devo analisar o que está ocorrendo lá fora?

— O amigo Deodoro está raciocinando fundamentado nos preconceitos terrenos. O risco que corremos não é o de sermos aprisionados, nem feridos ou mortos, que mortos, feridos e aprisionados já estamos...

— Isso é muito estranho.

— Eu explico: a nossa liberdade de movimentação é muito restrita, neste setor ambiental do espaço etéreo, com perdão dos maus conceitos. Mas é que aqui não podemos ser forçados a nada, a menos se dermos razão a quem nos pressiona, caindo na armadilha que tivermos preparado para nós mesmos. Se mantivermos a postura, se não revidarmos por atos, palavras ou pensamentos...

— Acredito que os pensamentos sejam perigosos, já que proporcionam a criação justamente do que nos for possível conceber como a realidade circunstante.

— O seu amigo Eustáquio (Eufrásio, para Vossa Reverência), tendo em vista a sua compreensão distorcida da realidade, chamaria a esse ato de plasmar ou corporalizar o mundo, segundo os temores e os fantasmas que habitam a nossa consciência. É um processo muito complexo, sobre o qual não temos domínio, bastando-nos levantar a guarda para não sermos atingidos em nosso amor-próprio, o que ocorreria se inventássemos que tais indivíduos estivessem em pé de igualdade conosco, segundo o preceito de que todos somos irmãos em Deus.

— E não somos?

— De princípio, sim. Mas existem diferenciações entre as almas, conforme o nível de aquisições morais e intelectuais que só o sacrifício esclarecido pelas orientações evangélicas nos proporcionam. Não fora isso e não se poderia admitir a existência do Céu, do Purgatório e do Inferno. Se Vossa Reverência não concordar comigo, vai ter de estudar o catecismo de novo.

Deodoro quis avaliar se o cardeal estava gracejando ou se falava com absoluta seriedade. Mas não conseguiu decifrar pela expressão fisionômica do outro. Então, perguntou:

— Vossa Eminência está querendo me assustar?

— Jamais, Monsenhor. Sei de sua capacidade e de seus conhecimentos. O que me move é o temor de que tenha tido tempo o Eustáquio de colocar caraminholas na sua cachola.

— Vejo que as palavras devem induzir-me a crer em que agora esteja brincando.

— Estou, Reverência, é colocando-o à vontade, ao mesmo tempo que advertindo-o para as responsabilidades que todos temos relativamente à orientação dos que se encontram esquecidos dos princípios dogmáticos. O pior defeito, como Vossa Reverência bem sabe, é o desafio de quem prega que Jesus não nos fez herdeiros de sua igreja, para a nossa pregação da verdade universal. Nesse sentido, agem bem melhor que muitos de nós do catolicismo os protestantes de todos os cultos e seitas, porque rejeitam *in limine* qualquer resquício de pensamento próprio. Nossa comunidade permite que elaborem as nossas peças oratórias, para o sermão dominical, e nos oferece todos os subsídios para a

exemplificação através da vida e dos estudos realizados pelos santos. Mas daí a nos desviarmos do verdadeiro caminho vai arremessar-nos justamente às mãos daquela turbamulta que nos espreita para além das linhas de nossa muralha.

Só então Deodoro percebeu que a arruaça havia cedido e que a geringonça que os transportava estava parada.

— Antes de sairmos, explicou Crisóstomo, preciso avisá-lo de que preparamos uma festa para recebê-lo. Não se deixe emocionar, porque muitos que estão aguardando por Vossa Reverência são velhos conhecidos, colegas, alunos, paroquianos, familiares e até professores e superiores na ordem. Mantenha a serenidade e faça de conta que muito pouca coisa tem de ver com sua pessoa, do contrário irá mergulhar em profundo abatimento, já que as pessoas que vai ver não estão aureoladas de luz, conforme supunha em suas preces, quando requeria que o Pai se condoesse dos sofrimentos e que perdoasse os pecadores, que todos somos. Devo dizer-lhe que esta é a principal missão de que me encarrego na instituição, qual seja, a de trazer em paz os corações dos que se decepcionam consigo mesmos, porque se acreditavam merecedores de frequentar a casa de Deus e, de repente, se veem presos entre paredes vetustas, com ares muito mais de presídio do que de casa de repouso espiritual. Mas você irá acostumar-se aos poucos, até recuperar as forças e colocar os seus préstimos a serviço da comunidade. Coragem, amigo. Agora, guarde as perquirições e goze um pequenino momento de glória, que é aquilo que somos capazes de propiciar aos que ofereceram o sacrifício de suas vidas para a Santa Madre Igreja.

Deodoro fez um gesto para que Crisóstomo aguardasse um momento. Queria avaliar a possibilidade de locomover-se, já que sentia um peso enorme no corpo, como se estivesse, naquele justo momento, recompondo-se para levantar do leito. Perpassava-lhe pela memória a facilidade com que se deslocara antes de sair da caverna e até mesmo a correria lá dentro. Mas Crisóstomo não lhe deu mais do que alguns segundos, abrindo a porta da carruagem e fazendo entrar o alarido de recepção dos amigos que se reuniam no pátio.

O recém-chegado deslocou-se com enorme esforço para fora e, amparado por braços fortes, se viu de pé sobre o estribo, de onde acenou para os presentes. Reconheceu alguns com quem mantivera simpático relacionamento durante a vida. Entretanto, não suportou a atmosfera carregada e desfaleceu, sendo transferido para o pequeno quarto, onde chegou acordado, sendo esperado por uma freira rotunda, velha conhecida dos tempos em que dava aulas de religião, em peregrinação por várias escolas de primeiro e segundo ciclos.

— Monsenhor Deodoro, quanta saudade, meu Deus! O senhor está um trapinho, mas vamos colocá-lo em forma em pouco tempo. Vai ver! Agora, veja se consegue dormir um pouco, enquanto fecho as janelas e os cortinados, para que a luz não o perturbe.

— Margarida, eu me lembro muito bem de você, dos tempos em que íamos...

O restante da manifestação de solidariedade se perdeu, porque se cruzaram no cérebro do professor alguns sucessos não totalmente felizes envolvendo a enfermeira de plantão. Recordou-se com muita nitidez das confissões e das prescrições que fizera relativamente à reforma moral da noviça, que, finalmente, havia deixado o hábito sem os votos, passando a viver em concubinato com um homem casado, pai de família, com

numerosa prole e que...

Suspendeu a lembrança dos fatos e pôs-se de prevenção quanto ao fato de que dera todos os sacramentos à infeliz, conduzindo-a, inclusive, ao campo santo em que foi enterrada mui modestamente, único acompanhante eclesiástico a representar a congregação religiosa.

*Eis que a coitada está agradecida até agora e se recorda de mim com alguma felicidade. Deus a abençoe e proteja de novos tropeços.*

Fez menção de benzer a mulher mas não se sentiu bem, como se a sua atitude ofendesse algum princípio superior, como se estivesse em débito com os cânones sagrados, como se já não fosse aquele mesmo sacerdote que fora reconhecido ao chegar.

*Terei mesmo que voltar aos bancos escolares da infância, para reaver os tesouros do catecismo e das primeiras lições doutrinárias?*

O pensamento pareceu-lhe insólito. Se Eufrásio estivesse presente, não hesitaria em interrogá-lo. Perto de Crisóstomo, que fazia menção de se retirar, não ousava quase refletir a respeito dos sentimentos novos que lhe prendiam a desenvoltura eclesial.

— Reverência, vou deixá-lo aos cuidados de Madre Margarida. Mais tarde, quando estiver melhor, já refeito das emoções da chegada, voltaremos a conversar, pois tenho muitas instruções que lhe serão úteis para o desempenho de suas atribuições no mosteiro. Fique com Deus!

Deodoro estranhou que Margarida recebesse o título, como se houvesse declarado os votos. Não resistiu e perguntou-lhe:

— Irmãzinha, não me lembra que você tenha recebido a unção. Você pode explicar-me isso?

— Monsenhor, em vida, fui uma pecadora, como lhe confessei tantas vezes. Vossa Reverência bem sabe que... Não importa. A verdade é que, assim que cheguei, me disseram que estavam faltando enfermeiras e que eu ganharia a posição de Irmã de Caridade se prestasse os serviços correspondentes junto aos enfermos recém-chegados da vida.

— E quanto aos votos?

— Jurei a mim mesma que iria desempenhar o papel que abandonei na Terra, descaindo da confiança das minhas superiores. Aquele arrependimento que o Senhor me pedia, finalmente, eu compreendi bem do que se tratava e agora faço o melhor que posso para merecer passar pelo fundo da agulha, até ser recebida por Jesus na glória celestial.

Deodoro fez um gesto interrompendo o discurso que ameaçava prosseguir no sentido da recomposição de tudo o que fez a pobre mulher de errado na vida. Imediatamente calou-se ela, indicando que respeitava a vontade do antigo confessor.

— Minha boa amiga, deixe-me sozinho com a minha meditação, por favor.

Testava ele o grau de obediência à sua vontade. De fato, em segundos, não sem ouvir a recomendação de que deveria chamar se precisasse de algo, viu-se a sós no quarto. Não resistiu à comparação:

*Troquei uma situação agradável por outra bem inferior. Contudo, aqui convivo com pessoas que me têm apreço e que me favorecerão, por certo, a recuperação do poder de influência que Eustáquio obstava, sempre colocando senões em meus argumentos. Vamos ver se consigo explorar o ambiente.*

Olhou ao redor e encontrou uma cômoda, um criado mudo, um dossel e um

crucifixo na parede. Só então reparou que trazia os óculos sobre o nariz, herói ou malabarista, que resistiu a tantos safanões, quedas e... Bateu com os olhos nas roupas e só então reparou que estava de batina. As vestes negras eram o seu vestuário mais comum. Enfiou a mão no bolso e encontrou o mesmo terço dos últimos tempos e o surrado breviário de seu ministério.

*Como podem tais objetos ter vindo comigo? Plasmaram-se, de certo, que tudo o que ocorre aqui parece construído segundo a vontade dos espíritos ou das almas. Eufrásio me disse que deveria empregar espírito. Alma seria o espírito quando encarnado. Será que é essa a distinção?*

Não parecia a Deodoro muito claro que Eufrásio lhe houvesse passado a instrução.

*Se ele não fez enquanto eu estava desperto, pode muito bem ter-me municiado de conhecimentos durante o sono.*

Atentou para a possibilidade.

*Como é que eu posso ter necessidade de repouso, se não estou mais de posse de meu corpo material?*

Aguardou um instante para ver se a resposta lhe seria passada por intuição.

*Se o bom amigo estiver invisível, acompanhando-me nesta caminhada sofrível...*

Notou que a frase incidia em eco.

*Devo estar ficando louco, porque a preocupação da hora deveria prevalecer. No entanto, dou valor a insignificâncias.*

Pensou em diversos termos para rimar com insignificâncias.

*As minhas ganâncias não me causarão ânsias sem importâncias...*

Mas não foi muito longe, pois rejeitou o desvio da análise que se propusera do miserável cômodo. O catre apresentava um dossel, mas o travesseiro vinha forrado de tecido grosseiro, da mesma forma que os lençóis, que não primavam pela limpeza impoluta daquele outro quarto em que mantivera o colóquio filosófico com Eufrásio.

*Por que será que o nome do companheiro às vezes eu digo Eufrásio e outras, Eustáquio?*

Não soube responder à questão, como deixara no ar o problema da necessidade de descanso.

*Se eu tivesse um caderno de anotações e uma caneta ou um lápis, iria fazendo anotações, para perguntar a alguém de confiança... Confianças, lembranças, constâncias... Agora estou misturando os sons. Que belo poeta eu daria!*

Recordou-se dos tempos juvenis, quando compusera um hino à Virgem e outro a Jesus. Fora mal nas músicas, ajudado por um parceiro de seminário, mas as letras saíram a contento, tanto que os colegas cantaram nas festas de encerramento das atividades do ano.

*Por onde andaré o Rupério? E o Augusto? E o Domingos?...*

Um a um, foi capaz de recordar-se de todos os amigos. Esforçou-se para ver se a memória não o trairia em relação à escola primária, mas se deparou com todos os rostinhos infantis de suas peraltices escolares.

*Não vou precisar de caderneta nenhuma, com tal poder de rememoração. Em todo caso, deixa abrir a mesinha de cabeceira, para verificar o que temos aqui.*

Com alguma dificuldade, sentou-se no leito e puxou a gaveta, que se deixou

locomover sem resistência. Ali, encontrou lenços misturados com meias e, incrível, uma pomada que costumava usar quando sentia certos pruridos anais. Quase por instinto, impulsionou de volta a gaveta com certa força, provocando um baque surdo que ressoou no ambiente.

*Pronto, vão pensar que caí da cama.*

De fato, Margarida bateu e foi abrindo a porta, perguntando:

— Monsenhor, está precisando de alguma coisa? Pareceu ouvir um ruído. Mas vejo que está tudo bem.

— Não foi nada, Irmã, eu é que fechei com muita força a gaveta do criado-mudo. Estava investigando o que poderia encontrar ali.

— Não fornecemos muita coisa nova, que somos uma comunidade pobre. Mas o Senhor pode ver que as meias e os lenços estão limpos e passados a ferro. Eu me lembrei da pomada e deixei um tubo à disposição.

— Eu vi, querida. Muito obrigado. Já que você está aqui, diga o que se guarda no armário.

— Algumas mudas de roupas brancas, outra batina, os paramentos, mais um par de sapatos...

— Não precisa relacionar tudo. Mas me diga, a quem pertenceram tais objetos?

— A Vossa Reverência, não se recorda?

— Desde quando?

— Desde os tempos de sacerdócio na Terra.

— Mas me disseram que a gente não traz nada quando morre.

— Disso eu entendo muito pouco, mas a verdade é que, assim que o Monsenhor chegou, abrimos as suas malas e colocamos as suas coisas no lugar.

— Eu não trouxe mala nenhuma.

— Então, alguém veio com elas. Eu achei ótimo, porque estavam devidamente marcadas, conforme as recomendações da madre superiora.

Deodoro admirava-se cada vez mais com a concretude que as coisas iam aparentando. Mas não insistiu junto à auxiliar.

*Afinal de contas, que pode saber uma mulher que abandonou os estudos e as facilidades de aprender?*

— Margarida, você está sendo muito útil para mim. Mas se você me disse que era enfermeira e que ajudava os doentes, como é que está tratando de mim, que me considero forte o suficiente para pensar com tanta clareza?

— Eu presto serviços a todos que chegam. Alguns permanecem internados por alguns dias. Já tratei de um padre dois anos no leito, dando muito trabalho. Em média, uns quinze dias são suficientes. Mas Vossa Reverência, se tiver coragem de enfrentar logo as tarefas, porque se sente confortável e sadio, não se acanhe, que me facilitará o trabalho, porque, nesta ala do mosteiro, eu cuido de mais onze pacientes, alguns bastante debilitados. Cada vez que se dá alta a alguém, logo outro ocupa o lugar dele. Digo isso, para que não pense que estou desejando livrar-me do trabalho. Mas me daria muita felicidade cuidar de Vossa Reverência, porque tenho uma dívida muito grande, que não sei como pagar.

Dessa vez, Deodoro foi deixando que Margarida falasse. Gostou de saber que era

benquistos por alguma coisa que fizera de bom. Mas bailava em seu cérebro a ideia de que a mulher roliça era por demais ingênua e aceitava de boa mente o respeito com que deveria apaniguá-lo. Recordou-se do berreiro durante a caminhada e disse-o francamente:

— Margarida, você não se sente injustiçada por não haver obtido o direito de adentrar o Paraíso, tantas vezes confessou os pecados e rezou as penitências que lhe passava? Ou melhor, por que você não se reúne com os que estão do lado de fora, acusando os sacerdotes de falsidade?

— Monsenhor, se eu lhe contar que passei cinco anos junto às muralhas, lamentando ter sido iludida, Vossa Reverência acreditaria?

— E o que você fez para merecer entrar?

— Eu perdoei, como me lembrei que o Padre Deodoro me dizia que Deus me perdoava. E aceitei a penitência de trabalhar junto com as almas que mantêm esta colônia de religiosos e religiosas, para poder resgatar as minhas culpas, porque me arrependi de tudo quanto fiz na Terra, principalmente porque roubei o marido...

Lágrimas impediram a freira de prosseguir a narrativa dos acontecimentos que a envolveram e que lhe causavam insuspeitado sofrimento.

— Minha querida, eu posso fazer algo por você?

— Reze por mim, Monsenhor, que Jesus há de ouvi-lo.

Margarida fez menção de beijar a mão de Deodoro que lhe estendeu o dedo do anel. Para espanto seu, lá estava o símbolo religioso de sua posição hierárquica. Sentiu o calor do pranto da criatura que se ajoelhou aos seus pés e, com a humildade do momento, disse, apontando para a porta:

— Agora vá, minha filha, que não convém estas emoções para um coração tão velho quanto o meu.

Margarida saiu de ré, como se o fato de lhe dar as costas pudesse ofendê-lo.

*Mas as coisas aqui não estão muito diferentes do que passei quando vivo. Se a simples lembrança de quem fui produz tais reações de submissão e de carinho em pessoa que me deve tão pouco, como reagirão aquelas a quem dediquei afeto e demonstrei...*

O simples pensamento dos feitos mais pungentes colocou freios à lembrança menos sadia dos relacionamentos condenados pela comunidade religiosa, segundo os juramentos que prometera cumprir e que deixara tantas vezes de lado. Para afastar-se das preocupações mais graves, pôs-se de pé e avaliou as condições físicas. Precisou apoiar-se no móvel à sua frente, mas com algum sacrifício adotou uma postura ereta.

*Devo ter regredido para a idade dos oitenta e oito, mais ou menos.*

Alegrou-se com a perspectiva.

*Em breve, estarei apto a percorrer os corredores. a oficial missas a ministrar os sacramentos. Deixa estar, Eminência, que vou recordar todos os ensinamentos do seminário e quantos mais assimilei durante tantos anos de sacerdócio.*

Abriu o breviário ao acaso e leu:

*“Pilatos, tornando a entrar no palácio e tendo feito vir Jesus, lhe perguntou: Você é o rei dos judeus? — Jesus lhe respondeu: Vem de você mesmo esta pergunta, ou lho disseram outros a meu respeito? Replicou Pilatos: Porventura sou judeu? A sua própria gente e os principais sacerdotes é que o entregaram a mim. Que fez você? Respondeu Jesus: Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, minha gente teria*

*combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas meu reino não é em absoluto daqui. — Perguntou-lhe Pilatos: Logo, você é rei? — Jesus lhe retorquiu: Você o diz; eu sou rei; eu nasci e vim a este mundo apenas para dar testemunho da verdade; quem tem parte na verdade escuta minha voz.” (São João, XVIII: 33-37.)*

Deodoro alegrou-se com o texto que renunciava o reino de Jesus para o outro mundo. Era a confirmação da promessa de que um dia ou outro seria recebido de braços abertos pelo Salvador.

*Margarida, com sua simplicidade, atingiu o cerne da questão, quando disse... como foi mesmo?... que perdoou e que aceitou a penitência, à vista do arrependimento dos pecados. Se esta casa de retiro espiritual é transitória e ainda seremos elevados para o Céu, o melhor que faço será corresponder aos anseios de Jesus, em nome das pessoas que se organizaram em respeito à sua igreja. Devo renovar os votos de obediência, de castidade e de pobreza, além de me manter em silêncio, devotando-me às orações e aos trabalhos mais humildes. A ideia de rezar missas e executar outros ministérios mais gloriosos não deverei pleitear, porque seria faltar com a modéstia e com a humildade. Caso contrário, não estarei dando ouvido à verdade, conforme a condição estabelecida por Jesus e transmitida a Pilatos.*

Enquanto meditava, Deodoro retirou a batina, ficou com as roupas de baixo, recostou-se na cama, acomodou a cabeça no travesseiro, instintivamente apanhou o terço, beijou-lhe o crucifixo e começou a perpassar as contas, em orações mecânicas, conforme era seu hábito quando queria dormir logo.

Deodoro teve a impressão de ter passado por leve sono e já se encontrou desperto, forçado pelo vozerio externo a levantar-se com extrema curiosidade para decifrar o mistério das matinas.

Ao mesmo tempo, Margarida adentrava o quarto e punha em ordem as roupas que haviam ficado pelo chão. Ia resmungando:

— Sempre o mesmo, Monsenhor?! É preciso ter mais cuidado com os seus pertences, que nem tudo se consegue do bom e do melhor. Quem tem uma batina tão bem cosida, deve preservá-la. Então, como é que está hoje? Vai conseguir levantar?

Falava e ao mesmo tempo ia pegando o padre pelo braço, ajudando-o a pôr-se de pé. Deodoro precisou de algum tempo para acostumar-se com a postura, que a cabeça ameaçou girar. Mas sempre conseguiu equilibrar-se. Havia uma cadeira num canto, para a qual se encaminhou. Enquanto se movimentava lentamente, Margarida, em três tempos, alisou o colchão e deu um trato nos lençóis, batendo o travesseiro para dar-lhe a forma primitiva.

— Vejo que Vossa Reverência está bem disposto. Então, devo avisar Crisóstomo de que vai dar para ele levá-lo à igreja.

Não esperou resposta e saiu.

*Estranha criatura essa. Ontem tão afável e hoje tão apressada. Quase diria grosseira e desrespeitosa. Mas fez o seu serviço. Por certo, tem de correr para os outros quartos.*

Nisto, Crisóstomo apareceu sozinho, deixando a porta aberta.

— Deodoro, meu amigo, venha comigo para orarmos com a congregação. Eu sei que tudo pode estar parecendo muito pouco familiar para o companheiro, mas acredito



que você, perdão, que Vossa Reverência irá acostumar-se com os nossos hábitos dentro de muito pouco tempo.

Ato contínuo, sem esperar qualquer manifestação de Deodoro, o cardeal pegou-o pelo braço e puxou-o muito mais do que lhe deu amparo. O velhinho trançou uma perna na outra e foi ao chão.

— Santo Deus, amigo, deixe de ser patético! Se você não tem coragem para enfrentar simples caminhada até o local das preces, como é que pretende chegar ao Paraíso? Força, homem, que eu não tenho tempo a perder, porque os cantos não se iniciam sem mim.

Crisóstomo abaixou-se, pegou Deodoro pelas costas, passando os braços sob as axilas do outro e levantou-o facilmente.

— Você está muito leve. Não tem se alimentado direito nos últimos tempos. Que é que davam para você no hospital?

Deodoro não alcançava seguir os pensamentos que se cruzavam, através das diferentes referências. Enquanto o outro lhe enfiava a batina, tentou dizer que não estivera em nenhum hospital, que passara os últimos cinco anos no convento, mas achou inútil, porque a Eminência deveria saber muito bem sobre o que falava.

— Vamos lá! Ontem você chegou carregado. Quer que eu chame uns noviços?

Sem esperar resposta, como se estivessem ocultos em nuvem de camuflagem, surgiram dois irmãos menores, vestidos de marrom, com os cabelos tosados formando uma coroa em torno da cabeça.

— Vamos levar Vossa Reverência conosco. Agente firme que nós é que vamos arcar com o peso.

— Ele está muito leve, informou o cardeal. Vocês não vão esfalfar-se.

De fato, Deodoro de repente se viu sentado sobre os braços dos dois jovens, que formaram uma espécie de cadeira em que ele se acomodou, segurando-os pelos pescoços. Ao passar pela porta, raspou a cabeça na moldura, quase acidentando-se. Enquanto ia sendo levado, observava os corredores escuros, com janelas redondas e vitrais coloridos enegrecidos pela fuligem.

Enquanto caminhavam, os dois que o carregavam iam cantando em latim uma ladainha, repetindo sempre três únicos nomes de santos, no *“ora pro nobis”* obrigatório.

Pareceu a Deodoro que a caminhada não tinha fim. Levaram um tempo enorme para percorrer os meandros intermináveis. Houve um momento em que supôs que andavam em círculos, tão parecidas eram as paredes e as janelas. O chão era de terra batida e levantava uma película escura, ao ser varrido pela batina de Crisóstomo que ia adiante.

Ao dobrar mais uma vez para a direita, começou a ouvir vozes abafadas de uma multidão impaciente. Os ruídos foram crescendo até que, finalmente, entraram os quatro num recinto bastante amplo, onde se acotovelavam padres, noviços, frades de todas as ordens, do lado direito, e freiras, madres, irmãs, enfermeiras, vestidas de todo jeito, do lado esquerdo. Como eles chegaram pela porta principal e o altar se erguia no fundo, foi preciso abrir caminho à força. O cardeal portava um báculo que utilizava como um bastão, afastando os que não lhe percebiam a aproximação. Mas Deodoro não ouviu nenhum protesto. Antes, quem sofria o impacto do golpe, agradecia reverentemente ao algoz, com

expressões às quais Deodoro não estava afeito:

— Deus lhe pague, Irmão Superior, pela lição que as minhas costas receberam!

— O galo de minha cabeça haverá de cantar hosanas em louvor ao meu benfeitor, que me dá a chance de aceitar os sacrifícios em nome de Jesus!

Ao chegar mais perto do santuário, Deodoro pôde ver que as autoridades eclesiásticas estavam sentadas ao longo das paredes na nave secundária, portando vestes marrons, pretas e vermelhas, com as mitras enfeitadas em fios dourados e prateados. Os que se situavam mais próximos da ara dos sacrifícios espirituais se distinguiam pelos barretes mais ornamentados e mais altos.

Naquele ponto, Deodoro foi largado pelos noviços, sem que Crisóstomo tivesse tido a preocupação de se voltar para ver se estava acomodado.

Mas houve quem se espresse no longo banco para ceder lugar ao Monsenhor:

— Fique aqui comigo, Reverência, que a solenidade é de ação de graças pela chegada de cinco companheiros, entre os quais o irmão com quem tenho a honra de tratar.

— Muito obrigado, Monsenhor...

— Aprígio, Excelência.

Mas os dois não tiveram tempo de entabular conversação. Do fundo, vieram os sons de uma espécie de gaita de fole desafinada, com que se dava início aos cantos de louvor a Deus. A assembleia toda se levantou, os maiores tiraram os barretes, exibindo solidéus vermelhos no alto do cocuruto, e o coro elevou-se acima das colunas, atravessando a abóbada em vibração de grande potência, como se a comunidade quisesse demonstrar solidamente que estava preparada para as bênçãos que requeria.

Um cutucão do gentil colega ao lado lembrou a Deodoro que deveria cantar o hino, para o que lhe passava um libreto aberto na página em que se lia a letra e onde se desenharam os símbolos musicais.

Deodoro ajeitou os óculos e se esforçou para entender o que estava escrito, entretanto, antes que atinasse com o ponto em que deveria entrar, o canto cessou e a multidão silenciou. Silenciou em parte, é verdade, porque muitos tossiam, espirravam e se ouviam mesmo murmúrios de lamentações e preces isoladas, de quem não obedecia ao sentimento geral.

Assomou o púlpito lateral imponente figura totalmente de branco. Deodoro levou um susto:

*O Papa! Sua Santidade em pessoa!*

Tentou reconhecer qual dos últimos pontífices de Roma é que se postava para a pregação.

*Não me lembra a fisionomia de Sua Santidade nenhum dos últimos herdeiros do trono de São Pedro. Será...*

Antes que supusesse se era um dos Pios, dos Inocências ou dos Leões, ouviu a advertência geral:

— Irmãos, consagramos o dia de hoje para a palavra do Senhor. Vamos lembrar o que São João escreveu, no capítulo XIV, versículos de um a três de seu Evangelho: “*Que seu coração não se inquiete jamais. — Vocês creem em Deus; creiam também em mim. — Existem muitas moradas na casa de meu Pai; se isso não ocorresse, eu já lhes teria dito, pois eu vou para preparar o lugar; — e, depois que eu tiver ido e lhes tiver preparado o*

*lugar, eu voltarei e os levarei comigo, a fim de que lá onde eu estiver, vocês estejam também.*” Quando Jesus nos prometia, lá na Terra, que Deus reservava muitas moradas para seus fiéis adoradores, certamente estava se referindo a locais de grande felicidade; não a este antro em que agora convivemos.

O povo olhava assombrado para o atrevimento do sacerdote, mas ninguém ousou contestar, como que na expectativa de um torneio inteligente que levasse a conclusões morais de superior entendimento evangélico.

Prosseguia o orador:

— Se o vosso coração se turbar com as minhas palavras, como haverá de ficar, se vós duvidardes de que Jesus nos falava a verdade? Eu sei que muitos de vós estais com os corações apertados, antevendo o momento em que deveis buscar os confesionários para contar os vossos pecados, a vossa ganância de justiça, porque sempre afirmais que tudo fizestes para honra e glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cumprindo os mandamentos do Decálogo de Moisés e das Leis da Santa Madre Igreja. Mas é preciso confirmar os sentimentos que vos levaram aos votos sagrados, tantas vezes rompidos pela vossa ignorância, porque desejáveis o conforto material, a boa vida das dioceses, o repasto da comadrice das religiosas, o bom tecido das vestes sacerdotais, o luxo das festas, para a atração dos mais abonados, para as oferendas da riqueza, para o regalo da carne. Agora estais entristecidos, dizendo-vos esquecidos do Pai, que vos impede de adentrar a Terra da Promissão Celestial, como Moisés foi impedido de pisar o solo sagrado de Canaã. Por certo, esperáveis ser recebidos pelos coros dos Serafins, sob os acordes das harpas dos Querubins, enquanto os Anjos e Arcanjos trombeteavam em homenagem às vossas indiscutíveis virtudes. Bendito seja Deus, irmãos!

O orador conclamava a assembleia a repetir a bênção e o povo não se fez de rogado:

— Bendito seja o Criador do Céu e da Terra. Bendito seja o Criador desta Região Purificadora. Bendito seja o Criador da Vida no Além.

— Bendito seja o Criador por permitir que a nossa colônia subsista em paz, quando tantas almas penadas erram pelas sombras, amaldiçoadas e amaldiçoando quem se resguarda do ódio, atrás destas muralhas de sabedoria e de verdade. Bendito seja o Criador por conduzir a nós mais cinco irmãos devotados à Religião, para nos ajudarem a compreender os seus desígnios. Peço aos cinco que se levantem, para que todos possam conhecê-los.

Deodoro não estava afeito a tão violenta manifestação eclesiástica, estranhando sobremodo que se desrespeitasse o ambiente sagrado em que, com certeza, Deus assistia, porque se lembrava claramente da passagem em que Jesus prometera: *“Em qualquer lugar em que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu aí me encontro no meio delas.”* (São Mateus, XVIII: 20.)

Mas não houve jeito. Precisou erguer-se, ajudado pelo Aprígio e pelos dois da tonsura. Inexplicavelmente, a multidão fez absoluto silêncio, todos voltados para a observação dos recém-chegados. Deodoro buscou ver os outros quatro mas o seu raio de visão não alcançava nenhum deles, de modo que ficou restrito a ser o centro das atenções, pelo menos no que concernia ao círculo dos graduados.

O orador prosseguiu:

— Esperamos que os amigos, dentre os quais um digno Monsenhor, Reverendo Deodoro, que permaneceu na Terra até a idade dos noventa e sete, venham a ajudar-nos a melhorar o nosso desempenho evangélico, para lograrmos a salvação.

Fez um gesto para os cinco se sentassem e passou a relatar os fatos do dia anterior:

— Os mensageiros da Terra vieram com novidades. As Nações Unidas aprovaram o envio de tropas norte-americanas para o Vietnã, de sorte que teremos mais uma guerra, bem diferente das que chamávamos de santas, quando foi ameaçada a Pátria do Senhor pelos infiéis. Muitos daqui se recordam das Cruzadas, nossas gloriosas campanhas, onde deixaram as vidas e desde aquela época aguardam sua ascensão aos Céus, porque julgam que defenderam o berço do Filho de Deus, merecendo, portanto, entrar em sua Santíssima Glória.

Deodoro não conseguia concatenar a lógica das observações. Sempre rejeitara a violência, apesar de haver abençoado os pracinhas da cidade quando partiram para combater na Europa, sob a bandeira da Força Expedicionária Brasileira. Lembrava-se bem de haver aconselhado a um temeroso de morrer em combate que não desertasse, tanto que, depois, retornou honrado com algumas condecorações e medalhas, entre as quais a da Ordem do Mérito Militar, porque se distinguiu nas lutas.

*É bem verdade que, no confessionário, me disse que sofria os remorsos de ter matado vários soldados inimigos, uma vez que, na infantaria, não tinha como deixar de defender a própria vida. Na artilharia, se esconderia nas sombras da camuflagem e da distância. Dei-lhe a absolvição, porque senti que se arrependera de fato...*

Parou para meditar a respeito da atitude eclesiástica.

*Todos os pecados são perdoados. O soldado matou e foi reconhecido pela Pátria como herói. Foram seus atos de coragem e de descortino, na defesa dos direitos da humanidade, que lhe deram o relevo social, porque os alemães dizimaram os judeus, utilizando o argumento de que foram eles que crucificaram Jesus. Será que o Cristo aceitaria a justificativa do emprego de seu sacratíssimo nome? Agora Sua Santidade está argumentando que os povos estão atravessando os oceanos para estabelecer a paz em zona dominada por povos de outra raça, de outro credo, de outra civilização. Quem voltar e for católico, vai pleitear a absolvição dos pecados. Que saberá o sacerdote da ira de quem ofendeu o semelhante, porque Jesus não fez nenhuma distinção entre os filhos do Pai? Mesmo ignorando o que se passou, vai dar o perdão em nome de Deus e solicitar que o outro se arrependa e que não volte a pecar. E se estourar outra guerra? Será que o soldado irá desertar, para não ofender a promessa que fez aos pés do representante de Deus na Terra? E se desertar e for executado, de que lhe valerão as medalhas anteriores?*

Foi interrompido nas divagações pelo término da prédica. Sua Santidade desceu do estrado e dirigiu-se ao altar. Iria officiar a missa. Tudo em latim, como nos bons tempos. Deodoro recordava-se de que lhe disseram no leito que os textos da consagração do pão e do vinho e das demais liturgias seriam transladados para o vernáculo. Ficou sabendo que houve quem se insurgisse (os padres de Holanda — passou-lhe pela mente), o que definia uma dupla postura perante o sacrossanto dever sacerdotal.

*Pelo menos aqui preservaram o costume antigo. Mas, também, são estes que estão chegando agora que vão, se for o caso, postular as alterações que se verificaram na Terra.*

Avaliou as reflexões muito próximas da ansiedade corpórea, como se estivesse

estimulado ainda pelas ideologias da vida terrena.

*Se Eustáquio estivesse presente (deveria ter mencionado Eufrásio), iria demonstrar-me que os valores nesta comunidade deveriam ser outros. Será que vou demorar muito tempo para entender que este mundo é superior àquele? Devo estar bem mais perto do Senhor, no entanto, ajo, ou melhor, raciocino como se encarnado estivesse.*

Notou que empregara vários termos novos, decorrentes das explicações do antigo companheiro.

Se der ouvidos apenas ao que me diz Crisóstomo, irei ficar na penumbra das ideias que trouxe de lá, porque ele repete, ao que me pareceu, todas as fórmulas da igreja estabelecida, como posso observar neste ambiente meio selvagem, a considerar que todos estão ou pedindo por si mesmos, ou acusando os desvios de conduta dos demais.

Não pôde prosseguir nessa linha de pensamentos, porque sentiu que estava a emocionar-se.

*Falo deles quando deveria falar de mim mesmo. Que foi que solicitei desde que cheguei a estas paragens? Esclarecimentos, atenção, auxílio. Mal-e-mal passou pela minha lembrança que deveria oficial e ajudar aos que sofrem. Margarida, apesar de ranzinza, está muito mais próxima de merecer que Jesus venha buscá-la.*

Pela primeira vez, aproveitando-se daquele momento de respeito da consagração do vinho e do pão, elevou o pensamento com notável antevisão do que lhe iria suceder em futuro próximo:

*Senhor, fazei de mim um mero servidor dos meus semelhantes. Se o meu destino for ficar por várias eternidades neste ambiente, que eu seja capaz de reconhecer onde foi que falhamos todos nós, para rogar por vossa piedade e misericórdia, pela sabedoria e pelo amor, que nada nos haverá de faltar. Que eu venha a ser útil, é o que vos peço de todo coração. Para tanto, suplico-vos que me deis maior vigor físico, retemperando-me a determinação de soffrear os impulsos negativistas, a fim de enfrentar o trabalho que me cabe, porque sei que o vosso jugo é suave.*

E repetiu de cor o texto evangélico, sem se esquecer de quem o escreveu e onde se encontrava:

*“Venham a mim, vocês todos que estão aflitos e oprimidos, e eu os aliviarei. — Tomem meu jugo sobre vocês e aprendam comigo, porque eu sou pacífico e humilde de coração, e vocês acharão repouso para suas almas; — pois meu jugo é suave e meu fardo é leve.” — como está em São Mateus, XI: 28-30.*

Parou para refletir sobre a palavra almas:

*Eis que até Jesus fala em almas referindo-se aos mortais. Mas esse descanso não virá depois da morte? Ou o descanso se dará durante a vida, pela mansuetude, pela paz que a certeza do amor do Pai dá a quantos tenham fé, tenham esperança e pratiquem a caridade, as três colunas mestras dos homens virtuosos.*

O seu pensamento se desviaria para o étimo da palavra virtude, qual seja...

*... que é próprio do vir, em latim, varão (As armas e os barões assinalados... — como cantou Camões em seu poema). Quer dizer que as mulheres estariam isentas da prática das virtudes decorrentes dos padrões masculinos. Afinal de contas, o mundo feminino é especial, tanto que até nesta região sem sexo, estão separadas dos homens...*

Sentiu que transgredia os preceitos básicos do respeito ao ambiente sagrado do

templo.

*E eu que censurei os que desrespeitavam a presença prometida pelo Cristo! Agora fico desconcentrado no ato de religião dos homens com a Divindade, para pairar no insólito de meus pensamentos pueris.*

Novamente se viu enredado pelo sentimento embutido no significado da palavra.

*Vivi noventa e sete anos para me acusar de puerilidade? Bem afirmam os mais experientes que as pontas da vida se unem no final, tornando à infância aqueles que mais tempo permanecem...*

la dizer vivos, encarnados, incorporados, mas acabou optando por embalsamados. Continuaria a meditar sobre a sua condição de inferioridade, quando foi despertado pelo “*ite missa est*” do celebrante, pondo um ponto final no culto da manhã.

O que Deodoro presenciou então foi inacreditável. A multidão, em absoluta descompostura, abandonou o recinto, inclusive os que se situavam nos postos de honra. Pela sua frente passou correndo o de branco, seguido por Crisóstomo, que nem reparou que o novel discípulo tinha ficado estático, a observar a movimentação geral.

*Para onde estão todos se dirigindo, como se a abóbada fosse despencar?*

Em todo caso, aprumou-se sem esforço e, com passadas mais seguras, encaminhou-se para a porta principal, não sem antes se ajoelhar diante do altar e se persignar, em ato mecânico que lhe daria, mais tarde, bons motivos para pensar. Naquele instante, interessava-se pelo destino da congregação. Quando voltou a vista para a nave deserta, viu que estavam lá mais quatro religiosos, com as batinas reluzentes e os rosários dependurados ao lado, presos nos cintos. Todos estavam de preto, como ele mesmo, mas não traziam mais do que modestos barretes na cabeça a indicar que eram párocos de pequenas freguesias.

— Irmãos, evocou Deodoro, vamos nos reunir, porque suspeito que sejamos aqueles a quem Sua Santidade se referiu como recém-egressos do mundo dos vivos.

Estranhamente, os outros se aproximaram, ajoelharam-se diante dele e fizeram menção de pedir-lhe a bênção, como se estivessem sagrando-o líder do grupo.

— Vamos, vamos, bons amigos, deixem disso! Aqui, nós todos somos irmãos em Jesus. Ninguém tem mais méritos que ninguém. Não vejam nas minhas insígnias mais do que o reflexo muito pálido das deferências que obtive no plano material. Vejam que não fui capaz sequer de restabelecer o meu corpo, ficando ainda com este miserável aspecto de velho senil. Devo dizer que a minha memória não me faz lembrar das coisas boas e agradáveis, mas o que mais passa pela minha cabeça são as dificuldades que enfrentei nos meus relacionamentos. Estou falando tudo isso, não para que vocês se condoam de mim, mas para que me ajudem, porque estou precisando de todas as forças intelectuais e sentimentais que puder obter.

Calou-se a ver a reação dos outros, mas os quatro permaneciam de cabeça baixa, em atitude de respeito, que nem se estivessem na carne teriam tão profunda.

— Qual de vocês, insistiu Deodoro, vai se apresentar primeiro?

Novamente, aguardou uns minutos, mas, à vista do silêncio absoluto dos quatro, necessitou adotar outro método, para o estímulo dos tímidos:

— Você, meu filho, disse ao que lhe pareceu o mais jovem, passando-lhe a mão sobre a cabeça, descobrindo-lhe a tonsura coberta pelos cabelos compridos, como se

chama?

— Roberto, Eminência.

— Sou apenas, ou melhor, fui tão somente monsenhor, meu filho. Trate-me com menos imponência.

Mas os outros ficaram em silêncio. A observação de Deodoro não lhes alterou em nada a postura.

— Vamos lá! Digam os seus nomes.

— Everaldo.

— Joaquim.

— Hermógenes.

— Fale você, Roberto. Que idade tinha quando deixou a Terra?

— Trinta e seis, Excelência.

— Vamos entrar num acordo. Deodoro começava a se impacientar. Vocês me tratem sempre por Reverência. Está bem assim?

Todos deram com a cabeça que sim, mas não ousaram erguer os olhos para a figura do velho.

*Estou bem arranjado, se tiver de tirar tudo com saca-rolhas dessas cabeças.*

— Roberto, você está inteiro. Então, quer dizer que morreu de doença?

— Tive lepra, Reverência.

— Essa doença, considerou Deodoro, deve ter exigido de você muitas lágrimas e muita fé no Senhor. Em todo caso, não vejo nenhum sinal...

Enquanto falava, Roberto ergueu as mãos, onde faltavam vários dedos, embora as feridas estivessem cicatrizadas.

Deodoro não se perturbou:

— Meu irmãozinho Roberto, não tenha medo de me contaminar. Aqui, essa moléstia não é contagiosa. Pelo menos, eu acredito que não seja, porque os micro-organismos não acompanham a gente...

— Tem certeza, bom Mestre?

— Por que você me chama de bom mestre? Está esquecido do que se registrou em São Mateus, capítulo XIX, a partir do versículo 16: *“Então, um jovem aproximou-se dele e lhe perguntou: Bom Mestre, qual bem é preciso que eu pratique, para conseguir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: Por que você diz bom para mim? Tão somente Deus é bom. Se você deseja entrar na vida, guarde os mandamentos. — Quais mandamentos?, perguntou-lhe ele. Jesus lhe disse: Você nunca matará; você nunca cometerá adultério; você nunca roubará; você nunca levantará falsos testemunhos. — Honre seu pai e sua mãe, e ame a seu próximo como a si mesmo.”*

Roberto, que havia feito a observação, não se alterou:

— É verdade, Reverência. Mas, se Jesus não queria ser chamado de bom, tinha ele suas razões. Eu também tenho as minhas para chamar Vossa Reverência de bom, porque está preocupado comigo. Eu sei que Deus é bom, mas quem quer ir ter com ele no Céu também tem de ser bom.

Deodoro pegou o tema pelo rabo:

— E você? Você acha que merece ir ao Céu? Quer dizer, você acha que é bom?

Roberto respondeu:

— Eu acho que posso vir a ser bom, se fizer tudo o que Jesus recomendou ao jovem rico, embora tivesse dito depois aos apóstolos: *“Eu lhes digo em verdade que é bem difícil que um rico entre no reino dos céus. — Eu lhes digo ainda uma vez: É mais fácil que um camelo passe através do furo de uma agulha do que um rico entre no reino dos céus.”*

Deodoro ficou com vontade de interrogar o outro a respeito do que achava sobre a sua condição, mas avaliou que seria melhor não aprofundar o tema naquele momento. Talvez melindrasses algum dos que carinhosamente já estava chamando de pelintras:

*Esses aí sabem dar respostas muito convenientes. Ele me chamou de mestre mas não quer dizer que saiba menos do que eu. Preciso dar aos outros um pouco de trela para que se manifestem e, em se manifestando, demonstrem o que são. Quem sabe possam eles me fornecer algumas pistas valiosas para sair da enrascada em que estamos nesta estranha região, onde as coisas têm aparência de serem normais e, de repente, se transformam.*

— Everaldo, você saberia dizer por que todo mundo saiu correndo, assim que o ofício acabou?

— Reverência, respondeu Everaldo sem erguer os olhos, foram ao refeitório para o jejum.

— E vocês, por que é que ficaram?

— Vimos a oportunidade, retrucou Everaldo, de prestarmos um serviço a Vossa Reverência, que ficou sozinho. Prestamos atenção quando chegou carregado, mas os dois e mais o Cardeal Crisóstomo se esqueceram de Vossa Reverência.

— Quer dizer que vocês já se conheciam? Responda você, Joaquim.

— Pois não, Reverência.

Deodoro começava a ficar constrangido com tantas Reverências.

*Notei que Crisóstomo já estava me tratando por você. Como será que esses aí reagirão, se lhes pedir para mudar a forma de tratamento?*

Em voz alta:

— Não quero mais ouvir falar em Vossa Reverência nem em Vossa Excelência. Peço que me chamem de... Como é que vocês acham que seria mais fácil?

Silêncio total. Ninguém se atreveu a arriscar palpite.

— Vamos ver se *Padre* ou *Professor* soam melhor. Está certo?

Os outros assentiram com a cabeça. Mas Joaquim não ousou prosseguir.

— Joaquim, com quantos anos você chegou aqui?

— Sessenta e seis, Monsenhor.

— E ainda tem esses vezos de respeito excessivo? Aposto que na Terra não procedia desse modo quando se dirigia ao patrono da diocese.

— É verdade, Padre Deodoro, mas deve ter sido por isso que hoje nós estamos no Purgatório e não fomos para o Céu. Eu conversei longamente com o colega Roberto e ele me disse que a lepra (que eu insistiria em chamar de *hanseníase*, se vivo) deveria tê-lo levado diretamente para o Paraíso Celeste, porque o sofrimento que sentiu foi atroz. No entanto, as lamúrias, as lágrimas e os gritos íntimos de injustiça não aliviaram o peso da doença quando aqui chegou. Por mim, acho que ele merecia, de qualquer modo, um tratamento mais ameno. Mas esse meu sentimento ponho na conta de desrespeito, porque deveria saber que a vontade de Deus deve prevalecer sempre sobre a nossa, porque ele é



onisciente e eu mal sei soletrar algumas passagens dos *Evangelhos*.

Deodoro percebeu que o outro esperava, na verdade, uma resposta a respeito da certeza que o bom mestre tinha a respeito da vida dos animais naquele ambiente, ainda que vírus, bactérias e outras formas invisíveis a olho nu.

— Joaquim, estou sentindo que vocês abaixam a cabeça mas mantêm a crista levantada.

— Esse é um dos nossos defeitos mais graves, Padre Deodoro. Mas pode acreditar que tanto o Roberto, o Everaldo e o Hermógenes, quanto eu mesmo, todos nós estamos cientes de que precisamos melhorar, o que o Senhor foi capaz de perceber quando nos citou São Mateus, em passagem exemplar de como se deve proceder para merecer ser recebida a pessoa pelo nosso Pai Celestial.

Deodoro bateu na mesma tecla:

— Quando a pessoa sabe onde está a falha de sua alma, deve agir com honestidade, porque Deus dá liberdade a todos os filhos de se arrependem e de se confessarem em pecado, para merecerem o perdão. O que eu acho que acontece com todos os que estão reclusos nesta dimensão... Vocês sabem por que eu estou falando em *dimensão* e não em *purgatório*?

Calou-se, aguardando que um dos quatro se manifestasse. Mas lá ficariam *per omnia secula seculorum* se deixasse que um dos quatro *mosqueteiros* tomasse a iniciativa da exposição.

— Eu falo em *dimensão* porque me parece que vocês irão objetar, perguntando de novo se *tenho certeza* do que estou dizendo. Mas vou adiantar-lhes, meus caros, que eu também penso que estamos no Purgatório, apesar de ter tido uma informação diferente do Padre Eustáquio, que eu chamava de Eufrásio... Mas deixem isso pra lá, que vocês não vão saber sobre o que estou tratando.

Hermógenes levantou olhos súplices, como a pedir perdão por ousar uma palavra.

— Fale você, Padre Hermógenes, que me parece o mais sábio de todos nós porque conseguiu ficar por mais tempo calado.

Hermógenes, com um fiozinho de voz quase inaudível, observou:

— Professor, eu fui aluno seu e do Irmão Eufrásio, seu amigo...

Deodoro deu uma boa olhada no *tratante*, conseguindo recordar-se do *safado*, que se formou no seminário mas não professor.

— Você está muito diferente, Hermó... Não era assim que os seus colegas o chamavam?

— Naquele tempo, Vossa Reverência... (Deodoro fez um gesto de desagrado.) — Perdão, Professor, mas o Senhor chamou a atenção da turma porque utilizavam de apelidos.

— E você não aprendeu gramática.

— Sintaxe ideológica, lembra-se, Mestre?

— Certo, para *turma* e *utilizavam*, mas estou falando do regime do verbo *utilizar*.

— É que não me habituei ainda a uma reflexão mais concentrada na correção. Se não tivesse afrouxado a vibração, a comunicação teria repercutido mais orgânica, segundo a possibilidade de registro da parte do recebedor, como estou empenhado neste instante.

Deodoro não se deixou apanhar nas malhas da malícia do ex-aluno:

— Hermó, meu jovem, ainda que você tenha chegado aqui depois dos cinquenta...

— Cinquenta e oito, Professor.

— ... não consigo enxergar em sua aura a rigidez da moralidade que imprimiu ao texto através do qual desejou impingir-me a lição. Antes, fui capaz de concluir que a sua assim chamada *frouxidão* se colocava em seu espírito porque não vê em mim a mesma autoridade que via no seminário. Está revidando aquelas horinhas em que eu lhe dizia para estudar mais. Tanto estou certo que não me lembra de havê-lo encontrado na condição de servo de Deus, porque você não quis prestar os sagrados votos.

— Para mim, Reverência, a vida deu muitas voltas, até que me determinei a seguir o caminho de Jesus, execrando a anterior atitude e voltando aos estudos em outra instituição, quinze anos depois, exercendo o meu ministério no Nordeste, mas sempre atento para as realizações de Vossa Reverência...

— Vejo que você se magoou com a minha represália de hoje tanto quanto...

— Por favor, Deodoro, se depender da forma de tratamento a nossa amizade, então vou chamá-lo apenas por você.

Deodoro não deixou que o outro voltasse à atitude de submissão. Puxou-o para seu peito e deu-lhe forte abraço, buscando transmitir o afeto que durante a vida toda depositara nas aulas, porque amara os alunos como se fossem seus próprios filhos. Todas essas emoções iam passando pela mente do Professor, de sorte que o aluno afagado pôde sentir que havia muita verdade naquele transbordamento afetivo.

Ao se separarem, todos notaram magnífica transformação na aparência física de Deodoro. O velhinho já não estava tão carcomido e as feições adquiriram muito mais *vida*, como se tivesse rejuvenescido bastante.

O espanto dos demais estava tão visível que o velho padre quis saber logo o que se passava:

— Parece que vocês estão vendo um fantasma! Que aconteceu?

Realmente, aquela atitude de resguardo quanto a encarar o mestre havia cedido e os quatro se deliciavam com o resultado de sua participação no ânimo do companheiro.

Foi Joaquim quem se atreveu:

— Amigo Deodoro, você está mais perto de nós agora.

Percebeu que manifestara uma ideia muito obscura, mas deixou passar. Acrescentou:

— Antes, a vetusta aparência nos dava a impressão de estarmos perante o Padre Eterno, com perdão da mal citada...

Joaquim não conseguia concatenar os pensamentos. Tão lúcido um momento antes, agora dissociava as ideias, sem compreender o que se passava consigo mesmo.

Foi Deodoro quem arriscou uma explicação:

— Vejo, colega, que você está perturbando-se, ao exprimir um simples raciocínio. E sabe o porquê da dificuldade? É que você se emocionou. Aprendi, nas poucas horas que estou em vilegiatura forçada por estas bandas, que a gente não pode deixar-se influenciar pelo coração, pois, em seguida, as emoções tomam conta da mente e iniciam um processo de *plasmação* sobre os fluidos que nos cercam, como se realizássemos um trabalho independentemente da vontade consciente.

Os quatro se olhavam interrogando-se, como se todas aquelas expressões se

dilúissem em quimeras, porque não afeitos a tal tipo de análise da realidade circundante.

Deodoro continuava impávido, apesar de avaliar as reações dos demais, antegozando o momento em que deveria responder a uma série de arguições pertinentes:

— Penso que você esteja tentando dizer-me que melhorei, no sentido de dominar melhor o meio ambiente, pelas forças naturais que se impregnaram em mim, através da absorção das vibrações de superior categoria, por desejar aos meus semelhantes que tudo venha a decorrer da melhor maneira possível, uma vez que dediquei afeto, no sentido bíblico, ao meu ex-aluno Hermógenes, que me entendeu e correspondeu. Foi um momento de plena felicidade, se é que podemos considerar os fatos como momentaneamente absolutos. Perdoem-me a tentativa de ensinar-lhes algo que para mim mesmo é muito novo, contudo, devo dizer-lhes que acredito nas transmissões telepáticas dos pensamentos, de forma que, em termos espíritas, estou como que mediunizado, aberto, portanto, para a recepção dos conceitos que estão no ar, como, na Terra, os receptáculos das ondas, como sejam os aparelhos de rádio e de televisão, se ligam idealmente aos que transmitem a distância. E essa virtude é recente para mim, oriunda, evidentemente, daquele amor evangélico a que me referi, segundo o prisma dos ensinamentos do Cristo. Alguém poderá oferecer-me em abono do que estou dizendo alguma passagem de um dos evangelizadores?

Os quatro deram instintivamente um passo atrás.

Deodoro percebeu que estava esperando demais deles:

— Não seja por isso. Eu mesmo vou fazer a citação. Encontra-se um texto em São João, capítulo III, desde o início até o versículo 15: *“Ora, havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos judeus, — que veio, à noite, encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, nós sabemos que o senhor veio da parte de Deus para nos ensinar como um doutor; pois ninguém seria capaz de realizar os milagres que o senhor realiza, se Deus não estivesse com ele. — Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: Ninguém tem como ver o reino de Deus, se não nascer de novo. — Nicodemos lhe perguntou: Como pode nascer um homem que já é velho? Tem ele como reentrar no seio de sua mãe, para nascer uma segunda vez? — Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: Se um homem não renasce da água e do Espírito, ele não tem como entrar no reino de Deus. — O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é Espírito. — Não se espante do que eu lhe disse, que é preciso que você nasça de novo. — O Espírito sopra onde ele quer e você ouve sua voz, mas você não sabe donde ele vem, nem aonde ele vai; acontece o mesmo com todo homem que nasceu do Espírito. — Nicodemos lhe perguntou: Como é que isso pode dar-se? — Jesus lhe disse: Quê! Você é mestre em Israel e ignora tais coisas? — Em verdade, em verdade, eu lhe digo que nós só dizemos o que sabemos, e que nós lhe prestamos testemunho do que nós vimos; entretanto, você não aceita nosso testemunho. — Mas, se você não crê em mim quando eu lhe falo das coisas da terra, como irá crer quando eu lhe falar das coisas do céu? — Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do homem. — E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.”*

Joaquim gaguejou:

— Professor, como é que o Senhor é capaz de tão extensa citação?

— Respondam-me vocês se alguma passagem das que tenho citado não repercutem em seus cérebros como se vocês lessem no livro aberto debaixo de seus olhos.

De propósito, Deodoro deixou que o tempo passasse a fim de possibilitar que as ideias se organizassem em suas mentes. Enquanto isso, ele mesmo se aparelhava para dar uma resposta mais cabal à questão, compenetrando-se de que, se lhe tivessem perguntado antes, com certeza iria dizer que talvez pudesse se recordar e se atrapalhasse, porquanto algum elemento emotivo estaria interferindo na rememoração do texto. À vista da perplexidade imperante, não teve outra opção o velho professor senão dar continuidade às suas observações.

— Para dizer a verdade, eu não sei direito como é que o meu cérebro está se recompondo segundo premissas muito diferentes das que caracterizaram a minha personalidade terrena. Tudo está acontecendo como se os meus estudos, a minha reiterada dedicação aos textos (imaginem quantas vezes reli o meu querido breviário) estivessem sendo recompensados pelo inconsciente, que se mostra mais lépido e diligente, quando preciso dos recursos arquivados. O seu incentivo me foi o elemento mais valioso para reconduzir-me às atividades didáticas, vamos chamar assim o ministério educacional dentro do qual vivi por mais de duzentos anos...

Deixou escapar a estapafúrdia quantia, o que repercutiu muitíssimo mal nas mentes dos outros.

Hermógenes não se conteve:

— Professor, mais de duzentos anos?... Inacreditável. Só se estiver somando mais de uma existência terrena na qualidade de mestre.

Deodoro não se apertou:

— Confesso que deixei vaziar uma informação sobre a qual não obtive domínio. Saiu espontaneamente do fundo da consciência. Mas, se atentarem para o texto que reproduzi, foi Jesus quem disse que é preciso que as pessoas renasçam muitas vezes para adquirirem as condições propícias para serem aceitas pelo Senhor. Não estou dizendo que mereço a ascensão definitiva, mas que, pelo que entendi, nós todos estamos num ponto da formação espiritual, porque temos a propriedade do intelecto, do raciocínio avançado, que demonstra que passamos pela carne, conforme a excelente referência de Jesus, diversas vezes. E Jesus só falava das coisas terrenas. Como seria se nos viesse falar das celestiais? Aliás, estaríamos atravessando um momento oportuníssimo, porque estamos deixando o círculo material mais denso para trás e nos preparamos para compreender a realidade presente, segundo uma nova filosofia existencial.

Roberto fez menção de participar e Deodoro cedeu-lhe a palavra:

— Fale, jovem amigo.

— Apenas para uma observação periférica ou secundária. Estávamos extasiados com o seu rejuvenescimento visual, vamos chamar assim as transformações que nos foram mostradas ao vivo e em cores. No entanto, a sua *performance* mental, a partir das primeiras frases que nos endereçou até esta verdadeira aula que nos ministra agora, sofreu incrementos vigorosíssimos. E olhe, querido amigo, que eu não estou apto a externar condignamente todo o meu tremendo embevecimento, porque é pobre a minha realização verbal.

— Imagine se fosse rica!

Houve um momento de descontração e todos puderam sorrir, como se sedimentassem ali uma amizade argamassada na compreensão de que os objetivos se uniam em prol do crescimento de todos, como um grupo de estudos e de trabalhos. Realmente, não precisaram conversar a respeito, porque foram capazes de se entenderem apenas pelas vibrações que se uniformizavam dentro de um padrão comum.

Foi Deodoro quem chamou a atenção para a hora:

— Não conheço este local, mas presumo que, assim que terminar a refeição, virão procurar-me, para me levarem de volta à cela. Eu vou tentar caminhar sozinho, porque foi muito vexatória a minha entrada triunfal neste templo. Se titubear, queiram amparar-me.

Ato contínuo, deu uns passos firmes na direção da porta. Antes de cruzá-la, voltou-se para a enorme cruz que encimava o altar principal, ajoelhou-se, abriu os braços como se estivesse oferecendo o seu coração ao Cristo e chorou algumas lágrimas bastante comovidas.

Os quatro discípulos fizeram menção de segurá-lo, mas voltaram atrás, porque entenderam que Deodoro estaria recebendo energias de um campo superior, de forma absolutamente inédita para eles. Então lhe imitaram a atitude de reverência e adoração, ajoelhando-se por sua vez, cada qual recitando íntima oração de agradecimento ao Pai pela lição transcendental.

Alguns minutos depois, os cinco adentravam o amplo salão em que se reuniam os habitantes do mosteiro, palradores e faceiros, chamando a atenção dos demais para a mudança radical em suas aparências.

Foi Crisóstomo que os recepcionou, um tanto intrigado:

— Bem-vindos, companheiros. Bons olhos os vejam! Que Jesus os abençoou, estamos sentindo. Partilhem de nossa refeição frugal, para que o dia seja proveitoso, em nome do Senhor!

E oferecia um posto a Deodoro na mesa dos abonados, indicando aos demais que deveriam achar lugar no meio da turba.

Notou Deodoro que havia certa fartura de viandas sobre a vasta mesa junto à qual se acomodavam os maiorais. Antes de se sentar no banco comum, examinou o ambiente, observando que as demais mesas não apresentavam sobras de alimentos. Percebeu que foi com muito má vontade dos outros que os seus quatro amigos conseguiram abrir espaço. Perpassou-lhe pela mente que deveria protestar contra as discriminações, mas, avaliando melhor, resolveu que seria demasiado prematuro arguir a postura da congregação. Se não sentia nenhum resquício de revolta, era preciso conhecer os reais intentos comunitários. Sem se fazer de rogado, porém, afastando da frente os utensílios, perguntou de chofre ao cardeal:

— Eminência Reverendíssima, noto que sobre a tábua principal estão dispostas muitas iguarias a tentar a gula dos Senhores, enquanto sobre as dos parceiros menores nada vejo. Aguça-me a curiosidade conhecer os objetivos sacramentais de tal distinção. Crisóstomo pôs-se a rir à vontade.

— Pois saiba, Monsenhor, que a nossa mesa está servida para que sustentemos a virtude da temperança, como Tântalo à vista da água e dos frutos. Só que as correntes que nos prendem são morais, pois somos firmes na determinação de apenas tocarmos nos alimentos. Quanto aos demais, a sua razão diária é bem maior do que a que absorvemos,

os principais, tanto que não vencem eles a fome e se arremessam selvagememente sobre a comida, devorando tudo em pouquíssimo tempo. Vossa Reverência...

— Vossa Eminência me havia deferido com tratamento mais familiar. Por favor, mantenha o você que me tornou cativo da vigorosa personalidade do companheiro.

— Está bem, Deodoro. Você, instintivamente, afastou de perto o prato, o copo e os talheres, como se conhecesse os nossos hábitos. Saiba, além do mais, que, assim que nos afastarmos, os religiosos da casa têm permissão para, regrada e ordeiramente, aproximarem-se das sobras e consumirem tudo, porque é norma comunitária que não se perca nenhum trabalho dos que se dedicam a fornecer-nos o alimento e a roupa, mesmo porque não somos muito hábeis em produzir o de que necessitamos, já que os recursos do mosteiro são limitadíssimos.

Deodoro desconfiou de que o cardeal escondia alguma coisa importante e jogou verde:

— Pelo que pude deduzir, faz bastante tempo que todos os habitantes estão reunidos no salão. Está a sala tão apinhada que suspeito que não restou ninguém para cultivar o solo, pala colher as messes, para cozer os alimentos...

Crisóstomo, demonstrando impaciência, interrompeu-o:

— Não fique agastado conosco, por favor, Reverência...

Deodoro mal chegou a esboçar um gesto de desagrado, não apenas pelo título, mas, principalmente, pelo significado emotivo que lhe estava sendo atribuído às palavras e ao pensamento, enquanto Crisóstomo prosseguia:

— ... porque estamos no limiar, no vestibulo, diria melhor, junto à entrada do Paraíso. Cada um de nós trabalhou pela humanidade com denodo e sacrifício. Vossa Reverendíssima mesmo passou quase uma centena de anos a serviço do próximo, em louvor ao Pai, para honra e glória de nossa Madre Igreja. Sabemos que temos defeitos morais mas nós os confessamos e recebemos o perdão de Deus.

— Isto significa que o trabalho se perderia com o chamado do Senhor?

— O irmão conhece a passagem bíblica. Segundo São Mateus (XXII: 1-14.), *“Falando Jesus ainda em parábola, disse-lhe: — O reino dos céus é semelhante a um rei que, desejando fazer as núpcias de seu filho, — enviou seus servos para chamar às núpcias os que tinham sido convidados; mas eles se recusaram a vir. — Ele enviou ainda outros servos, com ordem de dizer de sua parte aos convidados: Eu preparei meu jantar; eu mandei matar meus bois e tudo o que eu havia feito cevar; tudo está pronto, venham às núpcias. — Mas eles, não se preocupando de jeito algum com isso, se foram, um para sua casa de campo, outro para seu comércio. — Os outros se apossaram dos servos do rei, e os mataram, após lhes terem feito muitos ultrajes. — Quando o rei foi informado disso, tomou-se de cólera, e, havendo enviado seus exércitos, exterminou os assassinos e queimou sua cidade. — Então, ele disse a seus servos: A festa de núpcias está pronta; mas os que haviam sido chamados não foram dignos dela. Vão, portanto, às encruzilhadas e chamem às núpcias todos os que vocês encontrarem. — Tendo saído seus servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala das núpcias ficou cheia de pessoas que se puseram à mesa. — O rei entrou em seguida para ver os que estavam à mesa e, tendo percebido ali um homem que não estava vestido com a roupa nupcial, — ele lhe perguntou: Meu amigo, como é que você entrou aqui sem a roupa nupcial? E aquele homem permaneceu mudo. —*

*Então disse o rei a seus servos: Amarrem-lhe as mãos e os pés e joguem-no nas trevas exteriores: é lá que haverá prantos e rangidos de dentes; — pois existem muitos chamados e poucos escolhidos.”*

Enquanto reproduzia o texto sagrado, Crisóstomo foi empolgando-se, de forma que, ao encerrar a citação, deu especialíssimo destaque à frase final. Por seu turno, a numerosa assembleia seguiu a fala em silêncio, procurando absorver os ensinamentos mais uma vez, que Deodoro sabia que todos seriam capazes de declamar a lição de cor. Isso lhe deu outra ideia, que buscou de imediato confirmar:

— Vejo que os **Evangelhos** norteiam os procedimentos dos preclaros amigos. Notei a referência ao banquete e sinto que esse pensamento está configurando a atitude do povo presente, como se Jesus fosse chegar na qualidade de anfitrião para julgar que estão reunidos somente os escolhidos, porque os chamados se encontram do lado de fora das muralhas. O voto de pobreza se mantém, para que ninguém seja surpreendido sem as *vestes nupciais*. Estou certo, Eminência?

O outro assentiu com um generoso gesto de admiração.

Deodoro continuou:

— Se estiver errado, me interrompam, por favor. Quanto aos que partem para o Paraíso, acredito que desçam alguns mensageiros do Cristo, luminosas criaturas, anjos ou arcanjos, que separam alguns e os transportam em cortejo solene, cantando hinos de louvor ao Pai, em agradecimento pelo reconhecimento dos esforços e sacrifícios dos melhores. Estou deduzindo corretamente?

Novamente Crisóstomo confirmou em silêncio.

— Então, devo imaginar também que, às vezes, alguns são escorraçados para as trevas exteriores, chorando e rangendo os dentes?

— É isso mesmo, Deodoro. Mas permita-me solicitar-lhe que nos esclareça como é que chegou a esses resultados, não constando em nossos anais que tenha frequentado nenhum curso a respeito de nossa comunidade, porque a região purgatória é tida entre os sacerdotes, até mesmo entre os mais estudiosos, como uma espécie de inferno atenuado, ou, como alguns preferem, inferno com esperança, onde os sofrimentos servem para que se eliminem os pecados veniais que restaram sem arrependimento, apesar de muitos de nós termos recebido a sacratíssima comunhão um momento antes de morrermos, além do sacramento da extrema-unção.

Antes de responder, Deodoro concentrou-se em oração, solicitando às forças que sentia que o estavam amparando o melhor meio de evidenciar a verdade de suas concepções. Num átimo de segundo, refletiu a respeito da intuição que o fizera discursar com tanta precisão a respeito de um tema desconhecido e concluiu que o sistema da comunicação telepática era bem capaz de estar sendo empregado por aquele que se declarou seu protetor.

*Se, na Terra, eu não fui capaz de perceber-lhe a presença, o mesmo método de orientação deve estar sendo empregado aqui, porque sou obrigado a reconhecer a materialidade dominante nas mentes destes confrades em ilusória atitude de contrição religiosa. Ó meu bom Eufrásio, como suas palavras estão sendo valiosas para o exame dos corações ansiosos por direitos, em detrimento dos deveres! Vejo translucidamente o egoísmo vicejando neste ambiente e não posso condenar a ninguém, porque não tenho o*

*poder moral de erguê-los e de salvá-los de si mesmos. Que eu não seja falso nem hipócrita na explicação que sou obrigado a dar, mas que também o meu discurso não se perca para o ensino de Jesus. Peço-lhe, pois, caríssimo amigo, que me ilumine as palavras, em prol destes cujas atividades tendem a ministrar-lhes dolorosos castigos.*

— Sinto-me, amigos, sumamente grato aos vossos corações pela deferência de vossa atenção. Sei que esperais de mim, por causa da categoria eclesial que alcancei quando vivo, alguma orientação preciosa para o seu procedimento evangelizado. Conheço a generosa oferta de vossas mentes, para que não me exceda em cuidados e, com isso, venha a ofender-vos com pensamentos e sentimentos inusitados. No entanto, obriga-me o espírito da verdade que vos diga que vos encontrais enganados quanto à misericórdia de Deus. Senti, no sermão de Sua Santidade, que o vosso descortino se assemelha aos dos discípulos de Jesus, que pediam ao Mestre Nazareno explicações particulares e que por ele eram repreendidos, uma vez que deveriam ter assimilado uma parcela maior de conhecimentos, ao aplicarem a si mesmos as parábolas em seus significados espirituais. Vou refrescar-vos a memória. Em São Mateus, capítulo VII, versículos 21 a 23, lemos: *“Dos que me dizem: Senhor!, Senhor!, nem todos entrarão no reino dos céus; mas somente entrará quem faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.— Muitos me dirão, nesse dia: Senhor!, Senhor!, nós não temos profetizado em seu nome? Nós não temos expulsado os demônios em seu nome e não temos realizado muitos milagres em seu nome? — E então eu lhes direi alto e claro: Afastem-se de mim, vocês que realizam as obras da iniquidade.”* Diz-me o Cardeal Crisóstomo que não consta que eu tenha aprendido nada a respeito desta vida reclusa no além. Mas nem seria preciso, porque estou habilitado a verificar no meu coração que não mereço partir desde já para o Retiro dos Santos, aquele cantinho destinado às almas dos puros. Conclamo-vos, pois, a que não permaneçais inativos, no aguardo...

Um surdo vozerio que veio num crescendo transformou-se em rebelião. Vozes transtornadas cruzavam a sala, ferindo os ouvidos de Deodoro:

- Quem não tem competência, não se estabelece.
- Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
- Não tem autoridade aquele que se confessa pecador.

As iniciativas de desagrado agitaram o povo, mas, estranhamente, ninguém ousou ferir o inclemente e impiedoso orador.

Crisóstomo levantou-se e ergueu as mãos, pedindo silêncio. Alguns minutos ainda duraria o tumulto. Quando amainaram as vibrações contrárias ao recém-chegado, o cardeal obtemperou:

— Amigos, temos de convir que Deodoro não está afeito aos nossos hábitos. Antes de aqui chegar, sei de fonte segura que foi instigado por um daqueles sacerdotes dissidentes, que pôs o coração de Sua Reverência prevenido quanto à nobreza dos sentimentos do povo do Cristo que se reúne nesta excelsa assembleia. Peço a vocês que mantenham a integridade física do irmão, tendo em vista que deve ele ter seus méritos, tão rapidamente evoluiu em sua aparência. Vocês deveriam tê-lo visto ao chegar aqui, ontem à noite. Era, como disse a Irmã Margarida, um trapinho. Agora está com a disposição de um homem de cinquenta anos, apesar de ter vivido, como mencionei antes, quase um século. Esse desenvolvimento fala em favor de sua superioridade. Nós não podemos acusá-lo de



tentar ofender-nos com as próprias expressões do Cristo, porque testemunhamos o seu descortino quanto a estarmos, realmente, esperando ser levados triunfalmente à casa do Pai. Contudo, à vista do mal-estar coletivo que a sua presença vem de provocar, sugiro que votemos pela expulsão dele, rogando encarecidamente ao exército das trevas que venha buscá-lo ou que seja colocado sob os rigores de quantos, como ele, nos apedrejam quando saímos em busca dos companheiros que abandonam a vida, como tão caritativamente fizemos com ele mesmo, que se encontrava perdido nos subterrâneos do mundo exterior.

Enquanto falava, os religiosos iam erguendo os braços em apoio à sugestão do orador.

— Constató que a maioria concorda com a minha tese. Sendo assim, em não havendo ninguém que deseje ter o mesmo destino...

Nesse momento, ergueram-se aqueles quatro, com o claro intuito de acompanhar o excluído.

— Os nossos irmãos querem sentir na pele os impropérios dos que rangem os dentes lá fora?

Os quatro confirmaram em silêncio.

— Haverá mais alguém?

Inesperadamente, os dois da extensa tonsura também se levantaram.

Em completo silêncio, os sete, acompanhados por Crisóstomo, passaram por entre as fileiras, onde se ouviam orações em sua intenção, porque se condoíam de seus destinos.

Do lado de fora, em meio a densa neblina, perceberam quando os portões se fecharam às suas costas.

## ERRANTES

O grupo sentiu-se meio perdido nas trevas, como se vagassem em meio a forte tempestade sem chuva, ou seja, dentro de atmosfera carregada eletricamente, tantas eram as impressões fugidias que lhes tomavam de assalto as mentes.

Um dos tonsurados tomou a palavra:

— Prezados companheiros, meu confrade Arnaldo e eu (Alfredo) estamos habituados a frequentar esta zona. Não se assustem com os aspectos pouco acolhedores, porque é habitada por seres malévolos que, caso encontrem repercussões sentimentais de baixo calibre para as suas provocações, vão aparecer e atacar. A melhor atitude é orar constantemente uma prece, mesmo repetitiva.

Deodoro recordou-se da ladainha:

— Por isso é que vocês declamavam curtíssima ladainha, enquanto me carregavam?

Arnaldo explicou:

— Estamos acostumados a andar juntos, porque as duplas são estimuladas para o trabalho de assistência aos que são do alto interesse da congregação dos superiores.

Deodoro reproduziu a instrução de Jesus aos apóstolos:

— É como está em São Marcos, capítulo VI, versículos 7 a 11: *“Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos. Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto apenas um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas. E recomendou-lhes: Quando entrarem em alguma casa, permaneçam aí até se retirarem do lugar. Se em algum lugar não os receberem nem os ouvirem, ao sair dali, sacudam o pó de seus pés, em testemunho contra eles.”*

Arnaldo, exibindo o seu bordão de guarda, prosseguiu:

— Descobrimos que o louvor ao Pai era a melhor maneira de afastar o pensamento dos que sofrem e para quem não podemos oferecer nada, porque são eles que se recusam ao benefício do amor e da consideração. Não foi exatamente isso que levou o povo a expulsá-lo, Monsenhor?

— A sua observação é justa, mas que poderei eu oferecer a vocês que não alcançariam, com total tranquilidade, naquele local de orações e de vigília religiosa contínua?

Alfredo respondeu:

— Na verdade, estamos arriscando a segurança das muralhas, para onde dificilmente voltaremos, porque rejeitamos o agasalho e a boa vontade dos demais. Mas concordamos em que seríamos muito mais úteis ajudando Vossa Reverência e seus companheiros, porque temos traquejo nestes campos de vibrações fortemente hostis.

Deodoro, movido por súbito interesse, perguntou:

— Vocês não farão falta?

— Não faremos, respondeu Alfredo, porque existe um verdadeiro exército em

defesa dos patriarcas. Se não for atrevimento meu, posso contar que a maioria se constitui de antigos guerreiros de anteriores campanhas na carne, sempre em defesa do Cristianismo, que voltaram à Terra, na condição de sacerdotes, para o resgate dos débitos, mas que caíram em graves tentações mundanas, a principal delas a de se considerarem aptos à salvação.

Deodoro ia de admiração em admiração:

— Quer dizer que vocês conhecem o fenômeno da reencarnação e ainda assim se mantêm fiéis aos preceitos dogmáticos da criação da alma no momento da concepção? Não estão cometendo, no mínimo, um crime de descrença na divina equidade, uma vez que Deus não irá admitir ao seu lado aqueles que dizem o contrário do que pensam?

Coube a Arnaldo retorquir:

— Existe um método prático de contornar o problema. Na verdade, todos dirigimo-nos ao confessor e contamos que estamos na dúvida em relação aos ensinamentos canônicos. Ali recebemos a orientação de que os nossos estudos é que nos levaram a criar vidas fictícias através da imaginação. Dessa forma, obrigam-nos a crer em que desenvolvemos a fantasia das vidas passadas. E recebemos pesadas missões para pagarmos os desvios dos pensamentos e dos sentimentos, o que nos obriga ao arrependimento e à confirmação das lições dos antigos Pais da Igreja.

Deodoro não se contentava com a ingenuidade dos que recebiam semelhantes instruções:

— Mas vocês dois se rebelaram!

Alfredo esclareceu:

— Quando Vossa Reverência explicou que o povo aí confinado aguardava os anjos ou a expulsão, compreendemos que tínhamos o livre-arbítrio cerceado pelo desejo de nos vermos sendo escolhidos sem mérito algum. Os outros não se sentiram bem com as suas declarações, Reverendo, ao perceberem que se punha em crise a diretriz evangélica, segundo interpretação mais consentânea com a igreja primitiva, aquela que se imprimiu aos tempos dos apóstolos e que conhecemos muito bem, embora atulhada pelas concepções conciliares transformadas em dogmas pelas bulas papais.

— Mas vocês, insistiu Deodoro, não tomaram a decisão de me seguirem no impulso do momento. Já deviam vir pensando sobre esses conceitos desde há muito, porque as ideias demoram para se sedimentarem até forçarem as pessoas a tomar uma atitude de outra ordem, dentro dos paradigmas dos costumes milenares. Não tenho razão em suspeitar de antiga apostasia?

Arnaldo complementou as explicações do amigo:

— O termo que Vossa Reverência está a empregar não nos atemoriza mais, porque não caberia aos superiores hierárquicos da congregação excomungar ninguém. O regime de terror estabelecido só se sustenta pelo medo que se instalou nos corações de quem vivenciou a obediência aos mitrados e não às leis de Deus, pelos ensinamentos de Jesus. A bem da verdade, lá estaríamos ainda, caso não nos fosse dado acompanhar uma pessoa que nos pareceu bem dotada de senso e de coragem. Muito lhe agradeceríamos se nos permitisse prosseguir pensando pela nossa própria cabeça, porque essa liberdade é que é o apanágio de sua personalidade, o que nos estimulou a segui-lo.

— De qualquer modo, vocês não me transmitem a sensação de serem tacanhos

mentalmente, o que me induziu a pensar o fato de prestarem serviços de evidente subalternidade. Explique-me isso, Alfredo.

— Temos de reconhecer, Professor, respondeu o designado, que os irmãos do mosteiro não se configuram maldosos, nem sem sentimentos de benevolência e comiseração. Estão iludidos pelas quimeras que criaram e vivem em obsessão. Sabemos de retiros espirituais habitados por religiosos mais perversos, que não admitem sequer a hipótese de estarem mortos, agindo, segundo a prática medieval ou inquisitória, como verdadeiros carrascos de si mesmos. Desconhecem os textos evangélicos e pautam os procedimentos pelas normas restritas que os condenaram a vigiar a consciência alheia e não a própria. Se Vossa Reverência quiser, poderemos levar o grupo todo para conhecer uma dessas colônias, com as devidas cautelas, naturalmente.

Deodoro não esperava semelhantes cicerones. Comparou-se a Dante visitando os infernos, levado por Virgílio. A Comédia, apelidada de Divina, estava inteira em sua memória. Todavia, não se sentiu atraído pelo convite. Antes, daria preferência a visitar os vivos e sobre isso inquiriu a dupla de monitores:

— Visitar o orbe é possível?

Roberto, que, como os outros novatos, se mantivera atento aos informes dos tonsurados, quis que se estabelecesse um roteiro:

— Prezadíssimo Professor, talvez seja melhor pôr-nos a par de seus planos, para que nos preparemos para não sermos surpreendidos por deliberações que não corresponderiam às necessidades do grupo. Não seria melhor se definíssemos as estratégias a partir dos conhecimentos de cuja posse cada um de nós está?

— Justíssima observação, queridíssimo amigo. (Deodoro esticou os adjetivos na mesma entonação do interlocutor, provocando agradável reação no grupo.) Que cada um diga o que espera do grupo e do destino que daremos a esta estadia, em tão lúgubre região.

Ouviram-se lamentações que chegavam das trevas mais profundas. Mas, como não viram nada, não se sentiram ameaçados. Alfredo, contudo, solicitou concentração nas virtudes da fé, da esperança e da caridade, insistindo para que todos pensassem sério em se ajudarem mutuamente.

Passados alguns instantes de concentração rememorando os meios que em vida cada qual empregava para fazer valer as preces, religiosos que foram durante muitos anos, acalmaram-se os eflúvios que pesavam sobre suas pessoas e puderam mais livremente respirar, enchendo os pulmões para extrair do ar os elementos para lhes darem a noção do equilíbrio mental, no sentido de tomarem conta do ambiente.

Foi Deodoro quem quebrou o silêncio:

— Antes de me responderem a respeito dos intentos de realização neste local desconhecido... Empreguei mal os termos. Não quero dizer que não somos capazes de imaginar que estejamos meio perdidos no espaço entre o Céu e a Terra. Não é isso. É que aplicamos a nossa intuição como se muitos de nossos atos fossem puramente reflexos, como se constituíam para nossos corpos os processos sobre os quais não tínhamos domínio consciente, ou seja, a circulação sanguínea, a digestão e inúmeras reações mediante as provocações do medo, do susto, da alegria, do prazer e assim por diante. Por exemplo, não consigo compreender a necessidade de respirarmos, se por nossas veias não

corre um sangue que deva ser irrigado de oxigênio. Se me disserem que o fazemos por força do hábito, vou responder que existem inúmeros outros resquícios de vida terrestre ou animal em nosso corpo espiritual, que, sei agora, se chama perispírito, conforme me explicou o meu amigo Eufrásio. Outro problema que permanece vivo em minha mente é o fato de Eufrásio ter sido chamado de Eustáquio por Crisóstomo. Também, raciocinando segundo o que venho aprendendo nesta esfera, posso deduzir que são dois nomes atribuídos ao mesmo espírito, em duas encarnações diferentes. Eu mesmo tive a impressão de me chamarem de Antenor, o que não me repercutiu de modo totalmente estranho. Outro problema que gostaria de ver resolvido é o fato de os irmãos do mosteiro precisarem de alimentos. Eu mesmo provei uma gotas de água e senti que o paladar subsiste. Falo, além do mais, das carnes e queijos que vi sobre a mesa dos responsáveis administrativos. Se fossem servidos frutos, eu compreenderia, porque sei que há árvores frutíferas. Eis que, no entanto, são sacrificados animais bem como são utilizados como criação, para proverem de leite os habitantes do monastério. E o que se poderia dizer a respeito dos bacilos que produzem o coalho? Quem suspeitar de que tudo isto é mera vibração a plasmar as coisas, não irá resolver todos os problemas, porque os irmãos comem e, portanto, devem digerir e eliminar os alimentos. Ora, se tudo proviesse de simples alucinação, como é que os sentimentos se compõem com tanto rigor e o mundo externo se deixa apalpar com tanta precisão? Explico melhor o que estou pensando. Se cada qual estrutura o seu campo de visão ou de atuação, como é que os demais entram no sonho uns dos outros? Haverá um inconsciente que, coletivamente, se orienta no mesmo sentido? Vejo que os meus temas estão provocando o interesse de responder, mas poderei confiar em suas respostas como dignas da realidade? Quem são vocês dois para me darem explicações cabais a respeito de tanta novidade para mim e, acredito, para os quatro que comigo chegaram? Dei uma volta tremenda e cheguei ao ponto inicial, isto é, perante a necessidade de todos se apresentarem e definirem os seus objetivos. Quem quer ser o primeiro?

Everaldo assumiu a palavra, com o apoio tácito dos demais:

— Eu sou um pobre e infeliz padreco de quinta categoria. Nunca fui brilhante e meu desempenho para ajudar a Santa Madre Igreja se deu no sentido de ajudar os companheiros de convento nas tarefas mais humildes, que sempre existe a precisão de alguém para forrar os animais e para adubar as plantas. Na cozinha, não passei de ajudante para as tarefas do descasque e da limpeza. Como a comunidade era grande, empregava-me com vantagem para os que se dedicavam ao ensino e à pregação. Mas eu tinha uma voz considerada afinada e, no coro, sobressaía-me, de forma que me contentava aquela vida reclusa e sem nenhum desmesurado destaque. Fiz questão de ser o primeiro, para que não venha a acontecer de, ao final das exposições, os problemas mais dificultosos ficarem em minhas mãos. Ao contrário, posso apenas presumir, tanto meditei a respeito da comida e da bebida, que, na Terra, onde a gente possui sementes e animais, as coisas se passam segundo uma ordem natural própria. Aqui, certamente, em sendo um mundo criado por Deus, a natureza dele também deve ser particular, de modo que as pessoas que chegam acostumadas à vida terrena, recebem, por obra e graça do Criador, os recursos para se habilitarem a um desenvolvimento mais ou menos semelhante ao da vida no corpo material, ao mesmo tempo que vamos, conforme o maior ou menor poder intelectual, enchendo-nos de perguntas compatíveis com o nosso grau de desenvolvimento. Ora, se

julgamos que temos um corpo como aquele que abandonamos ao morrermos, se temos ideias de ressuscitamento após o Juízo Final, se acreditamos que voltaremos a viver na Terra, então, como critério de justiça do Senhor, também iremos manter a expectativa, até que os conhecimentos nos cheguem para que admitamos outra filosofia de existência, segundo os paradigmas próprios desta natureza diferente. Eu tenho outras ideias a respeito dos demais itens propostos por Deodoro, porém, quero crer que deve ser dada oportunidade a todos vocês, para que discutam o que acabei de dizer.

Deodoro, que se mantivera assombrado o tempo todo da exposição, quis demonstrar sua emoção:

— Amigos, vejo que Everaldo está mentindo. Se ele não passou de um criado na Terra, como é que agora é capaz de desenvolver um tema com tanta sagacidade e tanta oportunidade? Vejam que não estou pondo em dúvida nem as informações quanto à sua personalidade retrógrada, nem os conceitos concernentes à necessidade de se admitir uma linha de justiça de caráter divino, para sustentação psíquica dos seres que pairam neste ambiente. Espanta-me é o fato de ele não se recordar, como eu também não sou capaz de fazê-lo, de nenhum fato relativo aos aprendizados que se fizeram anteriormente ao encarne, numa outra passagem por esta zona ou em alguma outra vida. Vou caracterizar melhor o que chamei de mentira. Concordo com o irmão Everaldo, quanto aos movimentos involuntários de aceitação da condição existencial, e aproximo a sua concepção daquelas propriedades parassimpáticas dos organismos de agirem por conta própria, de forma que tudo o que ele está dizendo terá uma base verdadeira, cuja origem, no campo dos estudos e das reflexões, permanecem ocultas para nós. Da forma como ele colocou (contra o que não tenho elementos para discordar), todos nós, um dia ou outro, iremos despertar para a verdade, como se ela se contivesse já em nossos espíritos, conforme pregava Sócrates aos atenienses. Se Everaldo não teve descortino para aprender filosofia no seminário, pelo menos que respeite a sabedoria dos outros...

À vista do mal-estar que estava provocando, Deodoro percebeu que precisava amaciar as expressões e corrigiu-se:

— Peço perdão pelo velho hábito magistral de professor de teologia. Admito que me encaminhava para um tratamento indigno da condição espiritual do meu nobre amigo Everaldo. Vou dar tempo ao tempo para entender as suas sugestões quanto ao fato de estarmos evoluindo. No que me diz respeito, estou observando as constantes mutações por que passam meus pensamentos, sempre surpreendidos por novas formulações nestes campos etéreos.

Todos queriam participar, de modo que precisou que Deodoro impusesse certa ordem:

— Vamos proceder alfabeticamente: Alfredo, Arnaldo, Hermógenes, Joaquim e Roberto. Com a palavra o primeiro.

— Eu não tenho o mesmo discernimento do companheiro Everaldo. Entretanto, a minha estadia neste purgatório é mais antiga, de sorte que posso trazer algo além de simples conjecturas. Permitam-me iniciar por uma citação. Em São João, capítulo XIV, versículos 1 a 6, lemos as seguintes palavras de Jesus: *“Que seu coração não se inquiete jamais. — Vocês creem em Deus; creiam também em mim. — Existem muitas moradas na casa de meu Pai; se isso não ocorresse, eu já lhes teria dito, pois eu vou para preparar o*

*lugar; — e, depois que eu tiver ido e lhes tiver preparado o lugar, eu voltarei e os levarei comigo, a fim de que lá onde eu estiver, vocês estejam também. — Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vai; como saber o caminho? Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”* Nós sabemos que o Mestre falava em nome de Deus e que conhecia, por experiência própria, tudo sobre o que pregava. Se nos disse, ou melhor, se disse aos vivos que existem muitas moradas na casa de seu pai, afirmando categoricamente que diria outra coisa se outra fosse a verdade, então, é preciso confiar em que o lugar já está aparelhado, faltando que venha o Cristo de novo para nos conduzir até a morada em que habita. Ora, segundo o que nos foi dado constatar dentro e fora do mosteiro, as almas aqui se reúnem por faixas de vibração comuns. Nem os religiosos aceitam uma qualquer alteração do padrão que vigora no seu recinto, haja vista que expulsaram Deodoro; como os que os atacam não recebem em seu meio ninguém que pense ou sinta diferentemente deles. Sendo assim, a minha primeira conclusão é a de que não importa o caminho que percorremos até aqui. O principal objetivo do grupo é buscar cumprir os desígnios do Senhor que Deodoro deixou claro quando nos chamou a atenção que andávamos em duplas por inspiração evangélica. Naquele texto de São Marcos, estabelece Jesus que o roteiro dos apóstolos (e nós não podemos pensar que não sejamos pelo menos discípulos) deve obrigatoriamente passar pela divulgação da palavra do Senhor. Isto é que me parece essencial. Sendo assim, sugiro que, após definirmos o grau de aspiração do grupo, buscando os objetivos comuns, partamos por este espaço, explorando-o e, sempre que nos depararmos com irmãos, individualmente ou agrupados em colônias, pelejemos por mostrar-lhes que cabe a todos nós devotar mais fé e confiança no Senhor, para que ele possa vir ao nosso encontro e nos levar, enfim, para aquela morada tão desejada.

Roberto quis fazer um reparo e foi atendido:

— Estou ainda aguardando que o amigo me ofereça alguma resposta concreta quanto aos problemas propostos por Deodoro e quanto à solução aventada por Everaldo.

Os demais enviaram vibrações mentais em apoio ao aparteante. Então, Alfredo saiu-se com esta:

— De que me adianta falar a respeito de minhas experiências? Vou reservar-me o direito de somente me manifestar quando estivermos diante do fenômeno. Por exemplo, para que não me acusem de dispersivo, o queijo que se fabrica para os colegas do convento comerem eu mesmo ajudei a preparar muitas vezes. Toma-se uma determinada quantidade de leite, o qual é fornecido aos padres por aldeões amigos, gente que se mantém em vida totalmente rural, possuindo, portanto, gado e plantações, segundo a natureza de sua morada...

Deodoro não conseguiu refrear sua inquietação e interrompeu:

— Pois o que eu quero saber é se as vacas são reais ou fictícias.

Alfredo não se perturbou:

— As terrenas ou as do etéreo?

— Claro que as daqui!

— Por que não perguntou a respeito das vacas da Terra?

— Como assim?

— Pois aí é que está. Para nós, neste momento, aquelas da Terra já não são mais do

que o produto de nosso conhecimento armazenado no cérebro. Se bem pensarmos a respeito delas, vamos verificar que se estruturam a partir de elementos de organização específicos da densidade material, conforme o princípio da natureza de lá. Se tivermos ocasião de visitar o orbe, conforme é de seu interesse e curiosidade, iremos observar que aquelas vacas no pasto nada mais são do que fantasmas.

— Porém, os encarnados têm a exata sensação de que existem pelo leite, pelo queijo e pela carne que fornecem. E, se me permitir o gracejo, por certas chifradas até fatais.

— Pois são essas chifradas a prova mais veemente de que, um momento após, já estamos desafiando a nossa argúcia quanto à existência real delas, porque, para nós, o princípio existencial ganha outra dimensão. As nossas vacas aqui são tão reais, para nós, quanto são aquelas, para os humanos. Se não fosse assim, de que adiantaria ao Senhor possuir muitas moradas? É preciso que nos desvencilhemos da ideia de que a realidade que prevalece é a do mundo como o vivenciamos através dos sentidos. Prevalece, ordinariamente, enquanto estamos imersos nele. Ao nos desligarmos de uma determinada dimensão, segundo suspeito — e agora caio no campo das conjeturas, como Everaldo — teremos de configurar um novo campo energético, segundo uma realização existencial específica. Perdoe-me o professor de teologia, mas é preciso considerar os aspectos científicos inerentes a cada círculo de vida.

Deodoro pôs-se a refletir, sendo respeitado pelo grupo, mesmo porque ninguém ousaria interpor nenhum conceito às apreciações do companheiro, que ansiava, por seu turno, pelas considerações dos demais.

*Bem que eu gostaria, refletia Deodoro, de saber como é que se executam as obras da morte dos animais, para a obtenção da carne. Se for como penso, não se admite que os seres aqui se possam considerar vivos, senão que existem em corpos indestrutíveis, apesar de irem tomando formas variadas, conforme a vontade dos espíritos que nele habitam. Não foi assim que eu vi crescerem-me os membros? Por outro lado, como os meus pensamentos estão sendo dirigidos aos companheiros, terão eles a capacidade de receberem o influxo telepático ou isso é primazia de quem está mais adiantado, como o meu amigo Eufrásio? Vou dar um pouco de tempo ao tempo, para que eles sintam o meu desejo de fazê-los entender a minha mensagem mental.*

Realmente, antes de demonstrar que estava pronto para prosseguir a ouvir os parceiros de jornada, Deodoro permaneceu quieto, cabisbaixo, como em concentração. Não demorou para sentir, por sua vez, que alguém fazia menção de ter captado as ondas de seu cérebro. Ficou com medo, porque isso lhe devassava o íntimo, mas também se deixou levar pela curiosidade e, sem elevar os olhos, para não descobrir materialmente quem é que tentava a comunicação, perguntou, mentalmente:

— Quem estiver tentando entrar em minha faixa de ondas, que decline o seu nome. Pareceu-lhe ouvir o nome de Alfredo.

— Confirme, por favor.

— Alfredo, Reverência.

Já ia erguer o rosto, quando ouviu outra transmissão telepática:

— Arnaldo, Professor.

Aí Deodoro se impacientou:



— Caso haja mais alguém tentando comunicação, suspenda o procedimento, senão não poderei comprovar... Ou melhor, resguarde-se para dizer-me que ouviu a minha ponderação.

Ao erguer a cabeça, percebeu que Alfredo estava com a mão erguida, solicitando permissão para falar.

— Pois não, amigo. Que é que você quer dizer?

— Em primeiro lugar, entendi perfeitamente a instigação do Mestre, para que resolva o problema da dor, o que resolve a questão de ter conhecimento de suas ideias. Mas também devo dizer que não é tão difícil assim, quando sabemos que a nossa voz é um mero processo imitativo e que a maior parte do tempo estamos mesmo a comunicar-nos através dos pensamentos. Sei que Arnaldo estava desejoso de indicar que também tomou conhecimento da pergunta a respeito da morte nesta esfera, como ainda que Joaquim...

Deodoro interrompeu-o:

— Deixe que o interessado se pronuncie.

Joaquim não se fez de rogado:

— Querido amigo, eu, Roberto e Everaldo estávamos tentando entrar na faixa aberta por Vossa Reverência, quando soubemos de seu intento de provocar-nos uma resposta cabal. Pois aí está. Quanto a Hermógenes...

— Eu também entendi as razões que levaram Deodoro a afastar-se da linha de ponderações de Alfredo, embora tenha posto fé em que as explicações brotariam naturalmente. Como não é a minha vez de me pronunciar, esperarei pacientemente para acrescentar, comentar, corrigir, aplaudir, o que for.

Deodoro estava muito feliz, porque começavam a captar as produções intelectuais uns dos outros. Aí lhe surgiu outra questão:

— A que distância lograremos uma comunicação sem ruídos, ou seja, sem interferências?

Foi a vez de Arnaldo responder:

— Professor Deodoro, mestre e pedagogo, a sua postura de aluno nos surpreende. Se pedíamos liberdade para pensar, não queríamos sugerir que nos desse o poder de ensinar.

— Espere aí, interferiu o coordenador dos debates, ensinar é uma palavra talvez muito forte. Você não acha?

— O que eu penso não tem muita importância. Troque o termo por outro mais conveniente e pare de corrigir os seus discípulos. Faça-o através de um sentimento de amigável consideração, sem palavras, que nós não estamos apenas aptos a captar-lhe as ideias mas também as emoções, estas de modo mais preciso ainda. Se você está recebendo a minha mensagem como um todo, sentimentos e pensamentos, terá como discernir a respeito de meu estado emocional. No caso...

— No caso, você está me passando uma lição de boa vontade e de perfeito controle do sistema nervoso, tanto que as ideias que recebo não se deixaram, como direi?, mesclar por nenhuma vibração indesejável, agressiva, ofensiva, prejudicial para o nível de amizade que se estabelece entre os do grupo. Aliás, não sinto nenhum distúrbio emocional em ninguém. Quem sabe seja eu quem apresente algum defeito de recepção.

Arnaldo prosseguiu:

— A nossa conversa está indo de modo muito dispersivo. A gente nem bem levanta os problemas e já surgem outras questões, provocadas, naturalmente, pela associação livre dos conceitos, já que os nossos interesses...

— Diga, interrompeu o monsenhor, que são os interesses de Deodoro, porque sou sempre eu que intervenho com outros temas.

Arnaldo sorriu e continuou:

— É verdade. Mas é preciso colocar um certo norteamento, para que se fixem diretrizes mais eficazes para que se forme a base de um conhecimento sobre os pontos mais importantes para quem está a descobrir ou redescobrir as lindes desta dimensão. Sendo assim, voltando aos problemas relativos à comida e à bebida, quando Alfredo disse que fazia queijo, sugerindo que se utilizava de coágulo natural, talvez tenha feito uma declaração não totalmente compreensível. Se até os queijeiros na Terra já empregam produtos sintéticos para o efeito da coagulação, aqui, com maior...

— Não querendo interromper, mas apenas para ajudar na sua dissertação, não me entra na cabeça que as vacas parem e que precisem produzir leite para os bezerros, isso sem levantar o tópico da procriação.

Deodoro falava e estremecia, com medo de que as requeridas explicações pudessem ferir algum preceito de boa convivência entre eles. Mas Arnaldo não deu demonstração de se ter suscetibilizado e seguiu adiante:

— Existem os animais como existe vida no etéreo. Se existe vida, como nós a entendemos, deverá existir também o fim da vida, ou seja, a morte. Mas agora a perspectiva tem de mudar. Eu não gostaria de falar a respeito porque são coisas muito simples que a justa observação de uma alma tão inteligente quanto a sua, Deodoro, daria conta de entender assim que se deparasse com o fenômeno. Concordo, neste ponto, com Alfredo, mas dou de barato uma simples explicação. Não é verdade que as almas retornam para reimplantes carnis? Se admitirmos esse ponto, elas têm de abandonar este círculo existencial. Esta é uma espécie de morte, porque o ser sai de uma dimensão para adentrar outra. Para os materialistas terrenos, o argumento, enquanto argumento, ou seja, enquanto uma especulação filosófica, não satisfará, porque não admitem a existência de uma alma imortal habitando o corpo perecível. A nossa visão, nesta fase da existência, precisa configurar, pelo menos, uma dupla realidade, de sorte que o que chamamos de vida, na Terra, talvez venha a ser conceituado como morte, no etéreo, tanto que os processos corpóreos incluem a presença do sofrimento físico, o que, neste nosso plano específico, não sentimos. Abro parênteses, antes que o professor levante mais uma suspeita, que existem outras moradas, para utilizar-me de um termo evangélico, em que a condensação do perispírito é tão forte que as pessoas se tornam objeto de pressões muito parecidas com as que o sistema nervoso leva ao cérebro para causar os sintomas da dor. Não podemos esquecer-nos de que pessoas terrenas existem que, por defeito de constituição orgânica, não têm a sensação da dor. Não nos esqueçamos de que também, sob hipnose, os cérebros reagem de maneira inconsistente com o habitual, quer não sentindo dor, quer sentindo dores sem causas físicas, apenas por sugestão do hipnotizador. Mas vou resumir, ex-abrupto, dizendo que as vacas do etéreo são criações mentais de quem necessita delas para o equilíbrio emocional, uma vez que se apoderaram de uma fatia bastante densa da realidade carnal e agora sentem profunda dificuldade em

abandonar as estruturas ou arquétipos ideológicos que ameaharam durante a encarnação. Sendo assim, não se espante o bom mestre, as viandas, queijos e frios que estavam sobre a mesa dos maiores do convento tinham a mesma textura das peças cenográficas do teatro, do cinema ou da televisão humana, apesar de facultarem o consumo, porque produzidas exatamente com os fluidos de que necessitam os espíritos para restabelecerem as suas energias, porque existe desgaste através do pensamento e das demais atividades, tal-qualmente ocorre no orbe.

A mente de Deodoro já percorria novos caminhos, mas não ousou enunciar os pensamentos, dando razão à advertência do orador quanto à necessidade de ordenar os assuntos. Mas interrogava-se:

*A se dar crédito a todas essas informações, a vida aqui é a mesma da Terra, sem tirar nem pôr, o que me leva a concluir que Deus duplicou inutilmente a sua criação, porque não vejo necessidade alguma de passar por todo este processo vital. Melhor pensando, deveria dizer que a vida terrena apresenta certos absurdos de alheamento da verdade e de coerção através dos sofrimentos os quais de nada adiantam aos que não têm capacidade para absorver filosoficamente a existência. Até os religiosos, como pude constatar, ficam obcecados pela fulgurância da matéria, que a luz do Sol e a beleza do luar revelam, a ponto de criarem uma expectativa tola de salvação para um paraíso que imaginam igualzinho ao que Adão e Eva perderam. Como, porém, a minha condição intelectual me avisa de que Deus se mantém íntegro em sua realidade superior, eis aí aspectos que precisarei resolver, se quiser, no mínimo, voltar a palestrar com Eufrásio, que, esse sim, me pareceu falar coisa com coisa. Arnaldo, coitadinho, esforça-se, mas me dá a nítida impressão de andar em círculos. Terei alguma citação evangélica para ajudá-lo nesta difícil apreciação?*

Barafustou cérebro adentro para ver se encontrava algo em apoio do discípulo e amigo. Percebeu, então, que se fazia completo silêncio ao seu redor, como se os outros estivessem lendo em sua mente, apesar de não estar tentando passar-lhes nenhum dado mental. Mas a dúvida mereceu uma observação de Hermógenes:

— Peço perdão por impacientar-me, que não é a minha vez de intervir, entretanto, tanto vale a minha palavra como a de qualquer outro, porque o que vou dizer...

Roberto desejou abreviar a manifestação:

— Pois diga logo!

— Na verdade, todos estamos cheios de dúvidas, de modo que seria bom que voltássemos às explicações sobre os pontos da pauta. Poderia Arnaldo esclarecer se as pessoas aqui, em algum setor do Purgatório...

Deodoro tentou ajudar:

— ... Umbral...

— ... do Umbral (obrigado, Professor), sabem que se enganam ao comer os seus bifés?

— Eis o que é possível verificar *in loco*, conforme a proposta de Alfredo. Basta que nos enfrontemos pela escuridão até encontrarmos alguma aldeia. Ali, cada um irá poder conhecer a verdade, tirando conclusões específicas muito proveitosas para o restante da teoria de que estamos necessitados.

Mas Deodoro, vendo que não era o único a dispersar o tema, exigiu:

— As vacas morrem ou não morrem, para fornecer esses tais bifés?

Não obtive, contudo, nenhuma resposta e sobre o grupo desabou pesado silêncio.

De repente, Deodoro teve um estalo:

— Ouçam este trecho de São Marcos, capítulo XI, versículos 12 a 14 e 20 a 23: *“Assim que eles saíam da Betânia, ele teve fome; — e, vendo de longe uma figueira, ele foi ver se conseguiria achar ali alguma coisa; e, tendo-se aproximado dela, ele só encontrou folhas, pois não era tempo de figos. — Então Jesus disse à figueira: Que ninguém coma nenhum fruto seu; o que seus discípulos ouvirem.” “De manhã, eles viram, ao passarem pela figueira, que ela ficara seca até à raiz. — E Pedro, lembrando-se da palavra de Jesus, lhe disse: Mestre, veja como a figueira que você amaldiçoou ficou seca. — Tomando a palavra, Jesus lhes disse: Tenham fé em Deus. — Eu lhes digo em verdade que qualquer um que disser a este monte: Saia daí e se jogue no mar, e isso sem hesitar em seu coração, mas crendo firmemente em que tudo o que tiver dito acontecerá, ele o verá, com efeito, acontecer.”*

Ao terminar a exemplificação, notou que os demais estavam em expectativa para as inferências, pois os olhares interrogativos demonstravam que não haviam atinado com a argúcia tácita dos argumentos.

— Posso garantir-lhes, disse Deodoro, que vi com clareza a relação entre o nosso estágio corpóreo atual e essa manifestação sagrada de Jesus. Eis o que penso. Quando Jesus nos diz que a figueira, apesar de verdejante e viçosa, deve ser amaldiçoada, é como a vida que passamos na Terra e que não produziu frutos. Sendo assim, nós estamos aqui como que em ostracismo, expulsos do paraíso terrestre, que foi no que transformamos a peregrinação. Falo por mim, que gozei a vida o mais que pude, embora sinta muita frustração cujo enunciado exato ainda não caracterizei. Se não houver ninguém que discorde, sigo adiante.

Aguardou uns momentos, mas, à vista do assentimento do grupo, prosseguiu:

— A segunda parte trata de confirmar a primeira, dispondo o Mestre o que devem fazer os discípulos para modificarem o ambiente em que atuam, orando com fé, para, segundo ele, mover as montanhas. No que respeita aos aspectos simbólicos da fala, podemos entender que as tais montanhas podem ser os entulhos mentais dos infieis ou dos descrentes, dos materialistas e demais pessoas refratárias ao ensino da verdade cristã. Mas, além disso, podemos entender que, neste ambiente em que pairamos, a fé se consubstancia em vontade, para formarmos o mundo ao derredor. Vou ser mais específico. Quando os aldeões desejam criar suas vacas no pasto, apenas têm de acreditar que elas existem. Não sabem que possuem aquela fé inquebrantável para a estruturação de seu mundo, mas agem em consonância com o princípio elaborado por Jesus para os apóstolos.

Deodoro analisou os semblantes indagadores dos demais e julgou melhor esmiuçar o pensamento:

— A morte é simples passagem de uma dimensão a outra. Tudo bem. A dor é um sintoma físico de que algo no corpo não está de acordo com o que seria considerado normal. As vacas têm sua vida natural na Terra e os homens aprenderam a conviver com a ideia da existência da vaca para compor a sua paisagem ambiental. Exercem o poder da fé, inconscientemente, porque a sua vibração se dá no sentido da constituição do círculo em que existem, para equilíbrio psíquico, segundo as pobres conquistas de sua encarnação. Se fossem religiosos, construiriam um mosteiro; se muçulmanos, uma mesquita; se judeus,

uma sinagoga. Quem é cozinheiro fabrica queijos e frita bifés. Não morrem as vacas nem sentem dor as realizações meramente virtuais. Esse é o poder da fé, segundo pude deduzir das palavras do Cristo, evidentemente endereçadas a um pugilato de mortais que ficaram sumamente impressionados com elas, tanto que as guardaram de memória para reproduzir depois. Segundo a minha experiência com os textos das parábolas, Jesus deve tê-los repetido muitas vezes, mas não deve ter passado aqueles três anos de peregrinação pela Judeia amaldiçoando as figueiras, para vê-las ressequidas e mortas, no intuito de passar uma lição aos que o seguiam. Sendo assim, esse caso isolado na vida deles deve ter repercutido com muita força em suas mentes ainda muito ingênuas, no sentido teológico ou filosófico, homens rudes que todos eram. E guardaram ainda mais. Eis como São Marcos dá sequência ao texto, nos versículos seguintes: *“O que quer que seja que vocês pedirem na prece creiam que vocês irão obter, e lhes será concedido. Quando vocês se apresentarem para orar, caso tenham algo contra alguém, perdoem-no, a fim de que seu Pai, que está nos céus, lhes perdoe também seus pecados. — Se vocês não perdoarem, seu Pai, que está nos céus, nem ele lhes perdoará em absoluto seus pecados.”*

De novo Deodoro deu tempo para a reflexão dos companheiros. À vista, contudo, de permanecerem com aquele ar inquisidor, concluiu:

— Estamos tentando entender os mistérios da natureza que nos agasalha, mas nenhum de nós diverge da intenção de cumprirmos os deveres de quem materializou na carne o ideal religioso, ou seja, saindo em busca dos irmãos em descompasso com as leis de Deus e os sagrados mandamentos da Santa Madre Igreja, para catequese. Entretanto, aquela fé gerada no inconsciente está abalada, porque os nossos princípios canônicos sofreram tremendo baque, quando não nos deparamos em nenhum dos campos prometidos aos que morrem: não estamos naquele Purgatório que imaginávamos, nem no Céu, nem no Inferno. Mas podemos fazer degringolar as esperanças, se pleitearmos aos que encontrarmos pelo caminho algo diferente da experiência existencial que vivenciam no momento. Por exemplo, se chegarmos aos aldeões e pedirmos para que deixem a sua lavoura apenas aparente, porque chegamos a conclusões em outro sentido, vão escorraçar-nos, dado que não possuem elementos capazes de conduzir-lhes os pensamentos pelos nossos próprios caminhos. Seguramente, a história dos apóstolos nos propiciará o ensino que preconizo, tantos foram os que terminaram os dias supliciados, como São Pedro, que foi crucificado de cabeça para baixo, para apenas citar um deles.

Deodoro parou para respirar um pouco, que a boca estava seca e o coração disparara. Essas sensações meramente físicas não lhe causaram estranheza, que se acostumava a reagir de maneira a suplantar os percalços de sua mentalidade aferrada aos hábitos terrenos. Depois de algum tempo, enquanto os demais introjetavam as novíssimas concepções, na tentativa de agarrarem o que de mais positivo apresentavam para a sua disposição de peregrinarem evangelicamente por amor ao Cristo, em nome de Deus, Deodoro se propôs a elucidar outro ponto inicialmente levantado:

— Quero chamar a sua atenção para um tópico que assinalei como de difícil entendimento, qual seja, a necessidade que temos de respirar. Lembra-se de que eu dizia que não tínhamos sangue a circular, nem veias ou artérias para conduzir o líquido pelo corpo? Mas, apesar de tudo, nós respiramos, conforme damos aos órgãos perispirituais essa função, uma vez que o nariz suga o ar, que nos enche os fictícios pulmões, que

absorvem o oxigênio, que vai ser transportado pelo organismo etc. No entanto, eu bem me lembro (não sei se o mesmo se passou com vocês) de que houve um momento após o decesso em que me considerei sem este corpo organizado segundo as diretrizes para os seres humanos. Eu vi crescerem-me os membros. Antes mesmo disso, recordo-me de estender uma fictícia mão e de não sentir absolutamente nada, como se o meu braço passasse por dentro do móvel. Penso agora que foi apenas uma tentativa inócua da mente, que era o que subsistia. Quem não me diz que a misericórdia de Deus não se fez para mim justamente através da realização de minha vontade de dominar o ambiente, remontando o único aspecto que me daria segurança e tranquilidade?! Seria demais imaginar que outros seres, qual a figueira que secou de um dia para o outro pela maldição do Cristo, não voltariam para cá desfigurados, ressequidos, à proporção que não tenham oferecido aos passantes os frutos que sua fronde atrativa prometia? Digo muito mais, isto é, que, por outro lado, os que cumpriram todos os preceitos cristãos e ainda os da Igreja, devem, verdadeiramente, chegar nimbados de luz, em aspecto angelical, santificados pelo procedimento, sendo recebidos em festa, exatamente como era a nossa expectativa. É preciso determinar o que nos trouxe para este setor do Universo através de percuente exame do que nos falta perdoar para sermos perdoados, das ofensas que praticamos contra os nossos semelhantes...

Hermógenes quis dar sua contribuição:

— Ou contra nós mesmos...

A observação fez Deodoro calar-se. Não esperava que, de repente, alguém pudesse alertar para aspecto tão sutil.

*Vivi quase cem anos. No final da vida, nos últimos tempos, estava tão depauperado que não me interessava por nenhum acontecimento mundano. A freira lia os jornais, evidentemente excluindo do noticiário as tragédias, tanto que nada fiquei sabendo do envio de tropas americanas para a Ásia. Contudo, esse sofrimento físico não se constituiu em acréscimo de virtude.*

Intrometeu-se-lhe na linha de pensamentos uma ideia insólita:

Se eu tivesse vivido apenas uns cinquenta ou sessenta anos, não estaria confinado no mosteiro com os outros, exigindo dos recém-chegados que prestassem juramento de fidelidade aos regulamentos da corporação?

Ao contrário das vezes anteriores, a dúvida não lhe provocou estremeamento algum.

*Devo prestar atenção às intuições, porque, conforme eu mesmo sugeri aos parceiros de caminhada, o inconsciente deve estar envidando esforços no sentido de dar a conhecer precisamente aqueles defeitos de constituição espiritual que designei como falta de perdão e ofensa ao próximo. Acredito, embora não me dê ao trabalho de verificar, que os outros estejam passando por reflexões parecidas, a partir do momento em que concordaram em que a fé nesta região se plasma e dá origem aos objetos, para o efeito do teatro em que cumprimos o nosso papel. Tanto pior, se der curso a sentimentos menos nobres, porque a peça a ser representada conterà os elementos das tragédias. Se os sentimentos não se respeitarem, iremos desempenhar uma triste figura na farsa que demonstrará a inutilidade de nossa passagem corpórea pela Terra. Se eu tiver coragem para enfrentar as acusações da consciência, uma a uma, irei desfilar aquela seleção de acontecimentos biográficos que*

*se demarcaram mais nitidamente em minha memória.*

— Não faça isso, Professor, pelo amor de Deus! Deixe para depois, quando estivermos em local mais protegido, porque, se o Senhor tiver inimigos, irá chamá-los e nós não estamos aparelhados para enfrentá-los, principalmente porque debilitados pelas emoções.

— Roberto, que experiência tem você neste campo?

— Deodoro, reservo-me o direito de falar quando chegar a minha vez. Agora cabe ao próximo da lista exprimir o que lhe vai na alma.

— Com a palavra Hermógenes, que, pelas constantes participações, deve ter muitas teses importantes para comprovar.

Hermógenes trazia aparência bem jovem, talvez para dar a Deodoro a impressão dos tempos escolares. Iria desenvolver suas teses, conforme o importante estímulo do orientador, porém, resolveu deixar pendente uma questão:

— Quem aqui tem o coração mais puro?

Os companheiros olharam-se de modo significativo, dando demonstração de que estava fora de propósito qualquer comparação de valor moral. Contudo, Hermógenes não se perturbou. Esperou calmamente que se resfriassem os ânimos, temendo não receber o apoio de ninguém, se intentasse encaminhar os pensamentos naquele sentido. Esclareceu:

— Sei que as pessoas, quando possuem verdadeira fé no poder de Deus, não gostam de medir forças com o semelhante. Nós, pelo que entendi a partir das propostas de trabalho evangélico, iremos percorrer os ínvios caminhos da escuridão, para passar aos que encontrarmos os frutos de nossos conhecimentos, porque nos julgamos preparados missionariamente desde os tempos terrenos. Mas não se tratará de um julgamento de valor, sempre que incitarmos os outros a se considerarem inferiores em conhecimentos teológicos ou filosóficos? Era justo, no orbe terrestre, que pregássemos aos paroquianos e que discutíssemos com os sacerdotes de outras religiões, fundamentados nos cursos que fizemos em seminários especialmente constituídos para a finalidade catequética. No entanto, com isenção de ânimo, poderemos estabelecer a crítica dos que, em certa época, consideravam a inferioridade dos silvícolas e, principalmente, dos fiéis de outras seitas e cultos, tanto que abençoavam as armas com que os exércitos iam matar os inimigos, completamente esquecidos dos ensinamentos de Jesus. Queira, Professor Deodoro, lembrarmos a palavra do Senhor.

— Qual dos evangelistas você deseja ver citado?

— O que mais sinteticamente tiver conseguido exprimir as leis do amor.

— Em São Mateus, Capítulo XXII, versículos 36 a 40, registrou-se o seguinte diálogo: *“Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus lhes respondeu: Vocês amarão ao Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu espírito; eis aí o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante ao outro: Vocês amarão a seu próximo como a si mesmos. — Toda a lei e os profetas se acham encerrados nesses dois mandamentos.”*

Hermógenes, no entanto, queria mais:

— Os fundamentos doutrinários de toda a cristandade repousam sobre o amor ao Pai e ao próximo, como cada qual ama a si mesmo. Mas, para o meu desenvolvimento, caberia definir o que Jesus entendia pela figura do próximo. Se formos avaliar através das

bênçãos de muitos sacerdotes para a felicidade das pessoas nas guerras, iremos contrariar outra passagem importantíssima. Qual seja, Professor?...

Deodoro não titubeou:

— Acredito que, em São Lucas, capítulo X, versículos 30 a 37, encontremos a resposta: *“Um homem que descia de Jerusalém a Jericó caiu nas mãos de uns ladrões que o desnudaram, o cobriram de feridas e se foram, deixando-o semimorto. — Aconteceu, em seguida, que um padre descia pelo mesmo caminho, o qual, ao vê-lo, não ligou. — Um levita que vinha pelo mesmo lugar, tendo-o observado, também não ligou. — Mas um samaritano que viajava, tendo vindo ao local onde se achava aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. — Assim, ele se aproximou dele, derramou óleo e vinho nas feridas e lhes colocou bandagens; e, tendo-o posto sobre seu cavalo, ele o levou a uma hospedaria, e cuidou dele. — No dia seguinte, tirou dois denários, que deu ao hospedeiro, e lhe disse: Tenha bastante cuidado com este homem e, quanto você gastar a mais, eu lhe pagarei na minha volta. — Qual desses três lhe parece ter sido o próximo de quem caiu nas mãos dos ladrões? — O doutor lhe respondeu: Quem usou de misericórdia para com ele. — Vá, pois, lhe disse Jesus, e faça o mesmo.”*

Hermógenes prosseguiu:

— Por enquanto, as citações me satisfazem plenamente. Vejam, amigos, que estamos, mais ou menos, na condição do bom samaritano, que acudiu, na beira da estrada, ao que sofria. No caso da parábola, havia a necessidade declarada de ajuda e o outro clamava por socorro, mesmo que se mantivesse calado ou desfalecido. Fez o passageiro o melhor que pôde para restabelecer a condição vital do sofredor, com certeza uma espécie de adversário político-religioso, porque os samaritanos não eram bem-vistos pelas demais tribos judaicas. Não importa o histórico cultural, porque pretendo valer-me do ensino superior do Cristo. O importante é que Jesus tenha considerado esse aspecto para demonstrar que há pessoas (no caso um sacerdote e um levita) que se consideram mais capacitadas do que as outras e que, nem por isso, empregam convenientemente os seus conhecimentos, o seu poderio e a sua riqueza material ou espiritual, no atendimento do próximo. Teremos nós os elementos que faltam àqueles que pretendemos conduzir ao aprisco do Senhor? Seremos mais puros que as pessoas que considerarmos em débito para com as divinas leis?

Deodoro estava impacientando-se com a longa peroração, porque lhe parecia superficial e desnecessária. E o pretendeu dizer com franqueza:

— Querido Hermógenes...

— Pode me chamar de Hermó, Professor.

— Embora a nossa nascente intimidade esteja propiciando ocasião para o emprego do hipocorístico, reservo-me ao princípio geral de que as pessoas devam ser tratadas com toda a dignidade, o que presume que o apelido seja o mais respeitoso possível.

— Então, Vossa Reverência...

— Não exageremos, por favor. Esse seu tom de brincadeira não me parece inteiramente adequado para o momento.

— Permissão para objetar.

— Permissão concedida.

— Se, quando estamos felizes, não podemos demonstrar a alegria de nossos



corações através de considerandos integrados ao tema, não será em desespero ou agonia que iremos gozar o momento, a menos que seja por maldade.

— Concordo com isso, querido discípulo, entretanto...

Hermógenes insistiu:

— Deodoro, você ia dizer que eu estava estendendo-me demasiado dentro dos limites de um assunto de conhecimento de todos. Não é verdade? Entretanto, foi só estimulá-lo noutra sentida e você se esqueceu completamente do objetivo da interrupção. Perdoe-me a irreverência, mas sinta que estou plenamente convicto de que minhas palavras estão isentas de emoções. Tanto é assim, que vou prosseguir daqui mesmo, afirmando, peremptório, para abreviar a exposição, conforme é de seu desejo (veja que estou respeitando o meu eterno professor), que Jesus iria ainda além nos considerandos a respeito do trabalho moral que exigia dos apóstolos e, por via de consequência, que todos os seus representantes, nas diferentes igrejas cristãs, deveriam assimilar e aplicar em sua vida religiosa, enquanto missionários em atividade. Posso pedir-lhe, Mestre, para reproduzir o texto a que aludo?

O Monsenhor lutava para recompor-se, porque sentia que uma ligeira onda de estupor estava a crescer-lhe no íntimo, ojeriza antiga pelo atrevimento dos alunos, sempre que se sentia desafiado à vista de sua postura magistral inflexível. Mas foi despertado desses sentimentos de indignação pela requisição de Hermógenes.

— Desculpe-me, mas acho que não prestei completa atenção aos seus derradeiros dizeres.

Alfredo, em poucas palavras, repetiu a fala do orador. Deodoro encontrou a ponta da linha:

— Já sei a qual trecho você se refere, meu bom aluno. É quando Jesus ordena que os inimigos sejam amados, quer dizer, que se transformem em amigos. Devo dizer que se trata da maior transformação humana no campo das emoções pungentes que afligem os corações. Quando tratava desse ponto em minhas classes, sempre propugnava que os alunos contassem casos verídicos de desavenças, para promover as reconciliações. Gostaria de possuir o poder de verificação junto às almas dos que me asseguraram que refizeram as amizades perdidas, para reconhecer o mérito de minha atuação. Neste momento, devo confessar que por pouco não me desentendi com Hermógenes, por considerar ofensiva a sua colocação didática, utilizando-me para exemplo de atitude negativa. Agradeço-lhe, porém, a isenção emotiva com que considerou o episódio, porque creio que tenha percebido a minha reação íntima e feito o possível para deixar-me à vontade para o exame de meu caráter, como reflexo da formação cristalizada em minha alma por anos seguidos de prática e gramática.

Deodoro aguardou alguma manifestação de agrado, mas, à vista do ponto de interrogação que se estampava em todas as fisionomias, esclareceu:

— Quando disse prática e gramática, quis fazer um gracejo, para corroborar com o pensamento de Hermó.

Aí, sim, os outros sorriram condescendentes, na expectativa ainda de que Deodoro citasse o texto bíblico.

— Preciso melhorar meu desempenho nesta área. Deem-me mais um pouco de tempo, pois me sinto rígido dentro do sistema que adotei para a apreciação da verdade.

Sinto-me tenso e acho que não poderia ser diferente. Acredito que, no momento em que me descontraí, vou conquistar melhor condição psíquica para absorver mais eficazmente os princípios energéticos que nos trazem o vigor mental para a descoberta das estruturas que formam o intrincado sistema existencial destas paragens. Vejam que, conscientemente, vou alargando a minha participação, para desmanchar definitivamente aquela rebeldia contra o que considere perda de tempo. Aliás, se algum dos que faltam manifestar-se quiser tecer considerações a respeito deste espaço e deste tempo em que pairamos, não se acanhe. Atendendo ao meu dileto Hermó, eis a pregação de Jesus que me foi solicitada: *“Vocês aprenderam que se disse: Vocês amarão a seu próximo e odiarão a seu inimigo. E, quanto a mim, eu lhes digo: Amem a seus inimigos; pratiquem o bem aos que os odeiam e roguem pelos que os perseguem e os caluniam; a fim de que sejam os filhos de seu Pai, que está nos céus, que faz erguer seu sol sobre bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; — pois, se vocês amam apenas aos que os amam, que recompensa terão? Os publicanos não fazem isso também? — E se vocês saudarem apenas a seus irmãos, que fazem nisso a mais que os outros? Os pagãos não fazem isso também?”* É assim que está em São Mateus, capítulo V, versículos 43 a 47.

— Querido Deodoro, perguntou Hermógenes, você reprovou algum discípulo alguma vez?

— Creio que foram poucos, mas, quando reprovei, segui o roteiro traçado pela congregação dos docentes, segundo o parecer da maioria ou da unanimidade, conforme o caso. Não me lembro jamais de haver retido nenhum aluno sozinho, apesar de a minha consciência me haver acusado de ter sido por demais condescendente. Todavia, se você quer chegar ao ponto de que criei alguma inimizade por força do rigorismo de minha avaliação, encontrará, na minha história de professor, muitos mais casos de alunos que reconheceram os méritos da reprovação do que os que se rebelaram contra elas. Por outro lado, tendo em vista o tempo que transcorreu desde a derradeira vez em que lecionei, penso que as desavenças, nesse sentido, devam estar esquecidas ou, ao menos, perdoadas. Eram essas as suas considerações?

— Não exatamente. Queria tornar relevante o fato de que as pessoas, em suas relações sociais, estão constantemente a fazer apreciações objetivas e subjetivas a respeito dos procedimentos e das personalidades umas das outras. Se o professor tem o poder de manter o aluno na mesma série escolar, este, por sua vez, é bem capaz de insuflar o descontentamento da turma, de forma a cercar o mestre de mal-estar, quando não se acomete contra ele de forma a forçar a administração escolar a alguma atitude, no julgamento das queixas e das razões. De certo, os amigos estão a se perguntar a que vem tal argumentação, uma vez que a citação da palavra do Senhor nos envia para questões muito mais sérias, como a dos judeus a odiarem os romanos invasores e dominadores. É que me parece que o exemplo do professor que reprova o aluno está mais próximo da nossa realidade, uma vez que o nosso objetivo não é o de repelir, por meio de persuasão doutrinário-filosófica e religiosa, aqueles que nos atacam; mas o de facultar aos semelhantes que se aproximem de nós pelo amor de Jesus, já que o Mestre nos pregou, como primeiro mandamento, nas palavras dele: *“Vocês amarão o Senhor seu Deus de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todo o seu entendimento.”* Que o coração precisa estar envolvido, ou seja, a emotividade, creio que não cause celeuma. Quanto à alma,

significa que devemos ser absolutamente íntegros na pureza do afeto que dedicamos ao Pai, afeto esse, digo de passagem, que deve ser o mesmo em relação ao próximo. O mais intrigante é que o Mestre acrescenta o amor através do entendimento, ou seja, da razão, do conhecimento de todo o processo psíquico e até mesmo físico que orienta a formação desse vínculo entre a criatura e o Criador, do ponto de vista da criatura, porque Deus, sendo inteiro amor, não tem que prestar conta de nada a ninguém. Daí a questão que propus inicialmente quanto a quem dentre nós é o mais puro, porque esse estará em melhor condição de cumprir os desígnios do Pai, segundo a orientação do Cristo.

Hermógenes fez menção de suspender a peroração, entretanto, notando que algo havia pairado no ar sem solução, retomou o curso dos raciocínios:

— Vou emendar um tema noutra, para responder o que penso a respeito do que sejam o tempo e o espaço nesta dimensão. Permitam-me rápida digressão, sem a qual não saberia argumentar. Quem desejar interromper-me para acrescentar ou objetar, fique à vontade, tendo em vista que o assunto é polêmico e nem todos estão afeitos aos raciocínios fundamentados em hipóteses. A tese que pretendo comprovar tem de, necessariamente, afastar-se do entendimento dos humanos a respeito do que seja o tempo e o espaço para eles. Enquanto vivos, vemos os recursos biológicos do organismo se desgastarem, o que nos indica que algo está acontecendo conosco. Então, somos capazes de estabelecer uma convenção universal: as coisas envelhecem, enquanto o tempo passa. Se imaginarmos uma situação em que nenhum átomo da matéria esteja a se movimentar, poderemos configurar mentalmente que o tempo não irá passar. Nesse caso, porém, haverá um bloqueio completo e nenhum cérebro irá apresentar uma única ideia, porque todos os neurônios estarão paralisados. Então, nada (nem ninguém) existirá, até mesmo o espaço, o qual normalmente caracterizamos como a distância que separa cada elemento corpóreo dos outros. O ser existiria mas não teria nenhuma noção ou consciência de si mesmo.

Roberto quis uma explicação:

— Quer dizer que tudo, no âmbito do Universo em que habitam os encarnados, existe em função do movimento?

— Segundo a minha teoria, sim.

— Faz sentido, observou Deodoro, mas isso não é extremamente elementar?

— Não será elementar, querido Professor, se extrairmos uma consequência surpreendente, qual seja, a de que, existindo o movimento, o espaço e o tempo são decorrentes dele, de sorte que nem um nem outro existem como elementos constituintes da realidade carnal. Eu não disse que o que existia era uma convenção? Mas não quero esmiuçar os corolários de semelhante assertiva. Fique a observação gravada na memória para futuras especulações junto a espíritos mais evoluídos. O que me importa é fazer referência a esta dimensão em que nos encontramos. Se, na Terra, as pessoas envelhecem, como vimos (e experimentamos), aqui a sensação é de rejuvenescimento, pelo menos dentro dos quadros vibratórios em que nos situamos. Esta é uma constatação recente a partir da aparência de Deodoro.

Citado, o Monsenhor não perdeu a oportunidade:

— Quer dizer que o tempo aqui reflui?

— Em tese, é isso mesmo o que acontece do ponto de vista psíquico, porque, não

existindo o sentido do envelhecimento e sendo a morte, como vimos, simples passagem de um plano existencial a outro, somos forçados a concluir que o movimento que imprimia o sentido da vida para a concepção dos encarnados agora oferece aos espíritos a facilidade do aperfeiçoamento. Vou dar um exemplo. Na carne, o fato de irmos de um ponto a outro, qualquer que seja a distância a ser vencida, nos faz desgastar alguma energia armazenada no organismo. Aqui, deslocamo-nos pela aplicação do pensamento, de sorte que não há desgaste sensível, mesmo porque, se as criaturas se esfalfarem por não terem o controle do trânsito segundo as novas leis, irão recompor as energias através de simples assimilação dos fluidos sempre à disposição, porque universais. E essa recomposição sempre se dá sem nenhuma sequela para o organismo espiritual, ou, como chamou Deodoro, para o perispírito.

Deodoro, novamente citado, exerceu o direito de falar:

— Quer dizer que o perispírito, devo concluir, é indestrutível?

A pergunta surpreendeu Hermógenes, mas o antigo aluno saiu pela tangente:

— Esta é uma daquelas questões que deveremos apresentar aos irmãos mais sabidos, aqueles mensageiros do Senhor que nos disseram que vêm buscar as almas no Purgatório para conduzi-las ao Paraíso Celeste. A minha sapiência só chega até aqui, por isso proponho, em concordância com os que me precederam, que busquemos, sem ilusões de catequese, as almas reunidas em povoados, aldeias, cidadelas ou castelos e conventos, para buscar o aprendizado empírico de que necessitamos, à vista de nossa pouca experiência nesta zona umbrática. Eu não disse que os meus conhecimentos eram meramente teóricos?

Deodoro punha muita admiração no discernimento analítico do companheiro, sentindo-o, porém, inseguro, como que necessitado de confirmar o cunho científico que desejara atribuir aos raciocínios.

*Não serei capaz de encontrar algum trecho bíblico de reconforto para as ânsias de nossas almas, à vista das considerações que fazemos na falta de frequentar a glória do Senhor?*

Foi então que se materializou em suas mãos uma bíblia. Não se espantou, porém, porque sabia que outros acontecimentos iriam colocar mais luz nas mentes predispostas a encontrar o melhor caminho para a salvação.

*Afinal de contas, pensou, nenhum de nós está mal-intencionado nem desejando, egoisticamente, o seu próprio bem.*

À vista da frase em que julgava o grupo, pôs-se prevenido para as observações dos demais, no sentido de lhe colocarem algum obstáculo às ideias, como vinha ocorrendo. Contudo, não forneceram nenhum indício de que estavam preocupados com as meditações dele.

*Acho que a exposição de Hermógenes deve ter causado reviravoltas mentais em todos. Eu mesmo me teria abalado, se não tivesse a convicção de que Deus fez tudo perfeito. Se há alguma coisa que não me parece rigorosamente justa, evidentemente devo atribuir o fato à minha fraqueza intelectual. O que não posso admitir é que se enfraqueça a minha fé ou que morra a minha esperança.*

Foi então que leu, para todos tomarem conhecimento, o trecho do livro aberto em seu colo:

— Eis o que encontrei em São Lucas, capítulo XIV, versículos 12 a 14, para nos confortar e pôr um sentido evangélico em nossa peregrinação: *“Ele disse também a quem o havia convidado: Quando você receber para jantar ou para cear, não convide nem seus amigos, nem seus irmãos, nem seus parentes, nem seus vizinhos ricos, no receio de que eles o convidem em seguida, por seu turno, e assim lhe compensem o que haviam recebido de você. — Mas, quando você oferecer uma festa, convide os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos; — e você ficará feliz, porque eles não terão condição de lhe compensar; pois isso lhe será compensado na ressurreição dos justos.”*

Hermógenes, parecendo descrente de que Deodoro houvesse entendido as suas restrições quanto à pregação religiosa, inquiriu dele uma definição a respeito de sua interpretação do texto.

— Meu caro Hermó, não fique preocupado em relação aos sentimentos que adquiri à vista de suas francas e decisivas observações. Considero-as muitíssimo judiciosas, tanto que o consolo que encontro no texto do evangelista grego recolho, não da prestação de serviços que pretendíamos oferecer aos pobres de espírito, mas do banquete de luz que nos será propiciado por aqueles irmãos que conhecem os nossos aleijões, os nossos pecados, as nossas fraquezas e que nada poderão esperar de nós, já que nada possuímos com que retribuir. E como sei que seremos agraciados pela boa vontade dos anjos? Porque Jesus prometeu, em nome do Senhor, que serão bem-aventurados os que derem o pão da vida espiritual a nós, os ignorantes, quando da ressurreição dos justos.

O grupo todo entendeu que o momento tinha tonalidades sublimes e se viu coagido a recitar um padre-nosso, em regozijo pelos nobres sentimentos que foram capazes de gozar na intimidade dos corações. Deodoro, sobretudo, congratulava-se por ter buscado saciar a sede de justiça dos parceiros.

A relativa tranquilidade ambiental que se seguiu parecia dizer aos sete que se encontravam de bem com as forças da espiritualidade superior. Todos se irmanaram em sentimento de muito amor e compreensão para com as leis de Deus, tanto que não houve nenhum que titubeasse em aceitar o fato de serem eles os necessitados de apoio, tantas haviam sido as dúvidas de que se lhes encheram os corações e as mentes. Como corria o mesmo sentimento, não precisaram conversar a respeito. Contudo, Deodoro acabou não entendendo o fato de que as dúvidas pareciam ser emotivas, quando o mais que fizeram até então foi buscar discutir os assuntos de um ponto de vista intelectualizado:

— Amigos, tenho a sensação exata de que não estamos sozinhos, porque as vibrações que recebo não sou capaz de caracterizar como de seres menos dotados do que a gente quanto ao poder dos raciocínios. Dentro de mim — encarnado, diria *no fundo da alma* — sinto que os fatos se desenrolam por padrões subjetivos, como se fossem produzidos por nossas necessidades de adaptação ao ambiente, através, porém, do temor de ferirmos susceptibilidades, quer de cada um de nós, quer de espíritos passíveis de serem atingidos por nossas emissões de pensamentos em desarmonia com o bem. Se me permitirem ligeira divagação provocativa, irei mais longe, porque me parece que estamos sob estreita vigilância dos protetores, justamente aquelas entidades a que denominávamos de anjos da guarda, os quais sabem perfeitamente reconhecer as nossas atitudes como fruto da personalidade, segundo a formação terrena e também como proveniente de anterior peregrinação pelo etéreo. O que me faculta esta colocação muito pouco católica,

vamos dizer assim, é o fato de estar tentado a abandonar o objetivo catequético ou missionário, de acordo com a impressão que me restou de que precisaríamos frequentar algum seminário nestas zonas tão...

Hesitou quanto a designar o local em que se encontravam. Os outros não desejaram completar a frase, de sorte que o pensamento permaneceu truncado, a provocar o ensimesmamento de todos, pela força dos pensamentos e intenções novas das palavras do Monsenhor, a quem haviam decidido seguir. Indiferente ao que os demais poderiam estar pensando, Deodoro prosseguiu intimamente no exame das razões que o fizeram suspender a frase em meio:

*Se estou neste local ermo, apenas com os reflexos longínquos de expressões que interpreto como de dor, de acusação, de raiva, de ódio, porque me parecem gritos e pedidos de socorro, maldições e execrações, como é que somos capazes de nos integrar numa equipe de debates de temas filosóficos, sem o interesse de sair em busca daqueles seres que nos dão a nítida impressão de estarem precisando de apoio moral e religioso? Se estiver o meu anjo aqui por perto, não seria de todo conveniente que nos pusesse a par dos desígnios do Senhor para pessoas que buscam ser sensatas, na ânsia — que digo? — na expectativa — é melhor — de cumprir uma obrigação evangélica, tanto que os textos se reproduzem com fidelidade, o que esta Bíblia que me apareceu poderá confirmar sempre?*

Interrompeu a linha de pensamentos a ver se algo extraordinário, como a aparição do anjo, pusesse fim às tais ânsias ou expectativas. O mais que alcançou foi chamar a atenção dos outros, que lhe enviaram, sem muita sutileza desta vez, poderosa carga de vibrações interrogativas.

— Estive pensando, disse o Professor, que já está na hora de sermos visitados por nossos anjos ou protetores. Eis o texto em que tal feito se deu para Maria, a Virgem Santíssima: *“No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, — a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. — E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve!, agraciada; o Senhor é consigo.”*

Joaquim, que se aprestava para falar por ser o próximo da lista, desejou intervir desde logo:

— Bem sei que o trecho se encontra em São Lucas, capítulo 1, versículos 26 a 28. Mas sei também que só aí se encontra o episódio da anunciação a Maria da vinda do Messias. São Mateus narra, no Capítulo 1, versículos 19, 20 e 21, outro acontecimento: *“José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. — Enquanto ponderava nestas cousas, eis que lhe apareceu em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não tema receber Maria, sua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. — Ela dará à luz um filho e você lhe porá o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.”*

Intuindo que Joaquim iria discordar de sua colocação, Deodoro foi logo perguntando:

— A que conclusão deseja chegar o versátil companheiro?

Arnaldo não gostou do adjetivo:

— Por que *versátil*, se o amigo é o que menos participa?

Alfredo reforçou:

— Cuidado, Professorzinho, que as velhas manias costumam transparecer ao influxo das vibrações emocionais.

Hermógenes foi taxativo:

— Vamos deixar que cada um se expresse com pleno direito de discordar. Cada um terá a sua vez de falar.

Roberto demonstrou que não estava entendendo tudo o que se passava:

— Desconfio que o caso esteja a gerar desmesuradas reações. Aceitemos o *versátil*, provisoriamente, e constatem, em seguida, se está de acordo com a personalidade de Joaquim, através do que terá para dizer.

Everaldo, para não se isentar, acrescentou:

— Se a cada participação de alguém, todos tivermos de dar a nossa opinião, não sairemos daqui tão cedo.

Deodoro sentiu comichões na língua, mas fez um gesto compreensivo, dando a entender que se calaria.

— Quanto a não sair tão cedo, sem desviar-me do assunto, creio que não importa, porque ninguém está a perder nenhuma oportunidade de realização. Neste meio em que existimos agora, nada se degenera, pelo que já constatamos. Ao contrário, a impressão que temos é a de que o tempo, como disse Deodoro, refluí. Com o que não concordo. Mas a expressão é válida no que respeita ao desenvolvimento de certas qualidades imanentes a esta zona vibratória, de forma que a melhoria de cada um estará necessariamente engatada à locomotiva do amor que vai crescendo em nossos corações uns pelos outros.

Deodoro aplaudiu o parceiro silenciosamente.

— Obrigado, Monsenhor. Mas o que eu queria dizer quanto ao anseio de se anunciar um anjo para o grupo irá justificar plenamente o *versátil* que me atribuiu. Vejamos. Desde tempos anteriores ao seminário, o episódio bíblico da anunciação me provocava engulhos. Um dia, discuti com um sujeito espírita afirmando-lhe que a virgindade de Maria — bem como a aparição do anjo — eram pontos de crença dogmática.

Deodoro impacientou-se:

— Não ficou claro se essa conversa foi antes ou depois do sacerdócio.

— Foi quando já estava sagrado.

— E quais eram as suas dúvidas anteriores, aquelas de juvenzinho?

— Antes eu pensava, inconsequentemente, que a Virgem não anunciaria a sua condição de virgindade, apesar de casada, para não desfeitear o marido, principalmente porque naquela sociedade ninguém iria acreditar que se engravidara do Espírito Santo. Então, quem é que contaria ao grego São Lucas, senão ela mesma, mas muito depois, quando a história poderia passar como de profunda vaidade, tendo em vista a declaração de Gabriel de que ela recebera a graça de Deus. Quanto ao sonho de José, se acresce às razões anteriores o fato de ele ter falecido antes da crucificação do filho. Se tivesse dito às pessoas de seu círculo o que o anjo lhe anunciara, teria provocado a ira contra Jesus, porque só bem depois é que este se revelou o salvador da humanidade. Vejam que eu buscava critérios lógicos e psicológicos para justificar o fato de não crer nessas passagens. No seminário, mais velho, aceitei a necessidade dos dogmas e considerei os trechos como de superior inspiração dos evangelistas.

— Até que, mais tarde, apressava Everaldo, você se deparou com os argumentos do

espírita que condenavam os dogmas.

— Isso mesmo. Mas o danado tinha uma explicação com a qual eu não podia concordar sem ferir os preceitos do catolicismo, que me amparava moral e religiosamente.

— Qual seja, insistia Everaldo.

— O sujeito, que se tornaria um bom amigo no decorrer da vida, para quem eu lamentava a perda do Paraíso, porque não frequentava a missa, nem se confessava, nem comungava e expendia conceitos francamente desrespeitosos, uma vez que declarava que Maria não era virgem e que José não era casto, porque, segundo ele, gerara muitos filhos com Maria e com a esposa anterior, viúvo que era ao se casar com a mãe do Nazareno, saiu-se com a novidade da participação dos espíritos para a feitura dos **Evangelhos**, sugerindo que foi o próprio interessado, José, quem ditou mediunicamente os textos de São Lucas e de São Mateus, inventando José toda a história quando tomou conhecimento de que o filho poderia, verdadeiramente, ser o Cristo dos profetas. E citava São Mateus, na sequência do capítulo 1: *“Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).”*

Deodoro apartou:

— Se fosse assim, que bela ideia fazia ele da moral de São José!

— Foi o que eu disse a ele, observou Joaquim. Mas não se apertou, afirmando que José somente foi santificado muito depois e que era um espírito imperfeito, como todos nós, tanto que não foi capaz de, em vida, perceber o primor de filho que possuía, a considerar o meu argumento — vejam a astúcia do gajo — de que Jesus era o próprio Deus, como eu afirmava.

Deodoro, sorrindo, instigou o grupo:

— O bom amigo Joaquim, com muita versatilidade, ainda não justificou a não presença dos anjos protetores para nos esclarecerem a respeito de nossas dúvidas, especialmente das emocionais, porque as do intelecto nós precisaríamos de mais do que palavras para nos convenceremos, tantos são os titubeios dos raciocínios.

Alfredo obtemperou:

— Vejo que o empirismo que propugnei está fazendo prosélitos.

Mas Joaquim, desejoso de encerrar a argumentação, assumiu a palavra:

— A presença dos protetores não deve ser requerida porque, pelas próprias citações, qualquer que seja a fonte interpretativa, católica ou espírita, Deus não desampara as criaturas, de forma que, se tivermos merecido um ápice de graça, pela virgindade de nossas intenções quanto a ajudarmos os que sofrem ou os que vão nos oferecer o banquete da sabedoria, iremos sentir que os anjos estão à nossa volta. Nós é que não lhes damos condições, segundo o grau de nossa inferioridade, de se tornarem visíveis. Não é verdade que concordamos que nos reunimos neste mundo conforme uma faixa de progresso comum? Como é que seres cujas preocupações estão além de nossa capacidade de apreensão da verdade irão ditar-nos as regras a serem seguidas?

Deodoro não esperou que a conclusão se estendesse muito no aspecto negativo ou pessimista e interferiu:

— Há alguns momentos atrás, sentíamo-nos apaniguados pelas bênçãos de Deus, porque o momento nos facultava a união das mentes e das emoções, no sentido de nos



congregarmos ao Universo como criaturas de Deus. Sendo assim, não vamos deixar-nos embalar por pensamentos de baixo teor. Conservemos o ideal do amor e da justiça, com muita fé e perseverança, para sermos caridosos com nós mesmos. Eis aí a resposta que tenho para a observação de Hermógenes, quando sugeriu que havíamos tramado contra a nossa própria alma e que precisamos analisar que tipo de autoajuda nos aliviará dos pecados que carregamos.

— A teoria do pecado que subsiste, interveio Roberto, talvez seja o tópico mais adequado para eu iniciar a minha participação. Na qualidade de mais jovem e por haver morrido em crise de consciência, por não admitir a terrível moléstia de que fui acometido, peço permissão para ser bastante atrevido nas observações que pretendo fazer. Louvo-me, desde logo, das informações contidas em *O Livro dos Espíritos*, feito publicar em 1857, em sua primeira edição, por Allan Kardec, o sábio nascido na cidade de Lyon, na França, o qual teve de enfrentar inúmeras vergastadas dos nossos bons antecessores sacerdotes da Igreja Católica.

— Conte-nos só uma dessas verrumadas célebres, pediu Deodoro, que lutava por afastar da memória vivaz os dizeres da obra que um dia lera para refutar.

Roberto não hesitou:

— Aconteceu na Espanha, quando vários volumes de suas obras foram enviadas para venda. O bispo, cuja memória respeito e cuja atitude hoje deve ter superado, não aceitou a heresia, estabeleceu um tribunal do Santo Ofício, em pleno século XIX, e fez queimar os livros em praça pública, na falta, evidentemente, de poder aplicar a penalidade ao autor ou autores, caso admitamos que foram espíritos os que forneceram as respostas aos questionários de Kardec.

— Como é que você ficou sabendo disso tudo? — quis saber Deodoro.

— Com perdão do atrevimento, respondeu-lhe Roberto, aconteceu que dei vazão aos sentimentos de revolta contra o Criador, ofendendo-o em nome da Igreja, porque não me curava, como recomendou Jesus.

Deodoro fez questão de recitar:

— *“Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios; de graça vocês receberam, de graça devem dar.”* (São Mateus, capítulo X, versículo 8.)

— Pois não foi exatamente assim que agiu o Salvador?

Novamente Deodoro foi em busca do texto bíblico, encontrando-o em São Mateus, capítulo VIII, versículos 1 a 4:

— *“Tendo Jesus descido da montanha, uma grande quantidade de povo o seguiu; — e, naquela hora, veio um leproso até ele e o adorou, dizendo-lhe: Mestre, se o senhor quiser, o senhor é capaz de me curar. — Jesus, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero; esteja curado; e na hora a lepra foi curada. — Então Jesus lhe disse: Tome muito cuidado para não falar disto a ninguém; mas vá mostrar-se aos sacerdotes, e oferte a dádiva prescrita por Moisés, a fim de que isto lhes sirva de testemunho.”*

— Claro está, prosseguiu Roberto, que muitos trechos poderia citar para dar-me conforto. Contudo, não me fizeram nenhum bem, porque me lembrava das promessas e das obrigações dos sacerdotes e ficava sumamente irado com todos os companheiros, tendo em vista...

— Posso interromper para uma questão de ordem? — Era Deodoro.

— Perfeitamente, Professor. Fique à vontade.

— Ocorreu-me agora, continuou aquele, que a sua colocação inicial vai acabar ficando sem razão de ser, se você for utilizar-se de recursos argumentativos do espiritismo cristão de Kardec.

— Como assim? — Quis saber logo Roberto.

— Eu explico, respondeu Deodoro. Para os espíritas (vamos fazer abstração de nosso estado atual), as pessoas não têm a idade que apresentam em sua vida carnal. Você morreu aos trinta e poucos. Mas o seu espírito já vinha existindo antes. Não é assim que dizem os espíritas? Pois, pensando dessa maneira, devo dizer-lhe, por meu turno, que a sua solicitação para o atrevimento não se justifica. Estarei pensando muito torto?

— Não, querido Mestre, desde que — Roberto fez uma pausa, dirigindo o olhar para os demais, a ver se encontrava apoio para a tese que ia declarar — não pretenda atrasar a minha exposição, no temor de que venha pregar-lhe uma reflexão filiada aos cânones kardecistas.

Sustentou-se por momentos um pesado silêncio. Roberto como que esperava por uma afirmação de direitos do Monsenhor. Este, entretanto, resumiu o que pensava em poucas palavras:

— Você tem razão. Não cabe agora, neste local diferenciado do ambiente terreno, ficar com obtusidades e preconceitos oriundos da postura de defesa dos valores de que nos impregnávamos pelo sacerdócio. Vá em frente! Qualquer objeção que me inspire a minha formação católica direi de pronto, o que sugiro que todos façam, não no intento de prejudicar a fala do parceiro, mas para lhe ensinar oportunidades de esclarecimentos.

Hermógenes meteu sua colher de pau na panela:

— Professor, não seja pernóstico em suas intervenções, porque o que você acaba de dizer não precisava ter sido dito. Antes de se altercar comigo, reflita sobre a verdade das expressões e não se volte contra quem as disse. De resto, basta reconhecer que eu não estou fazendo nada mais do que chamar-lhe a atenção para um possível defeito de sua personalidade. Caso eu esteja errado, pague o cajado nas minhas costas, como o Crisóstomo fazia ao abrir passagem na nave da igreja. Elas agradecerão.

Antes de responder, Deodoro quis examinar os vínculos das duas observações com o tema em debate e concluiu que os religiosos amigos estavam exercendo o sacratíssimo ofício para o qual se consagraram, tendo em vista a prescrição do Cristo reproduzida por ele mesmo:

*“Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios; de graça vocês receberam, de graça devem dar.”* Eis que estão desejosos de ressuscitar-me, de limpar-me a lepra, de assustar os meus fantasmas, já que me vejo enfermo...

Dando clara demonstração de que lera os pensamentos do Professor, Joaquim correu em sua ajuda:

— Por favor, Reverência, nada de quedas bruscas de ânimo. Haverá um momento em que cada um de nós deverá buscar a cura de seus males, sem dúvida. Mas agora não estamos preparados para enfrentar os desgastes vibratórios de seu corpo astral.

A expressão desusada teve o condão de despertar Deodoro para a realidade objetiva:

— Corpo astral não me parece nomenclatura muito feliz. A Teosofia é que considera

a existência de uma região entre a matéria e o espírito, a que dá o nome de astral. Aqui estamos nós...

Mas não prosseguiu porque, de repente, veio-lhe a suspeita de que não saberia precisar o caráter do mundo em que estavam. Poderia ser espiritual ou material. Mas também poderia ocorrer de ser intermediário. É que se recordava das deduções anteriores segundo as quais muito havia de virtual, de aparente, de potencial naquela natureza específica, sobre a qual não conseguiam exercer dominação.

Roberto tamborilava os dedos sobre a mesa. Só então perceberam que se encontravam instalados numa saleta, cada um ocupando um lugar em torno da mesa, sobre a qual pendia uma lamparina acesa que alcançava iluminar os rostos e as paredes próximas. Os cantos do cômodo permaneciam na penumbra.

A descoberta não pôs assombro em nenhum coração. Pareceu-lhes apropriado ganhar um local mais resguardado da influência externa. Deodoro, contudo, observou:

— Este recinto foi criado por nossas mentes. Se houve tratativas inconscientes ou se os anjos que Joaquim afirmou presentes exerceram o seu mister de protetores, agora não vem ao caso. O de que precisamos é de ouvir o que Roberto tem a nos dizer. Quanto a mim, disponho-me a revelar os textos que Kardec registrou na obra citada, qual seja, *O Livro dos Espíritos*, uma vez que me sinto rigorosamente equilibrado sentimental e psiquicamente.

Roberto agradeceu e prosseguiu:

— Devo dizer, desde logo, que não presenciei nenhum fenômeno espírita enquanto estudava os livros. Em *O Livro dos Médiuns*, encontram-se muitas informações que se tornaram meramente históricas. Assinala a obra que o Espiritismo (aqui eu escreveria com E maiúsculo, por me referir à ciência filosófica e religiosa resultante da doutrina kardeciana) começou com algumas pancadas esquisitas nos móveis, logo aproveitadas para a indicação de letras e de números, para a formação de frases e textos, o que vigorou na França e em muitas outras regiões do mundo durante alguns anos. Tudo se transformou, todavia, em brincadeira para a sociedade, de sorte que a falta de espírito de pesquisa logo colocou as pessoas interessadas em outros jogos de salão, sem contar que a época acabou sendo de forte turbulência política e econômica, fornecendo muitas preocupações vitais para as pessoas mais cultas e impregnadas de responsabilidade. Não vou demorar-me nesta digressão. Digo que nem o simples fato mediúnico da audição ou da visão dos espíritos me foi proporcionado, apesar de os espíritos explicarem a Kardec que todos os homens são médiuns. Por favor, Deodoro.

De imediato, o Monsenhor citou o trecho:

— *“Ora, podendo cada qual ser médium, quem pode impedir uma família em sua casa, um indivíduo no silêncio de seu gabinete, o prisioneiro sob os ferrolhos, de obterem comunicações com os Espíritos, à revelia e mesmo à face dos verdugos? Caso sejam proibidas em um país, seriam impedidas nos países vizinhos, no mundo inteiro, uma vez que não existe uma região, nos dois continentes, em que não existam médiuns?! Para encarcerar todos os médiuns, precisaria encarcerar a metade do gênero humano; vindo-se mesmo, o que não seria mais nem um pouco fácil, a queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles seriam reproduzidos, porque sua fonte é inexpugnável, e porque não se consegue nem encarcerar nem queimar os Espíritos, que são seus verdadeiros autores.”*

Roberto enfatizou:

— Eu preferia que fosse citado *O Livro dos Médiuns*.

Deodoro esclareceu:

— Infelizmente, esse livro eu não li. O trecho que citei está no item VI da Conclusão.

— Não tem importância, replicou Roberto, porque aí se contém, curiosamente, uma predição do autor. Quando diz que se poderiam queimar os livros espíritas, não estaria sendo alertado pelos amigos da espiritualidade superior a respeito do que ocorreria mais tarde na Espanha?

Deodoro não se conteve:

— Só Deus conhece o futuro!

Roberto retorquiu:

— Se o tempo, conforme já se disse, não existe, também não existe o futuro, logo Deus não pode conhecer algo a que não deu nem dará sentido. O conhecimento divino é absoluto, mas nós não podemos raciocinar sobre a inexistência como sendo um atributo do Universo. Se Deus tudo sabe, deve tudo saber sobre o que existe e não sobre o que não existe.

Deodoro queria mais:

— Você afirma que Deus não conhece o futuro. O que conhece você de Deus?

— Eu posso repetir os conceitos que me ensinaram nos estudos teológicos. E posso citar o que se encontra afirmado em *O Livro dos Espíritos*, cujo primeiro capítulo trata especificamente de Deus.

Aí Deodoro foi fulminante:

— Eis o que leio em Kardec a respeito do saber de Deus em relação ao futuro. Na questão de número 868, pergunta ele: “*Pode o futuro ser revelado ao homem?*” E obtém a seguinte resposta dos espíritos: “*Em princípio, o futuro lhe fica encoberto, e não é senão em casos raros e excepcionais que Deus permite a revelação dele.*”

— Pergunto-lhe agora, Mestre, retrucou Roberto, se você está satisfeito por haver encontrado uma comprovação de suas próprias ideias em uma obra que condenou outrora?

Deodoro percebeu a armadilha em que caíra por sua conta e risco, mas falou com o coração na mão:

— Devo ser absolutamente sincero nas minhas palavras, traduzindo com justeza as emoções que se esconderiam se tentasse burlar a sua perspicácia. Nós estamos buscando entendimento. Se não formos honestos, não chegaremos a resultado algum em benefício de nosso progresso. Estou ansioso para ouvi-lo, pois percebo que a citação não o abalou como eu esperava que acontecesse. Reconheço que pretendia esmagar os seus argumentos.

— Veja se não queria esfacelar-me a mim como livre-pensador, antes de simplesmente desabonar as ideias que estava em vias de passar.

— Você tem razão, reconheceu o Monsenhor. Pareceu-me que você iria voltar atrás e pedir desculpas. Agora vejo que errei e lhe peço perdão.

— Tudo bem, Professor. Eu não me senti ofendido, nem me sentiria, tão certo estou de minhas opiniões, as quais passo a expor. A citação das palavras dos espíritos em resposta a Kardec pressupõem que Deus se imiscui nas coisas humanas, ou seja, o Criador a

intervir no destino das criaturas, permitindo ou não permitindo isto ou aquilo. Penso que somos por demais pequeninos para saber o que Deus pensa ou não pensa, acha ou não acha, julga ou não julga. De princípio, sabemos que é justo, que é bom, que é misericordioso, que é eterno, que é imaterial, que é imutável, que é único, que é onipresente, que é onisciente, que é onipotente, que é a causa de tudo o que existe na natureza, em todas as dimensões ou planos, que é, em suma, a suprema inteligência. Mas tais atributos, que se encontram no capítulo a que acima fiz referência, não dá às criaturas autoridade para falar em nome de Deus, ainda que os espíritos que responderam a Kardec fossem ministros plenipotenciários do Senhor. Por outro lado, não foi Jesus quem disse que nem tudo podia revelar aos homens?

Deodoro, imediatamente, fez a citação bíblica:

— Encontra-se em **São João**, capítulo XIV, versículos quinze a dezessete a promessa que os espíritas assumiram para eles: *“Se vocês me amam, guardem meus mandamentos; — e eu rogarei a meu Pai, e ele lhes enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente consigo: — o Espírito de Verdade, que o mundo não é capaz de receber, porque não o vê e porque não o conhece em absoluto. Mas vocês o conhecerão, porque ele permanecerá consigo e porque ele estará em vocês.”* E no versículo 26, a referência ao tema que o amigo Roberto desenvolve: *“Mas o consolador, que é o Santo Espírito, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e os fará lembrar de tudo o que lhes tenho dito.”* Permita-me, de passagem, dizer que o Cristo também falava em nome de Deus.

Roberto não prestou atenção à provocação e continuou sua linha de raciocínio:

— Eu preferia que o irmão citasse outro trecho, mais expressivo.

Deodoro fez um gesto para que esperassem por ele: estava procurando o texto pretendido por Roberto. Quando o encontrou, recitou:

— *“Aproximando-se seus discípulos, lhe perguntaram: Por que você lhes fala por parábolas? — E respondendo-lhes, ele lhes disse: É porque, quanto a vocês, lhes é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas, quanto a eles, não lhes é dado. — Pois, a qualquer um que já tenha, lhe será dado ainda, e ele estará na abundância; mas para quem nada tem, lhe será tirado mesmo o que tem. — Eis porque eu lhes falo por parábolas; porque, ao verem, não veem nada e porque, ao ouvirem, não ouvem nem compreendem nada. — E a profecia de Isaías se cumpre neles, quando diz: Vocês ouvirão com seus ouvidos e não escutarão nada; vocês olharão com seus olhos e não verão nada.”* É a esse trecho de **São Mateus**, capítulo XIII, versículos de 10 a 14, que você se referia?

— Exatamente. Devo advertir, inicialmente, que a tendência dos leitores, em todas as épocas, sempre foi a de se colocarem na posição dos discípulos, como se fossem apaniguados pela compreensão que Jesus lhes atribui. Entretanto, nós mesmos já concordamos que não podemos considerar-nos nem simples sacerdotes da igreja católica, muito menos discípulos que tiveram o privilégio de conviver com o Mestre. Sendo assim, justifica-se o envio do Espírito de Verdade, porque ele, sim, traria ao conhecimento dos homens todas as coisas. Ora, se folhearmos as obras espíritas coletadas e explicadas por Kardec, iremos deparar-nos com mensagens assinadas pelo Espírito de Verdade, o que levou o codificador do espiritismo a considerá-lo a terceira revelação. Faço menção a tais fatos porque sei que os meus ouvintes não sabem o que representou para os seguidores de

Kardec a excelsa pregação espiritual, tantas foram as informações diretamente fruídas das manifestações mediúnicas. Mas vamos ao que me interessa particularmente. Tanto os espíritos quanto Jesus dispuseram que, no futuro, os homens receberiam total influxo dos conhecimentos. Ora, nós sabemos que as gerações se sucederam sem que os humanos — a História o comprova — tivessem assimilado todo o saber espiritual. As pessoas viveram e morreram, passando para estes nossos círculos sem terem recebido a verdade integral. Eu pergunto se seria possível aos seres imperfeitos que habitam a Terra, altamente necessitados das vibrações materiais, alcançar o nível de sabedoria que Jesus demonstrava? Não terá sido porque o Mestre estava fazendo referência às pessoas na qualidade de filhas de Deus, todas em progresso moral, porquanto perfectíveis? Não estamos nós utilizando-nos dos preceitos extraídos dos *Evangelhos*, para buscarmos entender a verdade? Se a perfeição é o objetivo, não será justo esperar que, passo a passo, os graus evolutivos vão sendo introjetados nas nossas almas? Aqui é que concluo a respeito das previsões e da autorização de Deus, referidas por aqueles que falavam em nome dele, ou seja, se todos, um dia, estaremos no Reino do Pai, eis o futuro revelado. Sendo assim, fica muito fácil de considerar as passagens obrigatórias para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das qualidades e virtudes. Ninguém precisa do Senhor para escrever tais palavras, a menos que admita o Inferno como destino dos que cometem pecados capitais. Se os amigos estão julgando que a minha exposição contraria os cânones e dogmas do Catolicismo, devo dizer que também não engulo todas as informações das demais religiões e filosofias abonadas pelos humanos.

Deodoro fez um sinal a Roberto, pedindo a palavra. De pronto foi atendido.

— Noto que o céu não vai cair sobre as nossas cabeças. Na terra, os nossos antigos dariam um destino certo ao amigo: a excomunhão. No etéreo, nós temos maior liberdade para exercermos o direito de manifestação. Vamos admitir que exista o fenômeno do mediunismo, ou seja, a capacidade de transmissão pelos espíritos de noções aos encarnados. Diante dessa possibilidade, como é que o amigo Roberto procederá, se lhe fosse pedido para escrever ou ditar uma mensagem aos mortais? Não agiria com muito mais cautela?

Roberto impediu que Deodoro continuasse a inquiri-lo:

— Nesse caso, os protetores do médium e da casa espírita vedariam a minha manifestação, porque cheia de opiniões pessoais. Apenas em centros onde as pessoas não achem de conformidade com as diretrizes morais do cristianismo é que se dão comunicações mediúnicas de baixo teor. Por exemplo, se fôssemos escrever o que se passa conosco neste momento, precisaríamos esclarecer inúmeros tópicos anteriores que nos forçaram a este tipo de raciocínio, como ainda ficaríamos endividados no sentido de fornecer, *a posteriori*, outros argumentos para desfazer a impressão de estarmos tentando, simplesmente, transgredir as normas consignadas para o bom relacionamento entre as esferas formuladas por Allan Kardec e aperfeiçoadas por espíritos iluminados nestes últimos cento e tantos anos.

Deodoro recordou-se de que se imaginara escrevendo as suas desventuras, fazendo questão de dizer aos demais quais tinham sido as suas intuições:

— Eu já pensei em narrar as façanhas deste meu espírito no Umbral. Aí, eu me perguntei se os encarnados iriam prestar atenção nos meus dizeres. Recordei-me da

parábola do rico que pediu a Abraão para mandar o mendigo Lázaro avisar os mortais a respeito do que passam os mortos. Acho que, ainda que registrássemos todos os nossos deslizes no enredo a ser ditado a algum médium de boa vontade, os poucos leitores terrenos não iriam dar maior importância ao relato e passariam batidos pelos conceitos em descompasso com a teoria mais pura de suas crenças e religiões. De qualquer forma, por mais que nos esforçássemos por fazer valer a nossa experiência, jamais iríamos conseguir persuadir ninguém a aceitar pontos de vista pessoais, tão valiosos como quaisquer outros dos leitores, porque eu me recordo muito bem da advertência de Kardec: *“A verdadeira doutrina espírita se acha no ensino fornecido pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais importantes para poderem ser adquiridos por outra via senão por um estudo profundo e contínuo, realizado no silêncio e no recolhimento; pois somente nessa condição a gente consegue observar um número infinito de fatos e de nuances que escapam ao observador superficial e permitem assentar uma opinião.”* (**O Livro dos Espíritos**, Introdução, item XVII.)

Naquele instante, notou-se que a lâmpada se incandescia e irradiava muito mais luz, permitindo àquela sociedade que enxergasse o quarto todo, seus móveis e apetrechos. Notaram que havia uma estante com muitos livros. Sobre uma das prateleiras, bastante papel e material com que escrever, num surdo oferecimento para que o desejo de contar o que se passava com a turma se realizasse. Não seriam os protetores que obstarium a conversão dos pensamentos e sentimentos num texto coordenado linguisticamente. Era tácita a crítica de que sempre é muito fácil de falar e difícil de concretizar a teoria num tratado, romance, novela ou outra fórmula conhecida de fixação dos argumentos, mesmo quando meramente descritivos, como numa crônica ou num ensaio.

## CATIVOS

A novidade da luz dispersou as atenções para os objetos. Todos quiseram avaliar de que obras se tratava.

— *A Divina Comédia*.

— Hesíodo.

— Escritos de Platão.

— *Obras completas de Filinto Elísio*.

Deodoro quis saber a razão de escritos tão sem sentido, mediante as preocupações que demonstravam.

Foi Joaquim quem explicou:

— Houve uma época que fiz a leitura desses textos, o que significa que coube ao meu inconsciente realizar tal aparição.

Roberto não concordou:

— Talvez não tenha sido você quem tenha proporcionado ao grupo folhear estes volumes. Penso que o que houve foi uma instigação dos mentores do grupo.

Deodoro se mostrou intrigado com a denominação dada aos protetores:

— Por que você diz *mentores*? Sabemos que todo *mentor* guia, ensina ou aconselha. Um pouco de erudição: Mentor é o nome de uma personagem da Odisseia, de Homero, que era amigo e conselheiro de Ulisses e preceptor de seu filho Telêmaco. Sendo assim, como os anjos que de nós tomam conta nada mais fizeram do que montar uma biblioteca, não vejo como suspeitar que estejam exercendo, realmente, papéis de orientadores. Penso que teria sido melhor se tivesse dito *monitores*, especificando que eles estão auxiliando a gente a absorver os conhecimentos que vamos paulatinamente formulando, ajuda essa que vem antes de sairmos em peregrinação pelos campos etéreos, para a prática do bem, segundo a predisposição do grupo. De resto, não sei se vocês notaram, neste recinto não existe porta nem janela. Sequestrados, no mundo, muito raramente são confinados com tanto rigor.

Everaldo observou:

— Noto que Deodoro fala sem estremeções. Não terá a fobia pelos locais fechados e não se preocupa com o fato. Por quê?

— Realmente, não vou emocionar-me com algo que terá sua explicação lógica em tempo oportuno. A propósito, o termo para o medo aos locais fechados é *claustrofobia*.

Falou e se arrependeu, porque os colegas de religião o que mais deviam conhecer era o claustro religioso, de forma que o ensino não surtiria efeito. Contudo, Arnaldo correu em socorro do Professor:

— Veja, Mestre, temos um dicionário e uma enciclopédia.

Roberto interveio:

— Sabem o que me vem à memória? Na parte da literatura espírita dita de revelação dos mistérios para os mortais, li que, em certas comunidades de espíritos, os



meios de comunicação e os processos de informação são muito mais avançados do que os terrenos, de forma que já não são utilizados livros como estes, convencionais e apenas parcialmente racionais. Naquelas colônias, existem pequenos aparelhos eletrônicos que projetam, em fictícias telas, à vista dos que se reúnem, os verbetes com seus respectivos abonos sonoros e cinematográficos. Quando parti para cá, os humanos estavam recebendo notícias através da televisão, ou seja...

Foi Alfredo quem sugeriu:

— Por que tanto esforço para definir os termos? Vamos consultar os livros e fim. Se vocês não sabem, os encarnados já estão fabricando aparelhos eletrônicos, os chamados *computadores*, onde armazenam as informações e conhecimentos, podendo chamar para a tela do monitor as explicações, segundo a padronização dos antigos pais-dos-burros.

Enquanto todos buscavam compulsar os volumes na busca dos verbetes de seus interesses, Deodoro elaborava uma questão para apresentar em seguida. Mas não foram tão rápidas as pesquisas, de sorte que teve tempo para algumas reflexões próprias:

*Se é verdade que o tempo, nesta zona purificatória, transcorre de modo diferente que no universo tangível dos encarnados, então, quantos anos terão passado desde que cada um de nós veio para cá? A mim me parece que a menção do envio de tropas americanas para a Ásia não estava nas cogitações de ninguém quando morri. No entanto, perdi completamente a noção da época e do local, quando hibernei em forma bem pouco condizente com as premissas humanas.*

— Hermó, por favor, verifique se é possível pôr data nos acontecimentos referidos por Sua Santidade no último sermão que ouvimos.

— Imediatamente, Professor. Consta aqui que os Estados Unidos estiveram na Coreia, no início da década de cinquenta. Também se registra o auxílio prestado aos anticomunistas do sul do Vietnã, já nos anos sessenta e setenta. Mas as indicações mais atualizadas se referem ao verbete relativo aos computadores, com a indicação precisa de que, em 1993, era lançado um novo programa da série Windows.

— Em que ano estão lá na Terra?

— Por aí mesmo, talvez. Para termos a certeza, só indo até lá, o que não é difícil. Pergunte ao Roberto.

Chamado à conversa, este esclareceu:

— Se você está lembrado, Deodoro, em *O Livro dos Espíritos* existem muitas alusões ao fato de que os espíritos ficam ao redor dos encarnados, para aborrecê-los, prejudicá-los, auxiliá-los, inspirá-los. Sendo assim, não vejo como não alcançarmos o mesmo benefício, dado que convimos estar de posse de nosso livre-arbítrio. O chato, perdão pela má palavra, é que estamos presos. Ou não?

Deodoro bem se lembrou de alguns trechos que referendariam as palavras do amigo, entretanto, quis enfatizar dois outros aspectos:

— Estou tranquilo quanto a estarmos reclusos, porque já passei por semelhante experiência, tendo tido o poder de criar ou de descobrir o fecho da janela por onde escapuli do hospital que primeiro me agasalhou. Também devo dizer que não me afeta o fato de se terem passado duas décadas, aproximadamente, desde que faleci. Como não me sinto pior que antes, como meu organismo não apresenta nenhum desgaste debilitante — ao contrário, estou cada vez menos envergado pela senectude, tanto que meu cérebro está

demonstrando agilidade bem superior aos derradeiros tempos da encarnação — não posso reclamar de nada. Suspeito que, em me transformando em alguém melhor, recuperarei as oportunidades de oferecer meus préstimos aos em pior estado e vencerei etapas com muito maior rapidez. Mas vou aprovar a ideia de irmos à face do globo, para confirmarmos as informações passadas a Kardec pelos espíritos superiores. Que vocês acham disso?

Arnaldo e Alfredo assentiram com a cabeça. Os outros, não. Foi Joaquim quem desejou manifestar-se:

— Antes disso, querido Professor, devemos expor as nossas intuições quanto às suas palavras de otimismo. Quanto a mim, suspeito de que não vai ser muito fácil realizar tal viagem.

Deodoro, sustando a tempo um sinal de impaciência, redarguiu:

— Ora, é só configurar no pensamento um local bem determinado, vamos dizer, o Corcovado, para lá nos deslocarmos de imediato.

— Você já tentou fazê-lo?

— Sozinho, eu sei que não conseguiria. Mas, se todos nós obtivermos o apoio dos anjos protetores, iremos realizar o feito sem problema.

— Então, voltamos ao meu ponto inicial. Será que todos concordamos com essa deslocação? Eu me explico, falando por mim. Não contei ainda os episódios mais tristes da minha vida. Na verdade, criei certas inimizades. Os fatos em si não têm interesse, mas o caso é que não gostaria de me ver diante dos desafetos, alguns já neste plano e outros, talvez, ainda encarnados, mas com asseclas nesta dimensão com poder de me atingir.

Aquilo tudo parecia muito estranho a Deodoro. Ele mesmo não dava conta de ninguém que pretendesse feri-lo. Estaria errado?

— Que sugere o amigo Joaquim que façamos, especificamente?

— Eu acho que nós devemos, primeiro, comprovar o fato de que não conseguiríamos sair deste calabouço filosófico. Em seguida, resignadamente, deveremos contar as nossas histórias, caracterizando os percalços que deveremos enfrentar para resolvermos todas as nossas pendências, porque não cumprimos a recomendação de Jesus, qual seja, Deodoro?...

— A recomendação se encontra nos versículos 25 e 26 do capítulo V de **São Mateus**: *“Reconcilie-se o quanto antes com seu adversário, enquanto estão caminhando juntos, no temor de que seu adversário o entregue ao juiz, e que o juiz o entregue ao ministro da justiça, e você seja posto na prisão. — Eu lhe digo, em verdade, que você não sairá dali, sem que haja pago até o último centavo.”* Mas eu gostaria de considerar a proposta muito apropriada. Sendo assim, se ninguém discordar, vamos concentrar-nos para descobrir ou fabricar uma passagem para o exterior.

Todos concordes, iniciaram uma longa meditação, no sentido de facultar aos seus poderes vibratórios o exercício de abertura de uma porta na parede. Contudo, por mais que envidassem esforços mentais, nada conseguiram. Aliás, Deodoro foi ficando cada vez mais alegre, porque se confirmava o fato de que precisavam melhorar para adquirirem domínio sobre a natureza que lhes dava forma. Esquecia, evidentemente, a manifestação anterior de que bastava pensar para se deslocar. É que se lhe formava na mente o desejo de conhecer os novéis companheiros de modo íntimo, ao mesmo tempo que pretendia

ouvi-los a respeito dos sucessos dos empreendimentos carnais, para dar-lhes reforço à deliberação que os levava a segui-lo na qualidade de benfeitor ou protetor.

O fracasso estimulou o grupo a examinar de perto a muralha intransponível. No afã de verificar a constituição energética ou fluídica das paredes, instintivamente começaram a percorrer o recinto em todas as direções, como se estivessem numa capsula sem gravidade. O novo fez que se divertissem muitíssimo, dando piruetas feito crianças em balão inflado de plástico, cheio de bolinhas de plástico macio e inofensivo.

Foi Deodoro quem chamou a atenção dos outros para a insólita figura que lhe ocorrera:

— Amigos, por favor, terei sido o único a imaginar um bando de crianças a se divertir num brinquedo que eu mesmo jamais vi?

Hermógenes interrogou o Professor:

— Que brinquedo?

— Algo como um recinto feito de borracha em que as crianças entram e se atiram no meio de um colchão coberto de bolinhas multicoloridas, que as arremessam para o alto, umas contra as outras, em pura alucinação de movimentos e atropelos.

Hermógenes revelou:

— Pois eu conheci esse objeto e tive ocasião de condená-lo, em nome da saúde pública, já que havia um contato muito perigoso para a disseminação das doenças transmissíveis, em ambiente hermeticamente fechado.

— Então, eu fui capaz de captar-lhe não só as ideias mas também as imagens que se formaram em sua mente. Não estará aí o princípio da aparelhagem citada por Roberto, para favorecer os espíritos quanto à consulta dos livros?

Everaldo propôs uma condição científica:

— Como todos devem recordar-se, existe um princípio do empirismo que condiciona os fenômenos, enquanto ação e reação tipicamente material — seria este o nosso caso — às práticas laboratoriais de controle, porque só o que se consegue dominar através dos experimentos é que se deve dar como completamente conhecido, ao menos na condição de caixa-preta. O que estou vendo neste grupo é muita dispersão, o que ocorre comigo, inclusive; menos com Deodoro. À vista de não estarmos completamente isentos da molecagem dos primeiros tempos na carne, proponho que iniciemos as exposições biográficas por Deodoro, que deseja impressionar-nos com a clarividência de seu intelecto e com a lhanura de seus sentimentos. Desculpe-me, Professor, mas os seus intentos não me passaram despercebidos. Comece por aí, por favor.

— Ia mesmo solicitar para me permitirem ser o primeiro, reconhecendo que emiti as vibrações que Everaldo soube traduzir tão bem. Mas, se me derem consentimento, irei desfiar um roteiro de fatos que reputo agora em descompasso com a natureza orgânica da Terra, que geraram pressupostos de grandiosidade espiritual, porque colocados entre os sacrifícios, conforme o exemplo do Cristo. O primeiro problema é o do celibato clerical. Vejam que não faço referência específica ao voto da castidade, porque não creio que um único sacerdote tenha abdicado dos prazeres sexuais por vocação religiosa. Foi a confissão que mais ouvi e a que mais expus, pecado magno do qual nunca me arrependi verdadeiramente e que me obrigou a inúmeros terços de penitência. Gostaria de confirmar a concordância do grupo, antes de prosseguir.

— Todos somos igualmente pecadores, suspirou quase inaudivelmente Joaquim.

Os demais assentiram calados. Deodoro continuou:

— Pois o que vejo de mais grave está noutra dispositivo contra o direito natural. Enquanto, de um modo ou de outro, dávamos vazão à libido, talvez alguns gerando problemas de relacionamento, não íamos afetando o corpo, porque os gozos corpóreos foram dados aos seres, e não só aos humanos, por Deus. Quem estudou os costumes dos apóstolos, por exemplo, sabe que há notícias a respeito de quase todos, em relação a serem casados e terem famílias. Nem por isso sofreram nenhuma censura de Jesus. Estou enganado?

Ninguém se manifestou. Deodoro foi avante:

— Somente depois de mais de um milênio de cristianismo é que a Igreja, em concílio, resolveu que os padres não poderiam mais casar-se, em virtude de sérios problemas eclesiais envolvendo prejuízos materiais para a comunidade religiosa. Sei que, depois, os prejuízos vieram a ser espirituais, estes, contudo, de muito mais fácil resolução. Ora, o fato de não constituirmos família está a produzir em minha mente uma crise peculiar. Vivo, jamais me dei conta da ofensa que poderia estar cometendo contra outras pessoas, porque julgava que a procriação fazia eclodir uma nova alma, numa nova vida. No etéreo, começo a constatar que há programações de vida, de modo que a ninguém é dado o direito...

Parou para meditar sobre o impulso que o levava a considerar o fato de ter filhos um direito.

Joaquim voltou a manifestar-se:

— Talvez o Professor esteja tentando definir a situação como de direito dos filhos ao nascimento. Restaria aos pais o dever.

— Bem dito, amigo. É exatamente isso o que gostaria de ter expressado. De qualquer modo, os meus quarenta últimos anos de vida se deram de modo muito triste, porque fui perdendo todos os parentes. Meus pais morreram, meus irmãos também, os meus sobrinhos *estavam noutra*, se me permitem a gíria, tios, tias, primos e demais parentela simplesmente desapareceram de meu círculo vital. Fiquei sozinho. Se tivesse tido uma esposa e filhos, teria netos e bisnetos, provavelmente, e essas pessoas preencheriam o meu tempo de aposentadoria. Mas não me iludo. São apenas conjeturas pela experiência da longa peregrinação terrena. Agora é tarde para lamentar a solidão e a crescente disparidade de pensamentos com as pessoas do meu relacionamento. Inclusive, já não entendia sequer os projetos dos sacerdotes que propugnavam reformas na Igreja, acreditando que faleciam os preceitos teológicos cristãos. Obediente, todavia, não dei trabalho aos superiores nem questioneei os mais jovens. Simplesmente, coloquei-me, como diriam estes, *para escanteio*. Desejo saber se tenho motivos para suspeitar que tenha feito baldar alguns planos de encarnação e que, por isso, tenha molestado alguns seres que comigo contavam para mais uma realização na carne.

Everaldo quis contribuir:

— Por que não empregar o termo *carma*, extraído das religiões orientais, especialmente da Índia, e que considera o conjunto das ações humanas bem como suas consequências?

Deodoro concordou:

— Se for para facilitar as exposições, acato a sugestão. Mas o que eu queria mesmo é saber se todos têm a impressão de terem ficado em falta para com espíritos desejosos de ingressar no orbe.

Após uma rápida consulta mental aos demais, Joaquim esclareceu:

— Para nós se constitui em novidade tal preocupação. Segundo o que pude depreender do pensamento enfeixado nas informações que os colegas me passaram, nós estamos muito mais propensos a examinar os casos concretos de desavenças de que temos conhecimento. Por mim, acho que Deodoro está buscando desviar-nos a atenção das reais ofensas que tenha praticado. Conte-nos, por exemplo, um caso de convivência sexual com uma paroquiana, para deduzirmos que possa ela ter sido iludida por Vossa Reverência, ou que o marido e os filhos dela tenham recebido o influxo poderosíssimo de angustiante decepção. Isso de ficar filosofando a respeito do direito natural e do direito social, com base no direito canônico, faz-nos sentir o ranço das discussões didáticas especialmente preparadas para levar avante o ano letivo, marasmando as aulas. Não terá sido esse outro *pecadão* do Professor?

Arguido diretamente, propenso a tornar todos os temas elucidados, para chegar à verdade absoluta, não se retraiu o Monsenhor, mesmo porque se lembrou de que não havia nenhuma prática em confronto com os mandamentos das leis de Deus e da Santa Madre Igreja que não tenha contado no confessionário.

— Posso começar pelo fim?... Vejo que sim. Então, devo dizer, a meu favor, Hermógenes de prova, que os meus cursos eram ministrados segundo o interesse demonstrado pelas turmas. Se, por acaso, alguma classe desejava fazer *corpo mole*, aí eu incrementava a programação com outros tópicos, ensejando maior devotamento às pesquisas e aos estudos, o que me forçava, evidentemente, a trabalho ainda mais dedicado. O que posso lamentar, nesse aspecto, além de me considerar, como já afirmei, bastante condescendente, é que foram apenas dezoito os meus anos de magistério.

Enquanto Hermógenes apontava o polegar para cima, Deodoro se preparava para o assunto mais pungente.

— Foram exatamente dezesseis as mulheres com quem satisfiz as necessidades fisiológicas. Temo que este número seja bem inferior, feita a estatística, do que a média dos padres, o que, de resto, não justifica os meus deslizes. Todas as vezes, corri a confessar os meus pecados. Contudo, a fúria das paixões carnis — ou a novidade dos relacionamentos proibidos — me permitiam repetir as faltas por períodos que variaram de dois meses a quatro anos, sempre prometendo aos confessores que iria abandonar o vício. Para que não levantem a dúvida, devo dizer que segui as ovulações de todas as mulheres e que não deixei nenhum pretense herdeiro. Deixei correr algumas lágrimas secretas em diversas oportunidades, quando as cúrias metropolitanas me deslocavam para longínquas freguesias, todas as vezes com a expressa recomendação de não levar comigo aquela com quem partilhava o leito na ocasião. Com o tempo, como ocorre com todos, a vontade de buscar aventuras cedeu perante os riscos, já que as mulheres não me procuravam como quando jovem, e passei ao chamado vício solitário, cada vez menos frequente, mas sempre muito menos punido pelos confessores. Não podemos esquecer-nos de que também eles tinham o de que se arrependem. O que não sei, agora, é como repercutiriam estas minhas palavras nos espíritos dos possíveis leitores daquela obra que ameaçamos escrever. O que

eu não gostaria de provocar é reação de desaprovação pela hipocrisia antiga ou desfaçatez atual. Se o resultado fosse uma luta generalizada para que os sacerdotes pudessem voltar a serem pais de família, estreitando os laços amorosos e impedindo que a vontade alheia venha a perturbar a paz moral entre as pessoas que se entendem, sem ofensa a nenhum direito adquirido por outrem, como se dá com os matrimônios legalmente consagrados pela bênção do oficiante, justificar-se-ia que me visse extremamente satisfeito. Vejam que estou condensando o meu pecado unicamente nas premissas religiosas e na configuração de dolo ou de má-fé na prática do ato sexual, tendo em vista a concordância prévia juramentada de me manter casto. Mas, se nem São José o era...

Hermógenes queria inferir conclusões:

— Meu querido Mestre, a sua argumentação contrária, é verdade, os dispositivos do direito canônico, mas é sumamente agradável aos nossos ouvidos e à nossa consciência. Se estávamos considerando-nos em pecado mortal, agora vemos que era venal o deslize, de modo que se transforma o grave delito contra as leis de Deus e da Igreja, para se constituir apenas em maior ou menor agressão a pessoas muito bem individualizadas.

Foi Joaquim quem desiludiu o outro:

— Pois, meu caro Hermó, se me permite o hipocorístico, aí é que se encontra o pior, pois, pelo que me consta, conforme você mesmo sugeriu a Deodoro, a gente só comete dois tipos de pecados: um, contra o próximo; outro, contra si mesmo. Contra Deus, ninguém peca, porque jamais alguém irá alcançar denegrir a imagem do Pai, nem que grite, esperneie, renegue a própria vida, amaldiçoe e pratique todos os atos que as religiões consideram agressivos à Divindade. Na Terra, há cultos, seitas, religiões ou simples práticas religiosas que punem com a morte e a excomunhão, sem dó, qualquer palavra dita com sentido pejorativo em relação ao Criador. Mas são sempre os homens que aplicam as leis, julgando, condenando e executando as penas. Nunca se comprovou que foi Deus quem afogou ou queimou as bruxas. Como ainda não se pode atribuir-lhe as vozes com que as consciências acusam os pecadores. Eu, por mim, devo dizer que não me alegro com as declarações de Deodoro. Apenas me vejo caracterizando melhor as minhas responsabilidades, pelas vinte e oito mulheres com quem convivi intimamente, enquanto investido das funções de ministro. Mas, se me permitirem, desejo dividir as tais responsabilidades com elas, porque, nesse caso, ninguém está sozinho diante da sociedade, da Igreja ou de Deus. Se a minha consciência me aponta a falha, não poderei aceitar que o dedo em riste seja exatamente daquelas que comigo trataram. Enfim, a complexidade do tema talvez nos leve a considerações especiosas, antes de nos elucidar totalmente qual o grau de erro que se encontra nesta zona de beligerância íntima.

Arnaldo, vendo que o tema não progrediria, a não ser pela declaração de cada um quanto ao número de mulheres, quis abreviar a discussão:

— Comigo foram dezoito as mulheres. E com você, Everaldo:

— Trinta e duas.

— Alfredo?

— Só três.

— Hermógenes?

— Não sei ao certo.

— Por quê?

— Porque não sei se deverei somar aquelas com quem apenas flertei ou namorei, sem chegar a coabitar maritalmente.

— Conte as últimas. Mais tarde, apreciaremos as condições dos prejuízos causados às demais.

— Sete.

— Roberto?

— Vinte e duas mulheres e treze rapazes.

A confissão propendia a desviar o tema para outras áreas dos relacionamentos humanos. Foi Deodoro quem desejou pôr ordem nas exposições:

— Quero adverti-los de que estou com a palavra. Se deixei aberto um canal para os apartes, quero manter-me com o domínio das premissas. E não vou abrir espaço nem para questões de ordem.

Mas Joaquim levantou-se e, incisivamente, propôs:

— Tenho de levantar uma questão de ordem e nenhum déspota esclarecido irá impedir-me. Apenas peço ao orador que me permita.

Deodoro, percebendo o gracejo, integrou-se na brincadeira:

— Ainda que a sua questão de ordem queira apenas justificar a necessidade ou o direito das questões de ordem, eu lhe permito que me contrarie, uma vez que a minha provocação se deu para que os sentimentos não tumultuassem a sessão. Com a palavra, para simples apontamento, o nobre colega Joaquim.

— Enganei-me, Patrão. O diabo não era tão feio quanto parecia.

A intenção de amenizar o clima de tensão se tornou demasiado evidente para todos, de sorte que os chistes se perderam e o grupo ficou em profundo silêncio por um longo período de tempo, medido no compasso das batidas dos corações e num relógio que se descobriu dependurado na parede ao fundo, entre a estante e uma bandeira brasileira erguida num mastro com pedestal.

Deodoro não fez questão de romper o silêncio e ficou a observar os ponteiros do relógio, a ver se caminhavam no mesmo sentido e no mesmo compasso daqueles da Terra. Era um relógio de pêndulo e logo fez que se interrogasse o observador:

*Ainda que eu pudesse constatar que os ponteiros caminham normalmente e não para trás, não saberia, com certeza, se estaria sincronizado com os relógios terrenos. Pode ser que eu não note a velocidade tremenda, porque minha natureza vai do mesmo modo rápida em sua agitação vital ou existencial; como pode ser o contrário: que os ponteiros vão avançando lentos, com a mesma desenvoltura de minha psique. Também pode estar ocorrendo que eu veja os ponteiros devagar e os outros, uns, mais devagar ainda, os demais, muito mais depressa. Se formular, contudo, alguma teoria a respeito e apresentar aos seis, por certo vão dizer que não pensaram sobre o assunto ou irão concordar sem exame.*

Estabeleceu consigo mesmo que não estava dando muita importância à força intelectual dos discípulos. No entanto, logo a consciência retrucou-lhe, fazendo-o pensar em que eram os outros que sabiam ler em sua aura, penetrando-lhe no cérebro, enquanto ele mesmo não tinha tido um único momento de pura leitura das vibrações íntimas dos demais, a não ser quando faziam questão de transmitir-lhe os pensamentos ou as emoções.

*Interessante é o fato de que não notei nenhuma frase exclusivamente ditada pelo intelecto, sem a participação do setor sentimental. Pelo menos neste campo, estou bem, pois vou caracterizando, se não estão fazendo-me crer em fantasmagorias, que interpreto a contento as intenções de todos.*

— Pode crer, Professor, fez questão Hermógenes de assinalar, que não estamos tentando nenhum passa-moleque no nosso querido orientador. No que tange a sermos capazes de ver em sua mente, também não se passa nada de extraordinário. Tenho para mim, aliás, temos para nós, conforme os demais me informam, que a sua recente vinda do plano terreno é que não lhe permitiu ainda utilizar-se deste recurso.

Deodoro quis elucidar um ponto que já estava tornando-se uma ideia fixa:

— Quero crer que você esteja há bem menos tempo que eu neste setor do Umbral, tendo deixado o corpo físico recentemente, haja vista que conheceu aquele brinquedo que mencionei. Vamos, se formos capazes, revelar qual foi o último ano que passamos no orbe terráqueo. Eu, vocês já sabem, me lembro, mais ou menos, do ano de 1958, podendo ser que tenha ficado por lá mais um ou dois anos em coma. Faz, portanto, mais de trinta anos que estou vagando dentro de minha alma.

Everaldo aproveitou para observar:

— E sem sofrimento nenhum, ou apenas um leve mal-estar causado pela ansiedade produzida pelo fato de não haver sido recebido pelos anjos. Eu deixei a vestimenta carnal em 1948, logo depois da rendição das forças nazistas aos aliados. Rogo aos demais que respondam sinteticamente. Hermógenes?

— 1969.

Deodoro não se conformou:

— Vamos devagar com o andor, que este santo é de barro. Você está sendo muito incoerente. Primeiro me disse que faleceu aos cinquenta e oito anos. Depois, com essa aparência de vinte e poucos, vem me falar que morreu em 1969. O brinquedo a que me referi deve ter sido inventado há menos tempo, quando você já não estava mais na Terra. Como é que fez sermões em prol da saúde pública, condenando a transmissão das bactérias? A bem da verdade, não estou entendendo mais nada.

Roberto, entretanto, informou, sem dar tempo ao outro que respondesse:

— 1983.

Joaquim:

— 1897.

— Como? — inquiriu Deodoro, demonstrando descrença.

— É isso mesmo, estou há um século neste labirinto umbrático.

— E como foi que você enganou os do mosteiro, que pensaram que você estava morto há pouco tempo?

Foi a vez de Alfredo participar:

— 1938.

Antes que Deodoro manifestasse admiração, Arnaldo denunciou:

— 1943.

Aí Deodoro se concentrou no último:

— Caríssimo Arnaldo, como você responderia, se lhe perguntassem por que passou mais de cinquenta anos em peregrinação por aqui?



— Eu precisaria saber, em primeiro lugar, para quem deveria responder.

Durante um bom tempo, Deodoro e Arnaldo iriam dialogar sem serem interrompidos pelos demais.

— Quer dizer que responderia de maneiras diferentes?

— Se me encontrasse com uma criança na Terra, não deveria tratá-la segundo sua capacidade de assimilação das informações? Pois aqui é o mesmo.

— Digamos que eu lhe pergunte.

— Então, eu diria que, tendo em vista terem sido dezoito as mulheres com quem mantive colóquios amorosos e sexuais, fui perseguido largo tempo por algumas delas e respectivos familiares, correndo por lugares de forte sofrimento moral. Devo dizer, contrariando um pouco a colocação de Joaquim, que eu vi, sim, os dedos delas em riste, acusando-me de tê-las iludido.

— Então, eram muito jovens.

— Ao contrário, eram mulheres maduras, que, antes de mais nada, se concentravam no desejo do perdão, porque eu as escolhia entre as que confessavam terem sido infiéis. Ora, o pensamento delas ia da malícia à maldade, pois, argumentavam, em suas ilusórias conclusões, que, no mínimo, arrastariam o confessor para o fundo dos infernos, se não obtivessem o perdão de Deus.

— Eu não quero pôr a mão no fogo pelas minhas, mas acredito que nenhuma teve esse pensamento.

— A sua prudência é louvabilíssima. Mas, voltando ao meu caso, foi preciso que comprovasse a cada uma que eu estava enganado tanto quanto os outros padres que me haviam ensinado. Foi muito difícil, mas afastei de mim todas as acusações, gerando, por outro lado, fortes inclinações contra Deus, de forma que, em lugar de salvar as almas em aflição, dei-lhes motivos outros para desespero. Quando me vi liberto das pressões vibratórias mais densas, fui acolhido no mosteiro, na qualidade, como você viu, de guardião, porque havia aprendido a debelar os impulsos de revide específicos contra a minha investidura sacerdotal.

— Alfredo também era guardião. Teria tido a mesma trajetória?

Arnaldo foi quem respondeu:

— Mais tarde, Alfredo vai falar por si mesmo. Eu pretendo esclarecer a sua dúvida em relação às contradições do amigo Hermógenes.

— Você conhece o caso dele ou vai partir de meras suposições?

— Ele confirmará, se estiver em condições de fazê-lo. Vou, portanto, expressar o que me foi dado conhecer relativamente a diversos companheiros com quem convivi no convento.

À vista de um gesto impaciente de Everaldo, Arnaldo observou:

— Aqueles ponteiros ali na parede estão regulados pelo conjunto energético resultante da média ponderada dos atributos de cada um de nós. Everaldo tem tido muita pressa e depois nos irá dizer a razão disso. Deodoro imaginou que o relógio pudesse ir mais depressa ou devagar, segundo o nosso desenvolvimento espiritual. Mas não é assim que ocorre, porque, se assim fosse, nós não estaríamos reunidos. Não se estabeleceu já que a nossa perspectiva de evolução esteja consagrando um princípio existencial equivalente entre todos?

Deodoro, de novo, quis colocar ordem no roteiro:

— Vamos firmar o princípio de um tema por vez, por favor.

Arnaldo, contudo, contrariou-lhe a determinação:

— Mestre, com o devido respeito, essa sua atitude não tem razão de ser, a menos que deseje esconder algo.

— Essa conclusão parece estapafúrdia.

— Pois não é. Se os temas se desencadeiam por livres associações de ideias, haverá uma ocasião em que algum tópico mais triste, mais pungente, mais aflitivo de suas recordações virá à baila, naturalmente. Aí, devido ao seu temor de ser visto por dentro, você estará na obrigação de mais confidências, tanto que quem chamou outros assuntos ao plenário foi Vossa Reverência. Não era sua vez de ir desfiando os eventos que caracterizaram os pontos mais frágeis de sua experiência terrena?

— Preciso reconhecer que você tem razão, como o fiz todas as vezes em que me vi acusado de sonegar opiniões ou informações...

— E também sentimentos. Não é verdade?

Antes de responder, Deodoro precisou meditar por alguns instantes, tempo computado por Everaldo que, ao se pronunciar o professor, abriu ambas as mãos, enunciando que foram dez os minutos decorridos.

— Quero pedir desculpas pelo retardo de minhas considerações. Após refletir a respeito destes vibrantes conceitos a meu respeito, devo dizer que não posso aboná-los nem reprová-los. A verdade é que noventa e tantos anos na carne me fizeram esta pessoa que hoje sou. Se me permitirem uma reflexão filosófica, longe dos preceitos canônicos católicos, devo dizer que o que me põe mais na defensiva contra aceitar este purgatório como um local sagrado é o fato de que tudo aqui me leva a julgar que eu mesmo nada sou. Digo mais: a figura que aqui se apresenta deseja reconhecer o que era e quer projetar-se para uma condição de aperfeiçoamento que redundará numa outra pessoa. Se, um dia, eu merecer penetrar nas sacratíssimas terras do Senhor, talvez eu possa dizer: — *Eu sou um ser perfeito e me regozijo de aqui estar, na glória de Deus*. No entanto, poderei também vir a dizer: — *Eu já não sou aquele que desejava aqui estar, porque, se fosse, permaneceria lá mesmo no local de meus merecimentos anteriores*.

Arnaldo intrigava-se com o despojamento das ideias religiosas do Monsenhor:

— Permita-me, Excelência...

— Por que esse retorno ao tratamento cerimonioso? Será que estou parecendo alguém mais categorizado, a ponto de abandonar o grupo à sua própria sorte?

— Deodoro, desculpe-me. Não agi senão com a intenção de demonstrar subido respeito. É que, às vezes, me parece, realmente, que me encontro defasado em relação ao nível de conhecimentos teóricos que você deixa entrever.

— É que você se esquece de que fui professor de Teologia, com a obrigação de saber as fontes principais dos que viriam a refutar os meus argumentos em favor dos dogmas e demais pontos de fé. Não é verdade que cheguei a ler, inclusive, *O Livro dos Espíritos*, de Kardec?

— Então, Professor, como é que se atreve a vir dizer-nos que as suas estruturas mentais estão ainda arcabouçadas pelos princípios de sua personalidade carnal, em detrimento de um maior...

— Não prossiga, por favor. Você vai me acusar de mentir a respeito das tribulações que venho encontrando, a turbar as minhas ideias e os meus raciocínios. Devo esclarecer-lhe, contudo, que, desta vez, fui absolutamente sincero, já que não me vejo suficientemente esclarecido em função dos tópicos que vamos discutindo e sobre os quais somente agora vou tendo os primeiros informes, as primeiras deduções. Veja se não é para ficar intrigado. Everaldo, quando apontou o tempo que fiquei meditativo, fez que eu olhasse para o relógio. De lá até agora, eu reparei que nenhum de vocês se voltou para ver quanto tempo decorreu. Se vocês estiverem lembrados de que horas eram naquele instante, vão ficar admirados de que os ponteiros se adiantaram apenas dois minutos e pouco, para tanta discussão de tão importantes pontos. Se me perguntassem quanto tempo me pareceu transcorrer, eu não diria menos de cinco minutos. É essa a sua ideia, Arnaldo, ou vai insistir nalgum ponto em que me vejo envolvido emocionalmente, para não falar francamente a respeito de meus problemas mais *pungentes*?

Arnaldo fez menção de que iria acrescentar algo justamente naquele sentido, mas resolveu voltar a uma explicação devida:

— Quanto a Hermógenes, ele não mentiu conscientemente. Eu não disse que fugi de muita gente ávida por me agredir? Pois existem aqueles que continuam atuando junto aos encarnados, sem saberem que estão na condição de espíritos. Nesse caso, o seu grau de perturbação é variável. Pelas minhas conversas com os amigos do convento, constatei que muitos açambarcavam as experiências *post-mortem* ao acervo das recordações da vida, de forma que não eram capazes de dissociar os fatos corpóreos dos espirituais. Foi por isso que me antecipei a Hermógenes, porque deve estar acontecendo o mesmo com ele, ou seja, desconhece o que fez na condição de espírito, tendo, com toda a certeza, subido em muitos púlpitos para pregações que a consciência estava a solicitar, como ocorre às pessoas que dão esmolas, no final da vida, porque, quando mais jovens, deixaram de fazê-lo.

Hermógenes, que seguia as explicações muito atentamente, desandou a chorar. Eram lágrimas do mais profundo desespero, como se os preceitos cristãos lhe escorressem pelas faces, lavando a alma de todos os postulados católicos, sem o respaldo de outros conhecimentos. Desandava, na mais pura expressão do termo, pondo os corações dos outros angustiados. Apenas Deodoro se manteve inalterado, em prece muda, solicitando a Eufrásio que comparecesse para atenuar a dor daquele juvenzinho, que era assim que o Monsenhor via o outro.

Se tivessem reparado no relógio, teriam observado que os ponteiros deram uma volta inteira, marcando exatas doze horas de agonia. Mas as coisas não pareceram dessa forma a nenhum deles. Nem Hermógenes notou que o tempo passava, nem se lhe exauriam as forças, de modo que dava continuidade ininterrupta ao lamentar. Quem se cansou foi Deodoro, cujas preces não pareciam surtir qualquer efeito: nem Hermógenes suspendia as emocionadas vibrações, nem Eufrásio aparecia, *deus ex machina* a colocar um paradeiro naquele enredo sem saída. Então, apelou para o ex-aluno diretamente:

— Hermó, querido, você foi contemplado com o Paraíso.

Inicialmente, ninguém deu atenção à frase, mas, ao repeti-la pela décima vez, Deodoro conseguiu que lhe buscassem o sentido. Amainada a intempestiva choradeira, o professor discursou:

— Não creio que a perda da identidade tenha sido completa. Quando eu disse que, ao adentrar o Paraíso, eu não seria este que sou agora, também fazia referência ao fato de que tudo está em transformação. Se a transformação se der sempre do mau para o menos mau, quer dizer, se o processo moral evolutivo estiver crescendo continuamente, então, o Paraíso há de ser, necessariamente, este em que agora estamos, porque no apogeu de nossa condição espiritual. Dessa forma, não estou mentindo ao afirmar que Deus está providenciando, enquanto nos transformamos, que vivamos num paraíso cada vez mais próximo daquele que idealizamos e que não podemos conhecer porque a visão dele seria incompreensível para nós na condição de seres imperfeitos. O que estou dizendo é absolutamente lógico e não fere nenhum aspecto dos raciocínios mais abstratos, com fundamento na concretude dos eventos existenciais. O conhecimento da realidade está além dos pressupostos que admitimos provisoriamente, enquanto caminhamos. Aliás, já citamos Jesus que mandava que os discípulos e os apóstolos seguissem as suas pegadas e sabem por quê? “*Pois*”, como está em **São Mateus**, capítulo 16, versículo 27, “*o Filho do homem tem que vir na glória de seu Pai com seus anjos, e aí ele retribuirá a cada um conforme suas obras.*” Ora, Jesus nos afirmou: “*Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.*” (**São João**, XIV, 6.) Em decorrência disso, se portarmos Jesus no coração, carregaremos a nossa cruz com muito maior facilidade, porque o seu jugo é suave... Vocês conhecem todos os textos; não preciso ficar repetindo. O que me estranha é essa desilusão profundamente ofensiva, porque as lágrimas são sinceras e a dor também.

Vendo que Hermógenes se recompunha, finalmente, Deodoro apostrofou o sacerdote:

— Vejo que a sua decepção demonstra uma vaidade, um orgulho e um egoísmo desmesurados. Você pensou que o sacerdócio era o passaporte para a bem-aventurança eterna, sem outro empenho? Se nós estamos entretidos com levantamentos filosóficos do presente estágio de vida ou de existência, será apenas por diletantismo? Jamais! O que cada um de nós deve pretender é assimilar a verdade passível de ser avaliada do ponto de vista etéreo, simplesmente, e aguardar novas surpresas.

Não era só Hermógenes que estava a admirar os conceitos emitidos por Deodoro. Todos os outros ficaram dependurados em sua voz, como aturdidos por expressões do mais irreverente materialista. O Professor ousava citar os **Evangelhos**, sem perder o compasso na verberação contra os conhecimentos que deflagraram o desespero do amigo.

Hermógenes desejou intervir:

— Professor, perdão por eu haver caído tanto. Na verdade, sufocava a suspeita de que a minha vida não estava totalmente esclarecida. Da mesma forma que não terminei o curso da primeira vez, voltando à vida laica para, finalmente, reingressar no seminário, aqui também pareço desorientado quanto aos princípios que me devem sustentar religiosamente. Se não tenho controle sobre mim mesmo, como disse Arnaldo com inteira razão, quer significar que estou louco?

A pergunta caiu no vazio do silêncio dos sete. Todos, uns mais, outros menos, tinham a mesma sensação. Aos poucos, foram cedendo às emoções e as lágrimas borbulharam intensas, inclusive com muita força na reação mais equilibrada de Deodoro.

Desta vez, foram incontáveis as vezes que os ponteiros deram voltas completas no mostrador. Mas o pranto não tinha o sentido do desespero nem da inconformidade. Eram o resultado de sofrida contenção, desde que descobriram que estavam ao deus-dará dos quiproquós conceituais.

Por iniciativa de Joaquim, deram-se as mãos em solidariedade que se declarava perene e irrestrita. Aos poucos, foram compenetrando-se de que a queda vibratória repercutia fortemente nas paredes da biblioteca, chegando, mesmo, a turbar-lhe a cor clara original, dando-lhe nuanças entre o avermelhado e o cinzento, refletindo com precisão os volteios dos sentimentos. Foi num crescendo o interesse pelo fenômeno, a tal ponto que chegou o grupo a se esquecer dos problemas pessoais para observar que colorido se seguiria a determinadas posturas emocionais. Contudo, a partir desse momento, todo o recinto foi voltando ao normal, com o acréscimo de mais algumas bandeiras ao lado da brasileira.

Foi Deodoro que deu início à nova fase das discussões:

— Meus irmãos (era a primeira vez que utilizava o termo), temo que tudo o que disse foi por pura inspiração.

Everaldo contraditou-o:

— Não há nada que temer. Se o que disse é verdadeiro, vai ajudar a todos nós. Se é falso, não lhe cabe responsabilidade.

Roberto chamou a atenção para si:

— Perdão, amigos, mas não vamos precipitar conclusões. Está claro que Deodoro e todos nós temos merecido o apoio de nossos protetores. Esta prisão nada mais é do que uma câmara de descompressão magnética, ou algo assim, conforme li em diversas mensagens espíritas passadas mediunicamente aos mortais. Se estivéssemos ao ar livre, iríamos atrair seres menos felizes, que existem muitos irmãos desejosos de crivar os semelhantes com seus dardos de maldade. Mas os nossos benfeitores, que devem conhecer-nos as reações emotivas muito mais do que nós mesmos, agindo sabiamente, deixaram-nos reclusos para não sermos alvo de perturbações ainda maiores, porque os seres de pior categoria têm a capacidade de molestar os que, inocentemente, se dão a eles sem considerar que o seu exemplo de vida reta, segundo os padrões dos mandamentos de Deus, são imperceptíveis para a inteligência rudimentar de quem está habituado ao crime, ou seja, ao pecado. Acredito que, se nos reequilibrarmos, sem maiores delíquios sentimentais, porque estamos tristes pela análise dos desvios de conduta que conscientemente perseguimos, como se o prazer fosse o objetivo essencial da vida, e não o amor a Deus e ao próximo, e como se as antigas relações que nos completavam o mundo estivessem apenas nos sentimentos da perda e da saudade consequente, e não no futuro reencontro em situação de maior desenvolvimento evolutivo, dentro de muito pouco tempo, pelo menos no sentido de não ficarmos pesarosos pela demora, como ocorreu enquanto nos debatíamos dentro de um sofrimento que nos parecia intérmino, iremos ser apaniguados pela descoberta de uma porta por onde sair, para ganharmos novos horizontes existenciais e não apenas a configuração de algumas bandeiras que, por certo...

Foi a vez de Alfredo interromper:

— Permita-me, Roberto. Você está falando tanto e tão depressa, sem tomar fôlego, que não consegui inteirar-me de todas as suas palavras. Acredito que, se estivesse diante

de um texto escrito, teria de reler várias vezes para conhecer todas as suas intuições. De qualquer modo, preciso interpretar as diferentes cores que vi atuando sobre a superfície das paredes. Não sei se o vermelho está mais para a paixão e o cinzento para as aflições e sofrimentos. O que tenho como certo é o fato de estarmos retidos por causa própria, ou seja, porque nós é que construímos esta biblioteca e demos forma a tudo o que nela se contém. Já vimos que os livros todos têm ressonância nos conhecimentos que deles formamos em vida. Restaria esclarecer os verbetes em que os fatos mais recentes se acham assinalados. Mas vou passar por cima disso, porque a explicação deverá decorrer naturalmente ao elucidarmos o que fazem as bandeiras, haja vista, que nenhum de nossos anseios teria dado origem a tão disparatadas criações. Alguém teorizaria sobre isso?

Após trocarem vários olhares inexpressivos, Deodoro pediu a palavra:

— Parece que, desta vez, as leituras proibidas de Roberto não lhe estão servindo muito. Aqui cabe apenas levantar hipóteses. A mais plausível estará para ser confirmada em tempo oportuno, quando sairmos da caçua, apenas para lembrar uma antiga prática escolar para os alunos desobedientes, ou seja, um quarto em que eram presos em plena escuridão...

Everaldo observou:

— Mestre, a situação do grupo não é a mesma. A comparação está equivocada. Note como a luz está bastante mais intensa. Aliás, são três os focos de iluminação, dado que o recinto parece haver alargado suas dimensões.

Deodoro aproveitou a oportunidade para perguntar ao outro:

— A que você atribui o seu pranto?

Tomado de surpresa, Everaldo titubeou:

— Não sei ao certo. Provavelmente, por sentir saudade dos tempos tranquilos em que vivi com meus pais e meus irmãos, num sítio de nossa propriedade.

— Onde ficava?

— No município de Buriti, no Estado do Maranhão.

— Vamos ver se a bandeira do Maranhão está entre as outras.

Não foi difícil de reconhecer o pavilhão amado:

— Está aqui, sim.

Foi uma correria para descobrir cada qual a sua bandeira natal. Todas lá se encontravam e outras que foram sendo identificadas: Portugal, Itália, Espanha, Turquia e mais vinte, algumas das quais sem nenhuma relação com as viagens de Deodoro e de Joaquim, os únicos a saírem do país.

— Eis que o mistério persiste, afirmou Deodoro. O que o companheiro Hermógenes acha disto?

Provocado, Hermógenes não hesitou:

— Agradeço aos amigos terem demonstrado cabalmente que se deixam influenciar sentimentalmente pela dor alheia, tanto que o meu desregramento provocou a tristeza geral.

Deodoro fez um gesto significativo, solicitando que saltasse por sobre os tópicos menos felizes.

— Pois bem, as bandeiras que não se vinculam às nossas vidas de sacerdotes podem estar relacionadas com as vidas anteriores. É uma provocação material para o

despertar das recordações antigas. Se for isso, em breve estaremos rememorando as alegrias e as tristezas de outras encarnações.

Roberto imediatamente interveio:

— Everaldo irá zangar-se se você estiver com a razão.

— Como assim? — perguntou o citado.

— É que, pelo sentido evolutivo das existências corpóreas, muito provavelmente iremos deparar-nos com vidas menos frutuosas, mais carregadas de pecados e de imperfeições. Portanto, vidas que nos trarão mais motivos para depressões morais. A menos, é claro, que saibamos definir com propriedade quais os defeitos que tínhamos em mira eliminar e quais os que realmente o foram.

Deodoro ficou bravo:

— Eu tenho sido acusado de exigir ordem. Mas como é que iremos examinar o sucesso vital de cada um, se não demos vazão às nossas histórias nem relatamos as nossas fraquezas? Quanto a mim, ao ver as bandeiras da Itália e da Espanha, irromperam-se-me recordações muito doces, as quais temo que se tornarão amargas, se me confessar suspeito de gozar a vida sem nenhuma consideração pelos irmãos que permaneciam miseráveis nas favelas, nos cortiços, passando fome, ou melhor, morrendo de fome, e mesmo sem dar muita importância aos judeus chacinados pelos nazistas, nem pelas populações civis dizimadas pelo poderio bélico dos aliados, haja vista Hiroxima e Nagassáqui.

Roberto, que tinha sido rebaixado um momento antes, contestou:

— Deodoro (que eu não me perca pelo tratamento), penso diferentemente. Que importância há de ter o conhecimento de nossas faltas, de nossos erros, de nossos crimes e de nossos pecados? Você não estará querendo, por força do hábito (do mau hábito), ouvir as nossas confissões, para perdoar-nos em nome do Senhor? Veja bem que, agora, a nossa condição de igualdade nos coloca aptos para a refutação, sempre que nos parecer que a verdade não está sendo valorizada adequadamente. Como sempre, procuro não vibrar emotivamente, para não lhe passar a sensação de que me ofendi e desejo tão só revidar. Mas o fato é que as suas palavras como que me trouxeram à lembrança as lutas dos espíritas contra os católicos, muito especialmente contra os sacerdotes responsáveis pela manutenção da crença tradicional. Lembra-se da queima dos livros em Barcelona? Pois eu acho, salvo melhor juízo, que não devemos ficar a narrar os nossos casos, porque episódios desagradáveis é natural que todos tenhamos a sobrecarregar a consciência. Também não quero incentivar as narrativas mais felizes, justamente daqueles feitos evangélicos reconhecidos socialmente como de sacrifício em prol dos necessitados. O irmão citou eventos da guerra e eu lhe pergunto se teria você algum meio de dissuadir os litigantes a não cometerem as atrocidades? E a sua riqueza daria para sustentar por quanto tempo os famintos de todo o orbe terráqueo? Nem que o Vaticano se despojasse de todos os seus bens, que não são poucos, ainda assim não aliviaria nem um centésimo da fome que grassa pelo mundo. Você haverá de citar Jesus, pelo extremo sacrifício, em prol de toda a humanidade. E eu deverei concordar que os espíritos mais lúcidos têm de seguir os conselhos e os exemplos do divino mestre. Entretanto, ficarmos a lamuriar a perda das oportunidades representa exatamente o contraponto das atividades que deveríamos exercer imediatamente. Você acha que eu fiquei contente pelo fato de ter tido lepra? A

minha revolta foi imensa. E sabe o que me aconteceu? Eu parti para todas as leituras que pudessem, ainda que de longe, me oferecer esperanças de curas. Sabia de padres que benziavam e que curavam. Ouvia dizer que médiuns chamados de cura também realizavam verdadeiros milagres. Procurei a todos e nenhum me limpou as feridas. A ciência realizou alguns benefícios, tanto que os remédios eram eficazes para doentes no estágio inicial. Eu me deixei contaminar pelo mal inadvertidamente, porque estava muito mais interessado em satisfazer meus apelos sexuais, tanto que não diferenciava entre moças e rapazes. As leituras de Kardec e de outras obras mediúnicas atiraram-me contra mim mesmo, porque insistiam em me mostrar perverso desde anteriores encarnações, como se o meu sofrimento viesse para resgate de antigas maldades. Agora eu lhe pergunto, e a todos vocês, se o fato de eu citar, caso a caso, todos com quem me relacionei irá fazer alguma diferença para o tratamento das defecções morais que carrego. Vejam que estou sendo fundamentalmente claro na especificação do meu saber doutrinário espírita, como ainda sei muito proficientemente os *Evangelhos*, o direito canônico e os pontos básicos da Teologia Cristã. Estarei totalmente arrependido do que fiz? Ainda bem que não trago na consciência a transmissão do meu mal, como muitos que conheci que se esgarçavam perispiriticamente porque, sabendo-se portadores de doenças como a sífilis ou a AIDS, não deixaram de praticar o ato sexual ou de se drogarem, fornecendo o sangue a ser injetado nas veias dos parceiros de vício.

Notava Deodoro que Roberto ia desafiando conhecimentos que ele mesmo não tinha:

— Posso interromper para perguntar?  
— Claro, Monsenhor, digo, Professor.  
— Você foi o último que aqui chegou. É natural que tenha tido contato com eventos recentes, como o dessa doença que você chamou de...

— AIDS, que é a sigla correspondente à expressão inglesa que se traduziu por Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida.

Deodoro não se apertou:

— Acquired Immunological Deficiency Syndrome, se o meu inglês estiver correto.

— Afirmando-lhe que está.

— Então essa doença atinge as pessoas através do contato sexual ou sanguíneo?

— Devo informar, se for para desenvolver o tema, que me mantive em espírito na sociedade humana por longo tempo, errando pelo espaço contíguo à atmosfera terrestre, implorando pela ajuda dos médicos, antes de me saber morto. Foi assim que pude estruturar muitos conhecimentos atualizados, pelo menos até uns dois ou três anos atrás, quando notei que havia obtido melhora acentuada. Se não for falta de humildade, posso exibir minhas mãos inteiramente regeneradas, porque aperfeiçoei bastante minhas incipientes virtudes. Mas o caminho é estreito e difícil e as tentações ainda me fazem preferir a avenida mais larga e cômoda das riquezas óbvias da proteção espiritual, sem o correspondente esforço de superação das deficiências. Acredito, se puser fé nas informações que se encontram em Kardec, que deverei volver ao plano terreno muitas outras vezes, até adquirir direito ao passaporte às esferas superiores, ou melhor, a algum mundo de maior felicidade, como tanta gente que, por mérito próprio, está em Júpiter,



planeta do sistema solar que abriga os espíritos mais evoluídos e que já nada mais têm a realizar na Terra.

— Pela tese que você está apresentando e que sou bem capaz de reconhecer no livro que li e que se encontra na estante com certeza, para utilizar-me do termo alienígena *carma*, os que sofrem estão cumprindo a obrigação de resgate dos crimes passados. Se for assim, aqueles que pereceram aparentemente inocentes nas guerras, civis atingidos por mortíferos bombardeios, estão pagando penas insuspeitas, porque dificilmente têm a noção dos malfeitos das vidas passadas. Os que chegam ao etéreo atingidos pela tragédia, desde que conformados e cientes da divina justiça, cumprem o seu *darma*, outra expressão da filosofia oriental, permitam-me, ou seja, tudo realizam de conformidade com a lei, merecendo, desde logo, a promoção a um setor do Universo mais condizente com suas qualidades. Isto tudo não está a justificar que nos interessemos pelos seres em penúria? Não foi esse o procedimento de Jesus, que buscava, inclusive, os criminosos...

Roberto não conseguiu sufocar a tentação:

— Diga, Mestre, os criminosos *de colarinho branco*, ou seja, os fariseus, os doutores da lei, os sacripantas que mantinham as suas posses, ainda que sob o domínio romano.

Deodoro regozijou-se:

— Sinto que o amigo não mantém a postura preconizada pelo Cristo, qual seja, a do perdão. Eu estou cansado de citar. Pronuncie você a sentença bíblica, por favor.

Roberto acertou *de prima*:

— “*Se o seu irmão pecar, vá argui-lo entre você e ele somente. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão.*” “*Então Pedro, aproximando-se, perguntou-lhe: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, para que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não lhe digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.*” (**São Mateus**, capítulo XVIII, versículos 15, 21 e 22.)

— Então, Roberto, que conclusão deve você tirar a respeito dos *elogios* que você teceu aos publicanos de todos os tempos?

— A conclusão é a mesma de sempre, qual seja, a de que eu sei a letra da lei mas não pratico, ser imperfeitíssimo que sou. Mas estou melhorando, graças a Deus! Mas você ia fazer referência ao verbo *esgarçar*, que apliquei ao perispírito dos sofredores. Eu explico. Você teve oportunidade de ver a minha mão meio desfeita. No sentido que empreguei o verbo, estava *esgarçada*, ou seja, esfiapada, desfiada, desfeita, lanhada, ferida. O perispírito tem elasticidade para sofrer esse tipo de impacto da consciência culpada. Eis que estou afirmando que os amigos aqui reunidos estão passando por momentos até gloriosos nesse aspecto, porque a repercussão de seus pecados não se reflete em sua vestimenta etérea. Vejam bem: não se reflete ainda, porque há crises que podem oferecer o risco desse prejuízo.

Deodoro estava vivamente interessado:

— Recordo-me das informações passadas mediunicamente a Kardec, segundo as quais os espíritos assumem as feições que melhor correspondem à ideia que deles fazem os amigos. Muitos podem aparentar imagens terríveis, para repugnância, em defesa contra os inimigos perniciosos. Acredito que a degenerescência do perispírito não ultrapasse os limites da real contextura moral dos indivíduos, ou seja, deduzindo da ideia anterior de que

os acréscimos são sempre positivos no sentido das qualidades e virtudes, o que ocorrer a cada um de nós apenas refletirá o nível evolutivo alcançado.

— O que significa, intrometeu-se Joaquim, que a ideia das penas eternas foi um exagero de interpretação das palavras de Jesus, o qual falava a linguagem que os contemporâneos entendiam. Daqui a tremenda pregação: *“Infelizes de vocês, escribas e fariseus hipócritas.” “Serpentes! Raça de víboras! Como conseguirão escapar da condenação do inferno?”* Não foram essas as expressões do Cristo, segundo **São Mateus**, capítulo 23, versículos, 27 e 33? E, no entanto, são bem conhecidas as passagens em que perdoa os pecadores e cura os doentes, com o coração pesaroso perante tantos sofrimentos. Penso que estamos num exagero de reflexões cediças, dando voltas, hesitando em reconhecer, definitivamente, que devemos pleitear do Senhor o entendimento existencial em continuidade desde a criação, para a glória final, quando, ao adentrarmos o Paraíso, já não diremos, como sugeriu Deodoro: *“Eu sou um ser perfeito”* ou *“Eu não sou mais aquele”*, uma vez que não teremos nenhuma importância enquanto indivíduos. Imersos na graça de Deus, o gozo da felicidade haverá de transcender todos os valores que atribuímos atualmente à nossa personalidade. Amar a Deus sobre todas as coisas inclui, necessariamente, o esquecimento de todas as coisas, ou seja, também de nós mesmos, porque a plenitude não estará em nossa alma mas na aura absoluta do Criador. Peço perdão, humildemente, pela fragilidade das palavras, incapazes de ilustrar o poder dos pensamentos.

Roberto queria deslustrar o tom doutoral do colega e interferiu, contrapondo uma citação diretamente extraída de **O Livro dos Espíritos**:

— Cuidado, amigo, que essas suas preocupações foram objeto de uma pergunta de Kardec respondida pelos orientadores espirituais. Eis a pergunta de número 83: *“Têm os Espíritos um fim? A gente compreende que o princípio donde emanam seja eterno, mas o que nós perguntamos é se sua individualidade tem um término e se, em um tempo determinado, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se espalha e não retorna à massa, como sucede em relação aos corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que começou não finde.”* Eis a respectiva resposta: *“Existem muitas coisas que vocês não compreendem, porque sua inteligência é limitada, e isso não constitui uma razão para as repelirem. O filho não compreende tudo o que compreende seu pai, nem o ignorante, tudo o que compreende o sábio. Nós lhe afirmamos que a existência dos Espíritos não finda em absoluto; eis tudo o que podemos dizer agora.”*

— Se me permitem, Senhores, interferiu, risonho, Deodoro, dando certa ênfase tonal com declarado vezo irônico ao tratamento cerimonioso, devo fazer o papel de professor de lógica, na interpretação do texto que acaba de citar o amigo Roberto. É evidente que o maior engloba o menor e o menor não pode açambarcar o maior. Claro! Se Deus é a perfeição — e outra coisa não poderia ser — a criatura, apesar de possuir centelhas dessa perfeição, não está apta a competir com a suprema inteligência. (Abrindo um parêntese, preciso encarecer o fato de que Deus não é a suprema inteligência do Universo, porque este também foi criado. Deus é a suprema inteligência existencial. Fecho parêntese, bem rápido.) Então, quem veio declarar que não pode dizer, na expressão dele, *por enquanto*, nada além de que *a existência dos espíritos não tem fim*, pode ter chegado a tal conclusão por inferência filosófica ou religiosa, porque, se houvesse chegado bem

próximo da Divindade, não teria como voltar para perto de seres tão ínfimos quanto nós. Sei que vão dizer que Jesus o fez. Se considerarmos Jesus a segunda pessoa da Santíssima Trindade, não podemos levantar hipóteses a respeito de sua divina deliberação. Cumpra-se a vontade do Pai, que é assim mesmo que ele nos ensinou a orar. Se o considerarmos um espírito da mais alta categoria, ainda assim estaria entre aqueles que não imergiram no reino de Deus. Não é verdade que ele prometeu diversas vezes que iria encontrar-se com os discípulos e os apóstolos (e até com o bom ladrão da cruz) no Reino de Deus? Ora, se tivermos em conta que a explicação não foi nem poderia ter sido comprovada, porque os que se integrassem no Paraíso de lá não mais sairiam, por força, pelo menos, da ideia que consagramos de que ninguém retrograda, ou seja, não volta atrás nos passos evolutivos, então devemos de respeitar a expressão *por enquanto*, atribuindo-lhe o sentido lógico e pragmático dado pelo Messias quando afirmava que o tempo não era chegado de fornecer aos homens todos os conhecimentos. Adão se viu impedido de saber e, quando tentou, foi expulso do Paraíso Terrestre. Era tão ignorante, coitado, que nem sabia os nomes das coisas e dos animais, que precisou batizar um a um, na sábia imagem do Gênesis. Mas os homens continuam dentro da mesma natureza corpórea, e, portanto, espiritual, dos primórdios, ainda que aceitemos as teses de Darwin, porque estas não ultrapassam os limites materialistas. Por conseguinte, embora mais adiantados no aspecto da apreensão da realidade e mais desenvolvidos intelectualmente, longe estão de assimilar os conceitos absolutos inerentes aos conhecimentos do supremo apogeu espiritual. Se os espíritos vão um pouco adiante, como nós mesmos, que estamos despojando-nos de alguns preconceitos canônicos, também se encontram mui distantes daquela eterna bem-aventurança. Então, não poderiam dizer nada definitivo neste campo das conjecturas paradisíacas. Acredito que tenha comprovado que, ao dizerem, *por enquanto*, não tenham feito referência apenas aos leitores de ***O Livro dos Espíritos***, mas também a si mesmos. E não seria outra a afirmativa em relação à permanência da individualidade e da caracterização de cada sujeito que avança naquela estrada a caminho da perfeição: “*Logo, sejam vocês perfeitos, como seu Pai celeste é perfeito.*” ***São Mateus***, capítulo V, versículo 48. Porque eles, como nós, estavam íntegros dentro de suas personalidades, embora muito mais voltados para o próximo. Em suma, não acredito que tivessem autoridade para responder à observação filosófica de Kardec, segundo o objetivo maior de tornar os humanos mais compenetrados dos deveres evangélicos, como sugeri, do que em incensar a própria figura, o que se constitui em evidente fluxo egoístico. Um passo de cada vez, segundo o comprimento das pernas, eis o ponto. Para encerrar, vamos supor que aceitássemos expor estes pensamentos aos encarnados. Nós passaríamos a eles a ideia de que somos donos de alta sabedoria e domínio da realidade essencial dos seres perfeitos? Ou preferiríamos demonstrar que estamos interessados em produzir somente um texto de orientação, de estímulo e de excitação, para que se dediquem às reflexões teológicas?

Calou-se, admirado por tão longo discurso.

*Acho que tenho tido a ajuda de Eufrásio, porque me parece que reproduzo exatamente aqueles conceitos que tentou ministrar-me, assim que acordei no hospital. Ou será que a minha inteligência está adaptando-se à nova realidade?*

A pergunta incentivou-o a formular uma questão ao grupo:

— Companheiros, à vista de nossas colocações mais ou menos paradigmáticas relativas à nova condição existencial, na hipótese de termos de volver à vida terrena, ou seja, de reencarnarmos, tendo possibilidade de escolha, iremos pleitear dos protetores que nos favoreçam outra realização na qualidade de sacerdotes?

A pergunta pegou a turma de surpresa. Não haviam pensado a respeito.

Foi Joaquim quem interpelou o professor:

— Se estou bem compreendendo onde você quer levar-nos, devo esperar que cada qual conclua que não deseja mais continuar no papel de representante do Cristo na Terra. Suspeito, por exemplo, que Roberto queira exercer algum papel significativo dentro do que ele chama de seara espírita, quer como médium, quer como doutrinador das sessões de desobsessão. Eu mesmo não me sentiria bem pregando de novo a impossibilidade do contato com os mortos, ameaçando com a destituição dos direitos aos sacramentos, chamando sobre os infiéis as chamas dos infernos. Quanto a você mesmo, filósofo e amigo, acho que se sentiria muito bem como simples operário, pai de família, esposo amável, sangue do sangue dos populares, para esquecer que uma vez esteve a gozar as delícias do trabalho alheio, apesar de não ter passado um só dia da pregressa existência carnal em claro desfrute dos bens materiais, preocupado que sempre esteve com os sermões, com as aulas, com os relatórios, com a redação dos textos a serem divulgados pelos superiores.

Deodoro, curiosamente, não se espantava com a precisão do relato a respeito de sua vida. Por isso, completou:

— Mas eu não deixei de comer e de beber do bom e do melhor, nem de escolher muito bem aquelas com quem me houve, nem de dormir em leitos macios, na segurança das construções comunitárias mais sólidas, nem de recorrer ao auxílio das melhores cabeças para as produções intelectuais. Mas você tem razão em imaginar que eu possa requerer uma vida mais obscura, principalmente porque, ao examinar o insucesso doutrinal da pregação religiosa, estabeleço um prisma mais sentimental, mais emotivo. Não é verdade que, dentre todos aqui reunidos, sou o que menos vibrações emito no sentido da evidenciação dos dramas da alma? Não é verdade que tudo quanto denuncio eu o faço por meio de rigorosos silogismos, para a apreensão dos conhecimentos, em descompasso com as emoções a que dão causa o amor, o companheirismo, a solidariedade, o espírito da fraternidade da família? Tenho notado que os vínculos de parentesco são muito mais expressivos nas auras de vocês. Quanto a mim, mal me lembrei de meus pais, de minha irmã, de meu cunhado e de meus sobrinhos. Quanto aos tios e aos primos, não lhes vi nem as sombras, tão apagados estão em minhas lembranças. Enquanto isso, até mesmo alguns amores traiçoeiros, daqueles impossíveis, vão sendo substituídos pelo êxtase dos desenvolvimentos cerebrinos.

Everaldo desejou dar uma contribuição, aproveitando certo ar nostálgico que se imprimia nas feições do orador:

— Vejo que você está, talvez sem que tenha se apercebido disso, lendo em nossos perispíritos, observando as reações sentimentais para além da configuração dos pensamentos técnicos. Acho que esta observação mereceria comentários mais precisos, a nos levar a todos ao mesmo poder. Quanto a mim, sei quais os pensamentos que cada um deseja transmitir, mas não me inteiro do conteúdo emocional senão com a ajuda das conotações oriundas da entonação, da gesticulação ou do próprio significado das palavras.

Preciso dessas informações mais do que de quaisquer outras, porque se constituirão no instrumental que utilizarei para conhecer as pessoas com quem deverei tratar ao sair daqui, naquele impulso de comunhão fraterna propugnado pelo Cristo.

Deodoro demonstrou boa memória:

— Você tem demonstrado ser o mais inquieto. Terá isso relação com aquelas trinta e duas mulheres?

— E mais vinte e cinco pimpolhos que ajudei a pôr no mundo.

A revelação pegou a maioria desatenta. Estavam quase todos envolvidos com as meditações que se produziram a partir das confissões do Monsenhor. Foi Joaquim quem chamou o grupo aos debates:

— Estamos perante algo insólito. Tinha para comigo que o sacerdócio gerava problemas sérios de isolamento e de constrangimento perante a sociedade dos espíritos, porque nos recusamos a procriar. Agora Everaldo surge com um novo panorama moral. Que pensar a respeito?

Novamente, Roberto quis deixar assinalado o prisma do espiritismo:

— Eis o que se encontra registrado no capítulo da poligamia, em *O Livro dos Espíritos*, questão de número 701. Perguntou Kardec: *“Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme à lei da natureza?”* Responderam os espíritos: *“A poligamia é uma lei humana, cuja abolição assinala um progresso social. O casamento, conforme os desígnios de Deus, deve fundamentar-se na afeição dos seres que se unem. Com a poligamia, não existe afeição real: só existe sensualidade.”*

Deodoro completou, citando *São Mateus*, capítulo XIX, versículo 9:

— Com a palavra Jesus: *“Por isso, eu lhes declaro que qualquer um que repudia sua mulher, se não se trata de um caso de adultério, e casa com outra, comete um adultério.”*

Everaldo se viu acuado pela vibração dos parceiros. Havia despertado neles aquela curiosidade que Roberto, de comum acordo com os outros, havia condenado. Dispôs-se, então, a esclarecer o roteiro de sua vida:

— É evidente que vocês estão perguntando-se como é que o cantor do coro e o pasteleiro do convento teve tempo para as aventuras sexuais. Parece totalmente inverossímil e ainda vai continuar assim para quem não viveu aqueles dias tumultuados no sertão nordestino, sem nenhum freio moral a segurar os anseios pecaminosos dos homens e mulheres. A fome era o esteio da malversação das vidas. Vocês já ouviram falar ou leram a respeito das pestes. Nas cidades atingidas pelas epidemias, as transgressões morais são o costume, porque a vida não apresenta nenhuma perspectiva de realização. O amor se perde no ventre dos cemitérios e a epiderme exige gozo imediato, porque a dor que se sente em quem se contagia contamina os espíritos ainda mais que os germes a própria carne. Pois a fome, a miséria, a ignorância e os distúrbios das credices fomentados pela ganância de se salvar da maldade material correm soltos na fixação dos objetivos imediatistas. A palavra do Cristo passa a não valer, porque promete o Mestre paz, justiça, compreensão e perdão e as pessoas não podem compreender como é que seus filhos inocentes vão sendo tragados pela terra seca, depois de serem gerados com enormes sacrifícios. Então, a minha formação religiosa se deu tardia, após haver, porque mais esclarecido e mais poderoso, abusado da fraqueza da população, para quem uns trocados representava a manutenção da vida por mais um dia e a pureza das meninas, apenas o

desperdício das oportunidades de sobrevivência. Quem está pensando em mim em meio ao sertão, deve lembrar-se dos marinheiros e dos turistas nas cidades banhadas pelo mar. Enfim, não venho perante a sua paciência para, sem critério e sem estudo, oferecer a denúncia dos descabros sociais, pela ausência dos valores do cristianismo, porque os padres se interessam muito mais pelo crescimento de suas paróquias e pela repercussão de seus púlpitos...

Deodoro interpôs-se:

— Não generalize, querido amigo. Poderemos, mais tarde, vistoriar essas regiões e determinar as causas da perdição das almas para o Cristo. É claro que entendemos o seu desiderato de justificar os erros através das condições históricas, climáticas e do meio. Contudo, o que ficamos devendo não foi a Deus, nem a Jesus, nem à Igreja. Como se está configurando em nossas mentes, somos devedores das pessoas que agredimos e que exploramos, que desorientamos e que traímos. Você foi cantar no convento, cozer pães e coalhar leite; e servir aos companheiros, porque acreditava que seria a penitência para os males que provocou.

— O pior, queridos irmãos, devo confessar-lhes, é que providenciava, mesmo ali, algumas sortidas, na confiança que depositavam em mim para as compras e vendas dos produtos comercializados pela instituição.

Joaquim queria esclarecimentos:

— Você se encontrou deste lado com alguém que o acusasse? Na Terra, ofereceu recursos para superar as crises que você mesmo citou? Houve algum marido ciumento, filho incompreensivo ou amante desesperada que corresse atrás de você lá ou aqui?

— As acusações sempre eu as ouvi, mas não fazem mais do que reproduzir em coro a voz da consciência. De início, cheguei pimpão, pronto para receber os óleos bentos da sagração de alma perfeita. Afinal de contas, confessei e comunguei e, sinceramente, me arrependi, prometendo e cumprindo que não mais iria pecar contra as minhas irmãs. Estava com mais de setenta anos e uma doença na próstata, com perdão do trocadilho, me prostrou. Dei ao fato a interpretação do castigo de Deus e, beatificamente, me preparei para a morte. Agora, os fatos parecem evoluir em sentido inverso, de sorte que me vejo atropelado pela insistência mental de volver para junto de cada pessoa para reconhecer nelas a necessidade da prestação de serviços regeneradores, em resgate dos malfeitos. É uma compunção terrível, como a que ocorre aos viciados. Se, para vocês, isto aqui parece o Purgatório; para mim, é o próprio Inferno.

— Mas você (era Hermógenes) está conosco e, portanto, sofre as mesmas punições, nem mais nem menos.

— Eu acho que sofro mais, porque estou mais compenetrado dos defeitos. Pensam que não lhes ouvi os números que forneceram das mulheres (e rapazes) com quem conviveram em situação irregular? Se os textos citados se aplicarem somente em mim, deverei conceber que vocês estão escondendo algo, não do grupo, mas de si mesmos. E se vierem a se debater em choro convulso, haverão de se manifestar muito mais pungentes do que naquelas lágrimas de saudade e de inconformismo de há pouco.

— Sabe o que penso de suas declarações, Everaldo? — Perguntou Deodoro. E respondeu: — Penso que deveriam ter sido pronunciadas no início de nossas divagações filosóficas. A minha mania de pôr ordem nas coisas teria tido justificação e não

precisaríamos agora rememorar todos os trechos bíblicos citados, principalmente quanto ao perdão e às promessas de Jesus de nos receber no Reino do Pai.

A intervenção do Monsenhor calou o grupo, para refazimento das análises e para a meditação a respeito dos temas levantados. Ninguém se preocupou em observar os ponteiros do relógio nem de onde eram as bandeiras. Também não foram em busca dos verbetes da enciclopédia. Folhavam as páginas da memória e caracterizavam os momentos que se haviam fixado mais indelevelmente, quando da síntese a que seus cérebros procederam logo após o desfalecimento vital.

Um a um, foram apartando-se da mesa em busca de um canto isolado, como se estivessem ansiosos para se libertarem das pressões morais que as acusações da presteza religiosa de todos favorecia. Se pudessem, desfariam a congregação unida sentimentalmente, como se as forças de repulsão vencessem as similitudes das personalidades. Conheciam-se uns aos outros, porque sabiam ver nas próprias almas e o que ali enxergavam não era agradável. O conforto daquela sala protegida dos impropérios dos inimigos, gratuitos ou não, já não mais oferecia resguardo contra as invectivas íntimas. Aplicavam-se as palavras de Jesus contra os escribas e fariseus e acrescentavam outras muito mais pesadas. Queriam sair, mesmo que em estado de deplorável fragilidade vibratória. Foi quando uma porta se desenhou ao lado do relógio e automaticamente se abriu. Estavam sendo expulsos para o mundo exterior, para as lutas que sabiam necessárias, porque estavam armados intelectualmente para os embates contra a maldade. Restava saber se teriam coragem para enfrentar as trevas conscienciais.

Houve um refluxo no temor do sofrimento que se apresentara segundo as expressões de Everaldo e todos se aproximaram para o centro da sala, onde já não mais se encontravam nem a mesa nem as cadeiras. À sua vista, atenuou-se a luminosidade das lâmpadas, a estante, com tudo dentro, foi esvanecendo-se até desaparecer, não se viam mais as bandeiras, nem o relógio, até que a porta também sumiu, uma vez que não existiam mais paredes. Estavam livres.

## EM CAMPANHA

— Pessoal, vamos esquecer que fomos padres, abalançou-se Deodoro a prescrever. Deveremos agir como espíritos em busca de quem possamos atender ou que saiba encaminhar-nos para algum local menos enigmático. A partir de agora, quero que saibam, vou atender pelo nome de Antenor, para forçar a memória a recompor os tempos em que vaguei por estas regiões até ser destinado à última encarnação.

Joaquim esforçava-se por entender o objetivo do outro:

— Eu bem que gostaria de simplificar as coisas dessa maneira. Mas temo que não vai acontecer nada apenas por mudarmos o nosso apelido, mesmo que acertemos o que carregávamos na penúltima peregrinação terrena.

Antenor justificou-se:

— Não estou interessado em descobrir quem fui nem o que sou. Tenho tido suficientes decepções para saber que não irei encantar-me, se, porventura, despertar para os aspectos de minha personalidade ocultos à consciência. O que desejo é lembrar-me dos caminhos que me conduziram à encarnação, pois este ponto é fundamental para a compreensão de inúmeros procedimentos intelectuais e sentimentais que me estruturaram a alma na qualidade de sacerdote, com todas as minhas crenças e todas as minhas dúvidas.

Foi Roberto quem deu o alvitre mais conveniente para a consecução daquele objetivo:

— Não sei se vocês atribuíram a nossa libertação do claustro ao pensamento coletivo de separação. A união atual me parece ainda precária e só subsiste, creio eu, porque nada alcançaríamos realizar sozinhos. Vejo que Antenor (não sei se vou acostumar-me com o novo nome)...

— Pense que meu verdadeiro nome seja Antenor e que Deodoro tenha sido o cognome adotado como sacerdote.

— Talvez fique mais fácil. Mas o que eu ia dizer é que você, quando se manifestou pelo encontro dos que lhe providenciaram o ingresso na vida terrena, o que desejava mesmo era ampliar o grupo, para o amplexo amigável daqueles que você julga serem seus comparsas... perdão!, seus protetores ou benfeitores, já que se cansou das mesquinhas de cada parceiro, uma vez que somos capazes de recordar as falas, conselhos e determinações do Cristo, mas somos absolutamente avessos a nos pronunciarmos com expressões meigas, gentis, generosas, estimulantes, afetuosas, amoráveis, para o reconforto das culpas que cada qual carrega. Parece que nos habituamos a prescrever normas e regras, a ditar pontos e mandamentos, a determinar penitências e expiações, a responsabilizar os pecadores, antes de acariciar os cabelos e enxugar as lágrimas dos amigos. Com tal espírito, ao nos depararmos com algum adversário, como você disse, gratuito ou não...



— Eu não disse, mas pensei. Concluo o seu arrazoado, pode deixar, porque estou compreendendo a crítica que você está empenhado a estabelecer, principalmente, pelo que posso observar em sua aura, a você mesmo. Desse modo, se não investirmos a comiseração que demonstramos por nós mesmos uns aos outros, pouco poderemos trabalhar em prol das pessoas menos abonadas. Estou certo?

Deveria estar, porque ninguém ousou responder, ainda mais quando viram aproximar-se deles um senhor distinto, vestido como cavalheiro do século XIX, sorridente e terno, que lhes dirigiu a palavra, apresentando-se:

— Meu nome era Léon Hippolyte Denizard Rivail, conhecido no Espiritismo como Allan Kardec. Muito prazer.

Os sete espantaram-se. Roberto tinha vaga lembrança daquela fisionomia, porque o retrato do Codificador se divulgara entre os espíritas, semblante severo e generoso, retratado à moda do século em que viveu, quando a fotografia dealbava. Essas observações íntimas facilmente foram captadas por todos, como se tivessem criado um poder novo de comunicação telepática.

Como o recém-chegado estendia a mão, Deodoro, que se esforçava para se apresentar como Antenor, tocou de leve as pontas do dedo, totalmente indeciso sobre o que fazer e o que falar. Parecia-lhe que Kardec vinha pessoalmente cobrar-lhe as refutações terrenas, somando as demais desfeitas da Igreja.

— Não se preocupe com questões menores, bondoso Monsenhor, disse-lhe o pedagogo francês. Não vivi analisando a moral evangélica à luz dos ensinamentos dos meus benfeitores espirituais para não ter aprendido a perdoar, a esquecer e a auxiliar a quantos persistirem na prática das perseguições religiosas.

— Eu... nós muito lhe agradecemos a generosidade (lembrava-se Deodoro do qualificativo atribuído a ele por Roberto) e nos tornamos seus devedores.

— É preciso, caro irmão Antenor Deodoro, que vocês suplantem esta fase de descobertas acadêmicas da realidade do etéreo. Recomendo-lhes que trabalhem com afinco, sempre tendo em mira o serviço evangélico, em nome de Jesus. Não vim e não viria em busca do reconhecimento do valor do trabalho modesto que empreendi e que se desdobraria de forma tão importante neste século e meio desde que me desprendi dos liames materiais. Meu fito, ao procurar este grupo de trabalhadores em potencial, se justifica pelo intento que se declarou em germe e que, com a ajuda dos seus protetores e dos orientadores deles, de escreverem suas ponderações teológicas e filosóficas, para posterior transmissão mediúnica aos homens na Terra.

Deodoro estava intrigado com o volume de informações íntimas contidas naquelas poucas palavras. Não resistiu à curiosidade:

— Professor Rivail, permita-me tratá-lo com tão pouca cortesia espiritual.

— Professor fui e esse título se ajusta com rigor à minha personalidade conhecida. Eu lhe agradeceria se me chamasse simplesmente de irmão, porque todos o somos em Deus.

— Muito obrigado, Professor. Mas o que me incomoda (e esta preocupação não deveria assinalar oralmente, porque sei de seu poder de leitura do nosso pensamento) é saber que os acontecimentos que nos envolveram se expressam tão transparentemente em sua alocução.

— É verdade. Contudo, não se trata de nenhum poder superior. Vocês verão que, após estudos nas escolas do etéreo, uma vez formados socorristas e em pleno labor junto aos necessitados, conforme a prescrição de seus mentores, vocês terão desenvolvido o mesmo dom e poderão ajudar com muito maior discernimento, orientando os pupilos de forma absolutamente correta, em função do crescimento deles.

Deodoro percebeu a oportunidade de ouro que se abria para mais rapidamente progredir em seus conhecimentos.

Kardec prosseguia:

— Peço-lhes que não temam expor-se diante de mim, ainda que certos traços de egoísmo lhes pareçam exageradamente nítidos, para vergonha de quem gostaria de estar melhor preparado para discutir a doutrina, a fim de ir desbastando os galhos secos e improdutivos. Vocês ainda podem ser considerados sacerdotes católicos, porque a sua vontade está disposta nesse sentido. Tudo bem, irmãos. O que pretendo lembrar-lhes é o fato de que vocês têm guardado no fundo do coração que Deus sabe tudo o que se passa na Criação. Dessa forma, por que ter vergonha de aparecer em sua integridade moral perante uma das criaturas dele, se perante ele mesmo vocês não tremem? Não vejam em minhas palavras censura alguma. Se eu mesmo fosse perfeito, não estaria envolvido nesta luta por tornar a ação dos espíritos e dos espíritas coerente com a verdade do Senhor. Estaria no Paraíso, gozando da eterna bem-aventurança.

Roberto, à vista da acessibilidade do mestre lionês, como ele gostava de alcunhar Kardec, atreveu-se a perguntar:

— Léon, a minha questão se refere exatamente à honra que nos dá com sua presença neste lugarejo perdido das Trevas. Eu bem sei, segundo li em suas obras...

Imediatamente, Kardec estendeu a mão com alguns pequenos volumes encadernados e passou-os ao interlocutor. Roberto examinou rapidamente os títulos e agradeceu:

— Vejo que além dos cinco compêndios mais importantes, está aqui também o libreto *O que é o Espiritismo?*, e todos os exemplares da *Revista Espírita* de 1858 a 1869. Muito obrigado. Não cheguei a ler todos os seus textos mas pretendo fazê-lo agora, quando tenho tempo de sobra. Mas o que eu ia perguntando era a respeito de ser você mesmo quem se apresenta ao grupo ou algum enviado do verdadeiro Kardec. Sei que não posso estabelecer nenhuma distinção entre os espíritos de mesma categoria, porém, suspeito que a nossa insignificância não...

Kardec riu a bom rir e se manifestou sem qualquer indício de aborrecimento:

— Jesus diria, como se registra em *São Mateus*, XVII: 17: “*Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei consigo, até quando irei suportá-la?*” Se o Mestre Nazareno desceu de sua glória para encarnar entre os homens, por que não poderia este simples servo buscar trazer lenitivo para as dores de um pugilo de almas capazes de sofrer todos os exames de consciência para melhorar o seu proceder cristão? Certo que você, querido Roberto, deve estar intrigado quanto ao fato de eu ter feito referência à mensagem ao público terrestre. A sua pergunta mais pungente está solidificando-se na qualidade do texto que deverão os amigos apresentar, para que os filiados ao movimento espírita não acusem de mistificação e de hipocrisia o servente humano que tornará possível a transmissão dos elementos relativos à minha personalidade. Creio que serão inevitáveis muitas

interrogações pertinentes ao meu desenvolvimento após o decesso e quais os processos a que dei curso para melhor desempenhar as tarefas de codificador, tendo em vista que lhes passei a convicção de que me interessava pelo futuro da humanidade, em função da pregação dos valores hauridos diretamente de Jesus, mais os conhecimentos que me passaram os espíritos que me forneceram os roteiros de superior esclarecimento doutrinário, estabelecendo os princípios fundamentais do Espiritismo, quais sejam... Diga-os você mesmo, por favor.

Roberto não se surpreendeu com a gentileza das explicações, que julgou conformes aos ditames da personalidade do Codificador. E reproduziu os tópicos principais das leis reveladas através dos médiuns, colocando em segundo plano a desconfiança de que elas não eram originais dentro da História do Mundo:

— O Espiritismo baseia os seus princípios na lei da reencarnação, para que os espíritos possam evoluir até serem perfeitos.

Kardec, sem dar a impressão de participar diretamente, fez-se compreendido por todos:

— Lei que outros povos conheceram e respeitaram, por enunciados trazidos por espíritos enviados por Jesus.

Proseguia Roberto:

— Outro fato importante é o entrelaçamento existencial entre os seres residentes numa mesma faixa vibratória ou de frequência de ondas de mesma ou aproximada extensão, apesar de uns estarem encarnados e outros não.

De novo, o grupo recebeu o influxo das ideias de Kardec:

— Estendi-me bastante a respeito em *O Livro dos Médiuns*, que vocês devem ler para serem capazes de entender os irmãos espíritas que encontrarem no etéreo ou no orbe. Esse conhecimento é básico para que respeitem os humanos as informações hauridas através dos mediadores. Estranho ainda hoje que muitas pessoas não se conformem com a verdade dos contatos entre vivos e mortos, apesar de vigorosamente constituídas quanto ao seu intelecto. Compreendo que muita gente não esteja adiantada nas sendas da espiritualidade, preferindo, por razões diversas, manter-se sob a tutela de teorias e cultos que não exigem mais do que uma fé cega para referendarem a sua disposição de cumprir os mandamentos da consciência ou da igreja a que se filiam. Aceitam os dogmas materiais ou religiosos sem discussão, enquanto os que participam dos trabalhos das casas espíritas são estimulados ao exame das ideias, para a constituição de seu corpo de princípios, inclusive para que a sua fé se veja argamassada nos estudos de caráter científico. O mais que poderia ofertar a vocês agora não corresponde à sua necessidade imediata nestes próximos trezentos anos (pela contagem da Terra), a menos que se dediquem com denodo para efetuarem o congraçamento entre a vontade de acertar e a realização de suas obras. Dispensio a citação dos textos evangélicos que vocês sabem de cor e que poderão mencionar ao escreverem este episódio de suas aventuras nos campos etéreos.

Roberto indagou se deveria deixar registrado para os leitores terrenos todos os elementos primaciais do Espiritismo.

Recebeu a seguinte orientação de Kardec:

— Vocês deverão respeitar o ponto evolutivo deles. Como o público é um ser de múltiplas faces, busquem estimular um enredo lúdico, mas não deem importância às

explicações extremamente facilitadas. Que cada qual pense a respeito da vida, segundo o prisma de seus interesses e de sua capacidade de assimilação. O que não pode deixar de evidenciar-se é o fato de que as instituições humanas mais sólidas podem estar fundamentadas em princípios errôneos. Eu mesmo, ao início das investigações espíritas, cheguei a acreditar que fosse possível agasalhar, sob a teoria que vinha desenvolvendo, todos os credos religiosos, unindo as pessoas em função das bênçãos de que me sentia apaniguado. Posteriormente, fui obrigado a considerar que me enganei, pelo menos naquele conjunto de fatores psíquicos e sociais sob que se estruturavam os interesses da civilização europeia. Passei, então, a ter uma visão mais abrangente, admitindo que não veria em vida o Espiritismo triunfar em todos os corações e em todas as mentes. Transferi a perspectiva para o final do século e, depois, para o final do milênio. Devo reconhecer que muitas variáveis (com perdão do neologismo) não estavam sob meu controle e ainda não estão, de sorte que prefiro deixar que o futuro se resolva pelo trabalho presente, em prol da disseminação dos ideais espíritas cristãos, arguindo a responsabilidade a consciência de cada um, porque a cada um se dará segundo as suas obras.

Deodoro já não se preocupava com o fato de se chamar desta ou daquela forma. Via que o próprio benfeitor espírita da humanidade tivera dois nomes e, com certeza, muitos outros, porque se recordava, talvez ao influxo das influências subjetivas do ser de superior quilate presente, que o nome Allan Kardec lhe fora atribuído mediunicamente. Ficou com vontade de interrogá-lo a respeito, mas refreou o impulso porque lhe pareceu que a pergunta seria por demais pessoal e fora de propósito, porquanto arremessava a visão para o passado, quando o presente deveria ser muito mais rico em informes e lições.

— De fato, bom amigo, concordou Kardec, o passado apenas nos serve para caracterizar as ações que praticamos, para reforço das boas e eliminação das más. Na verdade, toda revelação do passado deve empregar-se no trabalho do presente, na melhoria da personalidade, para avanço espiritual nas sendas que nos levam a Jesus e ao Reino. O estudo das vidas passadas deve ser estimulado nesse sentido. No tempo em que me chamava Léon, como tão carinhosamente me tratou Roberto, a preocupação do codificador do Espiritismo era relativa à divulgação das bases filosóficas, morais, históricas, científicas e religiosas dos ensinamentos que me passavam os benfeitores. Era o que me parecia o mais eficiente para transformar a mente dos cidadãos e o próprio Estado, que nada mais é do que a soma das aspirações e das realizações individuais. Este ponto da minha pregação foi bem entendido pelos homens que estabeleceram o seu paradigma de procedimento pelas normas evangélicas que resaltei nas obras, sob orientação direta dos espíritos de luz. Lamentavelmente, não pude concluir o trabalho de disseminação, tendo ficado ao encargo de vários companheiros o dar continuidade ao sistema. Devo reconhecer que ficou muito pouco para ser adicionado ao corpo doutrinário, contudo, o desenvolvimento da cultura no sentido tecnológico, propugnando a fixação das nacionalidades em função do *status quo*, não consigna os valores espíritas da solidariedade, da fraternidade, do amor e da união entre todos os povos e desvia os filiados ao movimento espírita para setores vitais restritos, tanto que homens ilustres à testa da política, da administração, das ciências e das indústrias, ainda que adeptos do ideário espírita, não conseguem ativar os principais elementos de regeneração coletiva.

Os sete não atinavam com a extensão das reflexões do mestre.

— Percebo que falo como se falasse a crianças que adentram a escola pela primeira vez. Tornei meus dizeres enigmáticos e completamente desprovidos de sentido para a realidade que vocês estão vivenciando. Mas creiam que não lhes faltará oportunidade, em época certa, para rememorarem o que lhes disse e aplicarem ao labor a que se destinam quantos se estimulam ao auxílio do próximo. Repito a atitude dos meus amigos da espiritualidade superior quando me forneciam informações cujos significados me passavam despercebidos. Tudo fiz para interpretar-lhes as mensagens com o mais rigoroso cunho científico do racionalismo de que estava dotado, a partir de meus estudos humanísticos e filosóficos. Mesmo assim, reconheço, algumas explicações ficaram aquém dos ensinamentos, cabendo a vocês discutir e resolver, se quiserem prestar real serviço ao desenvolvimento do Espiritismo.

Roberto estava nas nuvens. Não conseguia mais pensar espontaneamente, porque estava embebendo-se todo nas palavras de Kardec, que, por sua vez, orientou o discurso para a atitude do discípulo:

— Meu caro e sofrido ex-hanseniano, peço-lhe para mudar seu êxtase para o confronto necessário com a dura realidade em que vocês vão embrenhar-se. Notou como foi que o chamei? Pois se trata do maior elogio que qualquer espírito gostaria de receber. É que a constatação pelos demais do sucesso evolutivo gera campo de forte vibração, pois a alegria se condensa em incentivos para o crescimento não só do amor e do trabalho em prol de quantos se situem mais abaixo, como também de profundo respeito às conquistas dos superiores. Sei que Everaldo diria algo no sentido de avaliar o quanto de inveja e de outros sentimentos mesquinhos poderia causar o enriquecimento do irmão recebido em festa, principalmente quando se sabe que esteve durante tanto tempo vagando em erro pelos ermos da consciência culpada. Mas devo lembrar-lhe a parábola do filho pródigo.

Rapidamente perpassou pela mente de todos as belíssimas expressões contidas no ***Evangelho de São Lucas*** e Kardec prosseguiu:

— O que desejo deixar marcado nas suas mentes e nos seus corações é a necessidade do progresso responsável. Se vocês estivessem encarnados, seria muito fácil determinar-lhes que seguissem os roteiros da assistência aos que sofrem, lutando por fazê-lo sem sacrifício, ainda que se despojassem de todos os bens, conforme propôs Jesus ao jovem rico. E ficaria muitíssimo claro que o processo das recompensas se estabeleceria naturalmente, sem o tropeço dos desejos maliciosos ou da cobrança quase compulsória, como todos vocês, um dia, julgaram ser o correto. Mas vocês estão no etéreo e aqui muitos dos feitos intelectuais e sentimentais ficaram sob domínio da razão, pela evidência da realidade. Então, a prescrição para que sintam aquele contentamento de se verem ascendendo na escala espírita vou resumir numa frase que excede todos os anseios dos seres pertencentes a estes círculos, mas que se encontra sedimentada nos corações dos verdadeiros espíritos: FORA DA CARIDADE NÃO EXISTE SALVAÇÃO.

Quando emergiram de suas meditações, os sete se viram sem a presença do Codificador. Ficariam ainda bom tempo atônitos, sem saberem exatamente como considerar a visita de personagem tão ilustre, até que Deodoro instigou os demais:

— Bem sei que não temos nenhum motivo para desconfiar de que estivemos realmente perante o Codificador do Espiritismo. Mas que terá dito ele que nós mesmos

não fôssemos capazes de concluir, tantas ideias nos têm brotado em nossas tertúlias filosóficas e teológicas?

Hermógenes tentou dar uma resposta cabal:

— Que teria dito Jesus, revelando-se a nós? Teríamos condições de solicitar-lhe algum esclarecimento? Ou ficaríamos abismados com o esplendor de sua luz?

Arnaldo foi quem respondeu:

— Nós nos teríamos ajoelhado, simplesmente, e pedido perdão por tê-lo ofendido através de nossos pecados.

Alfredo completou:

— E teríamos rogado, como o bom ladrão da cruz, que nos levasse para o Reino.

Joaquim pigarreou, talvez por não haver participado das últimas contendas, e se manifestou:

— Pois não considero exato que reagíssemos de forma diferente, porque o Mestre nos teria aparecido em trajes comuns, apropriados para que pudéssemos vê-lo, como fez Kardec. Vocês acham que esse espírito ainda se veste como cidadão do século XIX? Até os conhecimentos que demonstrou se vinculam muito estreitamente com a sua forma de pensar antiga e que está registrada nos livros que nos deu, a confirmar que ainda temos muito o que aprender para tentar apreciar o nível evolutivo em que se situa presentemente. Falou-nos como a crianças, verdadeiramente, porque crianças somos quanto à ignorância da aplicação dos recursos religiosos e culturais que acumulamos no cérebro mas que não utilizamos para se cristalizarem no coração, no sentimento, para dar nova textura à nossa alma, ao nosso ser. Se tivesse dito tudo quanto sabe, tal como nos colocou o Cristo, estaria a atirar pérolas aos porcos.

Justificou-se Everaldo:

— Lastimo ter dado oportunidade à merecida reprimenda. É que estava pensando no sentimento que o visitante manifestou, quando nos revelou que gostaria de ter concluído a obra de divulgação universal da doutrina que fundou. Estava eu a ruminar que um ser de superior harmonia não poderia sofrer com a indiferença alheia. Ia desenvolver essa intuição quando ele me apostrofou com a parábola do filho pródigo. Lembrei-me, então, de que o pai foi quem se regozijou com o regresso, tendo o irmão mais velho protestado. Daí fiquei sem entender a razão do *lamento* do Codificador, parecendo-me que gostaria de enfeixar em suas mãos todas as rédeas para dirigir o carro da humanidade, desconsiderando a existência do livre-arbítrio. Como vocês podem observar, as minhas ideias são simples mesquinhas, como se eu desse importância ao enredo psicológico que leva um espírito de superior categoria às suas reflexões íntimas, no sentido de adequar os resultados das minhas inferências ao dimensionamento de minha personalidade. Perante a clareza incrível da fala do pedagogo ilustre, o meu sistema linguístico se perde em configurações parciais, descoloridas e irregulares, motivo pelo qual derivo para a literatice tão ao gosto dos nordestinos estudados. Pronto, agora ofendi os irmãos que se enquadram nos meus dizeres! Mas não volto atrás. Se se ofenderem é porque me dão razão. Se rirem de mim, aceito a sua crítica e esforço-me para rir também. Mas a minha vontade é de chorar, porque, em resumo, não encontro aquela centelha de vontade para enfrentar os que considero desde sempre meus inimigos.

Deodoro interveio:

— Você não está querendo me ver arrependido por estimular as apreciações particulares de cada um de nós, pois não?! Talvez a presença de Kardec tenha um sentido criativo, ou seja, para que nossa imaginação se aprofunde no sentimento do futuro glorioso que nos espera, ao atingirmos o ápice de nossas fantasias de progresso, ou seja, aquela faísca de inspiração que se infiltrou em nossas mentes para que escrevêssemos as nossas aventuras e as déssemos aos encarnados. Se chegarmos a esse ponto, evidentemente, estaremos terminando um capítulo importantíssimo de nossa evolução e estaremos merecendo os encômios a que se referiu o Mestre. Pena que eu ainda ache que o caminho até lá é longo e tortuoso, passando necessariamente por muita dor moral e muito sofrimento físico, já que não vejo como adquirir tanta experiência sem nos reencarnarmos nestes próximos trezentos anos.

O grupo se encheu de ideias, cada qual equacionando os problemas levantados através das suas fórmulas particulares.

Foi Deodoro quem primeiro volveu da imersão na consciência:

— Senhores, irmãos, amigos, vamos cumprir a vontade de Deus e não a nossa. Caminhemos para frente, porque a presença do Senhor Rivail, encarnação muito mais adiantada do que aquela em que foi chamado só de Allan Kardec, nos dá a clara indicação de que estamos sob proteção muito poderosa. Vamos em busca do trabalho. Quando nos depararmos com situações aflitivas, verificaremos que as nossas forças se somarão às dos protetores, para não falharmos, porque, acredito, o nosso intento se filia ao lema que nos foi designado e que se encontra espalhado pelas casas espíritas do mundo todo: FORA DA CARIDADE NÃO EXISTE SALVAÇÃO.

Everaldo ergueu a mão e, com muito respeito, aventurou uma observação:

— Se nos tivesse aparecido São Pedro ou São Paulo, será que nós nos teríamos convertido ao Espiritismo tão rapidamente? E se fosse São Tomás de Aquino ou Santo Agostinho?

Foi Roberto quem resolveu o problema:

— Se você tivesse lido Kardec, estaria ciente de que muitos santos católicos, entre os quais São Paulo e Santo Agostinho, ditaram textos que resultaram em tópicos importantes para as explicações doutrinárias do Espiritismo. Talvez o discurso deles aqui não apresentasse nenhuma divergência das instruções que recebemos do espírito que nos iluminou.

Insistiu Deodoro, que começava, de novo, a querer chamar-se de Antenor:

— Vejo que sou voto vencido. Sempre que pretendo que avancemos na rota da perfeição, abrem-se novas frentes de batalha e as contendidas se voltam para a direção da terra de ninguém das controvérsias infrutíferas. Se nos dedicarmos à elaboração da obra aos mortais, sugiro que eliminemos esta fase de incertezas, anotando somente um ou dois tópicos para evidenciar a nossa condição de inferioridade quanto à clarividência do Senhor Rivail.

Foi chamar a atenção para os deslizos do grupo que todos se calaram e se puseram a marchar na direção de uma luz que se via ao longe, como a indicar que era aquele o destino deles, cada qual revivendo na mente o episódio dos reis magos.

Caminhavam em silêncio, Deodoro na frente, os outros, em pares, atrás. O caminho parecia não progredir porque o foco luminoso não se ampliava. De vez em quando, Everaldo consultava as horas em seu relógio de bolso, mas nada dizia.

Por um bom tempo a situação não se alterou, até que Deodoro inquiriu:

— Everaldo, quanto tempo faz que partimos?

— Exatamente não posso dizer, porque os ponteiros param, às vezes, e, em outras, desembalam em correria alucinada. Pelo que posso apenas imaginar, estamos andando faz uns dez dias.

A revelação pegou todos de surpresa. Foi um diz-que-diz danado. Para impor ordem, Deodoro suspendeu a caminhada, fez sinal para que fizessem um círculo, convidou a que se sentassem e esclareceu:

— Não me admiro que o tempo decorra tão expressivamente. Se não fosse assim, para o meu pensamento, as coisas estariam do mesmo jeito quando chegássemos ao nosso destino. Para que haja mudanças significativas, é preciso que nos abstenhamos de preocupar-nos com fatos sem importância.

Antenor se mexia nos recônditos da personalidade do monsenhor.

— Sinto, prosseguiu, que as necessidades de restauro das energias não nos afligem, tanto que não nos alimentamos ostensivamente desde que saímos... Que digo? Não me lembro de ter colocado nada além de umas gotas de água na boca desde que me vi deste lado. Se não nos alimentamos nem nos dessedentamos, como os encarnados, é sinal de que absorvemos os fluidos por via de assimilação inconsciente, através de algum mecanismo parassimpático. Nada a configurar problema algum. Alguém está cansado?

À vista do silêncio coletivo, a resposta parecia-lhe óbvia:

— Pois aí está o que pretendia expor, ou seja, que a nossa constituição orgânica perispirítica condiz com a natureza que nos envolve e nos sentimos muitíssimo bem, agraciados pelo equilíbrio que mantemos em relação às fontes energéticas desta esfera. Por tudo o que temos estudado, posso concluir, com pequeníssima margem de erro, que estamos usufruindo de bem-estar condizente com poderio moral de boa envergadura. Se não fosse assim, estaríamos sofrendo em ânsias, como vimos os irmãos no mosteiro. Desde que nos conformamos em viajar, sem outro objetivo que não o de fazer o bem, o mais nos é dado por acréscimo da misericórdia divina. Esta interrupção na caminhada parece-me evidenciar que existem alguns pequenos senões no meu raciocínio de perfeição relativa, de bem-aventurança transitória, de felicidade temporária. Estamos bem mas sabemos que poderíamos estar melhor e a expectativa de sê-lo através de trabalho sacrificial, a exigir esforços e lutas contra inimigos externos e internos, nos põe de sobreaviso para a perturbação a que me referia. Por isso é que Everaldo, a todo momento, consulta o relógio.

— Como é que sabe, se caminha à minha frente?

— Leio no seu pensamento a distância, porque tudo o que você está a ruminar tem desejado que os demais tomem conhecimento.

— Faço-o de propósito, uma vez que me perturba o silêncio. Mas devo dizer que as vibrações não têm retornado em forma de resposta de nenhum de vocês. Intriga-me o fato de não podermos deslocar-nos simplesmente através do pensamento. Se não estou enganado, se nós nos concentrássemos com vontade, se tivéssemos verdadeiramente o



desejo de atingir aquela estrela que nos guia ou o local por ela iluminado, lá já estaríamos. Aliás, tenho tido receio de perguntar-lhe, Deodoro... Ou Antenor?

— Deodoro, caro amigo.

— O que eu queria saber é como os seus conhecimentos de parapsicologia estão adaptando-se às novíssimas impressões desta esfera.

— Da maneira mais natural, desde que as informações científicas que colhi no campo material dizem respeito tão só a ele.

— Dá para explicar?

Os outros aguçaram a atenção, que o assunto lhes pareceu de suma gravidade. Deodoro continuou:

— Quando me interessei pela refutação de Kardec, estudei os fenômenos parapsicológicos, pela tendência de tornar meramente mecânicas todas as manifestações que o Espiritismo atribuía aos mortos ou à sua influência através do magnetismo dos médiuns. Preciso confessar que encontrei na terminologia científica amplo embasamento semântico com que caracterizar de maneira diferenciada os resultados da aplicação das forças desconhecidas do poderio bioenergético das pessoas. Assim, os fenômenos de deslocação do objetos sem contato físico, ao serem denominados de *telecinésia*, por exemplo, me configuravam uma predisposição orgânica dos seres humanos ainda não estudada pela física. Aguardava a descoberta de uma força material capaz de promover aquelas desordens que se viam em diversos recintos, através do arremesso de objetos ou de combustão espontânea, desejoso de espantar os fantasmas propriamente ditos que estariam promovendo as algazarras. Se não resolvia o problema em si, ao menos adquiria a confiança de que tudo se esclareceria em tempo hábil, aplicando o sistema da fé irrestrita, da mesma forma que o fizera relativamente aos dogmas da doutrina católica. O mesmo ocorria com as demais manifestações que agora percebo estarem sob influência espiritual, com a telepatia, a *cross-correspondence* ou conversação telepática, a teleplastia, a necromancia, a *criptomnesia*, a metagnomia etc. Perante a possibilidade material, assegurava-me de que tudo o que ocorresse de forma absolutamente insólita e inexplicável ficaria na conta dos milagres, admitindo, ao contrário de Kardec, que Deus renunciava a diversos atributos, revogando a seu bel-prazer as leis que estabelecera e sob as quais as criaturas deveriam existir. Vocês não concordam comigo que, sob este restrito aspecto, Kardec era bem mais positivo, bem mais argumentativo e bem mais racional do que eu. Cheguei mesmo a avaliar o problema como de transferência do materialismo dialético para dentro da doutrina espírita, rejeitando a intuição quando percebi que não poderia o codificador francês antecipar as teorias marxistas, apesar de enfronhado nos conceitos do iluminismo. Vocês estão acompanhando-me os raciocínios?

Após breve consulta mental aos integrantes da raia miúda, Joaquim expressou o sentimento comum:

— Preferíamos que você nos dissesse como é que recebeu o título de monsenhor.

Deodoro, pela primeira vez após o decesso, riu com muito gosto, desopilando o fígado regado das bílis das frustrações católicas, apostólicas, romanas. O riso contagiou o grupo e todos demonstraram a satisfação de se aliviarem da sobrecarga do medo de ofender os protetores, que ainda mantinham, em sua imaginação, a postura do anjo que fechou o paraíso, ameaçando os escorraçados com a flama de sua espada refulgente.

— De fato, reconheceu Deodoro, aqui as noções científicas terrenas perdem a transcendental importância que lhe atribuíamos e se estruturam em função dos desejos de realização do observador encarnado, como estão a descobrir os investigadores das partículas que constituem os diversos elementos atômicos, dentro da física quântica.

Hermógenes não se conteve:

— *Profe*, o seu interesse pela dimensão material chegou tão longe? Estaria você em condições de discutir a teoria eisteiniana da relatividade? Não o sabia tão esclarecido matematicamente...

— Caríssimo Hermó, não se admire tanto. Meu diletantismo filosófico cabia num dedal. Continha-se num elétron o meu conhecimento científico. O mar em que a minha nave tinha curso, velas desfraldadas ao vento do egoísmo, era o conforto e o bem-estar de que nunca abri mão, ainda que em detrimento de muitas pessoas que precisavam trabalhar para dar o de melhor para este explorador, tanto pior porque examinara a realidade da mais-valia e tinha consciência do aproveitamento capitalista. Enviado a Roma, por haver demonstrado capacidade no domínio dos eventos em curso e na classificação de sua importância para as realizações do episcopado, me deram as funções de monsenhor, que, como vocês sabem, ou deveriam saber, cuida dos interesses mais altos da Igreja, disfarçados de camareiros de Sua Santidade. Mas não gostaria de emitir vibrações negativas a atrair a atenção dos que se sustentam na ignorância das honoríficas glórias da dignidade eclesiástica. Se me dissessem algo parecido com o que agora externei, eu mesmo teria uns pedregulhos silogísticos para arremessar no infeliz. Entretanto, a minha estadia na Santa Sé foi breve e, se não fosse cair na esparrela dos episódios que apenas deslustram a memória sem acrescentar nenhuma vibração de amor pelo desventurado, dir-lhes-ia que o vezo das saias comprometidas em matrimônio me colocou no ostracismo de um convento francês para retiro de quase quinze anos. Penitencio-me perante os colegas e prometo-lhes, em nome de Jesus, que renunciarei ao privilégio de adentrar o Reino antes de qualquer um de vocês.

Subitamente, a claridade ao longe se aproximou e abarcou a região em que estavam os sete em confraternização de profunda emotividade.

Era muito estranho o local para onde se transportaram. Inicialmente, tiveram a impressão de que a luz havia chegado até eles e Deodoro chegou mesmo a pensar seriamente em que aquele mundo era um pequeno planeta, aos moldes do acendedor de lampiões de *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. E disse em voz alta:

— Bom dia! Resta aguardar que venha a noite para acender o gás. Boa noite!

Não atinou Hermógenes com a referência:

— Professor, que acontece?

Aí Deodoro explicou o episódio poético e acrescentou:

— Foi tão rápida a nossa chegada a esta zona limítrofe entre as trevas e a região iluminada que me pareceu ter a luz caminhado até nós. Evidentemente, não foi exata a minha primeira ideia. Acho que fomos liberados das presilhas que nos impediam de vir até este ponto, quando me declarei, com o coração nas mãos, afeiçoado a vocês. Foi como uma senha, foi o *abre-te, Sésamo!* que nos possibilitou a deslocação através do pensamento. Estávamos emperrados em razão do meu egoísmo, porque desejava ardentemente ir ao Paraíso. Não ocorria o mesmo a vocês? Mas, como aqui não estamos

no Inferno de Dante, aquele do *lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*, o crescimento moral nos deu condições de utilização deste recurso de volitação ou de transporte naturabilíssimo para seres que vão despojando-se dos liames carnis mais densos, os que nos amarram a nós mesmos, pela intensidade da absorção dos valores primaciais da vida como resultante dos princípios materiais e que se desfazem no cemitério, pela deterioração cadavérica. Estarei sendo enigmático?

Joaquim, que parecia o mais desenvolvido nas considerações de caráter filosófico, juntou:

— *Se non è vero, è bene trovato.*

— *Tu parli italiano?*

— *Veramente, nulla.*

— Então, voltemos a nos entender. — Era Arnaldo, que compreendera os pensamentos mas não atinara com as palavras. — Vamos dizer que Deodoro se livrou de algum trambolho que se lhe prendia aos pés. Mas devo adverti-los para as fortes vibrações que me chegam, segundo a minha experiência em viajar em busca de religiosos perdidos.

Alfredo completou:

— Pelo que posso medir pela estática ou ruído que fazem os seres mais próximos, existem alguns sofredores por perto. Sendo assim, recomendo a máxima atenção e compenetração religiosa, solicitando o grupo a assistência dos protetores para criarmos campo de proteção, ao mesmo tempo que estabelecemos a frequência de comunicação mais adequada à tradução dos pensamentos e emoções dos irmãos carentes.

Deodoro prestou muita atenção nos dizeres técnicos, mas, impedido de solicitar esclarecimentos, deixou para inquirir os parceiros mais tarde. Tratou de orar em voz alta, na clara intenção de ser ouvido até pelos que permaneciam ocultos:

— Senhor, perdoai os nossos pecados e a nossa ignorância. Sabemos que sois justo mas também que *segais onde não semeastes e recolheis onde não espalhastes*, porém, diante da necessidade da oferta e da precisão da ajuda, dignai-vos ajudar-nos a servir-vos nas pessoas dos nossos irmãos em agonia.

Não deu por encerrada a oração mas foi obrigado a suspendê-la, à vista de três pessoas que se apresentaram saídas das trevas. Ao contrário do que os cinco esperavam (Arnaldo e Alfredo excluídos do grupo), os recém-chegados tinham ares senhoris, estavam bem vestidos, trajando ternos com fino corte, gravatas rigorosamente combinadas, sapatos lustrosos, cabelos e barbas bem tratados. Ao notarem os sete, confabularam e um deles se destacou:

— Bom dia, reverendos! Que a paz do Senhor esteja convosco!

Deodoro atreveu-se a liderar o bando:

— Louvemos o Senhor e oremos para que nos abençoe, irmãos!

Os dois grupos mediam-se sem falar, até que o mesmo que falou se apresentou:

— Meu nome é Roberto Francisco de Almeida. Este, à minha esquerda, é o meu amigo Jaime Vasconcelos Leite. Estoutro responde pelo nome de Virgílio Ambrósio Paiva Andrade. Vejo que deparamos com uma turma de irmãos socorristas, pela prece que precedeu a sua chegada. Se nos querem ajudar, conforme entendi, deverão conduzir-nos para imediata reencarnação, porque temos assuntos pendentes na Terra, desde que nosso avião caiu e nos transportou para cá.

Deodoro foi logo perguntando:

— Que tipo de negócios?

— Todo tipo, principalmente as ações com que trabalhávamos na bolsa de valores.

Enquanto Deodoro se interessava pelos aspectos terrenos, recebia forte pressão dos companheiros para mudar o rumo da conversação. Desconfiado de que os executivos pudessem entender as mensagens telepáticas, arriscou responder através do pensamento:

“Que tipo de interrogatório devo levar a cabo? Não terão eles conhecimento das intenções de vocês de levá-los a julgar os próprios procedimentos, para avaliarem se estão em dia com as obrigações do carma?”

Recebeu a seguinte informação de Arnaldo:

“Professor, pergunte pelo piloto, pela tripulação e pelos demais passageiros da aeronave.”

— Só vocês pereceram no acidente?

Foi Virgílio quem respondeu:

— O piloto, coitado, assim que chegou, foi acometido de forte pressão cerebral, culpando-se pela própria morte e dos demais. Saiu em disparada e não mais o vimos. No avião, havia mais dois funcionários da empresa aérea, ambos resgatados por familiares, mas em péssimo estado, incapazes de reconhecer o novo estágio existencial. Quanto aos outros doze passageiros, ficaram ajudando-se entre si, como se fossem velhos conhecidos e esperassem morrer daquela forma. Tinham tido conhecimento de seu destino, evidentemente, mas não entendemos como é que aceitaram desfecho tão violento.

— Então vocês ficaram zangados por terem sido reunidos a um grupo de suicidas, sim, porque quem sabe que vai morrer e não interrompe os preparativos para o desenlace...

Jaime interceptou-lhe as palavras:

— No início, acreditávamos que fosse isso mesmo, tanto que nos reunimos os três e nos afastamos da cena da tragédia e ficamos a observar o que faziam. Uns choravam enquanto outros consolavam. Ninguém, contudo, estava desesperado como o piloto. Aos poucos, foram recompondo-se, as machucaduras se restabeleceram, os ossos se soldaram, as feições se moldaram em máscaras de alegria, até que ergueram uma simples prece dominical, agradecendo ao Pai sua vitória sobre a morte.

— Vocês não tiveram vontade de se congratularem naqueles sentimentos?

— Falo por mim...

— Fale por nós, informou o que se apresentara primeiro.

— Pois bem, não fomos convidados e, se tivéssemos sido, possivelmente diríamos que estávamos magoados com os informantes deles, que nada nos disseram a respeito da queda do avião.

— Quer dizer que vocês concluíram que o acidente foi armado pelos benfeitores do etéreo?

— Eu não chamaria de benfeitores, desde que nos trouxeram juntos, sem nenhuma comiseração.

— Por que é que vocês falam tanto em injustiça, tendo como elemento dialético apenas uma conjectura?

Aí os três se entreolharam e fizeram menção de se retirar.

Deodoro os impediu com uma palavra:

— Perdoem-me, por favor! Não queria ofendê-los mas pretendo, ainda, ajudá-los, embora esteja vendo que vocês controlam a sua situação perispirítica, tanto que as suas vestes não sofreram nada com o desastre.

Virgílio foi quem se manifestou com profundo desagrado:

— Padre...

— Deodoro. Desculpe não nos termos apresentado.

Após rapidíssima nomeação dos demais, Virgílio prosseguiu:

— Pois bem, o que nos afeta sobremodo é a desconsideração que vocês estão tendo em relação ao nosso desejo de volver ao plano material. Quando empregam expressões próprias destas regiões, querem induzir-nos a que tudo aqui é bom e nada na Terra o é.

— Permita-me observar.

— Pois não.

— Como é que a linguagem é tão depurada mas seus conhecimentos não incluem os elementos que vocês se recusam a admitir? A mim está parecendo forte contradição.

— Essa falsa impressão sua, sacerdote, decorre do fato de que nós temos princípios de vida estabelecidos. Se voltarmos logo para a Terra, quem sabe possamos revigorar os corpos, adentrando neles de novo, antes que as turmas de resgate possam vir apanhar os cadáveres.

Deodoro percebeu, finalmente, que o problema dos três era meramente temporal ou de desconhecimento da flutuação existencial segundo a aplicação mais ou menos intensa dos pensamentos em função dos valores evangélicos. Perguntou-lhes de chofre:

— Vocês têm rezado?

— Temos repetidamente solicitado a todas as forças positivas do Universo que nos atendam a um simples retorno em tempo hábil, porque não estamos nem sofrendo como o piloto, nem esfacelados como os tripulantes, nem gozando do regozijo dos passageiros.

— Por falar em passageiros, estão eles ainda junto aos destroços?

— Claro que não! Assim que se pilharam vestidos com mantas azuis bem claras, abriu-se uma fresta de luz na escuridão e eles foram tragados, enquanto cantavam louvores ao Senhor. Roberto Francisco julgou ter visto uns seres acenando para que nos aproximássemos. Eu não vi nada, nem o meu amigo Jaime. Mas, respondendo por mim...

— Responda por nós, corrigiu Jaime.

— Nós não aceitaríamos o convite, como não aceitamos, depois, uma oferta que recebemos de nos juntarmos aos nossos parentes desaparecidos.

— Vocês fazem questão de retornar aos seus corpos?

— Fazemos.

— Vou levantar apenas uma hipótese. Vejam bem, não conheço o destino de vocês nem de suas famílias, mas, e se já não tiverem aqueles corpos intactos? Vamos dizer que tenham sido massacrados, carbonizados. Não seria mais conveniente...

— Foi por isso, padrego, que dissemos que queríamos reencarnar. Já se esqueceu de nossa primeira proposta?

— E como vão fazer valer a posse das ações?

— Não somos tão ignorantes. É por isso que não queríamos mais falar com vocês. Nós sabemos muito bem que estamos mortos. Sabemos também o que éramos antes de ingressarmos na carne. O que desejamos é encontrar aquele mesmo pessoal que nos deu a oportunidade que foi desperdiçada no acidente, para que refaçam os compromissos de nos darem uma vida regalada, saudável, proveitosa...

— Proveitosa em que sentido? Cheia de dinheiro? Plena de poderes? Vocês não pensam em ajudar os outros?

— Tanto quanto vocês, que nada mais fazem do que trazer argumentos para nos convencerem a que mudemos a cabeça. No entanto, ficam andando em círculos e nada nos propõem de útil. Passar bem!

E se retiraram do jeito que vieram, provavelmente indo em busca dos sonhos perdidos.

Deodoro sentou-se sobre uma pedra e colocou a cabeça entre as mãos. Não havia entendido quase nada da longa palestra. Mas não se restringiu a meditar. Queria dialogar e, para isso, pôs-se em sintonia mental com os outros:

— Creio que falhamos em nosso primeiro embate. Falhamos, desculpem-me: falhei eu, que fui precipitado em assumir a frente dos trabalhos de esclarecimento. Falamos tanto em filosofia, teologia e doutrinas espirituais e materiais e nos esquecemos de estudar a psique dos seres que se degradingolam, sem ao menos suspeitarem de que estão raciocinando sem base na realidade.

Roberto indigitou para o cérebro do amigo e disse-lhe:

— *O essencial é invisível para os olhos.*

Everaldo acrescentou:

— *Tu és eternamente responsável por aquilo que cativas.*

Deodoro olhou com meiguice para os demais, reconhecendo as falas da raposa ao Pequeno Príncipe, e concordou:

— O lampião está aceso. Mas o dia está claro. A nossa energia não haverá de esmorecer. A noite jamais será a lembrança do mal. Vocês sabem que Saint-Exupéry desapareceu com seu avião? Será que os nossos protetores me sugeriram a recordação do texto ou as três figuras não passaram de meras criações de nossas mentes exacerbadas?

Desta vez foi Joaquim quem pôs ordem nas ideias:

— Não vamos imaginar que os protetores nos queiram ensinar de maneira tão sutil. Se ficarmos sempre deduzindo que estamos como marionetes nas mãos deles, jamais produziremos algo positivo, em função da melhoria dos que demonstram necessidades para o tratamento das quais estamos habilitados. Aqueles três se situavam em faixa de sensações vitais inacessível para a nossa compreensão. Acredito que os protetores que rejeitaram eram muito mais experientes do que nós. Se não estamos preparados para um auxílio direto, será mais eficaz uma fricção energética aos moldes dos raciocínios paralelos. Explico melhor. A prece é imprescindível, contudo, a conversação orientada para os valores evangélicos em si talvez nos revele o ponto a ser explorado pelos ensinamentos que constataremos em falta nos seres com quem nos depararmos.

Hermógenes exemplificou:

— Nós procurávamos auxiliar mas, certamente, as reflexões oriundas do insucesso do trabalho talvez possam encaminhar-nos para um aspecto altamente positivo, ou seja, o

fato de estarmos ajuizando do nosso procedimento, na certeza de melhorarmos os padrões de atendimento fraterno. Falei!... Falei?

Queria uma resposta que lhe valorizasse o discurso. Não obtive nenhuma. De fato, as suas considerações se perderam no vazio da desatenção dos outros, imersos no estudo psicológico dos três que se embrenharam nas trevas.

De repente, sem que os dois guardiães percebessem, adentrou o raio ao alcance de sua capacidade de observação um ser diferente. Não era bem um duende, nem um gnomo, segundo as lembranças pictóricas que se lhe despertaram. Não era um anão, nem se apresentava disforme, com qualquer nuance animalesca. A fisionomia lembrava um curinga do baralho, mas por causa da semelhança das vestes com as dos bufões das monarquias. Contudo, não portava guizos nem se agitava com frenesi. A aparência era de pura serenidade, contudo, transmitia forte sensação de sofrimento. Não causava pena ou dó, nem repugnância. Não se poderia dizer que fomentava a simpatia. Numa palavra, dentro da multidão, passaria despercebido. Mas sua aura, imperceptível aos olhos dos sete, envolvia-os de forma a consterná-los, a afligi-los.

Misteriosamente, colocou-se no centro do grupo, de cabeça baixa, e pôs-se a entoar desconhecida cantiga, sem letra compreensível, que não atraía como os cantos das sereias nem sufocava tanto quanto as imprecações das górgones.

Do fundo dos corações, brotava estranha ansiedade, como se algo devessem realizar em prol do ser desprovido de empatia. A muito custo, Deodoro rompeu o encantamento e pôs-se a recitar, sem saber bem o motivo, o Credo, alterando diversos trechos, esquecendo outros, incapaz de crer na Santa Madre Igreja, acrescentando que acreditava em *São Kardec*. Desabrochavam-lhe sentimentos em descompasso com a lógica dos raciocínios, abrindo-se-lhe as comportas da mente profunda, dando vazão a ideias que, notoriamente, se mantinham bloqueadas, como se tornam as visões dos sonhos sem sentido aparente.

Joaquim solicitou em pensamento que os companheiros se acercassem do Monsenhor e lhe aplicassem vigorosos passes através de preces rogativas de ajuda e de comiseração. Quando volveram da concentração vibratória em favor do amigo, a entidade causadora dos distúrbios havia desaparecido.

Imediatamente, Deodoro recobrou o domínio de si mesmo, permanecendo com a lembrança de todas as fulgurações mentais e o inteiro teor da insólita cantilena religiosa. Refez-se completamente, agradeceu aos amigos e orou íntima prece de saudação aos benfeitores e aos espíritos de luz, porque vislumbrou que havia recebido uma lição.

Se Joaquim estava calmo, aguardando as explicações, o mesmo não acontecia aos outros. Foi Everaldo quem primeiro o interrogou:

— Deodoro, que lição foi essa?

Queria expor outras noções oriundas da leitura dos reflexos emanados do perispírito do mestre, mas controlou o impulso para não dar azo a que se dispersasse a atenção.

— Aprendi, finalmente, a reconhecer o que é uma criação do pensamento, distinguindo-a da realidade. Esse sujeito que nos apareceu é o produto que se concretizou a partir das projeções de nossas mentes, é a materialização dos elementos constituintes dos fluidos cósmicos que alcançamos manejar. Como não temos experiência, constituiu-se

uma figura sem correlação com nada que retemos na memória, elaborada a partir de diferentes aspectos de nossas preocupações.

Hermógenes acompanhava interessadíssimo e, perplexo ainda, interpelou Deodoro:

— Caro Professor, meu irmão, não atinei com nenhuma faceta extraída de minhas preocupações. Lembro-me de que, há pouco, observava que as minhas palavras se perdiam no vácuo, porque todos vocês estavam imersos em si mesmos. Não seria interessante analisar as características da entidade, para atribuí-las aos autores, um a um?

Roberto desejou estabelecer um parâmetro para as apreciações:

— Acho que cada qual deve expor o que pensa ser tipicamente seu. Eu, por exemplo, vi naquelas vestes medievais a minha atitude de descrença no poder de Jesus de me curar, sentimento esse que vigorou em minha biografia até recentemente. Hoje encaro com outros olhos a minha lepra, aguardando o descerramento da memória para compreender o que de errado fiz para merecer o terrível sofrimento, o carma dificultoso.

Arnaldo não esperou que Deodoro argumentasse e acrescentou:

— Uma das provas de que o Monsenhor está certo é que nem Alfredo nem eu fomos capazes de detectar a aproximação da personagem. Quando olhei para o gajo, vi logo, em sua pouca estatura, que retratava o meu aspecto moral, porque, até outro dia mesmo, me considerava bem pouco evoluído, apesar de saber da existência de seres de muito mais baixa condição, conclusão a que se chega com facilidade pela observação dos que carregam toneladas de detritos morais, devido aos crimes de que não se arrependem. Eu, se aqui a gente morresse, estava condenado pelos remorsos. Por isso, a terrível sensação de culpa que se apossou de mim, só superada quando Joaquim nos solicitou que auxiliássemos quem estava em pior estado.

Deodoro fez um gesto agradecido, mas não conseguiu abrir a boca, interceptado que foi por Alfredo:

— Queridos amigos, não sei se estou de acordo com as suas conclusões. A crer no que disseram, o mostrengo não era assustador e, ao mesmo tempo, nos acachapou com tremenda dose de pessimismo. O que mais me intrigou foi o seu aspecto de indiferentismo, ou seja, não sei se notaram, mas ele nos fez estremecer pelas vibrações que nos endereçava por si mesmo e não pelas reações que nos produzia. Acho que vou ter de inventar uma resposta. Se não for justa, se estiver mal alinhavada, desconsiderem-na, por favor. O que estive a examinar me levou a julgar que a nossa consciência não dá valor aos pecados que praticamos mas às repercussões que possam ter para a formação ou transformação de nossa personalidade. Eu avisei que o meu pensamento poderia estar confuso. Vou tentar esclarecer melhor as ideias. Nós nos sabemos egoístas. Ponto pacífico, porque, se não fosse assim, não estaríamos sequer discutindo estes aspectos da espiritualidade do Umbral e estaríamos no gozo da bem-aventurança do Paraíso. Ora, se tivéssemos a preocupação de recuperar a nossa harmonia original da época da criação, não...

Os demais aguardavam o desfecho do longo discurso, mas Alfredo não conseguiu prosseguir. Parecia ter caído em profundo abismo consciencial, sem nenhuma demonstração de dor ou agitação emotiva.

Deodoro interrogou os demais:



— Devemos fazer algo por ele? Não vejo nenhum risco orgânico e não percebo nenhum perigo a ser atraído pela letargia do colega. Acho que devemos manter-nos concentrados em prece, para, segundo posso intuir, entrarmos no mesmo campo de percepção da realidade. Na Terra, chamaria de estágio *alfa* da meditação, momento delicado em que o indivíduo se desprende do corpo para sair em busca do plano astral, onde contata as forças provindas dos mestres do Universo, para criar em si um campo propício à implantação de diretrizes diretamente extraídas das leis de Deus e vigentes no Cosmos.

Mas suas intenções se perderam com o retorno à normalidade do companheiro. Chegou em êxtase de felicidade. Parecia ter estado diante do Senhor. Foi logo respondendo às questões que dardejavam sobre ele:

— Vocês não sabem o que me ocorreu. Visitei a região em que estão os nossos benfeitores, que me entregaram uma missão, qual seja, a de esclarecer-lhes o fenômeno da criação da entidade metafísica com forma própria e aparência concreta. Eles me mostraram um aparelho que, acoplado ao perispírito, realiza um efeito virtual. Nós estamos capacitando-nos...

De novo perdeu-se Alfredo, cataléptico, para as circunstâncias vivenciadas pelos demais. Como da outra feita, permaneceu imóvel, sem indício algum de que estava vivo. Deodoro quis tomar-lhe o pulso, mas foi incapaz de tocá-lo. Era como se ali estivesse apenas um simulacro, uma ilusão. Alfredo se desmaterializara, deixando na atmosfera apenas o seu retrato, como a recordar que fazia parte do grupo e que se afastara em corpo e alma para algo de importância para todos.

— Quero que vocês experimentem a sensação do vazio, propôs Deodoro.

Um a um, foram sendo surpreendidos pela comprovação do que vinha Alfredo tentando explicar. Compreenderam, de imediato, que o amigo se esforçara para realizar o fenômeno para o qual não encontrava as palavras exatas.

Hermógenes provocou os demais:

— Será que mais alguém terá o dom de efetuar a mesma proeza? Antes de mais nada, vamos dar-nos as mãos para sabermos se já não estamos em plena realidade virtual.

Se algum deles esperava apalpar em vão, decepcionou-se, porque todos receberam o impacto do corpo espiritual dos vizinhos.

Nesse instante, surgiu do nada para dentro da roda um ser maltrapilho, quase agonizante, sem forças sequer para gemer, endereçando olhares súplices a pedir urgência para a ajuda do grupo.

Deodoro desejou aproximar-se do enfermo mas não conseguiu desprender-se dos vizinhos. Imediatamente consultou os outros e ficou sabendo que estavam imantados pelo contato das mãos.

“*Será que se trata de outra criação?*”, articulou mentalmente, interrogando o grupo. No entanto, não recebeu nenhuma resposta.

Enquanto isso, o sofredor se estorcia, prestes a desfalecer.

Deodoro imprimiu muita força para se desvencilhar das presilhas dos dois ao lado. Estava prestes a desandar em aflição, quando lhe ocorreu que deveria manter-se calmo, em paz interior, pronto para o auxílio ao outro, para merecer as explicações que não lhe ocorriam, em estado emocional perturbado. Não traduziu nenhuma mensagem do grupo,

mas adquiriu a convicção de que os demais estavam afligindo-se por sua atitude. Envergonhou-se, porque perdera momentaneamente o domínio sobre si mesmo e chorou, enviando ao ser que se desvanecia ao centro do grupo todo o poder que achou dentro de si na confecção de uma prece original:

*Estou contente, Senhor, por estar sendo amparado por vós, embora nada realize que mereça essa bênção. Antigamente, ao orar a vós, buscava burilar o estilo, dando ao texto o rutilar das estrelas que se concentravam em meu céu intelectual. Neste instante, lembro o fato para demonstrar que sei criticar o vezo do magnetismo pessoal sobre a multidão desinformada das letras e da doutrina. Ignorante era eu mesmo, que me julgava superior, mas não enxergava um palmo adiante do nariz. Espero, Senhor, não descair para a vulgaridade, mas traduzir os meus sentimentos na minha prece, ainda que maus, imperfeitos e maliciosos. O que pretendo com isso, meu Deus, é dar um passo adiante no sentido do entendimento do que sou através das palavras que digo, tornando-me consciente das minhas fraquezas. Por exemplo, vejo que tenho mencionado até aqui apenas a minha pessoa, preocupado que estou altamente comigo mesmo, mas não estou tão obtuso que não perceba dois fatos principais: o primeiro, claríssimo, é o do egoísmo exacerbado tendente ao menosprezo das realizações alheias, porque nada avisto, neste meu horizonte delimitado pela minha própria inferioridade, ninguém que me sirva de modelo, além, é claro, daqueles seres estelares cujas biografias guardo de memória; o segundo diz respeito às minhas preces anteriores em favor das almas dos encarnados, muitas delas pagas com moedas, como... la citar o apóstolo que vendeu o Cristo, mas não quero, de novo, cair no engano de supor que não se tenha regenerado e que agora esteja trabalhando nas legiões do bem. Jesus não iria abandonar um discípulo que ele mesmo escolheu dentre os chamados. Se, nestas frases, como percebo, ainda se mantêm os vícios da abominável atitude de realizar um serviço intelectual de vulto, então vou resumir os dizeres, solicitando-vos que me solteis das algemas físicas e me prendais pelos vínculos do amor, da benquerença, da felicidade mútua, aos meus parceiros de jornada. Penso que aquele que vai desaparecendo seja o reflexo do muito sofrimento de nós sete, materializado ou personificado para nosso aprendizado, porque precisamos evoluir evangelicamente, o que jamais alcançaremos sem a vossa misericórdia. Agradeço-vos, especialmente, o discernimento desta atitude mais modesta, posto ainda pouco humilde. Se não for pedir-vos muito, Senhor, enviai-nos os protetores de que necessitamos para nos orientarem, através da metodologia que julgarem a mais conveniente, como a de nos darem recursos de intuição ou nos facultarem o manuseio dos fluidos cósmicos que principiamos a dominar. Desculpas vos peço, finalmente, por este arrazoado pretensioso e vos prometo que, em futuro o mais breve possível, buscarei tornar mais simples esta meditação rogativa. Assim seja!*

Quando terminou, estava solto como todos, tendo Alfredo se reintegrado ao grupo. Este só aguardava a volta do amigo de sua concentração, para resolver o problema de seu desaparecimento:

— Pois bem, devo dizer-lhes que, em momento algum, saí de junto do grupo. O que fiz todos vocês poderão tentar, pois não se trata de milagre nem da intervenção dos protetores. Descubri como é que se diminui o volume do perispírito, em função das dimensões que estabelecemos como as ideais nesta esfera. Basta concentrar-se nos

eflúvios da dispersão energética que cada um irá manter projetada a aparência ou a forma numa tela fluídica tridimensional, enquanto os elementos que nos constituem o corpo espiritual se reduz. É mais ou menos o que aconteceria se os espaços entre os elétrons se reunissem, permanecendo compactados os nêutrons e demais elementos atômicos, dentro da natureza densa da matéria terrena. Como a mente permanece com o domínio de sua natureza, produz a atmosfera interna em transparência. Se eu tivesse maior desenvoltura, ou seja, se fosse um espírito de luz, conseguiria, além de sugerir a vocês apenas um fantasma, formar uma figura esplendorosa, vibrante e difusa, no sentido de lhes comunicar energias de restauração ou ensinamentos de supremo quilate. Peço-lhes que me perdoem a ridícula descrição do fenômeno. Se tivesse a capacidade de Deodoro, com certeza iria desempenhar o papel didático com bem mais proficiência.

Deodoro quis ver na menção às suas qualidades uma provocação sutil ao pedido efetuado em sua prece, bem ainda à promessa. Mas não se deixou estimular pelo pressentimento. Antes, deu trela a que Alfredo prosseguisse aprendendo com a sua experiência pedagógica:

— Meu amigo, bem sei que deveria ajudá-lo telepaticamente, para aperfeiçoar-lhe os dizeres. Fá-lo-ei doravante, se me permitir e se aceitar a minha maneira vetusta de emprego dos recursos do idioma português, por imitação sofrível dos clássicos. Por outro lado, penso ser imprescindível adquirir o conhecimento dos significados mais modernos das antigas palavras, como também o vocabulário mais recente, com o ingresso no vernáculo do superstrato tecnológico fornecido pela língua inglesa. Mas são preocupações periféricas, porque o importante mesmo é cerrarmos fileiras para o aprendizado dos fenômenos físicos e morais decorrentes da natureza no seio da qual imergimos, como fez você de modo tão significativo. Veja que o meu discurso pode até possuir estalos de Vieira, mas nada representa diante das suas informações. Não vamos, pois, perder mais tempo em considerações formais, porque ficaremos tateando no vazio, como quando busquei apanhar o seu pulso, para saber se estava em estado normal. Errei em imaginar que pudesse não se preocupar conosco, que ficamos na expectativa das conclusões de sua exposição, quando nos deu o exemplo material do que nos explanava. Fim. Quem tiver perguntas pertinentes, faça-as, porque eu estou a absorver-me nesta insatisfatória...

Joaquim entendeu que Deodoro pedia socorro:

— Bom amigo, percebo agora a que se referia quando desejava pôr ordem nas conversas. É que, a rigor, todo conhecimento deve sistematizar-se, o que não ocorrerá se nossa mensagem aos mortais estiver fundamentada num apanhado cronológico dos sucessos ou acontecimentos que estão envolvendo o grupo. Penso, todavia, que deveremos efetuar um primeiro registro escrito, porque não poderemos fugir ao dever do relato, uma vez que fomos alertados pelos benévolos guardiães dentro da biblioteca e incentivados pela presença significativa do Codificador, que não se abalaria a nos encontrar se não tivesse a certeza de que iríamos trabalhar mediunicamente em função das experiências etéreas.

— Contudo, acrescentou Roberto, temos débitos a resgatar e jamais seremos agasalhados em nenhuma casa de repouso ou educandário, sem demonstrarmos que estamos, coerentemente, aplicando o saber evangélico em prol dos necessitados de esclarecimentos, pelo menos.

Hermógenes, que se sentia inferiorizado por ter provocado o último drama das mãos presas, interveio:

— Que não me perca pela falta de aviso da consciência. Sei muito bem que vou dizer algo provocativo, mas pretendo anunciar a intenção de orientar o seu pensamento num determinado sentido, qual seja, o de observarem se todos estamos aptos a criar o mesmo efeito visual de Alfredo. Digo isto para alertar para o fato de que tal recurso pode ser útil quando estivermos diante de algum sofredor necessitado de reforço vibrátil, se esses forem os termos exatos, no caso de lhe impormos respeito através de algo que julgará maravilhoso ou mágico, o que para nós será apenas um meio de ilustração das palavras, como o foi para Alfredo. Agradeço a Deodoro a ajuda que me deu, posto não tenha suficiente discernimento para captar-lhe toda a emissão. Mas vou aprender, prometo.

Ato contínuo, Alfredo dirigiu-se a ele e obrigou-o a suspender, temporariamente, a emissão de pensamentos, restringindo-lhe a área de atuação perispirítica ao globo energético que constituiu com a ajuda dos demais, que por ele foram sendo orientados telepaticamente. Quando Hermógenes se concentrou na vontade de realizar feito idêntico de aparência sem textura vibratória passível de contato pelos meios sensórios da organização corpórea dos demais, conseguiu reduzir a área ocupada pelos elementos energéticos de sua constituição física, controlando, sem hesitação, a imagem que projetava na tela providenciada pelos amigos. Ao mesmo tempo, suas reações eram sutilmente informadas aos outros pelos impulsos parassimpáticos das transformações internas, de forma que todos puderam assimilar o método aplicado para a fantasmagoria.

Tendo Hermógenes voltado do ligeiro transe, todos os outros, um a um, foram capazes de proceder da mesma forma, cada qual agindo mais prontamente que o anterior. Haviam adquirido a segunda habilidade espiritual.

Foi Arnaldo quem desejou pôr ordem no roteiro:

— Se vamos dizer que esta é a segunda habilidade, precisamos enfatizar a primeira, ou seja, a deslocação rápida pelo espaço etéreo por meio do pensamento, embora não na dominemos de maneira muito satisfatória. Muito obrigado, querido Professor Deodoro.

— Se cada um for me agradecer toda vez que sugiro a construção sintática ou o léxico mais adequados, faça-o discretamente, por favor.

Naquele instante, surgiu no coração de todos o desejo incoercível de procurarem os três acidentados para a prestação do auxílio anteriormente fenecido.

— Vamos, então, trabalhar um pouco? — Era Everaldo disposto a colocar-se à testa da expedição que se organizava. — Penso que não estejam muito longe, porque a sua aura não emitia nenhum...

Não terminou a frase, porque, imediatamente, se viram junto aos escombros fumegantes do avião, no bojo do qual estavam os três acidentados às voltas com frustradas tentativas de reavivamento de seus corpos materiais.

À vista de tão dolorida condição, os sete estancaram e, instintivamente, disseram um pai-nosso silencioso, rogando por mais força e poder de ajuda aos infelizes e desnordeados executivos. Foi Deodoro quem determinou as primeiras providências:

— Não sabemos como proceder. Vejo que os pobres se mantêm presos ao intuito que nos declararam de voltar à esfera carnal. Contudo, também se recusaram a

acompanhar quem se aprestou à assistência. Como todos sabemos, embora não estejamos recordados pessoalmente, cada indivíduo possui um anjo protetor, em qualquer circunstância, a quem cabe orientar o pupilo nas sendas do Senhor. Não está em ***O Livro dos Espíritos*** a informação preciosa? Eis como Kardec interrogou os representantes de Jesus, com as respectivas respostas: “489. *Existem Espíritos que se ligam a um indivíduo em particular para protegê-lo?* — *Sim, o irmão espiritual; é o que vocês chamam o bom Espírito ou o bom gênio.* 490. *Que se deve entender por anjo guardião?* — *O Espírito protetor de uma categoria elevada.* 491. *Qual é a missão do Espírito protetor?* — *A de um pai em relação a seus filhos: conduzir seu protegido no bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, sustentar sua coragem nas provações da vida.”* Nós não nos enquadrámos em nenhuma dessas categorias, no entanto, desejamos exercer um papel importante para o encaminhamento dos irmãos infelicitados. Gostaria de propor, antes de nos dirigirmos a eles, que o grupo rogasse pela presença, não dos anjos da guarda, que devem ser três, um para cada sofredor, mas para os irmãos espirituais. Será que acorrerão para nos darem sustentação, apoio ou as necessárias diretrizes para que efetueemos o nosso trabalho?

Antes que qualquer da equipe se manifestasse, fizeram-se visíveis cinco irmãos. Feitas as devidas apresentações, constatou-se que três eram parentes das vítimas na derradeira encarnação e outros dois membros designados pelos anjos da guarda para orientação dos trabalhos de elevação dos feridos.

O primeiro a falar foi o tio-avô de Jaime:

— Sabemos que vocês estão iniciando a maravilhosa missão de resgatar da dor quantos sejam capazes de encontrar em sua jornada. Preza-nos que sejam suficientemente prudentes para não repetirem as falhas da assistência anterior. Entretanto, não devem deixar-se abater pelos insucessos, porque, neste campo, todos os esforços serão baldados se encontrarmos irmãos empedernidos no mal ou nos hábitos viciosos que não desejam abandonar. Prevalece o livre-arbítrio de cada um, tanto que a nossa experiência não nos valeu nas dezenas de investidas que realizamos. Acreditamos que vocês possam obter êxito onde malográmos nós, porque talvez possuam recursos de persuasão diferentes.

Deodoro como que sorvia as palavras, buscando os termos em que pediria perdão pelo ousado gesto de assistência sem a competente lição psicológica que somente um bom curso para socorristas lhes proporcionaria. Mas o outro prosseguiu, emendando o discurso na intenção do sacerdote, aliás compartilhada por todos os companheiros:

— É evidente que todos os grupos de ajuda espiritual tiveram, um dia, de iniciar as suas tarefas apostólicas, semeando os grãos segundo a qualidade da espiga de sua própria plantação. Vejo que vocês não apreciam a linguagem figurada, porque lhes parece que o momento não é propício para a poesia ou a literatura, uma vez que estamos diante de seres em sofrimento. Não é verdade que vocês se desviaram de sua rota para volverem a atenção para os irmãos que acreditavam perdidos para a sua recentíssima decisão de bons samaritanos? Pois nem precisam responder. Bem sei que a aflição dos do desastre lhes parece bastante disparatada, tendo em vista que o acidente deve ter transcorrido há muito tempo, tanto que os modelos de suas roupas estão apontando para a década de oitenta.

Joaquim ia esclarecendo:

— Bom amigo, não temos elementos para discernir...

O recém-chegado interrompeu, para explicar:

— Não nos levem a mal. É que estamos acanhados perante o desenvolvimento de suas faculdades mentais e pela extensa cultura religiosa que demonstram a todo momento, quando cotejam os termos de minha exposição com os textos que retêm na memória. Apenas para colocá-los a par da situação dos nossos afiliados é que ousamos referir-nos ao tempo decorrido desde o acidente. Sua inteligência haverá de concluir corretamente a respeito dos melhores conselhos ou das mais adequadas providências para o convencimento dos acidentados, quanto a seguirem os protetores, perdendo a ânsia e a ganância das comodidades terrenas que não conseguiram usufruir integralmente. Penso, falando também em nome dos companheiros, que devemos ocultar-nos, dando-lhes a oportunidade de crescerem pela dedicação ao próprio ministério de amor. Deus esteja com vocês!

— Deus esteja com todos nós! — disseram em coro.

Ato contínuo, os sete se viram de novo sozinhos com a missão a que se haviam proposto. Foi Everaldo quem comandou o diálogo:

— Não sei se devemos proceder ao desafio das pressões psíquicas que afetam aqueles três. Pelo que intuí das expressões dos protetores familiares...

Deodoro complementou, de passagem:

— Dos ancestrais, conforme a crença dos antigos habitantes do Lácio nos seus deuses Lares, para os quais mantinham um pequeno altar, onde efetuavam orações, à maneira dos japoneses...

Everaldo atreveu-se a observar:

— Caro mestre, não vamos divagar, por favor. Perdoe-me.

Mas Deodoro retrucou:

— Enquanto as minhas recordações não me transportam para a encarnação mais próxima da época cujos costumes evoco, creio sempre oportuno lembrar que a consciência dos espíritos-irmãos passada a Kardec não se constituiu em novidade histórica, nem mesmo para o preclaro estudioso do nascente Espiritismo, que, erudito, conhecia muito bem o culto dos protetores familiares, sem ter necessidade da confirmação dos anjos da guarda que lhe passavam as informações mediunicamente.

Everaldo insistiu:

— E aqueles que sofrem aqui mesmo, junto a nós, não merecem a consideração de um atendimento fraterno de quem jurou cumprir as sacratíssimas leis de Deus e da Igreja?

— E quanto à lei do livre-arbítrio? Eis a pergunta de número 501 e sua respectiva resposta de **O Livro dos Espíritos**: Por que a ação dos Espíritos sobre nossa existência é oculta, e por que, quando nos protegem, eles não o fazem de um modo ostensivo? *“Caso vocês contassem com o apoio deles, vocês não agiriam por si mesmos, e seu Espírito não progrediria. Para que ele possa avançar, precisa de experiência e é necessário muitas vezes que a adquira às suas custas; ele precisa exercitar suas forças, sem o que seria como uma criança que a gente não permitisse andar sozinha. A ação dos Espíritos que desejam o bem para vocês é sempre regrada de maneira a lhes deixar seu livre-arbítrio, pois, se vocês não tivessem responsabilidade, não avançariam na via que deve conduzi-los para Deus. O homem, não percebendo que o amparam, se louva em suas próprias forças; seu guia, no entanto, vela por ele e, de tempos em tempos, lhe brada para pressentir o perigo.”* Não lhe

parece que o nosso papel seja o de *velar por eles*, porque *pressentindo o perigo* já se encontram?

Mas Everaldo, que não queria perder a oportunidade de exercer o papel de missionário da luz, apesar de não se achar na condição de protetor, reforçou a solicitação, agora com mais vigor:

— Pois não vou contentar-me enquanto não conversar com eles, de maneira mais inteligente. Não que Vossa Reverência não tenha procedido com discernimento e lisura moral. Acontece que tenho para mim que poderíamos ter feito bem mais. Por exemplo, no que tange à deterioração dos cadáveres, era preciso que forçássemos o desfazimento da representação dos corpos que os mantém dentro da carcassa do avião.

Deodoro, sem demonstrar-se ofendido pela raspança, perguntou, buscando não ser malicioso ou sutil na crítica que se continha em sua palavra:

— Meu bom amigo, vamos considerar os efeitos de um esclarecimento categórico, ou seja, que os três se deparem com a realidade do tempo passado e se vejam inabilitados para a revitalização daquelas criações mentais sobre que se debruçam, definitivamente cientes de que nada poderá efetuar o milagre do ressuscitamento, coisa, aliás, que Kardec não aceitava nem para os relatos bíblicos relativos a Lázaro, à filha de Jairo e ao filho da viúva de Naim.

— Conheço os *Evangelhos*, disse lacônico Everaldo.

Foi a vez de Roberto intervir:

— Mas talvez não conheça a tese de Kardec em *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, capítulo XV, item 39: “*À vista do poder fluídico que possuía Jesus, não existe nada de espantoso que esse fluido vivificante, administrado por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha mesmo conseguido chamar de volta para o corpo o Espírito prestes a deixá-lo, uma vez que o liame perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que acreditavam morto o indivíduo desde que não respirasse mais, existia ressurreição e eles eram capazes de afirmá-lo em muito boa-fé, mas o que existia, na verdade, era cura e não ressurreição, na acepção da palavra.*”

— Pois, então, continuou Deodoro, você deve imaginar como haverá de ser o desespero dos três...

— Eu acho, impacientava-se Everaldo, que irão sair em busca de quem lhes possibilitou o último ingresso no mundo dos mortais, quando nós lhes infiltrarmos a ideia de que só os protetores familiares terão condição de conduzi-los aos que executam tal mister. Gostaria que mais gente contribuísse para a discussão, firmando, com lógica e boa vontade, um princípio coerente com o da salvação das almas, que é para o que decidimos dedicar-nos, com perdão da péssima construção da frase.

Deveria Deodoro retrucar ou concordar, mas avaliava a extensão dos conceitos do jovem (porque aparentava no máximo vinte e cinco anos) e aplicava ao seu próprio livre-arbítrio, como se o outro representasse o papel de *bom espírito* ou de *bom gênio*, conforme lera em Kardec.

*Santo Deus, estou descobrindo uma faceta muito ruim de minha pregação sacerdotal. Não deveria julgar se as atividades de socorro vão ser úteis ou não. Mas precisaria ofertar-me de coração ao trabalho de ajuda, sabendo que, ainda que*

*falhássemos de novo, o incentivo moral demonstraria que estamos sendo sinceros e que gostaríamos de prestar um serviço proveitoso para o crescimento espiritual dos infelizes. Afinal de contas, se eles, agastando-se conosco, nos deixarem estafermos para trás, pelo menos terão dado um passo para a caracterização dos graves problemas que enfrentam, tendo em vista, principalmente, que compreenderão a sua fraqueza perante o destino que lhes açambarcou as expectativas de felicidade material.*

Ao voltar da meditação, deparou-se com o seguinte quadro: os seis estavam concentrados junto aos corpos elaborados pelos pensamentos cristalizados dos sofrendores, enquanto estes se afastavam, lacrimosos, na companhia dos cinco familiares.

Mais espantado ficou, quando Hermógenes lhe agradeceu:

— Muito obrigado, Professor, pela tremenda força que nos deu com a sua prece em apoio ao serviço socorrista. Veja que maravilha...

— Mas eu sequer me dirigi ao Senhor nem a nenhum dos santos. Como é que poderia ter intercedido em favor de quem...

— Como não, se começou a oração por um comovedor *Santo Deus*?!

Foi só então que notou que o ambiente havia ficado iluminado, como se estivesse a paisagem mergulhada na luz do crepúsculo matutino, ainda enevoada por suave cerração. Estavam dentro da mata e os destroços do avião jaziam espalhados ao derredor. Não havia resquício dos corpos, mas o padre pôde reconhecer as pegadas de uma equipe de resgate militar. Examinando mais detidamente as ferragens, verificou que restavam apenas ferros retorcidos em estado avançado de oxidação.

— Vocês sabem onde estamos?

Foi Roberto quem respondeu:

— Transportamo-nos para a face do plano material, caso contrário não surtiriam efeito as demonstrações junto aos irmãos acidentados.



## PEREGRINAÇÃO TERRESTRE

Quinze dias permaneceriam os amigos rondando pela Terra, andando de ceca em meca à procura de respostas para as questões que se colocavam a cada passo às suas mentes ainda enfronhadas no pensamento humano dos encarnados. A cada estímulo que recebiam, surgiam novas provas de que o seu raciocínio avançara na direção das percepções mais abrangentes, englobando ambas as estruturas existenciais, de forma a levá-los cada vez mais perto dos protetores da espiritualidade e cada vez mais longe das reações psíquicas dos mortais. Apesar disso e, talvez, por isso mesmo, tiveram algumas surpresas agradáveis e outras absolutamente frustrantes.

Mas vamos caminhar com eles a partir do momento em que se viram ao lado dos restos do desastre aviatório. A primeira ideia que surgiu para todos foi a de que estavam bem mais à vontade, como se o território denso ainda lhes prescrevesse as atividades intelectuais e morais.

Foi Everaldo quem propôs:

— É de todo conveniente que busquemos reconhecer os amigos que permanecem encarnados, para ver se entramos em contato durante o seu sono, a fim de saber, ou melhor, de adquirir a certeza de como nos estimam ou nos odeiam, segundo a história dos nossos relacionamentos.

Continuaria a falar, se Joaquim, prudentemente, não alertasse para o fato de que, pela sua própria condição de desencarnado mais velho, não haveria mais ninguém que pudesse guardar memória de sua pessoa. Encerrou, dizendo:

— Há quase um século estou do lado de cá. Se alguém de minha família ou de meus círculos estiver encarnado, pouca lembrança haverá de ter de mim. Nesse caso, apenas por meio de hipnose é que surtirá o efeito da recordação, ainda que nos encontremos durante o sono.

Roberto pressentiu alguns tópicos interessantes a esclarecer, devido aos preconceitos acima referidos e opinou:

— Temos em mãos as obras de Kardec. Não seria primordial que as lêssemos, para não incidirmos em falhas conceituais? Acho que as pessoas, quando adormecem, se dispõem favoravelmente ao contato do plano espiritual, dependendo de seu grau evolutivo ou das...

Mas não terminou a frase, interrompido por Deodoro:

— Caro amigo, da minha parte, não me oponho à leitura e muito menos à discussão dos textos. Mas acho que não são prioritários, dado que os experimentos se passam do lado de cá, de forma absolutamente clara. Dúvidas quanto aos sucessos espíritas (e aqui a palavra calha perfeitamente) tínhamos enquanto encarnados. Por este ângulo, levamos nítida vantagem sobre os que permanecem vestidos pela densa matéria do globo terrestre. Dou-lhes tempo para refletirem, se quiserem, mas não abro mão de ir imediatamente ao

encontro das pessoas, para influenciá-las, se possível, segundo os princípios evangélicos. Devo informar que já procedi à leitura de todos os volumes referidos pelo companheiro, agora que me encontro com disponibilidade intelectual superior.

Admirou-se Arnaldo:

— Mas nós não vimos você (pelo menos, eu não vi) efetuar leitura ostensiva. Terá algum método próprio?

— Certamente. Basta me concentrar nas obras para que elas, através de sua formação fluídica, me forneçam o seu conteúdo, desde que me dedique a folhear pelo pensamento cada volume. É tão simples que pensei que todos já conseguissem fazê-lo. A dificuldade maior está em reter na memória de forma compreensível os desenvolvimentos. Eu explico. Quando a gente lia com os olhos que a terra acabou comendo, se não prestássemos atenção, prosseguíamos percorrendo as linhas mesmo assim. Ao tentar recordar os dizeres, não conseguíamos. Se fôssemos hipnotizados, lembrar-nos-íamos bem mais dos pensamentos em que divagávamos, mas não seria impossível reproduzir aquilo que nos feriu a vista graficamente. Não nos interessa mais perder os conteúdos dentro das recordações desconexas do cérebro perispiritual, agora que dominamos a técnica da transposição imediata dos guardados mentais para a consciência. Neste aspecto, acredito que as revelações das vidas e passagens existenciais anteriores estejam a pique de se realizarem, dependendo, creio eu, de se cristalizarem as diretrizes evangélicas em função dos princípios do perdão, do amor e das demais virtudes em falta em nossa organização espiritual. No momento em que formos capazes de compreender o sentido mais profundo da justiça divina, passando pelos dons de misericórdia do Senhor, despertaremos para a nossa real personalidade, sem o perigo de nos emocionarmos a ponto de perdermos a paz que precariamente nos mantém em equilíbrio para a aquisição dos dotes que Jesus destinou aos discípulos fiéis. Vejam que estou preparado para me tornar um bom doutrinador pelas palavras. Num centro espírita que esteja em formação, conseguiria passar por um dos mais eficazes benfeitores do grupo, pela palavra ágil e pelos conceitos de pureza doutrinal que repetiria sem hesitar, a partir das mencionadas leituras. Mas, se estou sugerindo este caminho, dando primazia ao fenômeno mediúnico ao invés das conversas com os amigos para cá transportados durante o sono, também não me empenho em provar minha razão. Um dia ou outro, passaremos por todas as experiências, sem as quais não progrediremos.

Também ele desejava iradiante, mas Hermógenes queria contribuir com suas ideias:

— Acho que deveríamos classificar os tópicos que aspiramos desenvolver segundo critério de crescente dificuldade. Se conversar com os mortais mediunicamente é mais difícil do que entrar em contato direto durante o sono, vamos dar prioridade a este último procedimento. Entendo que não ficaremos restritos apenas às pesquisas nesse setor. Por exemplo, é de todo útil irmos observar como é que se dão os relacionamentos entre nós e os encarnados, antes de praticarmos os atos concernentes às atividades de beneficência. Poderemos, ainda de modo mais acessível, caminhar pelas ruas para avaliarmos os eventos fortuitos entre os espíritos e os encarnados, como ainda só entre os espíritos. Isto nos levaria a conceituar os seres de acordo com a escala espírita, conforme descrita a Kardec pelos orientadores.

Alfredo obstou o prosseguimento da exposição:

— Para isso, talvez seja suficiente ler os livros. Bem sei que não nos levará tal leitura muito longe, mas, ao menos, adquiriremos um verniz de sabedoria.

Foi Roberto quem aparteu, para acrescentar:

— Esquece-se o companheiro Hermógenes de que existem nítidos compartimentos entre as faixas de classificação, de forma que não estamos aptos a reconhecer os irmãos mais evoluídos que nós? Talvez nem sejamos capazes de abordar os menos evoluídos, permanecendo entre duas ou três divisões da escala, segundo as vibrações que nos são próprias.

Deodoro fez um gesto como a apaziguar os ânimos, que absolutamente não estavam sequer abalados. Fez um teatrinho a chamar a atenção dos parceiros para a importância de suas conclusões:

— Não vamos organizar nenhum roteiro. Com certeza, os nossos protetores nos darão o rumo mais propício para a aprendizagem de que necessitamos. Se não fosse assim, não nos teriam deixado presos na biblioteca nem nos teriam feito encontrar os acidentados. O que temos de fazer é sortear uma cidade dentre as escolhidas (atenção ao cacófaton) por cada um, deixando o *acaso* (grifem) decidir por onde principiaremos a peregrinação. Alguém (você, Everaldo) tem medo de encontros desagradáveis?

Provocado, o outro não deixou a peteca cair:

— Vossa Reverência não está totalmente errado (ou deveria dizer *errada*?).

Antes que Deodoro respondesse, Everaldo continuou:

— Claro que é *errado*, pelo que aprendi como concordância ideológica, ou seja, o adjetivo toma o gênero segundo o sexo do indivíduo designado e não conforme a forma da palavra a que se refere no contexto frasal. Sendo assim, aproveitando-me do momento de desleixação e seguindo na onda da jocosidade do caríssimo amigo, devo dizer que, conquanto possa estar você errado, vou concordar com as suas palavras, invertendo o processo gramatical para dar curso à ideologia dos preceitos da fraternidade.

Deodoro não deixou esfriar o entusiasmo:

— Você pode ter desejado provocar-me, tratando-me cerimoniosamente, quando lhes roguei a forma coloquial. No entanto, se me tivesse chamado de professor simplesmente, talvez não lhe sentisse tão pronunciada a ternura de sua afeição por mim. Do mesmo modo, noto, com muita alegria, que você já não se incentiva pelos temores (construção arcaica que qualquer dia discutiremos), tanto que, sem desrespeito, me obriga a acatar a minha própria sugestão como a mais conveniente para o grupo. Ou estarei errado ainda?

Vendo que era contagiante o bom humor demonstrado pelos dois, Joaquim ponderou:

— Vocês sabem por que estão agindo de forma tão descontraída?

Fez-se silêncio de espectadores curiosos.

— Pois é por influência dos fluidos energéticos da natureza terrena. Vocês não estariam melhor se estivessem encarnados, em jovial vilegiatura de desocupados pelos campos, com o farnel abastecido e o regresso assegurado. Vamos caminhar a esmo, que é o mesmo que sortear uma cidade, já que seremos guiados por quem de direito. Enquanto

formos andando, que cada qual medite sobre o nível do contágio material de que se deixam absorver.

Arnaldo arriscou um palpite:

— Se estiver errado, irmão Joaquim, corrija-me. Não fluiu a sua consideração diretamente do fato de haver permanecido mais tempo que nós entregue à erraticidade no plano espiritual?

— É verdade que estou mais acostumado a percorrer as zonas do etéreo. Mas não é essa propriamente a razão de minha advertência. É que este passeio não constitui novidade para mim. As mesmas sensações que vocês estão desfrutando, eu conheci há mais de oitenta anos atrás, quando vim em busca de parentes e amigos que julguei em dificuldades. Se quiserem, enquanto vamos avançando, contarei um pouco dos eventos que então ocorreram. Talvez isso lhes possa trazer algum elemento sobre que meditar.

Tendo constatado que a única rejeição partira de Deodoro, Joaquim explicou:

— Bem sei que podemos deslocar-nos para determinado ponto com a velocidade do pensamento. Se tal acontecer, porém, não terá sido por méritos nossos, senão por ajuda implícita dos benfeitores. Prometo-lhes, caríssimos, que suspenderei o relato, assim que nos encontrarmos diante de desafio que nos obrigue a um desempenho virtuoso.

Satisfeito, Deodoro aplaudiu a sensatez do amigo e pôs-se alerta para os ensinamentos que lhes seriam passados.

Principiou Joaquim, colocando uma premissa narrativa:

— Para que vocês não tenham a impressão da monotonia, vou contar o meu caso como se escrevesse uma novela, ou seja, com diálogos e tudo o mais. Peço-lhes, também, que me interrompam para as considerações que julgarem apropriadas. Pois bem...

Pigarreou e começou, enquanto os pés, sem rastros, iam pisando o solo úmido e a vista perdia a trilha em meio às árvores que se adensavam.

“Um dia, despertei deste lado em extremo sofrimento. Havia vivido sessenta e seis anos em plena felicidade material. No entanto, as vinte e oito mulheres com quem mantive contato íntimo me pesavam sobremodo. Quatro delas se apegaram demasiado a mim, em épocas diferentes, todas a me esperar para se apoderarem do que julgavam direito seu. Como Everaldo, tive muito medo e fugi em alucinada corrida pelas sombras, perseguido por triste gritaria e fortes apelos emocionais.

“Bem depois descobri que elas haviam ficado para trás, lastimando que não as abraçasse e as reunisse numa família feliz, caracterizando, desde logo, o perispírito como o de alguém assexuado, que elas mesmas se consideravam apenas espíritos e não seres desejosos de reingressar no mundo dos vivos.

“Estarei sendo muito misterioso? Penso que não, mas leio interrogações em seus semblantes, porque as minhas experiências incluem contatos com pessoas que me conheceram durante a encarnação, enquanto vocês, segundo me consta, bem poucos se encontraram nas minhas circunstâncias. Lembro-me de que Hermógenes e Deodoro mantiveram certo relacionamento não propício ao contato afetivo próprio dos seres de mesma família, como também sei que Deodoro fez menção a um colega de nome Eufrásio ou Eustáquio. Se Alfredo e Arnaldo não foram colegas... Não foram. Então, as minhas experiências consignam algo diferente, para a sua meditação.”

Deodoro, que se enfadava, não se conteve e interrompeu o narrador:

— Pensava que você iria brindar-nos com uma novela movimentada. Contudo, não dá vazão aos episódios dramáticos e se limita a considerações sem interesse por demasiado óbvias. Se formos redigir a história deste nosso jornadear, em mantendo o seu relato tal e qual, iremos aborrecer os leitores humanos, sem dúvida. Não daria para expor os acontecimentos, deixando as reflexões por conta dos ouvintes?

Joaquim, como se não tivesse ouvido as observações, prosseguiu do ponto em que havia parado:

“Certo dia, depois de exaurir as forças, sedento e faminto, porque naquela época eu me comportava como se revestido das sensações carnavais, caí de borco na lama, sem ânimo para enfrentar as acusações da consciência. Não elaborei nenhum julgamento, mas roguei pela assistência do Senhor, uma vez que me julgava, o que não é nenhuma novidade, jogado no limbo purgatório, crente de que me falhara a aplicação do batismo, acusando o sacerdote que me aplicara o sacramento de inepto. Vejam quão confuso estava!

“Pois bem, permaneci naquela situação vexatória uma eternidade, que o tempo parecia não existir — e não estou expendendo conceitos filosóficos. Quem não tem recordação deste tipo de aflição deve considerar-se feliz, porque, mesmo tendo superado a crise, ainda me estremeço, pois sei que muitos irmãos estão sofrendo esses mesmos horrores. Simples correrias pela escuridão não conseguem provocar as mesmas ânsias de terror. A dor é tanta que nenhum pensamento mais puro consegue desbloquear as barreiras do derrotismo que se erguem como em fortificação inexpugnável.”

Deodoro fez um gesto de desaprovação para a imagem desprovida de conteúdo dramático, mas nada acrescentou, sabendo que Joaquim não lhe daria a satisfação de uma resposta. Foi quando percebeu que o companheiro não estava, positivamente, presente para os eventos atuais. As expressões partiam-lhe de dentro da mente perispirítica, como em sonambulismo.

*Joaquim está reproduzindo pensamentos e imagens imerso nas sensações de outrora, confundindo-se com as emoções menos fortes do momento, impregnado de sentimentos de piedade e de comiseração por quantos indivíduos conheceu que poderiam estar sofrendo as mesmas dores. Se não me engano, estende a sua compaixão para todos os seres, em comunhão fraterna de larga envergadura moral. Vive em experiência de profunda significação ética, a qual nos traduz absolutamente despreocupado com as repercussões estéticas que a nossa preparação intelectual pudesse exigir. No dia em que alcançar o mesmo efeito, poderei recordar-me destas reflexões, para enfatizar as noções agora mal percebidas, exibindo à plateia um nível de aperfeiçoamento espiritual mais sutil, no encaminhamento das concepções definitivas dentro da abrangência das leis cósmicas, que devemos compreender e respeitar. De qualquer forma, se, um dia, ao contrário do que sugeri anteriormente, estivermos descrevendo este trecho das aventuras, vou esforçar-me por reproduzir estas intuições, refletindo os ganhos espirituais que a simples observação dos processos mentais do companheiro me desvendam.*

Quando voltou a prestar atenção aos dizeres do amigo, este ia adiantado na narrativa:

“Dirigi-me a um centro espírita, levado por um protetor, para ouvir a pregação doutrinária espírita do encarnado que conduzia a reunião. Ao meu lado, várias entidades sofredoras, cada qual sob a orientação de um guia. Durante os trabalhos, houve a

necessidade de serem contidos alguns menos solidários com os instrutores. Foi aí que verifiquei que o meu estado não era tão lastimável quanto me fizeram crer as divagações acusatórias. Ao menos, conseguia ouvir a voz da consciência. Os outros pretendiam submeter a verdadeira personalidade através do influxo energético extraído do cosmos pelos mecanismos da prepotência e da maldade. Evidentemente, estavam contidos naquele ambiente pelo poderio superior dos vigilantes especialmente treinados para a manutenção da paz e da ordem. Faço referência a tais seres infelizes, porque é muito provável que topemos com alguns em nossa andança, por aqui soltos e em pleno exercício de suas artimanhas, de suas...”

Desta vez, foi Everaldo quem exerceu o direito de interrupção:

— Não seria de todo conveniente que nos preparemos para esses encontros? Bem sei que Alfredo e Arnaldo exercerão suas funções de milicianos. Mas terão como afastar ou prender os que nos atacarem, furiosos, uma vez que inimigos gratuitos existem em todos os planos existenciais de categoria inferior?

Joaquim suspendeu o relato de forma automática, não dando mostras de que se vinculara à realidade circunjacente.

Foi Arnaldo quem respondeu aos temores do parceiro:

— Não se assuste, querido. Aliás, o seu medo é que poderá atrair quem esteja ávido por desferrar as frustrações e os castigos sobre qualquer que se ofereça desprovido de virtudes. Pelo sistema de analogia de ondas, segundo as frequências de cada grupo de espíritos irmãos, como você está integrado neste conjunto, é sinal que vamos ser respeitados pelos sofreadores, ainda que emitamos tremores devido às acusações conscienciais a que cada um de nós está exposto. Dê um voto de confiança ao grupo de benfeitores que vela por nós, segundo o texto de Kardec reproduzido por Deodoro, respondendo exatamente a uma proposição sua.

Enquanto Arnaldo desenvolvia as suas ponderações, os outros quatro enviaram ao estremecido companheiro uma série de vibrações, na intenção de ampará-lo e fortalecê-lo.

Joaquim deu seguimento ao relato:

“Aos mais indóceis, os instrutores da casa espírita propiciaram um banho energético extraído do éter por concentração vibratória, cujo sistema de produção não tinha eu elementos para entender, acalmando-os e dando-lhes condições de serem atendidos em suas necessidades pelas forças materiais dos médiuns em passividade para incorporação ou imantados para sustentação fluídica, o que me ficava claro pelos cordões de diferentes cores que se estendiam de uns para outros. Testemunho-lhes os fatos como me pareceram naquela hora. Posteriormente, tive oportunidades mais felizes de conhecer as mesas evangélicas e os misteres dos diferentes operadores dos elementos fluídicos. O que não aceitava, porque não compreendia, era explicado por meu instrutor, aquele que para lá me conduziu quase à revelia, temeroso que estava de me deixar influenciar pelas tentações e engodos dos irmãos espíritas, o que me poderia fazer perder o Paraíso.

“Não preciso dizer que, assim que me vi livre do círculo de proteção, voltei a percorrer os tristes caminhos do Umbral, um pouco menos insatisfeito quanto às decepções do sacerdócio arraigado em meu coração, fazendo desenvolver os germes que me foram depositados na mente pela dedicação ao trabalho de assistência aos desgraçados dos irmãos, encarnados ou não, que se reuniam para um ato de solidariedade, sem

nenhum interesse pessoal aparente. Foi esta última palavrinha que me aporrinhou o cérebro nos anos seguintes, porque não entendia o fato de alguém executar um serviço para os outros, sem buscar nenhum proveito próprio.”

Calou-se o orador, a ver se os companheiros se incentivavam a alguns comentários pertinentes. Mas teve de se manter em silêncio, enquanto avançavam mata adentro, sem que ninguém prestasse atenção nem ao canto das aves, nem ao bulício dos insetos, nem ao aroma das flores, nem à exuberância das árvores, nem às alterações da paisagem.

Mas se recompuseram depois que Joaquim lhes indicou que estavam próximos de uma localidade de aspecto bastante primitivo, uma como aldeia parada no século dezoito.

Após se refrescarem numa fonte que brotava de altas pedras, descaindo em fluxo contínuo de espumas esbranquiçadas, deram-se as mãos e solicitaram a proteção dos seres da floresta, intuindo que por ali havia quem cuidasse da flora e da fauna. Era uma forma de agradecerem ao Pai a benéfica caminhada.

Mas ninguém lhes apareceu, nem gnomo ou duende, nem espíritos elementais, nem fadas ou bruxas, nem Joãozinho ou Maria. Apenas um pássaro cantava, palrador, no alto da copa de uma árvore que ninguém soube reconhecer.

Aí surgiu a dúvida na mente de Deodoro:

— Queridos amigos, confundem-se as paisagens ou estamos apenas tendo a impressão de estarmos sobre o solo do planeta? Vejam como estamos molhados e como o Sol se reflete no córrego. Mas tais fenômenos aconteceriam se apenas nos manifestássemos em estágio espiritual puro? Qual a razão pertinente ao Universo tangível dos mortais em função da realidade dos espíritos? Intercalam-se as naturezas segundo as essências de realização corpórea? Qual o objetivo de o Sol aparecer para nós, se não nos fornece os ingredientes energéticos de que necessitamos nesta espécie de contraponto, em fundo musical de segunda classe?

Joaquim, imerso ainda em nebulosa bruma de melancolia nostálgica, não atinou com as exclamações do amigo e referendou as observações anteriores:

— Estamos bem próximos de uma comunidade à moda antiga, formada por espíritos atrasados, mas, em todo o caso, benevolentes e caridosos. A bem considerar a nossa postura mental e moral, posso dizer, através da dupla vista, que estão mais adiantados nos sentimentos da amizade e lutam contra sua grosseira textura intelectual, porque rejeitam a necessidade do conhecimento das propriedades dos elementos que compõem a substância dos seus perispíritos, tanto quanto hão acatado a fórmula bíblica da criação do Universo por intervenção metódica e sistemática de Deus.

Os outros cinco estavam sem saber o que pensar, diante da falta de coerência de ambas as manifestações. Parecia-lhes que os dois estavam sendo dominados por alguma força estranha, a desvirtuar os dizeres, sem endireitar os pensamentos. Era, segundo o seu ponto de vista, como se passassem por uma região magnetizada, de sorte que os polos de imantação se adulterassem, forçando os ponteiros de suas bússolas a rodopiarem a esmo presos ao eixo, cada qual com sentido e hesitação próprios.

Everaldo aventou a hipótese da descoberta, afinal, das vidas anteriores, de modo a perturbar a manifestação das vontades. Hermógenes acreditava no desvio produzido pelo estresse dos últimos tempos, porque ambos vinham mantendo-se tensos, na prevenção das falhas conceituais, com medo de acrescentarem erros ao acervo de falhas. Arnaldo

justificava as atitudes, ao contrário, por meio de simples relaxamento provocado pelos prazeres epidérmicos que se descobriam ativos no campo da espiritualidade, conforme o ar e a água que, agora despoluídos, diferentemente da atmosfera carregada do Umbral, lhes propiciava incontida satisfação. Alfredo simplesmente se recusou a opinar, preferindo aguardar a volta de ambos ao bom senso de sempre. Roberto, mais positivo, viu, nas falas dos dois, um conteúdo mais profundo que não se definiu através dos vocábulos e das frases, como se expressos em idioma desconhecido. Todos, no entanto, concordaram em que deveriam orar para alcançar a graça da devolução do equilíbrio mental, de forma que pudessem reintegrar os companheiros ao grupo, sem o temor de ofendê-los pela estranheza de suas impressões.

Sentaram-se todos numas pedras esparsas na clareira ao pé do regato e cada qual imergiu em suas sombras de pecados.

*Afinal, pensaram em conjunto, como que movidos por um mecanismo de união cerebral, todos temos de resgatar as dívidas contraídas, se quisermos purificar o procedimento, tendo em vista o desejo de ajudar os que sofrem.*

E mais nada disseram até que o Sol se pôs por detrás do horizonte. Mas a noite estava estrelada e clara, que a Lua se punha cheia, despida de nuvens, sem as grinaldas da névoa.

Pela primeira vez, após tantos dias de vigília, os sete adormeceram, esquecidos das discussões e das preocupações com a descoberta dos eventos que o destino lhes reservava. Quando acordaram, era dia alto. Súbito, como se um vento misterioso os impulsionasse, deslocaram-se conscientes por sobre a floresta, por sobre o rio, por sobre a aldeia, que ficou para trás em sua contextura de simulacro terreno, até que aterrissaram suavemente bem no centro de imensa cidade, verdadeira megalópole, que não reconheceram.

Deodoro, refeito das imperfeições mentais que demonstrara, foi quem tentou decifrar o enigma:

— Parece que estamos em fase de transição para outra maneira de ver o mundo. A minha derradeira manifestação filosófica se eivou de preconceitos íntimos concernentes à antiga postura metafísica, segundo a encarnação em que recebi o nome de Antenor. Se me perguntarem se me foi revelada a minha identidade anterior, devo dizer-lhes, por força da obrigação de amizade, que estou ciente de tudo quanto fiz de bom e de ruim, quais os defeitos que mantive, quais os que sanei, quais as qualidades que desenvolvi, quais os méritos que acrescentei e em quais aspectos evoluí. Mas se trata tão só de uma visão histórica, porque o importante é a pessoa que me tornei e que estou disposto a melhorar, a partir dos conceitos que reconheci como verdadeiros e que, em suma, se encontram resumidos no dístico supremo do evangelho, qual seja, o do *amai-vos uns aos outros e a Deus sobre todas as coisas*, nesta ordem invertida, porque, se não me encontrar bem perante os semelhantes, não estarei bem diante de mim mesmo e, menos ainda, perante o Criador. E para ver o mundo com este novo olhar cuja penetração somente agora começo a perceber, devo abraçá-lo sem medo de rejeição, apesar de saber à exaustão que o mal existe nas almas como suprema realização do egoísmo. Tudo isto deve soar um pouco falso aos seus ouvidos, porque o que digo não se constitui em nada diferente do que vocês têm ouvido de quantos pregam a verdade, segundo a palavra e os ensinamentos de Jesus. A diferença



reside na intenção de convencê-los ao estudo de sua personalidade como resultante de contínua convivência com o discurso ininterrupto da voz de Deus impressa em nosso ser, à qual damos o nome de consciência, por falta de outro mais condigno, em função da premissa da criação. Se vocês olharem ao derredor com a vista alargada pela compreensão espírita, terão desenvolvida a faculdade de distinguir o que é meramente material daquilo que se constrói através do fluido cósmico inerente ao mundo da espiritualidade. Terão, desse modo, como reconhecer o padrão terreno das construções pela textura menos densa de sua dimensão, em contraposição à materialidade mais concreta da região em que habitamos. Admiram-se que esteja colocando as coisas pelo avesso da experiência de vida na Terra? Pois é isso mesmo: não nos obsta a passagem nenhum muro erigido pelos encarnados, porque deslizamos por entre as moléculas sem dificuldade. Contudo, estivemos presos pelas paredes da biblioteca e topamos com a dureza das rochas sobre que estivemos sentados ontem. Eis que a paisagem urbana assim desvendada nos dá a certeza de estarmos na cidade de São Paulo. O que lhes pergunto é se não terei sido extremamente ingênuo e superficial em minha análise, porque suspeito de que todos vocês estejam perfeitamente a par de tudo quanto expus.

Joaquim foi quem complementou as intuições do companheiro, enfatizando o aspecto da admiração que notou em sua manifestação:

— Preciso esclarecer, agora que estamos localizados num campo intermediário entre o Umbral e o Orbe, que não teríamos tido qualquer estremecimento psíquico no que respeita às concepções religiosas ligadas aos fenômenos existenciais, se nos tivéssemos dedicado às considerações legitimamente desenvolvidas por todos os espiritualistas que admitiam a reencarnação como tópico fundamental para a execução da justiça divina. Só esse pequeno aparato doutrinário teria sido suficiente para que estruturássemos a mentalidade de maneira mais adequada para a viagem que a morte nos proporcionou. Aquela aldeia sobre a qual passamos e que descrevi como sendo o retrato mais fiel de um povo crente mas sem conhecimento científico é o exemplo cabal da configuração precária que nós mesmos fazíamos do etéreo, enquanto obra acabada do Senhor, quando deveríamos ter suspeitado, pela nossa formação eclesíástica ainda mais profunda do que a religiosidade das almas laicas, que o Paraíso não é um local, uma região, um país, um continente ou um universo, mas algo cuja existência nos escapa da percepção sensória, porque nos baseamos nas dimensões que o hábito de medir, seja o espaço, seja o tempo, nos forçou a admitir como primordial. Ainda que Kardec não tenha sido perfeito em suas elucidações doutrinárias e filosóficas, alertou os discípulos e seguidores de forma muito mais precisa, norteando-lhes os pensamentos para as conclusões mais justas a respeito do que iriam encontrar assim que desencarnassem. Perdoem-me a longa dissertação. É que fui contagiado pelo entusiasmo de Deodoro, especialmente porque me recordei, com um fiozinho de saudade, dos primeiros contatos com a população encarnada, naquele tempo em que para cá fui transportado pelo meu orientador. Mas devo advertir para uma distinção fundamental, qual seja, a de que eu me encontrava muito menos apto a compreender o que aqui se desenrola do que o amigo Deodoro, que não encontrará nenhuma dificuldade em se adaptar a este sistema duplo de avaliar os eventos como resultantes do entrosamento entre os planos. Vou parar por aqui, porque acho que muito melhor do que lhes possa descrever falará a sua perspicácia na observação da realidade.

Enquanto fazia a sua explanação o colega Joaquim, o grupo foi estabelecendo um padrão vibratório de superior quilate, tanto que, ao se encerrar a peroração, todos estavam abraçados, chorando e agradecendo aos anjos da guarda as lições de que se viam servidos.

Foi então que notaram que em suas organizações perispirituais brilhava uma luzinha capaz de iluminar ao derredor, num raio de uns cinco centímetros, uns mais, outros menos.

Se não tivessem sido despertados por um acontecimento terreno na Praça da Sé, às portas da catedral, talvez tivessem ficado absortos em sua felicidade por mais tempo.

Um grupo de jovens irrompeu da Rua Direita, em grande algazarra, atacando as bolsas das senhoras e os bolsos dos homens. Muitos não respeitavam sequer os melhor constituídos quanto à força e à saúde, roubando-lhes as malas, aos gritos de:

— Avança! Avança!

— Arrastão! Arrastão!

E muitos impropérios.

Mas o vendaval passou rápido, não sem alguns fedelhos levarem tapas nas orelhas. Mas desapareceram em diferentes direções, dissolvendo o grupo e escapando à perseguição dos populares. Dois ou três policiais de plantão chegaram a pôr as mãos nos coldres, mas, à vista de não sofrerem ameaças pessoais, descansaram.

Seguiu-se ligeira altercação entre as pessoas que tiveram correntes, pulseiras e relógios surrupiados e desocupados plantados na praça, como se postados ali estivessem para atralhar a captura dos pequenos marginais.

Das vítimas, apenas uma questionou os soldados, exigindo que registrassem o assalto (porque se viu intimidado por uma arma branca), deslocando-se o pequeno grupo para a Delegacia mais próxima. Contudo, não foi possível convencer ninguém a testemunhar a favor do queixoso.

Para o magote chefiado por Deodoro, a experiência foi inédita. Jamais nenhum sequer havia imaginado que o crime se organizava tão cedo. A novidade provocou diversos choques no âmbito dos conceitos a respeito dos seres humanos, da criação e da educação da juventude.

Dizia Deodoro:

— A carne oferece ocasiões para o crime. Enquanto nós ficamos a divagar em teorias de benemerência superior, as pobres criaturas aí estão a proclamar que precisam de auxílio. Enquanto nós pretendemos ingressar no Paraíso, outros nem sabem que deveriam rogar por sair do Inferno. Que fazer?

A pergunta caiu no vácuo da ignorância estupefacta dos demais. Everaldo desejava oferecer uma ideia salvadora, mas nada lhe ocorria. Em todo caso, para não desperdiçar a oportunidade, sugeriu, timidamente:

— Vamos seguir um ou dois dos moleques...

Deodoro esclareceu:

— Nós chamamos os meninos de rua ou vadios de moleques, mas não haverá incrustado na palavra um sentimento de preconceito, de menosprezo pela criatura em débito para com o evangelho? Na verdade, *moleque* é um termo depreciativo da época da escravidão, com o seu significado de *negrinho*...

Mas Everaldo não queria tergiversar:

— Perdão, Professor, não é hora para demonstração de cultura. Sei de sua intenção de levantar um problema infiltrado em nossa estrutura psicossocial, mas como eliminá-lo sem equacionar os elementos que o compõem, para definir-se-lhe a solução?

— Estou de acordo, acedeu Deodoro. Vamos avaliar a personalidade de um dos garotos. Enquanto caminhamos, vão permitir-me dizer-lhes que mantive, na qualidade de sacerdote, inúmeros contatos com criminosos condenados, tendo frequentado diversas penitenciárias para levar a palavra de Deus. E não só isso. Ouvi em confissão muitos que se arrependeram, como ainda tive a desdita de não converter a maioria, sendo que muitos encontrei reincidentes, cumprindo novas penas. Também encomendei os corpos de vários assassinados dentro da prisão. Não sei se o destino destas crianças haverá de ser semelhante, mas, se não estão roubando para levar pão para casa, então, haverá de ser para os seus vícios.

Não foi difícil localizar dois irmãos, um de oito, outro de dez anos de idade, aproximadamente, escondidos num desvão de velho sobrado, pardieiro de serventia para famílias de miseráveis párias sociais, mulheres com crianças sujas no colo, homens inchados e maltrapilhos, cheios de álcool.

Joaquim apontou para a região etérea e solicitou que os companheiros aguçassem a vista para observarem os espíritos da obsessão:

— Não há dúvida quanto aos intentos dos ladrõezinhos, pela análise dos que os influenciam deste lado. Vejam que são dependentes dos vícios terrenos e se dispõem a sugar, a vampirizar os infelizes, assim que adquirirem os tóxicos com que se entorpecem.

Arnaldo queria saber se poderiam interferir no ato subsequente, uma vez que ficaram pasmos durante a varredura da praça. Joaquim respondeu:

— Podemos orar, tão somente. Se estivéssemos melhor equipados de guardiães, poderíamos descer ao nível da vibração deles para levar alguns obsessores para doutrinação em grupos mediúnicos dos centros espíritas.

Foi a vez de Alfredo observar:

— Não vi nenhuma reação do plano espiritual contra a atividade criminosa. Será que não existem organizações espirituais com a finalidade do amparo a estes indivíduos?

Joaquim limitou-se a sorrir, apontando para a catedral.

Hermógenes não entendeu o gesto nem a enigmática explicação:

— Que ocorre ali, para efeito da assistência que não notamos?

Deodoro, mais arguto, tentou adivinhar o que se passava:

— Certamente, o interior do templo está protegido como o mosteiro do Umbral. Ali devem reunir-se os protetores escorraçados pelo enxame dos espíritos ruins de posse dos pirralhos mequetrefes, à espera da oportunidade de se aproximarem dos validos, recolhidos em oração para receberem auxílio de mais alto, a fim de se aventurarem à benemérita atividade do aconselhamento íntimo dos encarnados. Quanto aos que têm a si o encargo de assistência aos obsessores, devem estar providenciando, longe daqui, o roteiro de aproximação mais eficaz a cada um deles, se alcançarem surpreender alguém isolado, uma vez que o grupo, como podemos notar, se fecha fortemente em torno da vontade coletiva, fazendo que cada qual pense em si mesmo como membro integrante da súa, à qual não ousará apostatar pelas represálias que teme, por conhecer e, com certeza, por aplicar os corretivos aos eventuais dissidentes. Segundo pude deduzir das palavras de

Joaquim, se não nos juntarmos a núcleo de trabalhadores da espiritualidade com vínculo em alguma casa espírita, não estaremos aptos a intervir nas ações dos humanos desejosos de usufruir os prazeres que conhecem, quais sejam, os dos narcóticos e demais estupefacientes. Esta zona, amigos, não vai aceitar a nossa boa vontade. Sugiro, pois, que oremos em conjunto com os que se reúnem na casa de Deus.

De imediato, todos se dirigiram ao interior da catedral. Ali, no plano material, se encontravam várias pessoas, algumas rezando, outras descansando, outras simplesmente emitindo nítidos sinais de vileza, tendo recentemente participado de algum conluio criminoso. Os espíritos, como conjecturara Deodoro, se concentravam em orações, cada qual emitindo fachos de tênue luminosidade, que se perdiam através das paredes de pedra.

Roberto fez questão de observar:

— Estranho que não tenhamos notado essa luz lá fora. Talvez nós mesmos não estejamos capacitados a ver os reflexos da bondade, senão neste ambiente de maior equilíbrio, apesar de sentirmos fortemente as emanções dos indivíduos sem escrúpulos que conseguem varar as muralhas de proteção espiritual, com certeza pela grosseira composição de seus perispíritos, para menosprezarem tão explicitamente o ambiente que deveriam respeitar na qualidade de seres criados e formados dentro da cultura cristã.

Percebendo que as invectivas do amigo poderiam provocar discussões estéreis e repetitivas, sem incidirem na tarefa primordial da aprendizagem de como atuar junto ao exercício do livre-arbítrio dos que se prendem aos setores menos perfeitos da evolução, Joaquim dissuadiu os que pretendiam levar avante o tema levantado:

— Mais tarde, teremos oportunidade de visitar uma casa de atendimento espiritual segundo os preceitos emanados da doutrina de Kardec. Esforcemo-nos, agora, por entender o que acontece em nosso plano e se existem recursos humanos ou espíritas para o auxílio daqueles seres assediados, dos que assediam e dos que vêm em busca da intervenção dos santos e que estão a orar, sem que nós mesmos tivéssemos prestado atenção a eles, interessando-nos muito mais pelos que vibram em acentuada desarmonia.

Deodoro compreendeu aonde queria chegar o colega:

— Vejo que Joaquim está incentivando-nos a crítica ao sacerdócio católico. Realmente, além de dois padres respondendo pelos seus confessionários, não há mais nenhum representante da Santa Madre Igreja com a clara percepção de que poderiam oferecer seus fluidos para complementarem o serviço de auxílio fraterno dos protetores.

Joaquim fez questão de apartear:

— Meu querido, cuidado com as conclusões. Se nós tivéssemos ido, a esta mesma hora, a qualquer centro espírita, também não iríamos achar muitos trabalhadores encarnados em ação. Pense nisso, antes de fazer acusações.

— Estava recordando-me de minhas atividades, pelo exemplo colhido neste recinto grandioso, que agasalha tão pouca gente. Sei que, para os ofícios religiosos de hoje à noite acorrerá uma multidão, sob a direção espiritual dos colegas, como deve ter acontecido nas missas da manhã. Não vou prender-me ao momento, mas devo dizer que o cotejo não pode ser evitado, uma vez que foi nesta hora que aconteceram os fatos que presenciamos lá fora. Para os obsessores, existe uma liberdade excessiva, tanto que são crianças os seres

pressionados. Aposto que, se voltarmos aos dois irmãos, já estarão cheirando cola ou fumando maconha.

Joaquim acrescentou:

— Ou inalando a fumaça do *craque*, a droga maldita.

Foi preciso que explicasse aos demais a fórmula do vício do momento. E obtemperou:

— É devastador para o organismo e para a mente o efeito desse produto. Raramente alguém se vê livre das sequelas. Mas, se ficarmos a comentar as obras da maldade, jamais iremos ter um momento de paz. Se não enfatizarmos o que existe de bom na alma, a gerar prazer além das condições sensoriais, porque a alegria maior reside na compreensão da obra do Divino Autor, iremos impregnar-nos das ânsias dos pequeninos, mantendo-nos perpetuamente junto aos que perpassam, em intérmina fileira, pelas regiões do sofrimento. Se conseguirmos evoluir, gerando em nosso sistema de programação cármica um currículo de atendimento mais geral, talvez cheguemos a energizar o ânimo dos protetores individuais, como fazia Deodoro quando formava sacerdotes no seminário. Reproduzo-lhe a pergunta: “*Que fazer?*”

Sem prévia consulta, todos se ajoelharam perante a imagem de São Paulo, ao pé do altar, e recitaram um terço inteiro puxado pelo Monsenhor. Ao final, vindo de mais alto, desceu sobre os sete e sobre outros companheiros que se reuniram nas mesmas orações, uma chuva de pétalas coloridas e luminosas.

O fenômeno intrigou Deodoro:

— Que bênçãos de muito amor se projetam no espaço, como se os nossos guardiães celestiais nos dessem o seu mais irrestrito apoio, sem, contudo, nos virem buscar para alçar-nos aos pés do Senhor?

Ninguém ousou pronunciar-se, temendo que o amigo não tivesse dito tudo.

Deodoro continuou:

— *Pai, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome.* Esclarecei as nossas dúvidas, uma vez que sabemos que os vossos mensageiros não têm autoridade para nos revelarem tudo. Por exemplo, como é que se faz essa mágica demonstração de poder de dominação da matéria, sem nos dar a impressão do milagre? Como estamos genuflexos aos pés da imagem do santo, não correríamos o risco de imaginar que a escultura de mármore concentrasse energias, para serem liberadas sobre os irmãos devotados ao exercício do bem? Se não for atrevimento meu, poderei examinar a estrutura material da representação do santo para afirmar sem medo que nela nada existe além da massa relativa à sua composição, segundo os preceitos naturais da terra? Bem sei que Kardec não admitia que elementos da espiritualidade se fixassem em objetos simplesmente materiais, como os amuletos e demais apetrechos do fetiche dos cultos primitivos, embora, em seu ***O Livro dos Espíritos***, comentasse a resposta dos orientadores da espiritualidade à questão de número setenta<sup>1</sup>, através da retenção elétrica nas pilhas: *Nós temos uma imagem mais exata da vida e da morte em um aparelho elétrico. Esse aparelho guarda consigo a eletricidade, como todos os corpos da natureza em estado latente. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial: então seria*

---

<sup>1</sup> Em que se transformam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos quando de sua morte? — “A matéria inerte se decompõe e se reintegra de novo; o princípio vital retorna à massa.”

*possível dizer que o aparelho está vivo. Vindo a findar a causa da atividade, o fenômeno cessa: o aparelho retorna ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, espécies de pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida: a cessação dessa atividade produz a morte.* No entanto, a ciência viria a positivar, pela imantação dos minérios, que a natureza material do universo dos encarnados retém irradiações desconhecidas para a época do nobre codificador, como no caso dos efeitos advindos dos materiais produzidos pela dissociação atômica dos elementos. Não se poderia aventar a hipótese de se fixarem também recursos não prejudiciais, mas, ao contrário, favoráveis para a cura das moléstias, como no caso dos aparelhos de raios X? O fluido vital que fixa o perispírito ao corpo não poderia fixar outros tipos de energia, benéficas ou maléficas?

Falava depressa mas audivelmente para todo o grupo. Os que se haviam aproximado, persignavam-se e buscavam beijar as fimbrias da batina do sacerdote, tendo-o na conta de santo.

Em gesto instintivo, Deodoro estendeu a mão a dar o anel para que beijassem e abençoava o povo em latim.

De repente, despertou para a realidade e envergonhou-se ao perceber o que vinha fazendo. Mas não perdeu o sangue-frio, recomendando aos fiéis:

— Meus filhos, não vejam em mim ninguém superior. A chuva de bênçãos não fui eu quem produziu, mas foi a nossa união ao Pai, em prece rogativa pelos sofredores, com total contrição. O que posso recomendar-lhes, neste instante, é que voltem a pensar seriamente em seus pupilos encarnados, esforçando-se por compreender-lhes as necessidades, tendo em vista os débitos que todos temos perante a divina justiça. Se vocês estão preocupando-se pelo fato de serem eles infantes e adolescentes, não se esqueçam de que suas almas têm a mesma idade da nossa e, se não progrediram o quanto fizemos nós, com certeza não terá sido por falta de oportunidades. A vida humana, ou melhor, a existência espiritual é cheia de surpreendentes eventos, nunca, porém, nada que nos ocorre deve atribuir-se à benevolência ou à maldade alheia. Claro está que alguns de vocês estão a transferir a mim as boas obras do esplêndido padroeiro da cidade, mas não se esqueçam da estrada de Damasco, da cegueira, do perdão do Cristo e das vítimas das perseguições, que facultaram as reflexões de Saulo, em hebreu, *desejado*. Mas para se transformar num ser a que deu o nome de *pequeno*, que é o que significa Paulo, em latim, teve de sofrer a desdita do remorso e a bênção dolorida do arrependimento, sem os quais não trabalharia em prol da cristianização do mundo gentio.

A atmosfera da catedral punha na mente de Deodoro as reminiscências mais ou menos inconscientes das pregações do púlpito. Alegrava-se com a disposição intelectual, segundo o novo roteiro espírita que ia assimilando. Notou que as reflexões a respeito da condensação energética na matéria tendiam para a análise científica dos fenômenos e se sentiu muito restrito em seus conhecimentos. Passou-lhe pela mente, de relance, a ideia de volver ao mundo, em próxima encarnação, na figura de cientista, mas temeu, desde o fundo da alma, retomar o materialismo terrível do vetusto Antenor dos séculos XVIII e XIX. Sabia que voltara ao plano material com a programação estabelecida no campo da religiosidade, conforme propusera aos benfeitores, episódio que se retratava na lembrança e que repassava aos amigos, através dos pensamentos isentos de emoções.

Joaquim, contudo, foi capaz de traduzir também as inflexões afetivas, testemunhando os receios e dúvidas íntimas que assaltaram o coração do amigo. No entanto, reservou a descoberta para revelar em momento oportuno, quando os temas possibilitassem o desenvolvimento do assunto.

Foi Roberto quem interrompeu as meditações de Deodoro e de Joaquim, solicitando permissão para falar:

— Gostaria de discutir um pouco mais o fator da religiosidade que se impregna nas imagens de santos e nas figuras dos anjos. Inicialmente, devo referir-me ao fato de os espíritas cultuarem o retrato de Kardec, em quase todas as suas casas de assistência espiritual e material. Foi Kardec mesmo quem nos ofertou a coleção da *Revista Espírita*, onde se encontra a informação de que pusera à venda ele mesmo a sua fotografia, a tanto por unidade, aceitando encomendas, etc. Estaria arrependido de ter possibilitado o culto de sua pessoa? Não me lembra que Jesus tenha posado para nenhum quadro, no entanto, a sua configuração física foi imaginada por inúmeras pessoas, inclusive pelos padres que defendem a origem miraculosa do Santo Sudário através da lenda da Verônica. Se recordarmos o mundo pagão, teremos a justa dimensão do comércio dos objetos sagrados, comércio que mereceu de Jesus a represália do vergastar dos vendilhões do templo. De resto, é no Judaísmo que se encontra a objeção, em nome do Senhor, dos deuses feitos de ouro, prata ou barro, herança guardada pelos primitivos cristãos, que, aos poucos, foi sendo abandonada, para, enfim, redundar nas Reformas de Lutero e de Calvino, com a proibição, entre outras coisas, das imagens nas igrejas protestantes. Todavia, nos centros espíritas, não é raro ver-se Jesus retratado, curando, abençoando e até mesmo expondo o coração, em locais que guardam fortemente a lembrança católica. Vejam que estou tentando localizar o assunto sem tomar partido a favor ou contra. Sabem por quê? Claro que sabem! Mas vou dizer assim mesmo, pois a nossa plateia hoje está bem maior. Porque acho que as pessoas necessitam apoiar-se em algo material para inserir na mente a convicção do imaterial, da mesma forma que se sentem almas jungidas ou presas em corpos que perecem, se o divino sopro, em se esvaindo, produzir a morte física. O argumento clássico da recordação dos entes queridos através dos retratos continua sendo o mais fiel para a prescrição da saudade e do respectivo sentimento de afeição, de amor, de companheirismo, de fraternidade, de solidariedade, de respeito e de reconhecimento pelo valor dos outros. Kardec, pela severidade de seu olhar, é fonte inesgotável de sugestões de estudo e de aperfeiçoamento doutrinário. O homem, um dia, talvez, não vá precisar mais desse estímulo meramente orgânico para a contextura de sua personalidade terrena. Por enquanto, porém, muitos se estimulam ao trabalho pela perene recordação que uma fotografia pendurada na parede proporciona. Se não estiver pensando corretamente, queiram dissuadir-me de minhas razões, por favor.

Joaquim acrescentou:

— Tal é o efeito dos textos que se inscrevem como lembretes, ainda que nas casas ditas evangélicas. Se as imagens estão ausentes, que são as palavras senão o retrato dos pensamentos? Sendo assim, *Jesus Cristo é o Senhor* deve entender-se exatamente da mesma forma que *Estudar Kardec para viver Jesus*, ou *Sic transit gloria mundi*, para não irmos muito longe nas citações.

Ao olharem ao derredor, verificaram os sete que estavam apenas eles reunidos.

*Que teríamos dito, refletia Deodoro, para afugentar os incultos? Ora, positivamente o mesmo que poderá afastar os leitores, ou seja, a erudição despropositada, em momento cujos objetivos se concentram em fatores existenciais mais prementes, o que me leva a suspeitar de que existe a necessidade da recomendação de que os temas de que aqui se trata devam ser repensados com a calma proveniente da determinação de superior aprendizagem. Vou guardar estes pensamentos para incluir na obra que iremos escrever para os mortais.*

Foi Everaldo quem deu prosseguimento à conversa:

— Bem sei que muito haveremos de acrescentar a estes dados, pois que os reunimos sem pesquisa e sem bibliografia. Com certeza, algum mestre, no próximo colégio que nos receber, irá ter muitos outros elementos para as nossas considerações. Concordo com Deodoro que o momento não é o mais propício para estas divagações de caráter mais ou menos filosófico, contudo, estive a ruminar a ideia da assistência aos desamparados no plano físico, uma vez que, segundo me parece, não têm a oferta das oportunidades que Deodoro afirmou serem iguais para todos, pelo menos no momento de sua vida presente. A sociedade que não protege as suas crianças não sei se irá desenvolver os aspectos evangélicos das suas próprias premissas culturais e religiosas. Não vi os irmãos da espiritualidade superior ajudando diretamente os infelizes, como também não discerni nenhuma entidade humana de amparo aos menores. Sei que existem corporações oficiais e particulares para tratamento de muitos jovens viciados. Isto é pacífico. Mas a humanidade estará preparada para o aproveitamento pelas organizações criminosas do *boom* tecnológico, a gerar a mais extensa economia do planeta, muitos bilhões de dólares superior a qualquer índice de produto interno bruto de qualquer nação? Ao contrário, não estará imergindo desse pântano de imoralidade e de alienação dos valores mais sagrados do cristianismo, do xintoísmo, do budismo e de todas as tradições milenares do respeito do homem pelo homem, toda uma *contrafilosofia* do amor, a se retratar nas telas que se espalham pela via pública, nos anúncios em movimento da televisão, num acúmulo das visões do prazer carnal, prioritários para que se faça valer a juventude antes que acabe? E, para não acabar, não existe todo um *marketing* a fornecer subsídios para a indústria do embelezamento e do rejuvenescimento? Velhas com o terço na mão já não vendem sequer os santinhos da devoção...

Joaquim fez menção de interromper, num ato de censura pelo arrojo que prometia a dissertação emocionada de Everaldo.

— Vejo, amigo (era Hermógenes), que você esteve metido em camisa de onze varas (ou na alva dos padecentes), durante a derradeira passagem pela Terra. Não gostaria de contar-nos algumas passagens que ilustrassem essa sua veemência contra o progresso da civilização, justamente no sentido em que se desenvolve hodiernamente?

Houve um fluxo de protestos. Ninguém queria perder a atualidade de sua participação no mundo dos encarnados, para dedicar-se a fatos passados.

Foi Roberto quem colocou uma pedra sobre o desafio:

— Não faltará oportunidade para todos os relatos. Não sabemos quando vamos ser repatriados para a esfera umbrática. Aproveitemos, portanto, estes momentos para visitar quantos ambientes ou quantas pessoas puderem ser úteis para o nosso aprendizado pastoral de socorristas em formação.



A mistura terminológica não passou despercebida a Deodoro, mas calou-se para não incitar ainda mais a revolta dos outros. Ao contrário, propôs que saíssem da catedral e que fossem, segundo ele:

— ... em busca dos ensinamentos práticos das coisas do mundo, dado que a nossa capacidade de absorção mental se detinha, enquanto encarnados, diante das barreiras do tempo e do espaço, limites sem os quais acabaríamos loucos, tantas e tão diferenciadas são as informações que têm a potencialidade de chegar às pessoas de todos os setores da humana lida, especialmente, como disse o amigo, através do *boom* tecnológico no setor das comunicações e telecomunicações, uma vez que a teoria da informática vem predominando no mundo científico e cultural.

Só não prosseguiu porque recebeu o impacto do desgosto dos que viam na peregrinação o ponto mais importante de sua estadia na face do Orbe.

O grupo saiu do templo e buscou refúgio em recanto menos assombrado pelo cruzar das vibrações deletérias com que eram bombardeados os da igreja. Se não estivessem unidos pela força haurida do etéreo durante as preces, certamente seriam perseguidos e apedrejados. Arnaldo e Alfredo nada poderiam fazer, pobres guardiães contra as investidas de espíritos mais ou menos depurados pelos sofrimentos. Os que buscavam agredir os sete tinham a catadura áspera dos malfeitores.

Quando Deodoro propôs orar pela salvação daquelas almas, foram deixados em paz. Sem saber o que aconteceria se não cumprissem o impulso da solidariedade, carregados de temores por julgarem não encontrar nos corações as virtudes do amor e do perdão incondicionais, começaram um terço, puxado agora por Joaquim. E foram caminhando pelas ruas, observando mais sossegadamente o movimento, distinguindo os elementos pelas auras de tênue luminosidade, segundo as diferentes cores, a maioria impregnada de tonalidades fortes ou escuras, como se propensos estivessem ao lusco-fusco do Umbral. Aqueles outros, os agressores, evidentemente haviam escapulado das Trevas.

Nem perceberam quando deram por encerradas as orações, tão envolvidos estavam com a paisagem espiritual. No meio da multidão dos desencarnados, passavam por um grupelho insignificante. Se estivessem preocupados em avaliar a roupa dos encarnados, trabalhadores, desocupados, senhoras com seus filhos, gente do povo que andava depressa, agarrando com força os seus embrulhos quando divisavam rapazes avulsos ou reunidos, teriam sabido que a população em geral estava bem vestida, limpa, cuidada. Entretanto, o tremor dos sucessos desagradáveis os impelia para o reconhecimento dos habitantes do seu plano.

Deodoro foi quem instigou a análise de duas ou três figuras, segundo as características que precisou dentro da escala espírita publicada por Kardec:

— Vejam aquele indivíduo colocado sobre o viaduto, fazendo menção de se atirar. Se estivesse brincando, seria um gesto de muito mau gosto. Mas desconfio que não queira chamar a atenção de ninguém e apenas reproduz os últimos instantes de vida, recordação calcinada pelo fogo do inferno que deve ser a sua alma. Joaquim, você acha que podemos convencê-lo a vir conosco, para entregá-lo a grupo socorrista atuante junto a alguma casa espírita? Gostaria de entender os processos mentais em jogo desde o primeiro momento,

isto é, explorando as informações anteriores ao trabalho de doutrinação, para avaliar os resultados do influxo vibratório da benemerência institucionalizada.

— E se falharmos? — inquiriu o mencionado.

— Analisaremos, então, os processos que utilizamos e procuraremos aperfeiçoá-los, enquanto não recebermos as lições organizadas nas escolas do etéreo.

— Vamos tentar. Creio que o primeiro passo será enviar-lhe a informação de que estamos bem intencionados, através de uma onda de frequência compreensível por ele. Isso alcançaremos através de prece na intenção de sua melhoria, a qual será secundada pelo seu protetor, que nos proporcionará os elementos de conexão vibratória. Peço ao que se sentir menos envolvido emotivamente com a nossa ação para que reze pelo grupo.

Hermógenes se prontificou, talvez ainda sob o efeito dos insucessos anteriores. Roberto percebeu a íntima intenção do serviço e resolveu ajudar o amigo, sustentando-o no mesmo registro energético, de acordo com os fluidos com que predispuha a exposição da aura. É preciso que se informe que o trabalho que iriam realizar pela primeira vez lhes parecia absolutamente natural, como se devessem executar exatamente aquelas atividades para o objetivo visado. Não precisou examinar com muita acuidade, para Deodoro perceber que estavam recebendo auxílio superior.

Principiou Hermógenes:

— Bons amigos da espiritualidade maior, mensageiros de Jesus, precisamos de vocês para efetuarmos um ato de amor por um irmão necessitado. Rogamos-lhes para nos darem força e sustentação fluídica, para enfrentarmos a oposição dos espíritos que têm por escopo manter em sofrimento o nosso candidato a assistido. Para tanto, necessário se faz que compreendamos quais os meios mais eficazes para demonstrarmos a nossa honestidade evangélica ao coitado que incrustou a ideia de que o suicídio seria a solução para os terríveis problemas que devem tê-lo deixado tão perturbado. Solicitamos, também, que sejam avisados os amigos socorristas mais próximos, para nos orientarem caso fracássemos nos procedimentos específicos do amparo a esta entidade.

Enquanto orava, a equipe foi aproximando-se do parapeito em que se situava o irmão a olhar fixamente para o movimento de veículos lá embaixo. Se percebeu que estava sendo cercado pelos fluidos da bondade alheia, não deu demonstração. Mas não houve tempo para agarrá-lo, despencando daquela altura em fragorosa queda, sendo abalroado pelos veículos que passavam em alta velocidade.

Observaram os estáticos socorristas, pasmos, que o outro se levantou, desafiando os carros a que o atingissem, rindo e se divertindo com a maluquice de sua insólita atividade.

Ato contínuo, os sete se deslocaram até onde se encontrava o infeliz, sem prestarem atenção ao método de aproximação do alvo através da vontade, e o resgataram para dentro do globo magnetizado que conseguiram formar, sem ao menos se darem conta dos processos envolvidos. Não pararam para refletir a respeito de nenhum fenômeno que estavam produzindo. Apenas tinham o desejo de ver o elemento que protegiam bem acomodado, seguro, em paz, confiante. Eram pensamentos e sentimentos trocados entre as mentes e os corações, formando uma como que única entidade assistencial. Esqueciam-se de si mesmos para pensarem apenas no outro. Se um titubeava, logo se imaginava diante de Jesus e restabelecia o vigor necessário para a prestação do serviço. Foi tanta a

diligência que aplicaram ao agasalhar o irmãozinho que este dormiu de imediato, deixando Deodoro frustrado quanto a interrogá-lo.

Joaquim tomou a iniciativa das observações pertinentes ao enredo que se desenvolvia:

— Foi melhor assim. Agora temos a certeza de conduzi-lo até uma casa de atendimento evangélico espírita. Se, ao contrário, se desesperasse com a mesma energia com que enfrentou os carros no leito da avenida, talvez nós víssemos abalada a nossa deliberação. Observo no fato, como suspeitou Deodoro, a mão dos nossos amigos e benfeitores.

Notaram, mais desafogados, que vários espíritos estavam ao derredor ajudando a controlar a quantidade de energia com que mantinham preso aquele que mais tarde considerariam a sua *vítima*. Destacou-se um velho, que foi logo identificando-se:

— Eu sou o pai do rapaz que vocês dominaram. Tenho tido o desprazer de me ver desprezado por ele, desde que se jogou do alto do viaduto para a morte. Faz dezoito meses, um ano e meio exatamente, que se matou. O pior é que sabe que presenciei tudo e fica repetindo o gesto desmiolado tantas vezes quantas percebe que estou por perto. Os que o levaram ao suicídio, de vez em quando, passam por aqui, a observar o que vem fazendo o desgraçado, com perdão da má palavra. E vão embora rindo, como em muda promessa de que, se ele se regenerar mentalmente, irão persegui-lo de novo. Agora que está manietado e inconsciente, graças a Deus, poderá receber as informações a respeito da sua condição existencial.

Enquanto se manifestava, os recém-chegados foram fechando um círculo em torno dele, de modo que, quando menos esperava, se viu impedido de se locomover.

Deodoro e turma não sabiam o que pensar nem o que fazer, tomados de imensa surpresa, verdadeiramente atônitos com a atitude arbitrária dos que mal reconheceram como trabalhadores do etéreo. Um deles se prontificou a explicar-lhes:

— Se dependesse apenas de sua boa vontade, companheiros, o espertinho iria livrar o obsidiado das amarras com que vocês o prenderam. Não se deixem engodar pelas palavras. A malícia não é apanágio dos bons e dos justos, mas dos seres inferiores, ainda não acostumados aos prazeres da intelectualidade, em seus aspectos de respeito à verdade, à justiça, ao equilíbrio entre todos os seres do Universo. São ignorantes mas não são estúpidos. Muitos possuem inteligência bastante desenvolvida, apenas voltada para a realização do mal. Peço-lhes perdão pela insignificância de meus conceitos, mas apliquem a sua desenvoltura filosófica ao mundo fenomenológico ou acabarão considerados teóricos brilhantes, sem nenhum pé na realidade. Viemos a seu chamado, mas, a bem da verdade, por intercessão de nossos guias e mestres, dado o noviciado em que vocês se encontram. Vejo que são ainda sacerdotes católicos mas, por trazerem as obras de Kardec, devem estar mudando de opinião.

Estendeu a mão, solicitando um dos livros e admirou-se muito da textura fluídica e da perfeição do acabamento:

— Amigos, a pessoa que lhes ofereceu este presente deve estar categorizada muitíssimo no alto. Nunca tive oportunidade de examinar nada semelhante. Sendo assim, retiro das minhas palavras a ingenuidade com que exprimi os meus sentimentos de velho conhecedor dos novatos e peço-lhes que me perdoem o atrevimento das lições. Deveria ter

reconhecido a sua competência pelo fulgor de suas auras. Como, entretanto, vocês se escondem para não serem reconhecidos, fiquei a imaginar...

Deodoro não permitiu que prosseguisse. Apenas abraçou com muita ternura o irmão e lhe disse baixinho:

— Viemos para aprender as coisas mais elementares. Você tem toda razão em nos julgar eméritos nos desenvolvimentos teóricos. Nem poderia ser diferente porque dedicamos a nossa última encarnação aos devaneios teológicos, acostumando a mente aos argumentos mais sutis da intelectualidade desvinculada das necessidades humanas mais prementes. Veja em nós muito mais aqueles obsessores brilhantes a que você se referiu do que trabalhadores da seara de Jesus, apesar das roupas. Somos noviços e mal formulamos os primeiros votos de obediência aos cânones espíritas. Ficam para depois os votos da pobreza e da castidade. Que Jesus seja por todos nós!

Susteve a tempo a bênção pelo sinal da cruz, enquanto todo o grupo começou a se deslocar lentamente em direção ao que o novel amigo chamou de tugúrio do divino amor.

— Por que não nos deslocamos mais rapidamente? — quis logo saber o Monsenhor, mas se arrependeu, porque demonstrava ignorância num ponto de fácil intelecção.

— Antes de lhe dar todas as informações, vamos apresentar-nos, que estamos esquecidos das boas maneiras, que a tanto nos obrigam estas tristes figuras que são a causa maior de nossas preocupações. Meu nome é...

— Preste atenção, Monsenhor, gritou aquele que fazia passar-se pelo pai do suicida. Ele vai dizer que é gente muito importante. Eu conheço bem esta trempe. Eles se dizem serviçais dos centros espíritas, mas o que querem mesmo é perturbar os coitados que caem em suas malhas de vaidade e poder.

Em nenhum momento, pensou Deodoro em que o outro falava a verdade, entretanto, viu que a oportunidade era excelente para praticar o exercício preliminar dos socorristas, para avaliação dos pontos fracos dos infelizes. Dirigiu-se ao chefe do grupo que mantinha preso o suposto protetor:

— Perdoe-me, irmão, mas preciso pôr a limpo a advertência que me foi dirigida.

Aproximou-se do outro e começou ampla palestra elucidativa:

— Você, caríssimo amigo, poderia dizer-me que nome me será fornecido?

— Ele vai dizer que se chama Emanuel ou André Luís e que é amigo do médium famoso Francisco Cândido Xavier.

— Por que ele faria isso?

— Você não vê que a intenção deles é libertar o meu protegido, para prosseguirem azucrinando a paciência dele pela eternidade?

— Não consigo caracterizar esse intento pela análise espectral dos perispíritos, através da luminosidade das auras. Como você me faria ver o que não estou vendo?

O encaminhamento técnico da questão desbancou a argumentação subjetiva do prisioneiro. Em todo caso, ainda fez uma tentativa:

— Posso esperar para ver. Não me custa porque tenho o tempo todo e sei que eles não vão me magoar, enquanto vocês estiverem por perto. Quando vocês estiverem despreocupados, eles vão levar o grupo para um terreiro de macumba, onde existem muitos espíritos com força suficiente para dominar esse seu pequeno grupo.

— Você nos trata como pessoas de bem. Quais são os indícios de que realmente o somos?

— Isto é muito fácil de saber, porque vocês se interessaram em ajudar o coitado de meu filho. Esses aí, ao contrário, quiseram apenas me prejudicar.

Queria falar muito, mas não conseguia encontrar pensamentos que não esbarrassem na seriedade da fisionomia de Deodoro, que se utilizava de sua experiência com os delinquentes encarcerados. Mas um dado se acrescentou ao domínio da psicologia da maldade, qual seja, a leitura dos pensamentos embrulhados em sentimentos péssimos, porque Deodoro, que transmitia e recebia as ideias dos companheiros, aplicou o mesmo sistema junto à mente do interlocutor. Imediatamente, pôde distinguir a necessidade de convencê-lo do enredamento de que estava sendo vítima, mas com razões insubsistentes, que era como a mentira se tornava translúcida na mentalização do outro.

Passou-lhe pela lembrança o fato de os colegas estarem aptos a conhecerem os seus julgamentos e emitiu a seguinte perquirição mental:

*Quem estiver em contato com meu cérebro, envie-me uma resposta já, por favor. Quero testar a acuidade do acusador e dos acusados, preferentemente.*

De imediato, os seis do seu grupo acenaram positivamente. Os da equipe de socorristas também o fizeram com desenvoltura. O coitado à sua frente, porém, nem notou que algo se transmitia segundo ondas mentais menos grosseiras.

*Obrigado, pessoal. Foi fácil saber quem está tentando engodar-nos.*

Adquirida a certeza da má intenção do infeliz, Deodoro desejou aprofundar o conhecimento das recordações dele, para demonstrar que estava a par da verdade. Concentrou-se nos reflexos obscuros do perispírito do outro e foi lendo a história recente de suas peripécias na zona umbrática, onde praticara os últimos agravos. Assustou-se, porém, com a facilidade de penetração no âmbito mais recôndito daquele espírito e arrepiou caminho, temeroso de estar a ferir os princípios de resguardo da personalidade do sofredor, que, ao se ver desnudado moralmente, poderia acusar o falso protetor de abusado e sem consideração, para dizer o mínimo. Mas não pediu perdão pela ousadia. Registrou, no arquivo que abria na mente para os ensinamentos relativos à sua formação de anjo tutelar dos desgraçados, mais essa experiência e o sentimento correspondente e puxou a conversa para o desvelamento da personalidade maligna de quem o tentava.

Perguntou de chofre a Antônio Rodrigues, que assim se chamava o desditoso:

— Rodrigues, você conhece a passagem bíblica da tentação do Cristo?

— Evidentemente.

— Seria capaz de reproduzi-la?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos não basta. É preciso repetir palavra por palavra todas as descrições que se encontram em **São Lucas**, **São Marcos** e **São Mateus**, como ainda exijo que interprete as palavras de Jesus.

— Que palavras, Monsenhor?

— As que reproduzem a citação que se encontra em Deuteronômio, capítulo VIII, versículo 3.

À vista da ignorância do outro, Deodoro pediu que o acusado reproduzisse o texto conforme **São Mateus**, capítulo IV, versículo 4.

João, que lhe passou o nome telepaticamente, não se fez de rogado:

— Respondendo ao tentador, Jesus disse: *“Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.”* Quer que eu reproduza o texto do Pentateuco, onde *está escrito?*

— Por favor.

— É interessante que o trecho se refere aos quarenta anos que o povo judeu passou no deserto, após a fuga do Egito, vivendo com o maná que o Pai lhes enviava. Eis o tópico a que se refere Jesus: *“[...] para dar a entender a você que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem.”*

Rodrigues não teve mais como esconder o mal de que estava acometido, mas recebeu esplêndido influxo energético capaz de tranquilizá-lo quanto ao bem que se pretendia para ele. Não se comoveu, entretanto, inseguro quanto ao destino que o aguardava, após ser solto com menor poder, porque sabia que as suas armas lhe seriam retiradas, o que o transformaria de perseguidor em perseguido.

Foi Deodoro quem deu continuidade à conversa:

— Querido irmão, não se amofine por ter-lhe revelado que sabia quem era o obsessor. A bem da verdade, você conseguiu enganar-me no primeiro instante, como ainda estremeado fiquei ao presenciar a sua captura. Todavia, foi através de você que aprendi a lidar com as informações subjetivas dos seres em débito, a ponto de poder informá-lo dos seus últimos passos, na perseguição que vem empreendendo a três seres cuja culpabilidade não sei deduzir dos seus sentimentos. Eis que se define entre nós uma relação de intimidade, apesar de seguir em via de mão única...

Deodoro suspendeu o discurso, porque recebia diversas mensagens no sentido de que a sua fala não estava sendo acompanhada com a mesma singeleza de propósitos. Enquanto ia pondo o coração na mão, Rodrigues estimava a atitude como de fraqueza e ia mesclando aos pensamentos resultantes do temor outros mais atrevidos, para o convencimento de que estaria ciente de suas falhas e convicto de que precisava regenerar-se, oferecendo-se em intenção, desde logo, para trabalhar em favor, justamente, daquele que vinha perseguindo.

Calou-se o sacerdote, colocou a mão sobre a testa do indigente e orou fervoroso ao Senhor, desenvolvendo, ele sim, o tema da tentação:

— Senhor, perdoai esta criatura, que não reconhece em vossas palavras a verdade. Quer comer do vosso maná mas não deseja que os irmãos alcancem a mesma felicidade. Está envolto nas sombras dos crimes da época terrena e com eles alimenta o espírito de vingança, oferecendo a quem pretende dar-lhe um pouco de esperança, a vanglória de tê-lo como mestre, para que o adoremos em sua sagacidade e malícia. Fazei-o manso de coração por uns momentos, para que possa absorver os ensinamentos que os protetores, melhor do que eu, podem ministrar-lhe, ao menos com a finalidade de se lhe gravarem na mente, para posterior reflexão, segundo o princípio de que o amor que desejamos para nós sempre haverá de ser o amor que temos de distribuir aos semelhantes. Assim seja!

Estava emocionado. Cada termo, cada expressão, cada frase ficar-lhe-iam para sempre registradas na mente. Até despertar para as explicações que solicitara a João, já se encontravam todos diante de um prédio de dois andares, construção recente, em cuja fachada se lia: Centro Espírita “Tugúrio do Divino Amor”.

Eram cinco e trinta da tarde. As portas do edifício estavam trancadas para os encarnados. Contudo, havia intensa movimentação de entidades do plano espiritual, num corre-corre organizado, cada qual exibindo enorme eficácia na preparação do ambiente para a reunião mediúnica de logo mais.

Se Deodoro tivesse chegado sozinho, não notaria o objetivo da azáfama, tão estranhas lhe seriam as atividades. Foi Joaquim quem procedeu às explicações, à medida que a curiosidade despertava para esta ou aquela providência. Foi assim que pôde o Monsenhor observar que se construía uma tênue carapaça luminosa, à feição do globo que haviam construído para agasalhar o enfermo suicida. Mas o brilho da capa protetora do edifício ia definindo uma luz demasiado forte para os olhos acostumados às trevas. Era o meio, no sentido visual, de afastar os intrusos. Em pouco tempo, formou-se todo o arcaouço, que terminou por ser totalmente vedado. Passar pela barreira, apenas através da porta fortemente guardada por milicianos do etéreo.

Resolveu Deodoro perguntar a João:

— Você, bom amigo, está disposto a me fornecer a resposta à questão que lhe propus?

— A respeito de irmos caminhando lentamente?

— Sim.

— Sem correr o risco de ofendê-lo, devo dizer que poderíamos ter vindo bem mais depressa. Mas não teríamos dado tempo ao mestre de teologia de se afeiçoar ao novo clima mental gerado pela introjeção em sua personalidade das emoções colhidas em todo o episódio de elucidação ao Rodrigues dos procedimentos em curso para atenuar-lhe os problemas, segundo o prisma da caridade cristã. Além disso, dois outros fatores retardaram a nossa caminhada. Primeiro, enviei emissário para avisar o pessoal da casa de que estávamos trazendo um grupo de novatos como ainda dois sofredores, estipulando os créditos de cada um. Depois, era preciso dar tempo aos responsáveis pelos trabalhos de doutrinação para que elaborassem, ao feitio da novidade, os tópicos principais das atividades, o que os impedia de receberem o seu grupo na qualidade de ilustres visitantes. Por isso, devo apresentar-lhes, após vê-los refeitos da admiração natural de sacerdotes ao se depararem com o bulício que envolve um centro espírita, os encarregados da assistência espiritual deste tugúrio.

Assim que encerrou a introdução, João solicitou que se mostrassem os amigos que vieram do interior do prédio, sem nenhuma dificuldade em ultrapassar a porta fechada.

Eram três espíritos de extrema simplicidade no trajar mas de cujo perispírito emanavam raios dulcíssimos, como jamais vira Deodoro.

— Este é o irmão Francisco, encarregado da organização geral; ao seu lado, Tomé, que cuida da sustentação fluídica, com um corpo de técnicos; enfim, Eugênio, que executa a aproximação entre os planos, segundo a emissão e a recepção das vibrações dos envolvidos no processo.

Deodoro arriscou um palpite:

— É quem possibilita o exercício dos dons mediúnicos do encarnado, em função do desvelo de toda a equipe.

— O irmão, respondeu Eugênio, terá ensejo de avaliar todos os procedimentos técnicos e morais do serviço em prol da disciplina geral dos trabalhos, para a consecução

dos elevados planos do Senhor, uma vez que tudo se resume, finalmente, em facilitar a compreensão dos agentes e dos pacientes de como se dá a evolução espiritual.

— Deduzo que os trabalhadores estejam em constante aprendizado.

— No momento em que dominamos todos os recursos disponíveis, somos solicitados para outro ministério, seja em outro setor das atividades de benemerência, seja na qualidade de monitor de quem chega para começar suas funções. Aqui ninguém pode dizer-se enfadado porque, se o disser, é que não entendeu a missão de que está encarregado. Mas isto nunca aconteceu, porque os guias maiores ou mentores preveem a criação dos pontos passíveis de debilitação e recolhem os que titubeiam antes que prejudiquem o desenvolvimento das tarefas.

Francisco pediu licença para interromper a fase de interesse circunstancial e ofereceu-se como cicerone para a visita ao interior do prédio:

— Queiram entrar, amigos. Venham os guardiães também. Alfredo e Arnaldo, pois não?! Quando iniciarmos a sessão propriamente dita, o que se dá quando o orientador encarnado abre os trabalhos através de prece, vou pedir aos dois que ajudem no bloqueio à porta dos que pretenderem invadir.

Deodoro não conteve o ímpeto da curiosidade:

— Não deveríamos todos conhecer o que se passa do lado de fora? Afinal...

Francisco, com um gesto discreto, projetou numa tela que se formou ali mesmo, as cenas de sua lembrança, quando presenciou um arremesso de seres malfazejos contra a proteção fluídica. O episódio se passava como em tela de cinema, mas com projeção em profundidade, em três dimensões, onde se viam espíritos voluntariosos desejando transformar a harmonia dos trabalhos internos em azedume das vontades dos encarnados, para o que gritavam em altas vozes, chamando pelos nomes dos médiuns. Havia outros que rogavam aos guardas que lhes permitissem a entrada, porque sabiam que ali dentro encontrariam paz para as almas e remédio para os sofrimentos. Muitos incitavam os que seriam orientados pelos doutrinadores a que se rebelassem, atemorizando-os com as ameaças de pegá-los na saída.

— Não vejo nada que não pudesse imaginar, afirmou Deodoro. Tanto quanto os encarnados, os espíritos pensam exercer o direito à agressão contra quem se põe a favor das leis. É a eterna luta dos que sofrem por não terem conseguido crescer em poderio e riqueza e invejam os que estão de posse das virtudes. Peço perdão pela pobreza das observações, mas estou sentindo-me meio atordoado, como se algo neste ambiente estivesse pressionando-me a mente, mas sem mal-estar ou...

Não conseguiu caracterizar a nunca experimentada sensação de debilitação mental. Sentiu que Joaquim participava do grupo que se reuniu em torno dele, até que desmaiou.

Quando despertou, havia recebido certos paramentos, como se fosse oficial um culto religioso. Mas não temeu pela segurança, mantendo-se completamente tranquilo. Os seres agiam com a demonstração do mais profundo respeito, como médicos a operar em sala cirúrgica. Apesar de não perceber o que se passava, nada perguntou aos circunstantes, reparando apenas que era o único de sua turma que merecera cuidados especiais.

Respondendo a uma perquirição íntima, João esclareceu:

— Você agora irá ver o que se passa numa sessão mediúnica de desobsessão. São seis e quinze e os médiuns estão saindo de casa para cá. Por isso, o pessoal especializado



não se encontra, mas me deixaram encarregado de responder a todas as perguntas, mas sem a exposição espetacular da cinematografia cerebral utilizada pelo excelente Francisco. Devo dizer-lhe que foi uma deferência dele para com sua pessoa, tendo visto no Monsenhor qualidades em embrião que estão prestes a eclodir e germinar. Estes paramentos, na verdade, são instrumentos de captação das vibrações, aos quais a forma próxima do vestuário litúrgico foi dada por ser o amigo quem é. Se fosse um médico, com certeza teria a feição de estetoscópio ou de esfigmomanômetro, o aparelho utilizado na medição da pressão arterial. Tudo para pô-lo à vontade.

Deodoro divertia-se com as explicações, porque percebia em João os cuidados do pequeno aluno perante o velho professor, isto quando alertado pelos pais para os perigos da palmatória. Enquanto não chegavam os primeiros mortais, Deodoro interrogou o novo amigo a respeito de tudo quanto lhe veio à cabeça. Entre outras coisas, desejou saber por que Joaquim não estava.

Pareceu-lhe, pela reação do interlocutor, que a pergunta tinha um quê de inconveniente. Mas mereceu resposta:

— Joaquim, diferentemente dos companheiros, conhece perfeitamente o que se passa durante este tipo de reunião. Na verdade, foi em busca de um psicógrafo, na companhia de Eugênio, porque se decidiu que era de todo útil ao Monsenhor, desde logo, conhecer os procedimentos de transmissão dos pensamentos organizados em forma de texto escrito. Não é verdade que vocês estão programando realizar uma obra em que se contam as suas experiências nos campos etéreos? Como o Senhor pode observar...

— Trate-me simplesmente por você ou por tu, conforme o seu hábito com os amigos, por favor. Caso contrário, daqui a pouco vai começar com os Vossa Reverência, Vossa Eminência e tais titulações não recebi nesta existência espiritual. São ranços terrenos. Por favor.

— Tudo bem, mas temo não ser o suficiente cortês...

— Se você me tem em alto conceito, a ofensa virá na presunção de que possa magoar-me. Não é bem assim que acontece quando as pessoas desejam manter certa distância entre si? Pois eu gostaria de abraçá-lo na qualidade de amigo e benfeitor, porque o *ignorantão* aqui está necessitado de esclarecimentos.

— Pois, então, concentre-se que vou passar-lhe uma série de informações técnicas, acompanhadas de cálculos matemáticos e de análises químicas e físicas necessárias para a compreensão do fenômeno mediúnico, porque, se existem seres capazes de influenciar o pensamento dos encarnados e vice-versa, poucos têm conhecimento científico. Lidam com a mediunidade como se opera uma caixa-preta.

— Terei capacidade para acompanhar as explicações?

— Serão apenas as primeiras noções. Faz dez anos que estudo o assunto, mas devo dizer que estou saindo agora do pré-primário. Nada, portanto, de assustar. Caso algo fique nebuloso, a sua inteligência resguardará a dúvida para posterior solução. Estamos combinados?

— Com certeza.

João não queria assustar o padre, por isso principiou explicando o que é a *mediunidade*, segundo os pontos que se encontram em *O Livro dos Médiuns*, totalmente

memorizado por ambos. Uma vez estabelecido o princípio segundo o qual qualquer pessoa encarnada tem o dom do contato com os espíritos, desejou saber o orientador:

— Quais foram os principais obstáculos que você colocou à ideia das transmissões de mensagens enquanto vivo?

— Tenho a certeza de que você quer lhe diga que foram razões de defesa das ideias católicas, *lato sensu*, porque a pregação espírita traria a inconsistência dos dogmas sobre que se fundamentava a minha fé. Na verdade, eu não queria que o mundo dos espíritos fosse realmente aquele que conheci ao ler *O Livro dos Espíritos*. Antes disso, aferrava-me aos preconceitos, intimando os fiéis com tendências filosóficas a que renegassem simplesmente a própria imaginação, tomando precaução com as influências que atribuía aos demônios. Depois que li a obra de Kardec, fiquei menos rigoroso, buscando caracterizar melhor as confissões que ouvia, para dar algum merecimento ao espírito obsessor, tentando ver nele alguém até certo ponto benevolente, dado que aceitei em parte que os do plano espiritual poderiam estar desejosos de ver os encarnados pelos quais nutriam afeição, filhos, irmãos e até pais e mães, desenvolverem a esperança de felicidade futura, porque despertavam para a misericórdia de Deus. Entretanto, jamais admiti que fossem eles mesmos quem se apresentavam. Da mesma forma que antes via apenas os demônios, comecei também a ver os anjos conversarem com os familiares e amigos, sempre autorizados por Jesus, ou por algum santo, dado que me parecia impossível, à vista dos milhões de pedidos concomitantes, que os próprios acorressem em auxílio de todos, como acontece quando se rezam missas em que os templos se encham de fiéis. Penso que não esteja fornecendo nenhuma pista para dores de consciência, mas devo avisá-lo de que algumas vezes declarei em confissão essas intuições e tive o desprazer de me ver condenado a rejeitar os pensamentos, porque, com muita honestidade, dizia que essa postura adquirira somente após ter lido aquele livro, o que fizera com o intento da rejeição.

— Prezado confrade (como se tratam os espíritas), temos aí um ideal definido, qual seja, o de que todos os sacerdotes poderiam adotar essa linha muito lúcida de ver os contatos entre os planos, desde que pudessem reconhecer, nas influências do etéreo, o prazer de quem dita as mensagens e a ventura de quem as recebe. Se os padres forem capazes de aceitar o fato de que os anjos possam ser os portadores de boas novas, como se lê nos *Evangelhos*, por exemplo, porque o Arcanjo Gabriel não fala em seu próprio nome, teríamos desenvolvido, ao menos, o sistema da mediunidade como passível de ser verdadeiro ou realizável. Quero pedir-lhe perdão por não falar com a mesma correção lógica que vejo em seus comentários, mas acredito que você esteja entendendo-me.

— Perfeitamente, e lhe digo que não se preocupe, porque, caso venha a fechar o cenho por não haver compreendido algo, irei interrogá-lo de imediato. Muitas vezes, eu mesmo não fui capaz de expressar-me com propriedade e elegância, ao ministrar minhas aulas ou ao desenvolver os meus sermões. Aí ficava tenso, buscando corrigir o que errara, para não mais repetir as falhas. Não será esse o arcabouço mental dos médiuns que se preparam para começar o recebimento das informações que os amigos da espiritualidade se propõem a passar-lhes?

— Esse ponto é fundamental. Muitos médiuns julgam que devem expor-se, preferentemente, às solicitações dos doutrinadores, ajudando no que lhes é possível, sabendo, pelo hábito, que irão permitir a incorporação de sofrendores, o que torna bem

mais fácil a transmissão das ideias e dos sentimentos, porque pouco diferem entre si os que foram mais ou menos maus, mas perversos todos. Como, ainda, dão vazão às lamúrias dos que morreram e não se afeiçoaram ao novo estado existencial, por haverem perdido as regalias da matéria, pessoas ricas, belas, famosas, pertencentes a grupos sociais estáveis etc., neste caso, ficam reproduzindo o que lhes vem à mente, sem se sentirem na necessidade de restringir os excessos, pondo nas mãos dos doutrinadores dos dois planos a tarefa de dissuadir os infelizes de prosseguirem na atitude de rebeldia ou de insatisfação, porque sempre contrariam o ideário da divina justiça, que se exerce por leis universais irrefragáveis.

— Senti que me pede um comentário a respeito do termo *irrefragáveis*. Talvez seja melhor dizer *irretorquíveis*, uma vez que *irrefragáveis* tem o significado de *incontestáveis*, *irrecusáveis*, *irrefutáveis*. *Irretorquíveis*, por sua vez, acrescenta a conotação da réplica, da objeção, da oposição sistemática de argumentos, ou seja, dá a ideia de que o indivíduo deseja, ele mesmo, contrapor a sua verdade ao fato consumado.

— Entendeu por que desejei que esmiuçasse a compreensão e a extensão das palavras? É que os médiuns, em sua larga maioria, se restringe a uma atitude passiva, acatando a expressão que traduz por seus próprios meios, não buscando explicar ao comunicante que a sua participação deve reproduzir com o máximo de fidelidade aquilo que ocorre na mente do mensageiro. Cabe aos que estão deste nosso lado conhecer os processos físicos, químicos, psíquicos e biológicos, para que alcancem formular de forma cabal a vibração que irá repercutir no cérebro de quem irá traduzi-la para a linguagem dos encarnados.

— Estou tentando ver aonde deseja chegar, João, mas apenas começo a perceber que existem recursos próprios a serem manejados pelo transmissor, segundo os aspectos técnicos do aparelho que irá ter em mãos.

— Você está bastante cru quanto ao vocabulário utilizado atualmente por muitos encarnados. Se estabelecer a melhor terminologia, irá captar os diversos significados dos termos, especializando um dos sentidos, em função do aprendizado desta matéria. Por exemplo, a palavra *mecanismo* tem sido empregada com crescente sucesso para o despertar mais exato do que ocorre entre os planos. Mas vejo que não poderei ir muito longe nestas explicações, uma vez que estão chegando os primeiros participantes encarnados da reunião e será bem mais esclarecedor demonstrar na prática como é que cada um encara o processo...

— *Mecanismo*, por favor...

— (Perdão!) ... o mecanismo da mediunidade de que se utiliza em seu trabalho caritativo. As explicações codificadas pelos conceitos científicos irão ter de esperar.

— Devo dizer-lhe que esse aspecto me atemorizou. Não será melhor que estude sozinho alguma obra mediúnica, conforme a maior simplicidade que deve ter sido dada ao texto, porque endereçado aos encarnados?

— Penso que não, uma vez que o nosso ponto de vista é outro. Em todo caso, você pode ler ***Os Mecanismos da Mediunidade***, pelo espírito André Luís, psicografia de Francisco Cândido Xavier e de Waldo Vieira. Mas não se atenha demasiado às comparações realizadas com os eventos ou fenômenos materiais, porque poderá ir percebendo como é

que se dão os efeitos diretamente no espírito do médium, caso obtenha os conhecimentos relativos à estrutura orgânica do perispírito.

Deodoro lembrou-se de que João, havia mais de dez anos, estudava o tema. Concluiu logo que o outro via nele um discípulo promissor, temendo apenas que o seu interesse ainda não se havia declarado plenamente, segundo a visão tecnicista do processo de intermediação que era própria do instrutor. Retraiu-se para não ofender o outro:

— Prometo-lhe que, tão logo esteja à vontade no etéreo, dominando a minha área de atuação espírita ou espiritual, evangélica ou canônica (não saberia defini-la tão cedo), irei preocupar-me em conhecer todos os *mecanismos*, abrangendo em meus conhecimentos todas as expressões mais condizentes com o teor científico que por ora não me sinto em condições de assimilar. Você me prometeu instruir-me quanto às primeiras noções. Mas foi só ameaçar adentrar mais a fundo nos aspectos da realidade perispiritual, vamos dizer assim, logo criei resistências muito fortes. Se um dia escrever a história de minhas peregrinações e desejar passá-las aos encarnados, não estando preparado para fazê-lo sozinho ou com a ajuda do meu grupo, voltarei a procurá-lo, porque você me fez testemunhar a sua segurança e desenvoltura neste assunto.

Se João se sentiu frustrado, não demonstrou. Pensou que a prática poderia preceder a teoria, e a curiosidade, o verdadeiro interesse pelo conhecimento. A sessão traria informações de forma não completamente sistematizadas, contudo, estabeleceu que alcançaria em parte o seu objetivo de instrutor se se postasse ao lado do aluno, para ir passando-lhe, sempre que possível, as noções pelo prisma científico.

Enquanto isso, os outros cinco, não tendo o que fazer, conversavam reservadamente com os trabalhadores do etéreo, procurando pôr-se a par do que se esperava realizar naquela noite.

Um dos milicianos certificava:

— Francisco nos passou as suas anotações, onde constam os serviços rotineiros e mais uma redação psicografada. Os serviços rotineiros, se vocês não sabem, se resumem em atender um ou dois irmãos através de cada médium em condições favoráveis de recepção dos fluidos e emanações dos sofredores. Como temos um elemento de alta periculosidade, esse Antônio Rodrigues...

Everaldo não concordou:

— Não vejo nele nenhuma ameaça para este grupo fortemente armado. Pelo que pude entender, Francisco, Eugênio e Tomé dariam conta sozinhos de controlá-lo. Mas há aqui pelo menos trinta irmãos envolvidos nesta sessão.

— Com vocês, quarenta e dois.

— Pois, então, como é que ele vai oferecer resistência?

O guardião não estava para muitas discussões:

— Tomara que ele se revele tal qual é! Aí, você vai ver como é que a porca torce o rabo. Mas eu dizia que vamos ter de começar pelo atendimento dessa figura ardilosa. Caso não logremos muita coisa, porque muitos espíritos não se ajustam às recomendações dos mestres, então teremos de levá-lo narcotizado para a colônia mais próxima, onde receberá tratamento ou será solto, conforme a deliberação dos dirigentes.

Hermógenes, somando dois com dois, chegou a quatro:

— Daria para você me explicar como é que um ser que você mesmo afirma ser de *alta periculosidade* consegue ser admitido numa colônia de atendimento e nós sete, que estamos merecendo a deferência de tanta atenção, temos de vagar pelo Umbral e pelo Orbe, com as solicitações de ingresso em alguma colônia sempre indeferidas?

— Se você mesmo, meu caro, não souber dar resposta a tão simples questão, qualquer informação que lhe eu desse teria o sabor da conjectura. Não é verdade?

— E que sabor é esse? — insistiu Hermógenes.

— Pode estar acontecendo que vocês estejam merecendo tratamento de superior categoria, desses especialmente organizados quando o objetivo dos mentores se sustenta em teses próprias, defesas de divulgação mas não impossíveis de interpretação.

— Creio que esse sabor não seja muito doce, mas também não é nem um pouquinho amargo. De qualquer modo, não me parece que estejamos sendo injustiçados.

— Com certeza, não estão. Pensam que não correu entre nós que vocês trazem alguns volumes de extraordinária confecção espiritual? Seja esse o indício mais forte de que tudo está sendo controlado pelos seus benfeitores. Comparem com o que fazemos neste modesto *Tugúrio do Divino Amor* e sintam-se recompensados.

As palavras não continham qualquer vestígio de azedume, mas repercutiram fundo no coração dos cinco.

Alfredo quis saber quando é que Arnaldo e ele iriam ser chamados ao auxílio das tarefas externas.

— Vocês poderão vir comigo: vou encaminhá-los ao setor de retaguarda. Só entrarão em atividade, se Rodrigues conseguir cavilar um meio de avisar os de sua laia. Aí, a lenha vai cantar. Caso contrário, pouco terão que fazer.

Nesse momento, Tomé mandou um recado mental aos demais, para que se apresentassem ao serviço de sustentação fluídica.

Antes de determinar a missão de cada um, efetuou demorada auscultação na mente dos três, recomendando que Hermógenes se concentrasse na misericórdia de Deus, procurando encontrar exemplos de ajuda inesperada a seres em grande perigo. Quanto a Roberto, pediu-lhe que orasse em favor do suicida, tentando influenciá-lo na aceitação da assistência médica de que estava psiquicamente necessitado. Everaldo recebeu fortes emanções vibratórias, tendo ficado bastante atordoado. Mas Tomé tranquilizou-o:

— Quando começarem os trabalhos, dirija-se a um dos doutrinadores disponíveis para efetuar uma evocação aos benefícios do trabalho mediúnico, através da voz de um dos médiuns. Prepare a sua alocução.

— Posso mencionar a minha condição de sacerdote católico?

— O que você não puder dizer, será obstado na hora. Contudo, se estou oferecendo-lhe a oportunidade de falar algo pessoal é que fui capaz de definir-lhe a capacidade, a honestidade e a boa vontade.

— Terá observado, também, que, se levado a bom termo o meu discurso, irei adquirir maior confiança em mim mesmo?

— Estava tão clara a minha intenção? Acredite que não pensei que você estivesse apto a percebê-la. Parabéns, querido amigo!

Deodoro também estava disponível para as instruções de Tomé:

— Monsenhor, escreva um texto rapidamente, cerca de trinta linhas. Corte todos os adjetivos e todos os advérbios que poderiam florear a linguagem. Fale a respeito de Jesus e de Kardec, mas não cite nenhum trecho de livro. Todavia, deixe claro que conhece a ciência espírita, através de seus olhos de sacerdote católico. Antes de transmitir, quero ler para administrar-lhe as variáveis mais condizentes com os recursos do médium. Mas não conte comigo durante a transmissão. Será Eugênio quem estará ao seu lado. E o amigo João, conforme me solicita insistentemente.

As duas primeiras pessoas a chegar eram um casal com a chave da porta principal. Foram entrando e dando um jeito nas cadeiras que estavam em forma de auditório, transformando a plateia num círculo para dentro do qual transportaram uma mesa, tábua a tábua, colocadas sobre cavaletes.

A esposa ia arrumando o ambiente e falando:

— Teremos umas doze pessoas, hoje. Em todo caso, sempre é bom deixar mais cadeiras, porque o Salgado pode reclamar.

— Deixa disso, mulher. Você sabe muito bem que nunca temos mais do que oito na psicofonia e dois ou três na vidência. E o Salgado nunca reclamou.

— É, mas ele manda retirar as cadeiras vazias ou vai ele mesmo juntando outras quando faltam.

— Acho melhor você ir passar um café.

— Só você é que toma antes da sessão. O Salgado já lhe pediu pra não beber nem fumar no dia da reunião. Mas você é cabeça dura. Fica com a sua cachacinha e, depois, não tem coragem de se oferecer nem pra ficar rezando sentado no fundo da sala. Vai lá na cozinha e manda ver no café. Você não sabe que a turma trabalha bastante pra conseguir o pó?

— Mas eu trago um pacote toda semana.

— Quando se lembra. E você não tem se lembrado muito.

O homem deu de ombros e saiu, indo para o interior do prédio, deixando algumas luzes acesas nos corredores.

Deodoro notou que a mulher não se agradava de o marido proceder daquele jeito, tanto que dizia mentalmente:

*Quem estiver aqui, que perdoe o coitado do Jerê. Não deixem que ele faça como fazia na igreja, quando ajudava os padres. Aqui as coisas são diferentes. Se ele bebia o vinho e juntava água pra completar a garrafa, era porque os padres eram ricos. Agora, pelo menos, bebe só café. Eu sei que o prejuízo aqui é maior, mas o dinheiro que eu dou é pra cobrir as despesas com os gastos dele. Vocês estão vendo e sentindo que estou envergonhada, mas que posso fazer? Vou ter de agradecer até, porque ele vem comigo de boa vontade. Tem tanto marido que fica vendo televisão em casa, enquanto as mulheres vêm trabalhar. Aposto que elas ainda levam uma bronca danada, se não fazem alguma coisa direito. O marido da Etel até já veio ver se ela estava aqui. Disse que teve medo dum grupo de marginais, mas a verdade é que estava com ciúmes, tanto que ela ficou três semanas sem aparecer. O meu marido, não. Ele sabe que o trabalho é sério. Eu não sei se vocês vão buscar os fluídos dele para o reforço dos trabalhos, mas, se não vão, pelo menos sabem que ele não está pensando mal de ninguém. Quando ele dorme na cozinha, eu acho que está desdobrado, viajando aí com vocês. Eu vou pedir que passem uma raspança nele,*

*porque está chupando um pouco demais. Mas ele é trabalhador. Se não fosse aquela dor nas costas, eu acho que ele estava dando um duro danado, porque é pedreiro de mão cheia. No ofício, não é meia-colher.*

Deodoro, que começou muito interessado em desvendar os pensamentos da mulher, começou a aborrecer-se.

*Desse tipo, conheci muitas que vinham parar no confessionário. Queriam o perdão dos maridos. Sempre desconfiei de que estavam mentindo, que os sujeitos não tinham as virtudes apregoadas nem eram tão comedidos nos vícios. Se me diziam que estavam desempregados, logo achava que era um modo de ficarem gazeteando vida afora, às custas dos sacrifícios das mulheres e dos filhos.*

Voltou-se para João:

— Meu caro, essa mulher trabalha como médium?

— Sim.

— E ela não sabe que o plano da espiritualidade pode espiar o que faz o marido, sabendo exatamente qual é o sentido de sua atitude?

— Desconfia, mas pensa que ele é sincero, tanto que não há muita malícia na solicitação dela. O que se passa em seu íntimo, como ela nos disse, é mais vergonha do que outra coisa. De qualquer jeito, faz o que pode nas sessões e desenvolve um bom ritmo mediúnico, dando passividade e exprimindo as ideias e sentimentos do irmão desencarnado com muita propriedade. Você vai ver.

Nesse momento, chegava outro encarnado, muito mais ativo, parecendo responsável pelos acontecimentos no interior da casa de assistência espiritual. Foi logo procurando o escritório em que estavam os livros da instituição, passando a conferir uns papéis em que se registravam diversos dados acompanhados de cifras. Pegou uma caixa cheia de fichas, perpassando uma a uma, acompanhando com as folhas, acrescentando números, como se registrasse pagamentos de associados.

Deodoro queria ouvir-lhe os pensamentos, mas João observou:

— Não vale a pena, porque está preocupado apenas com os aspectos materiais da entidade.

— Mas isso pode revelar se existe ambição, se deseja lucro, se está atento para as contribuições segundo o poder econômico dos associados.

— Você está querendo cotejar com a sua atitude ao conferir as espórtulas e contribuições do tempo em que era pároco. Pois bem, vamos penetrar-lhe na intimidade dos pensamentos, apenas no que corresponder aos anseios em prol da casa. Certo?

— Mas se estou interessado, como você mencionou, em comparar com os meus próprios desejos daquela época, será muito elucidativo conhecer se um espírita participante da administração do centro está contabilizando créditos para si mesmo.

— Você faz referência ao fato de ele estar fazendo retiradas em dinheiro, desfalcando o centro, ou está interessado em avaliar se ele está preocupado em exercer influência sobre os guias da entidade, demonstrando sua lisura e oferecendo o acréscimo de cuidados em função de futuro resguardo de seu espírito, quando regressar ao plano da espiritualidade?

— A bem da verdade, gostaria de examinar o nível de honestidade com que exerce a gerência.

- Não seria mais conveniente que me perguntasse?
- Se for mais conveniente, diga-me.
- Temo que você seja descoberto, porque o sujeito é perito em reconhecer quando está recebendo a vibração do etéreo.
- Quer dizer que ele poderá saber que alguém o está vigiando de perto?
- Quer dizer que ele sabe quando alguém deseja testá-lo, atormentá-lo ou obsidiá-lo. Sabe também quando existem perturbadores ou quando se encontra no âmbito de vibração dos espíritos benfeitores e protetores. Quando não consegue definir as sensações mediúnicas, vai logo perguntando, durante a sessão, o que se passou naquele momento, obrigando o pessoal a fornecer as informações, as quais, é óbvio, têm de ser verdadeiras.
- Se não forem, você vai me dizer que ele consegue descobrir o engodo. Não é isso mesmo?
- Mas não tire a conclusão de que todos os administradores dos centros espíritas têm as suas faculdades igualmente desenvolvidas. Contudo, todos, sem exceção, confiam nos seus benfeitores e trabalham em harmonia com os programas dos grupos de assistência espiritual.
- O fato de você não me permitir aproximar-me dele significa, então, que você está exercendo o seu trabalho de protetor?
- Exatamente. E, se você ainda não percebeu, não se trata da pessoa dele, mas do papel que irá desempenhar logo mais, durante a reunião. Se tivéssemos acompanhado o seu dia, teríamos verificado que hoje se absteve de todos os hábitos menos salutares, ao contrário do outro, evitando, inclusive, os pensamentos menos edificantes, pondo todas as pessoas de seu relacionamento na posição de seres em desenvolvimento, solicitando continuamente aos do etéreo que esclarecessem os desvios de conduta de cada personagem que lhe pareceu não totalmente moralizado, requerendo, ainda, que os possíveis obsessores fossem trazidos para a reunião, possibilitando, através de seu trabalho de doutrinador, o apaziguamento dos furores, vamos dizer assim, que avassalam os que cultivam o ódio e a malquerença. Se fosse para benefício do progresso dele, nós iríamos escolher um espírito com determinadas características, para lhe propiciar a oportunidade da reflexão e da atuação evangélica correspondente. Mas este nosso amigo já se encontra provado suficientemente. Se você conhecesse a história de seus sessenta e cinco anos de vida, iria verificar quantas desgraças físicas e morais precisou vencer para manter a postura equilibrada a serviço dos sofredores.
- Seria possível esclarecer-me se existem grupos de protetores igualmente preocupados com outras pessoas da mesma forma honestas e sofredoras, fora do círculo da doutrina espírita? Por exemplo, o Papa, que deve produzir uma administração universal, estará resguardado contra as sugestões maldosas dos seres menos perfeitos?
- Não espere de mim todas as respostas. Se você quer que lhe diga em tese, irá obrigar-me a um exercício inútil, dado que você tem melhores condições do que eu para a transferência do que lhe disse para outras circunstâncias, como você mencionou, *da mesma forma honestas e sofredoras*. Contudo, no caso do Papa, somente indo lá observar para inferir a respeito do que se passa no Vaticano. Você sabe o que é aquele mundo?
- Terá você deslindado em minha aura que trabalhei lá com a função de assessorar nos assuntos específicos relacionados com a América do Sul?



— Não me preocupe, porque não estou afeito a tratar com pessoas que chegaram a ter tanta influência na carne. Você está sendo um permanente agulhão a me causar as mais agradáveis surpresas.

— Permita-me uma correção. Fui professor e tenho o costume do ensino. Você empregou o termo *agulhão* de forma imprópria. Pelo sentido da oração, cabia melhor *estímulo, incentivo*. *Agulhão* também possui esse significado quando em sentido figurado. No entanto...

— Vejo que o irmão não está se sentindo totalmente senhor de seus reflexos mentais. A palavra incorreta foi *surpresas* que deveria ser trocada por *pesquisas, indagações, investigações, buscas*. Sabe a razão de seu titubeio? Eu explico. É que está começando a se ver envolto pela necessidade de executar a tarefa de redação que lhe foi passada. Penso que as pessoas que chegaram em primeiro lugar representam o alfa e o ômega das possibilidades de comportamento dentro do espectro das personalidades com exercício mediúnico dentre os que vão reunir-se hoje. Recomendo-lhe, pois, Monsenhor, que se concentre na redação. Estarei vigiando para que não seja estorvado.

— Deus lhe pague, meu amigo!

Ato contínuo, apanhou um caderno de anotações em que borrara muitos rascunhos para futuras consultas, quando fosse redigir a obra que tomava alento em sua mente. Quando desejou folhear, verificou que as recordações ali impressas adquiriam um tom amarelecido, como se a tinta estivesse a esvair-se.

*Estarei sendo conduzido pelos protetores para a consecução da mensagem, de modo que estão indicando-me que não devo perder-me na simples lembrança dos episódios?*

Como não obtivesse resposta a sua provocação... De repente, desejou ajustar essa palavra ao texto do *agulhão* (*provocações podem causar agradáveis surpresas*), mas obrigou-se a resistir à vergonha de ter sido justamente emendado quando se punha a censurar. Faria disso a coluna de sustentação de seu texto. E passou a escrever:

*“Meus irmãos:*

*“Temo não ter muita coisa importante para escrever-lhes que não se encontre registrado nas obras de Allan Kardec. Contudo, posso dizer-lhes que a minha experiência como sacerdote católico, na última existência carnal, me fez ainda mais crente na bondade e na infinita misericórdia de Deus. É que esperava o Paraíso, tão adiantado me encontrava na hierarquia da Igreja. Achei-me no Purgatório, num lugar de sofrimento moral bastante adequado para quem não foi um pecador inveterado. Se tivesse caído no Inferno, que vocês chamam de Trevas e para o qual ainda existe esperança, ao contrário da tese das penas eternas, teria dito ao Senhor que estaria sendo injusto.*

*“Ora, se eu, que me enganei tanto no sentido de não considerar a hipótese da continuidade da existência segundo padrões parecidos com os terrenos, fui apaniguado com o benefício das explicações de meu bom protetor, imaginem vocês que conhecem a Doutrina Espírita, como serão recebidos em glória, caso se atenham a uma vida moralizada conforme as recomendações de Jesus e de acordo com os roteiros fornecidos a Kardec pelo Espírito de Verdade.*

*“Prossigam fazendo o bem aos necessitados dos dois planos, seja o da carne, trabalhando com amor na doação de alimentos, agasalhos e até de dinheiro, segundo a*

*precisão de cada um, e explicando os pontos essenciais da teoria espírita; seja o do etéreo, executando com muita dedicação os dons da mediunidade, para explicação e doutrinação dos espíritos faltosos, ainda em débito para com a confiança que neles foi depositada pelos amigos e superiores.*

*“Vocês não sabem como é triste pensar que se está certo para, depois, um João-ninguém qualquer, uma pessoa que conhecemos em vida e que nos parecia tão pobre espiritualmente, vir mostrar-nos que erramos e que a verdade não é bem aquela sob que vivemos a vida toda, que ensinamos e pregamos em sermões, através dos quais, inclusive, censuramos os paroquianos de estarem encaminhando-se para as reuniões em que procuravam conversar com os parentes mortos.*

*“Perdoem este velho por vir dizer-lhes coisas tão insignificantes para os que estudam Kardec de todo o coração, para viverem Jesus. Saibam, porém, que sob este teto tão humilde, verdadeiro Tugúrio do Divino Amor, vocês estão sob a garantia do melhor agasalho do Senhor.*

*“Deus nos abençoe a todos.*

*“Graças a Deus!”*

Quando terminou, mentalizou a figura de Tomé, chamando-o a distância, sem alarde. Não demorou para o outro tomar conhecimento do texto, fazendo-lhe alguns reparos mas enaltecendo a objetividade com que Deodoro atendera aos seus conselhos:

— Acho que o médium poderá apresentar algumas dificuldades para transcrever certos vocábulos, porque não tem o domínio gramatical do Professor. Mas não vou pedir-lhe para mudar nada, a fim de que constate quais são as dificuldades que enfrentarão os médiuns que o atenderem, uma vez que sua cultura ultrapassa de muito os limites do padrão educacional dos psicógrafos em atividade nos centros espíritas de periferia, vamos dizer assim. É claro que você irá deparar-se com professores, médicos, advogados e até alguns sacerdotes enrustidos...

— Como? Padres como eu, trabalhando como médiuns? É novidade das grossas.

— Não são poucos, mas não visitam entidades organizadas, agindo, preferentemente, em residências de confiança e nos salões das casas paroquiais, na companhia de pessoas que mantêm o espírito aberto para as palavras ponderadas dos benfeitores que, não raro, se fazem passar por anjos e arcanjos.

— Pois eu mesmo havia sugerido, com o que o meu amigo João aqui concordou, como ponto básico para o desenvolvimento das teses espíritas nos meios religiosos fora dos centros espíritas que se dessem as informações através dos anjos.

— Claro que são espíritos de bom nível que se manifestam, mas são tomados como anjos, porque só acentuam os procedimentos da maior moralidade. No seu caso, se você se encontrar com algum psicógrafo nessas circunstâncias, *data venia* do protetor, assine a sua mensagem, assinalando a sua condição de ex-monsenhor. Aliás, quando for convidado a declinar o seu nome hoje, não se aborreça se *Deodoro* for transformado em *Teodoro*, porque o nosso médium, como você deve ter percebido pelos meus cuidados, não é absolutamente mecânico.

Gostaria Deodoro de prosseguir conversando, mas Tomé pediu licença para cuidar de seus afazeres.

Nesse momento, voltavam Joaquim e Eugênio, velando pela boa vontade do médium convencido a comparecer a uma reunião que detestava. Era visível o mal-estar que sentia, percebendo que o clima espiritual do centro estava preparado para os infelizes.

Deodoro foi ouvir a conversa entre Salgado e Onofre, o recém-chegado.

— Olá lá! Você por aqui? Que acontece?

— Não tenho a mínima ideia. De repente, me veio à cabeça que estavam precisando de mim no centro.

— Você é sempre bem-vindo!

— Mas eu não gosto de ver os meus parceiros se contorcendo, se esgoelando, se debatendo. Sempre achei, e disso não faço segredo, que a incorporação deve ser suave, com inteiro domínio pelo encarnado dos esgares mentais das figuras fantasmagóricas que precisam ser domadas.

— Tanto sei que você é dos calmos que nunca fiz questão que viesse à desobsessão. Mas como veio espontaneamente...

— Não acho que foi muito *espontaneamente*. Vim a contragosto, porque estava psicografando em casa...

— Você sabe que não recomendamos que trabalhe sozinho.

— Tudo o que escrevo eu ponho à disposição dos diretores e palestrantes. Mas vocês não leem. Eu acho que não querem que os psicógrafos trabalhem em casa porque depois vêm com seus calhamaços e vocês não têm tempo, para não dizer outra coisa, para a leitura. Pois Kardec não só lia o que os médiuns da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas escreviam em particular, como também solicitava a eles que o fizessem com método e discernimento.

À vista do silêncio do amigo Salgado, Onofre prosseguiu:

— Pois eu estava escrevendo, quando me veio uma frase que tive de escrever três vezes: *o dever, às vezes, está em atender ao chamado para ir ao centro*.

— Isso é novidade. Eles não poderiam escrever lá mesmo? Ou estão concordando com as nossas recomendações para só escrever aqui?

— E eu não perguntei? Foi aí que escrevi a mesma frase pela segunda vez. Sabe qual foi a provocação que me obrigou a terceira escrita? Pois eu fui deitar e aí me veio um verso. Imagine só, que beleza: um verso! Mas, ao pegar o lápis, lá veio *o dever* etc., em forma de verso: *Às vezes, o chamado é um dever: ao centro debes ir para atender*.

— Rimou e é verdade.

— Se você contar as sílabas e verificar a acentuação, vai ver que são dois decassílabos heroicos. Mambembes, mas são.

— Pois vamos ver o que eles estão planejando para você. Você se senta na mesa geral ou quer ficar numa mesinha ao lado?

— Se for possível, ponha a minha luminária num canto da sala. Prometo que não vou atrapalhar ninguém.

Quando chegaram ao salão, já se encontravam mais três médiuns. Meia hora mais tarde, Salgado, na qualidade de doutrinador e dirigente da sessão, abriu os trabalhos:

— Peço aos amigos da espiritualidade que nos ajudem neste serviço em prol dos sofredores. Os médiuns devem concentrar-se, enquanto eu leio um texto d'*O Evangelho*.

Aberto o livro (acaso ajudado por Francisco, que influenciava os movimentos do encarnado), Salgado leu uma comunicação de Santo Agostinho, no item vinte três do capítulo vinte e sete, que vinha a calhar para a turma de sacerdotes presentes:

*“Venham, vocês que desejam crer: os Espíritos celestes acorrem e vêm anunciar-lhes grandes coisas; Deus, meus filhos, abre seus tesouros, para lhes oferecer todos os benefícios. Homens incrédulos! Se vocês soubessem quanto a fé faz bem ao coração e leva a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! Quão tocantes são as palavras que saem da boca na hora em que se reza! A prece é o orvalho divino que destrói o enorme calor das paixões; filha mais velha da fé, ela nos traz à senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, vocês estão com Deus; para vocês, não existe mais mistério: ele se desvenda para vocês. Apóstolos do pensamento, para vocês é a vida; sua alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos não conhecem. Avancem, avancem, nas sendas da prece e vocês ouvirão as vozes dos anjos. Que harmonia! Não é mais o ruído confuso nem são mais os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais leves que as brisas da manhã, quando se divertem na folhagem de seus grandes bosques. Em quais delícias não avançam vocês! Seus idiomas não conseguem definir essa felicidade, tanto ela adentrará por todos os poros, tanto a fonte em que se bebe ao orar é viva e refrescante! Doces vozes, inebriantes perfumes que a alma ouve e sorve, quando se arremete a essas esferas desconhecidas e habitadas, através da prece! Sem mescla de desejos carnis, todas as aspirações são divinas. E vocês também, orem como Cristo levando sua cruz ao Gólgota, ao Calvário; levem sua cruz e vocês sentirão as doces emoções que passavam por sua alma, apesar de carregado com um madeiro infamante; ele ia morrer, mas para viver a vida celeste, na morada de seu Pai.”*

E acrescentava o pastor dos espíritos, incentivando os médiuns, volvendo o olhar várias vezes para o psicógrafo mais ao longe:

— Vamos evitar os ruídos confusos e as vozes gritantes. Vamos ouvir as liras de nossos corações em coro com os anjos que nos amparam e nos estimulam a receber os nossos irmãos sofredores. Vamos esquecer os nossos desejos carnis e as nossas aspirações de grandes feitos mediúnicos. Se as mensagens que nos chegam são honestas e vibram segundo as doces emoções do Cristo indo com a cruz ao Calvário, não importa que sejam em versos ou em prosa, desde que sejam para nosso adiantamento e para a nossa reflexão. Neste ambiente protegido pelos amigos do etéreo, devemos nos sentir como na morada do Pai e trabalhar com muito amor pelos sofredores que nos são trazidos para receberem as explicações de que necessitam. Recolham-se mentalmente, recebam os fluidos dos mentores da casa e ouçam o pai-nosso, dando valor a cada palavrinha, a cada ideia, perdoadando os inimigos e desejando verdadeiramente que prevaleça a vontade do Pai sobre a nossa.

Enquanto orava, Eugênio, auxiliado por alguns técnicos, ultimava os preparativos para incorporar num dos médiuns um menino de cerca de doze anos de idade, ainda perturbado pela estúpida morte provocada por superdose de cocaína. Em seguida, deu-se a comunicação do suicida levado pela turma de Deodoro. Enquanto isso, Onofre escrevia uma página ditada por João.

Do lado de fora, havia uma verdadeira batalha campal, porque uma leva de infelizes desejava invadir o centro, para resgatar Rodrigues. Mas a luta era desproporcional, porque os pretensos invasores mais queriam perturbar do que realizar um ataque organizado, divertindo-se com o fato de o requerente preso estar precisando da ajuda deles para sair das mãos dos *santinhos de presépio*, os socorristas.

Deodoro, liberado para observar tudo o que ocorria, deixava escorrer lágrimas de profunda comoção, entendendo a grandiosidade do momento em tarefa que lhe parecia simples rotina na vida dos protetores e dos encarnados. Reconheceu, naquele trabalho evangelizado pelo amor em nome do Cristo, a sublimidade da salvação que transformara um dia no ideal de sua vida. E compreendeu que poderia ter feito muito mais, despertando para a inutilidade das glórias eclesiásticas.

Francisco, para quem nada ficava despercebido, aproximou-se dele e o intimou a restabelecer o equilíbrio emocional:

— Meu amigo, é bom que se comova toda vez que perceber que outro deveria ter sido o procedimento. Mas não adquira motivos para novos arrependimentos, porque a você está destinada importante missão. Você tem um texto para ser transmitido. Fique ao lado do médium e analise com o maior sangue-frio como é que se dá o processo de imantação. Não se dê por vencido, se as suas sugestões lexicais e frásicas não se configurarem segundo os preceitos mais rigorosos da gramática. Mais tarde, você terá ensejo de observar outros médiuns escreventes e atribuirá ao amigo Onofre uma nota bem mais alta do que a que tenderá a dar-lhe logo após a transmissão.

O discurso se deu num átimo, mas Deodoro foi capaz de assimilá-lo completamente. Avaliou a sua reação e achou-a até meio infantil. Deixou de lado os comentários desairosos que ameaçava destacar contra si mesmo e resolveu que seria bem mais proveitoso voltar à objetividade de sempre.

— Preciso aprender a conviver com as decaídas morais, porque hão de ser muitas doravante.

Pôs-se ao lado de João, que terminava o seu texto, e passou a examinar as ligações fluídicas entre o emitente e o receptor.

Findo o ditado, designado por Eugênio, aproximou-se outro espírito, que, aproveitando-se da mesma medida de onda através da qual João vinha influenciando o pensamento do médium, rapidamente passou a transmitir a sua mensagem. Notou Deodoro que de Onofre partiam fortes fluxos de alegria, a se refletirem na expansão da aura, como se quisesse abarcar o mistério todo.

*Deve ser por causa do texto*, refletiu o sacerdote e, curioso, aproximou-se da escrita que se desenvolvia rápida. Leu:

#### **Para quem atende ao chamado**

*Apenas uns versinhos, nada mais,  
Para justificar a sua vinda.  
Não queira que esta trova seja linda,  
Mas não dispense a prova que ela traz.*

*A vida, cá no eterno, sendo infinda,  
Promove o sentimento que jamais  
Há de saber o humano ser capaz  
Da perfeição do evento, na berlinda.*

*Por isso, a insegurança desta rima,  
Que não parece tola nem completa.  
Mas, se lhe revelar a minha estima,*

*Compreenderá você que sou poeta,  
Com certeza, incapaz duma obra-prima,  
Mas pronto p'ra explicar o que lhe inquieta.*

O texto em versos quase transtornou o médium, que, eufórico, não parava de buscar na mente as melhores palavras de agradecimento pela deferência da transmissão especialíssima, tanto rogara até então para que algo assim pudesse acontecer-lhe. Fazia alguns reparos sem consistência, julgando que a censura a respeito da qualidade dos versos só poderia vir de um espírito não totalmente evoluído, pelos padrões que requeria dos espíritos de luz. Em todo caso, era uma clara demonstração de que, se volvesse a se oferecer ao trabalho naquela seara, talvez colhesse frutos ainda mais saborosos. Mais calmo, pegou um lápis apontado e firmou a mão e o pensamento para receber outra mensagem:

*Pode ser em prosa mesmo, que hoje já ganhei o dia.*

Foi a vez de Deodoro se apresentar. Ajeitou-se como pôde, recebeu a ajuda de Eugênio, que cuidou dos aspectos técnicos do ajuste do comprimento de onda das vibrações, enquanto Tomé e mais dois companheiros estabeleciam o equilíbrio magnético em torno da dupla em fase de concretização da passagem do texto. Começou bem devagar, a ver como é que repercutiam no cérebro do encarnado as suas palavras. Não teve dificuldade em fazê-lo registrar a evocação. Enquanto isso, Everaldo assumia a palavra e recitava o breve discurso que preparara, na voz de uma das médiuns:

— Meu nome é *Beraldo*. Padre *Beraldo*. Fui trazido até este ambiente de muita luz, para profetizar que o dia de hoje está sendo de muito bom proveito para todos os sofrendores e doutrinadores, que conseguem progredir com os conselhos do nosso grande amigo Salgado. Sei muito bem que muita gente exige de nós mais concentração e maiores informações sobre a vida que estão levando os parentes queridos, que muita saudade estão provocando nos corações dos médiuns presentes. Sei também que muitas pessoas estão aguardando notícias de entidades recentemente despojadas da carcaça física. Pois eu acho que vocês devem contentar-se com o próprio serviço que estão desempenhando, sem pedidos extravagantes, porque a turma que cuida do movimento no campo da espiritualidade tem os seus motivos para não atenderem a todos, porque muita coisa não passa de curiosidade, sem nenhum aproveitamento sério, qualquer que seja a resposta, uma vez que tudo pode ser entendido, caso sejam estudados os livros de Kardec, principalmente *O Evangelho*. Hoje está presente um grupo de padres, conforme o médium vidente está observando, que vieram aprender a trabalhar dentro de um centro espírita.

Aqui é bem melhor que dentro das igrejas, porque os padres, quando vivos, não gostam de conversar com os mortos, mas, depois que morrem, correm para ajudar os vivos, conforme o texto que o irmão Salgado leu, produzido pelo espírito de Santo Agostinho, que foi padre em seu tempo. Eu quero agradecer o esforço dos irmãozinhos desta maravilhosa mesa e dos protetores da casa de assistência que nos permitiram, com muita alegria, que aqui comparecêsemos. Perdoem se a gente não tem os meios de responder aos pedidos e me despeço em nome de Jesus, dando-lhes a bênção e prometendo deixar a água da jarra fluidificada. Fiquem com Deus e com a Virgem Maria. Que São José possa um dia comparecer a esta reunião para trazer mais luz aos espíritos dos irmãos encarnados e desencarnados. Graças a Deus!

Evidentemente, Everaldo, ao contrário da suposição de que iria ganhar confiança após a manifestação, ficou fortemente contrariado com os acréscimos, adulterações e supressões que a médium realizou em sua fala. Mas foi contido por Francisco, que lhe pediu:

— Guarde as recriminações e observações, que hão de ser muito úteis quando analisarmos cada pequenino aspecto modificado. É interessante para você ajudar na sustentação do equilíbrio fluídico da imantação levada a efeito por Tomé e auxiliares, buscando inculcar na mente a necessidade de conter os impulsos emocionais que afloraram. É exercício de vulto, para o qual lhe recomendo que se lembre da exaltação à prece feita por Agostinho e lida pelo doutrinador humano. Sei que você conseguirá.

E mais não disse, preocupando-se em realizar a aproximação de Antônio Rodrigues do médium mais adequado para a recepção dos em piores condições.

Nessa altura, Deodoro havia terminado a transmissão, exultando com a *performance* do amigo encarnado. Mesmo em estado de encantamento, pôde verificar que todos os infelizes já haviam sido levados embora, restando somente Antônio Rodrigues, fortemente atado em cordéis fluídicos, e um assistente na plateia, amparado por três entidades, todos admitidos naquele exato instante para presenciarem o último ato da sessão. Ao ser quase desfalecido ligava-se um cordão luminoso que se perdia para fora do anfiteatro.

*Haverá tempo para perguntar quem é o sujeito em pauta?*

Respondeu-lhe à inquirição mental João, que não saía de seu lado:

— É um internado na unidade de terapia intensiva de um hospital aqui perto, em agonia de morte, que precisa saber, o quanto antes, que merecerá o beneplácito do auxílio dos amigos que o receberão no etéreo. Nada melhor do que demonstrar-lhe como são tratados os mais perigosos, para que não se evada, assim que se reconhecer na condição de falecido. Não lhe conheço a história, mas deve ser digna da pena de algum romancista, porque emite uma série completa de informações telepáticas, cheias de lucidez e de terríveis e contrastantes sentimentos de culpa. Você é capaz de traduzir algum elemento que lhe chegue aos aparelhos sensitivos do perispírito?

— Vejo que tem medo e que espera sobreviver aos ferimentos de bala no abdômen. Mas não vou interessar-me por sua vida, se você, meu caro João, desejou incrustar-me na mente o desejo de retratar os feitos de semelhante criatura.

— Mais tarde, vou explicar-lhe por que agi assim. Agora, vamos prestar atenção aos trabalhos que se concentram no obsessor do suicida. Observe que Francisco está operando

através de Salgado e que Tomé busca intensificar os fluidos energéticos de contenção da voluntariedade do atendido. Por outro lado, Eugênio está com enormes dificuldades para encontrar o ponto de contato entre o fluxo de onda do médium e do espírito, tanto as ondas se distanciam, porque é muito difícil de achar no meio espírita uma pessoa capaz de liberar o seu organismo perispiritual para a transmissão sacrificial dos pensamentos e sentimentos dos seres mais infelizes.

— Agora estou entendendo verdadeiramente por que demoramos tanto para chegar até aqui. Os preparativos deviam prever várias consultas a respeito da categoria do ser que se aprisionara. Não é trabalho de pequena monta, por certo.

— Em todo caso, não estão precisando de nós dois ou já teriam solicitado que calássemos, apesar de não estarmos, de forma alguma, interferindo, quer na imantação, quer na mediunização, quer na doutrinação. Veja que o médium percebeu que vai ser tomado por vibrações muito intensas e busca atenuar os efeitos morais que esse conhecimento lhe provoca. Sabe que sua participação é muito importante, conhece o valor evangélico do serviço que presta e procura ajudar da melhor maneira, temendo, todavia, que suas forças sejam insuficientes para aguentar o choque contra o padrão energético a que está habituado. Conheço o rapaz e sei que muitas vezes prestou relevantes serviços à causa socorrista, mas este assistido, particularmente, está numa faixa de atuação mental muito próxima do desespero só provocado pelas grandes iras, pelas tremendas vinditas, pelas absurdas iniciativas da maldade. Quer conhecer um pouco da história do relacionamento entre obsessor e obsidiado?

— Dá tempo?

— Como sempre o tempo é relativo. Somos capazes de desenvolver uma velocidade próxima daquela da luz, se nos concentrarmos nos pontos de interesse. Caso contrário, levamos os nossos espíritos no diapasão oferecido pelo emprego energético orgânico dos mortais, segundo as tarefas que estão sendo desenvolvidas pelos médiuns e pelo orientador da sessão. Você decide.

— Da mesma forma que não aceitei o enredo do que está vivo, não vou querer saber o que se passou entre os desencarnados, ainda que a perseguição tenha sido originada há dois mil anos, quando um soldado romano invasor raptou a mulher e as filhas de um pobre gaulês, dando-lhe morte perversa, lucrando com a venda delas no mercado das escravas brancas.

— Bom, uma parte dos acontecimentos você já descobriu. Mas como você não se interessa pelo desenvolvimento da ação...

— Desculpe, amigo João, mas não está na hora destas tertúlias quase literárias, ainda que tenha corrido muito sangue. São peripécias que não atraem um teólogo empedernido. Prefiro saber como é que se irá convencer o malvado... Afinal, Antônio Rodrigues é o gaulês ou é o romano?

João não conteve um sorriso compreensivo e informou:

— É o gaulês, que se encheu de ódio e vem perseguindo o outro desde seu primeiro regresso ao etéreo.

— Mas, em dois mil anos, não teria havido tempo para a reconciliação?

— Tempo, sim; vontade, não. Você não deve esquecer-se das paixões raciais, dos revides, dos atos de justiça pelas próprias mãos, do sofrimento que se renovou a cada



encarnação. Você ouviu as recomendações ao suicida, quando de seu tratamento há pouco?

— Perdi, entretido com outros aspectos da reunião.

— Não tem importância. Tudo poderá ser rememorado auditiva e visualmente pelo método de transmissão telepática ou por projeção etérea. Mas foi fundamental para ele que aceitasse acompanhar os socorristas para internação em hospital para tratamento das infecções perispirituais provocadas pela supressão da própria vida, mesmo quando sob intensa influência de inimigos do nosso plano.

Todo o diálogo não levara mais do que alguns segundos, tempo destinado por Francisco para acomodação do espírito de Antônio Rodrigues para o ato mediúnico.

Ao contrário do que se poderia esperar de quem anteriormente demonstrara bastante afabilidade no trato com o pessoal do socorro fraterno, agora, prestes a receber o influxo energético que o impulsionaria para a mesma frequência do médium, ajustamento produzido por todo o grupo sob orientação de Eugênio e sob a tutela da turma de Tomé, Antônio Rodrigues pôs-se a vociferar, com o claro intuito de ser repellido pelo médium. Entretanto, aplicada-lhe foi boa dose de anestésico, que é o produto análogo entre os mortais, para que atenuasse a força e se sentisse mais tranquilo, principalmente no sentido da promessa latente de que seria libertado assim que obtidas fossem as informações para tratamento de algumas nódoas bastante visíveis em seu perispírito, depois que transgrediu as normas da hospitalidade superior que vinha recebendo.

— Vocês estão sendo sinceros quando me afirmam que não pretendem forçarem-me a apertar a mão daquele safardana? — perguntou diretamente a Francisco, referindo-se ao suicida.

— Promessa, para nós, como dizem os humanos é dívida de honra. Iremos deixá-lo livre tão logo seja dispensado pelo dirigente da sessão.

— Esse aí sabe menos do que eu. Por que não fazem vocês mesmos as tais perguntas?

— Primeiro, queremos instruir o amigo Deodoro nas técnicas mediúnicas, bem como oferecer aos encarnados mais uma oportunidade de ajudar-nos. Absolutamente não estamos desejosos de comparações entre os seus conhecimentos e os dele. Responda às perguntas que lhe fará, simplesmente.

— E se quiser saber coisas que não têm nada que ver com o exercício da função mediúnica?

— Aí, na qualidade de orientador geral dos trabalhos, interferirei. Digo mais, vou postar-me junto a ele, para induzi-lo apenas às perguntas essenciais que nos interessam para os serviços de benemerência que prestamos à comunidade dos irmãos sofredores.

— Eu sou sofredor...

— Todos somos, num grau ou outro. O que aguarda por você é um momento de paz, se se resignar a nos orientar naquilo que lhe pleitearmos.

Vendo que Rodrigues desejava adiar o mais possível a transmissão dos pensamentos e sentimentos, Francisco cortou-lhe a capacidade de falar, empregando-lhe uma mordaza vibratória, acompanhada de fricção fluídica sobre o ponto correspondente ao *chakra* coronário, para acalmar-lhe a reação de rebeldia.

Percebendo que estava nas mãos da pequena milícia armada e que os apelos aos de fora não surtiram efeito, Antônio submeteu-se à corrente que o prenderia aos órgãos perispirituais do médium, correspondentes à audição e à elocução coerente dos pensamentos, sendo contido, contudo, em grande parte, no que dizia respeito às vibrações emocionais.

Coube-lhe a primeira fala, por meio do aparelho fonador do médium:

Médium: Cá estou.

Salgado: Deus o abençoe, irmão! Qual é o seu nome?

Médium: E isso importa?

Salgado: Faz parte das boas maneiras.

Médium: Boas maneiras, *uma ova!* Estou aqui todo amarrado e sedado. Meus amigos foram impedidos de entrar. Querem, isto sim, é me torturar.

Salgado: Posso perguntar por que fariam isso com você?

Médium: Perguntar você pode. Responder são *outros quinhentos!*

Salgado: Nesse caso, se você tem alguma pergunta que deseje fazer, nós procuraremos atendê-lo.

Médium: Não sei se vocês teriam condição sequer para entender o que vou perguntar. Em todo o caso, lá vai. Quem é mais sábio destes dois: Jesus ou Kardec?

Salgado: Se eu lhe responder Jesus, você vai dizer que os conhecimentos científicos de Kardec, pelo menos os demonstrados em sua obra, estão muito mais avançados do que os que se encontram nos quatro **Evangelhos**. Se eu responder que é Kardec, vai me dizer que estou ofendendo o Senhor, que, nem por não ter escrito nada, não seria menos desenvolvido que Kardec em nenhum aspecto. Mas vou dizer-lhe, afirmando categoricamente, que a sua questão revela que você conhece o cristianismo e tem noções do espiritismo. Sendo assim, estou a perceber que existe muita malícia em sua proposta. Será isso fruto da meditação que levou a cabo a respeito das lições de Jesus e dos ensinamentos de Kardec?

Médium: Ainda bem que você é esperto o suficiente para não cair em minha armadilha.

Salgado: Por que cairia? Você veio com o intuito de me provocar. Pensa que não sei que você sabe que não temos mais do que três quartos de hora de reunião e pretende levar a conversa em banho-maria, até esgotar-se o tempo, saindo daqui do mesmo modo que entrou?

Médium: Se você for bom observador, irá verificar que eu falei bem menos. Você é quem está se estendendo...

Salgado: Então, me responda a uma simples pergunta. Você está preso porque, se não estivesse, iria fugir ou perturbar as comunicações dos irmãos que o precederam?

Médium: Pelo menos uma coisa devo reconhecer: você não me trata como um ignorante qualquer. Respeita a minha desenvoltura intelectual, a minha inteligência. Quando estiver sozinho, vou propor-lhe que entre no meu time. Você vai ver que terá um cargo que corresponde ao seu valor.

Salgado: E qual o preço que deverei pagar?

Médium: Quase nada. Basta estar preparado para ir trabalhar nos locais que eu indicar.

Salgado: Posso saber aonde deverei ir?

Médium: Gosto desses circunlóquios dos *posso, devo, gostaria* etc. Revela que você tem tato.

Salgado: Agradeço o elogio mas devo preveni-lo de que estou acostumado com esse tipo de cortina de fumaça para me desviar da função de pregador da moralidade segundo os preceitos cristãos. Sendo assim, vou dizendo-lhe, desde já, que as portas desta casa estão abertas para quando você quiser estudar as boas maneiras de quem respeita os semelhantes e ama a Deus acima de tudo. Você atribui algum valor a essas ideias e aos sentimentos correspondentes? Ou vive imerso em profundo ódio, cheio de preguiça diante da necessidade de contornar os caminhos dos malfeitos? Veja que estou falando de forma bastante atenuada, procurando não ofendê-lo, conquanto tenha a certeza de que você é o sujeito que induziu aquele companheiro à prática do atentado contra a própria vida. Se isso não for perversidade, então desconheço as ações vis dos que apenas prejudicam os semelhantes. Se você quiser responder-me exatamente à questão que lhe propus, pode falar. Se quiser vir com rodeios astuciosos para me engodar, então fique calado, ouvindo a prece que realizaremos em sua intenção, solicitando aos benfeitores espirituais que o ajudem a superar esta fase de profundo vilipêndio da obra do Senhor.

Sem dar trela a que o outro pronunciasse palavra, Salgado orou um pai-nosso, rogando intimamente que Francisco lhe desse as coordenadas para que pudesse, pelo menos, encasquetar na cabeça do sofredor que estava agindo em prejuízo de seu próprio desenvolvimento espiritual.

Francisco: você está indo bem. Deve apenas enfatizar o fato de que Jesus curou os leprosos e os insanos. Ele entenderá que existe remédio para os seus males.

Deodoro (a João): Não está havendo excesso de condescendência para com espírito tão desequilibrado? Não teria sido melhor empregar palavras mais diretas, apontando as falhas dos conceitos morais, dando os verdadeiros nomes às ações malignas do outro? Não me resta dúvida de que é falso, mentiroso, raposa, odiento...

João (a Deodoro): Se você prestou atenção no pedido do doutrinador, reconhecerá que o trabalho de evangelização desse espírito (como, de resto, de todos nós) deve iniciar-se por uma mudança íntima provocada pela própria pessoa, depois de avaliar os prejuízos que tem de arcar por perseguir os irmãos que tem na conta de inimigos.

Terminada a prece, prosseguiu o diálogo:

Médium: Agradeço a sua reza, mas duvido que alguém possa fazer alguma coisa por mim.

Salgado: Vamos pensar de forma absurda. Se Jesus viesse em seu socorro, você teria ou não certeza de receber ajuda?

Médium: Jesus lá está preocupado comigo?

Salgado: Posso entender a sua resposta como de respeito ao poder de cura do Cristo?

Médium: Eu não vi nenhuma cura praticada por ele.

Salgado: você só acredita naquilo que seus olhos veem? Você conhece a passagem bíblica relativa ao apóstolo Tomé que só acreditaria que Jesus havia ressuscitado, se visse o Mestre e lhe tocasse as feridas?

Médium: Não siga por esse caminho. Nós ficaríamos discutindo a noite toda e você não tem tempo para isso.

Salgado: De novo, devo reconhecer em sua observação um sim, ou seja, que você só acredita vendo, mas conhece a passagem a que me referi?

Médium: você pergunta e você mesmo responde. Por mim, pode continuar assim.

Salgado: Então preste atenção. Vou dizer-lhe que Jesus não consegue atender a todos que lhe pedem ajuda ao mesmo tempo, porque são bilhões de seres entre encarnados e desencarnados. Mas possui mensageiros credenciados, seres de muita evolução, que trazem a mensagem de amor de Deus, apaziguando os ânimos caudalosos dos que se sentem injustiçados, porque não conseguiram realizar todos os intentos, ainda que se constituíssem de maldades contra o próximo. O irmão suicida tem do que se queixar, porque você o atormentou a ponto de enlouquecê-lo, ferindo fundo em sua psique através de sutis sugestões de que estava sendo traído pela esposa e pelos amigos. Encheu-o de ciúme, enegueceu-o, para depois lhe dar o empurrão de cima do viaduto.

Médium: você não estava lá pra ver.

Salgado: Quem só acredita vendo é você. Eu não preciso ver pra crer. Jesus disse: *Bem-aventurados os que não viram, e creram*. Está em **São João**, capítulo XX, versículo 29. Você acha que todos os acontecimentos desde a criação do mundo devem ser testemunhados por nós, para que firmemos os nossos conceitos a respeito do Universo?

Médium: Esta conversa não leva a nada.

Salgado: Engano seu. Em primeiro lugar, leva-me a considerar que os argumentos contra o meu discurso são paupérrimos, apesar de seu brilho intelectual. Em segundo lugar, obriga-me a desenvolver a minha perspicácia, quanto ao tratamento que devo dar a pessoas como você, que vêm até aqui, amarradas ou não, apenas para tumultuar os trabalhos. Em terceiro lugar...

Médium: Vejo que você está preocupado só com o que você consegue. Em meu favor, não apresenta nenhuma conclusão favorável? Não foi para isso que me trouxeram até aqui?

Salgado: Para que você possa tirar proveito de nossa conversa, que me pareceu muitíssimo civilizada, pelo que lhe agradeço a boa vontade de me ouvir, deve meditar a respeito do que Jesus fez pelos pobres, sendo ele mesmo muito pobre.

Médium: Pobre por opção, porque era rabi, ou seja, mestre ainda maior que os doutores da lei.

Salgado: Veja como você apresenta condições de explicar com clareza os tópicos em que eu mesmo me perderia. Mas, se ficar correndo atrás dos que você considera seus inimigos, vai acabar nas mãos de seres muito ignorantes, que não têm nem um por cento de seus conhecimentos, conquistados, vamos lá saber, durante muitas encarnações em que se utilizou da erudição para fazer o mal ou para proveito próprio, no âmbito da ambição, da ganância, da espoliação, da fraude, do roubo oficializado pelas manobras de governante ou de administrador dos bens públicos, como vemos tantos homens no exercício do poder político ou econômico. Eu não lhe peço para ser *bonzinho* nem para abandonar as correrias atrás dos infelizes que não têm os mesmos recursos intelectuais. O que lhe peço é que aplique a sua força mental na decifração dos prejuízos que está acarretando à sua própria existência. Apenas para encerrar, você, por certo, não sabe por

onde andam os seus entes queridos, porque eles estão em patamares evolutivos mais elevados. No entanto, no mesmo instante em que você manifestar o sincero desejo de resgatar alguns dos males a que deu causa, acredito que um ou mais deles irá aparecer-lhe, para abraçá-lo e dar-lhe o conforto da esperança de progresso e da fé na redenção. Aos espíritos bons jamais faltará a virtude da caridade, sem a qual não existe salvação. Se você quiser, fique mais um pouco, mas não espere de mim nenhuma outra palavra de incentivo, porque me sinto cansado, que a minha doação energética a você extraí do fundo do meu organismo alquebrado pelos anos e pelas lutas. Se tudo lhe faltar, ao menos leve a lembrança de alguém que pretendeu, em nome de Jesus, fazer-lhe um bem. Vou proceder à leitura de uma prece especial, dentre as que se encontram na coletânea ao final d’**O Evangelho Segundo o Espiritismo**.

Sem esperar que Rodrigues respondesse, foi Salgado, com muita calma, acionar o interruptor da lâmpada central do salão, abriu o volume à sua frente sobre a mesa e leu, tentando esconder que se sensibilizara com o discurso que sabia inspirado pelos guias da casa, no capítulo XXVIII, item 43, a oração destinada aos espíritos em aflição:

— *“Meu Deus, cuja bondade é infinita, digne-se suavizar o amargor da situação de Antônio Rodrigues, caso possa ser essa sua vontade. Bons Espíritos, em nome de Deus todo-poderoso, eu lhes suplico para assistirem-no em suas aflições. Caso, no interesse dele, elas tenham como ser-lhe aliviadas, façam-no compreender que são necessárias para seu adiantamento. Concedam-lhe a confiança em Deus e no porvir, o que as tornará menos amargas para ele. Concedam-lhe também a força para não sucumbir ao desespero, o que lhe faria perder o fruto das aflições e tornaria sua situação futura ainda mais penosa. Conduzam meu pensamento até ele, para ajudá-lo a sustentar sua coragem.”*

Notou o assistido que seu nome foi pronunciado integralmente? Deodoro ficaria sem saber, tão emocionado estava com o desenrolar do processo de elucidação do sofredor, tendo perdido ainda toda a parte final da reunião. Quando despertou para a realidade ambiente, não havia mais nenhum encarnado no centro. Lá só se encontravam Francisco, Tomé, Eugênio, João e os seis parceiros de viagem.

— Peço-lhes que me perdoem ter permanecido imerso em mim mesmo. Tais momentos de distração não são de meu feitio, como eram para Sócrates, que me vem à lembrança porque me impressionavam as descrições de suas fugas da realidade, para viver a vida íntima sob a influência direta de seu demônio particular. Era o que eu mais detestava naqueles episódios, no entanto, vejo que estava redondamente enganado, para dizer o menos. O que não sei é se minhas reflexões estão sendo acompanhadas pelos mentores que cuidam de mim, conforme deduzo das leituras que realizei das obras de Kardec e do que me é dado verificar através das atividades mediúnicas. Ficará mais séria a minha pergunta se insistir num ponto fundamental, qual seja, o de que existe mediunismo também entre os espíritos ou aqui os fenômenos são outros? Claro que sou capaz de perceber que, se alguém me traz uma informação de outro setor da esfera dos desencarnados, para que eu a comunique aos amigos que não receberam a mensagem diretamente, estarei mediando, porque transmito o que ouvi de outrem. Mas estarão os espíritos mais evoluídos tão próximos de mim como nós estivemos dos encarnados ou permanecem distantes, dentro do mesmo patamar etéreo? Far-me-ei mais claro se disser que estou imaginando que haja outra essência existencial no mesmo espaço que ocupamos

nós que aqui nos encontramos reunidos e os mortais que já saíram? Será que deverei guardar este tipo de pergunta, porque não corresponde às necessidades mais prementes dos cuidados que deveria haurir da recentíssima experiência mediúnica? Se alguém puder responder-me, Francisco, por exemplo, estarei prestando o máximo de minha atenção.

Levado a manifestar-se, Francisco começou perguntando:

— Como deverei evidenciar-lhe a existência de mais uma realidade encaixada neste setor do universo, se estou, como você, reduzido às mesmas dimensões? Não é verdade que os homens recebem todo tipo de informes de nossa existência traduzidos para as vertentes de sua constituição material? A voz é do médium, de forma que os pensamentos também podem ser considerados dele. Para os objetos que se deslocam, existem explicações de misteriosas forças orgânicas ou mentais ainda não dominadas nem explicadas, mas em vias, como os encarnados mais sabidos propõem, de serem decifradas, porque muitos trabalham cientificamente para isso. Os que veem o que se passa em nosso plano ou se desdobram durante o sono e nos visitam passam por mistificadores ou desequilibrados mentais, sob o efeito de alucinações. Da mesma forma, qualquer suspeita da existência de outras camadas, vamos dizer assim, ocupando o mesmo bloco, segundo contingências energéticas próprias, terá de ser levantada por prismas intelectuais, levando vantagem quem esteja, como nós, observando o que se passa no campo material. Vamos um pouco além e imaginemos que os seres que nos pedem tais ou quais serviços de benemerência sem se darem a conhecer, apenas por influência pragmática segundo as normas de seu contexto essencial, também sejam solicitados por espíritos de luz situados em plano mais quinta-essenciado. Não terão eles as mesmas dúvidas, apesar de estarem com volume de informações mais adequado para o recebimento das mensagens superiores? O que devemos fazer é respeitar o princípio evolutivo, trabalhando por soerguer os que caíram em desgraça pelo mau uso de seu direito ao livre-arbítrio, tudo realizando, como o irmão Deodoro, para entendermos os processos utilizados para que se cumpra o princípio da misericórdia divina. Kardec diria que a fé deve ser raciocinada. Acrescento que a fé pode ser vivenciada através das sutis experiências do amor concretizado em obras. Não é esse o sentido de sua próxima arguição?

— De fato, pretendia que me esclarecesse a razão de ter sido trazido o coitado do Antônio Rodrigues para junto dos mortais. Acredito que a resposta que você lhe deu à mesma questão, ou seja, que era para propiciar conhecimentos a mim e aos meus parceiros, como ainda oferecer a oportunidade do serviço evangélico aos médiuns, tenha sido apenas *politicamente correta*, no sentido de oferecer algo que o intelecto dele estivesse em condições de assimilar. Eu penso que tenha havido outras causas, entre as quais incluo (se estiver enganado, corrija-me) o fato de que os sentimentos do infeliz são tão grosseiros e sua percepção da realidade está tão fortemente vinculada aos eventos materiais, que apenas a aproximação das vibrações mais densas do organismo humano, ao qual estava preso pelo mesmo calibre de ondas cerebrais, poderia oferecer-lhe o entendimento da boa vontade e da solidariedade que pretendíamos passar-lhe.

— Perdoe-me, Deodoro, mas o grupo que dirijo não está habituado a este tipo de reflexões. Todos somos muito mais práticos, tendo aprendido a trabalhar junto aos espíritos menos evoluídos que nós, providenciando para que tenham acesso à mentalidade dos encarnados, para ouvir deles que a responsabilidade pela deflagração do processo de

danos e perdas de oportunidades é de cada um de nós, em função dos roteiros de vida que merecemos, tendo em vista os procedimentos anteriores. É claro que os sentimentos dos encarnados são mais prontamente entendidos do que se nós mesmos tentássemos infiltrá-los nos seus perispíritos, através de nossa própria imantação. Imagine o sacrifício de Jesus em vir encarnar-se, espírito excelso, tendo tido a necessidade de toda espécie de constrangimento. Mas fez-se homem entre os mortais, precisando agir como um deles. Estou buscando raciocinar de forma absurda, para fazer-me compreendido no aspecto que julgo o mais importante, qual seja, o de que a proximidade vibratória é essencial para a pregação, existindo, porém, outros aspectos cuja natureza, como no caso das diferentes dimensões integradas no mesmo espaço sideral, também hão de passar despercebidas à nossa inteligência. O mais é filosofia pura.

Tendo percebido que os seus problemas eram muito específicos, talvez desinteressantes para os companheiros, Deodoro passou a palavra a quem dela quisesse fazer uso.

Everaldo precipitou-se, cheio de perguntas:

— Ficou-me sem resposta o fato de ter objetado quanto à fidelidade de captação da mensagem que passei pela voz da médium. Francisco correu para me dar conforto e solicitou-me paciência. No entanto, está na hora do esclarecimento prometido. Quanto a mim, diferentemente de Deodoro, não faço suposições. Gostaria de ouvir a explicação definitiva.

Foi a vez de Eugênio participar:

— Caro amigo *Beraldo*...

Querendo provocar o riso, indisparou ainda mais o interlocutor:

— Não achei graça antes; menos ainda agora. Desculpe-me o azedume mas, se não ouvirem os encarnados o que temos para lhes dizer, com propriedade e afeição...

— Você, interrompeu Eugênio, nos afirmou que não faria suposições. Não nos venha, pois, antecipar as conclusões.

— A provocação não me caiu no gosto.

— Paciência, a gente não acerta sempre. Mas acredito que o amigo não há de ficar triste se lhe disser que fiz de propósito para lhe sentir o efeito, porque suspeitava que teria tido exatamente essa repercussão o fato de lhe trocar o apelido. Sendo assim, afirmo-lhe que acertei e que desejava mesmo que você se agastasse.

— Você está querendo, como disse o Salgado a Antônio, estabelecer uma cortina de fumaça.

— Se você conseguir prestar atenção ao que tenho para lhe informar, vai verificar que a fumaça se dissipará num momento. Se quisesse apenas provocá-lo, diria que a fogueira eu acendi, mas você é que está soprando sobre a lenha úmida. No entanto, a minha exemplificação se deu no sentido de que nem sempre as pessoas ou os espíritos logram perceber todas as intenções de quem lhes fala. Quando existe, além do mais, um componente emocional à flor da pele, como o desagrado de não ter sido bem entendido num trabalho a que se deu o máximo do esforço, ou quando se está meio enevoado pela magnetização, predisposto apenas para a tradução de mensagens de baixo valor literário, para dizer bem pouco a respeito de a médium ser iletrada e não estar absolutamente acostumada às sutilezas dos argumentos filosóficos...

Foi a vez de Everaldo interromper o amigo:

— Por favor, caríssimo *Gênio*, queira perdoar este humilde pecador, *Beraldo*, sim, mais do que nunca.

Aí, todos abraçaram os dois e se alegraram sobremodo pelo resultado efetivo das explicações.

Everaldo queria um pouco mais:

— Preciso dominar o que acontece de modo mais completo, conforme a sugestão de Francisco. Que se passou comigo exatamente no instante em que me desagradei do reflexo carnal dos meus pensamentos?

Ninguém se atreveu a responder, porque se julgaram incompetentes. Diante da hesitação geral, Everaldo levantou uma hipótese:

— Bem sei que o teor de minha pergunta não está propícia para que a resposta se dê no âmbito do entendimento dos encarnados, embora o sinal de rebeldia tenha vindo de lá, tanto que a médium foi justificada por Eugênio, aliás de forma concludente. Então, para efeito da descrição deste momento de feliz conagração entre todos os que se reuniram para as elucidações indispensáveis, proponho que, futuramente, se formos dissertar com a finalidade de ensinar alguma coisa aos mortais, que este episódio seja mantido segundo a realidade dos eventos mentais que patrocinei, ainda que minha personalidade perca para a de todos os colegas. Faço questão disso, como também de que seja assinalada a minha insistência na reprodução fiel de minha manifestação de vontade.

Fez-se silêncio por largos minutos, cada qual buscando enxergar a necessidade de se cumprir o pedido do companheiro. Foi Deodoro quem reiniciou os debates:

— Não estou satisfeito com o desempenho de meu grupo neste particular momento de meditação. Vejo-me o pior de todos (na companhia, naturalmente, de Everaldo), porque me preocupo demasiado comigo mesmo. Então, volto a transgredir as normas da modéstia, para interrogar João, que prometeu informar-me *a posteriori*, ou seja: o que tem para me dizer a respeito do fato de haver-me recusado a ouvir a história do visitante em agonia no hospital, como ainda ter oferecido resistência quanto às querelas entre o suicida e Antônio Rodrigues?

Instado, João não se apurou:

— Pois o Padre Deodoro, de certo modo, respondeu conforme iria explicar-lhe eu mesmo, isto é, ao *transgredir as normas da modéstia* e ao *sentir-se o pior de todos por preocupar-se consigo mesmo*, forneceu a pista da razão de não se interessar pelas vidas dos outros. Quando se tem em mira ajudar a alguém, é questão básica do socorrismo que entendamos todos os mecanismos psicológicos do espírito do ser em vias de tratamento. Um médico, para curar o seu paciente, não necessita conhecê-lo em todos os aspectos de suas afecções? Claro está que, de imediato, corre-se para aliviar os sintomas...

Deodoro interferiu:

— Por favor, João, não se estenda na comparação. Com mediana inteligência, qualquer um terá condições de entender que os remédios só surtirão os efeitos de cura se atacarem as causas da moléstia. Tudo bem, mas não estaremos penetrando na intimidade das almas, no caso do visitante encarnado; não estaremos desnudando os segredos mais cuidadosamente guardados do espírito que não deseja fazer pública a sua imperfeição? Jesus, ao salvar os doentes, teria tido essa acuidade orgânica da moral? Não lhe bastava



saber que o sofredor era um infeliz? Sei que não podemos cotejar o nosso discernimento com o do Senhor, mas, *mutatis mutandis*, a situação não é a mesma? Aceito a sua observação quanto a me considerar egoísta. Não vou negá-lo...

Francisco fez um sinal que desejava falar.

Deodoro, imediatamente, se dispôs a ouvi-lo:

— Ajude-me, meu amigo, porque não sinto muita firmeza em me reconhecer falho num aspecto, mas desejoso de estar correto em outro. Se estivesse preparando uma aula, ficaria mais à vontade para corrigir os defeitos da preleção. Neste instante, contudo, João, constituindo-se em minha *superconsciência*, vamos dizer assim, abalou-me nas raízes o tronco do silogismo, tanto que folhas e frutos se desprendem e forram o chão ao derredor, com perdão da má figura, que apenas vem para disfarçar os meus pruridos de pudor.

— Se fôssemos perfeitos, meus amigos, não perguntaríamos nada. Se perguntamos, é porque desejamos saber. Se desejamos saber, configuramos o fato de que não sabemos e levamos vantagem sobre os que pensam que tudo sabem sem saber (para continuar com Sócrates). Por isso, não precisamos das nossas nem de quaisquer outras opiniões. Elas apenas nos prejudicam. Quando dizemos que achamos, que suspeitamos, que...

Mas Francisco não prosseguiu. Suspendeu a frase em meio do pensamento, desejando que todos completassem o sentido do que vinha dizendo, cada qual segundo a repercussão dos pensamentos carregados emotivamente pela intemperança dos assistidos mediunicamente naquela reunião. Sobre isso, estender-se-ia em seguida.

Cada um dos novatos no serviço de empenho mediúnico desenvolveu reações próprias, de forma que o grupo adquiriu posturas diferenciadas a respeito do tema, a favorecer posterior discussão, plena de ricas sugestões. Por enquanto, nada disseram, aguardando que Francisco falasse a respeito da sobrecarga emocional resultante dos trabalhos mediúnicos.

— Creio que todos vocês, um dia, já se meteram no meio de uma coluna de fumaça, de dentro da qual desejaram sair rapidamente. Por quê? Porque os efeitos tóxicos não demorariam para se fazerem sentir, através da inalação de ingredientes perniciosos ao organismo, sem falar do próprio calor, que poderia queimar as vias respiratórias, chegando até os pulmões. A comparação é válida para que entendam que o nível das vibrações dos seres de mais baixa condição moral também perturba a organização perispiritual dos assistentes e socorristas. Quando não ficam impregnados miasmas espirituais, ou seja, emanções que se podem cotejar com a podridão ou corrupção provocadas pelas moléstias na carne, influência deletéria sempre produzida com maior ou menor conhecimento do irmão sofredor, o que significa dizer que existem aqueles que projetam de propósito os elementos nocivos, pode ocorrer, no mínimo, que se desarranjem os componentes da estrutura de nossa constituição corporal mais sutil, da mesma forma que se desorientam as pessoas que recebem o impacto de um golpe na cabeça ou ingerem algum produto narcotizante. Todos os irmãos que passam por auxílio estão, de um modo ou de outro, desequilibrados. Esse aspecto é fundamental para a prevenção de acidentes (o que nos levou, por exemplo, a atender o amigo Antônio sozinho) como também nos autoriza a efetuar trabalho de limpeza fluídica e energética em seguida à reunião. Muitos dos trabalhadores encarnados invigilantes, sem conhecimento suficiente dos efeitos desagregadores das vibrações em descompasso com a formação de sua personalidade

perispirítica, recusam-se a receber a ajuda dos instrutores espirituais, através de atitudes de negação da possibilidade de serem atingidos pelos seres do espaço espiritual, considerando que possuem suficiente força fluídica para rechaçarem os malefícios dos infelizes. São os que, por desleixo quanto à humildade para o recebimento de ajuda dos guias e protetores, adquirem fatores de estresse espiritual, terminando por se afastarem da seara mediúnica, cada vez mais refratários ao envolvimento dos abnegados socorristas, por criarem espécie de grossa casca eletromagnética, ao modo de muitos desencarnados da mais baixa extração moral. Não são criaturas más. Apenas não se dedicam ao estudo, para aperfeiçoamento dos trabalhos junto à mesa evangélica. Quase sempre, são os que fogem dos horários em que os assistidos, ou seja, os que providenciam a energização ou reenergização fluídica dos que buscam tranquilizar a mente e o corpo, estão à disposição. Não temos, neste nosso círculo material de assistência mediúnica, nenhum seareiro desatento, o que é mais fácil de se achar em terreiros de umbanda, principalmente se não se dá ouvidos às palavras de advertência do orixá que comanda as sessões, através dos pais e mães-de-santos. No que se refere ao campo espiritual, uma vez ou outra, algum trabalhador recentemente admitido às reuniões, assim como o grupo de vocês, despreparado para aceitar a palavra prudente dos instrutores, acaba saindo com mal-estares diversos, somente voltando a ser convidado após passar por curso intensivo sobre os tratamentos adversos que podem ser dados aos fluidos. Aproveito a oportunidade para perguntar-lhes se todos estão sentindo-se absolutamente sãos, se não estão um pouco zonzos, embaralhando as ideias, sem dominar os sentimentos, como ocorreu com a sensação de vergonha de Deodoro, que não expôs todos os pensamentos com a habitual vitalidade linguística, ou com o abalo de irritação de Everaldo, que demorou para perceber a intenção de ajuda de Eugênio.

Não houve ninguém que afirmasse estar na plena posse das faculdades mentais e das correspondentes reações orgânicas.

— Vamos, prosseguiu Francisco, dar-lhes tratamento fluídico, à imitação daquele que propiciamos a Antônio, agora com a intenção de afastar os ingredientes absorvidos indevidamente dos espíritos levianos com quem mantivemos contato.

Tomé, Eugênio e Francisco deram-se as mãos e efetuaram uma prece em voz alta, solicitando dos maiores de sua instituição etérea, uma colônia de prestação de serviços aos desencarnados. Imediatamente, transferiram os eflúvios de que se sentiram penetrar às organizações perispirituais dos sete, por meio de ligeira fricção na região do chacra coronário.

Toda a ação não perdurou por mais de cinco minutos, tempo durante o qual os atendidos se mantiveram despertos para a compreensão do fenômeno de que estavam sendo objeto. Mas, além de ligeiro frêmito, que se comparou com o estremecimento provocado pelos arrepios causados à epiderme por corrente de ar fresco, nada mais conseguiram caracterizar.

Deodoro não resistiu à curiosidade:

— Quero crer que fomos libertados dos maus pensamentos que se alojaram em nossas mentes pela influência da malversação dos próprios conhecimentos evangélicos dos assistidos, particularmente de Antônio, que voltava os ensinamentos de Jesus para a justificação de seus atos espúrios. Esse frágil trepidar que sentimos por dentro, como se o nosso

coração tivesse sido massageado, quer significar um fluxo energético depurado que perpassou por nosso corpo espiritual, dando-nos de volta a condição do exercício pleno do livre-arbítrio?

Francisco percebeu que a inteligência do amigo caminhava rápida para as conclusões positivas de quem está prestando atenção aos fatos e não deduzindo simplesmente dos aspectos teóricos absorvidos das leituras dos textos passados a Kardec pelos amigos da espiritualidade maior. E confirmou:

— Na verdade, os benfeitores nos atendem com boa vontade, porque sabem que exercemos as nossas atividades com o lídimo desejo de consagrar-nos à melhoria dos infelizes. Nesse ponto, temos de considerar a intervenção como a resultante do próprio mérito de quem necessita de ajuda. Vocês, por exemplo, evidenciaram de maneira claríssima que estão imbuídos de real interesse em aprender as noções técnicas do socorrismo ativo. Foi isso que nos permitiu orar pela interferência dos mentores da colônia, no refazimento de suas forças. Mas devo dizer-lhes que nem todas as tonalidades das cores de suas auras foram restabelecidas. Vocês estão sentindo-se bem melhor agora. Ponto pacífico. Mas devem estar ainda pejados pelas vibrações emanadas da população terrena como um todo, que ninguém se encarna neste planeta sem que tenha os ônus de anteriores derrotas, exceção feita para uns poucos que ingressam na carne para se constituírem em missionários do bem e do amor de Jesus. Estes, porém, não conseguem fazer prevalecer a riqueza moral de suas emanações sobre o conjunto dos que se perturbam pela densidade da matéria, verdadeiros prisioneiros em corpos que não lhes permitem o exercício pleno da vontade. Aliás, limitam-se, em grande maioria, a aceitar as condições culturais vigentes, agindo e reagindo em função dos preceitos coletivos, muitas vezes contrariando, inclusive, os dispositivos conhecidos das leis promulgadas pelo poder público. Esse conjunto de elementos psíquicos acaba por enegrecer a atmosfera espiritual, tanto que vocês precisaram trazer o suicida para ser tratado em ambiente altamente protegido pelas forças do etéreo, quando o normal teria sido o atendimento no próprio lugar em que se deu o encontro.

Nesse momento, Deodoro notou que o salão, arrumado no sentido da plateia voltada para o palco, estava recebendo muitos encarnados.

Imediatamente, perguntou a Francisco:

— Teremos ficado por vinte e quatro horas conversando?

— Por seis dias, exatamente.

— Mas foram tão poucos os temas que desenvolvemos.

— É que todas as ideias que se configuraram exigiram confirmações experimentais, de forma que, por exemplo, quando citamos os efeitos tóxicos dos ingredientes dispersos na atmosfera espiritual, levamos a cabo a demonstração do tópico, vamos dizer assim, em segundo plano de consciência, para que houvesse completa assimilação dos conhecimentos.

— Mas isso não deveria registrar-se em nossa memória?! — Era Everaldo a exclamar indagativo.

— Pois está totalmente assinalado. Apenas o processo ficou sem percepção neurológica, porque desconhecido de vocês. Ocorre, nesses casos, o mesmo fenômeno do desligamento das sensações do ambiente externo, como quando Deodoro ficou imerso em

si mesmo, agora de maneira inversa, ou seja, vocês não perceberam que o tempo se desenrolava, enquanto iam assimilando os conhecimentos no íntimo do cérebro. Nada perderam do que transcorreu no seio das explicações e comprovações, mantendo-se despertos, enquanto nós três íamos passando-lhes as noções que redundaram nos conceitos absorvidos. Deixaram, porém, de observar o ambiente material, permanecendo apenas no plano etéreo, onde os fenômenos adquirem a natureza própria desse campo vibratório. No instante em que lhes lembrei um fato relacionado às suas atividades junto aos mortais, ou seja, a realização das benfeitorias através dos médiuns, deram com os elementos densos e se situaram junto à crosta.

Roberto, saindo de seu mutismo de tão longa data, ofereceu subsídios para o desenvolvimento do próximo evento no centro espírita:

— Aposto que o amigo Francisco nos trouxe de volta ao salão principal da casa espírita, para nos proporcionar novas experiências junto aos encarnados.

— Certamente, caro amigo, porque hoje presenciaremos atividade muito próxima à prédica ensejada pela leitura do evangelho durante a missa: teremos uma palestra aberta ao público.

Deodoro, contudo, incomodado com certas informações, propôs a Francisco:

— Antes, querido instrutor, poderia esclarecer-nos a respeito das atividades nos terreiros de macumba ou quimbanda? Devo dizer-lhe que o espiritismo desvinculado das teorias cristãs jamais provocaram em mim o mínimo interesse, pelo menos, devo ressaltar, nas duas vidas de que me lembro.

— Depois, *querido discípulo*, quando estivermos melhor preparados doutrinariamente, porque temos necessidade de embasamento teórico para compreendermos o que sucede nos dois planos, durante as reuniões nesses templos. Registremos, por enquanto, que devemos manter atitude de forte respeitabilidade quanto aos irmãos que atuam junto a todos os centros de atividades espirituais específicas.

— Não terei sido respeitoso? Terei, *querido instrutor*, empregado terminologia errada, a que se presta aos sentidos pejorativos? Deveria ter dito umbanda ou candomblé? Pois afirmo-lhe...

— Você me entendeu plenamente. Não lhe percebi nenhuma conotação torpe ou desagradável; fique tranquilo. O desrespeito a que me referi advém de fatores sociais e culturais, o que inclui os aspectos religiosos. Entretanto, somos todos irmãos em Deus, o que deve pôr fim aos preconceitos carnis remanescentes. Restar-nos-á avaliar, talvez com resultados surpreendentes para você e seu pessoal, os níveis evolutivos dos seres envolvidos nessa esfera de atuação, quer relativamente aos desencarnados, quer quanto às pessoas na Terra. É o que vamos deixar para depois, *querido discípulo*.

Os sete interessaram-se pelo movimento de encarnados e espíritos que se dispunham no auditório. Cada pessoa, independentemente de se relacionar com alguma outra, trazia um ou mais companheiros ou desafetos da área espiritual.

Joaquim, habituado às reuniões, explicou:

— Não temos muitas observações especiais. Uma vez vista uma palestra, viram-se todas. O que mais nos importa notar é o fato de que a grande maioria dos mortais vem com a mente voltada para o aprendizado de novidades, mas apenas subsidiariamente, porque o que lhes move para hora e meia de sermão é o passe posterior, aquela vibração

que os encarnados havidos com boa conduta moral vêm ministrar, conforme orientação haurida em cursos próprios. Nada existe, entretanto, em tais aulas, que nos testemunharia aspectos muito diferentes do comum dos procedimentos em situação de assimilação de conhecimentos, com exceção, talvez, para o fato de que muitos se julgam apaniguados por deferência de espíritos de porte evolutivo mais elevado. Mas é fácil de se deduzir que existam, em todos os cultos e religiões, aqueles que se querem apadrinhados, por exercerem com afinco as tarefas que lhes são determinadas, uns com mais honestidade, outros com menos. A diferença mais sensível, em nosso caso, está na proteção dos guias, que buscam influenciar no sentido de melhor categorizar-se o servidor, à medida que vai estudando e praticando o evangelho e as demais obras da extensa literatura espírita.

Roberto acrescentou, de um ponto de vista mais humano:

— O que sempre suspeitei, quando frequentava as sessões de cura e não me importava mais com o desenvolvimento da hanseníase, era que havia terrível ciúmeira entre as pessoas que participam dos trabalhos. Vejam bem, não estou dizendo que, particularmente nos centros espíritas, é que ocorre o fato. Estou afirmando que também aqui ele se dá. Se com maior ou menor vigor, depende de cada agrupamento de indivíduos.

Deodoro não gostou do encaminhamento das questões:

— Se é como estão afirmando os dois, tanto faz ouvir esta palestra quanto ir a qualquer reunião religiosa bem intencionada. A distinção a se estabelecer mantém conexão com o grau de proteção que recebem, de acordo com o merecimento geral dos fiéis. Não penso que este seja o melhor caminho para enxergar o que se passa nos corações das pessoas. É preconceito, embora resulte de observação *in loco*. O que estou desejando administrar é o pensamento como um complexo empreendimento cerebral, cheio de aspectos definitivamente clínicos, segundo as propostas das teorias científicas aplicadas ao comportamento humano. Quero sentir, sobretudo, quais os elementos em jogo, neste ambiente diversificado quanto aos objetivos dos indivíduos com as principais cargas de benemerência, para proveito dos necessitados. Se nós nos ativermos aos procedimentos, iremos mergulhar no lamaçal dos desejos humanos eivados das premissas materialistas. Precisamos ressaltar o que existe de positivo na busca dos lenitivos das dores e quais as repercussões mentais e morais das lições que a palestrante irá desenvolver.

Hermógenes, que não queria imiscuir-se na temática dos parceiros, pediu um aparte para simples reflexão paralela:

— Tenho para comigo que estamos sendo fortemente influenciados pela presença corpórea dos mortais, tanto que não somos capazes de ir muito longe nas discussões, barquinho levado penosamente a remos junto à costa. Se ficarmos neste tipo de apreciações, apesar de toda a boa vontade de cada um, não elucidaremos nenhum ponto expressivo deste tipo de reunião.

Alfredo instigou o grupo:

— Quem tiver solução melhor do que prece rogativa de assistência dos protetores, que sugira.

João, que não se permitira opinar, foi quem elaborou a oração:

— Deus, nosso Pai Celestial e Protetor Cósmico, dai-nos condições de observar com justeza o conjunto das reações morais e intelectuais das pessoas congregadas nesta casa de saúde espiritual, para que possamos inferir que processos de conduta socorrista melhor

se coadunam para propiciar-lhes mais tranquilidade e desapego aos valores materiais. Se for possível, Senhor, enviai mensageiros de luz para nos magnetizarem, protegendo-nos contra as emanções que nos perturbam e nos desencaminham do reto sentir e pensar. Fazei-nos, por conseguinte, tarefeiros na aplicação dos recursos fluídicos de que dispomos, enriquecendo-nos de vibrações eletromagnéticas para que possamos trabalhar junto aos médiuns passistas, extraindo deles o conteúdo perispiritual que nos oferecem para emprego medicamentoso nas feridas dos companheiros ansiados por assistência. Acima de tudo, possibilitai-nos ser instrumentos de vossa justiça, de acordo com as sacratíssimas leis que devemos respeitar e cumprir, em perfeito equilíbrio, de sorte que, ao término dos trabalhos mediúnicos, sejamos capazes de restabelecer os organismos dos trabalhadores encarnados, acrescentando-lhes o estímulo da felicidade do dever cumprido.

Enquanto orava, os sete amigos se concentraram no entendimento das solicitações ao divino poder e tão compenetrados ficaram de que iriam receber o auxílio requerido que se esqueceram de si mesmos, terminando por se verem envolvidos por uma aura de luz impenetrável para os sentimentos menos dignos de quem emitia vibrações de pessimismo, de orgulho, de vaidade, de inveja, de ciúme, de megalomania, de prepotência, frutos do egoísmo mais ou menos entranhado em suas personalidade imperfeitas. Foi assim que se deram conta de estarem preparados para o exame de caráter superior do evento rotineiro, conforme se lia na placa de avisos à entrada:

*Às quintas-feiras, às dezenove horas e trinta minutos, palestra doutrinária aberta ao público e sessão de passes.*

Havia uma observação:

*As pessoas receberão os passes de acordo com a ordem de chegada. Para isso, devem ocupar os lugares da frente.*

Na lousa, ao fundo do palco, onde se via a mesma mesa sobre cavaletes, com a mesma toalha azulzinha e a mesma jarra, estava escrito o tema do dia e o nome da conferencista:

*A necessidade do estudo da doutrina espírita, por Adriana dos Santos.*

Deodoro, ao contrário do que se poderia esperar dele, por seus longos anos de sacerdócio acrescidos pelo magistério em nível superior, teimava em ensimesmar-se, esforçando-se por fazer desconhecido dos demais os sentimentos. Lançava, pois, substanciais avisos de que estava laborando em causa própria a prece em que se recolhia. Na intimidade de seu coração, pedia:

*Jesus, eis-me perante vós requerendo o benefício da bênção da humildade, da modéstia, da transigência e do sacrifício intelectual. Bem sei, Mestre querido, que deverei analisar um discurso simples e despretensioso, muitíssimo diferente das peças oratórias a que estou acostumado. Recebi a informação de que a senhora que irá explanar a respeito de tema de tão grande importância para esta espécie de público mal cursou o primeiro grau, acabando por renunciar aos estudos na última série, sem haver recebido o certificado de conclusão. Sendo assim, temo pelas vibrações de desagrado que irei emitir, sempre que os preceitos da retórica, da gramática e da lógica verbal forem transgredidos. Quando Everaldo me revelou as impropriedades cometidas pela médium que lhe traduziu a mensagem para a linguagem humana, fiquei a cismar sobre a razão de o meu escrevente ter escrito o que lhe ditei de maneira quase integralmente certa, conforme a minha*

*influenciação. Peço-vos, se não for pedir demasiado, que o meu entendimento das exatas palavras pronunciadas na intenção de atingir o povo reunido se modifique de imediato no cérebro, sem qualquer vestígio de crítica, ainda que justa e amável. Deveria solicitar-lhe, se melhor categorizado dentro dos parâmetros que formam os orientadores dos seareiros do espiritismo, que me fosse permitido ajudar no enunciado dos pensamentos, fornecendo subsídios para que a palestrante pudesse atingir mais facilmente o seu público. Com isso, porém, estaria, no mínimo, contrariando a boa ordem estabelecida pelos ilustres coordenadores dos trabalhos da casa. Não vos peço, pois, mais do que discernimento para encaixar-me no contexto das atividades doutrinárias e lucidez para a percepção do que ocorre na intimidade das pessoas, segundo as repercussões dos significados das palavras, das frases e dos roteiros. Assim seja.*

Mal teve tempo de encerrar pela fórmula tradicional, apesar de, sem oferecer o respectivo enunciado fraseológico, haver agradecido o que os protetores fariam por ele.

Francisco aproximou-se e, evidenciando que notara o teor da meditação levada a efeito pelo padre, elogiou-lhe a atitude:

— Querido amigo, não foi outro o pedido que fiz a Jesus em minha primeira participação neste tipo de aula. Estou seguro de que você será atendido, porque notei profundos reflexos de sinceridade e de cortesia em sua aura. O que poderemos discutir mais tarde é sobre ser justo ou não esconder tão nobres sentimentos dos companheiros. Fique a pergunta: será que não poderiam usufruir eles de momento de tanta contrição e beleza moral? Um derradeiro conselho, porque a sessão foi aberta, a música desligada, a prece inicial dita e a oradora apresentada: busque não atribuir muita ênfase ao teor encomiástico de minhas informações e carregue na censura velada que reside na questão que lhe propus.

A primeira frase da conferencista provocou alguns engulhos literários no culto sacerdote:

— Queridos confrades e congreiras, vamos pedir aos excelsos orientadores do centro que nos acompanhem nesta modesta apresentação temática. Vocês estão vendo no quadro-negro que pretendo falar a respeito da necessidade doutrinária dos estudos espíritas.

Deodoro não se preocupou com a sua reação de desagrado. Reorganizou os pensamentos como julgou ser a forma mais correta, aproveitando os mesmos dizeres e seguiu ouvindo com muita atenção o texto, que se reproduzia mais ou menos decorado. Superara o primeiro impacto. Daí para a frente, acompanharia os ensinamentos do conteúdo, desligado inteiramente da formulação idiomática.

Enunciava a oradora:

— Em primeiro lugar, é preciso saber se todos nós aqui dentro respeitamos o princípio da existência de um espírito imortal dentro de cada pessoa. Sei que muita gente está pensando que a Doutrina Espírita se preocupa com a existência da vida após a morte, mas é importante saber se todos nós aceitamos a presença de uma centelha divina dentro de cada um de nós. Se a gente tem a certeza de que foi Deus o criador do universo e de todas as coisas, tem também de considerar o que se deve entender pela palavra Deus, pela ideia de Deus, pelo conceito de Deus. Se a gente não está preocupada com esse assunto, pelo menos devemos saber que Kardec se preocupou e perguntou aos espíritos que lhe

davam as informações para a formulação da Doutrina dos Espíritos que era Deus. Sabem onde se encontra a pergunta e a resposta? N' *O Livro dos Espíritos*, onde também existem muitas outras questões elucidadas pelo etéreo, ou melhor, pelos espíritos de luz, porque a gente não pode aceitar como profundo ou verdadeiro tudo o que os desencarnados nos passam através da mediunidade dos nossos companheiros. Mas aqueles seres que se manifestaram através de muitos médiuns ignorantes, como as meninas Baudin, a mais velha com apenas quatorze anos, sabiam que estavam produzindo uma obra revolucionária para a época, forçando Kardec e todos os seguidores da primeira hora a enfrentarem a poderosa Igreja Católica, que dominava a Europa continental. Então, Kardec não podia ficar desarmado perante as forças intelectuais de quase dois milênios de estudos teológicos e evangélicos. Vocês pensam que Kardec não precisou estudar a doutrina que ele foi chamado a codificar? Estudou e estudou muito, durante os restantes quatorze anos de sua vida, depois que tomou contato com os fenômenos das mesas girantes ou dançantes. Eu sei que estou fornecendo muitas informações ao mesmo tempo. E como é que eu e os meus companheiros do Centro Espírita *Tugúrio do Divino Amor* não nos perdemos neste emaranhado de conceitos, de pensamentos e de sabedoria? É porque nós estudamos as obras da Doutrina Espírita, com muito afinco e dedicação. No final desta conversa franca que estamos tendo, porque estou acreditando que a maioria detesta ler e eu estou acusando vocês atrás da preguiça e da comodidade das novelas ou do futebol da televisão, vou dizer quais são os dias e os horários em que vocês podem vir participar dos estudos nesta casa.

Deodoro, tendo decifrado quais argumentos preponderavam na exposição, passou a examinar a atmosfera que se formava a partir das reações dos espectadores. Interessou-se também pelo trabalho dos irmãos socorristas envolvidos com alguns obsessores admitidos no recinto. Contudo, para não desviar-se para temas específicos de sua vivência cultural, chamou os seis amigos e mais o agregado João, porque os dirigentes espirituais da casa se entretinham em serviços técnicos de assistência à expositora, e requereu que se mantivessem atentos para os fatos de maior significado dentro de seus propósitos de ajudar os necessitados.

Convocados, iniciaram os amigos, *sotto voce*, íntima conversação que resultaria em diversas tomadas de posição frente aos trabalhos que desejariam desenvolver junto aos encarnados.

Começou Deodoro a avaliar os méritos das diretrizes da palestra:

— Tento compreender a razão de se insistir nas leituras e nos estudos. Dá a impressão de que a venda dos livros é o que há de mais importante. Alguém poderia falar a respeito?

Joaquim tomou a palavra:

— Meus caros, a literatura espírita tem ajudado muita gente, porque os autores, tradutores e médiuns, em geral, nada ou muito pouco arrecadam com os seus livros. Muitos editores também pouco lucram. Mas o volume das vendas é significativo, podendo dizer-se que somente as obras psicografadas por Chico Xavier devem roçar pelos vinte milhões de exemplares. E o virtuoso médium está rico? Só não vive na miséria porque soube criar amizades vigorosíssimas, que lhe dão amparo na velhice e na doença. Para onde foi o dinheiro dos direitos autorais? Para centenas de instituições de ajuda, como



orfanatos, hospitais, sanatórios, maternidades etc. É seguramente a maior obra fundamentada no lema *fora da caridade não existe salvação*. Mas o que você está realmente querendo saber é se o centro espírita também pratica a caridade por meio dos valores auferidos na venda de livros. Parcamente, contribui esse setor para efeito do movimento financeiro da instituição, tão ínfimo é o percentual que se impõe como seu no preço final do produto. A insistência da leitura e do estudo deve buscar-se em outros elementos, tais como a origem da doutrina, que teve como berço a culta França, por meio de professor de nível universitário. Como tudo teve início através dos textos que Kardec preparou e publicou, não podemos desconsiderar o fato de que, para assimilação das lições neles contidas, as pessoas têm de ser letradas e acostumadas a decifrar a linguagem escrita. Isto mantém forte correlação com a advertência da oradora a respeito da preferência das pessoas por ficarem diante de um aparelho de televisão a dedicarem aquele tempo de lazer para os livros.

Deodoro desejou fazer um reparo:

— Aceito tudo quanto você disse, Joaquim, mas reservo-me o direito de suspeitar de que o momento cultural presente estimula sobremaneira o comportamento contemplativo, na atração que se exerce através das imagens cinemáticas, princípio psicológico baseado no interesse que desperta nos indivíduos o movimento. Bem comparando, é como se dá o êxtase da observação do crepitar das fogueiras ou do curso tumultuoso dos rios. Quando não existiam tantos apelos visuais, não é verdade que as pessoas acorriam ao teatro ou ao salão de danças? A partir do meu raciocínio, não existe uma contradição interna entre a censura da oradora e a ausência de atrativos que a reunião oferece? Não seria de interesse dos divulgadores da doutrina que utilizassem os recursos modernos dos estímulos tecnologicamente desenvolvidos, como quando inseríamos em nossas aulas o que denominávamos de motivação exterior? Não são os padres muito mais espertos ao enfeitarem os salões de cultos com imagens, flores, incenso, música e os aparatos suntuosos dos ritos? Bem compreendo que o cerne da doutrina espírita está nos conceitos e estes só podem fluir para os procedimentos evangelizados através da leitura e do estudo. O pessoal da casa espírita põe no ar, antes das reuniões, suaves melodias, pensando em tranquilizar os espíritos para o recebimento das informações. Concordo que assim seja. Mas não posso recriminar os cultos protestantes, por exemplo, que ampliam a sonoridade a graus quase insuportáveis, para a indução do público à concentração unívoca e esquecimento de todos os outros sentidos. Não estou censurando ninguém. Estou tão só levantando uma questão. Ou não se interessam os dirigentes espíritas por atraírem todo tipo de pessoas, exercendo, a rigor, certa discriminação cultural?

Roberto levantou a mão, solicitando permissão para responder:

— Deodoro tocou num ponto crucial do espiritismo. Como a doutrina é evolucionista, ou seja, acredita em que todas as criaturas estão sempre crescendo espiritualmente, e como coloca o uso do livre-arbítrio como conquista do espírito humano, não se sente na obrigação da catequese, nos termos em que púnhamos nós os sacerdotes católicos, que críamos que fora da Igreja não haveria salvação. Também procede com maior abertura a Reforma protestante, aceitando quantos desejem partilhar da alegria ou da felicidade de viverem em comunidade sob o signo da mesma fé. Claro está que a

mentalidade humana é crítica e sempre nos surge, como ocorreu a Deodoro, a suspeita de que tudo se faça por dinheiro, porque é o *vil metal* que proporciona as melhores condições de gozo material da vida. Ponto pacífico. Não nos cabe argumentar em defesa de ninguém, como também não nos afeta aqui, no espaço espiritual, a crítica que se fazia às religiões. Cada qual sabe de si mesmo e terá de literalmente pagar ou devolver figuradamente as importâncias que subtraiu do erário eclesiástico. Ora, vimos que o dinheiro não move os mecanismos das casas espíritas de pendor kardecista, mas a vontade de adquirir prosélitos ilustrados pelos conhecimentos doutrinários, porque, sabendo que sem caridade não existe salvação, precisam ampliar o quadro dos que contribuem em espécie ou em trabalho para que haja cada vez maior possibilidade de atendimento aos infelizes que batem à porta do centro pedindo comida, agasalho e remédio, como ainda ajuda nos setores educacionais e psicológicos, tornando cada centro em local de forte tendência benemerita, misto de refeitório, orfanato, escola, hospital e clínica psiquiátrica, tanto que as diretorias se organizam segundo vários departamentos, um dos mais importantes o de assistência social.

Deodoro interveio:

— O nosso bom amigo Roberto volta-se para os aspectos práticos, mas é preciso não esquecer jamais que o principal, em função de nossa participação nos trabalhos dos mortais, está no atendimento dentro da esfera espiritual. Aqui, mais do que em qualquer outro departamento, sem qualquer depreciação de todos os aspectos científicos que se vinculam aos trabalhos de benemerência, é preciso que se desenvolvam as leituras e os estudos, que não poderão obter-se no ensino regular propiciado pela sociedade laica. Há institutos de nível superior?

Coube a João esclarecer:

— Algo como uma Faculdade de Espiritismo?

— Sim.

— Temos notícia de que diversas federações espíritas estão empenhadas na montagem curricular de curso superior completo. Atualmente, salvo falha minha, pois não pesquisei o assunto, existem matérias definidas em alguns cursos de caráter científico voltados para a Parapsicologia. Mas estas considerações, creio eu, estão fugindo das análises que programamos realizar a partir da conferência.

Arnaldo se fez ouvir, finalmente:

— A tanto nos conduz o nosso teólogo. Pois desejo observar que, modestamente embora, participam dos cursos levados a cabo pelos centros espíritas muitos médicos, advogados, engenheiros, professores, enfermeiros e mais gente de nível educacional superior, oferecendo gratuitamente os seus préstimos profissionais para a assistência dos carentes, bem ainda a luz de seu discernimento para as reflexões de caráter metodológico, na apreciação dos pontos da doutrina. É o que dá este tom azulado claro à atmosfera fluídica, porque são entidades encarnadas que compreenderam a importância das palavras de Jesus de que o amor é a condição da eterna felicidade nos páramos quinta-essenciados dos círculos mais evoluídos. Não nos importará, de fato, que muita gente tenha vindo atrás dos eflúvios magnéticos dos passistas e que as palavras da oradora se percam, porque ninguém se apresentará para matricular-se nos cursos da casa. O que noto é a paz nos corações confiantes em que Deus é pura misericórdia.

Hermógenes se deixou enlevar pelas expressões animadas do colega:

— Muito bem colocado, amigo. É importante que tenhamos um professor erudito a nos indicar o caminho da verdade, segundo os dispositivos intelectuais de que estamos municiados. Mas também é particularmente significativo que haja quem nos lembre de que os sentimentos, no final de tudo, vão orientar a nossa esperança em alcançar o beneplácito dos protetores que por nós velam e que nunca nos faltaram. Graças a Deus!

Enquanto todos davam graças a Deus, também a conferencista encerrava a palestra:

— Graças a Deus!

O dirigente da reunião fez atenuar a luz e, rapidamente, agradeceu à amiga que trabalhara pelo progresso moral da comunidade, pediu que as palavras dela não se perdessem no vácuo dos interesses imediatistas da vida corpórea, orou contrito um pai-nosso em agradecimento ao apoio dos guias e protetores, solicitou que os da esfera maior dessem o seu quinhão indispensável para que os trabalhos dos passistas se realizassem em plenitude de saúde espiritual e convocou o povo para que, ordeiramente, obedecesse às duas jovens que iriam organizar a fila para a saleta contígua, onde todos seriam atendidos.

A luz voltou a ser acesa e a música a soar, imprimindo ao *Tugúrio do Divino Amor* clima de respeito e de solidariedade, como se ali se reunissem encarnados e desencarnados para a confraternização ideal do cristianismo. Muitos dos presentes se conheciam e se cumprimentavam, enquanto várias pessoas procuravam a conferencista para perguntas pertinentes aos temas doutrinários.

Alfredo, que se mantivera alheio aos debates, interrogou o grupo de chofre:

— Vocês notaram como Francisco, Eugênio e Tomé organizaram o cerco aos malfeitores que desejavam desviar a atenção de seus obsidiados encarnados?

Ninguém prestara atenção nos aspectos técnicos do cerceamento da liberdade dos obsessores.

— Recomendo-lhes que, assim que um deles estiver disponível, descreva o processo utilizado, principalmente ao meu colega Arnaldo, pois se trata de procedimento que nós desconhecemos.

Nesse momento, chegou Francisco com largo sorriso nos lábios:

— Tiraram bom proveito da estadia no centro?

Deodoro tomou a iniciativa da conversa:

— A sua pergunta sabe-me a despedida. Estou certo?

— Claro está que vocês teriam muitas outras atividades que mereceriam examinadas detidamente. Mas não lhes faltará oportunidade, em futuro breve, de acompanhar a vida nos dois planos dentro dos centros espíritas. Se algum de vocês se julgar apto a ajudar na sessão de passes, não se acanhe. Podem também simplesmente assistir ao evento, mas com nenhuma curiosidade, apenas predispostos a oferecer as suas vibrações mais puras aos que estão operando os aparelhos magnetizadores.

Deodoro desejou saber se eram os médiuns que estavam recebendo a nomenclatura diferenciada ou se existiam verdadeiramente objetos com tal virtude.

— Embora muitos chamem os mediadores encarnados de aparelhos ou de instrumentos, referi-me aos objetos construídos com tal finalidade. Vamos até lá?

Everaldo expôs o seu medo:

— E se perturbarmos os efeitos das aplicações energéticas?

— Eu avisarei e vocês restaurarão o equilíbrio vibratório.

Antes, todavia, de serem admitidos no recinto fortemente iluminado em âmbito espiritual, embora existisse semi-escuridão no quarto em que se encontravam de pé os passistas e sentados, com as mãos espalmadas para cima sobre as pernas, os assistidos, cada um do grupo recebeu forte onda de elementos fluídicos, capazes de deixá-los de prontidão para qualquer ato reflexo do pensamento no sentido de oferecer perigo para os que condensavam as energias eletromagnéticas da atmosfera, dirigindo-as para um reservatório de onde partiam vários cabos que os irmãos tarefeiros do espaço acionavam, um para cada passista, recarregando-lhes o perispírito que se desgastava a cada nova aplicação.

Cinco dos sete (João ficara do lado de fora), permaneceram extáticos a observar os trabalhos. Os outros dois, imediatamente, se postaram ao lado dos fornecedores de energia, acompanhando *pari passu* todos os esforços de manutenção do volume energético disponível. Eram Joaquim e Roberto, naturalmente, porque, conforme concluiu Deodoro, nada ali se constituía em novidade para eles.

Terminado o trabalho de transferência energética aos passistas, restava ainda restabelecer os níveis de equilíbrio de cada trabalhador do etéreo. A Deodoro pareceu que esta última fase foi a mais demorada e penosa, porque se sentiam todos exauridos de forças. Foi preciso que os orientadores da casa dessem sustentação fluídica para canalizarem as ondas eletromagnéticas diretamente aos perispíritos depauperados. Houve momento em que pareceu ao grupo dos cinco receberem eles mesmos um chuveiro delicioso sobre a aura, de sorte que se desfez a camada mais sutil que lhes havia sido implementada ao adentrarem a sala de passes, voltando-lhes a constituição ao normal.

Enquanto o pessoal responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos no perímetro dos encarnados não se retirou, mantiveram-se em atitude de atenção todos os protetores. À medida que se despediam, os participantes eram imediatamente analisados quanto ao espectro da aura, sendo fornecidos a cada um os elementos mais propícios para sábia definição do valor da atividade da noite. A providência foi acompanhada por Deodoro e companheiros por recomendação expressa de Francisco, desejoso de deixar assinalados os serviços de benemerência especial aos que mais esforços dedicam no atendimento dos princípios doutrinários e evangélicos. Não passou despercebido a Deodoro a intenção de fazê-lo compreender a importância desse tipo de informação aos leitores de sua futura narrativa.

Instado para expor o que realmente pretendia, Francisco esclareceu:

— Sempre que podemos levar ao conhecimento dos humanos que os seus esforços estão sendo recompensados, segundo a nossa possibilidade de imantação de seus corpos espirituais, para que possam sentir-se tranquilos, com a exata noção do dever cumprido, iremos fazê-lo. Quando alguns saem com sentimentos de frustração, o que ocorre mais comumente com os oradores, com os médiuns e com os doutrinadores e dirigentes das sessões de desobsessão, buscamos ocasionar algum episódio para que lhes seja restituído o otimismo e o entusiasmo. Isto se alcança, por exemplo, com a informação transmitida por um dos presentes ao desiludido de que uma palavrinha, dita sem aquela premeditada intenção, repercutiu fundo na explicitação ou explicação de um drama íntimo, como no caso de um pequeno remorso, por não se ter dado a devida atenção a um cliente, que se

esclareceu pela apreciação de que um sorriso poderia conter o resumo da boa vontade que os recursos não atenderam.

Deodoro percebeu que, se deixasse a turma do centro expor cada pequenino tópico das atividades, iria ter de dedicar muitas páginas para a orientação específica das providências mentais e morais dos encarnados, em sintonia com as aspirações dos benfeitores espirituais. Mas teve de ficar ouvindo diversas histórias particulares, como se, a cada instante, os mentores da casa se revelassem cada vez mais apegados ao serviço, diretriz única de seus propósitos imediatos de crescimento.

Foi Eugênio quem decidiu dar explicação a respeito:

— Cada um de nós recebeu esta missão. Tal ponto é primordial para que se entenda o nosso empenho em realizar um bom serviço. Vocês sete estão sendo encaminhados para a descoberta preliminar das vocações, tendo em vista...

Hesitou na conceituação dos méritos e deméritos da derradeira romagem terrena. Mas prosseguiu:

— ... as qualidades de que se deixaram impregnar nos últimos tempos. Por exemplo, não é difícil de reconhecer, na demonstração inconsciente dos desejos de Alfredo e de Arnaldo, a vontade de permanecerem trabalhando conosco. Ocorre, contudo, que temem não estarem cumprindo a missão que se impuseram de defesa do grupo despreparado para o enfrentamento de certas ondas de maldade que perpassam pelas zonas umbráticas por onde deveriam caminhar. Se aceitarem um palpite fundamentado na minha experiência de guardião e de instrutor, devem confiar em que os demais irão defender-se muito bem, não apenas porque adquiriram conhecimentos e virtudes, como têm para si a ajuda dos amigos que estagiam em plano superior.

Foi Joaquim quem pegou o ponto do fio da conversa:

— De algum tempo para cá, venho notando que todos nós estamos afastando-nos uns dos outros, adquirindo interesses diversificados. Não são só os dois da tonsura que pretendem ficar pela face do planeta. Também Roberto e Everaldo manifestam íntimos anseios de se encontrarem com os parentes muito queridos. Quanto a mim, acompanharei Deodoro sem problema. Penso que Hermógenes também. Então, que resolvam a respeito da melhor decisão os que se encontram titubeantes.

Everaldo, tendo consultado mentalmente Roberto, sugeriu:

— Talvez, pela coesão que nos manteve unidos até agora, acho que deveríamos votar o destino do grupo, enquanto força conjunta a caminhar com segurança, tanto que jamais nos vimos em situação de perigo, ainda que de penúria tenham sido muitas travessias sem definição exata dos objetivos. Falo com conhecimento de causa, porquanto ninguém mais do que eu estive temeroso de encontrar-se com os inimigos de outrora. Sei, finalmente, que, se precisar dos parceiros e guardiães, bastará lançar ao espaço um pedido de socorro, que comparecerão de imediato ou enviarão um contingente de milicianos para a proteção requerida.

Tomé pediu licença para acrescentar:

— Vou fornecer-lhe um pequeno instrumento eletrônico, uma espécie de rádio cuja extensão de ondas está ligada ao centro de atendimento de emergência da colônia, que, acionado, revelará de pronto onde se situa o irmão em perigo, desencadeando o sistema

de socorro que atingirá qualquer ponto do hemisfério em dois ou três segundos, no máximo.

Deodoro solicitou um esclarecimento:

— Quer dizer que o *apito* não irá funcionar se passarmos para o outro lado do planeta?

Tomé brincou:

— É ver para crer, meu caro!

Aproveitando o momentâneo clima de descontração, Joaquim definiu as diretrizes para as deliberações de cada qual:

— Vamos realizar a proeza da separação, erigindo a vontade de cada sacerdote (ou já poderia chamar de *irmão*, à maneira dos espíritas?)...

— Chame de *fratello*, de *hermano*, de *brother*, de *frère*, de *frater*, que todas estas palavras também são usadas nos mosteiros e conventos. — Informou Deodoro.

Mas Joaquim não se perturbou:

— Pois bem, vamos fazer prevalecer a vontade de cada um, com a sublime condição do reconhecimento do desacerto, se alguém se sentir ao desamparo, em crise de consciência ou com sentimento de culpa, o que deverá redundar em solicitação de agrupamento.

Hermógenes concordou:

— Bem ponderado, preclaro amigo, principalmente porque você, Deodoro e eu seguiremos juntos. Nada a opor.

As despedidas foram demoradas e as recomendações cobriram a vasta zona dos cuidados com os dizeres e intenções, até os recursos das preces e invocações do poder dos anjos guardiães.

Causou certo mal-estar a repartição das relíquias trazidas pelo espírito de Kardec, mas, finalmente, cada qual ficou com um volume, reservando-se para Deodoro a volumosa **Revista Espírita**, que não pesava mais que os outros exemplares nem ocupava mais lugar. Mas era o livro que mais informações concentrava. O Monsenhor, todavia, não deu importância ao fato de ser uma das obras *menores*, já que guardara de cor o inteiro teor de todos os textos.

Antes de se afastarem, cada qual definiu o próprio destino.

Everaldo: Vou ver se me encontro com um dos irmãos do convento, amigo de clausura, com quem combinei, brincando, naturalmente, que, se fosse viável, iríamos esperar um pelo outro na mesma cela que repartíamos em vida. Isto significa que vou deslocar-me para a minha querida Buriti, minha terra natal, a ver se reconheço alguém da família ali reencarnado. Mais tarde, vasculharei de alto a baixo o Maranhão e só depois é que me dedicarei ao *fratello* do convento.

Arnaldo: Não tenho muito a dizer, pois todos sabem que Alfredo e eu pretendemos integrar-nos neste contingente em defesa da casa espírita. Se estivermos muito imaturos para o trabalho, quem sabe sejamos convocados pelos instrutores da colônia. É uma perspectiva agradável, mas não é necessariamente essa a destinação que temos em mira. Para nós, o encontro com os familiares e amigos de antigamente não nos coage os sentimentos. Como vocês sabem, temos a exata compreensão de que fomos abandonados em mãos estranhas na última encarnação e permanecemos acreditando no paraíso dos

padres por um bom tempo. Agora é exercer um ofício prático, porque não nos enfronhamos totalmente nos ideais da filosofia, posto que sejamos bem capazes de entender certos princípios de muita sutileza. Mas combinamos em deixar para mais tarde, sob orientação de professores especializados, as matérias que desde já comovem e fazem a felicidade do nosso generoso Monsenhor.

Roberto: O meu projeto é adentrar de volta no setor do Umbral de onde saímos, para procurar alguns companheiros de moléstia perdidos nas brumas do sofrimento. Já não trago vestígio algum da hanseníase e, se me reconhecerem, vão dar valor às minhas palavras de esperança na cura providencial através da compreensão da misericórdia e da justiça de Deus. Se me sentir, de qualquer modo, desesperançado eu mesmo, por causa das dificuldades naturais do empreendimento, não hesitarei em solicitar que os amigos me vão buscar. Tenho as coordenadas em que deverei emitir o sinal telepático, de sorte que não me sentirei jamais sozinho, ainda porque agora vou com a certeza de estar a merecer o apoio de meus protetores.

Deodoro: Não vamos estabelecer roteiro para nós três. Já concordamos em prosseguir aleatoriamente. Quem sabe recebamos intuições de como proceder para o exame da realidade segundo prismas insuspeitos para o nosso discernimento?! Deixar-nos-emos estar nas mãos dos amigos mais evoluídos, o que é o mesmo que deixar o nosso destino nas mãos de Deus.

la imitar a expressão de Jesus no pai-nosso, dizendo o trecho do *seja feita a vossa vontade*, mas recolheu-se a tempo de não censurar os amigos. Julgou que havia deixado bem claro o seu pensamento e propôs a Francisco que comentasse as deliberações, orasse a prece de despedida e solicitasse as bênçãos do Senhor.

Francisco não tinha muito que dizer, mesmo assim desenvolveu algumas ideias:

— Meus caros, na vida e na morte, o destino que cada um traça para si mesmo não está isento de ser compartilhado. Por isso, quando nos separamos por momentos, mantemos sempre a esperança de reencontrar-nos, segundo o equilíbrio moral e intelectual da hora da partida. Aí, enveredamos pelo mundo, descobrimos novas perspectivas existenciais, deparamo-nos com novos tipos, transformamos a nossa estrutura espiritual em função das experiências e pomo-nos mais espertos perante o Cosmos. Dada a separação, cada ser perpassa por eventos diferenciados, a ponto de conhecer novas diretrizes em todos os ramos do saber, cristalizando aspectos que dão outro tônus à personalidade, revigorando, entretanto, tudo o que de bom tem o caráter. Não esperem, pois, que o seu reencontro vá apresentar esta mesma comoção de pré-saudade, se assim posso dizer. De maneira alguma irão reconhecer-se nas pessoas em que se transformarem. Vão deparar-se com outros indivíduos, até que se disponham às narrativas das peripécias e recomecem a peregrinação em conjunto, adequando os objetivos às novas reivindicações espirituais. Mas é da natureza destas esferas que assim seja, porque, vejam bem, se o sujeito parte para nova encarnação e não volta mais desenvolvido, não irá alçar-se ao nível dos que, ao contrário, souberam aproveitar a nova oportunidade. Não lhes afirmo que o amor que une os elementos do grupo não se sedimente em princípios morais de primeira grandeza, como a sinceridade e honestidade dos sentimentos. Digo-lhes que novos relacionamentos servirão para novas conquistas para o círculo das amizades e poderá ocorrer de se juntarem espíritos com maior proximidade, de acordo com o grau de

evolução específico. Devo avisá-los de que estes elementos que lhes passo têm uma formulação muito simples e qualquer pessoa, com algum discernimento intelectual, será capaz de imaginar que seja exatamente esse o fenômeno afetivo que se deva aguardar para o futuro. Mas não transportem consigo nenhuma malquerença, nenhuma contrariedade, nenhuma antipatia, por mais melíflua possa ser. Antes de partir, exponham as mágoas, os pensamentos de desagrado e peçam perdão por haverem guardado tais diferenças, mínimas que sejam. Se assim não fizerem, o tempo de afastamento, propiciando oportunidades de reflexão, trará certo mal-estar íntimo no desenvolvimento pernicioso dos sentimentos desarmoniosos. Outra vez advirto para a modéstia destas apreciações, contudo, prestem atenção no valor intrínseco delas para a consecução do ideal evangélico do amor às criaturas, por força de todos sermos filhos de Deus. Por exemplo, quase todos vocês estão em vias de deixarem o ambiente deste *Tugúrio*. É comum, em tais situações, quando se virem distantes do pessoal daqui, que desejem fixar conclusões a respeito das atividades acompanhadas. Nesse momento, tenderão a exercer seu espírito crítico a respeito de tudo. Caso cheguem a resultados desabonadores, não tanto pela falta de proficiência dos trabalhadores mas pela metodologia empregada, irão responsabilizar os dirigentes, inculcando em sua mentalidade que algo poderia ser feito de maneira mais eficaz. Não façam isso. Se for necessário comentar o que viram para estabelecerem um ponto de vista uniforme, desdenhem o desejo de justificar as próprias observações e mantenham-se atentos para o que tiverem absorvido das técnicas, evidenciando, de modo o mais científico possível, quais os mecanismos que ficaram sem domínio integral. Em subsequente visita a este ou outro centro espírita, os pontos não aclarados merecerão outro tratamento e novas investigações, porque, no campo do socorrismo, o mais importante é sempre o bem-estar que se possa proporcionar ao próximo, sem o concurso da sensação de que estamos fazendo o serviço através de desforço sacrificial. Que Deus os abençoe, meus irmãos, e lhes dê outras razões para os seus penhorados agradecimentos. Vão em paz e enxuguem as suas lágrimas, na expectativa de novas realizações no campo das virtudes. Acompanhem-me num simples pai-nosso.

Quando Deodoro retornou do êxtase em que se deixou enlevar pelos sentimentos que as palavras de Francisco lhe despertaram, estava no pátio muito conhecido do seminário onde havia ministrado alguns cursos. Em sua companhia, apenas Joaquim e Hermógenes.

— Como viemos parar aqui?

A pergunta endereçou-se mais aos protetores do que aos outros dois. Foi Joaquim quem respondeu:

— Com certeza, tendo nós três acatado as orientações contidas no discurso do mentor do centro espírita, ficamos à disposição da iniciativa dos que cuidam de nós, a partir da história de nossas existências. Julgaram, evidentemente, que, neste local, iríamos ter o que aprender e para cá nos trouxeram. Nesse sentido, é muito provável que tenham lido em nossos corações que aceitaríamos de bom grado tal interferência em nosso livre-arbítrio.

Hermógenes, que se sentia como em casa, complementou:

— Devo imaginar que, se nos rebelarmos contra a orientação que se imprime à nossa educação, como acontecia aos seminaristas do meu tempo, seremos enviados para a



reitoria, onde é certa a admoestação. Bem me lembro de vários acontecimentos neste educandário terreno.

Deodoro, no entanto, punha o seu senso filosófico a trabalhar:

— Sinto-me operando mentalmente sob restrição de várias ordens. Não posso comentar o que vi no centro; não posso refletir sobre esta inusitada deslocação no espaço; não tenho recursos para perceber quais os critérios utilizados para a seleção deste local; não fui ouvido a respeito dos meus sólidos objetivos; não tenho necessidade de dispor...

Não foi mais longe, interrompido por Joaquim:

— Caríssimo, vocês dois estão numa casa que lhes incita muitas recordações. Por aqui não passei nenhuma vez. Todavia, não me afeta o fato. Deposito nas mãos dos amigos completa confiança e lhes solicito ainda mais, isto é, que sejam explícitos quanto ao oferecimento que nos fazem de suas propostas de ensino. Se bem me recordo, esta não é a primeira vez que somos levados de um lado a outro. O que nos atinge, desta vez, é a falta de novidade, tanto que, anteriormente, ficávamos perplexos com os eventos. Agora, queremos imprimir a nossa vontade declaradamente nos feitos a que somos integrados. Não permiti ao amigo Deodoro que prosseguisse em sua linha de raciocínios, para não incidir em juízo precipitado e injusto.

Não tiveram tempo para mais nenhuma inquirição à vontade. O pátio foi recebendo uma leva de alunos que, sem serem tão numerosos quanto no tempo do professor, ocuparam todos os quadrantes, distribuindo-se em facções para jogos e lazeres. De pronto, chamou a atenção de Hermógenes que nenhum deles portava ou consumia qualquer espécie de merenda. Uns poucos refrescavam-se nas três bicas da fonte. Muitos dos mais velhos formaram várias rodas em que os temas de caráter religioso preponderavam, conforme rapidamente foram constatando os recém-chegados. No plano etéreo, viram muitos protetores vestidos de batinas, os quais não fizeram menção de tê-los percebido no ambiente.

Deodoro, não querendo fazer estardalhaço, manteve uma conversação telepática com os parceiros:

*Sinto que fomos aqui trazidos na qualidade de meros observadores. Diferentemente do centro espírita, os dirigentes espirituais da instituição não se aprestaram a vir receber-nos. Por que será?*

Joaquim foi quem se manifestou:

*Ou estamos ocultos para não sofrermos repelões vibratórios, porque emitiríamos evidentes sinais de perturbação espírita, uma vez que testemunharíamos em favor de tópicos contrários aos dogmas, conforme ocorreu-nos no mosteiro de onde fomos expulsos; ou estamos aqui para apreciarmos o movimento dos alunos e professores em mera configuração fantasmagórica, como no caso das construções do etéreo, quando estivemos retidos na biblioteca. Neste caso, estaríamos envoltos por acontecimentos históricos e não da realidade em transição. Talvez, se esta segunda hipótese estiver certa, venhamos a observar Deodoro ou Hermógenes em atividade.*

Hermógenes não se conteve:

*Em matéria de possibilidades, tenho outra, fruto de minha imaginação criativa, qual seja, a de que estejamos sendo convocados para ouvirmos as lições ministradas de cátedra, segundo a novíssima concepção teológica dos últimos tempos. Sendo assim, iríamos*

*atualizar-nos em curso de reciclagem, para o efeito da prestação de serviços em área de atuação onde temos melhores condições de aprendizado. Quem sabe esteja sendo dado o pontapé inicial do campeonato? Que campeonato? O de que participamos na qualidade de equipe convidada, com perdão da péssima figura, porque sinto que Deodoro me recrimina.*

*A sua construção mental está a insinuar-me, refletiu o Monsenhor, que as vibrações emitidas pelas entidades encarnadas estão conseguindo furar o bloqueio das defesas energéticas, para atingir...*

Novamente, Joaquim interveio:

*Peço-lhes perdão por haver começado com as suposições. Deveria, à vista de não termos conhecimento do fenômeno que nos alicia, ter proposto que orássemos por esclarecimentos.*

Deodoro percebeu que se deixaram levar pela fantasia e concordou:

*É justamente isso que deveríamos ter feito, ou melhor, que deveremos fazer a cada novo empreendimento de que formos alvo. A leveza dos pensamentos inócuos que se originam das divagações aleatórias é imprópria para a compreensão do que ocorre em sentido seriíssimo conosco. Estamos agindo como aqueles alunos que não prestam atenção às explicações, no aguardo da ajuda que possam receber no momento das provas. Se não nos dedicarmos com mais rigor aos estudos ou ao exame das condições ambientais em que estamos imersos, jamais iremos merecer oportunidades mais importantes e abrangentes. Aposto que, assim que orarmos solicitando aqueles esclarecimentos referidos por Joaquim, seremos transportados para outra conjuntura igualmente excitante.*

Ficaram alguns instantes no aguardo da transferência aludida. Enquanto isso, as atividades dos alunos se encerraram e todos regressaram ao interior do edifício.

Hermógenes buscou estimular a capacidade intelectual dos companheiros:

— Vocês vão perdoar-me, mas eu me sinto ainda como discípulo de Deodoro, como ainda respeito Joaquim pela autoridade que demonstra relativamente a todos os temas de que tratamos. Quando pretendo avançar um pouco mais, noto que vocês já vêm de volta. Não residirá aí a dificuldade de não termos recebido autorização para nova peregrinação etérea?

Foi Deodoro quem se deixou embair pelo desafio do ex-aluno:

— Se você está acreditando que se tornou um peso para nós, talvez esteja mais ou menos certo. Mas que critério deveremos utilizar para o julgamento de nossas melhores disposições espirituais? Só o fato de termos tido experiências de vida ou de interregno existencial no etéreo mais longas não terá o significado de estarmos mais categorizados para sermos recebidos desde logo numa colônia de desenvolvimento das qualidades evangélicas, de acordo com o que pudemos depreender das informações colhidas junto aos dirigentes do centro espírita. Desejará o irmãozinho, permita-me o tratamento afetivo, que ouçamos a sua confissão?

Longo foi o período de tempo entre a questão e a resposta. Se tivessem observado com atenção o movimento dos alunos vindo e voltando do pátio, teriam sabido que vários dias terrenos estavam decorrendo. Cada qual se recolheu em suprema análise do discurso de Deodoro, pela sugestão inclusa de que os valores desenvolvidos pelo caráter de cada um poderiam permitir semelhanças e diferenças quanto aos recursos disponíveis para o enfrentar dos problemas que se constituíam em percalços para o crescimento almejado.

Cada qual estabeleceu que o Paraíso dos eleitos estava sendo vedado pela própria textura de sua personalidade, despertando, finalmente, para o enredo de que estavam, de certa forma, sendo objetos.

— Temo que a minha resposta não se coadune com os desejos dos amigos de mais um companheiro para a viagem. Não sou um peso para vocês. Considero-me, aliás, a parte folclórica e agradável das tertúlias amigáveis que o nosso grupo glosava, sob o impacto das vigorosas deduções de meu querido professor. Afirmo-lhe, Deodoro, sem medo de ofender, que me antipatizava com a sua enérgica presença em sala de aula, porque possuía subida inveja do seu discernimento. Quando o reencontrei nesta esfera, reacendeu-se a antiga ojeriza, mas contive os ímpetos, condoído, principalmente, pela sua figura vetusta e acabada. Mas você progrediu, meu irmão, surpreendentemente, readquirindo as cores mais saudáveis da juventude, nestes quarenta e poucos anos que representa agora. Quanto a mim, a minha imagem, que deveria estar na casa dos vinte e poucos permanece lá pelos sessenta, pouco tendo progredido, com toda a certeza porque não me aferrei suficientemente aos estudos. Você, que tem a memória sempre pronta, sabe muito bem que desisti dos votos e que lhe informei que voltara ao seminário em época posterior, mais velho e mais experiente, velhice e experiência relativas, que o mais que fiz foi dar um piparote nos conceitos, assimilando o mínimo necessário para capacitar-me, pois desejava reaver os ambiciosos planos da mocidade, agora sem os ornamentos dos ideais. Em suma, para não tornar grandioso o que não tem nada de expressivo, julgo-me apaniguado pelas providências dos protetores que para cá nos trouxeram, com o evidente fim de me dar a entender que o meu curso se fez muito mais no pátio do que nas classes. Quando aguardamos o transporte para outro local, transporte que não se realizou, fiquei cismado. Agora, tenho a certeza de que, prometendo permanecer em estudos junto aos encarnados (se não forem os alunos daqui espíritos de sacerdotes mal formados)...

Joaquim, enxugando lágrimas provocadas por sensível compreensão do drama que se relatava, interferiu:

— Seria bom que esta hipótese fosse verdadeira, porque, então, estaríamos apreciando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das ações em dois planos etéreos. Infelizmente, acho que os discípulos são terráqueos.

Hermógenes notou a emoção do amigo e o abraçou carinhosamente. Coube a Deodoro aproximar-se dos dois, para unir-se no mesmo amplexo de amizade. Firmando nitidamente o sentimento de que compreendia e perdoava incondicionalmente o ex-aluno, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Aceito a sua confissão, estimado companheiro, e lhe dou a bênção de Deus, porque jamais me senti agredido por sua antipatia. Quanto à sua proposição, não nos custa tentar o mesmo recurso, despedindo-nos e orando, para ver se somos, Joaquim e eu, encaminhados para outra região, enquanto você fica por aqui mesmo, segundo manifesta vontade.

Desta feita, Joaquim, estremecido pelo diálogo entre os que se reconciliavam, ergueu a voz para a prece de despedida:

— Senhor, se for para a felicidade futura destes irmãos e se assim se programou para nós três, fazei que a nossa inteligência se abra para as necessidades de progresso imediato de cada um, de forma que possamos seguir os nossos caminhos, sem o

comodismo e as regalias de simples usufruto dos espíritos mais evoluídos. Que se abra para nós a perspectiva do trabalho ideal, atribuindo-se a cada um a carga que podemos carregar. Abri-nos também o coração para aceitarmos como compromissos os labores consequentes, sem os quais não se fixam as diretrizes que o nosso intelecto é bem capaz de registrar, para a repetição oportuna aos que nos parecem desajuizados. Providenciemos, pois, os meios de alcançarmos proficiência para a realização dos atos socorristas em completo domínio dos ensinamentos de Jesus. Assim seja.

Quando terminou a oração, encontraram-se Deodoro e Joaquim na pequena nave de uma igreja cheia de gente. Hermógenes havia bem compreendido que era ele mesmo quem necessitava das lições que um dia desprezara.

O tumulto dentro do âmbito espiritual fazia-se acentuado. Os fiéis também emitiam fortes vibrações de desagrado, como se impelidos para a prática de algum ato de violência.

Joaquim observou:

— Eis que se prepara o povo para a guerra. Tenho a reminiscência de haver participado, em alguma época em que fomentava a revolta nas almas dos encarnados, desta mesma atividade em que o ódio se mescla ao mais agudo sentimento de vingança. O que estranho é que tais fatos estejam a ocorrer dentro do sagrado recinto religioso.

Deodoro foi mais arguto nas considerações:

— A partir das recentíssimas experiências, posso concluir, à vista de sua declarada rememoração de episódios análogos, que para cá viemos trazidos na intenção de deixá-lo às voltas com esta específica situação de organização de forças para a invasão de territórios, legítima ou ilegitimamente, de posse dos latifundiários. Você, não sei se acompanhou o desenvolvimento das ideias mais liberais do sacerdócio vocacionado para os pobres. Digo isso porquanto faz quase um século que desencarnou. Por minha vez, senti o crescimento dos anseios de muitos padres de tornarem a sociedade mais homogênea economicamente e mais igualitária socialmente. Tomaram ao pé da letra a palavra evangélica, ou seja...

Aguardou que Joaquim citasse o texto bíblico.

— Eis, amigo, o trecho do Sermão das Bem-aventuranças a que você se refere, na versão de **São Mateus**, capítulo V, versículos 4, 6 e 10: *Bem-aventurados os que estão chorando, porque serão consolados. — Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. — Bem-aventurados os que estão sofrendo perseguição pela justiça, porque o reino dos céus é para eles.*

Deodoro interveio:

— Prefiro **São Lucas** (VI: 20 e 21): *Vocês são bem-aventurados, vocês que são pobres, porque o reino dos céus é para vocês. — Vocês são bem-aventurados, vocês que estão tendo fome agora, porque serão saciados. — Vocês são felizes, vocês que estão chorando agora, porque irão sorrir.*

— Então é bom acrescentar os versículos 24 e 25: *Mas infelizes de vocês, ricos, porque estão tendo sua consolação no mundo. — Infelizes de vocês que estão saciados, porque terão fome. — Infelizes de vocês que estão rindo agora, porque serão condenados aos prantos e às lágrimas.*

— Bem lembrado. Não lhe parece claro que Jesus prometia, como está escrito, o reino dos céus? Pois aí é que houve sérias divergências de pontos de vista dentro da Igreja.

— Tanto houve, concordou Joaquim, que agora estamos vendo que o sacerdote incentiva as invasões, amparado por alguma carta pastoral da diocese, que tais coisas não se fazem sob o risco da excomunhão.

— Será que para cá viemos na condição de observadores ou estamos sendo intimados, subjetivamente, a auxiliar no desarme dos espíritos contra os irmãos?

— Não temos nenhuma possibilidade disso, Deodoro. Note que os de batina são dois ou três, no máximo, enquanto os demais instigadores são meros arruaceiros.

— Não concordo com o qualificativo. Arruaceiros seriam se estivessem despojados de qualquer sentimento de ajuda. No entanto, pelo que entendemos e concordamos, de qualquer modo, se fundamentam nas palavras do Mestre, mal aplicadas segundo o nosso ver, mas sempre edificantes, já que a pregação do Cristo se deu no sentido de dar a quem nada tem a proteção do Alto. Qual é mesmo a promessa escrita?

Desta vez, Joaquim apenas murmurou:

— *Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. (São Mateus, V: 3.)*

— E como entender a expressão *humildes de espírito*?

— *Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. (São Mateus, V: 5.)*

— E qual o conselho implícito do Senhor?

— *Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. (São Mateus, V: 8.)*

— *Limpos de coração ou pacificadores...*

— *Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. (São Mateus, V: 9.)*

— Pretendi caracterizar que a incitação de Jesus não continha violência. Será, então, perniciosa a intervenção religiosa no campo social, à medida que promove a luta entre os homens? Quando vivo, julgava que sim. Agora, estou tendendo a reconhecer que os que sofrem não poderão jamais aprender as matérias doutrinárias do Espiritismo, sem se dedicarem aos estudos regulares e específicos, para o que têm de ter recursos de toda espécie. No meu tempo, vivendo um tanto na Europa, acostumei-me a outro tipo de cultura, sem as ânsias da conquista individual. Mas as nações fizeram em larga escala o que estamos a pique de ver neste recanto afastado da civilização. Preciso confessar-lhe, Joaquim querido, que não me sinto capacitado a julgar dos méritos ou dos deméritos de tal atitude. Que pensa você?

— Tenho medo de não ter nenhuma ideia muito clara a respeito do tema. Deveríamos abrir Kardec e não permanecer ilhados pelos cânones do catolicismo de que estamos impregnados, mormente sob a influência direta deste local eivado de recordações eclesiásticas.

— Você também sentiu o envolvimento catastrófico para o nosso discernimento das intempéries promovidas pelos seres em reunião?

— Totalmente. Acho que aqui não haverá de ser o melhor local para as reflexões a que nos habituamos. A minha tendência é a de me aplicar ao esclarecimento dos pontos evangélicos aos que se incitam para a prática do ato de vandalismo. Por certo, aqueles que estão recebendo a grave ascendência de caráter grosseiro têm a seu favor a intercessão dos protetores. Nós é que estamos presenciando um ato sem que possamos caracterizar

qualquer atividade para amenizar os dissabores dos encontros conscienciais futuros, pela prática da injustiça, da maldade...

— Joaquim, creio que estamos meio perdidos. Não seria mais justo que nos inscrevêssemos em algum curso regular, em alguma instituição de ensino superior, para o que...

— ... para o que, caro Deodoro, devemos elevar os pensamentos em prece, porquanto nos ficou demasiado evidente que não temos o vezo do socorrismo. Desta vez, faça você a solicitação transcendental, por favor.

O Monsenhor abaixou a cabeça, a significar que se sentia muito pequeno, e rezou:

— Amigos e benfeitores preocupados com a nossa evolução, ajudem-nos nesta crise do intelecto e do sentimento. Chegamos a uma encruzilhada terrível, porque incapazes nos reconhecemos de realizar algo proveitoso para o povo em vias de cair em tentação, porque não se afasta do abismo do ódio, especialmente pela malversação dos ensinamentos de Jesus, que deveriam estar sendo pregados e explicados neste ambiente onde a paz e a concórdia deveriam reinar. O que é pior nesta nossa postura socorrista é que não somos capazes de reconhecer exatamente onde é que está o maior perigo, já que os que se rebelam também apresentam razões muitíssimo claras de que estão sendo despojados do bem mais precioso, conforme lhes foi prometido pelo Nazareno, qual seja, o de que possuiriam a terra, promessa que se cumpre em relação à Igreja, que mantém vastas propriedades. O que não nos parece lícito é não respeitarem o princípio da mansuetude, conforme a sugestão de Jesus. Leiam em nossos corações o nosso desejo de partilhar dos trabalhos do amor em prol da humanidade e considerem a nossa lucidez quanto à necessidade dos conhecimentos. Haverá alguma esperança de sermos atendidos? Qual será o sinal que receberemos desta vez?

## NA COLÔNIA

Quando emergiu para a realidade, Deodoro viu-se com Eufrásio no quarto do hospital. Joaquim não estava e para ele voltou-se o pensamento do Monsenhor:

— Que é feito de meu bom amigo? Não deveria ter sido trazido junto comigo?

— Querido Deodoro, gostaria você de tê-lo ao seu lado?

— Se for do desejo dele, porque não quero causar nenhum problema.

— Pois bem, permanece na Terra, incorporado a grupo de assistência moral e doutrinária, na qualidade de aluno em fase final de preparação socorrista.

— Quer dizer que o rejeitado posso considerar-me eu?

— Se for assim que você pensa de verdade, uma vez que, em sua prece, pedia-nos que *se lesse em seus corações o desejo de partilhar dos trabalhos do amor*. Como havia dois escritos, houve dois atendimentos diferenciados.

A explicação convenceu Deodoro quanto aos aspectos lógicos, mas interrogava-se quanto aos psicológicos.

Esclareceu Eufrásio:

— A aplicação de Joaquim às tarefas de auxílio volta-se mais especificamente para os espíritos encarnados. Você tem rejeitado sistematicamente os aspectos do corpo a corpo do convencimento dos mais infelizes, preferindo as grandes soluções, aquelas que envolvem toda uma corporação.

— Temo estar laborando em forte erro.

— De forma alguma, querido. Mas, como você se sentiu bastante perdido perante as iniciativas que lhe competiam junto aos sofrendores encarnados e como preferiu conduzir os desencarnados a mãos mais experientes, talvez pelo insucesso com os do desastre aviatório, é justo que desenvolva as suas próprias tendências, segundo as perspectivas que somos capazes de imprimir às atividades de nosso educandário.

— Quer dizer que a rogativa quanto a me matricular...

— ... está sendo convenientemente atendida. Resta-nos, apenas, um tópico a considerar, antes que você se dedique às matérias do curso, qual seja, o de que deve recuperar o contato com as pessoas que se constituíram em seus parentes próximos na romagem derradeira pela carne.

Sentiu-se Deodoro pungir com a lembrança do amigo, porque, para tanto, não teria coragem de solicitar-lhe os préstimos. Eufrásio susteve o degradingolar da emoção do parceiro:

— Mantenha-se calmo, íntegro sentimentalmente, uma vez que deveremos prepará-lo para os encontros, tantas foram as alterações existenciais desde os últimos contatos, ainda que consideremos as duas ocasiões em que você, durante o sono, recebeu a visita deles há mais de quarenta anos.

Tudo o que lhe era transmitido, Deodoro assimilava no mesmo instante, sem considerações de que poderiam estar sendo apresentadas fugazes alegorias ou imaginosas criações. Manteve-se, verdadeiramente, equilibrado, tanto que, ao final da curta exposição, não tinha pergunta para fazer. Punha-se inteiramente à disposição do amigo.

Por sua vez, Eufrásio também não se surpreendeu mas explicou:

— Não me admira que você esteja cômico de muitos fatos que, para outros, provocariam reações até perigosas. Vejo que aprendeu a se controlar, segundo um critério de absorção da realidade que não lhe permite dúvidas. Muitos perguntariam se, durante a ausência desta casa, permanecemos atentos para as atividades externas deles. Outros gostariam de saber se mereceram o apoio dos protetores, revelando que o seu procedimento se voltava também para o agrado deles. Você se sentiu, ao contrário, o enfeitado, como se o mérito maior tivesse de atribuir-se aos companheiros. É evidente que somos capazes de ler em sua aura quando você não verbaliza os pensamentos segundo a verdade. Mas esse aspecto foi abolido por sua firme determinação de assimilar todos os ensinamentos. Quero, porém, que não se esqueça de que é automática a rejeição dos maliciosos. Se a nossa capacidade de análise da aura é profícua e ampla, o mesmo não se dá com a verdadeira personalidade enfronhada nos refolhos da constituição espiritual. Todavia, enquanto não demonstrar pelo trabalho que se dispõe amorosamente a oferecer-se para os irmãos, seja aos que precisam de ajuda diretamente, seja aos que necessitam de auxiliares técnicos bem dotados de inteligência e de vontade, com certeza não se harmonizará com os eflúvios dos círculos maiores, que sempre nos solicitam quando evidenciamos progresso real.

Durante toda a exposição, não saía da mente do discípulo a figura de Hermógenes, que o surpreendera por desejoso de refazer o caminho de que se desviara outrora. E também lhe aparecia Joaquim, sempre reconciliador e extremamente vivaz na argumentação. Os outros quatro faziam-lhe falta, pelo apoio de sua atenção e pelas contribuições de suas experiências.

— Por que, Eufrásio (ou *Eustáquio*?) estou um tanto no ar, sem a turminha que me ajudava na filosofia?

— Primeiro, Deodoro, quero dizer-lhe que *Eustáquio* foi criação do Padre Crisóstomo, para fazer que você, de algum modo, viesse a desmerecer as informações que eu lhe havia passado. Penso que a sua pergunta reflete a tendência a considerar como incorreta a proposição de quem estava imerso em tão grave alucinação, incapaz para a compreensão da realidade mais simples das leis da justiça, pelo processo saudável do princípio de causa e efeito. Quanto à falta que lhe faz a presença dos amigos, é indício claro de que vocês formaram um grupo de fortes vínculos sentimentais. É bom compreender, como Francisco já adiantou, que o encontro com novos irmãos irá preencher o vazio. Fique, não obstante, a noção de que, no Reino de Deus, terão plena realização todos os amores.

Deodoro ouvia o amigo sem o vezo de contrariá-lo que trouxera do sacerdócio e que se manifestara com tanta intensidade quando despertou naquele mesmo quarto. Pôs reparo nos móveis, no cortinado, na janela e na porta, avaliou que havia uma cama e duas cadeiras, uma mesa bastante tosca e que conversavam de pé, ao lado da cômoda.

— Observo, adiantou-se Eufrásio a explicar, que você está se deixando empolgar pelos objetos, crendo que esteja na mesma cela que o agasalhou antes. Na verdade, o



padrão segue o seu nível de aspiração de servidor da Igreja. Se, na dependência anterior, existiam os mesmos utensílios e móveis, só significa que fomos capazes de traduzir os seus pensamentos, configurando a paisagem mais adequada para recebê-lo. Como você sabe, conforme testemunhou na biblioteca, podemos ampliar ou acrescentar, bastando, para isso, que se criem as necessidades correspondentes. O que deveria ser mais de seu interesse verificar é a diferença operada em sua organização perispirítica, comparativamente com a que apresentava ao chegar. Agora você está saudável, bem disposto, dono de seus movimentos, com força para reagir aos impactos emocionais. Sendo assim, irá passear no pátio, sem o desejo de colher o fruto da árvore da vida, porque não mais está transtornado pelos arquétipos de que se impregnou no exercício religioso. Não lhe parece que fez bem a você o período em que vagou pelo etéreo?

Não havia como não responder afirmativamente. Deodoro, contudo, não estava à vontade para os desenvolvimentos teóricos. Queria, desde logo, conhecer a programação preparatória para o contato com os parentes.

Eufrásio bem lhe compreendeu o anseio:

— Perdoe-me a referência ou alusão descabida ou pretensiosa, nesta altura da caminhada para o aperfeiçoamento no socorrismo de seu espírito, mas você me induz a imaginar a situação em que estará o leitor de sua narrativa neste ponto em que lhe cresce a angústia pelo conhecimento das condições em que se encontram os seus e fica o protetor a protelar o desfecho, marcando passo em considerações que ele julgará impertinentes ou superadas.

Foi, então, que Deodoro marcou, pela primeira vez após o regresso, com vigor, a sua vontade:

— Não queira o amigo Eufrásio (que poderei passar a chamar de *Eustáquio* — veja lá!) fazer-me o autor exclusivo de uma obra cujo estímulo adicional obtive diretamente de Kardec, como você deve saber. Que seja o meu ponto de vista, a minha perspectiva ou a minha pessoa o centro de interesse da história, que vá! Concordo. Mas não escreverei uma única página na condição de onipresente ou onisciente, na qualidade de personagem-narrador. Rememorarei todas as minhas falas, selecionarei os substantivos e verbos que julgar adequados para a descrição psíquica de minhas reações, mas não assumirei total responsabilidade quanto à composição da peça. Exijo, além do mais, que estejam presentes todas as figuras que se constituírem em personagens, ou que as busquemos onde se encontrarem para que permitam expressamente a inclusão de seus nomes ou de suas personalidades no relato. Qualquer desvio, no que respeita à verdade íntima de cada ser, já aprendi que pode atrair dos leitores ondas de vibrações desairosas, uma vez que não estamos em condições de acompanhar todas as leituras e as respectivas preparações magnéticas ou que outro nome se dê às influências deletérias de quem se manifesta contrário ao caráter ou às atitudes de cada um. Se fosse obra de pura ficção, ainda assim estaria a temer pela emissão do desagrado, por causa do incentivo de imoralidade, de hipocrisia, de maldade, seja lá de que vício intelectual ou emocional cuidasse o texto. Venho pensando muito a respeito e, se não for esta a hora mais adequada para a minha manifestação de vontade, que grave você, meu bom amigo, os dispositivos segundo os quais me atreverei a redigir sem arrependimentos futuros, pois que não quero lamentar tenha um dia pensado em escrever as minhas aventuras, para mais tarde oferecer aos

dirigentes da colônia, aos diretores da escola, aos mentores dos socorristas, a quem de direito, as restrições que devo impor, segundo a sólida formação que trouxe dos tempos em que participei do corpo editorial da Igreja. Pelo que li em Kardec, se não contiver a mensagem os rigores doutrinários e os experimentos mais reais, dentro da natureza deste campo energético em que subsistimos, apenas iremos despertar a curiosidade mórbida de quem não se estimulará aos estudos sérios das obras capitais do Espiritismo. Obra de fancaria, com perdão do termo, não me atreverei a realizar.

Eufrásio não perdeu a serenidade mas foi obrigado a redarguir:

— A sua preocupação é justíssima e a sua peroração, oportuna. Entretanto, caro amigo, os cuidados estão a desmerecer a retidão do proceder do governador e dos ministros da colônia, que não permitiriam jamais que entregássemos às mãos dos humanos qualquer obra que provocasse desvios da conduta evangélica. Mas, levando em consideração o seu noviciado (para não dizer a sua ignorância — será que deveria chamá-lo de *Antenor?*), vou apenas anotar o seu sermão, considerando-o simples requerimento protocolar de advertência de intenções. Em todo o caso, registre-se o fato para que saibam os terrenos, em tempo hábil, que a questão foi ventilada e que a resposta foi taxativa. O mais correrá por conta do próprio texto. De acordo?

Só, então, percebeu Deodoro que extravasara as ideias que lhe vinham fermentando na mente profunda. E citou, de si para consigo mesmo, a sábia lição do Cristo, mas fazendo-se entender de Eufrásio:

— Creio que me cabe, guardadas as devidas proporções, o que o Mestre enfatizou aos discípulos na parábola do fermento, como se lê em **São Mateus** (XIII: 33): *“O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.”*

— Queira Deus que assim seja, meu irmão. Mas vamos ao que lhe interessa mais particularmente, ou seja, o plano para efetuarmos os seus encontros com as pessoas mais caras, desde que, vou advertindo desde já, também a elas a sua presença venha a ser agradável. Muitas vezes nós nos enganamos com os seres com quem simpatizamos. Não lhes percebemos a ojeriza pela nossa maneira de ser e pensamos que estamos sendo bem recebidos. Isto acontece mais frequentemente entre os vivos, porque a categoria social das pessoas as obriga aos atos de vassalagem, de sorte que toda ordem de adulação se realiza com o fito...

— Pode omitir essa parte, querido Eufrásio. Conheço suficientemente a teoria para não me deixar engodar na prática. A sua introdução deixou-me evidente que vocês irão definir se a recíproca é verdadeira, caso denuncie eu um afeto maior que o que venho recebendo, o que impedirá que nos enganemos. Sei também, pelas leituras kardecianas, que muitos parentes se constituem em antigos inimigos, agrupados para o efeito da reconciliação, o que nem sempre se realiza à perfeição, devido aos percalços naturais da vida gregária. Se estiver precipitando-me, avise-me. Caso contrário, vamos enumerar desde logo as pessoas com quem gostaria de me corresponder ou de privar, segundo esteja a criatura encarnada ou disponível para o coleguismo.

— Você está saindo-me além da encomenda, meu caro. Aliás, se lhe disser que me surpreende talvez não esteja dizendo toda a verdade, porque, pelos entendimentos que tive com o meu grupo, manifestei o desejo de vê-lo antecipando as conclusões, facilitando-

me sobremodo o serviço. No entanto, a clareza com que expõe as situações possíveis torna-o emérito como discípulo e privilegiado como assistido.

— Modestamente, acredite, devo agradecer-lhe as palavras do mais lisonjeiro incentivo, prometendo esforçar-me por merecer que permaneça com tais sentimentos, para que eu possa superar logo esta fase de entretenimento programático, uma vez que a relação das pessoas deverá prescrever a consanguinidade como principal aspecto a considerar-se. Sendo assim, comecemos pelos meus pais, de quem tive a notícia de que estão encarnados. Não é verdade que foi você quem me informou a respeito?

— Perfeitamente, mas sempre haverá de ser possível a reunião em horas de sono deles. Quer ir comigo ou prefere que eu vá investigar se estão dispostos a recebê-lo?

— Anseio por participar da excursão à face do globo, agora que sei como agir ali.

— Antes disso, vamos ver se existem seres de seu relacionamento prontos no etéreo para o contato.

— Meus avós e até um bisavô que conheci de pequeno. E meus irmãos, com quem não convivi muito harmoniosamente; no primeiro momento, porque me senti preterido; depois, porque me destaquei dentro da família pelo fato de me tornar pastor de almas. Todos passaram para cá antes de mim. Tios e tias, primos e primas, cunhados e cunhadas são capítulos especiais, os mais velhos, pelas relações distantes; os coetâneos, pelas disputas que eu mesmo propiciava, invejoso; os adventícios, pelo espaço físico que acabou sedimentando o desconhecimento uns dos outros. Filhos, você sabe muito bem, não os tive. Restam as mulheres com quem me envolvi amorosamente, mas penso que não estejam tão ligadas a mim pela precariedade das promessas que nos fizemos, além de que, sabendo umas das outras, irão ter motivos sobejos para me repudiarem qualquer iniciativa afetiva. Que sugere o amigo?

— Só podemos começar mesmo pelos avós e pelo bisavô, posto que este último não deva estar preso a você pelo contato da derradeira peregrinação. Só se vocês se entenderam bem nas vidas anteriores.

— Para o que, Eufrásio, deverei ser despertado quanto a reconhecer as personagens, atualizando-lhes os nomes e as imagens.

— Vou reservar uma vaga para você numa das cabinas de consistência de memória, desde que seja aprovado pelo setor de equilíbrio emocional, teste obrigatório porquanto existem limites de imunidade vibratória os quais, uma vez ultrapassados, despedaçam o delicado aparelho, o que torna o sujeito extremamente sensível às ondas deletérias emitidas pelos inimigos. Mas vou anunciando, desde logo, que você não terá tal problema, porque viajou sem ser gravemente atacado pelos desafetos.

— Fui atacado? Conte-me a novidade, porque fiquei sem perceber absolutamente nada.

— Haveria meios de saber, se você não estivesse tão preocupado com a assimilação dos vetores de conhecimentos específicos, segundo a sua capacidade de abstrair-se do conjunto das influências. Neste aspecto, não foi difícil resguardá-lo das perturbações de certos adversários, cuja caracterização ficará para ser feita depois dos entrelaçamentos de amor com os afins.

— Apenas para me tranquilizar, responda-me se deverei estar prevenido quanto a desagradáveis surpresas, tendo em vista que esses elementos estão sob restrição do amigo protetor.

— Com certeza, dois deles você irá relacionar entre os verdadeiros amigos. Os demais...

— Quantos são no total?

— Que se apresentaram para a represália, contei doze, mas deve haver outros perdidos pelo Umbral ou reencarnados.

Deodoro não se animou a prosseguir inquirindo, procurando fazer um rol de nomes possíveis de estarem na lista. Mas Eufrásio não lhe permitiu imergir em tais conjeturas:

— Não desperdice as energias imaginando quem são. Se forem os que relacionar, merecerão tratamento de apoio no esclarecimento de que você está disposto a resgatar os débitos. Se não forem, talvez você vá precisar pedir desculpas aos que tiver julgado erroneamente. O melhor é orar pela ajuda dos mentores postados em plano mais elevado, os quais têm o condão de oferecer-lhe subsídios energéticos específicos, para que se contenha dentro dos padrões da normalidade, ainda que tenha criado a expectativa do desforço emotivo.

— É isso tecnicamente possível?

— Imagine-se encarnado e nervoso. Não existem preparados químicos capazes de atenuar as reações de desagrado, de ira, de dor, de desespero?

— Mas, passado o efeito da droga, a pessoa volta a sofrer as mesmas pressões que a conduziram ao estado de desequilíbrio.

— Enquanto, porém, estiver sob efeito dos tranquilizantes, poderá receber ajuda através de esclarecimentos valiosos para a compreensão dos problemas que deverá enfrentar para conduzir a existência de volta aos padrões que supunha os mais apropriados. No nosso caso, a sua disposição em me ouvir tão atentamente, sem novas reprimendas argumentativas, já exerceu o seu papel narcótico, tanto que se deixou embalar pela perspectiva dos encontros agradáveis, permitindo-se esquecer temporariamente os que lhe irão fazer sofrer os impactos das decisões danosas que você deliberou tomar em detrimento dos direitos alheios. Falando bastante generalizadamente, não foi uma vez só que você se confessou devedor da humanidade, pelos lucros que obteve do trabalho alheio.

— Sou todo ouvidos, meu irmãozinho. Reconheço em suas palavras o sentido da amizade que sempre nos uniu, tanto que lhe coube a sagrada tarefa de me recepcionar e de me encaminhar os primeiros passos nestes campos etéreos. Ser-lhe-ei eternamente grato e já vou adiantando que não tenho como retribuir...

— Nem pense nisso. Uma das primeiras lições a ser-lhe ministrada irá confortá-lo integralmente, porque, neste nosso trabalho de socorristas, a recompensa se encontra na justa compreensão de que realizamos a missão o melhor possível, ou seja, a felicidade não será você quem me propiciará, mas a minha consciência atenta para os resultados efetivos das atividades e o meu intelecto aberto às conquistas subsequentes à crítica que levarei a efeito a partir do exame percuciente de cada mínimo gesto em favor do assistido.

Deodoro queria situar-se dentro dos novíssimos conceitos que estava absorvendo:

— Eufrásio, explique-me um fato que me tem intrigado desde há tempos.

— Se estiver ao meu alcance.  
— Se não estiver, faça como no nosso tempo de professores: anote para pesquisar e me informe mais tarde.  
— Isso você mesmo poderá fazer.  
— Futuramente, quando estiver dominando as diretrizes que regem o procedimento nesta dimensão.  
— Agora mesmo, se dedicar-se a fundo para a compreensão das variáveis passíveis de serem as pertinentes ao esclarecimento da dúvida.  
— Aceito a sua inclusa admoestação...  
— Simples advertência.  
— Está bem, mas o meu dilema se encontra no tópico das reminiscências, em função do meu desempenho intelectual. Acredito-me muitíssimo bem dotado de inteligência. Mesmo que o conteúdo real dela em meu cérebro não corresponda à minha avaliação, ainda assim, cotejando com a média dos quocientes dos indivíduos, posso assegurar-me de estar bem. Então, como explicar o fato de os conhecimentos que vou açambarcando tão desembaraçadamente não se encontrarem registrados em meu saber ativo, desde que não me vi crescendo espiritualmente, segundo posso comparar com o que ocorre entre as pessoas na carne, que vão desembotando a estupidez à proporção que o cérebro vai adquirindo recursos de aproximação dos neurônios, através das descargas elétricas produzidas, química e fisicamente, pelos ingredientes selecionados pelo sistema orgânico parassimpático. Perdoe-me não saber expressar-me rigorosamente pelo vocabulário científico, mas você me entendeu, sem dúvida.

— Para responder-lhe de maneira cabal, vou ter de matriculá-lo na ***Escolinha de Evangelização***, no *Curso de Adestramento para a Compreensão das Realizações Pretéritas*, cuja conclusão demanda cerca de três anos de estudos, de pesquisas e de debates.

Disse o orientador e aguardou a repercussão dos informes na mente do Monsenhor. Sabia que vinha chumbo do grosso.

Realmente, Deodoro voltou-se inteiramente para as informações que acabava de receber. Se estava interessado na sorte dos parentes e amigos e em como deveria fazer para chegar até eles em paz, o fato de Eufrásio referir-se a uma instituição de ensino no etéreo lhe espicou a curiosidade. Mas foi suficientemente hábil em contornar a parte mais débil das reações e disfarçou, pleiteando outros elementos:

— Em primeiro lugar, tenho a certeza de que você fez de propósito estimular-me para as questões que está aguardando com a mente agradavelmente disposta pelo efeito de surpresa que alcançou. Tudo bem, eu não teria agido de maneira diferente. É sempre com alegria que nós, professores por vocação e formação, levamos os alunos a aprender, mesmo quando o ensino vem de cátedra. Poderia aguardar pacientemente que me conduzisse pelos corredores do educandário, apresentando-me aos colegas seus e meus, informando a respeito das salas e dos auditórios, falando sobre a capela, porque, em instituição voltada para o crescimento espiritual, a prece deve estar resguardada das influências externas perturbadoras e...

Como não encontrasse segundo adjetivo, porque se recusava a apelidar de *grosseiras*, de *fúteis*, de *vilipendiosas*, de *pernósticas* e demais qualificações periféricas, deu azo a que Eufrásio o ajudasse:

— Pergunte logo qual o nível do ensino da **Escolinha** (que não se perca pelo nome).

— Pois sou bem capaz de imaginar que — era o tempo que estava criando para os íntimos raciocínios a respeito — a denominação de **Escolinha** não seria compatível com a minha figura de solene professor de Teologia em Seminário Maior. Então, nada mais justo do que concluir dois fatos principais: primeiro, os ensinamentos são de molde a satisfazer todo tipo de inteligência, mas se situam em nível bastante primário, conforme a concepção evolucionista do espiritismo predominante nesta casa; segundo, que o povo daqui ama a sua escola e lhe atribui o diminutivo carinhosamente. Aposto que a ideia inicial era a de chamar o colégio de **Escola de Evangelização**, contudo, o povo, à vista do desejo de tornar a obra propriedade de todos, com orgulho destituído de prepotência ou megalomania, quis dar o tom da intimidade, do respeito e da benquerença. Terei necessidade de perguntar pelo nível do ensino aqui ministrado?

— Está claro que lhe passei uma *dica* bem aproveitada, quando fiz referência ao fato de que a nomenclatura estava sujeita a uma interpretação sagaz. Todavia, devo dizer-lhe que temos tido alguma dificuldade com esse nome, quando o nosso médium o reproduz para os leitores encarnados.

Deodoro não atinava com a relevância das explicações. Sondando o terreno, que sabia fértil, porque Eufrásio não dava ponto sem nó, incapaz de realizar todas as ilações a que se habituara, simplesmente perguntou:

— Meu amigo, quer dizer que vocês cuidam de transmitir textos aos encarnados? Significa que devo incluir-me entre os autores, de acordo com planejamento muito mais amplo? Por que você disse *nosso médium* no singular? Não deveria colocar o substantivo no plural? A dificuldade a que você se refere está na ingenuidade de se pensar que o diminutivo possa fazer pensar em obras infantis e que os trabalhos se destinem à Mocidade Espírita, pela informação que obtive no *Tugúrio do Divino Amor*?

— Faça de conta que estamos passeando pelas dependências e que estou transferindo-lhe os conhecimentos necessários para que se inteire dos serviços que prestamos aos irmãos desencarnados e encarnados. As suas perguntas merecem apenas o esclarecimento quanto ao número de médiuns. São muitos os que trabalham conosco, mas apenas um está, atualmente, no exercício da atividade relativa aos textos mais longos, em prosa e verso. Neste ponto, cabe passar a você a ficha reservada que temos sobre ele. Não leia agora para não fomentar dúvidas ou instigar investigações. Se for o caso, você, um dia, será encaminhado a ele, no momento da transmissão de uma de nossas equipes, quando saberá quais os elementos fluídicos, quais os dispositivos magnéticos, quais os recursos linguísticos, quais os aparatos sensórios perispirituais de que deverá munir-se para a mediunização do servidor encarnado. Outros médiuns operam em outros setores, porque precisamos de todo tipo de instrumentos, à vista da gama quase completa das espécies de mensagens que ensinamos os alunos a transmitir. Quantas são as modalidades de médiuns que Kardec incluiu em seu **O Livro dos Médiuns**? Mais de sessenta, está lembrado? Eis aí o que deveria expor-lhe. Quanto ao mais, as suas perguntas, de certa forma, são capciosas, porque você se pôs na expectativa de que as respostas apenas lhe confirmassem as deduções. Veja que estou respondendo agora àquela antiga indagação relativa à sua capacidade de desenvolver os raciocínios conducentes à verdade, justamente quando você me disse que estava eu...

- *Admoestando*-me e você me disse que me *advertia*.
- Então, não percamos mais tempo. A sua próxima pergunta vai ser quanto ao nome do curso que lhe citei?
- *Curso de Adestramento* etc.?
- Isso.
- Pois o título diz tudo. O que não me parece necessário é ficar três anos para...
- Não precipite as conclusões, por favor. Se você estivesse diplomado nas matérias básicas, com certeza nem precisaria frequentar tal curso, porque os professores, segundo os temas que desenvolvem, incluem aspectos da programação daquele, conduzindo os estudantes, paulatinamente, ao mesmo resultado.
- Vejo que a menção ao curso e à escola foram adrede preparadas para iniciar-me nos conhecimentos da entidade.
- Quer saber mais?
- Se me for útil ao crescimento espiritual...
- Talvez seja prejudicial, mas, como é verdadeiro e como você se tem mostrado deveras lúcido, estamos entabulando negociações junto à diretoria para que, ao mesmo tempo em que se matricular no curso regular, em etapa condizente com os seus conhecimentos teóricos, ministre a ouvintes um tópico expressivo, a seu critério, referente aos problemas dos sacerdotes quando do despertar para a realidade do etéreo, reforçando o prisma das desilusões, segundo as convicções religiosas arraigadas em suas mentes e em seus corações.
- Deodoro extasiou-se com a simplicidade com que era aliciado pelo antigo companheiro e atual protetor. Sentiu-se importante e reconhecido. Pela primeira vez no etéreo, via de modo positivo a sua vida dedicada ao magistério e à religião. Abraçaram-se demoradamente, sem lágrimas, mas com os corações ritmados no mesmo compasso de felicidade.
- Quando reouve o domínio sobre os sentimentos, Deodoro proclamou:
- Eufrásio, mesmo que nesta região vibrem o desespero, a dor, as mágoas, os sofrimentos das consciências pejudadas de culpa, ainda que eu mesmo não me considere merecedor de tanta consideração e assistência, devo afirmar-lhe que estou feliz, quanto poderia requerer ao Pai. Creio que a gente deve realizar, pouco a pouco, a construção do Paraíso. Hoje, acrescentei um canteiro de begônias, para poder contemplar toda vez que me sentir defasado quanto aos ideais que não se realizam por força da sorte madrasta, porque sempre teremos de contornar os dissabores do próximo em relação a nós mesmos, até o dia em que não tivermos mais do que nos lamentar. Peço-lhe perdão por não configurar com precisão os sentimentos, que o meu vocabulário, de repente, se tornou insuficiente, eu que me orgulho de falar tantas línguas. Mas a verdade é que estou preparado para corresponder à confiança que em mim for depositada, ainda que adie os encontros...
- Nada disso, irmãozinho. O seu currículo está necessitado desses acréscimos de afetos e de desgastes emocionais. Vamos colocar no computador central a interrogação mais séria, para verificar como é que deveremos encarar a primeira tarefa...
- Precisa dar essa característica pragmática de *tarefa* a um amorável reencontro de seres que se amam?

- Desculpe-me. É o hábito do mestre.
- Você se esquece de que me propôs paridade junto ao corpo docente.
- Pode brincar à vontade! A sua alegria é a minha felicidade. Vamos orar para que todos os que contatarmos nos incitem para a mesma reação.
- Antes, assumindo definitivamente a responsabilidade da confecção do livro a ser encaminhado aos mortais...
- Depois nós discutiremos a respeito da possível repercussão junto aos destas paragens, porque podemos, perfeitamente, circunscrever aspectos temáticos de interesse para os alunos ou visitantes desta casa de ensino.
- Agora você está ampliando demasiado o meu labor. Terei condições intelectuais para trabalho tão importante?
- Você pensa de verdade que é importante?
- Para mim é.
- Imagine-se dentro de cinco milênios a refletir sobre o alcance deste seu pequeno empreendimento. Será que terá os mesmos estremecimentos? Por outro lado, o escritor julga que está realizando relevante serviço. Depois, ao verificar as diferentes leituras do povo, irá exercer um movimento pendular entre a mais nobre e edificante obra de esclarecimento e a mais vil e obscura descrição do egoísmo, do orgulho e da vaidade.
- Vamos discutir a respeito das verdadeiras características da modéstia, da humildade e da temperança?
- De forma alguma, porque sei que você é mestre. Quando fiz referência ao universo das reações, falava de algo transcendental ao autor, porque a obra, uma vez dada ao público, não pertence mais a quem lhe deu origem, nem a quem a transcreveu (no caso de ser mediúnica), nem a quem a editou, divulgou e vendeu. Passa a ser propriedade de quem a tiver lido, porque se tornou dono dos momentos a ela dedicados; senhor dela, se foi capaz de categorizá-la dentre as de mesma função literária; escravo, se, alheio às solicitações inerentes de reflexão, atribuir-lhe, como acréscimo pessoal, os preconceitos, as críticas viperinas, do que nem a palavra do Cristo se livrou. Nem precisamos citar os ***Evangélicos***, pois essa fase de nosso relacionamento está encerrada.
- Quererá o amigo sugerir que deverei escrever da forma melhor que puder, sem estabelecer limites, consoante a diversidade do público?
- Quero dizer que, se o seu trabalho estiver abaixo do nível estabelecido pelos orientadores da colônia, segundo os critérios deles, que lhe serão passados a tempo, você não logrará discursar perante ninguém.
- É justo. O meu prisma de avaliação dos méritos deverá sofrer incrementos valiosos, porque o meu refletir sobre o Universo vem modificando-se substancialmente a cada nova perspectiva de interpretação filosófica ou científica da realidade. Manter, portanto, o meu ponto de vista é correr o risco da opinião simplista, sem a envergadura da verdade. Se estivesse estimulado para a poesia, poderia flautear à vontade...
- Engano seu. Uma das obras que estamos em vias de passar aos mortais leva por título: ***No Etéreo, a Poesia é Outra***.
- Como você está constatando, muito deverei aprender até estar preparado para a elaboração do texto.
- No entanto, para ministrar o curso que lhe solicitaremos, está bem aparelhado.



— Então, se me permitir, amigo Eufrásio, sugiro-lhe que não percamos mais tempo e...

— Quer discutir já esse aspecto que adquiriu para você o tempo e o significado da perda dele?

— No mínimo, existe um jogo de interesses entre nós: você, desejoso de me ver aprendendo; eu, estimulado para resolver os problemas afetos aos meus familiares. Assim, para você, perder tempo será o desperdício das oportunidades que me oferece; enquanto, para mim, haverá de ser o adiamento das decisões que deverei tomar quanto...

— Digamos que o Padre Deodoro esteja querendo adivinhar. Mas concordo em manter o seu interesse aceso, porque, de outro modo, poderíamos incitá-lo para a resolução de outras questões. Vamos, pois, realizar a harmonização de suas memórias, para descobrir quem são as pessoas, segundo as representações carnis das duas derradeiras romagens pela Terra.

Enquanto caminhavam por imensos corredores, Eufrásio ia apontando os diversos departamentos:

— Este é o do *Despertar da Consciência*. Este é o do *Conhecimento das Vidas Progressas*. Este é o do *Condicionamento Vibratório*. Este é o da *Programação da Reencarnação*. Este é o da *Miniaturização Perispiritual*.

Havia outros muitos cujos nomes Deodoro ia guardando, mas que não lhe provocavam nenhuma íntima perquirição. Preocupava-o o fato de que as pessoas iam passando em todos os sentidos, sem lhes prestar o mínimo de atenção. Parecia que nem eram vistos.

— Estamos sendo acompanhados atentamente, pode ter certeza, caro amigo. Entretanto, não causamos nenhuma impressão especial nos técnicos que aqui trabalham. Circulam por obrigação estatuída, quer dizer, dão-se ao trabalho de se deslocarem grosseiramente, quando deveriam simplesmente voitar ou transportarem-se. No entanto, não perdem tempo algum porque comandam a distância os aparelhos sob sua responsabilidade. Concentram-se, portanto, no que fazem e não têm interesse nenhum em desviar-se para os temas filosóficos que tanto nos aprazem. Imagine este pessoal na Terra e você os vestirá com as indumentárias dos cientistas. Quando os encontrarmos em suas folgas, vamos ver que são pessoas comuns na afabilidade do trato, sempre predispostas à ajuda, principalmente se dentro do campo de seu maior desenvolvimento. Creia que, se existe o setor em que o necessitado precise internar-se, nenhum deles irá intervir na área alheia. Não realizam diagnósticos nem recomendam tratamentos, apesar de seus muitos anos de devotamento às suas disciplinas. Encaminham os que os procuram para o *Setor de Triagem do Ministério da Saúde*.

Deodoro franzia o cenho mas não abria a boca. Estava decidido a não ceder ao influxo das novidades. Queria resolver os problemas de caráter pessoal e seguia as informações como se apenas as registrasse na memória, gravador deambulante pelos corredores.

Enfim, penetraram num amplo salão em que diversos instrumentos se dispunham como camas de hospital. Mas não eram leitos nem cadeiras. Constituíam-se de emaranhado de fios de diferentes colorações que se perdiam em orifícios abertos no alto teto. Todos os aparelhos estavam ocupados, sendo operados por três técnicos cada um. Ao

lado, com atuação visível, para cada paciente, existia um protetor, do qual emanavam reflexos luminosos, como...

Aí as possibilidades comparativas faleceram ao Monsenhor. Absolutamente, não percebeu a função dos auxiliares não vinculados elétrica ou eletronicamente. Estariam apenas dando sustentação energética? Como é que transmitiam força sem se enfraquecerem eles mesmos? Não seria mais eficaz que se reunissem para a manutenção do tônus vibratório do conjunto dos assistidos, tendo em vista que uns deveriam estar mais necessitados de apoio do que outros? Os protetores individuais saberiam controlar a frequência de suas ondas, orientando-as especificamente para a possibilidade de recepção de seu pupilo?

As perguntas se formulavam no cérebro do recém-chegado, contudo, buscava refrear a emissão telepática delas, pensando em não perturbar os trabalhos. Que Eufrásio se dispusesse por livre iniciativa a comunicar-lhe as respostas, se tais ensinamentos conviessem para o seu esclarecimento, segundo a oportunidade e o local.

Não percebeu Deodoro que todas as reações se deram imediatamente após ingressar, como num arfar da respiração. Em seguida, sentiu-se zozzo e perdeu totalmente a noção de si mesmo. Mais tarde perguntaria se tinham utilizado algum soporífero para desmaiá-lo.

Eufrásio amparou o amigo e, sem esforço, conduziu-o para a vaga que se fez com a retirada de um dos pacientes. Num relance, estava preso aos terminais, que foram fixados magneticamente em torno de sua aura, sem contato com o perispírito. Bastariam as emanções para que os fluidos realizassem o seu papel.

Antenor conversava com o pai. Depois se distraía com amigos. A mãe aparecia para censurar-lhe a postura moral. Vários irmãos e irmãs se apresentavam e se retiravam sem manifestações de agrado ou de desprezo. Entrou em sua memória a figura de uma mulher adulta, matriarcal, que envelheceu bruscamente e desencarnou. Vários apetrechos cirúrgicos primitivos se punham em suas mãos, se lambuzavam de sangue e eram largados, sem que nenhum sentimento de repulsa se assinalasse. Mas o sangue contaminava as mãos que agarravam moedas de ouro e de prata. Em seguida, Antenor deparava-se em região absolutamente sem luz. Aí Deodoro começou a comparar as recordações, tendo como base a recente peregrinação pelo Umbral. A mulher que por último lhe surgira na mente estava de pé à sua frente, impondo-lhe condições. A vida teria de ser sacrificial. Um desconhecido lhe dava conselhos quanto a se manter íntegro fisicamente. Uma frase preconizava a melhor atitude: *Faça o que lhe parecer o mais justo para os outros, mas não se esqueça jamais de si mesmo.* Sem solução de continuidade, as reminiscências se mesclaram, em função dos comprimentos de ondas que era capaz de perceber em cada personagem que lhe passava pela visão interna. Foi assim que o seu pai se identificou nas duas encarnações. A mãe também, embora com uma distinção que se tornou notável, ou seja, a mãe de Antenor era simplória e submissa; a de Deodoro se apresentava magoada e inconformada. Sentia por ambos acendrado amor, mas se perturbava em relação ao pai e se punha de prevenção quanto à mãe. Nenhum dos irmãos se mediu pela mesma configuração. Queria reconhecer outras pessoas, mas a mente como que se esvaziou,

enquanto os sentimentos se depuravam, segundo as recordações que se estimulavam desde a concepção de Antenor até o desenlace dos pais de Deodoro.

Acordou numa espécie de cápsula, onde permanecia sem gravidade. Queria interrogar-se a respeito de tudo; não conseguia elaborar uma única questão. Mas a presença das figuras paternas e maternas estavam patentes e soberanas. Não repudiava nem um nem outra, mas não se sentia confortável perante os espíritos ali representados. Quando estabeleceu o princípio de que tais pessoas eram antigos adversários que buscavam reconciliação através dos cuidados determinados pela sua condição de filho, despertou para o evangelho e repetiu o inteiro teor da lição de Jesus: *Não julguem nunca, a fim de não serem nunca julgados; — pois vocês serão julgados conforme terão julgado os outros; e a gente se servirá em relação a vocês da mesma medida de que se tiverem servido em relação a eles.* (**São Mateus**, VII: 1 e 2.) Mas também lhe veio um como que argumento a justificar-lhe os sentimentos: *Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim.* (**São Mateus**, X: 37.)

Nesse instante, o devaneio cessou, a capsula se abriu e Deodoro foi recebido nos braços de Eufrásio, como se não tivesse noção de si mesmo, de onde estava e o que esperava por ele. Lágrimas espessas escorriam-lhe pelas faces e nesse estado ficaria por longo tempo, sem que ninguém lhe desse consolação ou afago. Punha-se emocionalmente diante da própria consciência e deixava esvaír-se por completo nas acusações que se fazia de indiferença e desleixo em relação aos seres que deveria mais ter respeitado dentre todos. Entendeu que estava em pecado mortal porque não atendera ao quarto mandamento, que lhe martelava o cérebro: *“Honrem a seu pai e a sua mãe, para terem uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor seu Deus lhes há de dar.”* (**Êxodo**, XX: 12.)

Quando Deodoro despertou, vinha cheio de perguntas. Mas não encontrou o amigo Eufrásio. Estava, ali no quarto, a enfermeira e madre Margarida. De pronto, todas as minúcias da primeira internação lhe perpassaram rápidas pelo cérebro. Os óculos, o terço, o breviário, a batina negra, nada mais viu ali. Vestia uma espécie de bata verde solta sobre a calça do pijama azul escuro. O volume da **Revue Spirite** estava sobre o criado mudo. Havia uma janela aberta, por onde penetrava grosso e límpido raio de sol, que iluminava o ambiente com os reflexos que retirava da alvinitente colcha que, dobrada, se lhe estendia aos pés.

— Margarida, você, prezada amiga, ainda por aqui?

— Pois não se sinta alegre, porque eu não esperava mais tê-lo conosco.

— Quer dizer que voltei a internar-me no hospital?

— Chegou um molambinho de gente. Abatido e desprovido de forças. Deu trabalho, sim, o Sacerdote, apesar de estar um jovem senhor de, no máximo, uns quarenta anos quanto à aparência. Vejo que progrediu muito. Mas não repare em mim, que continuo com os meus cinquenta e tantos.

Deodoro gostaria de desdizer a referência espontânea, mas, como sempre, não se deu ao trabalho do engodo social. Preferiu contemporizar:

— Se você soubesse quanto peregrinei por aí, não iria achar que eu estou esbanjando *progresso*. Você vai ver que, quando criar coragem para investigar o mundo lá fora, voltará com muita vontade de evoluir para Jesus.

Margarida não deu mostras de se comover. Ministrou uma colherada de remédio e prescreveu doses similares de cinco em cinco horas.

Deodoro não achou o paladar muito bom, mas engoliu o líquido pastoso como teria feito em criança, porque sempre obedecera aos pais.

A recordação remeteu-o no remoinho das tristezas promovidas pelas recordações que admitia funestas.

*Agora me sinto envergonhado para enfrentar os velhos. Como é que vou dizer-lhes que não os tive na conta de protetores, mas de inimigos? Terão as mesmas dificuldades em relação a mim, considerando que me deram guarida na carne para justificarem um ato de boa vontade ou de respeito às deliberações dos anjos guardiães? Não sei se algum dia honrei a eles, como determina a lei maior, mas a verdade é que tive uma vida muito longa, promessa bíblica do Decálogo. Como foi mesmo que Kardec comentou a passagem?*

Fez um simples esforço e se deparou, no item terceiro do capítulo quatorze, com o trecho que declamou em voz alta: *O mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe” é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, pois não se tem como amar seu próximo sem amar seu pai e sua mãe; mas a palavra honrem contém um dever a mais quanto a eles: o da piedade filial. Deus desejou demonstrar, através disso, que ao amor é preciso juntar o respeito, os cuidados, a obediência e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade estabelece quanto ao próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que ocupam o lugar de pai e de mãe, e que possuem tanto mais mérito quanto seu devotamento é menos obrigatório. Deus pune sempre de forma rigorosa toda violação desse mandamento.*

Examinou o restante do texto, vendo que as ideias não lhe pareciam muito originais, tanto que *dar-lhes o repouso em seus dias de velhos; em cercá-los de solicitude, como fizeram por nós em nossa infância*, como ali se registra, foi o que fizera com carinhoso desvelo.

De repente, despertou para a realidade:

*Mas Margarida não se encontrava no hospital. Ela tratou de mim no monastério. Terá sido trazida para cá ou levada para lá? Se veio de lá, com certeza deve ter progredido o seu tanto. Se sempre esteve aqui, ao aparecer por lá...*

Não precisou os termos. Estava confuso. Mas não se apertou e, imediatamente, orou para que fosse esclarecido.

Foi a própria enfermeira quem veio atendê-lo em sua necessidade:

— Querido amigo, eu iria a qualquer lugar para dar-lhe conforto e alegria. Mas sou paciente e tenho capacidade de armazenamento de todos os atos de bondade que você teve para comigo. Não sou brilhante intelectualmente, mas ofereço-lhe o meu coração.

Enquanto falava, Deodoro notou que se transfigurava. Já se lhe reduziam os anos significativamente. Passou pelas casas dos trinta e se fixou na idade virtual dos vinte e cinco. Pela mente do Monsenhor repassaram os antigos conhecimentos, as confissões, as insinuações e as rejeições de sua parte, que com ela não pecara nem em pensamento.

Surpreendeu-se, contudo, imaginando que, em outras existências, poderiam ter mantido relacionamentos afetivos. Nesse caso, levava nítida desvantagem de memória.

Margarida foi quem lhe deu as diretrizes dos contatos anteriores:

— Meu caro, eu fui sua irmã de sangue, quando você se chamou Antenor. Meu nome era Gertrudes, lembra-se?

Deodoro não sabia como reagir.

*Terei de abraçá-la comovido? Se não guardo nenhum momento feliz em conjunto, como é que vou descrever-lhe a minha desguarnecida sentimentalidade?*

Tentou ganhar tempo:

— Você era pelo menos quinze anos mais nova. Não passamos juntos mais do que alguns meses. Como é que se agarrou tanto à minha pessoa?

— Não se desespere para não frustrar-me. Estive em suas reflexões na figura da pessoa que lhe dava conselhos e que, anteriormente, envelheci e desapareci de sua convivência. Essa fui eu numa vida anterior. Era preciso acrescentar o fato em seu devaneio sob imantação, porque insisti em ser a primeira da família a me revelar.

— Não estou entendendo. Você não me apareceu como minha irmã? Claro que apareceu. Depois não mais a reconheci na minha recordação como Deodoro. Agora você me vem dizer que era uma mulher adulta em outra época? Dessa forma, não poderei encontrar suficiente apoio para me manter lúcido.

— São os eventos de caráter emocional que o mantêm perturbado. Procure analisar as suas mãos sujas de sangue.

— Devo ter sido um cirurgião: *Doutor Antenor*.

— Veja que as suas recordações estão bloqueadas. Você tinha a impressão de que se recordava de sua vida no século dezoito. Mas o seu cérebro só permitia recordar-se dos feitos de caráter intelectual.

— Examinando bem os seus informes, devo acreditar que algo houve muito triste para ser esquecido tão completamente?

— Eu me lembro de todas as minhas vidas e só vou desprezando aquelas primitivas, que não me trazem nenhum acréscimo de monta para o entendimento de minha personalidade. Por exemplo, a minha teimosia em voltar sempre em forma feminina, perseguindo um ideal amoroso não correspondido, me fez embotar o cérebro, porque a sociedade humana, historicamente considerada, não ofereceu às mulheres as mesmas condições de melhoria intelectual que aos varões. Mas também não sou tão despreparada assim. É que, perto da intensa luminosidade do Monsenhor, a minha pobre lamparina não consegue projetar um feizezinho que seja de luz.

— Foi você quem me recomendou a única frase que se incrustou em minhas reminiscências durante o transe a que fui submetido para encaixar as personalidades, qual seja, se bem me recordo: *“Faça o que lhe parecer o mais justo para os outros, mas não se esqueça jamais de si mesmo”*?

— Não fui eu mas estava presente quando um dos membros da equipe da miniaturização de seu perispírito a pronunciou, tendo em vista o seu retrospecto existencial na carne.

— Parece que você sabe muito mais sobre mim do que eu mesmo.

— Apenas o que sou capaz de recordar. Quando você reouver os dispositivos da memória, irá obter o domínio de todos os fatos que o envolveram.

— Estará muito longe esse dia?

— Creio que não. O que posso adiantar-lhe é que Deus é misericordioso, tanto que forneceu às criaturas essa possibilidade de esconder-se de si mesmas, para não sofrerem duas vezes, principalmente porque quase todos os crimes antigos os sofrimentos atuais vão compensando e os trabalhos em favor dos semelhantes vão resgatando. Saber, enfim, que não se é perfeito é condição para a melhor avaliação dos atos em descompasso com as leis cósmicas.

A partir daquele instante, Deodoro começou a sentir-se mal perante a enfermeira e irmã de caridade. Percebendo que desfalecia, Margarida pôs as mãos trêmulas sobre as têmporas do sacerdote e passou-lhe as vibrações da mais pura ternura, acalmando-o, ao tempo em que lhe sussurrava ao ouvido:

— Não precisa se desculpar perante esta sua benfeitora. Tenho tido eu mesma constantes vertigens causadas por terrível sentimento de culpa por causa dos mal-estares que provoquei. Confessei-lhe meus pecados na derradeira passagem carnal. Você me perdoou em nome de Deus. Não me castigue agora com o seu distanciamento emocional. Acredite que sempre estarei por perto para servi-lo.

Naquele momento, Eufrásio veio em socorro do amigo, antes que Margarida lhe fornecesse os indícios de seus relacionamentos de todos os tempos. Delicadamente, levantou a irmãzinha, pondo o dedo indicador sobre os lábios.

— Estamos aqui para auxiliá-lo e não para perturbá-lo ainda mais.

— Desculpe-me, Eufrásio. Muito obrigada por impedir-me de cometer uma inconfiência.

— Ele tem muito sobre que meditar. Vamos deixá-lo em paz.

Ato contínuo, acionou um botão na parede ligando as ondas vibratórias do paciente ao computador central do *Ministério da Saúde*, para monitorização de seu estado emocional.

Antes de se retirarem, Margarida convidou Eufrásio para uma oração:

— Senhor, dai-nos a tranquilidade da confiança em vossa sacratíssima misericórdia. Favorecei-nos a compreensão dos melhores remédios para a salvação de Deodoro de suas próprias recordações, evitando que a consciência dele submerja muito profundamente nos desajustes da personalidade. Permiti que a sua fleuma intelectual apoie as deliberações de caráter emocional, a partir do momento em que se vir na necessidade de se deparar com os pais, para a definitiva união de amor. Assim seja.

Eufrásio precisou sustentar a companheira, que se comoveu ao entender que rogava mais por si mesma do que pelo assistido.

Serenado o ânimo da auxiliar, Eufrásio levou-a para analisar o quadro em que se delineavam os reflexos emocionais de Deodoro. Não era propriamente uma tela de cinema ou de televisão. Antes, era um esquema complexo de referências através de linhas, como num tracejado de eletrocardiograma, mas definido eletronicamente através de distinções coloridas, segundo padronização organizada pelos técnicos da colônia. Não era a primeira vez que Margarida presenciava os efeitos do marcapasso emocional, mas, mesmo assim,

como se quisesse reforçar os conhecimentos, pediu a Eufrásio que fosse descrevendo os sintomas evidenciados.

— A linha mais clara, esbranquiçada e leitosa, está em forte oscilação. Quer dizer que Deodoro se esforça por controlar-se, mas com pouco sucesso. As suas lembranças são de molde a perturbá-lo, quase a ponto de acordá-lo. Num recinto sob a influência de seres malévolos, seria presa fácil de obsessão. Veja que o desempenho intelectual se perturba, porque o traço verde-escuro se mantém bem embaixo, com fortes vibrações mas sem grande amplitude. Estivesse em estado normal, o Monsenhor, pela preponderância do intelecto em sua personalidade, mesclaria o quadro todo de verde-claro. A linha vermelha tende para o marrom, o que quer dizer que as reações orgânicas estão quase a prejudicá-lhe a contextura perispirítica. Se chegar a escurecer, descaracterizando a cor vermelha, teremos de intervir imediatamente. Por outro lado, o azul está bastante estável e se dilui com facilidade, o que significa, necessariamente, que deposita muita fé nos protetores e na justiça divina, sabendo que o seu futuro não se apresenta de forma a assustá-lo.

— Corrija-me, por favor, se estiver errada. O fato de angustiar-se com o passado não deveria envolver as perspectivas do futuro? Não estará arrependido pelos disparates evangélicos que justificava através dos conceitos religiosos? Não deverá prever uma conduta muito mais coerente com a realidade cósmica? Essa programação não incluirá, na antevisão dele, outras encarnações de dor e de expiação?

— Observe o pontilhado amarelo, correspondente ao influxo dos temores. É o setor de maior equilíbrio. Deodoro aprendeu a enfrentar os problemas do dia a dia e se crê razoavelmente bem dotado para encarar o que for.

A conversa iria prolongar-se por muito tempo, enveredando por roteiros teóricos, buscando Eufrásio exemplificar as teses tecnicistas através de outros pacientes monitorizados. Enquanto isso, Deodoro ia acalmando-se e voltando ao normal. Ao se acender uma luz branca ao lado do painel, souberam que havia acordado e que chamava pelos benfeitores.

— Ainda bem que vocês vieram de imediato. Tenho muito que confidenciar-lhes a respeito das minhas experiências conscienciais. Antes, porém, desejo saber se vocês tiveram acesso às minhas lembranças e aos meus pensamentos.

Foi Margarida quem se atreveu a esclarecer:

— Você está ligado ao *Centro Médico de Emergência*. Para que pudéssemos acompanhar totalmente o seu desempenho íntimo, teríamos de interná-lo no *Setor de Revivescência Psicológica*, mas, como ainda se mantém a sua memória turbada, não é conveniente levá-lo para lá, porque se mesclariam os elementos da realidade mental com os da fantasia, ainda mais que se cruzariam as informações recentes com as arquivadas em épocas de pequena ou nula ascendência intelectual sobre os instintos.

— Significa que eu poderia voltar aos tempos primevos, quando errava pelas colinas na qualidade de neandertalense, por exemplo?

— Não se distancie tanto, meu irmão. Refiro-me aos períodos infantis e às dolorosas descidas às Trevas.

Eufrásio se admirava da facilidade com que os dois se entendiam, Era como se uma antiga amizade fosse restabelecendo-se velozmente, após a consignação mental dos relacionamentos antigos.

O sentimento dele foi captado pelos outros dois, de sorte que se elaborou neles o pensamento de que deveriam dar-se as mãos, olhos nos olhos, com o desejo do reatamento de todas as afeições que se frustraram no passado. Não precisaram falar nada. A telepatia exerceu o direito de privacidade dos amantes, de sorte que Eufrásio ficou de fora das transmissões eletromagnéticas carregadas de eflúvios de felicidade.

Foi Deodoro quem rompeu o prolongado silêncio:

— Eufrásio, meu querido, tenho de dizer-lhe que me sinto reconfortado. Estou perante um ser que se integra completamente em todos os meus anseios de contato espiritual. Você, meu generoso amigo, poderá representar o papel de pai, de conselheiro, de professor, de mentor, de confessor, de evangelizador ou doutrinador. Mas Margarida foi a criatura que se dedicou a melhorar-se para me oferecer as condições ideais da pureza, num gesto de renúncia e de abnegação que, confesso, me passou despercebido há várias encarnações. Na derradeira, tendo eu, por anuência dos benfeitores maiores, escolhido um corpo robusto e uma inteligência sagaz, sendo os meus pais terrenos os mesmos que me agasalharam da penúltima vez, cheguei com o espírito em paz, firmemente decidido a respeitar a vontade deles. Sei que, em reunião no etéreo, aceitei a condição do sacerdócio católico para o sacrifício da prole, porque deveria estimular os sensores morais superiores, tanto que investi na carreira eclesiástica. Ora, era de ver que a minha Margarida deveria, por seu turno, sabendo-me impedido para o matrimônio, encaminhar-se para a castidade das monjas. No entanto, o mistério das atrações agora elucidado foi o elemento de surpresa que os nossos guardiães reservaram para o nosso contato físico e moral. Devo dizer-lhe que Margarida se apaixonou por mim em termos carnis, incapaz de perceber que a afetividade poderia ser sublimada. Como não desvendei a profundidade dos sentimentos dela por mim, naquela época totalmente materializado pela facilidade dos encontros físicos com mulheres mais livres social e psicologicamente, não me deixei fascinar pela juvenzinha, ouvindo os seus segredos no confessionário, sem nenhuma percepção de que poderia abandonar a batina e formar uma família, desfazendo o planejamento sob a tutela dos protetores, que, com certeza, reformulariam as diretrizes de minha vida, dando-nos nova oportunidade de realização conjunta dos ideais mais sagrados do crescimento afetivo. Refleti, profundamente, a respeito de meus pais e dos nossos mútuos compromissos. Vi minha mãe simplória e submissa e, depois, magoada e inconformada. Penso que, numa sociedade mais aberta ao desenvolvimento das mulheres quanto aos valores antes manipulados pelos homens, deverei encontrar minha mãe colocando sérios obstáculos à prepotência machista que se desenvolveu no cerne da personalidade de meu pai.

Eufrásio, tendo ouvido tudo muito atentamente, pediu licença para um aparte:

— Este é o meu velho amigo, sem dúvida. Estimo vê-lo menos embrulhado nas estrepolias sentimentais, cujas vibrações lhe toldavam o discernimento. Você foi capaz de desenhar uma linha de atuação para que a sua mãe possa evoluir em função de oferecer ao seu pai oportunidades de resgate. Aplicou mecanicamente a lei de causa e efeito. Para surpresa sua, devo dizer que, apesar de a intenção de ambos ter sido essa exatamente, resolveram reencarnar com sexos trocados, de modo que seu pai, em forma feminina, está causando sérios embaraços ao homem que hoje configura a sua mãe. Você acha que só pelo fato de voltarem ao corpo iriam mudar o procedimento espiritual? Agora o seu pai



prosegue na mesma linha prepotente e a sua mãe se vê em palpos-de-aranha para subjugar o antigo companheiro.

Deodoro apertou significativamente a mão de Margarida, como a informá-la de que não poderiam cair em semelhante esparrela, caso resolvessem que deveriam voltar marido e mulher ao plano da matéria mais densa.

— Seja como for, disse a Eufrásio, devo me alistar na próxima expedição ao orbe, para oferecer aos meus velhos pais...

— Diga *antigos*, porque hoje estão com pouco mais de vinte anos de idade.

— Acho que não teremos dificuldade em nos reconhecer e em nos abraçar.

— Também penso assim, mas precisamos saber qual é o parecer dos responsáveis pelos contatos externos. Lembre-se do que lhe disse sobre consultar os técnicos.

— Posso, tendo em vista o auxílio que tão tardiamente...

— Vou deixar passar a referência ao tempo...

— Desculpe-me.

— Pois pode ficar à vontade com a sua...

Hesitou ao designar o grau de relacionamento entre os amantes. Não queria ofendê-los chamando-os de namorados, de amigos, de irmãos. Mas deu oportunidade a que o ajudassem, demonstrando que não tinha firmeza sobre o termo a empregar.

Margarida completou:

— Esposa, irmã e protetora.

— Pois curtam a felicidade deste reencontro e tenham planos não muito ambiciosos, porque Deodoro não está completamente lúcido quanto aos empecilhos emocionais que deverá superar.

A sós, Margarida e Deodoro envolveram-se num amplexo do mais puro amor. Nunca haviam experimentado a sensação do doar-se tão integralmente. Foi Deodoro quem se apartou da amiga, recatado, como se estivesse ferindo algum preceito religioso.

— Meu amor, disse-lhe ela, você precisa aprender como se dá o convívio entre os espíritos irmãos. Frequentei as aulas do Professor Joaquim...

— O meu companheiro de viagem?

— Não do Padre Joaquim mas de seu homônimo encarregado das turmas de fixação dos conceitos espíritas. Dentre os problemas que trazemos da carne...

— Posso adivinhar?

— Você leu em minha mente.

— Brincadeira!

— Então vamos falar a respeito do amor e do sexo entre os espíritos, tema que você não encontrou nas obras de Kardec.

— Como não?! Posso até citar-lhe um trecho significativo.

— Vamos lá!

— Em *O Livro dos Espíritos*, na questão de número duzentos, Kardec perguntou: *Possuem sexos os Espíritos?* Eis a resposta que obtive: *Não como vocês o entendem, pois os sexos dependem da estrutura dos órgãos. Existe entre eles amor e simpatia, mas sedimentados na similitude de sentimentos.* Não é bem isso o que nos está acontecendo?

— Essa é a resposta que Kardec admitiria, segundo a sua moralidade terrena, pela responsabilidade social da divulgação da doutrina em nível compatível com a compreensão burguesa da civilização em que estava imerso. Por que foi que Kardec não instigou os benfeitores no sentido de explorar a escala espírita?

— Tenho medo de que as suas explicações, se vier a escrever as minhas aventuras, não poderão figurar na obra, porque deveremos contrariar a escrita do Codificador.

— A escrita, certamente, mas Kardec era muito mais evoluído do que o povo que o rodeava, tanto que, comentando a questão de número duzentos e dois, afirmou: *Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque eles não possuem sexos; como eles têm que progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece provações e deveres especiais e a oportunidade de adquirirem experiência. Quem fosse sempre homem saberia tão só o que sabem os homens.*

— Dessa forma, justifica-se a informação de Eufrásio quanto às novas encarnações de meus pais. Mas não vejo relevância em levar aos mortais que os espíritos menos evoluídos, tanto quanto têm a sensação de que comem e bebem, com as consequentes reações orgânicas da digestão, também têm ânsias eróticas, mantendo o aparato reprodutor em estado de uso. Imagino que muitos vão às casas de prostituição, para se espojarem nos lamaçais dos vícios.

— Vejo que o ideário do Monsenhor orienta ainda os seus princípios científicos. Poderíamos escrever um tratado de sexologia, de maneira completamente isenta de malícia, que você, mesmo assim, teria receios fundamentados na ignorância dos leitores para não transmiti-lo mediunicamente. Façamos o seguinte: conversemos livremente na intimidade de nossa confiança e amor. Depois, você analisa o que pode oferecer aos leitores encarnados, eliminando os aspectos que poderiam causar engulhos por grotescos, por inusitados e por ofensivos aos pruridos de santidade dos que temem mais pelos outros do que por si mesmos.

Foi assim que Deodoro descobriu que vinha raciocinando em função dos textos que o preocupavam.

— Você tem razão, querida.

O tratamento afetuoso repercutiu de forma muito estranha no contexto filosófico do pensar habitual do teólogo. Mas Margarida estava atenta para as nuances sentimentais do amigo e acudiu-o logo:

— Meu amigo, não se acanhe quanto a me considerar um espírito como qualquer outro. Sei que muito teremos de lutar contra as idiosincrasias que se acumularam em nossas personalidades, durante estes últimos trezentos ou quatrocentos anos. Não haverá de ser de um dia para o outro que iremos tornar as nossas reações as mais justas e perfeitas, em obediência às regras cósmicas, universais ou morais.

— Você está saindo-me melhor do que a encomenda. Que a tornou tão ponderada, desde que fugiu com o marido de outra?

— Nestes últimos tempos, desde que você e seus amigos saíram em peregrinação, após terem sido atropelados no mosteiro, busquei entender-me com aquela mulher, encontrando-a disposta a perdoar-me, tanto que foi mais feliz com o homem de quem recebeu amparo do que eu ao cuidar de um bêbado e de numerosa prole de débeis

mentais. Foi assim que me deteriorei e desencarnei, moída de remorsos por haver abandonado o convento. O sofrimento ensina e a dor purifica.

Lágrimas abundantes impediram-na de prosseguir. Deodoro abraçou-a mas não lhe compartilhou dos frêmitos emotivos. Não via razão para semelhante distúrbio psíquico:

— Margarida, não creio que o futuro nos reserve surpresas desagradáveis. Enquanto me debatia em meio das cruéis recordações dos atos infelizes que pratiquei contra as pessoas mais próximas, justamente aquelas a quem devia respeito e carinho, fui compenetrando-me das verdades do trabalho de restauração dos vínculos rompidos. Deus é pai de misericórdia, segundo a cediça expressão que todos repetem mais ou menos conscientemente; mas é isso mesmo. Se agirmos em consonância com os ditames das normas estatuídas para os socorristas, que tenho visto atuando serenos e soberanos em relação às dores alheias, iremos deixar para trás os rancores que tanto nos atemorizam, porque estaremos aptos a compreender que todos somos filhos do mesmo Pai Celestial. Vi que você se dedicava aos pobres párocos em expectativa de serem soerguidos para poderem adentrar o Paraíso. É sobre esse tipo de tarefa que estou falando. Você sabe, bem melhor do que eu, aproximar-se das pessoas para oferecer-lhes adequado remédio. Quanto a mim, venho apresentando enormes dificuldades nesse setor. Gosto de ficar desenvolvendo as ideias e, se me deparo com alguém desequilibrado, logo desisto de convencê-lo, porque sei que cabe a ele conformar-se às leis e mudar de atitude.

À vista do restauro das forças emocionais da companheira, prosseguiu o seu longo discurso, imprimindo outra direção aos temas:

— Surgiu-me uma dúvida quanto ao seu crescimento espiritual. Você veio do monastério para cá ou terá oferecido o seu concurso espontâneo para atender, na qualidade de missionária da colônia, aos sacerdotes necessitados?

Margarida não pôde reprimir um sorriso compreensivo:

— Faz-lhe falta, querido, uma planta da colônia. A ala de atendimento aos infelizes é subterrânea, vamos dizer assim, porque o plano em que a colônia se construiu é mais elevado. Nos subsolos, encontram-se diversos corredores que vão dar em comunidades organizadas segundo credos religiosos ou padrões de valores (comerciantes, profissionais liberais, operários, camponeses etc.), tudo em conformidade com a semelhança vibratória das respectivas populações. A essa parte do hospital têm acesso os médicos, paramédicos e demais pessoal que atende na área da saúde.

— Perispiritual, naturalmente.

— Preferentemente, embora muitos dos especialistas atuem diretamente nas afecções espirituais provocadas pelos distúrbios psicológicos.

— Quer dizer que, na verdade, ao fugir da colônia, fui apanhado pelo Crisóstomo na parte externa...

— Você se esgueirou por dentro de uma construção adrede preparada para proteger os perturbados que não se conformam com as primeiras informações recebidas dos mentores e protetores. Se tivesse caído nas mãos de seres de maior perversão, receberia descarga fluídica de efeitos desastrosos para a sua delicada compleição intelectual.

— Significa que fui o tempo todo assistido pelos beneméritos amigos desta colônia?

— Estranha-me que não haja percebido isso antes.

— Claro está que, assim que me deparei na companhia dos que comigo se viram expulsos do mosteiro, sempre tive a sensação da sutil presença de Eufrásio ou de meu anjo guardião. Não imaginei que, no túmulo da consciência, que é como denomino aquela região em que permaneci algum tempo...

— Seis anos, meu caro.

— Inacreditável!

— Pois você irá deparar-se com outros informes igualmente surpreendentes, até que saiba reconhecer o sistema que vige nestas paragens, tendo em vista a construção mental do universo tangível pelo nosso organismo *semimaterial*, segundo a conceituação kardequiana.

Deodoro pôs-se a conjecturar a extensão da permanência em cada setor frequentado desde que regressara da esfera carnal. Não foi, todavia, capaz de definir os limites de tempo de cada atividade.

— Em que ano terreno estamos exatamente hoje?

— Em qual você espera estar?

— Pelas informações colhidas na enciclopédia e pelas datas que apreendi durante a minha passagem espírita pelo orbe, deveríamos estar em mil e novecentos e noventa e três, se não gastei muito tempo de lá para cá.

— Esse é o ano em que os mortais se encontram. Na colônia, estamos no ano trezentos e vinte e sete, porque marcamos a data da fundação como o mais importante para quem aqui mora. É simples questão de economia, porque assinalamos as realizações em função do crescimento da instituição. Se fôssemos comparar a nossa progressão com os eventos da Terra, provavelmente estaríamos por volta do ano três mil e quinhentos, pouco mais ou menos, que é a data aproximada em que as instituições humanas terão condições de se cotejarem com as nossas atuais. Aqui reside a principal dificuldade para os que chegam e se deparam com avanços tecnológicos incompreensíveis, segundo o prisma científico haurido na Terra.

Deodoro não se preparara para a descrição. Via os aparelhos e sabia que se mantinham funcionando por alguma fonte energética própria do plano etéreo. Mas não lhe passou jamais pela cabeça investigar tão grosseira realização, dado o campo de atuação se situar no âmbito das forças físicas. As explicações de Margarida remetiam-no para a concepção espiritualizada das máquinas transcendentais, porque lhe foi passado nas entrelinhas que todas as soluções tendiam para a ajuda evangélica dos semelhantes, segundo o princípio cristão do *amai-vos uns aos outros*. Se conforto existia, era inerente ao trabalho realizado, ou seja, Deodoro chegou à conclusão de que o plano em que se manifestava como ser nesse instante jamais houvera sido morada sua, em toda a sua existência.

— Querida, devo regozijar-me por ser recebido nesta casa com a mesma alegria de que me veria possuído se adentrasse o paraíso? Estar aqui representa um passo adiante na caminhada rumo ao Senhor?

— Pequenino passo, meu amor, que deveríamos prescrever para quantos se situam nas planícies dos vícios, dos destemperos do humor, das presunções de sabedoria.

— Kardec, com os espíritos que lhe ditaram as mensagens de luz, afirma que ninguém retrocede em sua caminhada. Quer dizer que evoluí e que estou no primeiro degrau para um novo patamar na escala espírita?

— No mesmo degrauzinho que eu, meu caro.

— E a que devo essa projeção no campo espiritual?

— No amor que tem espargido em torno de si, arrebanhando as pessoas que se aproximam para a alegria e a felicidade do entendimento das leis de Deus, aquelas que se assinalaram no Decálogo mais as que foram referendadas pelos irmãos de luz e que se inscreveram em *O Livro dos Espíritos*.

— Mas é tão simples assim?

— Essa é uma observação que servirá de mote para algumas aulas no próximo curso em que você se matricular na condição de pré-escolar.

— E quando vai ser isso?

— Assim que você se houver entendido com os seus pais e, talvez, com alguns antigos desafetos, conforme os critérios dos orientadores da área da educação.

— E se não houvesse nenhuma colônia como esta, será que os seres obteriam as mesmas informações e solidificariam os conhecimentos do etéreo com o mesmo rigor? Em suma, para não aborrecê-la mais com perguntas, se dedicar-me a reproduzir este diálogo para os mortais (eis que esta preocupação vai tornando-se no *leitmotiv* de minha existência), não irei fomentar a mesma dúvida, afastando do Espiritismo os que se virem habitando, desde logo, aqueles casarões mal-assombrados das pessoas que não possuem o dom da reflexão ou não se estimulam para a prática do amor nos termos bíblicos?

— Pense na pequena comunidade agrária pela qual o seu grupo passou a caminho do orbe. Teriam aqueles seres o sentido da perversão da divina justiça ou marcavam passo, enquanto aguardavam por novos embates na carne? A luta há de ser o privilégio dos que desejam ascender. Foi-se o tempo da inocência, quando se pensava bastar a confissão dos pecados para se obter o perdão de Deus e o ingresso em seu Reino de Eterna Felicidade. Agora, temos a obrigação, já que o caminho se encontra aberto, de devassar as noções do etéreo em proveito dos encarnados. A partir daí, que percorram os ensinamentos dos avatares e instituem para suas vidas que o melhor que desejam para si mesmos é o que devem ofertar ao próximo, como fez a viúva do óbolo. E não reproduza em sua obra o texto sagrado. Deixe para os encarnados algum trabalho de pesquisa, caso contrário, vão pensar que tudo tem caído do céu para você e não entenderão os suores, as lágrimas e o sangue que você tem derramado para alcançar proficiência nos temas que ousa desenvolver.

Concentrou-se o Monsenhor nas palavras da amiga, para ver se encontrava algo que fosse impossível para ele mesmo ter dito. Convenceu-se de que a companheira não deveria estar totalmente certa em responsabilizar cada ser pelos seus atos de superação dos problemas e dificuldades, porque ela mesma se contraditava pela atuação junto aos enfermos.

— Se depender de mim, observou-lhe, vou transcrever quantas passagens puder para esclarecimento ou abonação de minhas teses, porque sei que os mortais se louvam nas palavras do Senhor, que é como têm em conta os textos sagrados.

— Então, não se esqueça de citar Kardec, quando afirma que nem tudo o que se inscreveu na *Bíblia* pode ser explicado sem as luzes do Espiritismo.

— Sei de cor a passagem, que merece reproduzida nesta oportunidade. Encontra-se em **A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo**, item quarenta e um do capítulo primeiro: *O Espiritismo, bem longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem, ao contrário, para confirmar, para explicar e para desenvolver, através das novas leis da natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; ele traz luz sobre os pontos obscuros de seu ensino, de sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis ou pareciam inadmissíveis as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; eles percebem melhor sua importância e conseguem distinguir a realidade da alegoria; o Cristo lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo; é um Messias divino.*

— Mas Kardec punha em dúvida a precisão dos textos evangélicos, sabendo serem raras as falhas, mas existirem. Repita para mim o comentário a respeito da fidelidade de reprodução das palavras de Jesus que se encontra no item quarenta e cinco do capítulo dezessete da mesma obra, por favor.

— *Temos de duvidar disso, se pensarmos que ele não escreveu nada; que elas foram recolhidas apenas após sua morte; e, quando vemos o mesmo trecho quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada evangelista, é uma prova evidente de que não são as expressões textuais de Jesus. É provável, por outro lado, que o sentido tivesse sido alterado, às vezes, ao passar por traduções sucessivas.*

— Teria você algum comentário seu a oferecer sobre as considerações de Kardec?

— Está visto que, se me outorgasse o direito às críticas do ponto de vista do teólogo, diria que Kardec não era autoridade para expedir conceitos sobre a exegese dos textos bíblicos. Contudo, devo admitir, como espírita neófito, que estava amparado pelo *Espírito de Verdade* e que, com certeza, obtivera autorização para emitir os conceitos pela forma que o fez. A mais não me atrevo.

— Não se atreve em sinal de respeito ou por colocar-se em zona de fé cega em todas as exposições arroladas pelo Professor Rivail? — A pergunta vinha de Eufrásio, que adentrava o ambiente na companhia de três professores, conforme rapidamente passou ao conhecimento de Deodoro.

Ao fazer menção de responder, o Monsenhor foi obstado por um gesto categórico e uma palavra orientadora de um dos professores:

— Meu amigo, sei que a sua mente está volteando em torno das questões pertinentes aos tempos anteriores ao Espiritismo e aos resultados das pregações da Igreja Católica, dois milênios após o advento do Cristo. Como está sob o influxo das confirmações existenciais do que Kardec escreveu, se sente inibido em confrontar-se com as suspeitas de que o Espiritismo teria vindo auxiliar a obra das religiões, tanto que, de início, o Codificador pretendia reunir ao redor das mesas mediúnicas os representantes de todos os credos, porque não esperava nenhuma reação avessa ao sistema moral que os amigos do etéreo implementavam. Mas à História coube comprovar que estava errado, porque a doutrina dos espíritos feria alguns pontos essenciais das diferentes igrejas, a partir das concepções delas referentes às penas eternas, ou seja, à existência de um inferno e de um paraíso, o que originou a verdadeira perseguição de que foi alvo a teoria espírita desde o princípio. Tanta discrepância entre os homens em sentirem os efeitos das palavras obtidas por meios mediúnicos, obrigou Kardec a refugiar-se na doutrina como filosofia de vida. Estudou em

minúcias as camadas sociais que lhe propiciavam os adeptos, admirando-se muito de que até operários se dedicassem às teses espíritas e passou a considerar o futuro como o ninho da geração que iria deflagrar, finalmente, a explosão teórica que pulverizaria os dogmas de fé, através da implantação dos conceitos científicos divulgados pelos processos pedagógicos da Educação, que se expandia à sombra do nascente capitalismo oriundo da industrialização possibilitada pelas descobertas recentes da eletricidade e das máquinas a vapor. Tanto foi assim que fez publicar, meio a toque de caixa, um libreto dentro da mais avançada retórica científica, libreto que há tempos vinha elaborando, reunindo, ao que chamou de ***A Gênese Segundo o Espiritismo***, os estudos que manteve na gaveta desde que dera ao prelo as apreciações morais sobre os ***Evangelhos***, constituindo-se na segunda e na terceira partes de ***A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo***. Todavia, se você se dispuser a revelar os meus informes ao público encarnado, ressalve o aspecto particular de minhas conclusões, porque muitos haverão de requerer-lhe que comprove o que estou dizendo. Aí, cite o fato de que o cerne dessa obra está no capítulo sexto, *Uranografia Geral*, uma série de mensagens psicografadas pelo brilhante jovem médium e astrônomo Camille Flammarion (vinte e um anos) e assinadas *Galileu*, nos anos de 1862 e 1863, cinco anos antes, portanto, da divulgação delas através da obra. Mas o que se encontra de mais importante nesse livro, para o nosso ponto, está na conclusão, no último parágrafo do item trinta e cinco do capítulo dezoito. Permita-me lembrá-lo: *Os incrédulos rirão destas coisas, e as tratarão como quimeras; mas qualquer coisa que digam, não se furtarão à lei comum; eles cairão a seu turno como os outros, e, aí, que virá a ser deles? Eles respondem: Nada! — mas eles viverão a despeito de si mesmos, e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.* Isto significa que o Espiritismo se considera o caminho único para a salvação dos pecadores? Jamais, e Kardec fez questão de enfatizar que a salvação está na caridade, longe da qual ninguém evolui. Não obstante, mesmo que a vida das pessoas transcorra de conformidade com todas as leis cósmicas, ninguém avançará destas esferas para os círculos mais adiantados sem compreender os mecanismos operacionais dos fluidos, exigência mínima para que se possa frequentar, com direito de cidadania, as regiões quinta-essenciadas do Universo. Fazer o bem é essencial, sem dúvida. Mas é preciso considerar pelo avesso a explicação evolutiva de Jesus, ou seja, que o que desejamos para nós é o que devemos pleitear para os semelhantes. Não está aí a razão de admitirmos que devemos trabalhar pela nossa própria melhoria? Não foi também por isso que você, Monsenhor, tanto se dedicou aos estudos durante a maior parte de suas últimas vidas?

— Professor Joaquim, permite-me Vossa Excelência um aparte para acrescentar? — disse Deodoro muito a medo perante a loquacidade do mestre.

— Permito qualquer coisa, desde que me chame apenas de Joaquim ou de Professor. Pelo retrospecto que li de suas andanças pelo etéreo, sei que você também pelejou para que se criasse clima de cordialidade e confiança amigável dentro do grupo que o seguia.

— Desejo apenas citar um fato notável que li na Revista Espírita, qual seja, o enorme sucesso obtido por um fascículo que reproduzia o capítulo primeiro da obra em questão, intitulado *Caráter da Revelação Espírita*, publicado em separata e que serviu para realizar a propaganda da obra. Cito esse episódio para confirmar a sua expressão *a toque*

*de caixa*. Perdoe-me a pobreza da contribuição, mas, segundo Jesus, quem deu mais foi a viúva do óbolo...

O Professor Mário gracejou:

— Você não está querendo insinuar que a sua participação foi mais valiosa que a do Joaquim, pois não?

Aderindo ao clima de descontração, Margarida pilheriou:

— Vamos orar para que caiam sobre todos nós os confetes que estamos em vias de observar serem arremessados por uns contra os outros neste carnaval de erudição.

Coube ao Professor Marcelo restabelecer a seriedade da visita:

— Não repare, querido sacerdote, nas palavras de Joaquim. O mestre não perde vaza de ensinar. Se lhe permitir discorrer sobre este tema, ficará argumentando a favor de sua atitude pelo resto do dia e durante toda a noite. O que nos trouxe até você foi o desejo de apertar a mão de um recém-chegado com características intelectuais da melhor categoria. Eufrásio nos colocou a par de suas falhas emocionais, à vista de não se lhe abrir a memória para determinados eventos. Por enquanto, não deve preocupar-se com os rumos que serão dados às aulas, em função da elaboração de currículo escolar específico para a resolução dos seus problemas. Você será remetido ao orbe, conforme a *Congregação dos Docentes* decidiu, mas deverá fazer-se acompanhar de três protetores escolhidos por nós dentre os mais experientes. Está claro que Margarida e Eufrásio estão livres para formarem na comitiva, mas não se aferre a eles. Antes, é preciso unir-se às vibrações dos monitores, de modo que toda a viagem lhe trará o conforto da insensibilidade sentimental, com exceção dos instantes em que se encontrar com seus pais e outras pessoas queridas, com estas tão somente se as suas reações lhe permitirem manter-se equilibrado. Você não vai correr o risco de ser sequestrado por eventuais infelizes, porque manteremos a guarnição da colônia de sobreaviso. Explico-lhe como trabalharemos com você para firmar a garantia de que, qualquer venha a ser o resultado das entrevistas, retorne para cá mais consciente daquilo que precisará assimilar para principiar a percorrer os caminhos do socorrismo de nível superior. Deseja levantar alguma questão?

A pergunta era cediça. Marcelo apenas queria dar a vez a outro para responder, uma vez que grande parte de sua exposição se fez na resolução das perguntas íntimas de Deodoro.

— Gostaria de saber a razão de tantos cuidados.

Mário respondeu:

— A nossa experiência resulta, muitas vezes, da aprendizagem apoiada no princípio do erro e do acerto subsequente. O sistema referendado pela casa constitui mera providência de rotina, fundamentado na prudência. Nem sempre as equipes são capazes de se esquivarem das turbas que habitam a crosta terrestre. Enfrentá-las com armas de contenção energética nem sempre repercute em suas consciências como um ato de simples conservação. Recordar-se dessa lei explicada em *O Livro dos Espíritos*?

— Encontra-se registrada a partir da questão de número setecentos e dois: *Constitui o instinto de conservação uma lei da natureza?* — *Sem dúvida, ele foi concedido a todos os seres vivos, seja qual for o nível de sua inteligência; em uns, ele é puramente maquinal, e em outros, ele é racional.*



— Note que a resposta se refere a *todos os seres vivos* e nós estamos aplicando a mesma lei aos desencarnados. Quer saber como é que se correm riscos neste nosso caso?

— Se não for pedir demais...

— Pois os socorristas seriam prejudicados se se permitissem alhear-se dos sofrimentos dos malfeitores. Podem afastá-los mas a sua formação provoca-lhes profundo mal-estar, pela impotência diante do necessitado.

— Mas a guarnição a que Marcelo se referiu não promoverá essa mesma insatisfação nos que forem rechaçados?

— Receba uma primeira lição, meu filho. A guarnição é de apoio energético aos ofensores, de sorte que têm eles, momentaneamente, esclarecidos os atos que praticam à luz da moralidade cristã. Os que se envergonham e se arrependem, o que muito dificilmente acontece, são trazidos para a colônia ou encaminhados para algum setor assistencial de emergência mais adequado para os primeiros socorros. A maioria fica perplexa com o repentino gesto de amizade e retrai-se de volta ao local de onde saíram, confusos ou agastados consigo mesmos pela fraqueza demonstrada.

Acostumado a concentrar-se nos pensamentos que se constituíam em novidade, Deodoro iniciou o seu processo de recolhimento consciencial mas foi impedido por Eufrásio:

— Não queira, absorto amigo, deixar-nos aguardando os seus devaneios filosóficos ou noéticos. Têm os mestres mais que fazer. Aprenda a guardar as impressões subjetivas para posterior reflexão sobre elas.

Deodoro não se apertou:

— Eis que recebo a segunda lição.

Margarida tentou justificar a atitude do companheiro:

— Noventa e sete anos de vida devem ter representado, pelo menos, uns vinte e tantos de aposentadoria, de sorte que o hábito da meditação está arraigado em sua mente.

— Obrigadíssimo, querida, agradeceu o Monsenhor, demonstrando na aura a confusão de sentimentos de que foi assaltado, entre os de envergonhar-se pelo socorro feminino perante pessoas tão importantes e o de reconhecer-se em falta pela indelicadeza da subtração da personalidade espiritual da reunião promovida em seu favor.

Foi o Professor Joaquim quem pôs os pingos nos is:

— É de todo louvável que as pessoas adquiram os hábitos concernentes à reflexão. Toda atividade instintiva é sábia, mas, quando um átimo de hesitação se interpõe, levando a pessoa a questionar a reação espontânea, dá-se a possibilidade de a atuação não corresponder exatamente à necessidade do momento. É o que se passa nos movimentos peristálticos que levam o bolo alimentício pelas vias digestivas ou o sangue pelo sistema de irrigação dos tecidos. Toda interrupção, num e noutra caso, tende a ser prejudicial ao organismo. Então, se o indivíduo se habituou a considerar os novíssimos conhecimentos à luz dos retrospectos de toda natureza armazenados no repositório de saber da memória, vai inclinar-se a uma prudente atitude, qual seja, a da avaliação de todos os aspectos pela coerência geral da hipótese que se transformará em tese e se evidenciará na síntese a ser assimilada e integrada à personalidade, constituindo-se em mais um elemento para a futura apreciação das informações. Não vemos como Deodoro nos possa ofender, se imergir em si mesmo, no momento mesmo em que tenta *digerir* os conhecimentos ou

*oxigenar* os tesouros de sabedoria que possui. Mas, como diz Eufrásio, é também de todo plausível que estabeleça, desde logo, o princípio de aprendizagem da contenção das respostas imediatas. Claro está que o mergulho que se iniciava nos meandros mais profundos do intelecto tinha por objetivo retornar aos problemas levantados, através de opinião melhor conceituada, segundo a firmeza consubstanciada nos recursos retóricos eivados da mais rigorosa lógica, padronizada, sem dúvida, pelos critérios evangélicos de Jesus e pelas notações doutrinárias de Kardec. Para os encarnados, principalmente quando se veem na premência da captação dos ensinamentos dos professores e mestres ou quando estão entretidos nos estudos com os livros e os dados das pesquisas, releva o conceito de tempo para se harmonizarem os objetivos em vista. Para nós, que repudiamos a imperfeição, porque cada pequenino aprendiz tem de merecer o cunho da verdade, autenticada pela comprovação dos fatos e não apenas dos silogismos, a espera dos equacionamentos e das resoluções de todas as lições curriculares é naturalíssima, porque sabemos que, sobre todos os fatores psicológicos, incidem os vetores históricos de cada existência. Se os meus dizeres trazem alguma novidade para o amigo, dê a si mesmo a segurança de melhor configuração mental das explicações, permitindo ao cérebro revoltear em paz em torno dos elementos recém-implantados, equilibrando-se na área emocional, não se deixando influenciar pela ânsia de tudo poder aprender de imediato, confiando em que o desenvolvimento é lei de Deus que serve a todas as criaturas. Mas esforce-se para a compreensão do que lhe está sendo proposto, desde que a forma expresse o conteúdo com correção e propriedade. Tal análise, a realizar-se em tempo hábil, reflete, sempre, a condição atual dos seres a que se dirige. Caso contrário, passará despercebida, como se daria no caso de eu mesmo expor estas ideias a uma criança de dois meses de idade.

Deodoro desejou inquirir, a respeito do livro que imaginava escrever, se deveria fazer constar as palavras do professor. Joaquim, imperturbável, prosseguiu nessa linha:

— Meu amigo, sabemos que Kardec visitou e presenteou o grupo com um volume de cada obra espírita que publicou. Para nós, isto é definitivo. Resta saber se o Codificador permaneceu no século dezenove ou se, de lá para cá, sofreu o impacto de novos conhecimentos na área da divulgação do ideal emanado das fontes superiores. Aliás, a pergunta deveria estender-se para encarnações anteriores dele, se se tratava de um espírito gabaritado para o serviço que lhe foi solicitado, e aqui faço referência à programação de vida que recebeu antes de ser enviado à carne. Que pensa o sacerdote?

— Não posso responder na qualidade de filiado à Igreja Católica, como também não posso vestir a pele do cordeiro espírita, meio lobo que ainda sou. Mas resolvo a questão, pelo que sei de mim, que o futuro Professor Rivail, aceitou o encargo, reconhecendo a extraordinária responsabilidade da empresa, com a condição da sublime assistência que terminou por receber. Sei também que não poderia recusar, tendo em vista a forte perspectiva de ser bem sucedido, o que lhe daria (como deve ter dado) pontos positivos em acréscimo ao seu *tesouro de sabedoria* (apropriando-me de sua feliz imagem), levando-o, no etéreo, a ocupar posição de maior destaque, considerando a lei da evolução, que ele chamou de *Lei do Progresso*. Penso que citar o tópico oitocentos e um de ***O Livro dos Espíritos*** possa ser pretensioso de minha parte, mas não resisto à tentação, segundo a tese de que o tempo, para nós, é elástico e não nos obriga ao apressamento das conclusões. Eis o que desejaria enfatizar: *Por que os Espíritos não ensinaram o tempo todo*

*o que ensinam hoje em dia? — Vocês não ensinam às crianças o que ensinam aos adultos nem oferecem ao recém-nascido um alimento que ele não consiga digerir; cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou que desnaturaram, mas que são capazes de compreender agora. Através de seu ensinamento, mesmo incompleto, eles prepararam o terreno para receber a semente que hoje vai frutificar.* Não é verdade, Joaquim, que você está insistindo comigo num ponto em que deveria ser eu emérito, pela leitura, pelo exame e pelo estudo da obra kardeciana? Você deseja, também, que lhe traga os subsídios da origem do nome Allan Kardec, referindo-me à obra **Previsões Referentes ao Espiritismo**, inserta entre as que se publicaram sob o título de **Obras Póstumas de Allan Kardec** e que me foram por ele cedidas. Pois tenho as minhas suspeitas de que o espírito Zéfiro, que lhe revelou a existência na antiga Atlântida, tenha cometido uma indiscrição, porque o pôs em cheque perante a própria consciência, mal de todas as ditas revelações particulares.

Nessa altura, o Professor Mário interrompeu, para observar:

— Tenho notado sua forte tendência às conclusões desabilitadas de veracidade histórica. Concordo que o mesmo poderia dizer a respeito da crença cega do Professor Rivail quanto às notícias de Zéfiro. Mas quem me diz que Kardec aceitou como verdade e não deixou a referência ao antigo nome, sob a mesma suspeita que você levanta?! Outras encarnações são atribuídas ao espírito de Kardec. Devemos levar em conta, por exemplo, que tenha sido ele o espírito que se sacrificou por um ideal de humanidade na pele do John Huss, condenado à fogueira pelo Concílio de Constança? Se for assim, cabe a você decifrar que relacionamento possa ter existido entre a vida dele e a sua e qual o futuro que aguarda por você, tendo em vista o desempenho mais do que canônico do mártir do século quinze. Resta considerar se os padres que se hospedam no mosteiro a que você foi conduzido teriam recursos conceituais para compreender todo este arrazoado que temos desenvolvido a partir dos princípios espíritas. Com que finalidade? A de dispô-los na condição de divulgadores das teses que já contrariaram pelas convicções católicas que enfronharam em suas personalidades.

Despertou Deodoro para a profundidade das considerações dos professores. Levantavam problemas para os quais não poderia oferecer resposta imediata. Mas percebeu que o sentido geral da primeira sessão de ensino se referia ao fato de obrigá-lo a saber que alguns mistérios se escondiam dentro dos limites da dimensão espiritual que não foram expostos nas obras do Codificador. Queriam que ele se habituasse a pensar de forma espírita, para conduzir os silogismos adequadamente dentro dos parâmetros existenciais do etéreo. Deveria, concluiu, deixar de raciocinar e de se emocionar segundo os preceitos religiosos incrustados em sua mente e em seu coração. Espontaneamente, lembrou outro ponto levantado em **O Livro dos Espíritos**, mas o fez para que todos percebessem que estava entendendo a lição:

*“802. Desde que o espiritismo tem de assinalar um progresso para a humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso através de manifestações tão gerais e tão evidentes que a convicção se dê entre os mais incrédulos? — Vocês estariam querendo milagres; mas Deus os semeia a mancheias sob seus passos e vocês possuem ainda homens que os renegam. Convenceu o próprio Cristo seus contemporâneos através dos prodígios que efetuou? Não veem vocês hoje em dia homens negarem os fatos mais evidentes que se*

*passam sob seus olhos? Não têm vocês os que dizem que não criam mesmo quando vissem? Não; não é através de prodígios que Deus deseja reconduzir os homens; em sua bondade, ele deseja deixar-lhes o mérito de se convencerem por meio da razão.”*

O Professor Marcelo contemporizou, tendo em vista a patente desobediência de Deodoro relativamente ao conselho de deixar as reflexões para depois:

— Se existe um hábito sadio, é o da busca da verdade, mesmo que as normas de trabalho sejam quebradas. Veja, querido amigo, que os professores presentes agem de maneira introspectiva quase mecânica, segundo a exemplificação *peristáltica* de Joaquim. Você haverá de adquirir o recurso muito em breve. Estou dizendo-lhe isto para que, ao recordar-se do mal-estar de há pouco, não venha a envergonhar-se de novo. Devo afirmar-lhe que, se todos os nossos discípulos se comportassem pelo mesmo diapasão, haveria tal harmonia em nossa orquestra que a ***Escolinha de Evangelização*** passaria a chamar-se *Universidade do Evangelho*.

Eufrásio e Margarida permaneceram o tempo todo enlevados pelo alto nível em que transcorriam as explicações. Alguns tópicos ficaram obscuros mas evidenciou-se, por outro lado, a facilidade de percepção de Deodoro quanto às sutis intenções dos mestres. Ambos, contudo, enviaram ao amigo fortes vibrações de amor, pela admiração crescente de suas qualidades, em descompasso com a própria fragilidade intelectual deles.

Foram agasalhados pela benquerença do protegido, que se situou, de imediato, perante todos, na qualidade de aluninho de primeiras letras, informando telepaticamente que respeitava a todos pelas superiores disposições espirituais, dada a integridade moral produzida pela sua benevolência, paciência e resignação, à vista da ignorância do proficiente, que era como se considerava, ressaltando a inteligência como mal formada e viciosa. Passou-lhe rápida a intuição de que deveria ser mais humilde e modesto, porém, acordou para a realidade, solicitando do grupo que se voltasse para o objetivo maior da reunião.

— Estou imensamente interessado em saber como é que irei ter com meus *jovens* e *permutados* pais, disse gracejando, mas temeroso de ser inoportuno, o que lhe transpareceu nitidamente na aura.

Joaquim voltou às instruções:

— Vamos ter de preveni-lo quanto às dificuldades inerentes à percepção pelos encarnados da figura do filho. Não é por estarem em estado sonambúlico que readquirirão toda a lucidez espiritual. Existem os percalços das preocupações da hora, de forma que o investimento nas soluções dos problemas emergentes da carne se torna muito mais precioso para o desenvolvimento das qualidades deles do que o atendimento a protetores que almejam o bem-estar de outra criatura, ainda que tenha representado um objeto de extremo afeto, em alguns momentos de suas pregressas vidas.

Deodoro desejou perguntar a respeito dos conhecimentos que os orientadores possuíam das disposições dos pais em recebê-lo.

Joaquim continuou:

— Certamente, poderíamos saber como você poderá vir a ser recebido, consultando os protetores e vigilantes no exercício do atendimento pessoal a eles, por designação de seus anjos guardiães. Interrompo para perguntar-lhe se está afeito e de acordo com a

terminologia que venho empregando ou prefere que me utilize de jargão mais adequado aos ouvidos de um sacerdote?

— Significa dizer que poderia solicitar-lhe que empregue, especificamente, expressões católicas? Entretanto, não saberia como conduzir-me no entendimento das condições dos seres que assistem aos encarnados. Penso que a sua pergunta esteja entre as meramente retóricas, para avaliar o meu descortino relativamente à crença arraigada em meu coração e que não se demonstra pelos reflexos emocionais na aura. Pois afirmo-lhe que, no estágio em que me encontro, incapacitado para deliberar a respeito do que seja o melhor para mim mesmo, tenho a certeza de que a erraticidade não se apresenta organizada para uma rápida assimilação da verdade, tanto quanto me é oferecida nesta oportunidade valiosíssima, a qual não vou querer perder por nada, mesmo que volte decepcionado dos encontros com quem julgo me tenha em conta de alguém importante para as suas existências.

— Claro está, meu amigo religioso, que leio em sua aura o lídimo desejo de reatar os vínculos afetivos, hoje limitados a duas criaturas, como se as amizades devessem firmar-se tão somente no espaço e no tempo materiais do orbe.

— Devo, de novo, rejeitar a hipótese que você levanta a respeito de minhas concepções a respeito dos efeitos das vibrações simpáticas e amorosas sobre a sensibilidade. O período em que me mantive perto dos amigos do meu grupo de peregrinação foi dedicado ao crescimento de mútuos respeito e admiração, de forma que lhes sinto a falta, como me passa frequentemente pelo coração a necessidade de saber como é que estão saindo-se em suas aventuras existenciais. Se me permitirem os professores, posso afirmar-lhes que cresce a saudade da convivência com os protetores do *Tugúrio do Divino Amor*, como ainda me lembro, com forte interesse quanto à sua sorte, das vítimas do desastre aéreo e dos pobres suicida e perseguidor.

Deodoro ia concluir citando o desenvolvimento do afeto para com os professores presentes, mas Joaquim interrompeu-o:

— Teria você o mesmo desejo de saber como se encontram os religiosos do mosteiro que visitou depois do desencarne?

— Devo dizer-lhe que imagino que estejam mais ou menos na mesma, porque não buscam progredir. Nesse sentido, pressupondo que não me vejam com bons olhos, creio ser melhor deixá-los entregues ao seu destino, ao seu carma.

— E quanto às inúmeras pessoas que você conheceu muito intimamente na Terra, parentes, colegas de escola, paroquianos, párocos, superiores hierárquicos, alunos, amantes?

— Se pudesse, talvez iria propor volver ao convívio de cada um deles, para firmar em bases novas o nosso relacionamento, porque sempre a gente fica com a sensação, não de débito, mas de que poderia ter feito mais por eles.

— E quanto aos presidiários que você pretendeu encaminhar para a religião e, por via de consequência, a uma realização de vida mais cristã e feliz, segundo a sua aspiração sacerdotal de salvar as almas dos pecadores?

— Sinceramente, neste caso, o que representa minha vontade real não é o benefício que procurei prestar-lhes mas o estágio atual de cada um, segundo a aplicação resultante de meus ensinamentos. Em outras palavras, se é bem isto o que conduz o seu

questionar-me, não me interessa propriamente pelas pessoas deles mas pelo trabalho que realizei.

— Se lhe dissesse que muitos se encontram desejosos de reverenciá-lo pelo esforço que despendeu no sentido de conduzi-los ao Senhor, você aceitaria deparar-se com tal grupo, para receber-lhes as homenagens?

— Antes, meus prezadíssimos mestres, gostaria de ouvir de vocês como é que Jesus reagiu perante a aclamação de que deve ter sido alvo da parte dos que mereceram dele a cura física e espiritual.

— Particularmente quanto ao episódio em si, ninguém da colônia saberia descrevê-lo, menos ainda no que respeita aos sentimentos do Messias. Você não está, deveras, esperando que lhe informemos a respeito, pois não?!

— Vou deslocar o foco de minha atenção para Kardec. Existe alguma notícia de como foi recebido pelos amigos e protetores, no momento em que se inteirou de que, fulminado por um ataque cardíaco, chegou de volta ao etéreo? Em caso afirmativo, qual a reação dele?

— Podemos deslocar também nós a área de interesse para a nossa possibilidade de resposta?

— Por favor.

— O amigo Deodoro foi recepcionado por inúmeras criaturas agradecidas. Mas, ao aqui chegar, não foi capaz de reconhecer ninguém, ficando encarregado Eufrásio de sua orientação, sob a proteção da colônia. Se você não tivesse sido altamente recomendado por grupo tão significativo de espíritos amigos, não teríamos tido como retê-lo junto a nós, porque teria sido sequestrado por aqueles que mantêm aceso o ódio aos sacerdotes que muito prometem através da venda das indulgências e da oferta do perdão eclesiástico, em nome de Deus.

— Isto me faz devedor pela existência afora, certo?

— Elimine da mente a figura do débito. Resguarde apenas o ato de amor a ser correspondido. Quando você praticava o bem, tinha sempre presente o fato de que era o que Jesus propugnara para a contrapartida do ingresso no Reino do Pai? Os que clamam em seu favor têm à vista o seu conforto moral, regalo paradisíaco que podem ofertar, sem medo de hipocrisia, com o coração na mão.

— Quando poderei abraçá-los?

— Assim que se livrar do terrível peso que tem obrigado a consciência a carregar.

— Ou seja, o aproveitamento do bem-estar material que as minhas faculdades intelectuais me proporcionaram, em detrimento da humanidade sofredora.

— Não afirme. Pergunte. Talvez a resposta possa surpreendê-lo.

Deodoro, que começara rejubilando-se pela notícia alvissareira das solicitações insuspeitas de intervenção em seu favor, descaía em tristeza, percebendo que algo havia feito de muito ruim para não poder gozar da companhia dos verdadeiros amigos. De qualquer modo, não externou o pensamento em forma de interrogação. Temia que a surpresa poderia ser desagradável.

Interveio o Professor Marcelo:

— Vejo que o caro sacerdote se restringe ao hábito das deduções precipites e desdenhosas da realidade. Sabe o que está a refletir tal atitude? A velha falta de coragem

diante do Cristo, pela concepção de que todo crime deve ser castigado, porque o homem, segundo a Igreja que você representava, peca por ação e por omissão, através dos pensamentos, palavras e atos, o que retira da iniciativa pessoal muitos cometimentos cujos resultados se tornam dúbios, por força das variáveis não dominadas pela vontade ou pela inteligência. Nesse caso, a responsabilidade está sempre entregue aos confessores, que se constituem em verdadeiros carrascos da consciência alheia. Ora, como tudo reverte para ou contra quem emite as vibrações em harmonia ou descompasso moral, resulta que o gozo ou o sofrimento se vedam *in limine*, pelo indiferentismo que assoma em relação ao desempenho dos outros seres. Se você não estiver de acordo com a sugestão que estamos impregnando-lhe no fundo do ser, exponha francamente amanhã à classe em que será recebido. Eufrásio, logo cedo, lhe dará as diretrizes do que terá para providenciar. Passe esta noite a refletir sobre todos os pontos que expusemos e veja se consegue admitir a verdade neles subjacente.

Mal terminou de falar o instrutor, Deodoro caiu em profunda letargia moral, tendo sido conduzido ao leito, em silêncio, por Eufrásio e Margarida.

Na manhã seguinte, estava rodeado pelos seis companheiros da insólita peregrinação através dos campos etéreos, cuja vinda insistentemente requisitara durante a noite toda.

— Meus queridos, vocês vieram! Que Deus os abençoe!

Fartas lágrimas escorriam pelas faces de Deodoro, contaminando os sentimentos de todos. Levantou-se do leito revigorado e fez questão de abraçar um a um, em silêncio, dedicando-se a olhar profundamente nos olhos dos companheiros, como a recolher-lhes os semblantes para sempre na lembrança, naquele sublime momento de felicidade.

Foi Joaquim quem primeiro se pronunciou:

— Mestre, que tremendo perigo rondava pela sua alma, para tão aflitivas solicitações de socorro?

— Estive à beira de me acusar de todos os defeitos, porque permiti que todos vocês se distanciassem de mim. Tenho recebido mui alta atenção dos dirigentes da colônia, para não partilhar dos ensinamentos com todos os amigos. Sei que todos estavam ocupadíssimos, na realização dos feitos mais concernentes ao seu crescimento espiritual, mas preciso exprimir o meu afeto, a minha ternura, a minha benquerença, o meu amor. Talvez, para os padrões de quem teve a honra de bem compreender as palavras do Cristo, que elevou o amor à categoria essencial para o progresso, e para quem admita, com João, que Deus é amor, este meu chamado não signifique mais do que a tomada de consciência de minhas necessidades de reconciliação com todas as criaturas a quem ofendi, a quem desprezei, a quem deixei escapar de minha influência. Sinto-me debilitado neste aspecto e, por isso, não tive nenhuma dúvida em apelar para o conforto moral que bem sei irão propiciar-me.

Aproximou-se de Margarida e fez questão de apresentá-la como protetora e companheira, com quem pretendia estabelecer elos existenciais de eterna duração:

— Nós todos, sacerdotes, ao unirmos os nubentes pelo sacramento do matrimônio, utilizávamos a fórmula tradicional: *Ninguém separe o que Deus uniu*; mas ressalvávamos: *Até que a morte os separe!*

Prosseguiria o discurso no intuito de demonstrar que exacerbava os sentimentos e dera vazão às emoções, se não se visse interrompido por Eufrásio:

— Vocês já devem ter ouvido Deodoro falar de mim. Eu sou o seu guia de entrosamento à realidade etérea, aquele que primeiro o recebeu após a derradeira passagem carnal. Devo dizer-lhes que recebi a missão por haver solicitado, tanto prezo o meu antigo colega.

Nesse momento, fez-se conhecer de Hermógenes, que sabia não ser estranha aquela maneira lúcida de descrever a realidade.

— Professor, não se conteve o ex-aluno, que enorme satisfação em reencontrá-lo em tão esplêndidas condições!

— Venha de lá um abraço, meu inesquecível Hermó!

A confraternização foi demorada, pela íntima conversação que se estabeleceu mas que não excluiu os demais. No entanto, as revelações do discípulo, quase todas, eram familiares ao grupo.

Roberto era quem se impacientava e revelou logo a sua preocupação:

— Amigos, a minha presença aqui é prescindível. Gostei de saber que Deodoro está mais propenso a sensibilizar-se pela ausência da gente e que se restabeleceu integralmente apenas contatando conosco. Se me permitirem, devo partir rápido, porque deixei em meio uma conversa com um dos antigos parceiros sexuais, que me acusava, dedo em riste, de haver abusado dele durante dois anos inteiros, afirmando que me fiz crer que o amava e que logo o desiludi, atraído por outro rapaz. Cito o episódio para configurar a gravidade dos temas que tenho tratado. Se para Margarida e Deodoro o futuro se enriquece de promessas de realizações, para nós, revela o negrume de outros relacionamentos extremamente penosos, dada a intempérie moral que assola aqueles corações. Mais tarde, voltarei para contar-lhes como agi em relação aos que comigo sofreram o mal da degeneração carnal, porque descobri que a dor... como direi?...

Margarida complementou:

— O sofrimento ensina e a dor purifica.

— Muito lhe agradeço, irmãzinha.

Mas Everaldo, que enxugava algumas lágrimas persistentes, não se satisfez com a intenção de sair manifestada por Roberto:

— Viemos para ver Deodoro e achamos Roberto em apuros. Vamos atender aos reclamos do Professor, em primeiro lugar, depois escoltaremos o caridoso ex-hanseniano em sua luta moral, para trazer a si os companheiros defasados espiritualmente.

Arnaldo e Alfredo torciam e retorciam as fímbrias dos hábitos. Era cada vez mais notória a vontade de participarem do enredo que ali se tecia. Os dois é que de mais perto sentiam a voracidade com que Deodoro abocanhava a amizade de todos. Podiam perceber a forte vibração que o Monsenhor procurava disfarçar. Haviam-no carregado pelos corredores do mosteiro. Conheciam, portanto, o comprimento das ondas que o bom sacerdote lançava ao derredor e surpreendiam-se com a diferença entre a expansão antiga e a atual.

Foi Margarida, que se abraçara ao amante, quem lhes passou a palavra:

— Qual dos dois irmãos da tonsura deseja expressar os sentimentos de ambos?

Alfredo adiantou-se:



— Querida irmã, a nossa antiga parceria no atendimento dos infelizes que aportavam ao mosteiro lhe permite a referência jocosa à tonsura. Entretanto, suspeitamos, à vista de seus estreitos vínculos com Deodoro, que a nossa família espiritual deva, muito em breve, aumentar em proporção geométrica. Não nos é difícil saber que Everaldo e Joaquim estão refazendo os pregressos relacionamentos afetivos, que Hermógenes se encontra com excelente disposição, pronto para estabelecer contato com os familiares e amigos, que Roberto vem, como nos informa, trazendo em comitiva muitos companheiros de sofrimento e de regeneração, que Arnaldo se desenvolveu no sentido de se fazer o anjo de guarda de querido familiar, o que lhe trará de volta a simpatia de quantos o desprezaram por haver rejeitado quem imaginou desejosos de abandoná-lo no convento. Falo por ele e por mim, que me dei bem nos trabalhos de assistência junto aos obsessores tratados no *Tugúrio* e me sinto apto a buscar os que fiz inimigos, para os oportunos esclarecimentos.

Arnaldo, a um gesto do amigo, prosseguiu daquele ponto:

— Sei que devo antecipar a conclusão desta noite de desconforto para o Mestre e Amigo Deodoro, porque está na hora das revelações afetivas.

Em pensamento, convocou os que assistiam o Monsenhor a que se concentrassem em prece, enviando-lhe forte imantação sentimental.

Deodoro perturbou-se com a inusitada atividade a que não fora convidado, percebendo, porém, que todos se voltavam para ele em forte concentração energética. Foi quando chegaram aqueles mesmos três professores e introduziram, no campo de visão do assistido, a figura querida de seu avô materno.

Imediatamente, compreendeu Deodoro que estava sendo alvo da benquerença coletiva dos que por ele intercederam.

Num relance, refizeram-se os laços de respeito e de admiração que nutria pela veneranda personagem e conversaram longamente a respeito das realizações de ambos desde que se separaram, em época remota, para ingresso na carne do avô e conselheiro.

Em seguida, após se despedirem com promessas de próximas visitas, foram adentrando no quarto, um a um, todos os parentes com quem Deodoro se lembrava de haver mantido ótimos vínculos. Não ousou perguntar por quem não apareceu, mas não temeu um instante sequer por aquelas pessoas, imaginando que estariam impedidas por razões muito fortes, as quais elucidaria a tempo. Essa ideia foi extremamente fugaz, porque as lembranças se fundiam na multiplicidade das existências em conjunto.

O Professor Joaquim fê-lo intuir que era necessário que se encontrasse com um de cada vez, de sorte que o ambiente ia enchendo-se das mais suaves e amenas sensações de felicidade, como se se materializasse o sentimento e se espargisse em formas luminosas e coloridas. Foi o Professor Mário quem explicou que as auras se expandiam, tornando a atmosfera extraordinariamente quinta-essenciada, segundo o nível de desenvolvimento do grupo de sustentação fluídica.

Deodoro, contudo, não imergia em seu intelecto para as reflexões. Apanhou no ar a anotação e considerou num átimo que adquirira a faculdade de *digerir* os pensamentos e de *oxigenar* a consciência automaticamente.

Também perpassaram pela sua área de envolvimento emocional muitos alunos, professores, colegas, superiores e subordinados dentro da hierarquia religiosa, cada qual

possibilitando o registro imediato dos que faltavam, porque a memória agia seletivamente, de acordo com os grupos. Alguns dos presidiários conversos para a religião também compareceram. Notória foi a ausência das mulheres com quem se relacionara sexualmente.

A Deodoro parecia que estava restabelecendo a própria identidade, com o vigoroso acréscimo das informações relativas aos acontecimentos de toda a existência, conforme nitidamente se lhe configurava na memória, sem os percalços emocionais que pressionavam a personalidade antes da última encarnação. Assim, recordava-se perfeitamente de haver perseguido um sujeito nas trevas durante mais de duzentos anos, o qual identificava como um dos criminosos encarcerados que receberam o seu carinhoso ministério sacerdotal.

*Infelizmente, lamentava-se, não veio para o conagraçamento afetivo.*

De tudo o que sentia dava conhecimento aos demais, de sorte que os que se interessaram por assimilar as novíssimas condições do amigo ouviam calados os desenvolvimentos sutis.

Nessa atitude de enleio filosófico e existencial, permaneceu durante a manhã toda, sem interrupções de qualquer espécie, seja pela vibração dos que desejavam prosseguir a caminhada longe da colônia, seja dos que haviam preparado o ambiente da classe que o receberia para o início da programação de caráter meramente escolar. Tanto a uns quanto a outros solicitou que o perdoassem e que lhe permitissem o acesso a todos os meandros disponíveis de sua constituição espiritual.

Emergiu das reflexões muitíssimo melhor disposto, cômico de que poderia dar ao corpo espiritual o formato que quisesse, dominando inteiramente os fluidos energéticos de sua formação. Pediram-lhe, afinal, que se mantivesse com a aparência mais conveniente para o trabalho de professor que iniciaria, de sorte que preferiu estabelecer o princípio do vigor físico que possuía aos vinte e oito anos de idade, com certeza pela observação dos três professores presentes.

Foi assim que despertou para a nova existência de relacionamentos, permitindo que os planos dos companheiros fossem traçados:

— Peço aos amigos que me incluam em suas programações na qualidade de auxiliar e aprendiz. Quero principiar a carreira de socorrista como coadjuvante ativo mas não deliberativo, senão se instigado. Façam tábula rasa de todas as impressões que lhes transmiti e me aceitem de coração aberto. Em outras palavras: contem comigo para o que der e vier.

O amigo Joaquim assumiu o posto de coordenador dos debates:

— Primeiramente, solicito permissão aos dignos mestres presentes para dispor em ordem de prioridades o que deverá o grupo realizar.

Como assentissem, prosseguiu:

— Está muito claro que Deodoro percebeu a imensidão de roteiros a serem desenvolvidos intelectual e emocionalmente a respeito das disposições emocionais, de sua compreensão e extensão, como também reconheceu que existem setores de atendimento fraterno que devem receber tratamento de emergência. Pelo que entendi, Roberto é quem precisa mais, porque deixou em suspenso um entendimento essencial para o resgate de

débitos recentes e pungentes. Se alguém discordar, que se manifeste, caso contrário, assinalarei o item com o número um.

Não houve voz divergente. Joaquim continuou:

— Devo abrir um parêntese para que o meu xará exponha os projetos educacionais da **Escolinha de Evangelização** em que se encontra engajado Deodoro.

Era o que havia pedido mentalmente o professor, que se pôs a discorrer com extrema facilidade conceitual:

— Não existem, para os que buscam ajudar os semelhantes, prioridades, porque todos os trabalhos logram realizar-se concomitantemente, quando se dispõe de recursos logísticos adequados. Em nossa instituição, oferecemos equipes de auxílio devidamente apetrechadas para os casos de simultaneidade. Quando ocorrem grandes catástrofes, por exemplo, requisitam-se os serviços até dos que estão na retaguarda, dos técnicos e administradores, permanecendo em seus postos apenas os que mantêm o equilíbrio energético de defesa e de sustentação. Em tempos de guerras entre os encarnados (considerem-se as guerrilhas camponesas e as urbanas como não pertencentes ao quadro que estou descrevendo), deslocam-se para a crosta, organizadamente, multidões de socorristas, quando se unem as colônias para o recolhimento das vítimas e para a assistência moral dos sobreviventes. A respeito do sucesso desses empreendimentos, devo dizer que não se dá como gostaríamos. Relativamente à influência a se exercer sobre os dirigentes dos povos, cabe aos círculos mais elevados providenciar, como ainda no que respeita à contenção ou cerceamento da liberdade dos obsessores. Sendo assim, vocês podem sair em busca de restabelecer os liames de companheirismo de Roberto, dispensando Deodoro, que será substituído por alguém já experimentado no serviço, qualidade primordial se tiverem em mira aprender o mister. Peço-lhes que nos cedam o amigo, para que possamos dar cumprimento às deliberações da Governadoria quanto ao aproveitamento de seus talentos junto ao corpo docente, conforme já referido a ele anteriormente.

Voltou Joaquim, o padre, a compor a ordem do dia:

— Penso que ninguém se manifestará contrário à solicitação. Sendo assim, acato a sugestão do Professor e rogo-lhe que nos forneça o precioso cicerone, tendo em vista que do êxito da empresa é que resultarão as providências sequenciais.

Deodoro via-se enalacrado e não escondeu as preocupações:

— Caros amigos, sinto-me como que menosprezado, porque querem dispor de mim e de minha vontade ao bel-prazer do instituto de ensino. Se me consultarem, vão ter uma surpresa desagradável, porque não vejo como contribuir para a colônia sem aperfeiçoar-me naquilo que me considero absolutamente carente. Agora que conheço como se dá valor aos irmãos, acho que, em qualquer setor das atividades de auxílio, estarei servindo melhor do que junto a um corpo docente que tem trabalhado sem a necessidade da contribuição de um velho religioso e professor de teologia. Não sei se estão os confrades esquecidos ou se desejam poupar-me quanto a possível repúdio à minha pessoa dos meus pais e de outras entidades que gostaria de ter recebido há pouco, junto com os mais caros, com os mais evoluídos, com os mais afáveis. Se o meu voto pode ser considerado, exijo que no roteiro conste a minha peregrinação à crosta e às trevas, sob controle e assistência de uma das equipes de socorristas, conforme ressaltado foi pelo Professor Joaquim. Admiro-me de

não haver deliberado acompanhar Roberto no momento mais oportuno e disso começo a me arrepende. Se me disserem que só agora é que posso manifestar esse desejo; que, antes, não progredira suficientemente para a deliberação; que foi ao impacto das reflexões conduzidas pelos proficientes técnicos e cientistas que obtive a condição de relativo governo dos impulsos emotivos; que a minha atual manifestação se produz cheia de contradições, porque a sensibilidade não se coaduna com as proposição intelectualizada; devo redarguir, afirmando enfaticamente que me considero devedor de todos igualmente, a quem amo o bastante para abraçá-los, ao mesmo tempo que lhes peço, humildemente, perdão por oferecer resistência. De algum modo, censurei a cada um dos irmãos do grupo por fazerem prevalecer a sua vontade e não a do Pai, no momento de nossa separação. Vejo, agora, que deveria ter sido mais positivo; menos zeloso da dignidade de merecer a proteção incondicional dos protetores e anjos guardiães; mais generoso para com os amigos; menos propenso a admitir que os meus vezos de autoridade eclesiástica sofreriam com a desonra de um trabalho menor ou mal sucedido. Peço perdão a Jesus, porque, sendo eu mestre entre os encarnados, queria ser respeitado também entre os do etéreo. Peço perdão a Deus, porque representou a minha atitude apenas egoísmo, vaidade e orgulho, além de outras manifestações de desequilíbrio evangélico. Disse muito bem o meu colega Joaquim que estou desejoso de discutir os processos de crescimento sentimental. Pois o que lhes estou transmitindo é tão só o preâmbulo dos diálogos que pretendo manter com os íntimos, se assim deliberarem ajudar-me.

Pedi e obtive de Joaquim o Professor Mário permissão para falar:

— Sei que se permite estender-se o caro Monsenhor em tema de seu restrito interesse. Louvo-lhe que pretenda instruir-se e aos companheiros, mas lembro-lhe que providências se tomaram para o efeito que se alcançou em sua personalidade espiritual. Tendo em vista tais mecanismos socorristas não de seu domínio é que organizamos uma turma de alunos em condições de lhe seguir as explanações e discussões. Claro está (e lhe peço que compreenda) que anuiremos na pretensão de quantos se manifestarem a favor de se matricularem em seu curso, em sendo amigos queridos seus; e, talvez, por isso mesmo. Seguir com o grupo há de ser muito bom, mas constituirá no avesso de sua afirmativa de ontem segundo a qual o que fazemos na colônia tem o mérito da sistematização. Não pelo fato de se instalar mais acomodado em sua psique emocional que irá o digno camarada permitir fragilizar-se no aspecto intelectual. Leve para si esta minha manifestação como a terceira lição prática que lhe ministramos e conceda-nos o benefício da satisfação de nos outorgar a responsabilidade de sua instrução perante os benfeitores da colônia.

O coordenador retomou seu encargo:

— A considerar o teor das explicações do amigo, todos nós teremos muito que aprender nesta instituição. Sendo assim, proponho para debate que, tão cedo nos vejamos liberados dos compromissos de ajuda mútua quanto aos nossos problemas pessoais, regressemos para cá e nos alistemos entre os alunos, segundo as propostas curriculares que melhor condizem com nossas necessidades.

Hermógenes completou:

— Quero crer que se deva ressaltar o fato de estarmos ou não preparados para a matrícula.

Enquanto os seis da viagem se punham de acordo a respeito das atividades que desenvolveriam extramuros, Margarida e Deodoro faziam planos para a próxima etapa existencial.

## DESAGRAVOS

Uma semana depois, partiam em comitiva Deodoro, Margarida, Eufrásio, o Professor Joaquim e os dois guardiães, Arnaldo e Alfredo. Destinavam-se a um círculo próximo da esfera terráquea, local designado para os encontros entre os parentes reencarnados e o Monsenhor.

Naquele meio tempo, estiveram acompanhando a distância os trabalhos de aproximação entre Roberto e antigos companheiros muito endividados, homens e mulheres com fortes desvios na área do desempenho sexual.

Era uma espécie de treinamento a que se submetiam os que haviam ficado, embora insistisse o Professor Joaquim em que o fato de estarem recebendo em tela de televisão as imagens das longas conversações entre os desafetos, nem sempre pacíficas, não deveria iludir os que passariam pelas mesmas circunstâncias, dado que havia a necessidade de refrear os impulsos emotivos de ódio ou de repugnância. Houve mesmo uma sessão tumultuada, em que, após a devida preparação psíquica através de aconselhamento, de prece e de desinfecção afetiva, os ânimos tenderam, ainda assim, à exaltação, porque se abriram os canais de comunicação da atmosfera carregada pelos elementos de baixo teor sentimental. Precisaram os seis receber a assistência técnica dos encarregados da limpeza do organismo perispiritual, porque se deixaram fortemente impregnar pelos eflúvios da maldade que prepondera a partir da primeira esfera trevosa, quando se ultrapassam os limites do Umbral.

Foi a experiência mais pungente de quantas Deodoro se envolvera desde que regressara ao etéreo. Recordava-se, com clareza, das perturbações de outrora, mas as reações emotivas como que apenas se descreviam no livro da existência. Quando se sentia nostálgico e de ânimo arrefecido, solicitava que os protetores o auxiliassem a vencer os deslizos sentimentais. Era o momento em que Margarida se fazia presente com desvelos de enfermeira e carinhos de amante. Era o momento em que Eufrásio trazia o consolo da palavra extraída dos *Evangelhos*, pela citação sempre oportuna das passagens em que Jesus esclarecia os sofredores ou solicitava ao Pai o perdão dos algozes. Refeito o equilíbrio, surgia o Professor Joaquim para as apreciações pertinentes, segundo a demanda filosófica do assistido.

Agradabilíssima foi a notícia de que os pais estavam capacitados a compreender a necessidade do encontro com os que permaneciam no etéreo, embora não tivesse sido possível revelar-lhes o grau de parentesco das entidades.

Foi nessa ocasião que Deodoro e Margarida discorreram a respeito do passado, unindo as lembranças para o contexto em que as personalidades espirituais se depararam em todas as épocas. Ambos foram agasalhados na mesma família duas vezes, em encarnações diferentes, coincidindo apenas aquela em que Deodoro respondeu pelo nome de Antenor.

Ao estabelecerem o nível de relacionamento com os pais, desejaram saber se teriam aqueles a mesma capacidade de desvelamento do passado.

Explicou-lhes Joaquim:

— Certamente estarão obliterados pela inserção na carne. É de todo conveniente que não se acentuem os sofrimentos, para que a carga não se torne superior à capacidade de suportar. Quando observamos Roberto às voltas com as reações mais agressivas dos que se consideram vilipendiados por ele, sabemos que as sensações dolorosas estão ativadas ao máximo. Neste caso, a dor não extrapola os limites de tolerância, uma vez que existe um dispositivo consciencial, uma espécie de válvula de escape da pressão, que regula, através da consideração de que algo existe para ser pago, resgatado ou cobrado, o julgamento do quanto de injustiça se praticou contra aquela mesma entidade que se acusa. Aconselho vocês dois a que se resguardem quanto a todo sentimento de frustração que possam despertar as palavras carregadas de vibrações negativas que desejariam pronunciar ou que poderão ouvir. Se aceitarem uma sugestão, realizem um projeto de atuação fundamentado em sua própria experiência, tendo em vista que é muito recente a sua união fraterna. Sopesem o medo, a cólera, o ressentimento, a mágoa e demais processos de expiação a que se obrigaram mutuamente, para avaliarem o sistema de equilíbrio a ser adotado em caráter de emergência, se forem surpreendidos desagradavelmente pelas reações próprias e dos outros. E estipulem o preço a ser pago, em caso de se verificarem em débito, como ainda a forma de amortização. Não prometam muito, mas não deixem de realizar um mínimo.

Interpretando o sentimento do casal, Margarida fez questão de esclarecer que, após o levantamento de todas as desavenças entre seres tão íntimos, quedava um saldo positivo da parte dos pais. Não imaginavam, contudo, quais as cobranças que lhes seriam feitas por um e por outro.

Durante a primeira parte da deslocação para o local da reunião, cada qual foi realizando, da melhor forma que podia, as preces votivas de soerguimento moral. Poderiam ter optado por receber uma dose de sedativo, mas rejeitaram a hipótese de ficarem meio alheios aos acontecimentos. Preferiram correr todos os riscos, para poderem regressar completamente cômicos do estado psíquico das figuras paterna e materna.

Deodoro ia rememorando todas as discussões que antecederam a partida, temendo haver deixado algo importante sem providência. Lembrou-se de todos os defeitos do pai nas duas encarnações e estabeleceu segura comparação entre as atitudes dele, para caracterizar o que eliminara e o que atenuara. Deu ênfase à concordância com a irmã de que não deveriam expor a personalidade dele aos demais, como ainda de haver ocultado dela os acontecimentos que geraram certo desconforto dos vínculos afetivos, uma vez que descobrira um segredo do velho. Ficou satisfeito por não haver cometido a indiscrição, tantas eram as qualidades que reconhecia na caridosa figura que surtira dos sofrimentos perpassados no Umbral. Quanto à mãe, as reminiscências eram mais benignas, voltadas, sobretudo, para os cuidados com a saúde e com a educação dele e dos irmãos, na primeira e segunda infâncias. Como Deodoro se definira muito cedo pela vida segregada do seminário, não se vira rebelde na condição de adolescente, quando se tornou o xodó do casal pelo brilhante desempenho escolar e, mais ainda, durante os anos em que merecera ascender na hierarquia eclesiástica. Não queria pensar nos irmãos, para não se eivar de

preconceitos através da suspeita de que teriam sido colocados em segundo plano na benquerença dos pais. Eles que se houvessem entre si.

Por seu turno, Margarida era menos severa nos conceitos, tendo em vista que lhe estavam mais apagadas na lembrança as peripécias de alguns séculos atrás. A recepção no ventre materno se dera em plena concordância de propósitos, induzida pelos benfeitores familiares, de forma que nada cobrava deles quanto ao histórico das perversões praticadas entre si. Alguns acontecimentos que ressumbravam como menos felizes coube a Deodoro retirar-lhe da memória, através da descrição psicológica que a convenceu do progresso dos pais. Considerava-se, portanto, mera companhia de Deodoro e auxiliar de Joaquim e de Eufrásio, tanto que já se entendera com os seus outros pais, os ulteriores, no ingente pedido de perdão que precisou diligenciar pelos insucessos da reencarnação, que se constituíram em provação involuntária mas proveitosa, no sentido do cumprimento da lei de causa e efeito, revertendo em profícuo avanço espiritual para os três. Por isso, não era afetada durante a viagem por maiores preocupações, permanecendo em preces de apoio ao companheiro.

Chegados ao local, encontraram três espíritos protetores dos encarnados. Feitas as apresentações, ficou sabendo Deodoro tratar-se de antigos parentes, distantes mas consanguíneos, cujos contatos não se deram senão esporadicamente.

Perguntou-lhes:

— Será que podemos ver como estão os nossos pais, em reprodução televisiva?

Coube a Joaquim responder:

— Poderemos, sim, com a anuência dos guias da colônia. Espere um pouco.

Enquanto o professor providenciava a comunicação, Deodoro buscou conhecer alguns detalhes da vida dos pais:

— Que fazem, como vivem, quais os interesses espirituais ou espíritas? Têm filhos?

Geraldo, o protetor de Clotilde (o pai), não se fez de rogado:

— Você deve saber que os papéis sexuais foram trocados. Pois Clotilde está relutante em ter filhos, uma vez que, investida das funções de dirigente de firma de comércio exterior, pouco tempo tem para o lar. Teme, ainda, que deva ficar em débito com o etéreo, porque, apesar de católica praticante, vira-e-mexe, frequenta as sessões públicas e palestras de centro espírita. Não está convencida totalmente de que deve apostar da fé católica nem de que deve imergir de cabeça nas águas mais caudalosas da doutrina de Kardec. Tem tempo de sobra para os estudos, porque vive regaladamente, com excelente participação financeira na empresa, mas, assim que se pilha de folga, destina as horas de lazer à prática da ginástica, que o corpo quer manter rigorosamente dentro dos padrões sociais vigentes, ou seja, magra e saudável. Sendo assim, põe a mãe de vocês (o marido, Paulo), em constante isolamento, forçando-o a estabelecer vários círculos de amizade, quer quanto aos colegas de trabalho (é advogado), quer quanto aos da roda de esportistas (é praticante de vários desportos coletivos). Paulo acompanha a esposa à missa, regularmente, mas foge do centro espírita. Eis que se chocam as opiniões quanto ao aspecto sexual dos relacionamentos, porque o sentimento católico o obriga a fazer amor sem preservativos ou outros métodos de anticoncepção, enquanto Clotilde se recusa a aceitar a imposição da libido do marido como condição para o contato. Era isso que você desejava saber?



Deodoro não ocultou seus pensamentos entre surpresos e admirados:

— Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que sua forma de compor o vernáculo me sabe diferente, moderno, talvez, precisando recorrer à interpretação de sentido meramente psíquico para a compreensão total.

Geraldo explicou:

— Sei que a minha linguagem raia pela vulgaridade, mas nem de longe reflete os modismos da atual maneira de falar. Claro está que posso emitir apenas as ondas de comunicação, mas julguei oportuno propiciar-lhes ligeiro exercício de coordenação linguística, para que pensem em que termos irão narrar os próximos acontecimentos, na obra que me disseram estar sendo preparada.

Margarida participou com uma exclamação:

— Andam rápidas as informações!...

Renato, protetor de Paulo, forneceu as diretrizes para entendimento do ponto:

— Vocês não desconhecem que tivemos uma semana de preparação para unirmos as partes. Pois bem, todos os tópicos envolvidos no processo em desenvolvimento nos foram apresentados com minúcias descritivas. Ora, o objetivo de oferecer aos encarnados uma composição mediúnica nos foi ressaltado como de absoluta importância.

Arnaldo desejou confirmar uma suspeita:

— O que você nos diz quer significar, necessariamente, que também os procedimentos de resguardo deste recinto espiritual foram tomados com rigor absoluto, tendo em vista proporcionar aos filhos a noção correta do afeto de que são alvo e do que são capazes de sentir e de expressar?

Talvez para não ficar alheio à conversação, Jurandir, o terceiro protetor, identificado como amigo desejoso de investir numa gravidez de Clotilde, esclareceu:

— Noto que a sua pergunta somente requer uma confirmação. Pois estamos preocupados em dispor no ambiente os fluidos mais propícios a despertar na mulher o desejo de ser mãe, pela presença dos filhos de antigamente. Já haviam pensado nessa perspectiva?

Consultado os parceiros, respondeu Deodoro:

— Falo por todos: ninguém sequer imaginou algo desse tipo. Quer dizer que vocês estão utilizando legítima pretensão de confraternização, por amizade, em bem-querer, de entidades saudosas dos momentos de felicidade nos braços carinhosos dos pais, com a finalidade precípua do cumprimento esclarecido do quarto mandamento (*honrem a seu pai e a sua mãe*), em oportuna influência segundo a programação que se deve ter estabelecido para o aperfeiçoamento dos vínculos de amor entre os pupilos?! Terei de concluir que essa é manobra habitual no serviço de assistência dos guardiães?

Coube a Jurandir responder:

— Nem sempre estão os encarnados à disposição dos benfeitores. Segundo a maneira deles de pensar sobre os sucessos em geral, muitas vezes se perdem para a influência dos obsessores. Posso adiantar-lhes que não é o caso de seus pais, que não se veem senão raramente nas mãos dos que desejam desviá-los das normas morais de conduta. No entanto, imersos estão no clima espiritual da atualidade, segundo a região que habitam, deixando-se envolver pelo conjunto dos arquétipos inconscientes das diretrizes culturais que fundamentam os relacionamentos humanos. Em outras palavras, recebem

muitas ideias prontas, através das mais variadas vias de comunicação, sem estabelecerem a crítica mais conveniente, segundo a visão evangélica que lhes foi desenvolvida na infância. Por sorte, tiveram pais cômicos da responsabilidade da educação dos seres a quem deram condições de encarnação. Se vocês tivessem passado os últimos trinta ou quarenta anos na Terra, teriam observado quanto tem evoluído o sistema social especialmente nas megalópoles.

Deodoro queria inferir conclusões:

— Sei que o amigo está a referir-se a tais questões para prevenir as nossas mentes quanto à maneira inusitada de proceder das criaturas que pretendemos abraçar. Estivemos, na última semana, absortos na contemplação dos serviços de assistência socorrista a seres altamente necessitados de auxílio. Também fomos alertados para as reações indóceis dos espíritos rebeldes, principalmente daqueles que acusavam Deus e a todas as criaturas de serem injustos. Devo aproximar as lições e extrair os elementos que basearão o caráter das nossas observações e reações?

Geraldo adiantou-se:

— É de todo salutar, caro Monsenhor, que Vossa Reverência — aí Deodoro desistiu de corrigir o tratamento cerimonioso — se atenha a ser o mais cordato e generoso que puder. Se sofrer represálias (não estou dizendo que vá sofrer), terá de se manter equilibrado. Vejo que o seu controle está muito bom, porque o instiguei com a fórmula de respeito e você venceu o impulso de me corrigir. Mas estamos recebendo de volta as notícias requisitadas por Joaquim. Vamos ouvir o que nos tem para dizer.

— Na colônia, julgam os mestres de plantão que não há inconveniente em Deodoro e Margarida seguirem por algumas horas a vida comum dos pais. Entretanto, deverão expor com minudências todas as sensações agradáveis ou não que tiverem, as quais deverão ser apreciadas pelos orientadores do grupo. Fica a decisão por nossa conta. Que acha você, Deodoro?

Pego de surpresa pela condição, titubeou o interrogado e não respondeu. Margarida, então, se antecipou:

— Vejo que o meu querido está em considerações de caráter moral, exclusivamente. Não sabe se observar as realizações carnavais de pessoas tão íntimas não venha a ser considerado pela consciência como de interferência no direito de privacidade dos seres humanos. Já observou os corações de várias pessoas, sempre pressupondo que iria aprender algo para posterior aplicação no ministério de ajuda a que pretende entregar-se. Não é verdade que existe certo pudor eclesiástico a reger-lhe os sentimentos?

Recobrando a serenidade, Deodoro pôde expor o que lhe passava pela mente:

— Não quero ser absolutamente frio em relação a seres que trago em lugar privilegiado no coração. Se estou encarando a observação da realização vital deles como de mera curiosidade, é preciso que refaça os prismas do amor que me conduziram até aqui. Se a minha maneira de ver os velhos deve adequar-se ao seu *modus vivendi* ou *faciendi* da presente romagem carnal, não tenho como recusar-me a contemplá-los em plena atividade, embora deva ressaltar a necessidade de manter rígido controle emocional, sustentando o respeito que lhes devo para honrá-los, conquanto tenha o poder de crítica despertado. Eis que estou na bica de tomar uma decisão real, sem refletir apenas filosoficamente. Vivo citando o evangelho, enfatizando o trecho do “*não julgar para não*

*ser julgado*”, ou o do “*com a mesma medida com que medirem serão medidos*”. Em suma, tenho medo de não estar suficientemente evoluído para lograr êxito em questão de suma importância para o desenvolvimento espiritual. Quero com isso dizer que me deparo diante de uma encruzilhada: ou venço a puerilidade do mero pensar silogístico; ou perco-me nas agruras de não haver estabelecido todos os parâmetros da atitude mais apropriada para enfrentar o desconhecido. Estarei sendo injusto quanto ao amparo dos amigos da comitiva e os cuidados dos protetores de meus pais?

A pergunta saiu singela e inocente, sem qualquer impulso subjetivo de desconfiança de resposta. Deodoro estava purificando a mentalidade e abrindo o coração para receber os dons da verdade.

Ao invés de responder, Joaquim solicitou ao grupo que se acomodasse vibratoriamente para uma prece ao Pai:

— Senhor, eis-nos aqui para efetuar um trabalho de amor. Dai-nos entendimento para reger os pensamentos e atitudes com dignidade e fé em vossa infinita misericórdia. Abri-nos a perspectiva da integração afetiva dos filhos com os pais, que deverão seguir juntos rumo ao vosso reino de perfeição. Impedi, com as luzes da benemerência e do perdão, os que desejam reviver os desajustes passados, tornando presentes as lições de Jesus. Fazei humildes os arrogantes, confiantes os incrédulos, serenos os inquietos. E submetei os caprichos de um momento à eterna concepção do bem. Assim seja.

Imediatamente, criou-se tela na qual se projetaram as imagens do casal, no lar. Custou para Deodoro aceitar a transformação sexual, através da fisionomia bastante diferenciada de ambos, segundo as recordações de todos os tempos. Em sua memória, cristalizaram-se os seres espirituais dos interregnos entre as encarnações, quando as figuras se transformavam segundo o derradeiro contato, em função da aparência mais tranquila ou mais propícia para provocar os sentimentos originais de simpatia, de repulsa ou de indiferença. Guardara na lembrança a experiência da última jornada na Terra, quando viu os pais envelhecendo até a senectude. Agora, tinha diante de si duas pessoas adultas, mas de herança genética sem relação com as famílias anteriores. Se tivessem regressado como descendentes de si mesmos, muito provavelmente alguns traços se teriam mantido, porque dentro dos padrões da linhagem carnal. Foi a pergunta primeira que elaborou:

— Quem poderá explicar-me por que razão nem um nem outro se reencarnou no mesmo clã das vidas anteriores?

— A introdução dos espíritos nos mesmos elementos genésicos — respondeu Renato — teria tido o condão de restabelecer certos defeitos, segundo a constituição cromossômica. Sempre os protetores buscam corpos de desafio para as provações e resgates, segundo o planejamento do carma, para mais rápida evolução, caso se vençam os percalços das novidades. Você mesmo está constatando que os seus pais estiveram encarnados antes em famílias sem vínculos entre si. Não sei se lhe basta esta simples informação, mas poderá deduzir que a mesma criatura, tendo falecido com dois anos e renascido dos mesmos progenitores, irá apresentar condições vitais muitíssimo semelhantes entre as duas materializações.

— Será justo — reinquiriu Deodoro — esperar que as imagens espirituais deles reflitam para nós a contextura perispiritual de preferência ao reflexo da constituição física atual?

— Assim será, caríssimo — prosseguiu Renato — porque envidaremos esforços para os reconhecimentos de acordo com as épocas mais felizes de suas vidas em comum. Não seria caridoso se fizéssemos vocês se defrontarem, proporcionando visões de desagrado. Se não se sentirem à vontade, a simples recordação dos momentos de concórdia provisória no âmbito do planeta não será suficiente para conter os ímpetos de rejeição, a tal ponto de a aparência imediatamente se ajustar para a modalidade mais dramática, independente das providências dos socorristas.

Deodoro queria mais:

— Eu olho para os dois e não vejo aqueles a quem vim procurar. Parecem-me dois estranhos. Sinto-lhes na aura uma série de informações que não desejava encontrar, tendo em vista o que se acha na reserva mental de antigo monsenhor e professor de teologia.

Jurandir, que não partilhava emocionalmente das reações dos dois guias familiares, foi quem esclareceu:

— Eis que se revela, fenomenologicamente, o que antes citei na área das estruturas psicossociais. Vejo que você desejaria observar apenas qualidades morais de acordo com os padrões que vivenciou como sacerdote. Mas os tempos são outros e as fórmulas da vida se regem segundo diferentes constituições culturais. Explico melhor. Para não exemplificar com os seus pais, vou citar o que se passa em outra região do globo. Sabe você que, nos países nórdicos, como norma geral, das meninas se espera que percam a virgindade aos doze ou treze anos de idade, mantendo, a partir de então, livre vida sexual, inclusive, com a anuência dos namorados, noivos e maridos? Não lhe perpassa um frio na espinha quando compara essa atitude com as restrições emanadas dos códices religiosos do cristianismo igrejeiro?

— Quer dizer que o ato sexual é visto com maior naturalidade, como se fruto fosse somente dos apelos da organização corpórea?

— Não foi assim que você mesmo viu e praticou?

A pergunta caiu como um relâmpago sobre a carapaça de vidro do monsenhor. Em outros tempos, discutiria o ponto, com a finalidade de incutir os próprios sentimentos no interlocutor. Mais recentemente, teria caído no emaranhado das impressões fugidias do intelecto desgovernado. Agora, anotava a observação para futura análise e crítica, sem espantar-se com o conhecimento pelo outro de sua intimidade. Percebeu que sabiam os que ali estavam na qualidade de orientadores da reunião muito mais do que desvendariam em simples conversação. Contudo, teve presença de espírito para provocar a manifestação deles a respeito de um tema correlacionado:

— Vejo que a liberdade de procedimento de meus pais se restringiu ao período em que eram solteiros, tanto que os reflexos libidinosos apontam para período de vida em que não coexistem as imagens dos amantes com as dos esposos. Informam-nos os que nos fornecem os elementos históricos na tela que faz três anos que contraíram núpcias. Foi intenção sua preservar-lhes a honorabilidade pelo compromisso que assumiram entre si, quando me disse que não se deixavam levar por espíritos obsessores. Posso concluir que tanto mais legítima será a vitória sobre a tentação quanto maiores forem os

conhecimentos dos prazeres decorrentes de livres associações esporádicas, o que deverei enfrentar em breve, porque foi esse o pensamento que orientou a minha maneira de convencer as mulheres com quem, como vocês dizem, *fiz amor*. Então, para mim, existe um peso, uma responsabilidade diferenciada, porque não cumpro os votos públicos nem os juramentos privados. Não existirá, no seio da Igreja Católica, um movimento para que os padres sejam casados, como ocorre com os pastores protestantes, por exemplo? Adiantolhes que este tópico era rejeitado de pronto nas minhas aulas, porque não admitia que os alunos questionassem a decisão conciliar.

Renato, admirado com a desenvoltura filosófica do assistido, resolveu intervir:

— Creio que você esteja transformando o interesse na conciliação familiar em discussão teórica, sem proveito para o momento. Sei que constitui tendência de sua personalidade, mas temo que esteja dando ao caráter a prioridade das decisões, quando deveria sustar os impulsos do medo, porque está acreditando-se vulnerável às acusações que lhe fariam os pais se descobrissem que você carrega tais sentimentos de culpa. Por outro lado, assusta-lhe a perspectiva de ver-se com o dedo em riste, para manter-se coerente com as estruturas psíquicas que julga serem as que eles desejam reconhecer em sua *performance* moral. Se é para ficarmos examinando as reações possíveis ou prováveis, por que não se dedica a observar melhor a conformação espiritual dos que se projetam na tela, para inferir quais providências iremos tomar com o fito de aproximar as ondas de vibrações, no equilíbrio magnético mais eficaz para que a reunião obtenha êxito?

Deodoro ia anotando as referências sutis aos defeitos. Desde que emergira no campo etéreo, todos os que se voltavam para ele com carinho também tinham palavras de advertência, de orientação, de cautela, desejosos de contribuir para que refletisse a respeito de si mesmo. Mas não quis enveredar a conversação para esse lado, porque iria contrariar o ponto levantado pelo interlocutor. Preferiu manter-se calado, avaliando o que a tela lhe mostrava.

Enquanto isso, os acompanhantes, exceção de Margarida, puseram-se a orar em silêncio, buscando concentração, preparando o recinto para a recepção do casal. As paredes do quarto, o qual daria para abrigar uma dezena de pessoas, receberam reforço fluídico para contenção das vibrações que poderiam atrair seres viciados para o malefício contra os sofredores.

Deodoro viu os pais altercarem-se, sem compreender o que realmente havia provocado a discussão. Estava a olhar a tela mas compenetrava-se de que deveria quedar em paz, de forma que não prestava atenção no que via. A desorganização espiritual do casal não lhe provocou curiosidade, ajuizando que as diretrizes do relacionamento estavam fortemente presas aos costumes recentemente adquiridos. Imaginou a dupla vinte anos depois e o que poderia representar-lhes as questões atuais.

*De qualquer modo, ponderou, em breve estarão conosco e poderemos sentir-lhes a extensão das desavenças e o modo de contornar os problemas. Se não temos fé na misericórdia divina, nós que intentamos viver sob as leis cósmicas, sob o influxo dos ensinamentos do Cristo, será preferível retornar à colônia e aguardar o despertar da consciência para a necessidade do amor.*

Assim, seja porque não provocasse já o interesse de ninguém, seja para ocultar o que se passaria na intimidade conjugal, a tela desapareceu.

Ao volver o olhar para o grupo, notou a ausência de Renato e de Geraldo, estando Jurandir integrado aos demais na composição magnética da atmosfera que se carregava de fluidos calmantes. Margarida aguardava que se aliasse a ela para as confidências dos receios e expectativas.

Antes, porém, de entabularem entendimentos, chegaram os espíritos encarnados. Vieram em completo resguardo, de sorte que se ofuscaram pela luminosidade do ambiente, incapazes de avaliar a fisionomia dos circunstantes.

Clotilde foi logo perguntando:

— Terei de amargar alguma represália pelos meus pensamentos? Toda vez que me deparo no etéreo, em longas conversas com o Paulo, sou pressionada a aceitar a maternidade. Odeio que me façam de tola e isto está cheirando-me a armadilha. Concordei, é verdade, em ser mãe de três filhos ou mais, segundo a constituição física do organismo que me foi reservado. No entanto, tudo o que faço reverte em benefício para a humanidade. Isso não é suficiente para o resgate dos meus débitos? Em outras eras, homem abonado, aturei os padres com os seus peditórios, tendo dado à Igreja um dos filhos mais queridos. Lembro-me bem do grande homem em que ele se transformou e da importância dentro da hierarquia religiosa.

Paulo aproveitou-se da oportunidade para revelar:

— Pois couberam a mim as dores dos partos e os sacrifícios dos anseios de realização pessoal no campo da arte e do trato social.

— Mas agora você ampliou o círculo dos relacionamentos e não precisa fazer vingar uma prole numerosa. Eu lhe dou plena satisfação sexual. Isso não basta? Hoje mesmo...

A revelação da intimidade se perdeu para os componentes do grupo, porque as vozes se viram abafadas pelos mentores, expandindo-se em comprimento de onda apenas perceptível pelo casal. De qualquer modo, só Deodoro e Margarida se interessavam pelo tema em pauta. Ainda assim, o filho admirava os cordões prateados e luminosos que se perdiam através do espaço, a indicar que os espíritos estavam presos a corpos vivos na Terra. Distraía-se, portanto, conformando-se ao papel de mero observador, sem dar grande importância aos problemas deles afetos ao domínio da encarnação. Passou-lhe pela mente a hipótese de voltarem todos sem concretizarem a reunião pretendida. Foi quando Joaquim saiu do estado de letargia e se revelou ao casal, aparentando figura de grande imponência pela luminosidade que resplandecia e pela severidade dos traços. Impôs-se sobre a querela dos encarnados e, com majestático gesto, apontou para os demais seres reunidos, informando aos recém-chegados:

— Estão presentes duas criaturas que mereceram de vocês, em outras passagens corpóreas, a atenção da maternidade e da paternidade. Antes de se revelarem, peço-lhes que me acompanhem em prece de agradecimento ao Pai por nos propiciar a felicidade da renovação das promessas de vida.

Ao contrário do que esperavam os irmãos, a oração não se fez audível a eles. Coube a Geraldo passar-lhes a informação de que os dizeres eram muito pessoais e sacudiam a consciência de ambos os pais para as obrigações assumidas perante os responsáveis pelo implante carnal dos espíritos, tendo em vista a longa estadia sob custódia da colônia, durante a qual receberam as lições evangélicas de que se viam carentes.

Ao se lhes descerrar a visão, deram com Margarida e Deodoro com as feições infantis da época da inocência. Aos filhos, foi dado o privilégio de verem os pais conforme as impressões da mesma época, ocorrendo, portanto, que Margarida enxergava duas pessoas completamente díspares das que se apresentavam aos olhos de Deodoro.

Esquecidos do local e do momento, os quatro se abraçaram longamente, quedando uma expectativa no coração dos protetores de como reagiriam ao se analisarem segundo as atuais perspectivas de desenvolvimento espiritual.

Deodoro foi o que mais se transtornou com a recepção que teve. Por seu coração perpassava o sentimento da culpa, lembrança irrefragável dos tempos em que se estimulara à rebeldia e à condenação dos progenitores, procedimento que jamais tivera na derradeira encarnação, apesar dos conhecimentos dos deslizes de ambos via confessorário.

O pai foi o primeiro a se desprender do grupo, recuando significativamente, como a informar que resistiria a qualquer solicitação de adoção de algum deles na atual família.

A mãe, menos preocupada com os efeitos do contato para o desempenho carnal do momento, se deixou enlevar pelas recordações mais felizes, desfazendo desde sempre os vínculos que poderiam ser desagradáveis. Não se expressou através de palavras, nem de pensamentos, mas os reflexos emocionais bastaram para demonstrar que punha nas mãos dos orientadores familiares qualquer decisão quanto a receber um ou outro no novo lar terreno.

Deodoro, desejoso de justificar o encontro, declarou:

— Meus queridos pais, como gostaria de fazer que acreditassem que a sua manifestação de carinho era o que mais me animava a vir perante os dois. No entanto, não devo presumir que esteja completamente perdoado pelo Senhor, através da aplicação rigorosa de suas leis. Seus corações afetuosos me receberam com filho sem máculas. Contudo, por todo o meu procedimento fundamentado em erros de visão religiosa, coloquei em risco os seus sentimentos para comigo. Não lhes peço perdão agora senão para os fatos relativos aos nossos entreveros e que se guardaram no cofre das mágoas. Penso que todos estejam superados. Refiro-me à minha atuação na qualidade de sacerdote graduado dentro da instituição religiosa. Sei que sua aspiração era ver-me santificado por procedimentos inatacáveis, tanto que me confiaram seus pecados, na crença de que os perdoava em nome de Deus. Perdi, porém, contato com vocês e fui apaniguado por conhecimentos existenciais contrários aos que julguei como verdadeiros na Terra. Os meus guias estão solicitando-me para abreviar a manifestação, todavia, devo reforçar a atitude de meu pai, no que respeita aos compromissos que vem assumindo junto aos espíritas, como devo censurá-lo por não se determinar a oferecer o ventre para a maternidade. Agora que se vê atuando de forma livre, apesar das agruras sociais das mulheres que assumem papéis fora do lar, quer retroceder na deliberação conjunta. Quanto à mamãe, devo dizer-lhe que deve acompanhar Clotilde ao centro espírita, para reformular, sob novo prisma, o sistema matrimonial em vias de degenerar pelas manifestações meramente exteriores do culto católico.

Durante a falação, Deodoro foi transformando a sua figura, passando de criança a jovem, de sacerdote a espírito em liberdade, vestindo-se com roupagens de monge tibetano, sem brilho mas com muita dignidade.

Coube ao pai interrogá-los:

— Qual dos dois está propondo-se a reencarnar?

Margarida, menos propensa ao desequilíbrio emocional mas exausta pela sustentação fluídica que dera a Deodoro, foi quem respondeu:

— Não queremos retornar ao mundo físico de vocês. Pelo menos, não por enquanto. Mas, a bem da verdade, está aqui o benemérito protetor Jurandir com a missão de lembrá-los dos compromissos e de dissuadir papai da ideia de não ter prole.

A conversa, à proporção que os perispíritos iam assumindo as características do encarne atual, prosseguiria ainda por mais algum tempo nesse mesmo sentido, uns levantando ponderáveis razões filosóficas e evangélicas para a maternidade, defendendo-se Clotilde como podia para recalitrar na decisão de se manter convicta dos princípios de vida que estabelecera para rejeitar a gravidez.

O ambiente foi perdendo em intensidade vibratória, de sorte que se viram forçados os responsáveis a liberar os encarnados, os quais acompanharam de volta ao lar. Foi quando Deodoro e Margarida aproveitaram para estabelecer a crítica dos sentimentos em jogo e dos resultados da comunicação.

— Meu amigo, posso interpretar as suas emoções como de frustração, simplesmente, ou algo de bom julga haver restado do encontro?

— Talvez devêssemos dizer *confronto*, porque não vejo em que progrediram os relacionamentos afetivos. Abraçamo-nos, é verdade, mas o fizemos como faríamos como pais e filhos e não como espíritos insuflados pelo amor evangélico.

Joaquim não queria ver progredir as ideias no rumo que tomavam:

— Vocês não devem estabelecer parâmetros de julgamentos estando tão próximos dos eventos sentimentais. Devem aguardar com paciência as repercussões mais profundas das palavras que foram ditas, dos pensamentos que foram passados e das emoções que se imprimiram de acordo com a matriz do real. Deixem secar a tinta, para enxergarem na tela a tonalidade que evidenciará os pigmentos e a textura de sua composição verdadeira. Não se precipitem e façam valer a aprendizagem perene que se extrai das solicitações de auxílio que elevamos ao Senhor através do recolhimento e da prece. Principalmente Deodoro, que se encontra em condições mais instáveis, deve refrear os impulsos de tudo reconhecer por via intuitiva, quando o seu próprio elã existencial tem privilegiado a reflexão. Não é verdade que este foi o seu primeiro impacto energético de caráter pessoal, no sentido de avaliar aspectos não totalmente positivos? Se a sua integração espiritual com Margarida se concretizou sob o influxo de inúmeros elementos sentimentais, também deve considerar que ela trabalhou para isso, velando por você quando estava suscetível de receber as péssimas vibrações dos sofredores. Examine, meu caro, o rol das criaturas que o visitaram na colônia. Houve alguma que emitisse algo que pudesse conturbar-lhe a serenidade? Pois as reações de seus pais tiveram o condão de despertá-lo para outros aspectos da realidade. É aqui que começam as suas lutas, ou seja, os embates em que deve fazer prevalecer a vontade do Pai, através das leis universais, debaixo da luz evangélica, anulando a si mesmo e aos tolos anseios de perfeição, deixando fluir a dor que confrange o coração, sem jamais se desestimular para o bem dos semelhantes. É preciso criar uma coragem nova, segundo os princípios que regem o socorrismo, na confiança de que Deus é pai de amor e justiça. Nada do que lhe disse, bem sei, constitui novidade, entretanto, é de todo conveniente que



advirta para o fato de que você não domina o saber prático nesta área de aplicação da teoria da salvação pela caridade. Se todo o conhecimento se deixasse fecundar no campo dos fenômenos, anularíamos o valor que se dá aos cursos e às escolas. Isso o Professor Deodoro sabe à farta. Vamos agradecer ao Senhor a paz que aqui reinou, já que estão de regresso Geraldo e Renato.

Deodoro foi quem propôs:

— Desejaria pedir-lhes que cada qual faça a sua prece particular, enaltecendo ao Pai os aspectos que melhor se coadunaram com os próprios anseios de aprendizagem.

Aceita a sugestão, cada qual se referiu ao que mais o havia tocado durante a reunião. Dentre todos, o monsenhor foi quem mais se perturbou para caracterizar cada pequenino ganho espiritual, tanto que, ao cabo de simples e rotineiro pai-nosso, que declamou quase mecanicamente, tinha o que discutir com os demais:

— Meus caros, sinto-me melhor em relação aos meus progenitores. Não sei por que temia tanto a opinião deles. Talvez se refletisse sobre meu discernimento de adulto as vezes em que fui criança às voltas com a autoridade paterna. Ressalto, neste aspecto, o fato de me recordar, sem muita ternura, de outras encarnações em que meus outros pais não me ficaram gravados na memória como pessoas a quem devo qualquer coisa. Também preciso esclarecer que com todos me entendi, mais ou menos, liberando-me para o espaço etéreo sem vínculo afetivo, quer no sentido do prazer de estar ao lado deles, quer no de rejeitar-lhes a presença. Não sei por que lhes digo isso, uma vez que todas as criaturas passaram por semelhantes aspectos dos relacionamentos espirituais e cada qual deve ter uma história parecida para contar.

Joaquim pediu permissão para interromper:

— É apenas para um aparte. Você se preocupou demais porque tinha razões para desconfiar de que não seria bem recebido. Por outro lado, não queria registrar-se nem como aluno nem como professor do educandário da colônia, sabendo que os colegas ou discípulos teriam condições de descobrir que estava em débito com o quarto mandamento. São, permita-me, puerilidades de quem se sente muito permeável às críticas. Entenda que estou observando uma faceta só de seu proceder. Não houvesse mérito a ser reconhecido e não teria sido aceito sequer no âmbito da comunidade.

Deodoro prestou muita atenção mas desviou o rumo da conversa:

— Se é de todo plausível que nem eu nem Margarida tenhamos comentários a respeito do conagraçamento entre nós e nossos pais, gostaria, ao menos, de saber a repercussão dos eventos no coração e na mente dos companheiros.

Joaquim foi quem coordenou as explicações:

— Acredito que será útil ouvir a opinião de cada um. Veja bem que não estou referindo-me a razões de ordem filosófica ou evangélica de valor definitivo, como se resultantes de orientações científicas de observação e distinção de cada fenômeno psíquico, para a síntese do comportamento, segundo o ângulo que melhor apanha a visão das leis cósmicas em aplicação. Ninguém aqui está em condições de elaborar um tratado sobre o tema em pauta. Acho que Deodoro não deve esperar mais do que descrições imperfeitas e incompletas das impressões do momento. Começo eu, se ninguém quiser acrescentar mais nada em relação ao roteiro que determinei.

O silêncio de todos demonstrou que estavam satisfeitos com a proposta.

— Pois bem, penso que Deodoro deveria puxar a prece de agradecimento a Deus pelo privilégio de ter sido recebido pelos pais, apesar de estarem imersos na densidade corpórea, com específicas preocupações, portanto, quanto à realização dos projetos de vida. Não vou enganar-me se afirmar que a sua intervenção nos planos de Clotilde irá repercutir de modo positivo, em especial por lhe haver incrustado na mente que deveria levar o marido ao centro espírita. Lá, sem muito esforço, algum médium poderá receber e traduzir mensagem de apoio ao íntimo desejo dele de procriar, de forma que se alcançarão dois objetivos simultâneos, quais sejam, o de firmar em Paulo o poder do plano espiritual de conhecer e revelar o que ocorre na intimidade das pessoas e o de situar Clotilde dentro da programação de seu encarne, segundo o princípio da lei de justiça, amor e caridade. Com certeza, Jurandir irá reforçar este aspecto, com a ajuda de Geraldo e de Renato.

Estimulado pela confiança do chefe da comitiva, falou Jurandir em nome dos protetores dos encarnados:

— Pelo que fomos levados a crer nesta semana, aguardávamos certos mal-entendidos entre filhos e pais. No entanto, o que vimos foi um muito tranquilo desenvolvimento das aproximações afetivas, a partir das doces recordações dos tempos de maior felicidade em conjunto. Deodoro, em virtude de ter explorado com muito afinco os eflúvios de maldade de seu coração, maldade que apenas a sua consciência consegue enxergar, imaginou que os pais se desgostariam dele ao saber que falhara como sacerdote. Não contou com o fato de que, para todos nós, os acontecimentos se superpõem, exigindo os mais recentes que deliberemos em harmonia com o caráter de que estamos dotados quando revestidos de matéria mais densa. Além do mais, todos carregamos, como ele mesmo afirmou, cargas semelhantes, de sorte que, se não perdoarmos as falhas alheias, não teremos condições de superar as nossas. Perfeitos fôssemos e não estaríamos filosofando juntos. É o que penso eu e mais os meus amigos. Se nos permitirem, iremos voltar à crosta, para os quefazeres que lá nos prendem.

Após efusivos agradecimentos de todos e de promessas de Deodoro e de Margarida de se amudarem os contatos, despediram-se e partiram.

Eufrásio tomou a palavra:

— Como amigo e colega de Deodoro, vou ser sucinto na exposição dos pensamentos, requerendo-lhe, todavia, que entenda o que de emoção se contém nas palavras. Primeiramente, não considere inútil a deliberação insistente da conferência consciencial. Era um tópico a ser elucidado. E o foi, plenamente. Haverá necessidade de ajustes sentimentais posteriores? Este é ponto válido para todos os relacionamentos. Quem não gostaria de estabelecer vínculos de amor com todas as criaturas? Só se estiver sob a pressão de malformações espirituais. Em segundo lugar, não vi nenhuma decepção entre os encarnados relativamente aos dois filhos, o que me leva a concluir que o futuro reserva a eles e a vocês reencontros pacíficos e proveitosos, segundo o aprendizado que estão realizando, por força das lutas e estudos inerentes à existência. Quando vasculhei os últimos deslizes praticados contra os meus pais, nem precisei comparecer diante deles. Enviei-lhes formal pedido de desculpas através dos meus protetores, que se entenderam com os deles, e tudo se acertou definitivamente. Acho que Deodoro queria ver para crer, como Tomé.

Também Alfredo desejou falar por si e pelo amigo e parceiro Arnaldo:

— Somos os menos desenvolvidos do grupo. Com isso queremos afirmar que tudo o que aconteceu entre filhos e pais nos serviu de lição. Acima de tudo, na qualidade de milicianos do etéreo, ficamos agradavelmente surpresos perante a forma prudente com que se conduziram os entendimentos. Neste aspecto, julgamos até que houve um pouco de exagero de cuidados, dado o conhecimento das personalidades e o estudo que se realizou. Mas não estamos criticando, vejam bem. Estamos admirando o resguardo absoluto do clima de paz sem interferências externas capazes de privar o grupo da visão mais real da extensão ou da profundidade dos sentimentos, ainda que, como vimos, cada qual estivesse coagido pelos próprios temores e suores.

Deodoro apartou, humoristicamente:

— Os temores eram meus. Talvez os suores fossem seus...

Todos riram e o ambiente se desanuviou, porque faltava apenas Margarida para formalizar o seu parecer a respeito dos sucessos. Abraçada a Deodoro, registrou:

— Realmente, não tenho condições de oferecer definitivo remate ao que vimos, sentimos e também ouvimos dos companheiros. Se valer a minha intuição, devo dizer que houve um ato de amor propiciado ao grupo de familiares terrestres pela administração da colônia, aqui representada pelo Professor Joaquim. Eis que compreendo que estão a exercitar as funções socorristas em proveito nosso, tanto no que concerne à reunião em si, como na posterior análise a que seremos levados para definição dos métodos que traduzem a benemerência pelos irmãos assistidos. Talvez esteja realizando este exame por me integrar ao sistema de auxílio da colônia na qualidade de enfermeira. Contudo, não posso deixar de agradecer também aos mentores, professores, técnicos e demais auxiliares que, desde a colônia, nos acompanham e nos fortalecem com suas providenciais correntes de fluidos regeneradores. Quanto a Deodoro, sinto-lhe a concordância inteira com a minha peroração, tanto que me ajuda a expressar-me de forma conveniente e segura.

Joaquim, apertando a mão de ambos, desejou saber qual o próximo passo:

— Sei que Deodoro está com força para continuar a peregrinação em busca das almas que podem guardar-lhe rancor. O plano era deixar esta decisão para este momento. Lembro ao grupo que também existe a perspectiva de nos juntarmos aos que atendem aos apelos de Roberto às voltas com os sofrendores na escuridão do Umbral. Que iremos fazer, meu caro?

Deodoro pigarreou, o que, para Eufrásio, era sinal evidente de que iria discorrer sobre o tema. Era assim que se preparava o sacerdote para os sermões especiais dos dias importantes para o calendário eclesiástico. Começou, entretanto, com uma pergunta a Joaquim:

— Caro mestre e amigo, seria possível dar-me a certeza de que não perderei a minha intuição, porquanto pretendo falar de improviso?

— Existem muitas possibilidades de registro de seu discurso. Considera-o precioso para que mais gente tome contato com ele?

— Devo assinalar-lhe a importância em relação aos eventos que me envolveram e que estão a provocar a germinação de inúmeras ideias. Se levar em conta apenas o teor temático dos pontos doutrinários e pessoais que pretendo esmiuçar, com certeza muitos autores já terão proposto solução para cada probleminha a ser levantado.

Margarida, talvez para provocar explicação de mais fácil intelecção, interferiu:

— Não entendi. Se você não sabe qual a repercussão de sua fala em prol de nosso aprendizado (aqui incluo até os possíveis leitores da narrativa de sua peregrinação incorpórea), como é que se atreve a insinuar que irá desenvolver sublimes pensamentos dentro da área mais delicada dos conhecimentos espirituais?

Deodoro não refluíu do desejo de se manifestar:

— Para você, querida, que me instiga com muita propriedade, devo dizer-lhe que a importância que vejo no meu discurso (sermão, para Eufrásio) está exatamente em rejeitar completamente a fase meramente filosófica de minha realização existencial até aqui. Quando me pediram (e li a sugestão nas exposições de todos) para que não raciocinasse sobre os acontecimentos, enquanto ainda candentes as reações emotivas, senti que poria de lado um aspecto essencial para o julgamento que precisava emitir, em função da caracterização de minha postura evangélica como um todo, ou seja, incluindo todos os elementos do descontrole com a finalidade da posterior apreciação do momento sagrado em que me doei inteiramente aos meus pais. Ressalvo, neste aspecto, a necessidade de atender ao aviso de Joaquim, porque não teria ele como saber se eu (ou nós, se você se acrescentar) não iríamos causar tanta celeuma, a ponto de desfazer as já abaladas estruturas fluídicas desta pousada. O que estou a pique de dizer, se me permitirem, é que o intelecto sem a sensibilidade nada é. Vou exemplificar. Quando Sócrates se reunia aos amigos, todos estudiosos dos temas transcendentais, cada qual segundo prisma próprio, punha porta afora toda e qualquer interferência que pudesse desviar o livre exercício dos processos silogísticos de sua maiêutica. Foi assim que expulsou Xantipa da cela, a esposa chorosa, quando estava discutindo a necessidade de se cumprirem todos os itens da justiça prestes a forçá-lo a beber cicuta. Por isso, Platão nos põe em contato com um ser absolutamente frio e calculista, passando-nos a impressão de que verdadeiramente era culpado do crime pelo qual o condenaram. Aliás, durante todo o processo, caçou dos juízes, demonstrando, através de sua superioridade, que eles não seriam capazes de julgá-lo. E por que não seriam? Porque estavam insuflados pela revolta contra o ridículo a que estavam sendo expostos diante da sociedade. Conquanto, porém, tivessem agido segundo o efeito da emoção, aplicaram corretamente a lei, dado que Sócrates não desejou defender-se das acusações, considerando...

Joaquim levantou a mão, aluninho de primeiras letras requerendo permissão para falar. Deodoro deu-lhe a oportunidade.

— Apenas gostaria de fazer um reparo. Esse seu mergulho erudito não esclarece aonde nos quer fazer chegar. Se me permite uma crítica, não vejo em sua oração qualquer tese a ser abonada pelas provas. Será um mistério conceptista, ao modo de Vieira?

— Aceito a crítica, querido professor. O que desejava registrar, na verdade, não era nada disto. Esta digressão se deve à provocação de Margarida. Mas a tese, parece-me, ficou clara: não existe manifestação intelectual que não se produza sem a influência sentimental, emocional, moral, evangélica... Aplique-se o adjetivo de acordo com o desenvolvimento evolutivo do indivíduo. Então, volto à questão inicial: como fazer para não perder nenhum elemento constitutivo do arrazoado?

— Quero crer que as suas razões para manter a falação tal qual sejam de foro íntimo e, por isso mesmo, ponderáveis. Existem diversas formas de guardar o registro de tudo quanto se faça, mais ainda quando se trata de gravar apenas um curto trecho de

desempenho espiritual globalizado. Por exemplo, podemos abrir o canal de comunicações para a colônia, onde existem recursos eletromagnéticos para o efeito. Se o seu desejo for o de demonstrar aos amigos que está sendo iluminado por reações subjetivas de criatividade superior, será de todo conveniente transmitir-lhes a sua mensagem neste exato instante, para o que podemos solicitar que o pessoal da colônia nos abra a frequência em que atendem os que se encontram acompanhando Roberto. Se, como alertou Margarida, a sua exposição merece ser oferecida ao público encarnado, aí, além de fixar os termos da peça oratória, devemos voltar um pouco antes e refazer toda esta conversa como preâmbulo para o que você tem em vista.

Deodoro não se precipitou. Refletiu um pouco e desejou antecipar o que Joaquim estava escondendo:

— Essa tática de estimular o interesse através de um ponto aparentemente sem solução nós, Eufrázio, eu e outros colegas do seminário, aplicávamos em relação aos professores. Era o que nos divertia. Penso que, como se faz para induzir a rememoração da história de nossas vidas, também se possam reaver as lembranças exatas dos pensamentos e emoções, ainda mais quando estamos fortemente desejosos de deixá-los indelevelmente impressos na mente.

— Essa técnica vem sendo desenvolvida com êxito na colônia, mas ainda permanece o problema da superposição das recordações a embaralhar os raciocínios e, mais frequentemente, as vibrações emotivas. Além desse meio, podemos ler os registros *acáxicos*.

Esperava Joaquim assustar o sacerdote mas foram os outros que se espantaram, uns porque nunca haviam ouvido semelhante expressão, outros porque rejeitaram a teoria desde que dela tomaram conhecimento. Deodoro estava entre estes.

Como ninguém se manifestasse diretamente, Joaquim prosseguiu:

— Agora, quem precisa esmerar-se para produzir explicação simples e racional sou eu. Quem mandou dar com a língua nos dentes?! Tenho a certeza de que será o método a ser aprovado pelo nosso monsenhor, para efetuar, com propriedade e eficácia, o teste da possibilidade da realização e da segurança dos resultados. Pois bem, pergunto: de que é formada a natureza, seja em que campo do universo for? Respondo: de partículas energéticas, que compõem todos os seres, ou melhor, tudo o que existe materialmente. Ponto pacífico. Ora, como se dá a transmissão, por exemplo, dos pais para os filhos, das características genéticas? Através das informações impressas nos cromossomos ou, como se entende mais recentemente, no contexto do ácido desoxirribonucleico, conhecido na área científica da humanidade pela sigla ADN.

Complicava-se a exposição do professor do mesmo jeito que se enleara nas palavras a filosofia de Deodoro. Todavia, ninguém ofereceu resistência aos conhecimentos desconhecidos. Fizeram abstração do exemplo e penetraram fundo nos conceitos, podendo Joaquim continuar:

— Como dizia, antes dos frêmitos emanados dos cérebros perispirituais de todos, tudo que se monta, que se organiza, que se estrutura, que se fabrica no Universo é constituído das partículas elementares. Sendo assim, em havendo uma vibração qualquer, fica retida nas ondas que se produzem na intimidade dos átomos (uso a palavra átomo por falta de outra melhor). Quem souber interpretar, traduzir ou decodificar essas

informações se capacitará a escrever a história de todos os fatos ocorridos naquele ambiente. No nosso caso, basta-nos extrair desta parede fluídica um pedacinho qualquer para obter o registro integral de todas as manifestações. Quero ressaltar a palavra *manifestações*, antes que alguém pense que também os movimentos que ocorrem no âmago dos espíritos ali se vejam impressos. Para estes é que existe a consciência.

Joaquim fez menção de enxugar o suor do rosto, levando o pequeno auditório a sorrir.

Deodoro, simplesmente, convocou o mentor:

— São tantas as possibilidades que, se assim julgar bem, vou deixar para você a tarefa de manter em dia as anotações de meu discurso, segundo o roteiro que enfatizei.

Sem aguardar pela resposta, prosseguiu:

— Vou citar Kardec.

Enfaticamente, abriu o alentado volume da *Revue Spirite* e leu, não sem antes localizar o texto:

— Está no *Journal D'Études Psychologiques (História de um Danado, questão 67)* do mês de fevereiro de mil e oitocentos e sessenta. Conversando mediunicamente com São Luís, Kardec perguntou a respeito de um espírito falecido há mais de duzentos anos que assombrava uma residência: *Esse Espírito é punido muito severamente pelo seu crime. Ora, o senhor nos disse que, antes desta última existência, tinha vivido entre bárbaros. Lá deve ter cometido atos pelo menos tão atroz quanto o último. Foi punido do mesmo modo?* Eis a resposta: *Foi menos punido, porque, sendo mais ignorante, compreendia menos o alcance.* Aí Kardec redigiu a seguinte *Observação: Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme à justiça de Deus, que as penas são proporcionais, não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade de compreender o mal que faz. Assim, uma falta, em aparência menos grave, poderá ser mais severamente punida num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.* Busquei entender a razão por que me ative, como se fosse uma ideia fixa, ao problema de justificar-me perante meus pais. Cheguei à conclusão de que, na qualidade de padre católico, deveria ter melhor compreensão das falhas do procedimento humano. Por isso é que vocês tiveram a falsa impressão de que me debatia demasiado por tão pouco. Não me bastava enviar um telegrama, uma carta ou um formal pedido de perdão. Precisava sentir o coração e a inteligência deles, conhecer o seu sistema de valorização dos seres humanos através das obras e dos pensamentos. Precisava transmitir-lhes a comoção resultante dos processos psíquicos de desenvolvimento da contrição, fruto da dor pelo sofrimento causado. Talvez esteja exagerando agora, nesta apreciação desazada, mas que procurei justificar pelo que antes expus. Acrescento que a coincidência dos duzentos anos de perseguição consciencial do coitado em pauta na *Revista* não foi fortuita, porque pesquisei algo que me desse condições de estabelecer parâmetro com os textos da doutrina espírita, pela confissão que fiz de que obsidiei uma criatura durante duzentos anos. Este ponto poderá parecer estranho aos amigos que me veem conduzindo-me sempre racionalmente, objetivando a compreensão de todos os aspectos relativos aos temas que me caem no âmbito dos interesses. Não é que tenha corrido atrás dele na escuridão o tempo todo. É que não me saía da cabeça o malfeito com que me prejudicou e, assim, toda vez que a imagem dele se montava em minha imaginação, emitia pensamentos negativos que se transformavam em

mensagens de ódio que o atingiam onde estivesse. Onde está a razão de citar esta passagem de minhas memórias? No fato de que fui menos punido pelas agruras que fiz o pobre passar do que pela suspeita de haver frustrado as esperanças de boa educação de meus progenitores.

Ao terminar, lágrimas de profunda alegria brotavam do fundo de sua alma, transbordando em generosos fluidos de amor que emocionaram os presentes, os técnicos na colônia e os companheiros em trabalhos de assistência nas Trevas. Perpassava pela mente de todos que Deodoro estava, na verdade, realizando a demonstração de que fora beneficiado pela promoção evolutiva natural decorrente da assimilação de mais um tópico da verdade.

Assim que voltou do transe emotivo de felicidade por todos compartilhado, estreitamente abraçado a Margarida, tendo orado com devoção e em termos próprios a Jesus, vibração que se transmitira para todo o grupo, Deodoro se propôs a responder ao quesito de Joaquim:

— Não pretendo estabelecer as diretrizes do procedimento da turma em função das minhas necessidades. Compreendo muito bem que estou sendo o alvo dos cuidados de todos, porque me vejo o mais prementemente necessitado de aprender para poder ensinar, conforme o longo treinamento por que venho passando. Deverei ir atrás de outras pessoas do antigo relacionamento, pessoas que não se apresentaram a mim na colônia ou será preferível auxiliar a turma do Roberto? É-me indiferente, posto que venha pensando em caracterizar dois tipos de reações: dos que me têm na qualidade de inimigo e dos que por mim não sintam nada. Têm passado pelas minhas lembranças três colegas dos tempos de seminário, Rupério, Augusto e Domingos, com os quais mantive deleitosa amizade. Mais que eles, volta e meia, me vejo perante as recriminações das mulheres (ao dizer isso premia com força Margarida de encontro ao peito) que enganei, para falar o menos, porque, quanto à crítica, faço-a no fundo da consciência. Em todo o caso, disponho-me a seguir os conselhos dos parceiros de viagem ou dos instrutores maiores.

Teria outras considerações, mas satisfez-se em tão só apresentar o problema. Proposta formulada, os demais emitiram claros sinais de que não se importavam como se desenrolariam os próximos acontecimentos. Foi Arnaldo quem resumiu a opinião da equipe:

— Vamos, de acordo com a experiência de Joaquim, realizar primeiro as visitas menos opressivas. À vista dos resultados, poderemos ou não procurar os que mais fortemente se revoltaram contra o nosso companheiro.

Margarida, que concordara com a premissa, quis expressar os seus sentimentos:

— Também perpassei por momentos aflitivos quando enfrentei os adversários adquiridos por meio do usufruto indevido de seus sentimentos, ao desprezar a dor alheia.

Deodoro não permitiu que prosseguisse, tendo notado que estava bastante emocionada:

— Traduzo-lhe eu os pensamentos. O que minha irmãzinha querida está desejosa de esclarecer é que as pessoas criam ilusões a partir das promessas de compromissos, sem avaliarem direito, por diversos motivos, que a ninguém é dado gerar o tempo futuro segundo as conjunturas do presente. Dizendo melhor, quando alguém, por exemplo, promete, perante o sacerdote, amar, respeitar, honrar, na alegria e na doença, o cônjuge

que aceita, entusiástico e espontâneo, para o restante dos dias, não suspeita, verdadeiramente, quais os acidentes de percurso, quais os percalços da sorte, quais os mistérios do destino que deverá desvendar no decurso de sua existência. Nem sempre a escolha feita o foi por razões exclusivamente sentimentais e, mesmo assim, não é possível prever que tais motivações perdurem, quando as lutas do dia a dia se revelem sacrificiais. O caráter do outro pode não ser o mais honesto, forçando uma separação. Interrogado pelos fariseus, Jesus lhes disse: *Por isso, eu lhes declaro que qualquer um que repudia sua mulher, se não se trata de um caso de adultério, e casa com outra, comete um adultério; e quem se casa com a que um outro repudiou comete também um adultério. (São Mateus, XIX: 9.)* Comentando a passagem, em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, escreveu Kardec, no capítulo XXII, item 3: *Nem a lei civil, nem os negócios contratados através dela conseguem substituir a lei de amor, se esta não preside à união; resulta daí que, amiúde, o que se uniu à força se separa por si mesmo; que o juramento que se pronuncia ao pé do altar se transforma em perjúrio, caso seja dito como uma fórmula banal; daí as uniões infelizes, que terminam tornando-se criminosas; dupla infelicidade que se evitaria se, nas condições do casamento, não se fizesse abstração da única lei que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: “Vocês formarão u’a mesma carne”, e quando Jesus disse: “Não separem vocês o que Deus uniu”, isso tem de ser entendido segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei variável dos homens.* Sendo assim, é de todo compreensível que as pessoas se sintam magoadas com quem não foi capaz de manter a palavra, caso elas mesmas tenham cumprido a sua parte do conúbio matrimonial. Ora, o fluxo da vida não pode nem deve cristalizar as intenções, mas renová-las a cada momento, segundo a constante aprendizagem que as pessoas realizam umas em relação às outras. O que existe de mais bonito num casal é o acréscimo de afeição diário, resultante das vitórias sobre o sofrimento em conjunto. Aqui se caracteriza a lei do amor. Peço perdão se fui além do que me permitiria a simples interpretação dos sentimentos de Margarida. Acredito, porém, que estamos pensando de modo uniforme. O futuro determinará a mim e a ela experiências que não compreenderemos pelo mesmo prisma? Pelo menos, por ora, nada nos parece com força suficiente para nos separar, nem o nosso passado, nem nenhum dos nossos inimigos.

Suspendeu a peroração e aguardou que alguém comentasse o seu jeito de reagir perante o divórcio entre os humanos, completamente estranho aos ensinamentos da Igreja, conquanto se recordasse perfeitamente das exceções papais para situações especialíssimas.

Ninguém, contudo, opôs resistência ao desenvolvimento das ideias, todos imersos em suas próprias reminiscências e na análise dos casos conhecidos. Não obstante, Joaquim quis acrescentar:

— Meus caros, estamos por demais preocupados com as ligações entre os encarnados. São importantes, é claro, pelas repercussões que provocam nos relacionamentos dos seres após o decesso. Mas devemos compreender que as uniões terrenas se regem segundo os costumes sociais. Tenho a certeza de que Deodoro não sabe que, no Brasil, a *Lei do Divórcio* está em vigor. É certo que à revelia da Igreja Católica, mas muitos casais estão tornando legal a separação que de fato existia. Se me permitirem uma observação talvez um tanto aguda demais, devo prevenir para o risco que correram os



sacerdotes ao se unirem extra-oficialmente às suas amantes, porque estavam, de fato, referendando, na prática, a existência da separação do que Deus havia reunido através do sacramento do matrimônio, segundo a perspectiva do cristianismo igrejaireiro. Se partirmos do ponto de vista espírita, doutrina que não aceita os ritos e os sacramentos, não podemos acusar ninguém de romper os tais laços sagrados, mas apenas os civis. Vão perguntar-me quanto à lei do amor referida por Kardec. Ora, se houver amor, não haverá separação, jamais. Se Deus é amor, conforme entendemos, quem ama está definitivamente unido, ainda que devamos acatar a premissa de que muitos seres possam amar-se concomitantemente. O que nos cabe observar no etéreo é que aqui não se caracterizará jamais o problema da poligamia, porque nós, espíritos, não temos sexo. A aceitação desta realidade ficará por conta do nível evolutivo de cada qual, que determinará o quanto de desprendimento se admitirá à vista da permissão natural de que o sujeito de nossa atenção possa manifestar o mesmo afeto a outras criaturas, inclusive de inferior condição espiritual. Se não for assim, é que algum elemento pernicioso está infiltrado a partir dos defeitos mais graves oriundos do egoísmo, do orgulho e da vaidade. Alguém mais gostaria de participar dos debates?

Ninguém se atreveu; nem Deodoro, sempre muito palrador, tinha algo fortemente concatenado para expor. Instintivamente, aproximaram-se todos e se abraçaram longamente, querendo selar, naquele ato de confraternização, a promessa de, um dia, quando estivessem plenamente desenvolvidos segundo as premissas existenciais daquela esfera, se consagrarem uns aos outros com vistas ao progresso de todos. Por enquanto, deixavam claro que tinham problemas inadiáveis para resolver.

— Acho — concluiu Deodoro, após certo tempo — que vou abrir mão das experiências particulares, que estão a me parecer agora a perseguição do obsessivo a si mesmo, e vou considerar melhor a hipótese de ir em auxílio de Roberto e de seus coadjuvantes. Os meus pretensos inimigos serão agraciados, mais tarde, com mais eficaz atendimento, porque me sentirei mais à vontade para merecer deles o seu perdão, caso me julgarem digno dele.

Joaquim precisou fixar com muita atenção os reflexos íntimos dos sentimentos na coloração da aura do monsenhor para saber se gracejava ou se estava sendo absolutamente sincero. Foi só aí que Deodoro percebeu que o que dissera poderia ser interpretado de duas maneiras diferentes. Não perdeu a vaza e complementou:

— Quando o espírito falha e demonstra inferioridade moral, é de todo recomendável que os amigos corram para socorrê-lo. Eis que Joaquim se prontificou a me ajudar, por efetuar manifesto exame de minha aura. Cabe-me pedir-lhe perdão por não haver refletido de forma mais precisa a respeito das expressões. Este é ponto que desejo ver melhor desenvolvido no corpo do livro que pretendo ver escrito, porque, dada a complexidade dos temas e o inusitado do ponto de vista a cavaleiro dos seres imateriais, muitos encarnados tenderão a forçar os nossos pensamentos a se enquadrarem em seu conjunto de valores, porque não têm como avaliar se o nosso estremecimento se coaduna com a mensagem de amor do Cristo, uma vez que não veem a nossa aura. Requeiro desde já ao professor e amigo que oriente o grupo de redação no sentido de tornar o mais fidedigna possível as descrições, o mais verossímeis as narrativas e o mais sábias as dissertações.

— Você terá a oportunidade de ver compor-se o texto exatamente conforme o roteiro que o grupo estabelecer, sempre de acordo com as diretrizes dos mentores da *Escolinha de Evangelização*. Por ora, devo afirmar que me entrego à sua inteligência e à sua acuidade sentimental, pondo-me à disposição dos alunos. Mas o momento é de decisão. Que vamos fazer em seguida?

— Como proceder para evocar o meu amigo Rupério?

— Não é difícil, desde que você se recorde bem de quem seja ele.

— Um colega dos bons.

— Concentre-se nos tempos em que conviviam no seminário.

Deodoro não teve dificuldade em recordar muitas passagens em que os quatro amigos se reuniam para os trabalhos escolares, auxiliando-se mutuamente nas pesquisas e nos desenvolvimentos das aulas. Estava vagando por um dia em que Rupério se havia saído muito bem numa prova, quando ouviu a voz conhecida:

— Ora vejam só quem está me chamando! O Deo. Você sabe de onde eu venho?

— Que importância terá, amigo, se estamos juntos outra vez?

— Pois você me despertou da letargia...

Quería explicar o que se passava, entretanto, travou-se-lhe a língua e não pôde prosseguir.

Deodoro buscou abraçá-lo como quando jovens mas o outro se retraiu:

— Espere aí. Estou me lembrando de que você foi muito longe e se constituiu num dos esteios da Religião. E nem me respondeu às cartas que lhe mandei, pedindo para me retirar daquele fim de mundo a que fui mandado. Se não estiver errado, acho que sei quem foi que sugeriu que ali eu me daria muito bem.

O monsenhor não tinha a menor lembrança do que o outro dizia. Desejou saber:

— Você endereçou a correspondência diretamente para mim?

— Claro!

— Espere que vou consultar os arquivos.

— Que arquivos, que nada! Agora é tarde. O mal está feito. *Rupério, você é ótimo!* Não era assim que me dizia? E ali fiquei a gosmar a pachorra, até o final da vida, quando me vi, de repente, no seio duma comunidade religiosa de anões, como se as pessoas todas tivessem encolhido. Só eu mantive a estatura normal e, por isso, me tratavam como um gigante, tendo muito medo de mim.

Joaquim se aproximou de Rupério e fez-lhe ligeira fricção sobre o halo superior da cabeça, adormecendo-o.

Deodoro estava boquiaberto. Joaquim tomou a palavra:

— Vamos mantê-lo tranquilo, para o que devemos orar em sustentação fluídica. Peço a Alfredo e Arnaldo que o façam. Quanto a Margarida, quero que ajude Deodoro a enviar mensagem à colônia, para as informações relativas aos acontecimentos que envolveram o pároco. Eufráasio, fique de prontidão. Quanto a mim, vou procurar ler-lhe no inconsciente, a ver se me revela a origem desses desacertos psíquicos.

Ao cabo de alguns instantes, telepaticamente, Deodoro foi informado a respeito das cartas. Na verdade, Rupério escreveu diversas missivas, contudo nenhuma achou o destinatário, porque eram obstadas dentro do próprio hospital de alienados mentais em que fora internado. Resumidamente, a informação anotava que o padre quisera progredir

na ordem mas não obteve êxito, por causa de excessiva ambição, forjada sobre a inveja de ver muitos colegas melhor situados. Deu-se à bebida, às injeções de morfina, à zona do meretrício, fez escândalo e terminou os dias após atormentada estadia numa clínica psiquiátrica reservada ao clero.

Joaquim complementou os dados:

— Faz mais de quarenta anos que vaga pelo Umbral, após longo estágio nas Trevas, mercê de terríveis débitos anteriores. Perdeu a oportunidade de regeneração e regressou quase sem haver evoluído nada. Rejeitou completamente a ajuda do protetor, até quando foi libertado dos obsessores. Faz uns cinco anos que vem recuperando a lucidez. Penso que a visão do antigo colega lhe deu a impressão de haver voltado a uma época de alegria. Imediatamente, porém, a mesma imagem provocou nova crise, porque lhe arremessou a fantasia para a época da desintoxicação das drogas.

Deodoro não sabia como proceder. Jamais poderia imaginar que o colega querido estivesse tão necessitado de amparo, enquanto ele mesmo se dedicava à sua brilhante carreira. A doce recordação do coleguismo enterneceu-o, mais ainda porque a figura que se patenteava aos seus olhos era a daquele mesmo rapazola inteligente e alegre. E chorou por não ter mantido contato com os amigos mais íntimos, tendo preferido aqueles que se projetavam no seio da comunidade eclesiástica. Se o outro não fora bem sucedido em seus anseios de grandiosidade, alcançara ele o sucesso porque manipulara melhor a vaidade alheia.

Tais pensamentos lhe iam enegrecendo a aura, contudo, Margarida estava atenta e lhe deu alguns conselhos oportunos:

— Não vá tornar-se, querido, em mais um problema para o grupo. Supere a crise, pensando em que Jesus está enviando para nós os mensageiros mais esclarecidos, que nos alertarão para o que fazer em prol da melhoria do estado do irmãozinho sofredor. Observe como Joaquim está manipulando as energias providenciais para que Rupério se sinta aliviado quanto às acusações que lhe fez, passando-lhe a informação de que as cartas jamais lhe chegaram às mãos. Quando despertar, terá maior cuidado em efetuar qualquer crítica, porque está compenetrando-se de que o auxílio que lhe chega o fará apto a raciocinar sobre bases reais.

Compreendeu Deodoro que o momento não era o mais propício para se deixar envolver pelas ondas deletérias emitidas contra si. Viu-se invigilante e se envergonhou, pensando seriamente que precisaria de mais tarimba para realizar algo semelhante ao que estava fazendo Joaquim.

De repente, Rupério acordou, olhou ao redor como se não estivesse diante de ninguém e afastou-se pensativo, dando tratos à bola, sem entender por que se recordara do antigo colega e se voltara contra ele, quando, na verdade, deveria apenas ter boas recordações da época da escola.

Deodoro quis saber de Joaquim se o pessoal da colônia não poderia ajudar o colega.

— Já estamos ajudando. Caminhará aparentemente ao acaso mas irá deparar-se com alguns socorristas disfarçados de antigos colegas, para a reintegração da memória sobre fatos não opressivos. A partir daí, tendo em vista o vasto sofrimento que se impôs, poderá refletir mais saudavelmente sobre as realizações infrutíferas com o fito de suplantar as deficiências da personalidade. Se você estiver disposto, poderá dedicar uma parte de seu

livro para a elucidação da corrente de causas e efeitos que resultou neste desembocar junto a nós. Não nos disse você que lhe vinham à lembrança três colegas? Para tal deve ter havido a intervenção dos protetores deles, cientes de que a sua presença lhes poderia fornecer recursos para o trabalho que vêm empreendendo. Isto significa que você está abrindo a mente para a recepção de mensagens que dizem respeito a outros seres. É maravilhoso sinal de que está apetrechando-se para a tarefa socorrista.

Mas Deodoro queria analisar outros aspectos:

— O que o instrutor está dizendo-me induz-me a não ser precipitado na evocação de ninguém. Se me tivesse dirigido ao encarregado do meu colega, com certeza teria tido um quadro completo das necessidades dele. Terei razão se suspeitar que não teria vindo até nós se não estivesse em condições de receber orientação, dado que o pessoal da colônia está alerta para o que fazemos?

Joaquim sorriu e concordou:

— Se desejar chamar alguém francamente avesso ao encontro com um inimigo declarado (e você tem alguns nesse estágio), não merecerá o nosso apoio, dado que o grupo que o acompanha tem como tarefa primordial deixá-lo à vontade para aprender as lições do socorrismo, mas não de forma perigosa ou aleatória. Através da meditação, irá estabelecer sistematicamente os critérios de atendimento aos carentes de assistência. Não foi à toa que me deram a missão de chefiar a comitiva.

— Depois do susto, consulto o mentor da conveniência de chamarmos o meu caro Augusto.

Joaquim concentrou-se e, em seguida, informou:

— Não há nada a fazer em relação ao seu parceiro de traquinagens escolares: está encarnado e vive pacificamente ao lado da família. Sem dúvida, a esse fato se deve não se ter apresentado no hospital. Quanto ao terceiro de sua lista, o *Segunda-feira*...

— Era assim que eu chamava o Domingos. Aliás, só não era conhecido por esse dia da semana, porque todos os outros eram apelidos dele.

— Pois o Domingos está encarcerado num mosteiro de sacerdotes, no aguardo de transferência para o Paraíso. Caracterize-o para nós quanto à propensão para os estudos.

— Era o mais apegado aos livros. Respondia a tudo o que se perguntava de maneira a reproduzir os textos com fidelidade. Tanto decorava as lições que não tinha tempo para outras coisas. Era custoso convencer o moço a participar dos esportes, mesmo sob a ameaça dos deméritos. Soube, mais tarde, que aceitou permanecer em São Paulo, na qualidade de coadjutor na Paróquia de São Bento, exercendo as modestas funções de intendente das provisões. Faleceu aos oitenta e tantos, conforme a notícia...

Suspendeu Deodoro a lengalenga que ameaçava transbordar em excessos de nostalgia.

Margarida pôde comentar as emoções que perpassavam pela aura do companheiro diretamente para a sua:

— Sinto a sua extraordinária ternura ao descrever as reminiscências da juventude. No entanto, não me parecem muito agradáveis as sensações da idade adulta, como se repercutisse em sua consciência a crítica histórica que fez da falta de ambição do parceiro. No entanto, esse estado gerou a passividade atual, no aguardo da recompensa de Deus pelo sacrifício da vida. Não valem mais as lições decoradas mas deve apegar-se a elas há

mais de quarenta anos. Contudo, não sofre a não ser a ânsia de ser resgatado pelos anjos. Desses conheci muitos, estando a serviço na fronteira entre a colônia e o monastério. Creio que Joaquim aprovará uma incursão para o despertar do irmão para a realidade do etéreo, naturalmente após estudos completos do seu ânimo. Não era isso, querido, que desejava saber?

— Era isso, mas suspeito de que não tenhamos autoridade para fazê-lo nós mesmos, uma vez que deve existir um grupo especializado em resgatar esses elementos inócuos para si e para a sociedade etérea, da mesma forma que desempenharam na Terra tarefas de humildade duvidosa, tendo em vista o resultado grandiloquente da cobrança das promessas que ouviram e que fizeram da salvação das almas através da Igreja. Não quero ser azedo nas apreciações, mas penso que as virtudes mais propícias para a indução de seres assim ao entendimento da realidade que encontramos neste círculo existencial sejam a paciência, a tolerância e a perseverança.

Joaquim aplaudiu a dedução do aluno:

— Muito bem formulada a tese da prudência quanto a efetuar o resgate. É fato que existem grupos encarregados da tarefa, todavia, não teremos dificuldades em nos aceitarem como membros interessados em assistir aos amigos na qualidade de irmãos em débito para com a humanidade em geral, diligenciando para a compreensão das soluções para os nossos problemas mais prementes. É assim que todos trabalham sob as ordens dos responsáveis e guardiães. Será esse o próximo passo?

Eufrásio tinha outra saída para o atendimento do amigo Domingos:

— Ou muito me engano ou conheço o sujeito a que vocês se referem. Sei que está no mosteiro por onde transitou Deodoro. Talvez até os demais aqui presentes tenham lembrança de quem se trata. Se não for aquele velhinho que reclamava da comida...

Alfredo interrompeu-o:

— É isso mesmo. Não foi uma só vez que o ouvi dizendo que no Purgatório as coisas iam de mal a pior no serviço de intendência culinária. Aposto que Arnaldo sabe quem é.

— Claro que sei. Foi um que não nos deu trabalho algum para trazê-lo de volta ao etéreo. No entanto, assim que se instalou em sua cela...

Aí Margarida descobriu que atendera um velhinho por quem não teve nenhuma simpatia:

— Ranzinza, queixava-se de tudo, imprecando contra todos, ameaçando com ralhos de subalterno na chefia de inferiores.

Eufrásio retomou a palavra para explicar a sua ideia:

— Iremos nós seis à cela em que dorme sozinho. Dar-nos-emos a conhecer na qualidade de mensageiros do Senhor. Um pouco de efeito pirotécnico e acreditará que está diante de anjos. O diabo é que é bem capaz de reconhecer cada um de nós, menos Joaquim.

Coube a Deodoro perguntar a respeito da frase do *diabo*:

— Lá na Terra, o irmão não diria semelhante expressão. No entanto, como será possível descobrir o nosso segredo se formos disfarçados? Penso que, se fosse para me reconhecer, ele teria ido procurar-me quando lá estive. Ou terá a mesma acusação de vaidade que ouvi de Rupério?

Joaquim interveio:

— A questão é válida. Quem sabe tivesse mesmo Domingos instigado a turba contra a sua presença, favorecendo a revolta que os desalojou de lá? Quem será capaz de rememorar aquele dia, tornando o mais objetiva possível a tela em que os acontecimentos se desenrolarão?

Eufrásio entusiasmou-se com a perspectiva de demonstrar ao protegido uma nova técnica:

— Se alcançarmos sucesso na empresa, teremos um cineminha animado, como se a projeção se desse de modo absolutamente coerente com o que vimos. Uma câmara reproduziria a cena de um ângulo. A proposta de Joaquim acrescenta mais três pontos de vista...

Margarida corrigiu:

— Se Joaquim não esteve lá...

— Não estive.

— Então serão as reminiscências de todos os outros, ou seja, em vez de quatro, cinco focos de apreensão da realidade.

Prosseguiu Eufrásio:

— Vamos concentrar-nos nas lembranças, enquanto o nosso instrutor se comunica com a colônia para o auxílio magnético de captação das imagens que estivermos desejosos de transmitir. Em pouco tempo, serão processadas as diferentes...

Não concluiu, tendo percebido que ninguém prestava atenção, uma vez que todos estavam buscando dar a sua contribuição.

Aos poucos, foram restaurando a consciência do momento, até que Joaquim declarou que estava pronta a cinematografia mnemônica.

Criou-se uma tela fluídica sobre a qual incidiu a composição resultante da união das cenas. Conforme os acontecimentos se desenrolavam, cada qual percebia que o quadro era o que estava em sua mente.

Coube a Eufrásio proceder a algumas informações ao grupo:

— A nitidez da cena é artificial. A aparelhagem da colônia tem a capacidade de suprimir as vibrações emocionadas que elegeram uns aspectos em detrimento do conjunto, de acordo com os interesses da ocasião. Para isso, utilizaram como cenário a reprodução fiel da sala de refeições do monastério, de sorte que podemos admirar o sentido de profundidade e de perspectiva, como se fosse filmado com a ajuda de instrumentação material e não como reprodução de meras reminiscências. Como nos interessa a atuação de Domingos, assim que o reconhecermos no meio da multidão, vamos recortar os enquadramentos dele e solicitar aos técnicos que montem o trecho em que se destaca.

Não foi difícil de encontrar a figura de um velho octogenário junto à porta de entrada dos copeiros e garçons.

No início da ação, manteve-se alheio ao que ocorria na mesa principal, claramente preocupado com os restos de comida.

— Apreciem o trabalho de continuidade realizado eletronicamente. Com certeza, existem apenas retalhos de visões. O efeito, contudo, se dá como se todos os movimentos tivessem sido apanhados pela câmara.

Deodoro levantou uma hipótese:

— Havia mais quatro conhecidos presentes. Será que as lembranças de Joaquim, Hermógenes, Roberto e Everaldo também foram requisitadas?

Coube a Joaquim responder:

— Sem dúvida foram solicitados a colaborar.

Notava-se um fato curioso na apresentação das imagens. Era como se congelasse a projeção toda vez que alguém chamava a atenção do grupo para algum fator estranho ao que se passava na tela. Assim, quando voltaram a olhar para o *écran*, deu-se sequência à atividade de Domingos. Ao fundo, ouvia-se a voz de Deodoro realizando o seu discurso. Foi quando a expressão de Domingos ganhou vida. Percebeu que estava ali o antigo colega, evidentemente. Quando houve o tumulto em represália aos termos empregados pelo orador, a figura do amigo desapareceu de cena. Deu-se, nesse ponto, longa apresentação em que apareciam Crisóstomo e Deodoro, até que se apresentaram os quatro que iriam seguir com o monsenhor. Aí se pôde ver Domingos chorando. Foi a derradeira cena do filme.

As lágrimas do velhinho eram um mistério. — *Que lhe estaria passando pela cabeça para emocionar-se?* — perguntavam-se entre si.

Joaquim atreveu-se a buscar a interpretação de tal movimento da alma:

— Não sou bom em ler diretamente na face das pessoas, ainda que retratadas com sua imagem etérea. Se tivéssemos a possibilidade de projetar-lhe na tela a aura, iríamos caracterizar-lhe com firmeza as tendências psíquicas. Isto teria sido possível se alguém do grupo estivesse especialmente interessado nele. Por exemplo, se Deodoro houvesse trocado algumas palavras com Domingos, as impressões estariam gravadas indelevelmente em seu cérebro perispirítico. O que não padece dúvida é o fato de externar algum sentimento. Será de tristeza ou será de alegria?

Esperou uma resposta, a qual lhe foi dada por Deodoro:

— Se fosse uma reação favorável a mim, Domingos iria aplaudir-me o discurso. No entanto, não prestou atenção às minhas palavras mas apenas em minha pessoa. Logo, não teve como compreender a razão de me haverem expulsado do monastério. Chorou de tristeza, lembrando a nossa vida juntos no seminário. Eu mesmo não vi ninguém entusiasmado com a situação em que se padecia a espera de ser levado ao Paraíso. Por que não me chamou, não gritou o meu nome, não correu atrás de Crisóstomo quando nos levou até a porta da rua? Se alguém achar que estou sendo precipitado nas conclusões, por favor, manifeste-se.

Eufrásio desejou expor as suas ideias:

— Conjetura por conjetura, posso admitir que Domingos chorasse de dó por ver o amigo sendo escorraçado do Purgatório para o Inferno, pois era em que acreditava. Existem outras hipóteses plausíveis, como a de que o pranto revelava a miséria de suas realizações em confronto com o brilho de alguém que, nem bem chegou, foi conduzido às áreas ocupadas pelas autoridades e dignitários. Não poderia, também, ter ocorrido que despertasse para a falsa humildade de suas atitudes de servir à congregação de religiosos, com a conseqüente cobrança do reconhecimento da Divindade? Em matéria de imaginação, somos livres de elaborar todas as situações psicológicas de acordo com as próprias experiências. O diabo (ei-lo de novo) é que voltamos à situação anterior, já que todo o esforço cinematográfico acabou perdido para a finalidade socorrista. Valeu, é

evidente, para a ilustração científica dos pretendentes a alunos da *Escolinha de Evangelização*.

Foi Joaquim quem completou:

— E para Deodoro e equipe de redação preencherem mais um tópico a ser levado aos mortais.

Mas Eufrásio não queria perder o ritmo dos pensamentos:

— O que me preocupa é se devemos ou não acometer o empreendimento da visita à cela de Domingos, conforme sugeri.

— Pelo menos — acrescentou Joaquim — sabemos agora que ele não teve aquela atitude de estimular a expulsão do amigo.

Deodoro lembrou-se de que desconfiaram da perspicácia do assistido em reconhecê-los sob disfarce.

— Quanto a isso — informou o instrutor — receberemos o apoio logístico da colônia, de forma a modificar substancialmente a aparência de cada qual, até o instante em que for conveniente revelar quem somos.

— As suas palavras — ponderou o monsenhor — parecem-me francamente favoráveis ao procedimento imaginado por Eufrásio. Estou certo?

— Não custa tentar, se o fizermos no justo interesse do amigo, cheios de amor no coração, com a mente limpa de preconceitos, o que se conseguirá com as preces votivas do trabalho a Jesus.

Quis saber Deodoro:

— Se eu permanecer impuro, porque, como denunciou Margarida, tenho criticado o caráter de Domingos, não haverá meios de o grupo ser advertido, para não cairmos na armadilha da desorganização emocional, como aconteceu comigo diante de Rupério?

Não precisou que ninguém redarguisse. Foi o próprio monsenhor quem declarou:

— Preciso refrear os impulsos negativos da personalidade. Como poderei tornar-me socorrista, se a tudo imponho o clima do pessimismo de quem não confia em si mesmo nem nos companheiros equipados e experientes? Se não estiver bem, saberei advertir a turma a tempo. Vamos orar.

Enquanto oravam, Deodoro recebeu uma inspiração. Parecia-lhe que seria imprescindível contatar o protetor de Domingos, para a atualização das informações. Por isso, antes que mais alguém se manifestasse, logo que todos voltaram a si do recolhimento religioso, argumentou:

— Os fatos que presenciamos na tela aconteceram há algum tempo, cerca de vinte anos ou mais. De lá para cá, muita coisa mudou em meu espírito. É o que penso tenha acontecido ao colega. Se não acharem inconveniente, quero estabelecer como regra geral para os atendimentos de sofrendores a convocação, sempre que possível, do protetor individual. Talvez aí tenha residido a falha primordial do chamamento de Rupério.

Todos aprovaram a deliberação e coube a Eufrásio considerar:

— Nem sempre o próprio guardião está apto a atender, porque estabelece espécie de vínculo telepático de alarme, o qual é acionado em caso de reestruturação significativa do estado geral do assistido. Como, porém, ao que tudo indica, Deodoro tem sido estimulado a recordar-se do amigo, é bem possível que o protetor de Domingos esteja a par das alterações.



Sem solicitar permissão aos demais, Joaquim fez-lhes um sinal para que aguardassem e chamou o pessoal da colônia para referendar a evocação em pauta. Não demorou um instante sequer e chegou um padre às antigas, vestido da pesada estamena dos frades mendicantes, pedindo desculpas pelos trajos:

— Não reparem nas minhas roupas, por favor. Vocês me tiraram de entrevista com encarnados, enquanto dormiam. Recebi a notícia de que desejam saber a quantas anda o convencimento de Domingos para deixar o mosteiro. Pois está bem melhor, desde que soltou algumas lágrimas, um certo dia em que reconheceu antigo colega.

— Sou eu, revelou-se Deodoro.

— Pois eu não sei? É bem verdade que a descrição que recebi me levava a uma fisionomia de aproximadamente cinquenta anos de idade. Esses seus vinte e tantos demonstram o progresso que vem realizando. Pois Domingos, vocês vão ver, está próximo de deixar a casa dos cinquenta, tão desvelado tem sido com o tratamento dispensado aos reclusos do convento. Já não tem lamentado a má qualidade dos alimentos. Ao contrário, esforça-se por colaborar na melhoria, plantando, cultivando, criando e supervisionando a confecção das refeições. Também tem jejuado continuamente, estando prestes a descobrir que pode retirar o sustento perispirítico diretamente dos fluidos, como nós fazemos. Tenho pressa em volver à tarefa junto aos que chamei para a conferência, mas aprovo sem condições que vão conversar com o meu afilhado, rogando-lhes para que se apresentem sem disfarces, porque deve estar ele ciente de que vocês, em aparecendo, apenas lhe quererão fazer o bem. Mais tarde, se conseguirem encaminhá-lo à sua colônia, irei até lá reforçar os ensinamentos que lhe passarem. Obrigado. Fiquem com Deus.

A permanência do protetor se deu num átimo de segundo, tanto que já havia desaparecido, enquanto todos ainda lhe ouviam a descrição psíquica.

Arnaldo estava impressionado:

— É a primeira vez que me ocorre o fenômeno. Parece que me foi implantada no cérebro uma célula de mensagem energética que se esvaiu por si mesma. Estarei definindo bem o recurso empregado?

— É exatamente isso, concordou Joaquim. O guardião desejou fazer-se presente e deve ter deixado um clone visual na reunião, ao mesmo tempo que elaborou discurso condensado em bolha fluídica capaz de transmitir a gravação na velocidade de nossa absorção de seu conteúdo. Bem comparando, trata-se de um radiotransmissor autodestrutível, de uso único. Entretanto, se quisermos ouvir de novo as suas palavras, estarão registradas...

Deodoro impacientava-se com a possibilidade da repetição de anteriores explicações, tanto que, sem cerimônia, interrompeu o instrutor:

— Também esses conhecimentos estão arquivados em nossas memórias, não é verdade? Então, não percamos o impulso e vamos até o mosteiro, porque estou sentindo-me perfeitamente equilibrado quanto às emoções.

Nem terminou de falar e se viram, sem pirotecnia, sem maquilagem, sem disfarces, dentro da cela onde estudava Domingos.

Foi o enclausurado quem primeiro se pronunciou:

— Fui alertado que seria, uma hora ou outra, visitado pelos senhores. Reconheço Margarida, Deodoro e os demais, menos um.

— Joaquim, coordenador dos trabalhos e vigilante dos sentimentos da turma, ao seu dispor.

— Não esperem de mim nenhuma resposta positiva quanto a segui-los para fora do convento. Estou prevenido quanto às dificuldades que se enfrentam na escuridão. Aqui, ao menos, temos a segurança de desempenho cada vez mais amadurecido dentro da doutrina cristã. Vocês, com certeza, não fazem parte das coortes de anjos que levam os almas dos religiosos para o Céu.

Deodoro retorcia as mãos atrás das costas, descontente por ter sido recebido com tamanha frieza. Ponderou que talvez tivesse sido melhor aparecer jovenzinho, como na época do convívio escolar. Pensou também que a mistificação teatralizada posta de lado pelo protetor talvez repercutisse com mais eficácia para dispor o ânimo do colega favorável a deixar a condição de inferioridade. Superou, todavia, a ânsia de libertá-lo e perguntou-lhe ex-abrupto:

— A que se devem as lágrimas que verteu quando me reconheceu junto de Crisóstomo?

Domingos olhou firmemente para o candidato a socorrista e denunciou:

— Eu sempre o admirei e segui a sua carreira a distância, através dos boletins e noticiários das páginas da imprensa eclesiástica. Soube que auxiliava na regeneração de criminosos. Soube que ministrava cursos de Teologia. Soube que foi transferido para o Vaticano, com a missão de assessoria do Papa para os assuntos da América Latina. Soube que mereceu desfrutar a tranquilidade da Riviera francesa, onde redigiu os seus estudos e comentários bíblicos. Pena que não tenham sido publicados. Pois bem, eu só atingi a medíocre posição de intendente junto à irmandade dos beneditinos, após ter refeito alguns anos de escolaridade. Imerso no Purgatório, de repente, deparo-me com quem? Com o portentoso ás que tanto venerava. Caí das nuvens. Se Vossa Reverência estava frequentando o mesmo círculo que eu, não tinha os méritos que lhe atribuí. Quando foi expulso, imaginei a minha triste condição de traste religioso sem qualquer expressão, condenado, portanto, a permanecer aqui por muito mais tempo. Chorei de desgosto e de apreensão. Mas o pranto me fez bem, porque me abriu os olhos para a necessidade de efetuar alguma coisa em favor dos companheiros, repudiando o mau hábito de tudo recriminar. Quando o vi chegar ainda há pouco, voltei a me azedar, pois me dei fé de que você, naquela ocasião, também me reconheceu mas não desejou fazer contato comigo, nem ao menos através de um gesto amigo. Mas eu o perdoo, porque é o que aprendi a fazer, em nome de Deus. Vejo que Vossa Eminência (sem azedume, por favor) está integrado num grupo sob a chefia desse indivíduo vestido à paisana, o que me revela que não tem mais a importância lá da Terra.

Tendo Deodoro feito menção de interromper a arenga, Domingos observou:

— Deixe-me pronunciar o discurso que tenho preparado. Se não for para me proporcionar a ida ao Céu, perdem o seu tempo, porque estou muito bem, já que não venho sofrendo os assédios da consciência por imprecisar contra a injustiça do Pai. O trabalho me tem feito muito bem e aqui pretendo ficar, até quando Jesus se lembrar de me admitir numa leva para a esfera da bem-aventurança eterna. Agora podem dizer a que vieram.

Por unanimidade, foi dada a vez a Deodoro, que se imaginou na situação de socorrista desafiado. Principiou por encorajar Domingos a orar com o grupo:

— Vamos agradecer ao Senhor a permissão para adentrarmos o convento sem despertar os guardas e sem atemorizar o amigo. Está disposto a elevar os pensamentos numa prece?

— É o que tenho procurado fazer sempre que me deparo com ideias funestas.

— Então, acompanhe-nos, por favor, num padre-nosso e três ave-marias.

Enquanto recitavam as orações, Deodoro recordava-se das longas conversações entre os quatro colegas do seminário. Dessa forma, estabeleceu um clima de felicidade, procurando envolver nele o grupo todo.

Terminada a concentração, pôde avaliar que Domingos estava ruminando ideias de afastamento das sugestões de reencontro com Rupério e Augusto. Evidenciava-se para a acuidade mental do monsenhor que Rupério era rejeitado por haver apostatado, através da demência, do credo católico. Quanto a Augusto, abria-se um vácuo nas reminiscências do companheiro, como se houvesse perdido a noção do coleguismo. Solicitou o amparo de Joaquim, que lhe evidenciou que Augusto havia perecido aos vinte e oito anos em acidente de automóvel, o que o deixou perplexo. Investigou mais a fundo os sentimentos de Domingos e descobriu que acusava o acidentado de suicídio, arremessando-o e às recordações ao fundo dos Infernos. Era como se tivesse sido traído pelos três.

Abalado com as revelações, pediu amparo a Margarida. Joaquim, imediatamente, assumiu a indução do beneditino para o assentimento de acompanhar o grupo:

— Vejo que o seu serviço em prol dos reclusos neste círculo purificador está muito adiantado. Você não precisa aceitar o nosso convite para subir um pouco mais na direção do Reino de Deus. No entanto, se estiver lembrado da obra de Dante, *A Divina Comédia*, deve saber que, no Purgatório, as almas estagiam durante algum tempo num local até serem transportadas para a região seguinte, onde desenvolvem outras virtudes, até merecerem sair do sofrimento. O que viemos propor-lhe, sem qualquer obrigação de admitir a necessidade do progresso moral, já que o amigo está satisfeito consigo mesmo, é que siga conosco para a região em que nós mesmos nos situamos. É de todo justo que nos recomende prudência nos dizeres, porque não deveremos correr o risco de desagradá-lo. Por certo, também, precisamos comprovar que estamos interessados em seu bem-estar. O que lhe daria condições para depositar confiança em nós?

Domingos analisava os reflexos de luz que emanavam da tez com que se adornava o instrutor. Era visível para o grupo que respeitava o potencial perispirítico dos visitantes, efeito magnético que os habitantes do monastério jamais haviam conseguido. Então, atreveu-se a inquirir:

— Se não me der bem, posso voltar para cá?

— Claro que sim. Para isso estão aqui a sua enfermeira e os guardas que o trouxeram do túmulo. Por acaso, você não confiou a sua saúde a eles? Alfredo e Arnaldo retiraram-se na companhia de Deodoro por livre deliberação. Quanto a Margarida, acredito que você não a tenha visto saindo, embora lhe deva ter sentido a falta. Por que viriam agora apenas para tentá-lo? O que acha que esteja faltando-lhe?

— Falta-me receber o abraço de todos.

Deodoro não se conteve:

— Graças a Deus!

Enlaçaram-se os dois juvenzinhos imberbes, cheios de planos para o futuro. Vingava, finalmente, a mentalização promovida para dar ao recluso a esperança concreta de ser recebido por Jesus.

Não demoraram para adentrar na colônia, tendo havido necessidade de envolver Domingos em grossa capa energética, para que não sofresse com a resistência que opunha à velocidade da deslocação. Não chegaram com a rapidez do pensamento, mas, tal como o trovão se ouve depois de se ver o relâmpago, assim também se realizou o trajeto sob controle dos que da colônia vigiavam para que não ocorresse qualquer surpresa desagradável.

Ao chegar, Domingos se refez do susto e se maravilhou com a visão externa da grande cidade etérea. Ao ser colocado em suas novas instalações pessoais, modesto quarto apetrechado com móveis aparentemente novos, exclamou:

— Mas isto é o Paraíso!

Quanto bastou para que todos se tranquilizassem quanto à disposição do sacerdote de ali permanecer sem obstáculos.

Feitas as recomendações de praxe para o descanso e o estudo e fornecido o roteiro das atividades dos próximos tempos, apresentaram-lhe um dos enfermeiros que serviria de cicerone para a exploração do lugar. Lembrou-se Deodoro de que tal abertura não lhe fora concedida ainda, ao que recebeu a explicação de Joaquim:

— Você, meu caro, está integrado nas equipes dos professores e dos alunos. Tem liberdade de ir e vir sem vigilância, podendo satisfazer todas as curiosidades legítimas, dirigindo-se diretamente aos encarregados de cada departamento, em todos os ministérios. É isso o que pretende nos próximos quinze meses, porque não desgastará menos tempo para conhecer de fato todos os serviços que prestamos à comunidade e aos que socorremos lá fora?

A citação do tempo despertou Deodoro para o fato de precisar caracterizar quanto levaria para desfazer os malfeitos em relação aos seres que o tomavam como inimigo.

Perguntou-lhe Joaquim:

— Quantas são as pessoas que você acha insatisfeitas com as suas atitudes e atividades?

— Considerando tão somente as de meu relacionamento pessoal, acredito que, além das dezesseis mulheres que julgo haver iludido de certo modo, há muitos conhecidos do confessionário e diversos colegas que precisei advertir, sem contar os alunos que admoestei, que esqueci ou que, simplesmente, reprovei. Não haverá meio eletrônico desenvolvido para o conhecimento dos cuidados que deveremos ter em função de não perdermos as melhores oportunidades de reconciliação? Se Eufrásio se comunicou com os pais por meio de ofício, não terei também a possibilidade de encaminhar, através dos protetores particulares de cada um, uma espécie de circular, carta de intenções ou diploma de compromisso e obrigação, na qual assumo a responsabilidade pelos meus erros, faltas e defeitos (se não tiverem sido crimes mesmo), a serem ressarcidos oportunamente, conforme sentença transitada em julgado nos tribunais do coração, em nome do amor de Jesus?

— Quer dizer que o número não é menor que o milhar?

— Acho que ultrapassa de muito, embora dependa do caráter de cada um perdoar-me por nuto, sem fazer correr o processo.

— Defina *nuto*.

— Perdão. *Nuto*, do latim, é o ato de aprovar ou consentir com simples oscilação da cabeça. Daqui a extensão do termo, em sentido figurado, para *desejo, arbítrio, vontade*. Sempre estou esquecendo-me que o Professor Joaquim não estudou no seminário.

— De qualquer maneira, posso garantir-lhe que a sua ilação está muito próxima da realidade do entrosamento ideal dos que, um dia, se viram em lados opostos. Também a suposição do recurso eletrônico está correta. Por conseguinte, é possível estabelecer contato com todos os seres disponíveis...

— Quem não estaria disponível, por favor?

— Primeiro, os que avançaram evolutivamente e se viram guindados para planos superiores. Não nos cabe mais do que reivindicar que nos ajudem. Ora, a simples caracterização de seu atual nível de progresso é suficiente para nos informar que superaram todas as crises de consciência que lhes foram provocadas por atos de maldade ou de injustiça. Estão além do mal e do bem conforme os compreendemos. Depois, existem seres tão perversos nas profundezas das Trevas que nem mesmo os espíritos de luz arcangelizados pelos trabalhos em prol da humanidade são capazes de catequizar, nem que seja para a simples formulação própria do desejo de serem felizes. Quanto a estes, apenas para justificar a assertiva, não creem que receberiam ajuda, se viável? Existem, também, você sabe, os que, como Augusto, se encontram encarnados, cumprindo missões ou sofrendo exílios de regeneração. Não convém trazer-lhes um problema que deve estar amortecido pela injunção dos deveres e opressões mentais produzidos pela matéria. Outros, consultados, apesar de estarem em condições de responder, desprezariam a solicitação por não darem nenhuma importância à pessoa que os invoca. Causariam muito trabalho, sem resultado prático algum, porque nos forçariam a providenciar contatos de intervenção, com probabilidade nula de sucesso, porque está na vontade deles a decisão de reconsiderar. Há, finalmente, aqueles que estão na região limítrofe da acusação como uma modalidade de pensar sobre o Universo, que o terão na conta de adversário, da mesma forma que você se julga responsável, na companhia de muitos, pela miséria humana.

— Mas não seria preciso definir para quem devo pedir perdão?

— A minha resposta coincidiria com uma das matérias programáticas que você irá cursar durante alguns anos. Resumo-lhe, porém, o principal. Quem depositar nas mãos misericordiosas de Deus a solução dos problemas, trabalhando paralelamente para o aperfeiçoamento do espírito, em equilíbrio intelectual e emocional, sem ânsias de conquistas aceleradas, irá frequentar os círculos da vida e da morte sem medo, assistindo o soerguimento dos que sofrem a desdita da imperfeição, ou seja, todos nós.

— Devo concluir, querido mestre, que precisarei de outras encarnações para lograr acertar as contas pendentes?

— E quem você conhece que não precisa? Não é verdade que nem todos os itens de sua programação para o último encarne foram cumpridos? Por exemplo, não sente a necessidade de ter e de criar filhos, espelhando-se no exemplo do que está sucedendo aos seus pais?

— Sem querer criar polêmica, apenas para forçá-lo a responder, não é também verdade que nem Jesus nem Kardec deixaram prole?

— Quanto a Jesus, não vou responder, porque é ser de excelsitude superior, cuja angelitude está acima de minha capacidade de conhecimento. Quanto a Kardec, posso garantir-lhe que, em encarnações anteriores, é possível tenha tido a satisfação de haver cumprido tais obrigações. Se não for essa a realidade, nenhuma informação existe de que não precisasse volver à carne. E quanto a você, lembra-se de ter dado a alguém a condição do nascimento?

— Posso citar um trecho em que Kardec se inclui entre os que voltariam ao mundo da matéria?

— Só se for muito expressivo.

— Você decidirá. Eis o texto, extraído do item VI da *Introdução* de **O Livro dos Espíritos**: *Devendo o Espírito passar por diversas encarnações, resulta que todos nós tivemos diversas existências, e que nós ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra, seja em outros mundos.* Que tal?

— Um pouco genérica, mas está lá a primeira pessoa do plural a configurar a inclusão do autor no contexto da explanação. Continue, por favor.

— Não me lembro de haver criado nenhum filho. Quanto a tê-los, é outra história, a demandar pesquisa milenar.

— Tal pesquisa está a evidenciar que não é possível açambarcar de vez todos os problemas existenciais. Não teria você dito, conforme me permite ler-lhe no cérebro, que a responsabilidade é o dom que exime os circunstantes de responderem pelos atos alheios, seja para a perversão, seja para a conversão?

— Afeta-me, nesta crise existencial, o meu poder de chamar a mim os pecados que pratiquei, porque os dos outros tenho perdoado, em nome de Deus.

— Eis o tópico essencial que nos levou a considerá-lo passível de congregar-se ao corpo docente da **Escolinha**. Digo-o sem medo de torná-lo orgulhoso, porque de há muito vem discutindo a necessidade da modéstia e da humildade. Se fraquejar e um tiquinho de nada de vaidade transparecer, aplique as regras que tão bem conhece de trabalho e de desvelamento da realidade psíquica mais profunda, tendo em vista o crescimento espiritual ter de passar forçosamente pela consideração do próprio valor.

Suspeitaria Deodoro de que as palavras contivessem resquícios de verdade? Para não ir o interlocutor mais longe nas prolaças (em sentido figurado e próprio), desviou a atenção do grupo para a perquirição inicial:

— Quer dizer que é quase de todo impraticável que saia correndo atrás dos meus credores?

— Se sair correndo, corre o risco de parecer-lhes tremendo obsessivo, com perdão do trocadilho.

— Não poderia experimentar o método instrumental de alcance dos espíritos, para exemplificação?

— É para já.

Enquanto atravessavam os amplos corredores, desejou saber Arnaldo por que não empregavam o sistema de deslocação instantânea pelo pensamento.

Eufrásio foi quem explicou:

— São tantas as categorias evolutivas dos que convivem na colônia, que a Governadoria ordenou que os mais desenvolvidos se assemelhassem aos mais atrasados, para configurar a igualdade de direitos que caracteriza a nossa democracia. Esclareço que a ordem foi apreciada e votada em assembleia geral, presentes todos os delegados distritais. Não se queria estimular nem o orgulho, nem a inveja, embora, se dermos ouvidos a Deodoro, a lei não se justificaria em sociedade que busca engrenar-se pelos dispositivos do contínuo aperfeiçoamento moral.

Mas Deodoro não queria participar da discussão:

— Vamos deixar as minhas considerações para as aulas que pretendo ministrar aos que se atreverem a registrar-se como meus alunos.

Ao chegarem ao departamento especializado em localização de espíritos desalinhados vibratoriamente com os consulentes, Joaquim precisou explicar ao grupo que não era sempre que se alcançava com êxito descobrir o paradeiro do irmão procurado e acrescentou:

— Antes de mais nada, há que se compreender que os dados referentes ao adiantamento da pessoa vão ficar velados, caso haja repúdio instintivo de algum dos presentes. A aparelhagem está equipada com sensores para captação das emissões energéticas de baixo teor vibratório de todos os que estiverem no recinto, o qual será vedado completamente, impedindo-se a transmissão de ondas deletérias de fora para dentro e vice-versa. Sendo assim, rogo ao irmão Deodoro que se mantenha tranquilo para obtermos sucesso. Quanto a Margarida, não preciso empenhar-me em insistir na obstrução dos sentimentos de ciúme ou quejandos, porque já passou por esta experiência em razão do curso de enfermagem. Da mesma forma que se procede quando do atendimento dos sofreadores, toda ajuda de concentração com o pensamento voltado para Deus irá favorecer a recarga energética dos instrumentos. Ajam como fizeram quando Deodoro se reuniu aos pais e aos colegas, por favor.

O local não dava a impressão de se constituir em avançado laboratório de pesquisas etéreas. Era um auditório pequeno, com vinte e poucas cadeiras, sendo que a pessoa em processo de comunicação se postava mais à frente, ficando iluminada por *spots* coloridos. À frente do público, pequena tela ocupando o espaço central da parede.

Deodoro foi convidado a se sentar e, imediatamente, teve início a operação. Foi quando lhe enevoou a vista, entrando em espécie de transe em que prevaleciam no cérebro as recordações da derradeira encarnação.

Ao se fecharem hermeticamente as entradas, estavam todos os lugares ocupados, sem que o monsenhor tenha dado por isso.

Suavemente, foi desenhando-se na tela a figura de uma adolescente, meninota de, no máximo, dezesseis anos. Formosa, sorria para a câmara em plena felicidade. Em seguida, desapareceu-lhe a imagem.

Deodoro esforçou-se para concentrar-se, mas acabou por acordar.

Joaquim correu para auxiliá-lo nas reflexões:

— Não se preocupe. É natural que esteja perturbado. Você reconheceu a mocinha?

— Consignei na memória a primeira experiência amorosa. Esperava encontrar uma senhora de mais de quarenta anos, que era a idade dela ao tempo em que nos amamos,

por assim dizer. Essa que apareceu não guarda nenhum traço da outra. Como vou saber se se trata da mesma criatura?

— Pela ficha que acompanha a transmissão, a qual, pela complexidade das informações não são colocadas em *background*, para a descrição das imagens. Acho útil lê-la, para que todos possamos compreender o que sucede com a pessoa de seu interesse.

— Concordo, mas onde está ela?

Imediatamente, na tela, se projetou a orientação técnica, na forma de *curriculum vitae*, onde se lia:

Nome: Idalina

Idade: 16 anos

Situação civil: casada

Prole: um casal de gêmeos

Estado emocional: o retratado.

Deodoro fez um gesto para que se interrompesse a projeção. Apagada a tela, inquiriu do instrutor:

— Por melhor caracterizada esteja a pessoa, ainda não tenho como referendar a tese de que se trata daquela mesma a quem invoquei.

— Vamos passar para a parte do histórico, desde que você aprove que a identificação anterior possa vir a ser do conhecimento dos presentes.

— O que seria prejudicial a ela ou a mim, caso admita a possibilidade?

— Não se esqueça de que a sua chamada ao etéreo precisa do acompanhamento técnico e da sustentação energética de outros seres. Não há a possibilidade de se resguardarem as lembranças mais íntimas, de forma que parte de seu passado irá ser devassado. Para que não seja assim, é preciso que saia à procura das entidades e que as enfrente na liça palpável da realidade, onde poderão acontecer desafios e querelas de todo tipo. Se o seu objetivo é o de rogar o perdão das pessoas, oferecendo-lhes a promessa do resgate dos débitos, está situando-se como protetor, ou seja, como alguém que não tem mais o que perdoar, porque tudo perdoou, e cujos anseios estão completamente moralizados. Este é bem o seu caso, porque as suas ânsias amorosas se desvaneceram ainda na matéria, tendo o seu corpo adormentado a libido e a sua mente buscado afastar o cálice amargo das culpas. Muita gente, porém, ao se deparar com os parceiros sexuais, faz renascer os aspectos sensórios, enleando-se nas reminiscências dos desejos, no sentido de voltar a tê-los, ateando o fogo da paixão no perispírito, inutilizando todo o trabalho da equipe para a finalidade da confraternização. Aí, é preferível arrefecer o ânimo que trouxe o assistido para a frente do auditório, expurgando-lhe, através de atividades meramente intelectuais, as brechas de influência do *modus operandi* do espírito encarnado.

— Em suma, concluiu Deodoro, o fato de me haver restituído a feição dos vinte e tantos não pode representar que tenha readquirido os conteúdos cromossômicos do corpo terreno.

— Diria que é mais que isso, contudo, a sua sugestão é boa, para a apreciação do fato de que o que lhe dá a forma é a vontade do cérebro de se irmanar aos que labutam na colônia, onde foi adotada a diretriz corpórea segundo a última imagem terrena. Colônias existem onde o aspecto externo elege formas evanescentes, vaporosas, cujas características pessoais se reconhecem pelo teor das vibrações específicas de cada um.



Vamos deixar este ponto bem claro para o grupo, porque poderão fixar o padrão atual como definitivo, arriscando-se a se iludirem quanto às conclusões relativas à fluidez da *matéria* constituinte dos diferentes círculos espirituais a partir do que denominamos de Umbral, que é onde estamos imersos.

Enquanto explanava Joaquim, Deodoro ruminava as considerações relativas aos segredos da vida íntima, consciencial. Logo que pôde, observou:

— Não há lucro em revelar aos outros o que se passa em meu coração. Para Margarida, não tenho segredos, tanto que se mantém em sintonia com minha disposição emocional, dando-me amparo quando os transistores sentimentais ameaçam amplificar a mensagem do coração. Não vou além na leitura da ficha catalográfica, bastando-me entender que a mulher que hoje responde pelo nome de Idalina está bem. O mais seria buscar cabelo em ovo, com perdão da vulgaridade da frase.

Voltou Joaquim à carga:

— Está disposto a prosseguir?

— Mais do que nunca.

— Poderemos presenciar cenas de dor e sofrimento.

— Caracterizaremos as necessidades alheias e a extensão da tarefa a que deverei entregar-me.

Em seguida, reacenderam-se os *spots* e Deodoro imergiu em si mesmo. Na tela, plena escuridão. Ouviram-se lamentos e dilacerantes gritos de horror. E só.

Desta feita, Deodoro demorou mais a recompor-se. Finalmente, pôde Joaquim interrogá-lo:

— Tinha você a esperança de encontrar o espírito em melhores condições?

— A bem da verdade, não queria que a minha figura lhe causasse tão terrível flagelo sentimental.

— Não foi a sua figura. Apenas o protetor estimulou as recordações relativas a você. Contudo, não se configure como o inimigo mais encarniado na mente da sofredora. Está ela em tal estado por razões que nos fogem e que também não nos devem interessar. Vamos experimentar, de novo, elaborar roteiro de vida em que haja escolhido vida de crimes e de vícios, os mais tremendos. Não seria plausível, tão cedo, que tais deslizes não mais ofereçam desprazer quanto à rememoração deles. A nós devem bastar as nossas dores, pelo processo de causa e efeito a que demos origem pelos erros de interpretação das leis. Quanto mais ilustres dentro dos ramos da filosofia, da teologia, da doutrina espírita, para apenas citar as suas especialidades, mais teremos de enfronhar-nos em nós mesmos para a compreensão do outro.

Deodoro não estava à vontade com a linha tecnicista das explicações, tendo em vista a realidade tão cruciante da mulher com quem uma vez mantivera transações sentimentais. Perguntou, pensando saber a resposta:

— Não seria de todo conveniente que suspendêssemos a pesquisa e que orássemos a favor daquela que me trouxe as alegrias de alguns instantes de esquecimento e gozo carnal?

— Precisaríamos desarmar o arranjo dos instrumentos. A colônia não lhe dará para muito breve outra oportunidade como esta. A fila de ocupação desta sala dobra o

quarteirão. Está requerendo, em última análise, que olvidemos as outras quatorze criaturas?

— Poderíamos apressar os contatos externos, sem estímulos adicionais para as meditações?

— Perfeitamente. Basta que você se concentre e que não exprima o desejo de volver ao plano da atualidade com o domínio das circunstâncias que nos premem nesta condição de orientandos dos fatores externos, como exigência consciencial de sua própria consagração ao conhecimento dos vetores de sua conduta futura.

Se não foi por efeito das ideias conspícuas do orientador, foi pela influência da vontade soberana com que desejou saber o que ocorria às demais criaturas. O fato é que Deodoro fez desfilar pela tela mais quatorze quadros, rapidamente, nenhum com a felicidade do primeiro nem com a tristeza do último. Pediu e obteve o disquete com todas as fichas completas, para apreciação em particular. Solicitou que o desculpassem pela euforia com que se arremetera para a absorção da verdadeira história dos que, miserandos ou gloriosos, giraram na condição de satélites em derredor de sua personalidade. E rogou que lhe permitissem afastar-se para meditação, levando consigo apenas Margarida, companheira e protetora.

Passou pelos corredores como em sonho, chegou lívido ao quarto e caiu em prostração sobre o leito.

## PRIMEIROS TEMPOS NA ESCOLINHA

Quinze dias depois dos entreveros conscienciais, Deodoro estava preparado para iniciar os estudos. Tivera uma conversa com Margarida, solicitando a ela que se mantivesse em contato com todos os guias das pessoas de quem se julgava devedor e mergulhou nos livros da biblioteca, segundo as requisições que fazia à companheira. Precisava atualizar-se em relação aos avanços científicos da humanidade, como ainda tomar contato com os eventos históricos dos últimos tempos.

Tendo o hábito de analisar cada entrecho, demorava-se para entender os raciocínios desenvolvidos, no sentido de facilitar a parte didática do aprendizado. Queria ir ainda mais lentamente, porque pretendia fixar todas as diretrizes metodológicas de acordo com as raízes dos conhecimentos etéreos.

Foi assim que deduziu que os livros de Química, Física e Biologia deveriam ser assimilados em primeiro lugar. Mas não ficou satisfeito com os rumos excessivamente materialistas das observações. Queria a síntese de todo o saber, para dar à alma condições de, num relance, conhecer os problemas e resolvê-los de imediato.

Certo dia, foi convocado para as aulas do Professor Joaquim.

Afastado de todos, conforme solicitara, deu-se conta de que a turma toda estava reunida. Chegou-lhe à mente a informação de que o auditório em que passara a desdita das visões das mulheres estivera ocupado exatamente pelos companheiros egressos do Umbral.

Ao adentrar a ampla sala de exposições e debates, reencontrou-se, em festa, com Hermógenes, Everaldo, Joaquim, Roberto e os demais que com ele haviam excursionado para os contatos com os pais e colegas. Iriam frequentar as mesmas aulas. Margarida ficaria de fora, especializando-se, uma vez que socorrista diplomada já era. Além dos sete, havia mais trinta e três estudantes, nenhum de seu convívio.

Abrindo os trabalhos, o professor convidou que lessem rapidamente as quarenta páginas do libreto que descrevia a personalidade dos alunos. Destinou dez minutos para a tarefa após os quais todos haviam concluído a leitura.

Aí principiou a aula:

— Vamos repetir todos os entrecchos, começando por Deodoro, que irá reproduzir, nas mesmas palavras, o histórico de cada colega. Se titubear, poderá receber a ajuda dos outros mas a ninguém é dado permanecer com o libreto aberto.

Entretanto, a formulação da proposta encontrou Deodoro preparado, de sorte que começou e terminou sem nenhuma hesitação, provocando a admiração da turma.

Joaquim retomou a palavra:

— Vejam que estamos diante dum companheiro habilíssimo. Aposto que assimilou o que resguardou na memória, podendo repetir a leitura tantas vezes quantas lhe pedirmos, hoje, amanhã até...

Sagazmente, Joaquim suspendeu a frase e deixou a classe refletir a respeito do que diria a seguir.

— Quem desejará manifestar-se a respeito de quando Deodoro irá desfazer-se dos elementos decorados?

Deodoro levantou o braço.

— Vamos ouvi-lo.

— Não pretendo fixar na lembrança os dados que reproduzi com tanta facilidade. Antes, desejo acrescentar outras virtudes, aperfeiçoar as que ali se encontram e olvidar o que for extirpado por obsoleto. Assim farei até que cada um passar para os círculos maiores, quando restará no coração a lembrança emocionada pelos influxos do companheirismo, sem características, sem biotipologias, sem *performances* específicas de acordo com as prerrogativas das vocações e aptidões.

Calou-se, na expectativa de novas provocações do mestre.

— Com que, então, o nosso preclaro discípulo carregou nos termos para impressionar os colegas?

— A partir do conhecimento que me foi dado através do fichário, sei muito bem que a pergunta irá cair no vácuo das motivações extrínsecas, porque acho que o professor está arquitetando problema de maior dificuldade. O que menos desejo é impressionar, porque bastam as pessoas que seduzi ou que cativei, raposa tola e velha, sem a correspondente prestação de assistência.

— Quem dentre os presentes gostaria de levantar dúvidas a respeito das conclusões do colega?

A partir daí, a aula transcorreu movimentadíssima, todos desejosos de arguir o monsenhor quanto às necessidades que abriam claros nas existências dos parceiros, mediante as atividades coerentes com a personalidade em desenvolvimento.

Não se chegou a resultado nenhum, mas ficaram diversas pesquisas de campo para serem efetuadas até o dia seguinte.

Ao regressarem completamente apetrechados, cada qual com seus argumentos fundamentados nos roteiros das experiências pessoais e no conhecimento das biografias de gente do convívio ou de valor histórico, Joaquim propôs:

— Vamos deixar para amanhã a discussão geral. Agora, reúnam-se de cinco em cinco, à vontade, e elaborem um texto único por equipe, segundo a vivência de cada qual.

A aula iniciara-se bem cedinho e só se encerrou tarde da noite.

Na manhã seguinte, Joaquim perguntou à classe:

— Vamos fragmentar os grupos e estabelecer que as apresentações individuais evidenciem as conclusões finais das equipes, ressaltando-se os aspectos em que o aluno teve de ceder à evidenciação proposta pelos colegas.

Vários alunos se apresentaram, todavia, as discrepâncias iam repetindo-se, mais ou menos uniformemente, dando prioridade à média das opiniões.

Duas horas depois de começarem as explanações, Joaquim interrompeu para disciplinar os discursos:

— Falaram oito colegas, um de cada grupo. Apresentem-se, agora, somente os que dispuserem de argumentos ainda não citados.

Diante do silêncio geral, enfeixou as conclusões particulares numa só, pedindo para ser interrompido se algo dissesse em descompasso com os pensamentos dos pupilos:

— Pelo que entendi, as pessoas são responsáveis por todos os seus atos, segundo o seu ponto de vista. Mesmo quando não têm consciência da repercussão de suas ações, ainda assim devem considerar que estão imprimindo à realidade o direcionamento que lhes está aprazendo. Quando se chocam duas opiniões e as pessoas desenvolvem atividades contrárias, mesmo assim se deve considerar de igual valor moral a resultante, uma vez que a vontade prevaleceu e orientou as consequências. Como corolário, podemos perceber o quanto se podem desviar dos padrões comuns, a partir de situações mal interpretadas. Isto irá num crescendo, a se regulamentar na lei de causa e efeito, ou seja, necessariamente cada atitude aplicada sobre os acontecimentos haverá de se constituir em encadeamento sutil de fatos, sempre segundo a constituição psíquica daqueles sobre os quais incidirem. Daqui a complexidade dos eventos universais em todos os escaninhos da consciência, sendo deixado de fora, como incriado, o mal, porque haverá de ser sempre o bem o objetivo de cada indivíduo, apesar de realizar o oposto de um outro. Fica para a próxima aula a discussão dos motivos que levaram muitos humanos a basear sua filosofia de vida na existência do bem e do mal.

Deodoro nadava em águas conhecidas. Não punha restrições ao tipo de organização curricular e pedagógica do curso. Queria aprender com a experiência dos novéis. As apreciações particulares levantavam casos especiais, de sorte que se integravam as mais diversas vivências e definições, de acordo com o que se dera na verdade e o que deveria ocorrer em ambiente moralizado pelos padrões evangélicos.

Por esse tempo, foi chamado por Maciel, dirigente máximo da **Escolinha de Evangelização**, de quem ouviria a recomendação para que abrisse as matrículas para o curso que ministraria. Deveria atribuir um nome genérico ao elenco das matérias a serem tratadas. Impôs-lhe o Diretor:

— Com todo o respeito, considero de suma importância que a diretriz programática repouse sobre a elaboração do texto que vem *cavatando sotto voce*. Nada melhor para atrair interessados do que demonstrar que é possível regressar ao etéreo completamente cōnscio dos valores religiosos de determinada Igreja e, mesmo assim, aprender a examinar a nova realidade com olhos de ver. Não foi o que lhe aconteceu? Pois, então, mantenha a turma sob a sua batuta em harmonia com esse princípio e transforme os discípulos em co-autores da obra que, uma vez aprovada pelo colendo corpo administrativo da colônia, irá transformar-se em imperativo mediúnico.

E mais não disse.

Saiu da entrevista o monsenhor intrigado com a necessidade que se criara para si de enfrentar tarefa altamente responsável, daquelas geradoras de ondas enormes de repercussões nas mentes. Contudo, não lhe passou a ideia de retroceder. Aceitava o desafio e agradecia ao Professor Joaquim ter começado o curso agravando as circunstâncias em que a lei de causa e efeito se propunha como mistério para o devenir:

*Tenho para mim que se empenham os do corpo docente para que produza a história de minhas andanças conscienciais nos caminhos e descaminhos entre as convicções antigas e as modernas. Haverá de realizar obra puramente filosófica, se me ativer aos*

*problemas do prognóstico dos resultados da escritura, porque repetir não posso os textos evangélicos e os doutrinários. Se percorrer passo a passo...*

Perdia-se a imaginar quais atributos emprestaria ao texto para torná-lo eficaz quanto ao objetivo de despertar os leitores para o corpo dos conhecimentos espíritas em evidência desde Kardec, tanto que desleixou quanto à propaganda do curso. Foi Margarida quem lhe deu o empuxo para o primeiro passo no caminho da responsabilidade que lhe havia determinado Maciel:

— Meu querido amigo, não seja presunçoso. Qualquer texto que redija haverá de sofrer a crítica de muitos seres mais traquejados, que proporão a você diretrizes específicas para mudar, eliminar, crescer ou aperfeiçoar. Não pense que assumirá sozinho tão grave responsabilidade. Dê de si o melhor. Exponha aos alunos os problemas. Discuta as soluções. Peça a contribuição dos mestres. Procure quem esteja escrevendo outras peças a serem levadas aos mortais. Estude a melhor maneira de transmiti-la e a quem. Acompanhe o trabalho que se desenvolve hoje. Leia, principalmente, as grandes obras dos espíritos que se expuseram aos mesmos olhos para quem você deve mostrar-se. Não se esqueça de chamar todas as personagens para referendarem os dizeres relativos aos episódios de que participaram. Torne coletiva a edição de suas memórias e cumpra o objetivo de falar sempre em terceira pessoa sobre si mesmo, jamais renegando as informações que os protetores lhe passarem, tendo em vista que nem sempre esteve ciente do que ocorria com a sua própria pessoa. E não reproduza...

Nesse ponto, Deodoro fê-la calar-se com meigo enlace, no qual não faltou o entusiasmo da admiração nem o respeito do amor:

— Acho que vou reproduzir, sim, exatamente nas mesmas expressões, a sua advertência carinhosa e lúcida. E você não poderá proibir-me numa altura do texto em que quase tudo deverá estar escrito e onde estarão consignadas as minhas fraquezas, as minhas perplexidades, as minhas hesitações, os meus temores e os meus delíquios. Deus haverá de nos ajudar.

Abertas as inscrições, a procura foi significativa. Além de todos os companheiros de peregrinação, muitos quiseram receber as informações sob o ponto de vista do recém-chegado à colônia cuja fama repercutia de possuir imenso cabedal evangélico e espiritista. Além do mais, corria à boca pequena que o próprio Allan Kardec havia dado instruções particularíssimas a respeito da obra que se objetivava escrever. De resto, o monsenhor chamou de ***As Aventuras do Padre Deodoro em Campos Etéreos*** ao curso e discriminou os tópicos segundo a ordem cronológica dos fatos que o envolveram e aos protetores e amigos.

Antes de começar com as aulas, percorreu os institutos de restabelecimento perispiritual à procura dos que haviam sido recolhidos a partir da interferência direta das suas equipes. Encontrou os acidentados do desastre aéreo, Roberto Francisco, Jaime Vasconcelos e Virgílio Ambrósio, que recusaram amavelmente o convite, temerosos da vibração de forte ascendência moral que sentiam no sacerdote. Não obstante, concordaram em que o seu caso fosse relatado tal e qual, apesar dos aspectos de inferioridade pessoal a que seriam expostos.

Foi Jaime quem, afinal, impôs uma condição:

— Não queremos que nos coloquem pseudônimos. Se for para o povo da Terra reconhecer-nos, que assim seja, porque saberão que estamos bem, desenvolvendo o aprendizado da realidade sobrenatural. E escreva exatamente conforme estou ditando-lhe, inexatas que sejam as expressões. Ninguém chega a capitão sem ser tenente antes.

Quanto aos colegas de seminário, Domingos foi peremptório em aceitar a matrícula:

— Não apenas desejo que se reproduzam todos os fatos que me envolveram, como ainda fornecerei todas as informações necessárias a respeito do mosteiro e dos seres que lá residem.

Deodoro agradeceu comovido mas pensava que Eufrásio e Margarida seriam capazes de interpretar com maior acuidade intelectual tudo o que houvesse de lição para ser aprendida ali.

Rupério foi contatado mas não entendeu direito de que se tratava. Precisava ainda sofrer com a desdita dos males que praticou contra o corpo físico. Sendo assim, Deodoro deixou para mais tarde conseguir o alvará para a descrição psicológica do colega, prestes a lamentar uma negativa. Foi Eufrásio quem lhe deu a possível solução para se obter a anuência do infeliz:

— Você irá surpreender-se com os recursos dos técnicos para o despertar temporário da consciência. No momento da necessidade, iremos conduzir o amigo para uma das câmaras de descompressão psico-sinérgica, de sorte a liberar os pensamentos da concentração vibratória forçada pelos elementos egocêntricos da personalidade. O alívio momentâneo das pressões emocionais sobre o intelecto facultará a liberdade decisória consciente, de sorte que obteremos lúcida resposta segundo o ponto de vista que ele adotará assim que compreender a extensão dos malefícios e da luta a empreender para o resgate das dores que esparramou. O mesmo sistema poderemos adotar em relação aos seus pais e demais encarnados, como os trabalhadores do centro espírita, cuja presença na classe é inviável. Principalmente, existem para serem citados alguns seres caracterizados ainda pela perversidade.

— Temo que tenhamos de fazer referências à revelia.

— Nesse caso...

— ... nesse caso, rogaremos ao Senhor que nos ilumine os dizeres para não deixarmos rastro algum que possa incitar os leitores contra eles. Ao contrário, preveniremos, desde logo, para a urgência das preces e da comiseração pelos que despenharam pelo abismo das decisões erradas. E reforçaremos, no final, o pensamento de que todos iremos encontrar-nos no Reino de Deus.

A primeira aula de Deodoro se resumiu na apreciação do que cada aluno esperava encontrar no curso. Dava-se ao professor a oportunidade de cotejar as opiniões, de forma a reunir em grupos os que pensavam diferentemente. Novato nos trabalhos dessa natureza, queria ver como se desenvolviam as lideranças e quais os verdadeiros motivos da escolha de sua matéria, aliás incluída entre as extracurriculares ou opcionais. No entanto, lá estavam os quarenta alunos regulamentares, havendo muitos ficado de fora.

Aumentava a responsabilidade do mestre? Para Deodoro não se punha o problema, tanto se preocupava com o resultado das pesquisas com a finalidade da redação do texto.

A segunda aula reservou-se para as observações pessoais dos discípulos quanto às expectativas do que encontrariam ao regressarem ao etéreo. Neste ponto, Deodoro quase ia desistindo de explicar o que lhe havia ocorrido, tão pertinentes foram os comentários de todos.

Com o Professor Joaquim, expôs os seus receios:

— Penso, querido mestre, que a minha escolha não tenha sido a mais feliz para desenvolver os processos por que passei até chegar aqui. Todos os meus alunos têm histórias muito interessantes, de forma que, se me permitir opinar, ao invés de elaborar um longo, minucioso e exaustivo relato de meus revertérios, seria mais proveitoso para o público encarnado passar-lhes a palavra, o que daria excelente coleção de contos ou de novelas curtas.

— Você não foi indicado para a tarefa aleatoriamente. Conforme me foi explicado, do projeto de elaboração de obras a serem divulgadas entre os humanos consta um vácuo no sentido de apresentar alguém de importância entre os de seu clã, especificamente no que concerne ao aspecto religioso. Você deverá conversar com Marcelo ou Mário, os encarregados da difusão mediúmica do ideário evangélico e espírita, para inserir a sua obra no contexto da generosa propaganda do etéreo. Fique tranquilo quanto a essas fulgurações mentais de dúvida e saiba que, mais do que elas, relampejarão e trovejarão as tempestades da incerteza e do desespero. Ou você está pensando que realizar obra de fôlego, ainda que sob a luz da genialidade de sua capacidade intelectual, seja mero trabalho escolar? De resto, vá atrás dos autores espirituais dos livros editados na Terra para avaliar o quanto recebem de influxos altamente negativos daqueles que não acreditam na veracidade dos narrados. Escreva, querido amigo, como se o leitor fosse alguém que reunisse todas as qualidades da classe que irá colaborar para a redação. Não deprecie o seu nível de exigência, em consideração à média cultural dos leitores. Fuja de ser simples professor de primeiras letras no interesse dos que mal saíram das classes de alfabetização. Torne a sua composição o mais atraente possível mas não degenere quanto à qualidade linguística, porque os temas de seu interesse se situam na alta categoria dos desenvolvimentos inerentes à Teologia, à Filosofia e à Doutrina Espírita. Assimile o método de Kardec e faça como ele, isto é, estenda-se sobre todos os aspectos e pontos de vista sob que é possível encarar os assuntos, extraindo dos argumentos a conclusão inarredável dos conceitos. Considere também o fato de que você mesmo não é capaz de registrar formalmente todas as intuições. Para isso, mantenha o ritmo dos acontecimentos, sugerindo, nas entrelinhas, que algo maior existe a ser pesquisado, examinado ou estudado, sempre cientificamente, mas que, para fazê-lo, deveria extrapolar os limites dos conhecimentos da atualidade psíquica, segundo o momento histórico a evidenciar. Corra o risco de não dizer tudo diretamente, mas abra o contexto para outras oportunidades de esquadrinhamento. Caso não dê a impressão de ter aprendido a ser modesto, humilde, sóbrio ou recatado, jamais perca a oportunidade de se revelar honesto, leal, compromissado com a verdade e desejoso de alertar segundo suas experiências mais sofridas, sempre no intuito de conduzir os leitores para as soluções, antes que penetrem na escuridão das consciências pejudicadas de culpas. Afinal de contas, ser professor não será jamais ministrar lições simples, mas propiciar a complexa possibilidade de aprender.



A terceira aula Deodoro reservou para captar as expectativas dos alunos quanto ao que relatar na obra que empreenderiam juntos. Permitiu que conversassem livremente mas estabeleceu que todos os pareceres se fundamentassem em exemplificação retirada de obras mediúnicas.

Após longas horas de debates, recebeu oito resumos para serem lidos perante a classe. O primeiro a encarregar-se da tarefa foi Roberto:

— Como sabem, frequento as aulas na companhia dos parceiros que me auxiliaram a ordenar os relacionamentos com os irmãos que ofendi ou que não perdoei em tempo hábil, tanto que me indispus com alguns, mesmo aqui no etéreo. A nossa experiência, nesse sentido, se deu nas profundezas do bátrio, onde reina a escuridão mais absoluta, apesar do poder de visualização específica quanto aos vultos dos que se constituem em inimigos. É muito triste a condição desses sofrendores. No entanto, serão poucos os mortais que não guardam lembranças dos tempos em que se indispuseram contra os semelhantes, numa ou noutra passagem pelo etéreo. Aliás, existem conflitos tão horrorosos na face da Terra que mais não são do que o reflexo dos antros da perversidade mais ignominiosa, onde os seres se perseguem e se... Não vou adiante na descrição da maldade. Quero crer que me basta citar o fato de terem existido câmaras de gás coletivas ou bombas atômicas para caracterizar o ponto. Pois bem, desejo que não se dê relevância aos trabalhos que levamos a cabo ao socorrermos os irmãos infelizes. Será suficiente reproduzir este meu discurso para que se ofereça aos leitores o contraste com a luminosidade do que ocorre quando a natureza em seus três reinos é respeitada, ou seja, a felicidade de viver em meio às cores e formas, aos odores e sons, segundo os reflexos luminosos que imprimem às paisagens a felicidade da existência. Não são poucas as obras mediúnicas que descrevem o espaço etéreo para fixar os aspectos mais obscuros. Então, é preciso que se coloquem as personagens também em ambientes claros, coloridos, olorosos, como se aqui também se destacasse o sensorio, não para a impressão de que os humanos estão no paraíso terrestre, mas para que não se lhes perca a imaginação ao fixarem, para o além, apenas locais terríveis, fétidos etc. Sugiro que a descrição da pequena comunidade agrícola e pastoril ganhe aspectos de serenidade, como se fosse a extensão de um jardim de paz e alegria. O nosso grupo quer imprimir no espírito dos leitores a vontade de regressar para estas plagas sem medo, com a segurança de que haverá um lar que os abrigará, conforme tiverem tido proceder evangelizado.

O amigo Joaquim, o sacerdote, foi o relator da segunda turma:

— Não preciso dizer que a nossa equipe também desejou fazer reparo quanto aos aspectos materiais, por assim dizer, do impacto que o nosso campo existencial deve exercer sobre os remanescentes sensorios de quem chega da carne. No entanto, enfatizamos outro aspecto relacionado a este, qual seja, o de que a cultura da humanidade deve ser apreciada sob a rigorosa perspectiva da continuidade entre os dois mundos, pela satisfação de se encontrarem os que aqui arribam no pleno domínio dos pensamentos e emoções, sempre de acordo com o que Roberto denominou de *proceder evangelizado*. Mas também se deve ressaltar a imediata imersão na dor a que a consciência obriga (e não por força do chuchar dos tridentes demoníacos), quando os indivíduos exerceram mal o pleno direito ao livre-arbítrio. Esta diretriz, conforme conclusão unânime, não deve ser apresentada aleatoriamente, como se alguém pudesse contrariar o princípio de causa e

feito, se for esperto o suficiente para convencer os guias ou protetores de que, ao invés de algoz ou agressor, foi vítima das circunstâncias ou do enredo trágico da vida. Daqui a necessidade precípua de se incentivarem os dons filosóficos do narrador ou da personagem principal, em diálogos estimulantes, conforme se deram na realidade do nosso cativo na biblioteca, onde algumas obras mediúnicas nos ofereceram decepções, porque fizeram constar que os espíritos são recebidos desde logo pelos obsessores, apesar de se virem envoltos por sentimentos de remorso e arrependimento. Há que se dar primazia à atuação dos benfeitores.

A terceira turma foi representada por Hermógenes:

— Chegamos à conclusão de que a formulação do texto deve seguir rigorosamente o tempo cronológico, porém, assinalando, com a devida constância, a dilatação ou a contração psíquica, como repercussão do desempenho intelectual, em função do interesse de se resolverem as questões levantadas para a reflexão e absorção da verdade pelos padrões do campo vibratório em que nos situamos. Em correlação com este tema, existe a necessidade de revelar que os espíritos encontram a facilidade de se recomporem justamente onde falharam, volvendo, como ocorreu comigo ao me matricular idealmente no seminário, aos bancos escolares, engolfando-me nos conhecimentos que não assimilei em tempo hábil. Aqui, cabe observar que existe sistema mais preciso, ou seja, o do desvelamento da memória obstruída pela desatenção da época de encarnado. Muitas obras mediúnicas ressaltam a necessidade inalienável do retorno à carne, fazendo crer que a reencarnação serve quase exclusivamente para recompor os aspectos que se perderam na anterior peregrinação. Faça-se crer que esse objetivo também existe, sem ser, contudo, prioritário, uma vez que a recomendação para novo implante do espírito na matéria densa se fundamenta em razões mais profundas e em rejeições mais dramáticas dos objetivos que não se concretizaram. Acreditamos que o episódio em que os pais do protagonista estão em crise possa revelar com propriedade o que vimos solicitar.

Falou Alfredo pela quarta equipe:

— Nós não nos ativemos aos aspectos do conteúdo. Sabendo que Deodoro é emérito na discussão dos problemas, quisemos deter-nos na formulação periférica do texto. Saímos em busca das obras consagradas e descobrimos quais os elementos que as tornam preferidas do público. Em primeiro lugar, não se pode dar-lhe o aspecto dos tratados. Quanto mais leve o desenvolvimento, mais deve eleger o discurso descompromissado, como se dá com as opiniões vulgares. Sendo assim, os diálogos devem merecer destaque, apesar de entravarem o livre raciocínio de quem acumula razões sobre razões. Em segundo lugar, sempre que possível, devem ser transcritos textos abonadores extraídos dos *Evangelhos* e das obras de Kardec, que é como se embasam os principais compêndios de caráter propedêutico. Como se trata do desenrolar de acontecimentos, sugerimos que os abonos se deem expressamente de conformidade com o nível intelectual dos interlocutores. Se me fizerem, por exemplo, citar algum trecho, apesar de em diversas ocasiões ter-me recordado deles, não sei se isso dará verossimilhança ao contexto. Finalmente, depois de muito debatermos, afinamos os nossos instrumentos pelo diapasão da verdade e aceitamos que muitos episódios possam incluir discursos mais ou menos longos, desde que adequadamente desenvolvidos para incrementar na mente dos leitores a vontade de participar ativamente da confecção da obra, ainda que deixem para o futuro a

sua crítica mais positiva, isto é, para o tempo em que estiverem frequentando este ou outro educandário, com o dever de redigir algo semelhante. Admitimos, portanto, que se transcrevam estas diversas digressões, até sem a censura dos mestres, para que se saiba como é que reagimos nesta altura dos trabalhos.

A quinta equipe fez-se representar por Everaldo:

— O interesse na caracterização das personagens foi que nos conduziu as discussões. Para que os tipos não se repetissem em virtude das semelhanças das personalidades, o que não poderia ser diferente tendo em vista a formação idêntica de sacerdotes católicos e o desenvolvimento espiritual medir-se pelo mesmo comprimento de onda, para equilíbrio e formação do grupo, forçosa homogeneidade a ser explicada desde logo, julgamos imprescindível que os temores pessoais sejam a característica sobre a qual carregar na descrição das individualidades mais frequentes no texto. Por outro lado, deve-se dar espaço também para figuras de maior e de menor desenvoltura tanto intelectual quanto sentimental, o que se alcançará se tornarmos mais insígnies as participações dos infelizes e dos protetores. Quanto mais abirmos em leque as possibilidades evolutivas dentro da escala espírita, mais resguardaremos a semelhança entre o nosso texto e *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, do Codificador. É pouco o que temos para dizer, todavia, sem dúvida, será tópico dos mais dificultosos, tanto que muitas obras consultadas se limitam a duas ou três personagens apenas, enquanto nós estamos diante de um conjunto de seres bastante diferenciados entre si. Em meu próprio nome, devo ressaltar que fui aquele que mais se opôs às iniciativas arrojadas. Esse traço desejo ver mantido e salientado, o que me leva a finalizar, recomendando que todos os que se virem retratados, antes de se magoarem com a descrição dos defeitos, devem apoiar a demonstração do lento crescimento das qualidades.

Em sexto lugar, apresentou-se Arnaldo:

— Os meus companheiros de grupo e também desafetos, porque me crivaram de perguntas bastantes difíceis, forçaram-me a narrar todos os acontecimentos de que participei desde quando carreguei o Monsenhor das trevas para o mosteiro. Foram poucos os instantes em que nos afastamos, quase sempre ficando na sua presença. Sendo assim, quiseram saber, passo a passo, quais os desenvolvimentos morais, sentimentais, técnicos e intelectuais da personagem principal do texto a produzir-se. Disse-lhes, evidentemente, que o meu ponto de vista não haverá de prevalecer, porquanto caberá a ele definir os parâmetros literários da obra. Contudo, não ficaram satisfeitos e obrigaram-me a trazer, sob forma de perguntas, o que os intriga. Perdoem-me, pois, não poder oferecer conclusões mas interrogações. Para não ficar cansativo, nem vou numerar. Eis as questões. *Que pretende o sacerdote com a apresentação da história de sua vida aos mortais? Terá por objetivo tornar os membros das religiões predispostos a aceitarem a doutrina de Kardec? Desejará fixar os conhecimentos que possuem os espíritos, oferecendo-lhes interpretações para os tópicos não completamente desenvolvidos? Pretende municiar de argumentos aqueles que polemizam em torno dos conceitos básicos, como a reencarnação e o contato mediúnico de bom nível cultural, porque todos concordam quanto à existência das influências demoníacas? Caminhará na direção do entendimento diferenciado das lições de Jesus, reforçando as explicações de Kardec nas diferentes obras da codificação espírita? Buscará, nas raízes dos pensamentos humanos de caráter filosófico, não*

*importando a procedência das teses, os pontos que deverão sofrer objeção? Especificará as reações subjetivas de sua alma, toda vez que se viu em débito com a verdade? Dará relevo à descrição dos aparelhos desenvolvidos no etéreo, com o intuito de prestar esclarecimentos técnicos ou apenas terá em vista conturbar os pensamentos dos cientificamente menos imaginosos, impondo-lhes a existência de um mundo pleno de mistérios e de milagres? Quererá contaminar os leitores com a expectativa de serem apaniguados pela excelência dos procedimentos, tendo como fundamento o fato de que, apesar de se confessar inferior, mesmo assim alcançou a felicidade de ser admitido na colônia na qualidade de professor e autor, muito embora haja peregrinado pelas paragens do etéreo e da crosta durante vários anos? Devo dizer que as perguntas se produziram às dezenas e que estou citando algumas que vejo pertinentes segundo as exposições dos que me antecederam. Agora, o mais surpreendente: não exigem que se discutam as perquirições nem que lhes seja dada nenhuma resposta. Disseram-me que estarão atentos para o desenvolvimento da redação e que irão exercer o direito de opinião sempre que se lhes justificarem as dúvidas. Neste aspecto, estendo à classe toda esta última postura, porque absolutamente racional. Tenho dito.*

À sorrelfa, ouviram-se comentários de desagrado. Todavia, Deodoro solicitou ao representante do sétimo grupo que se manifestasse. Foi a vez de Margarida:

— Na minha equipe, todos os colegas, numa ou noutra encarnação, desempenharam papéis femininos. Por essa razão, senti-me à vontade para incentivá-los à meditação dos pontos emocionais relativos aos contatos amorosos e sexuais, havendo chegado o pessoal a proposições que devem ser ponderadas pela classe antes do início do trabalho de escrita. Do ponto de vista dos encarnados, o fato de haver diferença biológica entre os sexos acarreta diferentes papéis entre os casais. Claro que estamos enveredando para considerações relativas às leis da natureza corpórea, tendo em vista que o macho fecunda e a fêmea concebe. Sabendo que Deodoro é conhecedor profundo das teses religiosas, gostaríamos de ver discutido o celibato clerical, mas não segundo as respostas dos espíritos que atenderam às solicitações do Codificador. O que sugerimos é que se configure como problema a descoberta de que os relacionamentos sexuais dos sacerdotes contrariam a lei da procriação e que as consequências se estendam para os dispositivos cármicos de atendimento aos reclamos de reencarnação das entidades com direitos a reparações por anteriores ocorrências entre os envolvidos no processo de regeneração espiritual. Não obstante, o meu pessoal abre mão da descrição das opressões psíquicas que o sentimento de culpa originou, conforme lhes demonstrei, de sorte que se deve deixar aos encarnados o entendimento da dor de consciência, como revolta do indivíduo contra si mesmo, isto porque, um pouco mais, um pouco menos, todos sabem o que significa a frustração dos planos de ascendência moral sobre a vontade, dado que a imperfeição é de todos nestas esferas de aprendizado dos valores evangélicos.

Encerrou a fase das dissertações o colega e protetor Eufrásio:

— Tal como os demais, encaminhei de propósito os debates da turminha para os aspectos que me interessavam, tendo utilizado a minha posição de orientador da personagem principal do enredo. Os parceiros, coitados, quase nem se manifestaram, limitando-se a ouvir-me, o que me obriga a pedir-lhes desculpas. Mas este introito cá não veio sem oportunidade, porque o respeito que pretendo demonstrar aos colegas é o meu

ponto para apreciação da classe. Refiro-me ao fato de que, por menos que se diga, sempre haveremos de colocar os membros da comunidade religiosa a que pertenceu Deodoro e colegas de peregrinação em posição inferior quanto ao desvelamento da realidade etérea. Nesta altura, devo consignar que muito me orgulho de haver pertencido à mesma congregação, onde encontrei muitíssimos irmãos completamente dedicados à pregação da palavra do Cristo, labutando dentro da alma para cumprirem os preceitos das virtudes teológicas e as resultantes dos votos que declararam diante do altar e das autoridades eclesiais. Não cabe, neste momento, defender nem acusar qualquer instituição humana, mas não posso perder a oportunidade de afirmar que as imperfeições dos encarnados se transferem para todos os seus sistemas organizacionais, sejam particulares, sejam oficiais. Quando digo *todos*, estou incluindo, sem dúvida, os centros espíritas e suas associações. É preciso, pois, fazer como Jesus, ou seja, ir em socorro da humanidade, porque todos somos irmãos. Esta advertência transcende o narrado e objetiva prevenir para as reações posteriores do clero e dos seus representantes laicos. Não vamos aborrecer-nos se desacreditarem do que assinalarmos como tese espírita, o que ocorrerá fatalmente, uma vez que os nossos esforços deverão dar-se no sentido do convencimento de que a doutrina espírita vai um pouco além na compreensão da realidade deste nosso círculo existencial. Por outro lado, também devemos estar atentos para não magoar-nos com as críticas dos próprios espíritas, tendo em vista que iremos desenvolver um trabalho que, tudo indica, oferecerá extensão para além dos limites mais comuns das obras mediúnicas, sem o contrapeso das grandes novidades, dos acréscimos doutrinários ou das excelências literárias, em que pese a genialidade dos componentes desta classe.

Ninguém deixou de perceber o tom irônico do pronunciamento final de Eufrásio, sendo desnecessário evidenciar publicamente que incluía os parceiros entre os imperfeitos que classificara na carne, ainda porque, se se desse qualquer explicação, evidenciar-se-ia que a genialidade não era apanágio de todos. Entretanto, nem todos sorriram de imediato.

A quarta aula foi destinada a considerações referentes ao método a ser empregado na confecção do texto.

A quinta aula elegeu as premissas do mediunismo em função do ditado específico a ser produzido.

A partir da sexta aula e por mais dois anos, dedicaram-se todos a escrever e a reescrever cada minúsculo trecho da composição, esforçando-se Deodoro para caracterizar com proficiência todas as repercussões em sua personalidade das surpresas do etéreo, tendo em vista as concepções religiosas que se lhe incrustaram no cérebro pela longevidade da vida e pela inferência subsequente de que teria merecido, no mínimo, rápida permanência no Purgatório para subir aos Céus.

Por esse tempo, a classe foi convidada a tomar contato com todas as obras da ***Escolinha de Evangelização*** transmitidas ao campo da matéria, como ainda se deu como obrigação o acompanhamento de todas as comunicações mediúnicas das obras dos colegas de outras classes.

De tudo se deu ciência aos mentores do educandário, de modo que os rascunhos iam e vinham, objetivando o aperfeiçoamento do conteúdo e da forma. Neste aspecto, levou-se em conta, de maneira primordial, a capacidade de recepção do médium que iria

servir ao grupo. Era preciso coordenar o texto de sorte a propiciar ao encarnado diversas possibilidades de solução, dentro das especificações aprovadas pelos superiores, uma vez que trabalharia consciente dos dizeres e respectiva correlação idiomática, sem muita penetração na coerência do desenvolvimento temático.

Optou-se por conhecer às minúcias os procedimentos mentais em jogo, para facultar ao humano a possibilidade de apanhar a transmissão com bastante conforto material, sem exigir-lhe mais do que hora e meia a duas horas de trabalho mediúnico diário, abrindo-se, além disso, mais algum tempo para o envio dos poemas elaborados por outra classe. Mais do que isso, seria trabalho de escravo, tanto que se poderia acusar os mensageiros de obsessores.

Discutiu-se, finalmente, a necessidade de elaboração de notas de rodapé ou apostas ao final da obra para elucidação de pontos considerados obscuros após as transmissões, para conforto dos leitores que levantassem as mesmas questões. A conclusão se deu no sentido de se respeitarem os princípios da narração. Explicações paralelas levariam à obra as características dos tratados, o que não constava das diretrizes dos mentores. Foi sugerido que se relatasse o debate ocorrido em aula, para não fugir ao roteiro do gênero, destacando-se como ponto de honra dos editores a liberdade de contribuição para o engrandecimento do texto por meio das tais observações registradas em notas.

Um belo dia, postaram-se os autores em torno do médium e lhe ditaram a primeira página, com o título de *Orientação Inicial*, página provisória em que se expunham os temores quanto ao sucesso da mediunização e das transmissões. Tendo em vista que se realizaram até este ponto noventa e uma sessões, algumas observações ali contidas perderam o sentido, de forma que será melhor reler a introdução junto a este epílogo, apontando o generoso leitor o que deve ser reformulado.

Enfeixando o texto, reunidos os integrantes do *Grupo da Renovação* no lar do médium, elevou Deodoro os pensamentos ao Pai em imprescindível prece de agradecimento, na qual não se esqueceu de nenhum dos amigos, dos colegas, dos parentes encarnados e desencarnados, rogando pelos que lutam nas Trevas e no Umbral, requerendo a ajuda dos irmãos dos círculos de maior luz, concluindo:

*Senhor de infinito amor, inspirei os que se achegarem às nossas personalidades através dos contatos idealizados pelos escritos a que demos vida. Fazei que percebam a verdade de nossos seres de inferior qualidade e, ainda mais, a dos acontecimentos a que todos estão sujeitos após o desenlace carnal. Propiciai-lhes momentos de meditação para se liberarem dos pesos terríveis que se constituem os vínculos com a matéria e para se oferecerem à lídima influência dos protetores. Dai-nos o poder da palavra que comove e que arrasta, com o dom, porém, de promover a crítica lúcida e honesta de todos os conceitos que se formularam precariamente, com o intuito de facilitar a busca dos elos doutrinários com as teses de Kardec e com os ensinamentos de Jesus. Enviei aos vossos filhos encarnados, Senhor, os espíritos em franca ascensão, a fim de resguardarem a paz, porque os homens dela estão necessitados para a realização evolutiva que lhes facultará o ingresso nas hostes sacratíssimas dos socorristas. Libertai-nos de nossos maus pendores e favorecei que compreendamos a nossa missão evangelizadora, tornando-nos discípulos e não*

*mestres, porque haveremos todos de aprender com as lições que houverdes por bem ministrar-nos, seja fazendo-nos arrostar, com coragem, os suplícios naturais dos resgates cármicos, seja pelas oportunidades de progresso ao encaminharmos, com descortino, os nossos irmãos à verdade. Consignai estes objetivos nas almas de todos, para termos a certeza de que estamos no dealbar de nova era para a humanidade, neste prenúncio do terceiro milênio da era cristã. Muito obrigado, Pai, por haver-nos possibilitado a transmissão deste empreendimento. Fazei que se transforme, se julgardes merecedor de vossa atenção, em alavanca para a transformação dos que ainda não se aceitaram como membros efetivos de vossa seara. Mais ainda, implantai neste texto a energia que nos faltou. Sendo assim, porque sois benevolente, generoso, misericordioso, e porque nos perdoais os erros como perdoamos os nossos obsessores, afastai a todos nós do mal, uma vez que da tentação não soubemos livrar-nos. Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre. Assim seja!*

Finis coronat opus.

Indaiatuba, de 31.10.96 a 17.03.97.

## OBRAS DE REFERÊNCIA

- — **A Bíblia Sagrada. Antigo e Novo Testamento.** Trad. de João Ferreira de Almeida. [s. ed.] Rio, Sociedade Bíblica do Brasil [1959].
- KARDEC, Allan — **O Livro dos Espíritos.** Trad. de Wladimir Olivier (inérita).
- — **O Livro dos Médiuns.** Trad. de Wladimir Olivier (inérita).
- — **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Trad. de Wladimir Olivier (inérita).
- — **A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.** Trad. de Wladimir Olivier (inérita).
- — **Obras Póstumas.** Trad. de Wladimir Olivier (inérita).
- — **Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos.** Trad. de Júlio Abreu Filho. [s. ed.], São Paulo, EDICEL [s.d.] 12 vols.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de — **O Pequeno Príncipe.** Trad. de São Marcos Barbosa. 7.<sup>a</sup> ed., Rio, Agir, 1960.